

O Pirata

Walter Scott

O ESTRANHO DESEJO DO HOMEM ESTRANHO

Calou o temporal seu cavernoso rugido;

As vagas, quebrando-se, já não infundem medo. Mas, Tule, quem exclama nos alcantis desertos.

— Foi por ti que neste fero clima queimeei a minha harpa?

MACNIEL

Aquela ilha comprida, estreita, irregular, vulgarmente chamada «Mainland», isto é, o continente das ilhas Setland, porque é a maior do arquipélago, termina num rochedo de terrificante altura, como muito bem o sabem os marinheiros habituados a navegar nos mares tempestuosos que cercam a Tule dos antigos. O rochedo, chamado cabo de Sumburgh, opõe o seu cabeça nu e os seus flancos estéreis aos embates de uma corrente terrível e forma no lado sudeste a extremidade da ilha. Este promontório elevado está permanentemente exposto às vagas de um mar furioso que, partindo de entre as Órcades e as ilhas Setland, e rolando com uma força que não cede senão à do *frith* (Braço de mar; também significa foz de rio) de Pentland, toma o seu nome do cabo de que acabamos de falar, e chama-se o *roost* de Sumburgh; sendo *roost* a palavra com a qual se designam nestas ilhas as correntes de tal espécie.

Do lado da terra, este promontório acha-se coberto de uma relva curta, e desce rapidamente até um pequeno istmo que o mar recortou de angras, as quais, avançando de ambos os lados, parece tenderem a operar progressivamente uma junção e a fazer deste cabo uma ilha, que se tornará então um rochedo solitário, inteiramente separado do continente de que é hoje a extremidade.

Nos tempos antigos, encarava-se esta hipótese como inverosímil ou muito distante; pois um chefe norueguês, ou, segundo outras tradições, e como o nome Jarlshof (N: baía do conde) parece indicar, um antigo conde das Órcades, escolhera esta língua de terra para nela construir o seu castelo. Há muito tempo que está abandonado, e é com dificuldade que se pode aperceber alguns vestígios; porque as areias movediças, levantadas pelos furacões destas paragens, fecundas em temporais, cobriram e quase soterraram as ruínas das edificações. Mas no fim do século XVII existia uma parte do castelo do conde ainda habitável. Era um edificio de arquitectura grosseira, construído de pedra branda, nada oferecendo que pudesse satisfazer o olhar ou excitar a imaginação. Um vasto e antigo solar, coberto por um telhado de placas de ardósia, seria talvez o que desse ao leitor dos nossos dias a imagem mais justa desse edificio. As janelas, pouco numerosas e baixas, distribuíam-se sem o mínimo respeito pelas leis do equilíbrio. Construções menores, dependências do castelo, contendo oficinas ou compartimentos destinados à corte do conde, tinham sido outrora contíguas do corpo principal; mas acabaram por cair em ruínas. Serviram-se das traves para alimentar o lume ou para outros usos; as paredes derruíram em muitos lugares, e, para completar a devastação, a areia, penetrando no que outrora fora compartimentos, formava uma camada de dois ou três pés de espessura.

No meio desta desolação, os habitantes de Jarlshof tinham conseguido, com um trabalho persistente, conservar em bom estado algumas leiras de terra, que rodearam de um cercado para formar um jardim; e como as muralhas do castelo protegiam este terreno dos temíveis ventos do mar, medrava a vegetação que o clima era susceptível de produzir, ou, para melhor dizer, aquela que os ventos permitiam vegetar; porque se sofre nestas ilhas um frio menos vigoroso que na Escócia; mas, sem o abrigo de um muro, é quase impossível obter da terra os legumes mais vulgares; e quanto a árvores, e mesmo arbustos, não se pensa nisso, tão terrível é a passagem dos furacões.

A pouca distância do castelo, e perto do mar, precisamente no lugar onde a angra forma uma espécie de porto imperfeito, no qual se vêem três ou quatro barcos de pescadores, erguem-se algumas cabanas miseráveis, moradia dos habitantes do lugarejo de Jarlshof, que pagam renda ao senhor da totalidade daquele senhorio nas condições habituais, condições assaz duras, como se pode imaginar. Este senhor habitava no domínio que possuía em local mais favorável, num outro território desta ilha, e só raramente visitava as suas propriedades de Sumburgh. Era um bom setlandês, simples, honesto, um pouco exaltado, em consequência da vida que levava entre gente que dependia dele, e amando um tanto demasiado os prazeres da mesa, o que se pode talvez atribuir ao excesso de ócios, mas era cheio de franqueza, bom e generoso para todos e cumpridor dos deveres de hospitalidade para com os estrangeiros. Descendia de uma antiga e nobre família da Noruega, circunstância que o tornava mais querido das classes inferiores, entre as quais quase todas as pessoas têm a mesma origem, ao passo que os *lairds*, ou proprietários, são em geral de raça escocesa, e nessa época ainda os consideravam estrangeiros ou intrusos. Magnus Troil, cuja genealogia remontava ao suposto conde fundador de Jarlshof, era desta opinião.

Os que então viviam no lugarejo de Jarlshof tinham experimentado, em várias ocasiões, a benemerência do proprietário do seu território. Quando o senhor Mertoun, tal era o nome do homem que ocupava agora a velha casa, chegou às ilhas Setland, alguns anos antes da época em que começa esta história, recebera em casa de Magnus Troil o mesmo agasalho sincero e cordial que dá a esta região um carácter particular. Ninguém lhe perguntou de onde vinha, para onde ia, com que intuíto viera àquele canto remoto do império britânico, ou quanto tempo tencionava ali permanecer. Era completamente desconhecido de todos e, no entanto, foi logo cumulado de inúmeros convites. Encontrou um domicílio em cada casa onde ia fazer uma visita, podia lá ficar o tempo que lhe aprouvesse, e vivia como se fizesse parte da família, sem lhe exigirem nenhuma atenção especial e sem ele próprio se tornar alvo da dos outros, até que entendesse deslocar-se para outro lado. Esta aparente indiferença dos bons ilhéus pela categoria, o carácter e as qualidades do seu hóspede, não se originava na apatia, pois eles possuíam também a curiosidade natural do homem; mas a sua delicadeza tomava por falta às leis da hospitalidade o fazer-lhe perguntas às quais lhe fosse talvez difícil ou desagradável responder, e, em vez de procurarem, como é uso em outros países, arrancar ao senhor Mertoun confidências que ele faria a custo, os circunspectos setlandeses contentavam-se em recolher avidamente as escassas informações que lhes poderia fornecer o curso da conversação.

Mas uma rocha do deserto da Arábia não mostra mais repugnância em fornecer água do que o senhor Basil Mertoun tinha em conceder a sua atenção mesmo a objectos quase indiferentes; a boa sociedade de Tule nunca vira a sua delicadeza sujeita a tão rude prova como ao recordar-se de que a etiqueta a proibia de fazer perguntas a um personagem tão misterioso.

Tudo o que então se sabia dele podia resumir-se em poucas palavras. O senhor Mertoun chegara a Lerwick, que principiava a tomar alguma importância, mas que ainda não se reconhecia como primeira cidade da ilha, num navio holandês, apenas acompanhado de seu filho, um belo rapaz de catorze anos aproximadamente. Ele teria uns quarenta e tantos. O dono do navio apresentou-o a alguns dos seus bons amigos, com os quais tinha por hábito trocar genebra e pão de mel por bois das ilhas Setland, patos fumados e meias de lã de cordeiro, e embora *Meinheer* nada pudesse dizer a seu respeito, a não ser: — «*Meinheer* Mertoun pagou a sua passagem como um *gentleman* e deu um dólar de gorjeta à tripulação» esta recomendação bastou para proporcionar ao passageiro do barco holandês um círculo respeitável de ralações, e este círculo alargava-se à medida que se reconhecia no estrangeiro talentos e conhecimentos pouco comuns.

Esta descoberta fez-se quase à força, porque Mertoun nunca estava disposto a falar de lugares-comuns nem dos seus próprios assuntos. Mas era, por vezes, arrastado a discussões que faziam reconhecer nele, quase sem ele dar por isso, o sábio e o homem de sociedade. Outras vezes, como reflexo da hospitalidade que recebia, ele parecia fazer um esforço sobre si próprio para entrar em conversação com os que o cercavam, sobretudo se a conversa era de tom grave, melancólico e satírico, o que melhor convinha à feição do seu espírito. Em todo o caso, a opinião geral dos setlandeses era de que ele devia ter recebido uma excelente educação, mas descurada num ponto muito importante, pois o senhor Mertoun mal sabia distinguir a proa de um barco da sua popa, e uma vaca não poderia ser mais ignorante em tudo o que se relacionasse com a condução de um navio. Tinham pena de que uma ignorância tão crassa da arte mais necessária à vida (pelo menos nas ilhas Setland) estivesse ligada aos largos conhecimentos que ele evidenciava em tantos outros assuntos. No entanto, essa era a verdade.

Excepto quando conseguiam fazê-lo sair da sua reserva pela maneira que citámos, o senhor Basil Mertoun mantinha-se sombrio e concentrado.

As mulheres gostam sempre de penetrar os mistérios e de suavizar a melancolia, sobretudo quando se trata de um homem desempenado e que ainda não ultrapassou a boa idade da vida. É, portanto, possível que entre as filhas de Tule, de cabelos louros e olhos azuis, este estrangeiro pensativo tivesse encontrado alguma que se encarregasse de o confortar, se ele mostrasse alguma disposição para receber esse caridoso serviço; mas, bem longe de proceder assim, ele até parecia fugir da presença daquele sexo ao qual recorremos em todas as nossas aflições de corpo e de espírito, para obter piedade e consolação.

A estas singularidades, juntava o senhor Mertoun uma outra particularidade desagradável ao seu hospedeiro Magnus Troil. Este magnate das ilhas Setland, que, como já dissemos, descendia, pelo lado de seu pai, de uma antiga família norueguesa, devido ao casamento de um dos seus avoengos com uma dama dinamarquesa, estava profundamente convencido de que um copo de genebra ou de aguardente eram uma panaceia infalível contra todas as preocupações e todas as aflições do Mundo. O senhor Mertoun nunca recorrera a este remédio; não bebia senão água, água pura, e não havia súplicas que o decidissem a provar outra bebida que não proviesse de uma límpida fonte. Ora, era o que Magnus Troil não podia tolerar; era ultrajar as antigas leis de sociabilidade do Norte, que ele, por seu lado, sempre respeitava tão rigorosamente. E, embora Magnus Troil tivesse o costume de afirmar que nunca se deitara embriagado — o que não era verdade senão no sentido que ele emprestava à palavra — seria impossível provar que alguma vez tivesse recolhido ao leito em uso pleno e livre do seu juízo. Perguntar-se-á em que poderia o convívio deste estrangeiro compensar Magnus do desprazer que lhe causavam os seus hábitos de sobriedade. Primeiro, ele tinha aquele ar de importância que denuncia um homem de alguma consideração, e

embora se conjecturasse que não era rico, as suas despesas provavam de uma maneira segura que não se podia tomá-lo por um pobre. Tinha, aliás, algum talento de conversação, quando se dignava fazer uso dele, como já o demos a entender; e a sua misantropia, ou aversão pelos assuntos e relações sociais, exprimiam-se por vezes de maneira a passar por pessoa espirituosa, num local onde o espírito era raro. Acima de tudo, a história do senhor Mertoun parecia impenetrável, e a sua presença tinha todo o interesse de um enigma, que se gosta de ler e reler precisamente porque não se consegue adivinhar nem uma palavra.

Apesar de todas estas particularidades favoráveis, Mertoun diferia do seu hospedeiro em pontos tão essenciais, que depois de ele ter passado algum tempo em sua casa, Magnus Troil ficou agradavelmente surpreendido quando, uma noite, depois de permanecerem juntos durante duas horas em silêncio absoluto, a beber aguardente e água, isto é, Magnus o álcool e Mertoun o líquido puro, Mertoun pediu ao seu hóspede licença para ocupar, como locatário, a sua casa abandonada de Jarlshof, no extremo do território denominado Dunrossness, e situado no promontório Sumburgh.

«Vou desembaraçar-me dele da maneira mais correcta» pensou Magnus — «A sua partida vai, no entanto, arruinar-me em limões, porque bastava um dos seus olhares para dar acidez a um oceano de *punch*».

No entanto, o generoso e bom setlandês opôs desinteressadamente objecções a Mertoun sobre a solidão a que ia condenar-se e acerca dos inconvenientes que devia esperar.

— Apenas se encontram nessa velha casa — disse ele — os móveis indispensáveis. Não há convivência em várias milhas em redor. Não encontrará outras provisões senão *sillocks* (Pequenos peixes próprios daquelas paragens) salgados, e não terá por companhia mais do que gaivotas e outras aves marinhas.

— Meu bom amigo — respondeu Mertoun — se quisesse fazer-me preferir esse local a outro, não andaria melhor do que assegurando-me que lá estaria longe do convívio dos homens e que o luxo não poderia lá penetrar. Um reduto onde a minha cabeça e a do meu filho possam estar ao abrigo das intempéries é tudo o que desejo. Fixe a renda que lhe devo pagar, senhor Troil, e permita-me que seja seu locatário em Jarlshof.

— A renda! — exclamou o setlandês — Não pode ser muito avultada por uma velha casa que ninguém habita desde a morte de minha mãe, que Deus tenha em descanso. Quanto a um abrigo, as velhas paredes são grossas, e podem ainda aguentar muito pé de vento. Mas, em nome do céu, senhor Mertoun, pense no que vai fazer. Um homem nascido entre nós que quisesse ir estabelecer-se em Jarlshof faria um projecto extravagante, com mais forte razão o senhor, que nasceu em outro país, quer seja a Inglaterra, a Escócia ou a Irlanda, é o que ninguém sabe dizer...

— E que não importa a ninguém — replicou Mertoun, num tom brusco.

— Inquieta-me tanto isso como a barbatana de um arenque — respondeu o *laird* — Apenas lhe quero bem por não ser escocês, pois espero que o senhor não o seja. Esses escoceses! Chegaram aqui como um bando de patos bravos, trouxeram os seus petizes e instalaram-se; que lhes proponham agora voltar para as suas montanhas estéreis ou para as suas terras baixas, depois de terem provado a carne de vaca de Setland e os peixes dos nossos *voes* (lagos de água salgada)! Não, meu caro senhor, não tornaremos a ver os tempos antigos nestas ilhas; os primitivos costumes já não existem. O que é feito dos nossos antigos proprietários, os nossos Patersons, os nossos Feas, os nossos Schlagbrenners, os nossos Thorbiorns? Deram lugar aos Giffords, aos Scotts, aos Mouats, gente cujo nome basta para provar que eles e os seus antepassados são estranhos ao solo que os Troils habitaram antes dos dias de Turf Einar (N: nome próprio: Einar da Turfa), que foi o primeiro a aprender nestes lugares a queimar a turfa e cujo nome, recordando a sua descoberta, o assinala ante a posteridade agradecida.

Era um assunto de conversa sobre o qual o potentado de Jarlshof costumava ser bastante difuso. Mas no momento em que ele chegava à desagradável conclusão de que dentro de um século não existiria um palmo de terra nas mãos dos habitantes *norses* (descendentes de escandinavos), nem verdadeiros *udallers* (proprietários, segundo a antiga lei norueguesa) nas ilhas de Setland, lembrou-se da proposta do seu hóspede, e deteve-se de repente.

— Não quero dizer isto — ajuntou ele — para lhe dar a entender que não desejo que o senhor se estabeleça no meu domínio; mas não duvide de que Jarlshof é um local bem selvagem. Não importa de onde o senhor vem; garanto que me dirá, como os outros viaajntes, que vem de um clima melhor que o nosso, porque é assim que os senhores todos falam. E no entanto o senhor quer retirar-se para um lugar evitado pelos naturais do próprio país! Não bebe o seu copo? — (Estas palavras do bom *udaller* devem considerar-se como um a propósito) — Eu bebo à sua saúde.

— Meu caro senhor — respondeu Mertoun — todos os climas me são indiferentes; contanto que eu encontre ar suficiente

para o movimento dos pulmões, pouco me irquieta que ele venha da Arábia ou da Lapónia.

— Oh! Ar, tê-lo-á bastante — replicou Magnus — Não lhe faltará. E um pouco húmido, dizem os estrangeiros; mas nós conhecemos o correctivo para esse inconveniente. Bebo à sua saúde, senhor Mertoun. É preciso que o senhor aprenda a fazer outro tanto e a fumar cachimbo; e então, como lhe digo, não encontrará diferença entre a atmosfera das ilhas Setland e a da Arábia. Mas conhece Jarlshof?

O estrangeiro respondeu negativamente.

— Nesse caso, não faz a menor ideia do que se propõe. Se julga encontrar lá um ancoradouro tão bom como aqui, com uma casa situada à beira de um *voe* que lhe traz os arenques à porta, engana-se, meu amigo. Não verá em Jarlshof senão vagas a quebrar-se contra as rochas e o *roost* de Sumburgh, em que cada onda corre a quinze nós à hora.

— Ao menos não verei aí *corrente* das paixões humanas.

— Não ouvirá senão o grito das gaivotas e o rugido das vagas, desde o nascer ao pôr-do-sol.

— Aceito isso, meu bom amigo, contanto que não oiça o falatório das línguas femininas.

— Ah! — exclamou o senhor *norse* — Fala assim, porque acaba de ouvir as minhas filhas Minna e Brenda a cantar no jardim com o seu Mordaunt. Pois bem, eu tenho mais prazer em escutar as suas vozitas do que a cotovia que ouvi uma vez em Caithness, ou o rouxinol que não conheço senão dos livros. Que será destas pobres pequenas quando não tiverem Mordaunt para brincar com elas?

— Saberão remediar-se. Mais novas ou mais velhas, as mulheres encontram sempre companheiros ou néscios. Mas o caso, senhor Troil, é saber se quer alugar-me essa velha casa de Jarlshof!...

— Da melhor vontade, visto estar resolvido a viver em semelhante solidão.

— E qual é a renda?

— A renda! Hem?... O senhor precisa de ter o bocado de terreno que se chamava outrora um jardim, um direito no *scathold* e um *merk* (N: medida agrária local) de terra, para que possam pestar para si. Acha que oito *lispunds* de manteiga e oito xelins por ano é pedir uma exorbitância?

O senhor Mertoun aceitou estas condições tão razoáveis, e algum tempo depois passou a morar na casa solitária cuja descrição fizemos no começo deste capítulo, resignando-se, não apenas sem queixas, mas, ao que parece, com sombrio prazer, a todas as privações que um local tão afastado e tão selvático impunha inevitavelmente a quem o habitava.

UM JOVEM ENAMORADO DA VIDA

Naqueles desertos selvagens,

Naqueles mares longínquos que tantas procelas agitam

Ele experimenta, Anselmo, sentimentos secretos

Que os mais sedutores climas lhe recusam.

TRAGÉDIA ANTIGA

Os habitantes pouco numerosos do lugarejo de Jarlshof não souberam sem alarme que um novo personagem de uma categoria superior vinha fixar a sua residência naquela moradia arruinada a que ainda chamavam o castelo. Nesses tempos (pois tudo mudou para melhor), a presença de um superior que habitava um castelo era quase sempre inseparável de um acréscimo de encargos e de tributos, cuja prática justificava um pretexto qualquer, baseado em costumes feudais. Era por meio de muito privilégio arbitrário que o temível e poderoso vizinho, ao qual davam o nome de *tacksman* (N: primeiro arrendatário), se apoderava sem pudor de uma parte dos precários lucros que o pobre rendeiro adquiria à custa de trabalho insano. Mas em breve os rendeiros reconheceram que não tinham a recear uma opressão desta espécie por parte de Basil Mertoun. Rico ou pobre, a sua despesa estava em proporção com a sua vida, e a frugalidade melhor compreendida era a característica dos seus hábitos. O seu luxo consistia num pequeno número de livros e alguns instrumentos de física, que ele mandava vir de Londres quando se lhe apresentava ocasião, o que, para aquelas ilhas, era um sinal de riqueza extraordinária. Mas, por outro lado, a sua mesa e os seus gastos caseiros assemelhavam-se aos de um pequeno proprietário da região. Os rendeiros pouco se preocupavam com a qualidade do novo *tackman*, logo que reconheceram que a sua presença melhorara mais do que piorara a sua condição. Uma vez banido dos seus espíritos o receio da opressão, concertaram-se entre eles para sacar o melhor proveito da sua negligência, e combinaram-se para o fazer pagar por um preço exagerado os objectos necessários ao seu lar.

O estrangeiro fechava os olhos a esta pequena manobra, com uma indiferença mais do que filosófica, quando um incidente, que deu a conhecer o seu carácter sobre um outro aspecto, veio pôr termo aos impostos que tentavam cobrar-lhe.

O senhor Mertoun estava um dia recolhido num torreão solitário, ocupado em examinar um pacote de livros, por muito tempo esperados e por fim chegados de Londres, quando aos seus ouvidos chegou o barulho de uma discussão, na cozinha, entre uma velha governanta à testa da casa e um sujeito chamado Swey Erickson, que, na arte de manejar o remo e de pescar no alto mar, nenhum setlandês vencía. A discussão aquecera e os clamores chegaram a tal ponto que a paciência do senhor Mertoun se esgotou. Tomado de uma indignação mais viva do que geralmente experimentam as pessoas indolentes quando excitadas por algum acontecimento desagradável e em oposição violenta ao seu carácter, desceu à cozinha, perguntou qual era o motivo da questão e insistiu num tom tão breve e decidido que em vão tentaram as duas partes iludir a resposta às suas prementes perguntas e foram obrigadas a revelar a causa.

Tratava-se de uma discordância de opinião entre a honesta governanta e o não menos honesto pescador acerca da partilha dos cem por cento sobre o preço real que queriam fazer pagar ao senhor Mertoun por uns bacalhaus frescos que Sweyn acabava de trazer para o consumo da casa de Jarlshof.

Logo que o facto ficou bem esclarecido e confessado, o senhor Mertoun fixou nos culpados os olhos onde se lia a um tempo o desprezo e uma cólera que pressagiava uma explosão eminente.

— Escuta, velha bruxa — disse ele, apostrofando a goverannta — sai imediatamente de minha casa, e fica sabendo que te expulso, não porque me mentiste nem porque me roubaste, nem por causa da tua baixa ingratidão, mas por teres tido o descaramento de levantar assim a voz na minha casa e de fazeres tanto barulho.

«E tu — disse ele, dirigindo-se depois a Sweyn — tu mísero velhaco, que imaginas que podes roubar um estranho como tiras a gordura a uma baleia, fica sabendo que não ignoro os direitos que tenho sobre ti, e que me foram cedidos pelo teu amo Magnus Troil. Torna a provocar-me, e aprenderás à tua custa que me é fácil punir-te como te foi fácil vir aqui perturbar o meu sossego. Eu não ignoro o que significam o *scat*, o *wattle*, o *hawken*, o *hagalef*, e os outros direitos que os vossos amos vos

forçaram outrora a pagar, como o fazem ainda nos nossos dias; não há um de vocês a quem eu não possa fazer amaldiçoar o dia em que, não contente de me roubar, se exponha a perturbar a minha tranquilidade com esses atrozes clamores *norses*, que eu não sei comparar senão aos gritos discordantes de um bando de gaviotas do polo ártico.

Sweyn, estupefacto, não encontrou de momento nada de melhor para replicar senão oferecer humildemente grátis a Sua Senhoria o mesmo peixe que dera origem à discussão, suplicando-lhe com o mesmo ar de humildade que esquecesse o incidente. Mas, enquanto ele falara, a cólera do senhor Mertoun crescera a tal ponto que já não pôde ter mão em si. Com uma mão agarrou o dinheiro e atirou-lho à cabeça e com a outra pegou no peixe e serviu-se dele para pôr Sweyn fora da porta. Sweyn não se deteve para apanhar o dinheiro ou levar o peixe, tão amedrontado estava do furor tirânico do estrangeiro. Safou-se a toda a pressa para a aldeia, foi contar a aventura aos seus camaradas e preveniu-os de que, se eles tornassem a provocar a sua ira, teriam em breve um senhor tão absoluto como Pat Stewart (Patrick ou Pat Stewart, conde das Órcades, executado no começo do século XVII por exercer revoltantes tiranias sobre os habitantes destas ilhas), que os insultaria e os enviaria à força sem julgamento e sem piedade.

A governanta expulsa não tardou também em ir tomar conselho dos seus parentes e amigos (pois era, como Sweyn, natural do lugarejo) sobre o que devia fazer para regressar a um lugar tão bom e tão bruscamente perdido. O velho *ranzellaar* do sítio, que era a voz mais influente nas decisões dos habitantes, tratou de saber o que se passava, e declarou gravemente que Sweyn Erickson ultrapassara os limites vendendo o seu peixe ao senhor Mertoun a um preço tão elevado; e por muitos pretextos que o amo pudesse alegar para justificar a sua indignação, o verdadeiro motivo devia ser o *penny* que lhe quiseram fazer pagar pelo bacalhau que, a preço normal, nem meio *penny* valia. Em consequência desta sábia e decisiva atitude, ele exortou toda a comunidade a renunciar a esses tributos e a limitar-se, de futuro, a não pedir mais de vinte e cinco por cento sobre os preços comuns. «Vinte e cinco por cento é um lucro honesto — disse ele — e esta moderação garante-vos as bênçãos de Deus e as boas graças de São Ronald».

Os dóceis habitantes de Jarlshof, de acordo com o sensato *ranzellaar*, limitaram-se a enganar o senhor Mertoun só em vinte e cinco por cento, taxa moderada e muito razoável, à qual deviam submeter-se, sem murmurar, os nababos, os governadores, os fornecedores, os especuladores de fundos públicos e outras personagens que, devido a uma fortuna recente e rapidamente adquirida, se encontravam em estado de estabelecer-se solidamente na região. Pelo menos, o senhor Mertoun não pareceu afastado deste critério, pois não mostrou inquietar-se mais com as despesas da sua casa.

Os pais recenseados em Jarlshof, depois de resolverem os seus próprios assuntos, tomaram em seguida em consideração o de Swertha, a governanta tão bruscamente despedida. Convinha-lhes que esta aliada, tão útil como experiente, fosse reconduzida ao seu posto de governanta, se isso fosse possível; mas, aqui fálhou o seu bom-senso. Swertha, no seu desespero, recorreu aos bons ofícios de Mordaunt Mertoun, a quem conquistara as boas graças por meio de algumas velhas baladas norueguesas e contos lúgubres sobre os *Trows* e os *Drows* (anões dos antigos bardos escandinavos), cuja antiguidade supersticiosa povoara muitas cavernas solitárias e muitos vales sombrios em Dunrossness e em outros distritos de Setland.

— Swertha — disse-lhe o jovem — bem pouco posso eu fazer por si. Mas muito mais pode você própria fazer. A cólera de meu pai assemelha-se ao furor dos campeões antigos de que falam as suas canções.

— Ah! Sim, sim, alegria do meu coração! — exclamou a velha num tom patético — Os *berserkars* eram campeões que viviam no bem-aventurado tempo de Santo Olavo e que tinham por costume precipitar-se cegamente sobre as suas espadas, lanças, dardos e mosquetes, apoderarem-se deles, e parti-los em pedaços com a mesma facilidade com que um tubarão atravessa um cardume de arenques; mas quando o acesso de furor passava, tornavam-se fracos e irresolutos como uma onda.

— É precisamente esse o caso, Swertha — replicou Mordaunt — O meu pai não pensa mais na sua ira depois de ela passar, e nisto ele muito se assemelha a um *berserkar*; por mais violenta que ela seja hoje, tê-la-á esquecido amanhã. Ainda não a substituiu no castelo; depois da sua partida, nunca mais houve alimentos quentes cozinhados, nem se meteu pão no forno; temos vivido de restos de carnes frias. Ora, garanto-lhe, Swertha, que, se regressar discretamente ao castelo e retomar as antigas funções, não ouvirá de meu pai nem uma palavra.

Swertha ainda hesitou em seguir este conselho. Mas, impelida por novos incitamentos do filho, resolveu reaparecer perante o pai. Vestindo o seu traje habitual, segundo recomendação do jovem, deslizou para dentro do castelo e retomou as ocupações variadas e numerosas que lhe competiam, com toda a aparência de uma mulher tão atenta aos cuidados do lar como se nunca os tivesse abandonado.

Se o senhor Mertoun era esquisito na maneira de governar a sua casa, não o parecia menos no sistema de educação que

seguia em relação a seu filho. Não testemunhava a menor afeição paternal ao rapaz; no entanto, nos seus dias de bom-humor, os progressos do filho parecia constituírem o principal objectivo de todos os seus pensamentos. Ele tinha bastantes livros e conhecimentos próprios para o instruir nos ramos vulgares das ciências. Como professor era calmo, estimava a ordem e exigia strictamente, para não dizer severamente, do seu aluno toda a atenção necessária aos seus deveres. Mas a leitura da História, de que ele principalmente se ocupava, e o estudo dos autores clássicos apresentavam-lhe por vezes factos ou opiniões que produziam uma súbita impressão no espírito do senhor Mertoun, trazendo-lhe de chofre o que Swertha, Sweyn e o próprio Mordaunt se tinham habituado a assinalar pelo nome de *sua hora sombria*. Aos primeiros sintomas desta crise, cuja aproximação ele próprio sentia antes de se declarar, retirava-se para o aposento mais afastado e nem mesmo a Mordaunt permitia que lá entrasse. Ali permanecia encerrado durante dias e semanas inteiras, não saindo senão a horas desencontradas para tomar algum alimento, que tinham o cuidado de colocar-lhe à mão e no qual quase nem tocava. Em outras ocasiões, e sobretudo durante o solstício de inverno, que todos passam em festas e divertimentos fechados em suas casas, este infeliz solitário envolvia-se numa capa castanho-escuro e errava por aqui e por além, ora à beira do mar tempestuoso, ora pelas charnecas mais desertas, entregando-se sem reserva aos seus devaneios sombrios e exposto às inclemências do céu, pois tinha a certeza de que não o encontrariam nem o observariam.

À medida que Mordaunt crescia em idade, aprendia a reparar nestes sinais particulares, guardas avançadas dos acessos de melancolia do seu desventurado pai, e a tomar precauções a fim de impedir que o interrompessem inoportunamente; porque tal interrupção nunca deixava de provocar o seu furor. A estas precauções ele juntava o cuidado de lhe preparar e levar discretamente o necessário à sua subsistência. Também notara que, se se apresentava à vista de seu pai antes da crise ter passado, os efeitos desta tornavam-se muito mais prolongados. Assim, por uma questão de respeito por ele, e ao mesmo tempo para se dedicar aos exercícios activos e às distrações que naturalmente se procuram na sua idade, Mordaunt contraía o hábito de ausentar-se de Jarlshof, e mesmo do domínio, persuadido de que seu pai, ao voltar à calma habitual, não pensaria sequer em saber como dispusera do tempo de ócio, e lhe bastava ter a certeza de que seu filho não fora testemunha de tamanha fraqueza, tartas eram as suas susceptibilidades neste ponto.

O jovem Mordaunt, na impossibilidade de continuar a sua educação sem interrupções, aproveitou estes intervalos para gozar as distrações que a região lhe oferecia e para dar livre curso ao seu carácter vivo, hábil e empreendedor. Tão depressa regressava de tomar parte com a mocidade da aldeia nesses divertimentos perigosos, no número dos quais — «o perigoso ofício de ir colher o *samphire*» (Uma frase de Shakespeare no *Rei Lear*. *Samphire*, espécie de crista-marinha ou perretil do mar) não lhe oferecia mais risco do que um simples passeio em terreno plano, como se juntava a essas excursões nocturnas em que se tratava, nada mais, nada menos, de trepar às rochas escarpadas, para retirar os ovos e os filhotes das aves marinhas. E nestas expedições temerárias revelava ele uma destreza, uma actividade e uma presença de espírito que, num mancebo estranho ao país, causavam espanto aos velhos caçadores. Outras vezes, Mordaunt acompanhava Sweyn e outros pescadores nas suas longas e árduas excursões ao alto mar, aprendendo com eles a arte de governar um barco, arte na qual os Setlandeses igualam todos os súbditos do império britânico, se acaso não os suplantam. Só este exercício encerrava grandes encantos para Mordaunt, independentemente da pesca.

Nesse tempo, as velhas baladas ou *sagas* da Noruega não estavam esquecidas dos pescadores, que ainda as cantavam em idioma *norse*, língua dos seus antepassados. Esses velhos contos da Escandinávia tinham com que seduzir uma cabeça jovem, e as estranhas lendas dos berserkars, dos reis do mar, dos anões, dos gigantes e dos feiticeiros, que Mordaunt ouvia contar aos naturais das ilhas Setland, eram em seu critério, pelo menos iguais em beleza às ficções clássicas da antiguidade, se acaso não as sobrepujavam. Muitas vezes, vogando no meio das ondas, apontavam-lhe a dedo os lugares aos quais faziam alusão essas poesias rudes, meio cantadas, meio recitadas por vozes tão roucas e tão ruidosas como a do Oceano. Aqui era uma baía testemunha de um combate naval; ali era um montão de pedras a custo visível que se erguia numa das pontas salientes do cabo, como o asilo ou a fortaleza de algum poderoso conde ou de algum famoso pirata. Mais longe, num pântano solitário, uma pedra indicava o túmulo de um herói; em outro lado, mostravam-lhe, como moradia de uma famigerada feiticeira, uma caverna desabitada contra a qual vinham embater pesadas vagas de água.

O Oceano também tinha os seus mistérios. Os seus abismos sem fundo, as suas cavernas secretas, a dar crédito às antigas lendas, encerravam maravilhas que os navegadores modernos rejeitam com desdém. Na baía aprazível, banhada de luar, onde as ondas apenas trémulas à superfície vinham espriar-se brandamente num leito de areia salpicado de conchas, ainda se via a sereia deslizar levemente nas águas à claridade doce do astro da noite, misturando a sua voz com o sopro da brisa; e, por vezes, ouviam-na cantar as maravilhas subterrâneas e as profecias sobre o futuro. O *kraken* (Espécie de pólipó ou polvo gigantesco), esse estranho animal, o maior dos entes vivos, vinha agora, pelo menos assim o supunham, mostrar-se nos abismos do Mar do Norte e violar o repouso e a calma. Por vezes, quando as brumas cobriam o mar ao longe, o olhar exercitado dos barqueiros distinguia os chifres monstruosos do leviatão, a balouçar-se entre flocos de névoa; e o marinheiro assustado empregava toda a força nos remos e largava as velas, receando que um súbito revolver de águas, provocado pela

descida precipitada do monstro ao fundo do mar, atraísse o seu frágil esquife aos seus inumeráveis braços. Conhecia-se também a serpente do mar, que, subindo dos abismos, levanta aos céus a sua enorme crina, e, semelhante a um belicoso corsário, ergue-se à altura de um mastro e parece espreitar com sua pupila brilhante o momento de se apoderar das suas vítimas. As histórias miraculosas de monstros marinhos e muitas outras menos conhecidas, eram nesses tempos admitidas pelos habitantes das ilhas Setland, e os seus descendentes ainda não deixaram de lhes dar crédito.

Mordaunt tinha uma índole romanesca. Estas superstições proporcionavam à sua imaginação um exercício agradável e interessante. Suspenso entre a dúvida e a vontade de acreditar, escutava com prazer os cânticos que celebravam estas maravilhas da Natureza inventadas pela credulidade, e contadas na linguagem grosseira mas enérgica dos antigos bardos.

No entanto, não faltavam distrações mais doces que conviriam mais à idade de Mordaunt do que esses contos extravagantes e todos esses árduos e grosseiros exercícios que acabamos de descrever. Quando, nas ilhas Setland, a estação de Inverno trazia as longas noites e o trabalho se tornava impossível, o tempo passava-se em prazeres, em festas e animados divertimentos. No meio destas distrações, e a despeito do rigor do clima e da estação, nenhum mancebo mostrava mais aptidão, mais ardor para a dança, para os prazeres ruidosos e para a jovialidade, do que o jovem Mordaunt Mertoun. Quando o estado moral de seu pai o deixava livre ou exigia a sua ausência, ele corria de casa em casa, agradavelmente recebido em toda a parte onde se apresentasse. Se se tratava de cantar, unia logo a sua voz à dos cantadores, e não se mostrava menos disposto a misturar-se com os dançarinos. Se o tempo o permitisse, metia-se num barco, onde ele chegava muitas vezes montado num desses pequenos cavalos que se encontram errantes por toda a parte nos vastos paus, e assim alcançava as diversas moradias dos ilhéus hospitaleiros. Ninguém melhor do que ele sabia executar a dança do sabre, divertimento que remontava a sua origem aos antigos *norses*. Tocava dois instrumentos, o *guie* e a rabeca, e acompanhava-se a cantar árias melancólicas e comovedoras, peculiares desta região. Tinha a arte de evitar com inteligência a monotonia desta música com outras árias mais vivas do Norte da Escócia. Quando uma mascarada ia visitar algum senhor vizinho ou algum *udaller* rico, augurava-se bem a expedição se Mordaunt Mertoun consentia em tomar o comando do grupo e em dirigir a música. Tornava-se assim conhecido e geralmente estimado da maioria das primeiras e das mais antigas famílias de «Main Isle»; mas era na do proprietário e senhorio de seu pai, Magnus Troil, que ele aparecia mais vezes e de melhor vontade.

O acolhimento cordial e sincero que este velho respeitável lhe fazia, e o pensamento que Mordaunt tinha de que era o senhorio de seu pai, não constituíam a única causa das suas frequentes visitas. À sua chegada, o velho e digno *udaller* erguia-se do seu vasto cadeirão guarnecido de pele de foca, cuja madeira, carvalho maciço, fora esculpida pelo cinzel grosseiro de algum carpinteiro de Hamburgo; a mão era logo recebida e apertada com a mesma sinceridade com que era oferecida, e a boa recepção festejava-se no mesmo tom de voz que outrora se faria ouvir no regresso de *loul*, festa tão celebrada nos remotos tempos godos. A casa de Magnus Troil encerrava um atractivo mais doce: dois corações mais moços, cujo acolhimento, se era menos ruidoso, não era menos sincero que o do jovial *udaller*. Mas não é no final de um capítulo que se entra neste assunto.

UM PROBLEMA PARA TRÊS CORAÇÕES

Conheceis a encantadora Bessie?

E a Maria das tranças loiras?

Qual preferis, Bessie ou Maria?

Ambas são tão belas e sedutoras

Ontem contemplei Bessie

E julguei amá-la eternamente,

Mas hoje admirei Maria

E senti-me escravo para sempre

CANÇÃO ESCOCESA

Já aludimos a Minna e Brenda, filhas de Magnus Troil. Sua mãe falecera, eram elas então muito pequenas e bonitas. Agora, a mais velha, que teria uns dezoito meses mais que Mordaunt Mertoun, entrava nos seus dezanove anos; a mais nova não tinha mais de dezassete. Eram a alegria do coração do pai e reanimavam os seus olhos mortiços. Notava-se, ao primeiro relance, nas duas filhas de Magnus, um certo ar de família e a mesma diferença flagrante nos seus caracteres e nas suas feições.

Sua mãe nascera nas montanhas do Sutherland, na Escócia. Era filha de um nobre chefe que, forçado a fugir da sua pátria nas desordens do século XVII, encontrara asilo nestas ilhas sossegadas, que a sua pobreza e a sua solidão deixara ao abrigo das dissensões civis. Saint Clair, assim se chamava este nobre escocês, não cessara, desde que ali chegara, de suspirar pela sua pátria, de chorar os campos que vira ao nascer, os homens do seu clã, a sua torre feudal, a sua autoridade perdida; e a sua carreira terminou após um curto exílio. A beleza da sua filha, a despeito da sua origem escocesa, enterneceu o coração generoso de Magnus Troil; fez as suas confissões à jovem órfã, e foi escutado. Mas a esposa não sobreviveu cinco anos ao casamento, deixando o marido entregue à dor profunda de ter visto desaparecer rapidamente a sua felicidade doméstica.

Minna tinha a figura nobre e majestosa da mãe, os seus olhos e os seus cabelos negros, e os seus sobrecílios bem desenhados; saía a esse ramo estrangeiro do sangue de Tule:

Gabai a alvura da sua tez,

Mas não faleis da sua palidez.

O seu rosto era tão delicadamente colorido de rosa, que a muita gente parecia que os lírios nela teriam influído consideravelmente; mas, se esta flor mais pálida predominava, a tez de Minna nada tinha de lânguido ou de mórbido; a Natureza dera-lhe a saúde e a frescura, e as suas feições o que tinham de mais notável era que exprimiam um carácter sonhador e nobre. Se Minna ouvia contar um caso de injustiça, de infortúnio ou de perseguição, o sangue coloria-lhe vivamente as faces, e mostrava o que seria a sua índole ardente, a despeito do seu carácter geralmente grave, pensativo e reservado. E a verdadeira origem da sua gravidade achava-se na pacífica doçura e na energia secreta de uma alma que pouco interesse dispensava aos acontecimentos banais e próprios da sociedade.

Apesar do desejo que tínhamos de evitar aqui a sedicã comparação de um anjo, não podemos recusar-nos a acrescentar que havia na beleza grave de Minna, no ar comedido e no entanto gracioso dos seus movimentos, na melodia da sua voz e na serenidade dos seus olhos um não sei quê que parecia dizer que a filha de Magnus Troil pertencia a uma esfera mais alta e mais pura, e que não foi senão por acaso que visitou um mundo pouco digno dela.

Brenda, apenas menos bela, mas igualmente amável e inocente, não diferia de sua irmã só nas feições e na expressão fisionómica, mas também nos gostos e no carácter. Os seus cabelos tufados eram daquele castanho pálido que recebe um

cambiante dourado de um raio fugidio do astro do dia, mas que retoma a sua cor primitiva quando o raio desapareceu. Os seus olhos, a sua boca, a encantadora simetria dos seus belos dentes, que por vezes ela entremostrava numa inocente vivacidade, a frescura da sua cútis, cujo colorido delicado rivalizava com a alvura da neve, tudo enfim recordava a sua origem e dizia que ela descendia dos antigos escandinavos. Se era mais franzina do que a irmã, tinha em compensação as formas de uma fada e a sua figura mais delineada era um modelo de proporções encantadoras; o andar era cheio de facilidade e os passos, leves como os de uma criança. Os olhos, que viam sempre com gosto tudo o que topavam, prova da sua jovialidade e da sua candura, inspiravam geralmente mais admiração do que os encantos de Minna, embora esta talvez fizesse nascer um sentimento mais forte e mesclado de mais respeito.

Os gostos destas duas adoráveis irmãs *não* diferiam menos do que as suas feições. Esta diferença não existia, porém, nos doces afectos do coração, porque elas assemelhavam-se perfeitamente neste ponto, e não se podia dizer que uma tivesse mais apego a seu pai do que a outra. Mas a jovialidade de Brenda misturava-se com os pequenos pormenores domésticos, com as ocupações de cada *dia*, e parecia inesgotável. Sua irmã, mais reservada, dir-se-ia não trazer à convivência senão o simples desejo de interessar-se pelo que se passava, e isto lhe bastava; mas deixava-se arrastar às distrações e aos divertimentos sem pensar em desempenhar um papel activo. Tolerava a alegria mais do que nela participava, e os prazeres de um género mais grave e mais reservado eram os seus preferidos. O conhecimentos que se adquirem pelos livros estavam fora do seu alcance. Este país poucos ensejos proporcionava de estudar as lições que a morte lega à posteridade; e Magnus Troil, tal como o descrevemos, não era homem em cuja casa se pudesse adquirir tais conhecimentos. Mas o livro da Natureza estava aberto perante os olhos de Minna, esse livro, o mais nobre de todos, cujas páginas maravilhosas não cessam de provocar a nossa admiração, mesmo que sejamos incapazes de o compreender. Ela era dotada de um espantoso talento de observação que raramente se volvia para sensações exteriores. Guardava profundamente gravadas na sua memória as luzes que adquirira pelo hábito da paciência e de uma atenção persistente.

Aprendera também a elevar a sua alma à altura dos cenários melancólicos e solitários, mas majestosos, no meio das quais o acaso a tinha colocado. O Oceano com as suas várias formas de sublimidade e de terror, os rochedos e os precipícios cuja contemplação nos gela de pavor, tinham para Minna um encanto particular em todas as vicissitudes das estações. Ao carácter de entusiasmo romanesco peculiar no povo de que sua mãe descendia aliava um verdadeiro amor pelos lugares e o clima do seu país natal; e esta paixão não só ocupava a sua imaginação como por vezes a agitava. Sua irmã, espectadora dos mesmos cenários, encarava-os com um sentimento de comoção e de terror; mas estas sensações eram nela passageiras e apagavam-se ao regressar à casa paterna. A imaginação de Minna, pelo contrário, ficava por muito tempo impressionada, quer na solidão e no silêncio *da* noite, quer em pleno convívio. Se bem que as maneiras de Minna qualquer coisa parecesse, em despeito da sua mocidade, impor tanta deferência como estima, Brenda, alegre e amável, não era geralmente mais querida que a sua pensativa irmã. Ambas faziam ao mesmo tempo as delícias de sua família e o orgulho da ilha, cujos habitantes de uma certa categoria tinham formado entre eles uma comunidade de amigos, devido às distâncias respectivas de seus domicílios e também aos hábitos de uma doce hospitalidade. Um poeta errante, um pouco músico, que, depois de ter tentado fortuna noutras terras, regressara à sua pátria para ali acabar os seus dias conforme pudesse, cantava as filhas de Magnus Troil num poema que intitulara a *Noite e o Dia*; e na descrição que fizera de Minna, somos tentados a acreditar que ele teria imitado por intuição, embora num grosseiro esboço, os belos versos de lord Byron:

«Como a noite dos céus sem nuvens e recamada de estrelas, marcha ela em sua beleza.

Tudo o que há de mais belo na aliança da sombra azul com os astros luzentes se encontra nos seus olhos. Assim é essa doce luz que o céu recusa ao esplendor do dia».

Magnus Troil estimava as filhas com tanta ternura que seria difícil dizer-se qual delas preferia. Basta revelar-se que ele desejava o convívio da mais velha quando o seu humor estava sombrio e triste, e o da mais nova quando se sentia alegre; ou, o que vem a ser a mesma coisa, preferia Minna antes do meio-dia, e Brenda quando circulava a garrafa durante a noite.

Mas o que em aparência ainda era mais extraordinário, é que a afeição do jovem Mertoun, tal como a do *udaller*, parecia baloiçar e dividir-se com a mesma imparcialidade entre as duas irmãs. Na sua infância, como já dissemos, desfrutava com seu pai da hospitalidade em casa do respeitável *udaller* de Burgh-Westra, e depois de se terem fixado ambos em Jarlshof, a perto de vinte milhas de distância, o afastamento não o impedira de visitar frequentemente essa família. No entanto, a viagem era árdua e mesmo arriscada na estação rigorosa do ano; era preciso escalar montanhas e atravessar geleiras nas quais se podia afundar a cada passo. O caminho, muitas vezes, era cortado por angras e braços de mar que penetravam por ambos os lados da ilha, bem como por lagos. E contudo, logo que o negro humor de seu pai aconselhava Mordaunt a ausentar-se de Jarlshof, não havia dificuldade, nem perigo capazes de o reter, e chegava no dia seguinte a Burgh-Westra, depois de ter gasto na viagem menos tempo do que talvez gastasse um ilhéu experimentado.

O povo setlandês considerava-o, e com certa razão, o namorado de uma das filhas de Magnus Troil, tanto mais que o respeitável ancião não dissimulava o prazer que sentia em recebê-lo e a franca amizade que lhe votava. Era, portanto, bem fácil acreditar que o jovem podia aspirar à mão de uma das beldades e obter um rico dote em ilhas, regiões pantanosas de mistura com rochedos, direitos de pesca, etc.; numa palavra, um dote tal como convinha dar a uma filha querida, e a perspectiva de se tornar um dia, por morte do generoso *udaller*, proprietário de metade dos domínios da antiga casa Troil. Perante estas probabilidades, pelo menos, havia mais verosimilhança nas consequências que se tiravam das relações do mancebo com esta família, do que de uma quantidade de conjecturas que se tomavam, por vezes, por factos consumados. Mas, ai!, o ponto principal escapara à penetração dos observadores, e esse ponto era o saber-se a qual das duas jovens dera Mordaunt o seu coração. Em regra, parecia tratá-las com a dedicação e a amizade de um irmão cuja preferência não se inclinava mais para um lado do que para outro.

Ambas brilhavam na música singela do Norte, e, quando executavam essa arte deliciosa, Mordaunt, seu companheiro de estudo, e muitas vezes também seu mestre, ora ajudava Minna a aprender aquelas árias selvagens, solenes e simples, com as quais os bardos e os menestrelis cantavam outrora as façanhas dos heróis, ora o viam igualmente empenhado em ensinar a Brenda uma música mais viva e mais complicada, que a ternura paternal de Magnus Troil mandara vir de Londres ou de Edimburgo para distração de suas filhas. Quando conversava com elas, Mordaunt, que reunia ao mais ardente entusiasmo a viva e impetuosa alegria da mocidade, não se mostrava menos capaz de compreender e sentir as visões poéticas de Minna do que de escutar a tagarelice viva e amável da irmã.

O público, depois de ter hesitado por muito tempo, não se sentindo apto a concluir qual das duas irmãs Mordaunt devia desposar, resolveu aguardar, para se pronunciar, a altura da maioridade do mancebo, ou o momento em que ao *udaller* apetecesse fazê-lo decidir-se.

— Seria uma coisa engraçada — dizia-se — que esse jovem Mertoun, estranho a este país, que não possui quaisquer meios visíveis de existência e que ninguém conhecia, se permitisse hesitar ou se julgasse no direito de escolher entre as duas mais famosas beldades das ilhas Setland. No lugar de Magnus Troil bem saberíamos o que fazer...

Todos estes comentários e outros se faziam em voz muito baixa, porque se conhecia o carácter exaltado do velho *udaller*. Sabia-se que ele possuía aquele ardor que distinguia os antigos *norses*, e meter-se uma pessoa nos assuntos da sua família sem ser convidada constituía um perigo. Estas eram as relações de Mordaunt com a casa de Magnus Troil em Burgh-Westra, quando sucederam os incidentes que se seguem.

IV

ÀS VEZES, AS PROFECIAS SAEM CERTAS

Manhã como esta não é propícia ao peregrino.

Vedes o nevoeiro que envolve em suas névoas sombrias

Os nossos campos, os nossos vales e os nossos montes?

Assim é o negro crepe usado há dois dias

Pela viúva que perdeu o objecto dos seus amores.

Mas eu preferia que a viúva inconsolável

Das virtudes do morto me contasse a longa história,

Me desolasse com seus suspiros e me inundasse de pranto,

E não me obrigasse a arrastar os furores do temporal.

O DUPLO CASAMENTO

A primavera ia já adiantada, e Mordaunt Mertoun passava uma semana em divertimentos e festas em Burgh-Westra, quando anunciou à família Troil que era tempo de despedir-se e regressar a Jarlshof. As duas jovens combateram a sua resolução e o pai, sobretudo, opôs-se à sua partida: não via nisso necessidade alguma.

— Se o seu pai o deseja ver — disse ele — e diga-se de passagem que não o creio, que se meta no barco de Sweyn, ou que monte um cavalo, se preferir vir por terra. Encontrará aqui vinte pessoas ansiosas por saber se ele não perdeu inteiramente o uso da fala na sua longa solidão, porque é preciso confessá-lo — ajuntou — ele já fazia pouco uso dela quando estava entre nós.

Mordaunt não podia negar a taciturnidade do pai, nem a sua aversão pela convivência; mas dizia que era por isso mesmo que a sua presença se tornava mais precisa em Jarlshof. Quanto a uma visita de Mertoun a Burgh-Westra, seria mais fácil ver chegar ali o cabo Sumburgh.

— Que seria um hóspede bastante incomodativo — acrescentou Magnus Troil — Mas fique ao menos hoje para jantar connosco. Teremos aí as famílias Muness, Ouendale, Thorslivoe e não sei quantas mais, além das trinta pessoas que passaram cá a noite. Teremos hoje tanta gente que, para dormir, invadirá os quartos, as granjas os barracões; e é num momento destes que nos quer deixar!

— E a dança desta noite? — ajuntou Brenda, num tom

meio severo, meio amuado — Os rapazes da ilha de Paba devem executar a dança do sabre. Quem nos há-de ajudar a fazer-lhes frente para honra de Main Land?

— Têm uma porção de dançarinos na nossa ilha — replicou Mordaunt — sem que seja preciso incluir-me no mesmo número. E onde há tão bons bailarinos, não deixará Brenda de encontrar o mais hábil dos cavalheiros. Eu, por mim, se dançar esta noite, será através das areias de Dunrossness.

— Que diz? — exclamou Minna, que durante a conversa estivera olhando, num ar inquieto, através da janela — Ao menos, evite passar hoje por Dunrossness.

— E porque não hoje e antes amanhã? — inquiriu Mordaunt, a rir.

— Porquê? Não vê além o espesso nevoeiro que paira sobre estas ilhas e que, desde o despontar do dia, não permite à vista chegar até à última montanha, até ao cabo Fitful-head? As aves marinhas dirigem o seu voo para terra; através do

nevoeiro, o pato bravo parece ondular como uma bandeira; veja as gaivotas a fugir para as rochas em busca de abrigo.

— E no entanto — disse o pai — elas são tão capazes de suportar um golpe de vento como um navio do rei. O seu voo em direcção às rochas é sempre sinal de tempestade.

— Fique pois conosco — disse Minna — O temporal promete ser terrível. Será decerto um bom espectáculo para contemplar de Burgh-Westra, não tendo amigos expostos ao seu furor. Repare em como o ar está pesado e sufocante, embora o tempo do estio acabe de chegar, e a atmosfera esteja tão calma que nem uma erva se move na charneca. Fique, pois, Mordaunt, peço-lhe. Tudo anuncia a mais furiosa tempestade.

— Por isso mesmo, tenho de partir o mais depressa possível — retorquiu Mordaunt — Se o temporal aumentar de violência, pernoitarei em Stourburgh.

— Quê! — exclamou Magnus — Quer trocar-nos pelo novo *tackman* do novo camarista, que acaba de nos chegar da Escócia para nos dar lições, a nós, selvagens das ilhas Setland! Faça o que quiser, jovem, se lhe apetercer cantar nesse tom.

— Oh, não! — respondeu Mordaunt — Apenas tenho curiosidade de ver as novas alfaias que trouxe com ele.

— Sim, as novidades fazem andar a cabeça à roda à gente moça — disse Magnus — Gostaria de saber se a nova charrua se aguentará nas nossas rochas.

O rapaz, para não melindrar os preconceitos do velho *udaller* contra as inovações, disse que, se os seus presságios se verificassem, não se deteria em Stourburgh senão o tempo necessário para evitar o pior do temporal; mas, se apenas viesse chuva, não receava ser derretido e continuava o seu caminho.

— A tempestade há-de ser mais alguma coisa do que chuva — disse Minna — Veja como as nuvens engrossam a cada instante.

— Vejo tudo isso — replicou Mordaunt — e chego à conclusão de que não tenho nem um momento a perder. Adeus, Minna. Prometo mandar-lhe penas de águia, se pelo menos houver uma única águia na ilha de Foulah. Adeus, minha linda Brenda. Guarde-me um lugar nas suas recordações, e oxalá os rapazes da Faba dancem tão bem como o diz.

— Tome cuidado consigo — disseram-lhe ao mesmo tempo as duas irmãs — visto que insiste em partir.

O velho Magnus censurou as filhas por suporem que um mancebo expedito corresse perigo expondo-se a algumas rajadas de vento, quer no mar quer em terra. No entanto, acabou por aconselhar muito seriamente Mordaunt a adiar a sua partida, ou, pelo menos, a deter-se em Stourburgh.

— Porque os segundos pensamentos são os melhores — disse ele — E como a casa desse escocês lhe fica em caminho, em caso de tormenta entra-se no primeiro porto que se encontra. Mas livre-se de supor que lhe abrirão facilmente a porta, seja qual for a violência da tempestade. Há uma coisa na Escócia que se chamam ferrolhos e trancas, desconhecidas aqui, graças sejam dadas a São Ronald, com excepção da fechadura do velho castelo de Scalloway, que toda a gente se apressa a ir admirar. Essas lindas coisas talvez façam parte dos aperfeiçoamentos que esse escocês nos traz. Vá, parta, Mordaunt, visto que assim o quer... Você devia beber um gole antes de partir, se tivesse mais três anos. Mas a mocidade nunca deve beber senão depois de jantar; portanto, bebo eu por si, porque é preciso não perder os bons hábitos, de contrário, correm as coisas mal. Cá vai um copo à sua saúde.

Despejou um grande copo cheio de aguardente com o mesmo sangue-frio com que esvaziaria um copo de água; Assim advertido por todos, Mordaunt deixou aquele tecto hospitaleiro, com a imaginação repleta do bom acolhimento que ali tivera.

As previsões de Minna não tardaram em realizar-se. Havia apenas três horas que Mordaunt estava em marcha, quando o vento, tão calmo durante a manhã, começou a fazer ouvir sons plangentes, como se quisesse deplorar antecipadamente os desastres que o seu furor ia causar, lembrando o homem demente no estado de abatimento que precede os seus acessos de raiva. Depressa esses sons se transformaram em rugidos com toda a violência dos temporais do norte. O furacão vinha acompanhado de borrascas, de chuva e de granizo que parecia desfazerem-se contra as montanhas e contra as rochas mais próximas do nosso viajante. Lutava com grandes dificuldades para se manter no caminho que queria seguir, numa região onde não havia estrada nem trilhos que orientassem os passos de quem se perdesse e no qual vastos charcos, lagos e lagoas punham obstáculos que renasciam incessantemente. Todas as águas do interior das terras se espalhavam em largos lençóis, a maior

parte das quais, agitadas e arrastadas por turbilhões e sacudidas pelos ventos, levava longe as suas ondas. O paladar salgado das gotas de água que fustigavam o rosto de Mordaunt demonstravam-lhe que o Oceano, pouco afastado, partilhando do furor da tormenta, misturava a sua espuma fervente com as ondas dos lagos e ribeiros do interior da ilha.

No meio desta terrificante desordem da Natureza, Mordaunt mantinha uma coragem firme, como se a guerra com os elementos lhe fosse familiar. E como homem que não encara os seus esforços senão para os dominar, provando assim a sua índole resoluta, ele sentia, como geralmente sucede a quem enfrenta grandes desastres, que a própria reacção da coragem é uma espécie de triunfo que eleva a alma ao sublime.

Mordaunt continuava o seu caminho, sem se deter aos primeiros assaltos do furacão. Os rochedos, as montanhas e os promontórios estavam envoltos num nevoeiro sombrio; e ele substituíra os sinais vulgares, que servem aos viajantes para dirigir a sua marcha, por uma instintiva sagacidade que muito auxiliava o seu profundo conhecimento dos objectos mais minuciosos destes lugares selvagens. Era, pois, no meio deste terrível conflito dos elementos que ele avançava lentamente, detendo-se umas vezes para respirar, outras para se deitar no solo nos momentos mais fortes da tormenta.

No entanto, a despeito da sua experiência e da sua coragem, a situação tornava-se difícil e mesmo precária. Corria o perigo de a sua valentia não poder mais defendê-lo impunemente, quando era preciso atravessar torrentes que levavam longe demais as suas águas e abrir passagem através de terrenos pantanosos que, afogados sob o dilúvio da chuva, obrigavam a cada momento o viajante a fazer um enorme desvio, inútil em tempo normal. Mordaunt lutou assim, com bravura, contra os ventos, a chuva, o granizo e a tormenta, até que, por fim, esgotado pela fadiga, e depois de se ter equivocado por mais de uma vez no caminho, teve a felicidade de descobrir a casa de Stourburgh, ou de Harira, pois estes nomes se davam indiferentemente à residência do senhor Triptolemus Yellowley. Este personagem era o mandatário escolhido pelo intendente das ilhas Órcades ou de Setland, grande especulador que se propunha, por intermédio de Triptolemus, introduzir na Tule dos romanos inovações cuja existência, nessa época ainda recuada, nem era conhecida na própria Escócia.

Mordaunt alcançou, não sem custo, a habitação desse digno agricultor, o único refúgio que poderia encontrar num raio de algumas milhas. Foi direito à porta, absolutamente convencido de entrar logo sem dificuldade; mas, qual não foi a sua surpresa ao ver que estava fechada, não só na aldrava, o que o rigor do tempo podia desculpar, mas também aferrolhada, precaução que, segundo a observação já feita por Magnus Troil, era quase desconhecida no arquipélago! Chamar e bater com pancadas de bordão e de pedras, foi tudo o que pôde fazer o mancebo exasperado pela luta contra o temporal e pelos obstáculos inesperados que se opunham à sua entrada. E enquanto ele espera, informemos os leitores sobre Triptolemus Yellowley.

Jasper Yellowley, pai de Triptolemus (embora nascido ao pé de Roseberry-Topping), encarregara-se, a pedido de um nobre conde da Escócia, da exploração de uma herdade em Mearns, onde, será escusado dizer, não tardou em reconhecer que as coisas eram bem diferentes do que as suas esperanças tinham concebido. Foi em vão que o vigoroso caseiro empregou todos os seus recursos e toda a sua experiência para contrabalançar as desvantagens de um terreno frio e húmido. No entanto, esta fatalidade foi de certo modo compensada pela impressão que produziram em *miss* Barbara Clinkscale a sua tez fresca e rosada e as suas formas robustas. Sendo *miss* Barbara filha do último Clinkscale e irmã do actual *laird* de seu nome, a opinião geral do país achou esta união pouco natural, e mesmo horrível, visto que a casa de Clinkscale, era, pelo menos, tão amplamente provida de orgulho escocês como da parcimónia proverbialmente atribuída a esta nação. Mas *miss* Baby tinha à sua disposição uma fortuna assaz bonita de dois mil marcos. Tinha-se na conta de mulher de bom-senso e há vinte anos atingira a maioridade, e por conseguinte *sui juris*, como lhe certificou o homem de leis que redigiu o contrato de casamento. Assim, desafiando os comentários e as consequências, não hesitou em dar a sua mão ao caseiro do condado de York. O seu irmão e os seus parentes mais ricos desabafaram em censuras violentas e repudiaram formalmente uma parenta que acabava de desonrar-se daquela forma. Mas esta casa tão orgulhosa de Clinkscale também tinha na sua parentela uma porção de aliados que não se fizeram tão difíceis; eram primos em décimo e mesmo em décimo sexto grau. Não só reconheceram a prima Barbara após o casamento, mas também tiveram a condescendência de comer com o novo primo as suas ervilhas e o seu toucinho; e de boa-vontade teriam consentido em estreitar os laços de amizade e de parentesco por meio de empréstimos de algum dinheiro, se a boa dama, que lhes conhecia a crónica e farejava cilada, não opusesse o seu veto absoluto contra essa tentativa de mais estreita intimidade.

Este relevante êxito submeteu o honesto Jasper ao império que a sua terna esposa começava a exercer sobre ele e o que acabou de o consolidar foi o ela em breve se encontrar em situação de aumentar a família. Por essa ocasião teve ela um sonho notável, como sucede muitas vezes às mulheres antes da nascença de um ilustre rebento. *Sonhou* que dera à luz uma charrua puxada a três juntas de bois do condado de Angus; e, curiosa de obter a explicação de tais presságios, convocou as comadres para examinar o que o sonho significava. Depois de muitas hesitações, o bom Jasper aventurou-se a dizer que essa visão se relacionava mais com o passado do que com o presente, e que poderia ter origem na viva impressão que sua meiga esposa

sofreu ao encontrar perto da sua casa a sua grande charrua atrelada a seis bois que constituíam o orgulho do seu coração. Esta explicação, porém, provocou alta grita à assembleia, a pontos de Jasper fugir precipitadamente da sala das deliberações, com os ouvidos tapados.

— Oiçam lá! — gritou uma velha de formas másculas

— Oiçam-no, com os seus bois de que ele faz um ídolo como o bezerro de Bethel! Não! Não! Não há-de ser uma charrua da carne, que esse belo rapaz (porque há-de Ser um belo mocetão) se incumbirá de conduzir; trata-se de uma charrua do espírito, e tenho a certeza de que o veremos pregar na nossa paróquia, ou mesmo na montanha.

— Não é apenas isso — disse a velha *lady Glenprosing*.

— E só lhe respondo que ele há-de elevar a cabeça mais alto do que o seu velho James Guthrie de que você faz tanto alarde. Elevar-se-á mais alto. Será ministro da paróquia; e quando se tornar bispo, quem ousará admirar-se? A luva assim lançada por uma sibila foi levantada por outra. A controvérsia aqueceu, não se ouvia senão brados: e a água de canela distribuída entre as deliberantes não produziu melhor efeito do que azeite deitado no fogo. Mas, de súbito, Jasper voltou, com uma relha de arado na mão; sua presença, aliada à vergonha de fazerem tanto barulho *perante o estrangeiro*, impôs uma espécie de receio e de silêncio.

Não se sabe se foi devido à impaciência de dar à luz um ente votado a tão altos destinos, embora bastante incertos ou se não teria sido antes o terror causado pela terrível balbúrdia que se fez na sua presença, o certo é que a pobre Yellowley caiu doente de súbito. No entanto, ainda dispunha de toda a sua presença de espírito e aproveitou-a para arrancar ao seu digno esposo as duas promessas seguintes: primeiro, que, por ocasião do baptismo da criança, cujo nascimento provavelmente lhe iria custar tão caro, lhe dariam um nome que recordasse o sonho com que ela fora favorecida; depois, que lhe proporcionariam a educação necessária para que ele pudesse ingressar na Igreja. O caseiro, pensando que a sua metade tinha direito nesse momento a ditar as suas vontades, prometeu, sem reflectir em tudo o que ela exigiu.

Em breve veio ao mundo uma criança de sexo masculino. Mas o estado da mãe não lhe permitiu, durante algum tempo, perguntar se a primeira condição fora cumprida. Na convalescença, fez perguntas e informaram-na de que, como se julgara urgente baptizá-lo, o menino recebera o nome Triptolemus, e que o cura, homem de grande erudição, julgava que este nome encerrava uma bela e clássica alusão à charrua puxada por três juntas de bois, entrevista pela mãe no seu sonho. A senhora Yellowley não se mostrou muito encantada com a maneira como satisfizeram a sua primeira condição, e resmungando um pouco contra esse nome pagão, tomou a peito contrariar-lhe os efeitos, dando ao pequeno que o usava uma educação que erguesse a sua alma acima da ideia e dos instrumentos relacionados com o servil mister da cultura da terra.

Jasper, homem sensato, ria à socapa destes projectos, prevendo que o pequeno Triptolemus não seria mais do que um rapaz como os outros, um jovial rendeiro, que pouco teria do sangue distinto, mas um tanto azedo, da orgulhosa casa de Clinkscale. Notou com secreta alegria que os sons que melhor logravam adormecer a criança no seu berço eram os do assobio dos trabalhadores e que as primeiras palavras que balbuciou foram os nomes dos bois do seu estábulo. Além disso, o rapazinho revelava um gosto decidido pela cerveja caseira, preferindo-a à dos cabarés a dois *pence*. De todos estes sintomas, Jasper concluiu com segurança, mas em segredo, que o seu herdeiro se tornaria um excelente agricultor e que pouca coisa teria do ilustre sangue da sua digna mãe.

Entretanto, um ano após o nascimento de seu filho, a senhora Yellowley dava ao mundo uma filha chamada Barbara. Notou-se, logo desde a primeira infância, que tinha o nariz afilado e os lábios delgados, o que os habitantes das Mearns sabiam muito bem serem os traços característicos da família Clinkscale; e, como à medida que ela avançava em idade a viam agarrar com violência e reter com obstinação os brinquedos de Triptolemus, além de beliscar, morder e agatilhar as pessoas, sem provocação, os observadores atentos julgavam que *miss Baby* era em tudo parecida com sua mãe. Pessoas maliciosas chegavam a dizer que o sangue acre da casa dos Clinkscales fora em certa altura adoçado pelo da velha Inglaterra, porque o jovem Deilbelicket fazia visitas muito frequentes à família Jasper, e parecia-lhes estranho que a senhora Yellowley, que, como toda a gente sabia, não dava nada por nada, fosse tão atenciosa e apressada em pôr a mesa à chegada do mancebo e em encher o copo de cerveja a esse calão e parasita que não tinha onde cair morto. Mas, tomando em consideração a virtude austera e o bom proceder da senhora Yellowley, prestavam-lhe geralmente justiça, bem como ao delicado gosto do senhor Deilbelicket.

Até uma certa altura, Triptolemus recebera do ministro eclesiástico toda a instrução que este lhe podia dar; porque, embora a dama fosse da religião perseguida, o seu digno esposo, edificado pelo hábito negro e pelo livro das orações, mantinha-se sempre fiel aos usos da Igreja estabelecida. Mais tarde, enviaram o jovem para Santo André, a fim de lá continuar

os seus estudos. Para lá foi, realmente, mas, é preciso dizê-lo, ternas saudades volviam os seus pensamentos para a charrua de seu pai. A cervejinha do colégio não o consolava da perda dos bolos e da boa cerveja da casa paterna. No entanto, fez progressos, e achou-se que ele tinha uma predileção muito especial pelos autores da antiguidade que fizeram da agricultura objecto das suas sábias pesquisas.

Catão, o Censor, era o seu preferido de entre os heróis e os filósofos clássicos de Roma, não devido à austeridade dos seus costumes, mas porque era o autor do tratado *de Re rustica*. Trazia sempre nos lábios aquela frase de Cícero: *Jam neminem antepones Catoni*. Gostava bastante de Palladius e Terentius Varro, mas Columella era o seu livro de bolso. A todos estes escritores antigos juntava ele alguns mais modernos, tais como Tusser, Hartlib e outros que tinham escrito sobre economia rural, sem esquecer as locuções do pastor da Planície de Salisbury e aqueles filomatas mais instruídos que, em lugar de sobrecarregar os seus almanaques de vãs predileções políticas, dirigem a atenção dos seus leitores para uma boa agricultura, o meio mais seguro de prever boas colheitas; e que, sem se prenderem com a subida ou a queda dos impérios, se limitam a indicar as épocas convenientes para semear e colher.

O reitor de Santo André Leonard mostrava-se em regra muito satisfeito com as disposições tranquilas e estudiosas do seu aluno; julgava-o mesmo digno do seu nome de quatro sílabas de origem grega; contudo, não gostava da sua atenção circunscrita aos seus autores preferidos.

— Ter o espírito constantemente volvido para as diversas qualidades do solo, o nariz debruçado sobre o terreno, as gorduras e o fumeiro — dizia-lhe — isso cheira demasiado a charrua.

E tentava erguer-lhe a imaginação até a História, a poesia e a Teologia. Mas tudo em vão. Desgraçadamente, Triptolemus Yellowley era teimoso nestas ideias. Se se ocupava da batalha de Farsália era menos como de um acontecimento de que dependera a liberdade do mundo do que por ter proporcionado uma excelente colheita no ano seguinte, no campo onde a batalha se travara. Não era possível convencê-lo a ler um único verso da nossa poesia; de todos os nossos poetas só queria conhecer o velho Tusser, do qual sabia de cor, como já dissemos, muitos passos sobre as boas culturas. Quanto à teologia, limitava-se a dizer aos professores que, desde a queda do nosso primeiro pai, o homem ficara condenado a lavrar a terra e a ganhar o pão com o suor do seu rosto e que ele *próprio* estava resolvido a cumprir essa missão o melhor possível, deixando aos outros o trabalho de meditar como lhes aprouvesse nos mistérios mais secretos da religião.

Com as suas vistas estreitas e o seu único pendor para os trabalhos da vida campesina, era duvidoso que os progressos de Triptolemus *fizera* nos seus estudos, ou antes o uso que prometia fazer deles, satisfizessem muito as ambiciosas esperanças da sua devotada mãe. Contudo, era verdade que não mostrava repugnância em abraçar a profissão eclesiástica, que bastante se coaduna com a indolência habitual dos espíritos especuladores.

Até que ponto a granja, a gleba, os dízimos, o salário e o dinheiro teriam prevalecido sobre os preconceitos da mãe de Triptolemus em favor do presbiterianismo? *O seu zelo* não teve tempo de ser submetido a uma prova tão terrível: morreu antes que o filho tivesse acabado os estudos, deixando um esposo querido num desespero de que se pode fazer ideia. O velho Jasper começou por chamar seu filho do colégio de Santo André, para o auxiliar nos trabalhos do campo. Foi o seu primeiro acto de administração doméstica, pois era muito fácil supor que o nosso Triptolemus, chamado a pôr em prática uma teoria por ele estudada com tanto ardor, se encontraria, para nos servirmos de uma comparação que ele julgaria brilhante, como uma vaca leiteira num campo de trevo. *Ai!* errados cálculos e esperanças enganosas da humanidade! Claro que Triptolemus saiu da roda da fortuna, pelo menos, cem anos demasiado cedo. Se tivesse aparecido na cena do mundo dos nossos dias, isto é, há trinta e quatro anos, não teria deixado de ocupar o importante lugar de vice-presidente de alguma eminente sociedade de agricultura, e de ali exercer todas as funções sob os auspícios de algum nobre duque ou senhor, que teria ou não teria conhecido a diferença entre um cavalo e uma carroça. Teria certamente alcançado semelhante posto, porque *era* versado naqueles pormenores que, sem resultado na *prática* fazem o conhecedor nas artes e sobretudo na agricultura.

Seu pai colocou-o à testa de uma charrua, e encarregou-o de dirigir os seus bois, sobre a excelência dos quais ele teria, nos nossos dias, prodigalizado os seus talentos oratórios. O bom Jasper lamentava-se de que a herdade não prosperara, apesar do seu sábio filho (a quem chamava sempre *Tolimus*) falar melhor do que ninguém no mundo de sementes, farinhas, nabos, semente de nabos, pousios e *pastagens*. Os negócios iam sempre a pior, quando o bom *Jasper*, abatido pelos anos, foi enfim obrigado a abandonar *as rédeas* da administração à ciência académica de Triptolemus.

Mas, como se a Natureza lhe tivesse ódio, o terreno da herdade que explorava nas Mearns era tão ingrato que não havia meio de nele tentar nada de razoável. Produzia tudo, à excepção do que o cultivador desejava, pois havia bastante quantidade de cardos, o que indica uma terra seca; e bastantes avencas, o que, diz-se, denuncia um profundo leito de terra. Enfim, não

faltavam ortigas, o que fazia ver que outrora fora adubado e lavrado a fundo, mesmo em sítios em que era pouco provável que a charrua tivesse passado alguma vez. Havia também abundância de pedras para manter o terreno quente, segundo a doutrina de alguns fazendeiros, e um grande número de fontes de água para a refrescar e provocar a seiva, segundo a teoria de *alguns* outros. Era em vão que o pobre Triptolemus, procedendo segundo estas opiniões diversas, tentava tirar partido das qualidades que ele supunha no solo. Ele igualava em infelicidade o pobre Tusser, cujas *quinhentas receitas de boa cultura*, tão úteis aos agricultores do seu tempo, não lhe valeram nem a quantia de cem *pence*.

O facto é que, exceptuando uma centena de acres de terras vedadas, às quais Jasper tinha reconhecido bem cedo ter que limitar os seus trabalhos, não existia um canto da herdade que servisse para outra coisa que não fosse quebrar os instrumentos de trabalho e matar os animais que nele se empregavam.

Esclareçamos que o mau êxito dos planos de Triptolemus e as despesas que acarretavam eram de certo modo compensados pela parcimónia extrema de sua irmã Barbara, que neste ponto não tinha igual. Ela teria realizado, se fosse possível, a ideia daquele sábio filósofo que dizia que o sono era uma necessidade imaginária e a fome um mero hábito. Esse filósofo parecia ter renunciado a um e a outra; mas ficou-se desenganado quando, infelizmente para ele, se descobriu que ele tinha entendimentos com a cozinheira da casa, que lhe dava acesso ao bufete e partilhava com ele o seu leite. A senhora Barbara Yellowley era incapaz de semelhantes fraudes; a pé de manhãzinha e deitando-se muito tarde, ela dava às raparigas ao seu serviço tarefas talvez demasiado pesadas, e não as perdia de vista durante o dia, como o gato não perde o rato. Quanto a comer, o ar parecia ser seu único regalo, e de boa vontade daria o mesmo tratamento aos que estavam sob a sua direcção. Seu irmão, de hábitos indolentes, mas que tinha aliás um bom apetite, não acharia inconveniente em saborear de vez em quando um traço de carne, pelo menos para saber se os carneiros da sua herdade eram bons e gordos; mas, se ele se aventurasse a fazer tal proposta à irmã, ver-se-ia Barbara tremer de terror, como se se tratasse de devorar uma criança.

Mas, embora Barbara pusesse fielmente em comum toda a poupança que ela devia ao seu grande talento de economia prática, e as propriedades da mãe tivessem passado pelo menos a maior parte, para outras mãos devido a necessidades extremas, viu-se enfim aproximar-se o termo em que se tornaria impossível a Triptolemus resistir por mais tempo ao que ele chamava a má estrela, e a que outros chamariam o resultado natural das suas especulações absurdas. Felizmente, nesta crise, um deus desceu do céu, como nas nossas óperas, e correu em seu auxílio: para falar mais claramente, foi então que o nobre lorde, proprietário da sua herdade, chegou ao seu castelo situado *nas vizinhanças*, na sua carruagem puxada a seis cavalos, com os seus batedores, e em todo o esplendor do século XVI

Acontecia que este grande personagem era precisamente o filho do senhor que mandara vir Jasper do condado de York para a Escócia; e o filho era, como o pai, um homem de projectos e planos bizarros. No meio das revoluções da época ele obtivera por um certo número de anos, como pagamento de uma determinada renda, a concessão das terras que pertenciam à Coroa nas ilhas Órcades e Setland, bem como a sua administração sob o título de Lorde Chamberlain, e resolveram tirar delas o maior rendimento possível recorrendo aos melhores meios de exploração e de aperfeiçoamento. Como conhecia um pouco o nosso amigo Triptolemus, teve a ideia infeliz de que era este o homem de que necessitava para a execução dos seus planos. Mandou-o chamar. A conferência realizou-se na grande sala do castelo, e ele ficou edificado sobre o génio do nosso amigo em tudo o que se relacionava com a agricultura e não quis perder tempo em aproveitar-se da cooperação de um homem tão precioso.

As combinações fizeram-se ao gosto de Triptolemus. Este já aprendera, por meio de uma longa e custosa experiência, que, sem depreciar o seu mérito, nem mesmo duvidar por um instante dos seus talentos, o melhor que tinha a fazer era deixar todas as despesas e todos os riscos a cargo do proprietário. Na verdade, as esperanças com que ele adulara a credulidade de Lorde Chamberlain eram tão sedutoras que o digno patrão repudiou a ideia de proporcionar ao seu protegido qualquer partilha nos lucros; porque, por muito pouco avançada que então estivesse a agricultura na Escócia, esta arte chegara ali a muito maior perfeição do que nas regiões de Tule. Por seu lado, Triptolemus ufanava-se de estar iniciado nos seus mistérios muito antes de todos os que a praticavam nas Mearns. O melhoramento, resultante dos seus vastos conhecimentos, devia verificar-se, pois, na mesma proporção, para não dizer maior, e os lucros imensos reverterem para o nobre amo, salvo um honesto salário para o intendente, uma granja e tudo o preciso para sustentar a sua família. Barbara não pôde dissimular a sua viva alegria perante esta novidade, pois ficariam desembaraçados da herdade de Caudacres, que ameaçava ter um triste fim.

— Se não pudermos — dizia ela — prover às nossas despesas caseiras, agora, que é tudo a entrar e nada a sair, é porque somos piores do que os infiéis.

Triptolemus não tardou em afectar de homem importante e atarefado; marchava de cabeça erguida, bebendo, regalando-se por toda a parte; dando ordens, fazendo provisão de alfaias agrícolas que deviam ser usadas pelos naturais daquelas ilhas,

cujos destinos se encontravam ameaçados por uma revolução formidável. Que alfaias! Como pareciam estranhas, se fossem apresentadas hoje a uma das nossas sociedades de agricultura! Mas tudo é relativo; uma antiga charrua da Escócia afigurar-se-ia mais estranha a um agricultor escocês dos tempos actuais do que as couraças e os bacinetes de Cortez o seriam nos nossos dias para os soldados de um dos nossos regimentos. E no entanto Cortez conquistou o México; e decerto aquelas velhas charruas teriam podido ser um melhoramento na agricultura de Tule. Ficou-se na ignorância das causas que teriam decidido Triptolemus a preferir fixar a sua residência nas ilhas Setland, ou melhor, nas Órcades.

Triptolemus estabeleceu-se, pois, na qualidade de feitor, e com toda a autoridade que dá este título, em Harfra, ou, como chamam ao local, em Stourburgh, nome derivado de um velho forte quase contíguo à casa de habitação. Chegou decidido a honrar a fama que alcançara pelos seus trabalhos, seus preceitos e seu exemplo, e não menos resolvido a civilizar os habitantes nas ilhas Setland e a alargar os seus conhecimentos ainda limitados às artes primitivas do convívio humano.

E A PORTA FECHADA ABRIU-SE DE PAR EM PAR

Vinha o vento do Leste e do *Norte*

E a brisa era forte.

Soprando os dedos, *diz o homem à mulher:*

— Vai fechar a porta.

— *Minhas mãos tratam agora de outra lida;*

Se a queres fechada, vai lá tu;

De contrário, podem passar cem anos,

Que ela continuará aberta.

CANÇÃO ANTIGA

Esperamos que o leitor indulgente não tenha achado muito enfadonha a última parte do capítulo anterior; em todo o caso, a sua impaciência não terá igualado a do jovem Mordaunt Mertoun. Representemo-lo, ansioso por entrar na velha casa de Harira, a bater furiosamente à porta, a chamar em altos brados, enquanto os relâmpagos e os trovões se sucediam com uma rapidez temível, os ventos se desencadeavam com fúria em todas as direcções e, para levar a cúmulo este medonho furacão, as torrentes de chuva encharcavam o infeliz viajante. Parecia-lhe impossível que naquelas circunstâncias se pudesse recusar asilo a um estranho. Por fim, vendo que os seus gritos e as pancadas na porta não produziam efeito, recuou até uma distância em que lhe foi possível descortinar as chaminés; e qual não foi o seu desalento quando, através da obscuridade dos ares tempestuosos, descobriu que, apesar de ser quase meio-dia, hora habitual do jantar na região, delas não saía nem sombra de fumo, o que indicaria, pelo menos que se preparava uma refeição lá dentro.

Esta observação transformou a sua impaciência em alarme e em compaixão pelos moradores da casa; veio-lhe à cabeça que talvez tivesse acontecido alguma fatalidade àquela família. Começou a procurar um sítio por onde pudesse entrar, a fim de certificar-se da situação daquela gente. Mas Triptolemus e a irmã, ao ouvir o barulho, já tinham questionado para decidir se deviam ou não abrir a porta.

A senhora Baby, tal como já a descrevemos, não tinha disposições muito pronunciadas para a prática da hospitalidade. Ela fora, na herdade de Cauldacres, nas Mearns, o terror dos mendigos, dos caixeiros viajantes, dos ciganos e dos parasitas de toda a espécie. Ignorando por completo a honesta simplicidade de todas as classes das ilhas Setland, onde ela e o irmão acabavam de fixar residência, Baby, por medo, desconfiança e parcimónia, adoptara o costume de manter a porta fechada para todo aquele que não fosse perfeitamente conhecido.

Poucos momentos antes da chegada de Mordaunt, dizia Triptolemus, folheando um velho Virgílio que trouxera do colégio de Santo André:

— Agora tudo vai como se deseja. Eis um belo dia para a cevada: *Ventis surgentibus*, dizia muito bem o poeta de Mântua... E depois os ventos das montanhas, os rugidos e o barulho das vagas que vêm rebentar na costa... Mas, onde as matas de lenha? Baby, dize-me onde está a lenha? Onde encontraremos, nesta nova residência, o *nemorum murmur*?

— Estás louco, mano? — respondeu Barbara, volvendo de repente a cabeça do recanto negro da cozinha onde ela se ocupava da lida caseira. E avançando até ao meio da cozinha, indagou: — Para que me interrompes dessa maneira quando estou na minha lida?

— Para nada, Baby — replicou Triptolemus — Falava com os meus botões. Dizia que aqui não faltavam nem mares, nem ventos, nem chuvas. Mas onde estão as matas de lenha, Baby? Responde-me a isto.

— Lenha! — exclamou Barbara — Se eu não tivesse tanto cuidado, mano, não teríamos nenhuma em casa. Se te queres

referir aos despojos de lenha de naufrágios que os moços de lavoura trouxeram ontem, gastei esta manhã seis onças dela para ferver o teu *parritch* (Espécie de pudim escocês); apesar de um homem de senso, que quisesse por força almoçar, ter andado melhor em tomar um pouco de *drammock* (Nome do caldo de cevadinha) em vez de desperdiçar lenha e carne na mesma manhã.

— Quer isso dizer — redarguiu Triptolemus, que por vezes era um pouco rezingão — que, quando temos lume, devemos passar sem comer, e quando temos comida devemos passar sem lume? É uma verdadeira felicidade que não vás até o ponto de nos fazeres morrer de fome e de frio ao mesmo tempo e, como dizem os autores latinos, unico *contextu*.

— Não passas de um idiota — disse Baby — Não poderias, visto seres tão delicado, comer o teu caldo de cevadinha quente, ao domingo, e frio à ceia de segunda-feira? Há tantas pessoas bem mais importantes do que tu que até lambem os beiços de tal acepipe!

— Por esse preço, mana, adeus campos, adeus charrua, adeus trabalho! Resta-me esperar na minha cama a chegada da morte. Há em casa tantas provisões que estas ilhas não as comeriam num ano, e tu ainda me choras um desgraçado prato de *parritch* quente, a mim, que tenho tanto que fazer!...

— Chiu!... Chiu!... Tagarela! Cala-te! — exclamou Baby, relanceando um olhar assustado — Não é prudente falar-se do que há dentro de casa, bem o sabes. Escuta: oiço bater à porta... Sim, estão a bater. Tão verdade como eu viver de pão.

— Pois bem, vai abrir, Baby — disse-lhe o irmão, que achava bem que alguma coisa viesse pôr fim à discussão.

— Vai abrir! — repetiu Barbara, meio irada, meio receosa — Vai abrir! Para dar ensejo aos ladrões de nos levarem tudo o que temos em casa?

— Ladrões! — exclamou Triptolemus — Não há disso neste país, estou farto de to dizer, Baby. Aqui não há salteadores que nos venham atormentar. É uma terra de sossego e de honestidade. O *fortunati nimium!*

— A que propósito vem o Santo Rinian? — estranhou Barbara, tomando a citação latina por uma invocação católica — Aliás, se aqui não há salteadores, há pessoas que não valem muito mais.

Durante esta discussão, Mordaunt continuava a gritar e a bater à porta. Ouviam-no perfeitamente lá dentro, embora o furacão fosse mais terrível do que nunca. O irmão e a irmã estavam realmente alarmados e entreolhavam-se num ar inquieto.

— Se eles ouvirem falar de dinheiro, estamos irremediavelmente perdidos — disse Baby, cujo terror fizera com que o seu nariz trocasse a cor vermelha pela azul.

— És sempre tu, mana, quem fala quando devias calar-te — observou Triptolemus — Vai já à janela e vê quantos são eles, enquanto eu carrego a caçadeira espanhola. Mas vai tão devagarinho como se marchasses por cima de ovos.

Toda trémula, Barbara encaminhou-se para a janela, e voltou para dizer que só vira um mancebo que fazia todo aquele barulho, mas não sabia quantos estariam escondidos.

— Escondidos? Que palermice! — disse Triptolemus, pondo de lado, com mão trémula, a vareta de que se servira para carregar a arma — E decerto algum pobre diabo que foi surpreendido pelo temporal e pede um abrigo e alimento. Abre a porta, mana, que praticarás uma acção cristã!

— Uma acção cristã! Mas será acção cristã — respondeu ela, num grito agudo — entrar pela janela?

Com efeito, Mordaunt acabava de forçar uma janela e, tão molhado como uma divindade das águas, entrava no compartimento. Triptolemus apontou-lhe a arma que não acabara de carregar, no momento em que Mordaunt exclamara:

— Alto lá! Para que têm as portas assim aferrolhadas por um tempo destes? E que demónio de ideia é essa de ameaçar com uma espingarda as pessoas que pedem um abrigo?

— Mas quem é você, amigo, e que deseja — replicou Triptolemus, descansando no chão a coronha da espingarda.

— O que desejo! — exclamou Mordaunt — Tudo o que é preciso: comer, beber, lume, um leito para passar a noite e um cavalo para amanhã de manhã me conduzir a Jarlshof.

— E dizias tu, mano — murmurou Baby em tom de censura — que não havia vadios nem ladrões nesta terra! Já viste um homem dizer mais descaradamente ao que vem e o que quer? — E acrescentou, dirigindo-se a Mordaunt:

— Amigo, mexa essas pernas e retome o seu caminho; aqui é a moradia do Lorde Chamberlain e não um albergue de mendigos da sua espécie.

Mordaunt, rindo da simplicidade desta intimação, redarguiu:

— Eu? Abandonar um abrigo, com uma tempestade destas! Por quem me toma, por um parvo? Julga que me põe lá fora por bater as mãos e gritar como uma doida?

— Nesse caso, mancebo, propõe-se ficar aqui como em sua casa *volens nolens*, isto é, a despeito de tudo? — indagou Triptolemus num ar grave.

— Evidentemente! — respondeu Mordaunt — E com que direito se pode opor ao meu propósito? Não ouve o trovão e a chuva? Não vê os relâmpagos? Não sabe que esta é a única casa que existe, num raio de muitas milhas, onde possa encontrar abrigo? Vamos, meu bom senhor e minha boa senhora, os vossos gracejos poderão servir na Escócia, mas essa moeda soa mal aos ouvidos nas nossas ilhas... Deixaram extinguir o lume; estou a bater o dente com frio... Mas já vou pôr tudo em ordem.

Apoderou-se da tenaz, removeu as cinzas da lareira e deu vida a uns restos de turfa que a boa dona da casa calculara dever conservar uns germes de lume ainda por umas horas. Deitando um olhar à sua volta, descobriu a um canto a provisão de lenha, oferta do mar e dos ventos, de que Barbara se servia, pesando-a. Atirou para o fogo três grandes bocados. A lareira, pouco habituada a uma tal festa, enviou pela chaminé um volume de fumo tão grande como há muito tempo não se via em Harira.

Enquanto o hóspede importuno se punha assim à vontade sem necessidade de esperar por convite, Baby incitava o irmão a obrigá-lo a sair. Mas Triptolemus não sentia nem vontade nem coragem para tal empresa, tanto mais que a aparência robusta e o ar resoluto do desconhecido não pareciam prometer que facilmente levasse a melhor, se armasse em valentão. Baby, que primeiro emudecera ante a extrema familiaridade, a linguagem, e a atitude do mancebo, tomou a palavra por seu turno.

— Você não tem vergonha de fazer um lume desses, de se aquecer com a nossa lenha melhor? — disse ela — Não lhe serve a reles turfa; quer nada menos do que o melhor carvalho.

— A senhora obteve esta madeira barata — replicou Mordaunt vivamente — Não tem que me censurar um lume cujos materiais o mar lhe fornece de graça. Não podiam manter-se unidos debaixo dos bravos marinheiros que conduziam o navio...

— Isso é verdade — disse a mulher, tornando-se mais branda — Agora, não devem as coisas estar boas no mar. Bem, sente-se, aqueça-se e, já que o lume está aceso, aproveite-o.

— Sim, sim — apoiou Triptolemus — é um prazer ver um bom lume; ainda não me sucedeu desde que saí das Mearns.

— E tão depressa não tornaremos a ver outro — disse Baby — a não ser que arda a casa, ou que se descubra alguma mina de carvão.

O feitor acudiu num ar de triunfo:

— E porque não se havia de descobrir uma mina de carvão nas ilhas de Setland como no condado de Fife, agora que o Chamberlain tem um homem ponderado e inteligente nestes lugares para fazer as pesquisas necessárias? A pesca não é igualmente boa nas duas costas?

— Tenho que dizer-te o que penso, mano — respondeu a irmã, a quem a experiência ensinara a desconfiar das ilusórias especulações do irmão — Se metes esses belos projectos na cabeça do Lorde, não tarda que tenhamos de nos desalojar daqui. E se te falarem da descoberta de uma mina de ouro, já sei que me afianças ter moedas de Portugal (Curiosa esta referencia a Portugal) bem sonantes no teu bolso, antes do fim do ano.

— E porque não? — replicou Triptolemus — Não sabes que havia nas Órcades uma terra chamada Ofir, ou qualquer coisa parecida? E porque não teria Salomão, o sábio rei dos Judeus, mandado lá os seus servidores buscar 450 talentos nos seus barcos? Creio que acreditas na Bíblia, mana.

Como Baby se calasse, Triptolemus dirigiu-se a Mordaunt:

— O senhor verá um dia as transformações que o ouro e a prata hão-de operar, mesmo num país tão ingrato como o seu. Aposto que não conhece minas de cobre e de ferro nestas ilhas? — Mordaunt observou que ouvira falar de minas de cobre perto das rochas de Konigsburgh — Pois bem, mancebo — prosseguiu o feitor — também existem perto do lago de Swana. Mas vocês, jovens, julgam poder competir com um homem que tem a minha experiência. Baby, durante esta conversa, não cessara de observar Mordaunt de perto.

De repente, dirigiu-se ao irmão de uma maneira verdadeiramente inesperada.

— Melhor farias, Yellowley, em emprestar a este jovem roupas secas e veres o que havemos de lhe dar de comer, em lugar de nos maçares com as tuas longas histórias. E talvez este mancebo quisesse tomar um *bland* (Bebida feita de leite azedo) ou outra coisa qualquer, se tivesses a delicadeza de lho oferecer.

Triptolemus, que estava bem longe de esperar semelhante proposta, ficou estupefacto e Mordaunt respondeu:

— Encanta-me mudar de fato e de roupa branca, mas peço me desculpe: não bebo nada sem comer qualquer coisa.

Em consequência disto, Triptolemus conduziu-o a um compartimento, onde lhe deu algumas roupas; e, deixando-o só para ele se arranjar, voltou à cozinha, muito intrigado e não sabendo como explicar o extraordinário acesso de hospitalidade de sua irmã.

Triptolemus foi encontrá-la — coisa inconcebível! — a meter na panela um pato fumado que acabava de despendurar da larga chaminé onde a ave se encontrava há muito tempo com várias outras. Barbara Yellowley dizia entre dentes:

— Tarde ou cedo tinha que se comer, e porque não há-de o pobre rapaz ter a sua parte?

— Que estás a fazer, mana? — indagou Triptolemus — Um pato ao lume! Que festa celebramos hoje?

— Uma festa semelhante àquela que celebraram os israelitas livres da servidão do Egipto. Acaso não sabes quem tens em casa neste momento?

— Palavra que não — respondeu o feitor — Sei-o tanto, como reconheceria um cavalo que nunca tivesse visto.

— Mas, se não conheces quem tens em casa, conheces Tronda Dronsdaughter?

— Tronda Dronsdaughter! — exclamou Triptolemus — Como não a hei-de conhecer, se lhe pago dois pence da Escócia por dia para ela trabalhar na nossa casa.

— Pois bem, Tronda conhece perfeitamente este rapaz, já me falou dele. Chamam a seu pai o homem silencioso de Sumburgh, e dizem que traz desgraça com ele.

— Ora, tudo isso são futilidades! No que se ocupam neste país!

— Pois sim, mas és capaz de me dizer o que é que ele traz em volta do pescoço?

— Um lenço de Barcelona, que estava tão molhado como um prato que se acaba de lavar, e eu emprestei-lhe um dos meus.

— Um lenço de Barcelona! — exclamou Baby, elevando a voz e baixando-a de repente, como se temesse ser ouvida

— Falo-te de uma cadeia de ouro.

— Uma cadeia de ouro? — disse Triptolemus.

— É verdade, uma cadeia de ouro. Que é que tu julgas? Há pessoas que dizem, e Tronda é uma delas, que o rei dos Drows a deu a seu pai, o homem silencioso de Sumburgh.

— Gostaria que falasses com juízo, ou então fosses uma mulher calada. No fim de tudo isso, queres dizer que este rapaz é

o filho do rico estrangeiro de Sumburgh, e que lhe vais dar o pato que devias guardar para o São Miguel.

— Mano, devemos fazer alguma coisa por amor de Deus para criarmos amigos. E este jovem — acrescentou ela — tem uma bela figura.

Ela não estava totalmente apartada dos gostos próprios seu sexo em favor dos rapazes bonitos.

— Deixarias muitos rapazes bonitos bater à porta sem lha abrires, se eles não tivessem uma cadeia de ouro — disse Triptolemus.

— Decerto — replicou Barbara — Decerto. Gostarias de me ver desperdiçar o que temos com o primeiro vagabundo que por aí passasse num dia de mau tempo? Mas este jovem é bem conhecido e muito considerado no país. Tronda diz que ele vai casar-se com uma das filhas do rico udaller Magnus Troil. Seria, portanto, comprometer a nossa reputação e o nosso repouso despedi-lo sem o ter recebido bem, apesar de ele ter vindo sem convite.

— Que eu saiba — disse Triptolemus — a melhor maneira de receber uma pessoa em casa é não ousar dizer que se vá embora. No entanto, visto que existe nesta ilha homem de qualidade, vou mostrar-lhe com que tem que haver-se — E avançando depois para a porta, gritou:

— Heus! tibi, Dave!

— Adsum! Aqui estou — respondeu o mancebo, entrando no compartimento.

— Hem? — estranhou o erudito Triptolemus — Vejo fez as suas humanidades. Mas já te vou arranjar.

Conhece alguma coisa de agricultura, amigo?

— Palavra que só fui habituado a lavar o mar — respondeu Mordaunt — e a ceifar na crista dos rochedos.

— Lavar o mar! Fazem-se nele trilhos sobre os quais não é preciso passar a grade; quanto à sua colheita nas rochas, suponho que quer falar dessas scowries, ou como chamam às ervas que lá vão colher. O Ranzelman devia proibir esse género de colheitas. Não há nada melhor para quebrar os ossos de um pobre homem. Confesso que não concebo que prazer possa haver em estar suspenso da ponta de uma corda, entre o céu e a terra. Cá por mim, gostaria mais de que a outra ponta da corda estivesse atada a uma forca; ao menos tinha a certeza de não cair.

— Pois bem, aconselho-o a experimentar — replicou Mordaunt — Creia que há poucas situações no Mundo em que se experimentem maiores sensações do que quando se está suspenso nos ares, entre uma rocha escarpada e muito alta e um mar rugidor, preso a uma corda que parece apenas um fio de seda, e um pé apoiado numa pedra tão estreita que nem uma gaivota nela poderia pousar.

Estupefacto, Triptolemus abria grandes olhos perante a entusiástica descrição de um divertimento que muito poucos encantos tinha para ele, e sua irmã, não menos surpreendida, os olhos fixos nas animadas feições de Mordaunt, exclamou, admirando o nobre aprumo do jovem aventureiro:

— Palavra, você é um rapaz valente!

— Um rapaz valente! — acudiu Triptolemus — Diga antes, um ganso valente, a voar sem tremer por esses ares, em vez de ficar em terra firme. Mas vamos, aqui está um pato que vem mais a propósito se estiver bem cozido... Pratos e sal, mana. Mas ele deve estar bem salgado; será mais apetitoso. Julgo que os habitantes desta região são os únicos no Mundo que corram tais riscos para apanhar patos e os únicos que pensam em cozê-los.

— Oh, com certeza! — disse-lhe sua irmã — É esta hoje a primeira vez que estamos de acordo. Não se encontraria nem no condado de Angus nem nas Mearns uma dona de casa que cozesse um pato. Mas que mais nos sucede agora? — disse ela, olhando consternada para a porta — Palavra, abre-se a porta, e logo os cães não têm senão que entrar. E quem a abriu?

— Fui eu — replicou Mordaunt — A senhora não havia de querer que, por um tempo tão horrível, ficasse um pobre diabo à sua porta, que se abre tão dificilmente, ao que parece... Mas, aqui está uma coisa que nos vai servir para um bom lume — ajuntou ele, pegando num toro de carvalho com o qual se trancava a porta e atirando-o para a lareira.

A senhora Barbara apressou-se a retirá-lo, exclamando, indignada:

— Este bocado de madeira foi um presente do mar! Não tenho aqui outro igual, e trata-mo como se fosse um bocado de pinho qualquer — E volvendo-se para o recém-chegado, indagou: — Quem é você? Um mendigo arado como ainda não vi outro.

— Sou um negociante das feiras, minha senhora — respondeu o estranho que entrara a seu próprio convite, homem que tinha um aspecto grosseiro e vulgar e que parecia ser um bufarinheiro, a quem chamavam um jagger, naquelas ilhas — Nunca viajei com um tempo tão horrível — acrescentou ele — Nunca desejei tanto encontrar abrigo. Louvado seja Deus por me ter proporcionado um bom lume e uma boa guarida.

Assim falando, aproximou do lume um velho tamborete e sentou-se sem mais cerimónia.

Baby olhava-o, como o falcão olha a presa, e pensava em exprimir a sua indignação de uma maneira mais calorosa do que por palavras. O pato que estava ao lume parecia-lhe um bom pretexto, quando uma velha criada, meio morta de fome, digna companheira dos trabalhos domésticos de Baby, e que até ali se mantivera afastada em qualquer recanto da casa, entrou a coxear no compartimento e soltou uma exclamação sinistra, presságio de alguma nova desgraça.

— Ó meu patrão! Ó minha patroa! — foram as únicas palavras que durante algum tempo ela pôde articular, mas seguiram-se-lhes mais estas: — O melhor de tudo o que tínhamos em casa, sim, o melhor de tudo o que aqui se encontrava!... Mas eis a velha Norma de Fitful-head, a mulher mais temida destas ilhas.

— De onde vem ela? Onde podia ter estado? — perguntou Mordaunt, que parecia partilhar em parte a surpresa, se não o medo, da velha criada — Mas é inútil fazer esta pergunta. Quanto pior está o tempo, mais probabilidades há de encontrá-la em viagem.

— E que vem fazer aqui essa mendiga? — exclamou Baby, que atingira quase o desespero, ao ver chegar sucessivamente tantos estranhos — Eu porei termo às suas digressões, garanto-lhes, se no peito de meu irmão bater um coração de homem e se em Scalloway houver um par de algemas.

— O ferro que lhe há-de servir de algemas ainda não foi forjado — disse a velha serva — Ei-la! Ei-la! Por amor de Deus, falem-lhe com doçura e delicadeza, de contrário será o dilúvio.

Mal acabava de falar, uma mulher, tão alta que a touca tocava a verga da porta, entrou na sala fazendo o sinal da cruz e pronunciando em voz solene estas palavras:

— Que a bênção de Deus e de São Ronald desça sobre aqueles cuja porta está aberta, e que a sua maldição e a minha recaiam sobre o avarento que tem a mão fechada!

— E quem é você, que tem o atrevimento de abençoar e amaldiçoar em casa dos outros? De que terra vem, você que tenta perturbar o sossego das pessoas em sua casa, de maneira a não as deixar tranquilas a servir o céu e a conservar o pouco que Deus lhes deu, sem serem atormentadas por importunos vadios e vagabundos dos dois sexos, que chegam em fila como um bando de patos bravos?

O leitor inteligente já adivinhou que foi a senhora Barbara quem pronunciou este discurso, e não se pode calcular que efeito ele produziu na mulher que acabava de entrar; porque a velha criada e Mordaunt dirigiram-se ao mesmo tempo para a recém-chegada, a fim de evitar a explosão do seu ressentimento. A primeira falou-lhe em língua *norse*, num ar suplicante; o segundo disse-lhe em inglês:

— São estrangeiros, Norna, e não conhecem o seu nome nem a sua qualidade. Não conhecem tão-pouco os usos do país; por isso lhes devemos perdoar a sua falta de hospitalidade.

— Eu não deixo de ser hospitaleiro, mancebo — acudiu Triptolemus — *Miseris succurrere disco*. O pato que devia ficar pendurado até ao São Miguel está agora a ferver na panela para si. Mas, dentro em pouco, serão vinte bocas que o devorarão até à última pena. É preciso pôr ordem nisto.

— Que é que é preciso meter na ordem, vil escravo? — exclamou Norna, volvendo-se para ele num ar irado que o fez estremecer — A quem pretendes tu meter na ordem! Traze para aqui, se quiseres, as tuas relhas de arado de nova invenção, os

teus animais e as tuas grades de lavoura, transforma, se quiseres, as alfaías e os instrumentos dos nossos pais, desde a charrua à armadilha de caça; mas fica sabendo que vives numa terra outrora conquistada pelos campeões de louros cabelos do Norte, e deixa-nos ao menos sua hospitalidade, para mostrar que descendemos de avoengos nobres e generosos. Eu te digo, toma cuidado: enquanto Norna, do alto de Fitful-head, vigiar o imenso oceano, não faltarão a este país meios de defesa. Se os homens de Tule deixaram de ser campeões e de preparar banquetes para os corvos, as mulheres não esqueceram a arte que fazia delas as rainhas e as profetisas de outrora. A mulher que pronunciava esta apóstrofe singular tinha um aspecto tão notável quão altiva e extravagante era nas suas pretensões e na sua linguagem. Considerando as suas feições, a sua voz e a sua estatura, ela representaria perfeitamente qualquer daquelas pitonisas que levavam os antigos godos à batalha. Suas feições eram nobres e regulares, e poderia passar por bela se não fossem os estragos do tempo e das intempéries; a idade e talvez os desgostos tinham amortecido um pouco o fogo dos seus olhos, cujo azul era tão sombrio como o da noite; parte dos cabelos que se soltara da touca e que a violência do temporal pusera em desalinho, começava a tomar um tom de neve. A água escorria do seu vestido, de uma fazenda grosseira cor de castanha, chamada *wadmaal*, então muito em voga na Islândia e na Noruega. Mas, tirando esse vestido, ou, para melhor dizer, essa espécie de manto, ela mostrou uma pequena jaleca de veludo azul-escuro, à qual se unia um corpete carmezim bordado a prata, um pouco desbotado. Guarneciam-lhe a cintura enfeites de prata, modelados em forma de signos planetários. O seu avental, com um bordado no mesmo género, encobria uma saia carmezim. Usava calçado muito grosso de couro meio cortido da região e atado por cima das meias escarlates com correias que faziam lembrar os burzeguins dos antigos romanos. Via-se à sua cinta uma arma difícil de classificar e que, segundo a imaginação do espectador que nela visse uma sacerdotisa ou uma feiticeira, podia passar por uma faca dos sacrificios ou por um punhal. Trazia na mão uma vara esquinada em quatro faces, na qual estavam gravadas as figuras e os caracteres que formam um desses calendários portáteis e Perpétuos de que se serviam os antigos escandinavos, e que, aos olhos dos supersticiosos, poderia passar por uma vara divinatória.

Tais eram o traje, o aspecto e as feições de Norna de Fitful-head, que parte dos habitantes da ilha tratava com deferência, parte com receio, e quase todos olhavam com uma espécie de respeito.

Esta Norna, uma das mulheres que o povo julgava relacionada com espíritos imateriais, descendia de uma família que desde tempos imemoráveis tivera pretensões a um dom tão extraordinário. Fora em honra do seu poder sobrenatural que ela tomara o nome de uma das três irmãs incumbidas pelo Destino, segundo a mitologia nórdica, a tecer a trama da vida dos homens. Ela e os seus parentes tinham grande cuidado em ocultar o nome que lhe fora dado no baptismo, pois a superstição atribuíra fatais consequências à descoberta desse nome. A única dúvida que subsistia ainda a seu respeito, era saber se ela adquirira por processos legítimos o poder que se lhe atribuía. Nos nossos dias, poder-se-ia suspeitar de que ela enganava os outros, fazendo-lhes crer que possuía realmente luzes sobrenaturais. O facto é que exercia a sua arte com tanta confiança em si própria, com tal dignidade no porte, com tal força de linguagem e de expressão, enfim, com tal energia, que seria difícil ao maior céptico duvidar da sinceridade do seu entusiasmo, apesar do sorriso que lhe provocariam as suas pretensões.

VI

A MULHER QUE VENCEU a TEMPESTADE

Se foi o teu poder que revolveu as ondas,

O teu poder que as acalme

SHAKESPEARE, «A TEMPESTADE»

A tempestade abrandara um pouco o seu furor antes da chegada de Norna; de contrário, ter-lhe-ia sido impossível romper caminho. Mas apenas ela entrara no compartimento, apenas se reunira, de maneira tão imprevista, ao grupo que as circunstâncias e o acaso ali juntara — o furacão retomou a sua primitiva força com tal violência que os que se encontravam naquela casa temeram que o edifício desabasse sobre as suas cabeças.

A senhora Baby exprimiu os seus terrores por meio destas exclamações:

— Que o Senhor nos proteja! Este dia é com certeza o último dos dias! E tu, velho doido — ajuntou, voltando-se para o irmão, com aquele azedume que revelava em todas as ocasiões — que necessidade tinhas de deixar aquela boa terra das Mearns, para vir para um país, onde descarados mendigos e vagabundos sem vergonha assaltam a nossa casa, ao mesmo tempo que o céu nos ameaça lá fora?

— Paciência, mana Baby, paciência — respondeu Triptolemus — Isto há-de mudar, tudo isto melhorará, excepto — acrescentou ele, entre dentes — o humor rabujento de uma mulher maldosa, que agrava o rigor do temporal.

Entretanto, a velha serva e o bufarinheiro esgotavam as suas súplicas junto de Norna; mas como falavam em língua *norse*, o dono da casa não compreendia nem uma palavra.

Norma escutava-os, num ar desdenhoso e impassível.

Por fim, quebrou o silêncio.

— Não — disse ela em voz alta e em inglês — Não, não faço nada. Que importa que esta casa não ofereça aos olhares mais do que um montão de ruínas, antes que nasça outro dia! Que necessidade tem o Universo do maluco dos projectos e da velha avarenta que nela moram? Vieram às nossas ilhas para reformar os nossos usos; que saibam o que é uma das nossas tempestades! Quem não quiser perecer, que saia desta casa!

Nesse instante, o bufarinheiro pegou no seu alforje e começou a atá-lo, diligente, aos seus ombros; por seu turno, a velha criada cobriu a cabeça com o seu manto, e ambos pareciam preparar-se para sair daquela casa!

Triptolemus Yellowley, um pouco inquieto perante aquelas disposições, perguntou a Mordaunt Mertoun, gaguejando, numa voz que denunciava a sua turbação, se acreditava que houvesse algum perigo, ou melhor, tanto perigo.

— Não o sei dizer — respondeu o mancebo — Creio que nunca vi uma tempestade semelhante. Norma pode melhor do que ninguém dizer-nos quando se acalmará, pois ninguém nestas ilhas conhece tão bem o tempo como ela.

— E é tudo do que julgas Norna capaz? — disse a sibila — Vais saber que o seu poder não é tão limitado. Escuta, Mordaunt, mancebo vindo de uma terra estrangeira, mas cujo coração é humano! abandona, com os que se preparam para sair, esta casa condenada.

— Não faça isso, Norna — replicou o jovem — Não sei porque motivo me dá esse conselho, mas essas ameaças sinistras não me levarão a abandonar uma casa onde fui bem acolhido durante uma tempestade tão aterradora. Se os proprietários são alheios aos nossos usos de hospitalidade sem limites, devo-lhes no entanto gratidão por terem alterado os seus costumes em meu benefício, e por me terem aberto a porta.

— Eis um bom rapaz! — exclamou a senhora Baby, a quem as ameaças da pretensa feiticeira tinham despertado ideias supersticiosas, mas que, através de um carácter azedo, egoísta e irritante, deixava por vezes entrever résteas de sentimentos mais elevados que a habilitavam a apreciar o desinteresse e a generosidade dos outros, embora achasse esses sentimentos

demasiado caros para os adoptar à sua custa — Eis um belo rapaz — repetiu ela — Merecia dez patos, e dar-lhos-ia cozidos ou corados, se os tivesse.

Garanto que está aqui o filho de um homem bem nascido e não de um labrego.

— Segue o meu conselho, jovem Mordaunt — disse Norma — e deixa esta casa. O destino fixou em ti as suas altas vistas. Não deves ficar sob este tecto inóspito para não sufocares nas suas ruínas com os seus indignos moradores.

— Eu... Eu ... Eu vou sair — disse Yellowley, que, a despeito das suas fumaças de erudição e sabedoria, começava a sentir-se agitado pela mais viva inquietação; porque o edificio era velho e o vento abalava as paredes de uma maneira terrível.

— Mas porquê? — inquiriu a irmã — Creio que o príncipe das forças dos ares não tem tal poder sobre aqueles que Deus criou à sua imagem, e que uma boa casa não cai sobre as nossas cabeças, só porque uma zaragateira (lançou um olhar irado à mulher) se gaba de a fazer desabar e tenta aterrar-nos com as suas objurgatórias, como se fôssemos obrigados a arrastarmos-nos como cães a seus pés.

— Eu só ia lançar uma vista pela cevada que o temporal derrubou — disse Triptolemus, envergonhado do movimento que esboçara para sair — Mas esta bondosa mulher quer ficar junto de nós; creio que o melhor é sentarmo-nos todos tranquilamente e esperar que o tempo mude.

— Bondosa mulher! — repetiu Baby — Dize antes uma ladra — E dirigindo-se directamente a Norma — Vá-se embora, vadia, saia imediatamente de uma casa honesta, eu dou licença que me enxovalhem o nome, se não lhe atirar com esta grelha à cabeça!

Norma lançou-lhe um olhar de soberano desprezo. Depois avançou até à janela, começou a contemplar o céu e pareceu profundamente absorta nas suas meditações. Entretanto, a velha criada Tronda abeirou-se da patroa e suplicou-lhe, em nome de tudo o que homem e mulher podem considerar mais sagrado, que não tornasse a provocar Norma de Fitful-head.

— A senhora não encontra em toda a Escócia mulher que se lhe compare. É capaz de viajar numa dessas nuvens, com tanta facilidade como um homem num desses cavalos dos campos.

— Hei-de viver o tempo suficiente — respondeu-lhe a patroa — para a ver a cavallo no fundo de uma barrica de pez. Essa é que é a montada que lhe convém.

Norna lançou de novo sobre Baby aquele olhar de desprezo que o seu rosto sabia exprimir tão bem, e tornando a voltar-se para a parte da janela que fica a nordeste, de onde o vento parecia soprar com fúria, permaneceu algum tempo de braços cruzados e olhos fixos no céu cor de chumbo. Contemplava aquele espectáculo num ar de quem parecia familiarizada com a guerra dos elementos; no entanto, a severa serenidade das suas faces tinha qualquer coisa de terrível, e impunha-se por um quê de autoritário.

A atitude dos hóspedes de Triptolemus exprimia as suas diferentes sensações. Mordaunt, sem estar indiferente ao perigo, experimentava mais curiosidade que receio: ele ouvira falar do poder que se atribuía a Norna sobre os elementos, e esperava aquela ocasião para ajuizar por si próprio. Triptolemus estava desconcertado com o que lhe parecia ultrapassar os limites da filosofia; e para dizer a verdade, o digno agricultor tinha ainda mais medo que curiosidade. Quanto a sua irmã, era difícil de destrinçar se os seus lábios contraídos denunciavam cólera ou medo. O bufarinheiro e a velha Tronda, na certeza de que a casa não desabaria enquanto Norna lá estivesse, mantinham-se prontos a partir no momento em que a vissem dirigir-se para a porta.

Depois de ter passado algum tempo a contemplar o céu, sem mudar de atitude, e no mais profundo silêncio, de repente Norna, num gesto majestoso e lento, estendeu a vara de carvalho negro para o lado dos céus de onde o vento soprava com mais violência e, enquanto ele mostrava todos os seus furores, começou a cantar uma invocação norueguesa, que se conserva ainda na ilha de Uist, sob o título de cântico de Reim Kennar, embora alguns lhe chamem o cântico da tempestade. Apenas damos aqui uma imitação, porque seria impossível traduzi-lo literalmente, dadas as elipses e as metáforas próprias da antiga poesia do Norte.

Poderosa águia do norte, que lanças o trovão,

Tirano do mar e dos céus,

Que, em voo impetuoso,

Agitas o Oceano e fazes tremer a terra;

Embora causes mais terror

Que os rugidos do mar irado,

Apesar da tua raiva cega e da tua pressa louca,

Ordeno-te: escuta-me.

Demasiado e longamente, em tua fúria selvática,

Causastes desgraças aos humanos:

Tantas viúvas, tantos órfãos suplicam

Um pai, um esposo, à tua cólera!

Cessa de espalhar o terror.

No arsenal de Odin guarda o teu trovão;

Deixa em paz o Oceano; não perturbes mais a terra;

Acalma-te, é Norna quem o ordena.

Mordaunt amava apaixonadamente a poesia e os locais românticos. Não é pois de admirar que ele escutasse com interesse os cânticos selvagens assim dirigidos pela sibila ao mais impetuoso dos ventos, num tom do mais intrépido entusiasmo. Mas, embora tivesse ouvido falar muito de versos rúnicos e de encantamentos do Norte num país onde vivia há tanto tempo, não levou nesse momento a sua credulidade até ao ponto de acreditar que a tempestade, que principiava então a acalmar, fora subjugada pelo sortilégio de Norna. Decerto, o furacão parecia afastar-se; o perigo tinha passado; mas não seria provável que a pitonisa já tivesse previsto há algum tempo aquele acontecimento, por meio de indícios imperceptíveis aos que não viviam há muito no país, ou não tinham prestado atenção aos fenómenos meteorológicos? No entanto, a figura majestosa e o rosto da feiticeira meio oculto pela sua cabeleira em desalinho, a nobreza do seu porte e o tom de ameaça e de autoridade com que se dirigia ao espírito invisível da tempestade, quase o obrigaram a dar crédito ao ascendente de uma arte oculta capaz de dominar as forças da Natureza.

Quanto aos outros espectadores, o seu espírito era mais susceptível de credulidade. Tronda e o bufarinheiro estavam de há muito persuadidos de toda a extensão do poder de Norna sobre os elementos. Mas o feitor e sua irmã entreolharam-se num ar surpreso e alarmado, sobretudo quando o vento principiou a abrandar sensivelmente, o que se tornava especialmente notável durante as pausas que Norna abria entre as estrofes do seu canto mágico. A última fora seguida de um longo silêncio; e depois ela recomeçou a cantar, mas num tom mais doce e com outra melodia:

Então, não me ouviste?

Sim, fechas as tuas asas;

E no antro obscuro de um rochedo,

À minha ordem, te vais ocultar.

Quero que durmas em paz.

E quanto à Natureza

O horrído destino queira outra ferida fazer,

Permitirei que despertes.

Norna voltou-se como se adivinhasse os pensamentos dos donos da casa; e talvez os tivesse adivinhado. Passou por eles, lançando-lhes um olhar desdenhoso; e, avançando para a mesa, na qual já estavam os preparativos do repasto frugal de *miss* Barbara, pegou numa bilha de barro que continha um líquido ligeiramente ácido, chamado *bland* e, enchendo uma escudela de madeira, tirou um pedaço de pão de centeio. Depois de ter comido e bebido, voltou-se para os seus hóspedes e apostrofou-os:

— Não lhes agradeço a merenda que acabo de tomar, porque não ma ofereceram; e agradecimentos a entes grosseiros e avaros são como o orvalho do céu que cai nas rochas de Fonlah, onde nada há que possa aproveitá-lo. Não, não lhes agradeço — repetiu ela. E tirando da algibeira uma larga bolsa de couro que parecia bastante pesada, ajuntou: — Pago-lhes, pois o estimam mais do que os agradecimentos de todos os habitantes de Hialtland. Não digam que Norna de Fitful-head partiu o vosso pão, tocou com os lábios a vossa bebida, e que vos causou o desgosto dessa despesa.

Assim falando, pôs em cima da mesa uma pequena moeda antiga que tinha a efígie grosseira e meio apagada de algum remoto rei do Norte.

Triptolemus e sua irmã protestaram com veemência contra aquele acto de liberalidade, o agricultor alegando que não tinha cabaré nem estalagem, e sua irmã gritando:

— Esta mulher é doida? Quem já ouviu dizer que a nobre casa de Clinkscale deu comer em troca de dinheiro?

— Ou por caridade... — murmurou seu irmão entre dentes — não o esqueças, mana.

— Que estás para aí a murmurar, velho rabugento? — disse-lhe a amável irmã que desconfiava do que ele queria dizer. — Devolve à dama a sua moeda, que está contente de se ter desembaraçado dela. Amanhã de manhã, está transformada num bocado de pedra ou coisa pior.

O honesto feitor agarrou no dinheiro para o entregar a Norna; mas não pôde dissimular o seu espanto quando viu o cunho, e passou-a à irmã, com mão trémula.

— Sim — disse a pitonisa, como se pudesse penetrar os pensamentos e as causas do espanto de uma e de outro — vocês já viram essa moeda. Tomem cuidado com o uso que vão fazer dela! Não aproveita às almas cobardemente votadas ao sórdido amor do lucro. Foi ganha, correndo perigos veneráveis, e tem que ser gasta com uma liberalidade igualmente venerável. O tesouro escondido num lar, tal como o talento fugido da Escritura, deporá um dia contra os seus avaros possuidores.

A misteriosa obscuridade destas palavras pareceu levar ao mais alto grau o alarme e a surpresa de Baby e do irmão. Balbuciou este algumas palavras, convidando Norna a jantar e mesmo a passar a noite em sua casa.

— Não como nem durmo aqui — replicou ela — Mas não basta desembaraçar-vos da minha presença; quero também livrar-vos dos hóspedes que vos desagradam. E dirigiu-se ao mancebo: — Mordaunt, a tempestade acabou, e teu pai espera-te ainda esta noite.

— Vai para o mesmo lado? — perguntou-lhe Mordaunt — É só comer qualquer coisa, e vou consigo, boa mãe. Os ribeiros trasbordaram e o caminho deve estar perigoso.

— Nós não seguimos pelo mesmo caminho — respondeu a sibila — Norna não precisa do braço de nenhum mortal para a ajudar. Chamam-me ao longe, a leste, entes que aplanem o caminho que eu devo seguir — Depois, dirigindo-se ao bufarinheiro: — Quanto a ti, Bryce Snailsfoot (Pé de Caracol), apressa-te a alcançar Sumburgh, que uma boa colheita te está preparada. Muitas mercadorias aí vão procurar novos donos, e o marinheiro, profundamente adormecido nos abismos do Oceano, pouco se importa agora com os fardos e as caixas que as ondas arremessam à costa.

— Não, não, boa mãe — respondeu Snailsfoot — não desejo a morte a ninguém para meu proveito; limito-me a agradecer à Providência os benefícios que me concede no meu pequeno negócio. No entanto, é bem certo que a perda de uns é o ganho de outros; e, como os temporais devastam tudo na terra, é bastante justo que nos enviem alguma coisa pelo mar. Por isso vou, como já o fez, boa mãe, tomar a liberdade de tirar um pedaço de pão de centeio e um copo de *bland*, depois do que, dando os bons dias e agradecendo ao bom cavalheiro e à boa dama, parto para Jarlshof.

— Sim — disse a pitonisa — as águias acodem onde haja mortandade; e onde a tempestade leva despojos, o bufarinheiro não deixa de comparecer, tão ávido de aproveitar os desperdícios como o tubarão de devorar os cadáveres.

Esta espécie de censura, se foi feita com intenção, pareceu ficar acima da inteligência do vendedor ambulante, que, todo preocupado com as esperanças de lucro, agarrou o seu alforge com a vara que lhe servia de medida e de bengala, e perguntou a Mordaunt, naquele tom de familiaridade tolerado em países pouco civilizados, se não queria voltar a Jarlshof na sua companhia.

— Vou jantar primeiro com o senhor Yellowley e miss Baby — respondeu o jovem — Estarei a caminho dentro de meia hora.

— Nesse caso — disse o bufarinheiro — vou comendo pelo caminho.

E, sem mais cerimónia, apoderou-se do que, aos olhos interessados de Baby, pareceu ser dois terços do pão, deitou *bland*, na mesma proporção, e depois de apanhar uma escudela de madeira cheia de pequenos peixes chamados *sillocks*, que a criada acabava de pôr na mesa, deixou o compartimento e a casa.

— Que fome e que sede a deste bufarinheiro! — exclamou a senhora Baby — E é assim que se cumprem neste país as leis contra os vagabundos?... Aí vem o pato, o pobrezinho.

Pronunciou estas últimas palavras num ar de ternura pelo pato fumado. Mordaunt desatou a rir, tomou um assento e voltou-se para ver onde estava Norna; mas esta tinha desaparecido do compartimento, enquanto o bufarinheiro se apoderava das suas provisões.

— Sinto-me bastante aliviada por ela se ter ido embora, a velha rabujenta — disse a senhora Baby — embora ela tenha deixado esta moeda que será para nós uma vergonha eterna.

— Chiu! Chiu! Minha senhora, por amor de Deus! — exclamou em voz baixa Tronda Dronsdaughter — Quem sabe se ela não está presente? Não temos a certeza de que não nos possa ouvir, embora não a possamos ver. A senhora Baby estremeceu e relanceou os olhos à sua volta; mas, recompondo-se logo, pois era tão naturalmente corajosa como rabujenta e exaltada, exclamou:

— Não a defrontei com ela presente? Também a enfrento agora, pouco me importando que me veja ou que me oiça, que esteja perto ou que esteja longe. E tu — dirigiu-se ela ao pobre Yellowley — para que são esses olhos tão abertos? Tu, que estudaste em Santo André, que aprendeste latim e humanidades, segundo dizes, tu deixaste-te intimidar pelos desatinos de uma velha mendiga! Dize o teu *benedicite*, e quer ela seja bruxa ou não, não deixaremos de comer o nosso jantar. Quanto à sua moeda de prata, não sairá do meu bolso. Farei presente dela a qualquer pobre, isto é, deixo-a em testamento, depois da minha morte; e até lá, ficará no mealheiro, e não podem dizer que me sirvo dela. Bem, senhor Yellowley, dize o teu *benedicite* e jantemos.

— A senhora faria melhor em rezar um *oremus* a São Ronald e em atirar uma moeda de seis *pence* por cima do ombro esquerdo — sugeriu Tronda.

— Para tu a apanhares, amiga? — replicou a implacável senhora *Baby* — *Ainda* há-de decorrer muito tempo antes que tu sejas capaz de ganhar essa quantia de outra forma. Vamos para a mesa, Triptolemus, e não pensemos mais naquela velha maluca.

— Maluca ou não — replicou Yellowley, bastante desconcertado — sabe mais do que eu desejaria. É prodigioso ver uma tempestade acalmar-se à voz de uma mulher de carne e osso como nós; e depois, o que ela disse da pedra do lar... Não posso deixar de pensar...

— Se não podes deixar de pensar — acudiu Baby em tom azedo — podes, pelo menos, deixar de falar.

O agricultor não retorquiu. Sentou-se à mesa e fez, com uma cordialidade *que* não lhe era peculiar, as honras da mesa ao seu jovem comensal. Os *sillocks* desapareceram num instante, o pato fumado teve a mesma sorte, de maneira que Tronda, *que* esperava roer os ossos, achou a tarefa feita ou pouco menos. Depois do jantar, o anfitrião pôs uma garrafa de aguardente em cima da mesa; mas Mordaunt, que era por hábito quase tão sóbrio como o pai, aproveitou com extrema moderação este último dom da Hospitalidade.

Durante o repasto, a conversa girou muito à volta dele e de seu pai, e Baby ficou tão encantada com os pormenores em que ele entrou, que nem quis que ele tornasse a vestir os fatos húmidos e até insistiu por que ficasse até ao dia seguinte, arriscando-se a juntar a despesa de uma ceia a todas as que o dia já lhe tinha ocasionado. Mas as palavras de Norna tinham criado no rapaz o desejo de regressar a casa do pai; e, aliás, aquela casa, a despeito da hospitalidade com que o distinguiram, nada lhe oferecia que o pudesse tentar muito a ficar ali mais tempo. Conservou, pois, as roupas que o feitor lhe emprestara, prometeu enviar-lhas e receber as suas em troca, despediu-se por fim muito delicadamente do anfitrião e da senhora Baby. E esta, embora pesarosa pela perda do seu pato não pôde deixar de pensar que, visto que tarde ou cedo havia de ser comido, valera mais a pena comê-lo na companhia de um mancebo tão simpático e tão amável.

QUANTO CUSTA SALVAR ALGUÉM

O Oceano *enraivecido nada deixa em meio,*

Devora de uma vez amigo e inimigo

Seu estômago faminto de fartura,

Oferece aos marinheiros morte e sepultura

CANÇÃO ANTIGA

Eram umas boas dez milhas escocesas de Stourburgh a Jarlshof, e, embora o nosso jovem caminheiro não encontrasse todos os obstáculos que atrapalham Tam O'Shanter (um dos heróis mais populares de Burns, obrigado a arrear caminho, perseguido por estranhas aparições) — porque num país onde não há sebes nem muros, não pode haver brechas nas muralhas, nem barreiras — no entanto, devido aos enormes charcos, viu-se obrigado a fazer grandes desvios e só chegou ao castelo *pelas onze* horas da noite. A calma e a obscuridade reinavam em volta da casa de seu pai e só depois de assobiar três vezes é que Swertha respondeu ao sinal.

— Quem está aí a esta hora? — perguntou ela.

— Sou eu — respondeu o mancebo.

— E porque não entra? A porta está só fechada no trinco. Na chaminé da cozinha ainda há lume. Estão fósforos ao lado, pode acender a vela.

— Obrigado — replicou Mordaunt — Mas eu queria saber como vai o meu pai.

— Como de costume. Perguntou por si, o bom homem. O senhor faz longas ausências e volta muito tarde.

— A hora sombria já passou, Swertha?

— Felizmente, já. O senhor Mertoun está de tão bom-humor quanto possível! Falei-lhe ontem por duas vezes, sem que ele me tivesse falado primeiramente. Da primeira respondeu-me tão delicadamente como o senhor o faria; da segunda, disse-me que não o atormentasse. Pensei depois que o número três é de bom agouro, e aventurei-me a falar-lhe de novo: chamou-me velha linguareira do inferno, mas sem se zangar, quase com delicadeza.

— Bem, bem, Swertha, mas levante-se e dê-me qualquer coisa de comer, porque jantei muito pouco.

— Com certeza que foi parar a Stourburgh, a casa desses recém-chegados; porque não havia outra casa na ilha onde não lhe dessem o melhor bocado do que tivessem do melhor. Encontrou Norna de Fitful-head em algum sítio? Ela ia esta manhã a Stourburgh e voltou esta tarde à aldeia.

— Voltou! Diz você! Como podia ela percorrer mais de três léguas em tão pouco tempo?

— Quem é que sabe de que forma ela viaja? Ouvi-a com os meus próprios ouvidos dizer ao *Ranzelman* — que mencionava ir a Burgh-Westra falar a Minna Troil, mas que vira em Stourburgh o que desejava ver e por isso voltara à nossa aldeia. Mas entre, vá à cozinha que lá encontrará de ceiar; o bufete não está vazio e muito menos fechado; pois, apesar de o patrão ser um estrangeiro, não tem os cordões da bolsa muito apertados, como diz o *Ranzelman*.

Mordaunt entrou na cozinha, onde Swertha se apressou a preparar-lhe com cuidado uma ceia abundante, embora simples, que o compensou da mesquinha hospitalidade com que fora recebido em Stourburgh.

No dia seguinte de manhã, uns restos da fadiga experimentada na véspera fizeram-no ficar na cama mais tempo que de costume, de maneira que, contra os seus hábitos, encontrou seu pai no aposento onde se comia, e que servia para tudo, excepto para dormir ou cozinhar. O filho cumprimentou o pai, sem pronunciar palavra, e esperou que ele se lhe dirigisse.

— Não estiveste cá ontem, Mordaunt? — observou o pai.

A ausência de Mordaunt fora de uma semana, ou mais; mas já notara mais de uma vez que seu pai parecia não reparar nisso, quando estava a contas com as suas crises de melancolia, por isso respondeu simplesmente que sim à sua pergunta.

— E creio que estavas em Burgh-Westra?

— Sim, meu pai.

Mertoun guardou silêncio por algum tempo, passeando no aposento a passo grave. Dirigiu-se de repente a seu filho, num tom que se parecia com uma interrogação:

— Magnus Troil tem duas filhas; devem estar agora no que se chama a melhor idade das mulheres, e, por esse motivo, acham-nas encantadoras.

— Assim é, geralmente, meu pai — respondeu Mordaunt, um pouco surpreendido de ouvi-lo pedir informações de duas pessoas de um sexo com o qual se supunha que ele pouco se preocupava; mas a sua surpresa aumentou muito mais com a pergunta seguinte, que lhe foi dirigida menos bruscamente que a primeira:

— Qual delas achas mais bonita?

— Eu, meu pai — respondeu Mordaunt com certo espanto, mas sem contudo parecer embaraçado — não estou realmente em estado de o ajuizar. Nunca pensei avaliar qual delas é mais bela; em minha opinião, ambas são muito interessantes.

— Iludes a minha pergunta, Mordaunt. Talvez eu tenha uma razão especial para te pedir opinião a esse respeito. Não estou habituado a desperdiçar as minhas palavras em vão. Portanto, pergunto-te novamente qual das duas filhas de Magnus Troil achas mais bela?

— Realmente, meu pai, sinto-me tentado a acreditar que está brincando, ao fazer-me essa pergunta.

— Rapaz! — disse Mertoun, cujos olhos lampejaram de impaciência — Eu nunca brinco. Quero uma resposta às minhas perguntas.

— Pois bem, meu pai, dou-lhe a minha palavra de honra que me é impossível pronunciar-me entre elas. São ambas muito bonitas, embora diferentes uma da outra. Minna é morena, mais grave que sua irmã, mais séria, mas, nem taciturna nem sombria.

— Hum! — replicou o pai — Tu foste criado com austeridade, e essa Minna, suponho eu, é a que mais te agrada.

— Não, meu pai, não posso preferi-la à irmã; Brenda é alegre como um cordeiro em manhã de Primavera, E mais pequena que sua irmã, mas tão bem feita e dança tão bem!...

— Qual é a mais própria para distrair um rapaz que vive numa casa triste com um pai melancólico?

Mordaunt limitou-se a responder mais uma vez que as duas jovens eram igualmente admiráveis e que nunca lhe passara pela cabeça apreciar menos uma que a outra; que não podia descobrir uma excelente qualidade numa, que não fosse contrabalançada na outra por alguma coisa de igualmente apreciável.

É possível que Mertoun não se contentasse com as explicações que o filho acabava de dar-lhe de uma maneira tão fria; mas Swertha entrou nesse momento com o almoço. Sentaram-se à mesa, e Mordaunt, embora tivesse ceado bastante tarde na véspera, recebeu este repasto com um apetite que devia convencer o pai de que o almoço era para ele mais importante do que o assunto da recente conversa, e que nada mais tinha a acrescentar às respostas que já dera. O senhor Mertoun permaneceu por algum tempo de olhos fixos no filho, que não se ocupava senão com o almoço. Não se distraía, nem parecia desconfiar de que era observado. Tudo nele era franco, natural e desassombrado.

«O seu coração ainda não se deixou surpreender — disse Mertoun consigo — Tão jovem, tão vivo, com a sua imaginação, com um aspecto tão agradável e um rosto tão sedutor, é estranho que, na sua idade e na sua posição, tenha escapado até agora às ciladas em que todos os homens, sem excepção, se deixam cair.

Quando o almoço acabou, o senhor Mertoun, em lugar de propor, como de costume, a seu filho, que esperava as suas ordens, ocuparem-se do estudo e de uma parte da sua educação, pegou no chapéu e na bengala e convidou-o a acompanhá-lo num passeio ao promontório de Sumburgh. daquelas alturas, dizia ele, contemplariam o Oceano, que ainda devia estar muito agitado, após a tempestade do dia anterior. Mordaunt estava na idade em que de boa mente se trocam as ocupações sedentárias por um exercício activo.

Ergueu-se, sem hesitar, à ordem de seu pai, seguiu-o e, ao cabo de alguns minutos escalavam ambos a montanha, cuja vertente, do lado de terra, era longa, escarpada e coberta de algumas ervas, mas que, para o lado do mar, descia numa ladeira tão abrupta que atemorizava a vista como um precipício.

O tempo estava delicioso; não corria outra aragem senão a necessária para impelir brandamente algumas nuvens errantes, aqui e além, no horizonte. Cambiantes fugitivos de sombra e luz sucediam-se como se brincassem pelos vastos paus, pelas rochas e pelos braços de mar, cujo círculo ia aumentando, consoante avançavam para o topo do promontório.

Inúmeras vezes se deteve o senhor Mertoun para contemplar este panorama, e seu filho julgava que ele fazia estas pausas só para desfrutar melhor o espectáculo; mas quando subiam mais e se aproximavam do cimo do rochedo, Mordaunt notou que a sua respiração se tornava mais precipitada e a marcha mais incerta e difícil. Colocou-se ao lado dele e, em silêncio, ofereceu-lhe o apoio do seu braço; era ao mesmo tempo uma atitude de deferência para com a velhice e a expressão da sua ternura filial. Mertoun aceitou-o sem dizer palavra, e apoiou-se nele por alguns minutos; mas, não teriam dado uma centena de passos, Mertoun repeliu o filho subitamente, para não dizer brutalmente; e, como se uma repentina recordação lhe reanimasse as forças, começou a subir a montanha num passo tão precipitado que Mordaunt, por seu turno, teve que empregar algum esforço para o seguir. Conhecia a singularidade do carácter de seu pai; fugazes, mas numerosas circunstâncias lhe tinham demonstrado que ele não o estimava, apesar do cuidado que tinha com a sua educação; mas nunca essa convicção se arreigara tanto no seu espírito como no momento em que seu pai recusara com tanta brusquidão aqueles cuidados que quase todas as pessoas um pouco avançadas na idade recebem, com prazer, de pessoas que por vezes mal conhecem, numa homenagem tão agradável como natural. Contudo, Mertoun não pareceu reparar na impressão que a sua dureza produzira no filho. Deteve-se numa espécie de plataforma que acabavam de atingir, e dirigiu-se a Mordaunt nos termos seguintes, num tom de indiferença que, de certo modo, parecia afectado:

— Mordaunt, visto que tens tão poucos motivos para ficar nestas ilhas selvagens, suponho terás algum desejo de ver um pouco mais do Mundo.

— Palavra, meu pai, que não posso dizer que tenha pensado nisso.

— E porque não, meu filho? Creio que seria uma coisa bem natural da tua mocidade. Quando eu tinha a tua idade, toda a extensão da Grã-Bretanha, tão bela e variada como é, não chegou para satisfazer a minha imaginação e os meus desejos; muito menos me satisfaria um país acanhado e rodeado, por todos os lados, de mar o que não apresenta à vista senão musgo e turfa.

— Nunca pensei em deixar estas ilhas, meu pai; sou feliz aqui; tenho cá amigos; e o senhor, mesmo o senhor sentiria a minha ausência. A menos que...

— Não me queiras convencer — interrompeu o pai bruscamente — que é por minha causa que ficas ou pretendes ficar aqui.

— E porque não, meu pai? — replicou o jovem, com doçura — É o meu dever, e julgo tê-lo cumprido até agora.

— Ah, sim, o teu dever! O teu dever — repetiu Mertoun no mesmo tom de voz — como o do cão que segue o criado que o alimenta.

— E não o segue ele? — disse Mordaunt.

— Sim — disse o pai, voltando a cabeça para o lado — mas não festeja senão aqueles que o acariciam.

— Creio, meu pai, que nada terá a censurar-me — replicou Mordaunt.

— Não falemos nisso — disse Mertoun bruscamente — Já fizemos bastante um pelo outro, é preciso que nos separemos em breve... É preciso. Que esta necessidade nos sirva de consolação, se a nossa separação o exigir.

— O meu dever é obedecer e submeter-me aos seus desejos, meu pai — replicou Mordaunt, que não estava nada aborrecido com uma circunstância que lhe dava esperanças de ver um pouco do Mundo — Calculo que o senhor começará por me proporcionar uma viagem para a pesca da baleia?

— Pesca da baleia! É realmente uma estranha maneira de ver o Mundo. Mas não podes falar senão do que aprendeste. Chega por agora. Dize-me onde te abrigaste ontem da tempestade?

— Em Stourburgh, em casa do novo feitor chegado da Escócia.

— Em casa desse pedante, desse homem de projectos e visões bizarras! E que viste por lá?

— Vi sua irmã e Norna de Fitful-head.

— Quê! — exclamou Mertoun com um sorriso zombeteiro — Essa mulher dotada do privilégio todo poderoso de fazer mudar o vento, voltando a sua touca, como o rei Erick tinha por costume fazer, voltando o seu chapéu? A dama anda longe de casa. Como se arranja ela nos seus negócios? Faz fortuna a vender ventos favoráveis aos que querem entrar num porto?

— Realmente, não sei, meu pai — respondeu Mordaunt.

— Julgas o assunto demasiado grave para rir; ou talvez aches a sua mercadoria demasiado leve para te inquietar — prosseguiu Mertoun num tom sarcástico, que era nele o que mais se aproximava da alegria — Mas — acrescentou ele — pensa bem nisto. Todo o Universo se vende e se compra. Hem? Porque se há-de abrir excepção para o vento? A terra é firme desde a superfície até as entranhas; o fogo e os meios de a manter vendem-se e compram-se correntemente; os desgraçados que lutam com o Oceano nos seus barcos pagam o privilégio de soçobrar. Hem? A que título o ar há-de ficar isento deste tráfico universal? Por cima, por baixo e à volta da terra, tudo tem o seu preço, os seus compradores e os seus vendedores. Em muitos países os padres vendem-nos um pequeno canto no céu, e em todos se permite a compra de uma boa parte do inferno à custa da sua santidade, das suas riquezas e de uma consciência tranquila. Hem? Porque não há-de Norna continuar o seu negócio?

— Não sou eu que me oponho a isso — replicou Mordaunt — Apenas desejaria que ela se desfizesse da sua mercadoria em mais pequena quantidade; ontem vendeu por atacado e quem fez negócio com ela empregou bem o seu dinheiro.

— É verdade; os efeitos ainda estão bem visíveis — disse o pai, detendo-se à beira do promontório, de onde a vista podia descobrir o precipício medonho, cuja profundidade não tinha outro limite senão o de um Oceano em fúria.

No momento em que Mertoun e o filho olhavam do alto deste rochedo, ainda ao longe as vagas se mostravam muito agitadas, porque o temporal da véspera fora demasiado impetuoso para que as águas já se tivessem acalmado. Uma corrente muito rápida vinha quebrar-se contra o promontório com fragor e ameaçava de destruição súbita tudo o que viesse nas suas ondas. Pai e filho sentaram-se no topo da montanha para observarem atentamente a cena ao longe, que fomentava essa guerra declarada pelas vagas ao rochedo, contra o qual elas lutavam com indomável furor.

De súbito, Mordaunt, cujo olhar era mais penetrante e provavelmente mais atento que o de seu pai, levantou-se precipitadamente e exclamou:

— Santo Deus! Que vejo eu? Um barco no *Roost!* Seu pai voltou os olhos para noroeste e descobriu uma embarcação que a temível corrente arrastava.

— Não tem velas nenhuma — disse ele. E servindo-se do binóculo, ajuntou:

— Está desmantelado, já não é mais do que uma carcaça.

— E está a ser impellido para o cabo Sumburgh! — exclamou Mordaunt, cheio de horror — Não tem possibilidades de dobrar.

— Vem sem governo — observou o pai — Provavelmente, a tripulação abandonou-o.

— Num dia tão horrível como o de ontem — ajuntou Mordaunt — em que não era possível nem mesmo aos marinheiros mais experimentados governar um barco a remos, devem ter perecido todos.

— É muito provável — disse o pai, com um sangue-frio glacial — Cedo ou tarde haviam de perecer. Ora, que importa

que a morte, à qual ninguém escapa, engolisse as suas vítimas todas de uma vez a bordo de uma embarcação como essa que estamos a ver, ou que as colhesse nas suas garras, uma após outra, à medida que o Destino lhas entregasse? As minhas reflexões surpreendem-te, Mordaunt, porque a vida ainda é nova para ti. Antes de chegares à minha idade já elas te serão familiares e não sairão do teu pensamento.

Um tal desgosto da vida será apenas consequência de uma idade avançada? — perguntou Mordaunt.

— É património de todos os que têm o bom-senso de avaliar o que ela realmente vale — respondeu Mertoun — Mas aqueles que, como Magnus Troil, obedecem tão completamente ao instinto animal que devem aos seus sentidos, é possível que, tal como os bichos, experimentem prazer no simples facto de viver.

Mordaunt não gostava nem desta doutrina nem deste exemplo. Em sua opinião, o homem que, à semelhança do bom velho *udaller*, cumprisse os seus deveres para com os outros, tinha mais direitos no declínio dos seus dias do que aquele que os procurava apenas na insensibilidade.

A carcaça, pois não merecia outro nome, estava agora no meio da corrente, que a empurrava para o promontório no cimo do qual eles se encontravam. Decorreu, no entanto, algum tempo antes de poderem distinguir nitidamente o objecto que primeiro tinham avistado como um ponto negro no meio das águas, depois, a uma distância mais curta, como uma baleia que mostra um pouco as barbatanas ao de cima das vagas, ora descobre toda a enorme cauda. Mas, por fim, podiam observar mais distintamente a forma do navio, pois as vastas massas de água que o traziam para a costa, alternadamente o erguiam à superfície e o atiravam para os profundos sulcos que formavam outros tantos abismos. Ficara provavelmente desmantelado durante a tempestade da véspera e entregue à violência do mar que o arrastava como um tronco de árvore. Parecia certo que a tripulação, após esforços inúteis para manter o rumo, ou para fazer funcionar as bombas, com êxito, acabara por abandoná-lo e saltara para as chalupas. No entanto, não foi sem se sentirem tomadas de uma sensação de horror, que Mordaunt e seu pai viram o mar quase a engolir o navio. O volume deste parecia aumentar a cada braça que ele percorria. Aproximou-se, e viram-no elevar-se ao cume de uma imensa massa de água que continuou a rolar com ele sem se desfazer. Outra vaga, levantou-o nos ares, mostrou-o inteiramente, e quando essa vaga se afastou do rochedo, o navio deixara de existir: não levou com ela, na sua retirada, senão madeiros, pranchas, barris e outros objectos semelhantes, que, arrastados para longe pela corrente, deviam voltar com a próxima vaga para serem de novo atirados contra a rocha.

Foi nesse momento que Mordaunt julgou ver um homem a flutuar numa prancha, ou num barril, e que, evitando a corrente, parecia impellido para uma língua de terra coberta de areia, onde as ondas vinham quebrar-se com menos fúria. Reconhecer o perigo e gritar: «Está vivo! Ainda se pode salvar!» foi o primeiro impulso de Mordaunt; o segundo, depois de relancear um olhar pelo rochedo, foi precipitar-se — assim o podemos dizer, tão rápido foi o movimento — do alto daquele morro escarpado, e começar, aproveitando fendas, grutas e saliências que se encontravam na rocha, uma descida que, aos olhos do espectador, teria parecido o mais louco acto de temeridade.

— Detém-te, rapaz imprudente! Sou eu quem to ordena! — gritou seu pai. Mas Mordaunt já estava completamente empenhado na sua perigosa empresa.

— E porque hei-de eu impedi-lo? — disse o pai, dominando um resto de solicitude sob a filosofia sombria e insensível de que adoptara os princípios — Se morrer agora no impulso dos seus sentimentos generosos e sublimes, no seu entusiasmo cego pela causa da Humanidade, sentir-se-á muito feliz de encontrar a morte no momento em que empregava toda a sua actividade moral e toda a força da sua juventude. Se não morrer agora, não escapará à misantropia, ao remorso, à velhice, ao desgosto íntimo que acompanha o enfraquecimento inevitável do corpo e do espírito? Contudo, não posso presenciar esse desastre; não, não o quero ver; não, não tenho ânimo de ver extinguir a chama ainda tão recente da sua vida.

Mertoun volveu costas ao precipício, e, depois de ter marchado para a esquerda num passo rápido durante mais de um quarto de milha, achou-se perto de uma fenda aberta na rocha, à qual se chama *riva* no país. Esta fenda, também designada pelo nome de *atalho de Erick*, formava uma espécie de carreiro, nem seguro, nem fácil, mas o único por onde os habitantes de Jarlshof tinham costume de alcançar o sopé do precipício.

Mertoun não tinha sequer atingido o ponto mais elevado desta ladeira, e já o seu corajoso filho executara a sua temerária empresa. Em vão as dificuldades que ele não notara a princípio tentaram desviá-lo da recta da descida; ele soube vencer todos os obstáculos. Achou-se então numa pequena língua de terra, erguida sobre pedras e areia, que penetrava um pouco no mar, cujas ondas, à direita, embatiam na base do rochedo, e, à esquerda, estavam apenas separadas por uma pequena parte da costa até à saída da fenda chamada o *atalho de Erick*.

Quando a violência do choque fez o navio em pedaços, o mar engoliu tudo o que se viu flutuar no seu seio, exceptuando somente um pequeno número de objectos de madeira, tonéis, caixas, etc., que o refluxo das águas arremessou para o terreno que Mordaunt pisava agora. O seu olhar penetrante descobrira entre estes despojos o objecto que primeiro lhe atraíra a atenção, e que, neste momento, visto de mais perto, era efectivamente um homem, mas um homem na mais crítica situação. Os seus braços estavam ainda enlaçados na prancha que ele agarrara no momento da catástrofe, abraçava-a com uma força quase convulsiva, mas perdera o acordo e os movimentos; e pela posição da prancha, de que uma parte estava em seco na margem e a outra flutuava no mar, era de recear que o refluxo da primeira vaga o arrastasse, o que tornaria inevitável a morte do desventurado. Ainda não acabara Mordaunt de fazer estas reflexões, e já via uma vaga monstruosa avançar. Apressou-se a prestar socorro ao náufrago antes de que ela o levasse ao retirar-se.

Correndo para ele, agarrou-se ao seu corpo com a tenacidade do cão de caça ao apoderar-se da presa, mas com sentimentos bem diferentes, a vaga opôs-lhe uma força maior do que ele esperava. Não foi sem vigorosa luta para salvar a sua vida e a do desconhecido que conseguiu não se deixar arrastar, porque, a despeito de ser exímio nadador, poderia ter-se despedaçado contra as rochas ou ser levado para longe no mar. No entanto, manteve-se firme no terreno; e, antes que uma segunda massa de água chegasse para renovar o ataque, puxou para a língua de areia o corpo do homem e a prancha à qual continuava solidamente agarrado. Mas, como chamar à vida um homem que parecia quase a soltar o último suspiro? Como reanimar as suas forças? Enfim, de que maneira transportar para local mais seguro e mais cómodo um desgraçado absolutamente incapaz de alguma coisa fazer pela sua própria conservação? Tais eram as perguntas que Mordaunt dirigia a si próprio.

Nesta hesitação, ergueu os olhos para o topo da montanha onde deixara seu pai e chamou-o por várias vezes em altos brados; mas não o pôde descortinar, e os seus clamores não obtiveram outra resposta senão os gritos das aves marinhas. Volveu de novo o seu olhar para o desgraçado náufrago. O seu casaco era agalado, segundo o uso daquele tempo; a boa qualidade das suas roupas e os anéis que tinha nos dedos denunciavam um homem de classe superior, e a sua fisionomia, embora pálida, ainda tinha beleza. Mas a sua respiração estava quase imperceptível, e a sua vida parecia suspensa de um fio tão delgado que havia razão para recear que se quebrasse, a não ser que se lhe prestasse imediatos socorros.

Nesse momento o olhar de Mordaunt fixou-se num homem que via avançar lentamente e com precaução ao longo da costa. Julgo primeiro que fosse o seu pai, mas lembrou-se logo de que o senhor Mertoun não teria tido tempo de chegar até ali, devido ao desvio que necessariamente teria que fazer para descer o rochedo; aliás, o homem que via aproximar-se era mais baixo que seu pai.

Quando esse homem se encontrou mais perto, Mordaunt não teve dificuldade em reconhecer o bufarinheiro que na véspera encontrara em Harfra, e que ele já vira em muitas ocasiões.

— Bryce! Eh, Bryce! Venha cá — gritou-lhe o mais alto que pôde.

Mas o negociante achava-se na praia de tal maneira ocupado em recolher os despojos arremessados pelo mar, tão empenhado em colocá-los em lugar seguro, que durante algum tempo não prestou a menor atenção aos gritos de Mordaunt.

Quando, enfim, se aproximou dele, não foi para o ajudar, mas para lhe apontar como uma imprudência a obra de caridade que ele acabava de praticar.

— O senhor está doido? — exclamou ele — O senhor, que vive há tanto tempo nas nossas ilhas, expõe-se a salvar a vida de um homem que se afoga? Não sabe que, se o conseguir, ele não deixará de lhe fazer tanto mal como o senhor lhe fez de bem? Ora, senhor Mordaunt, vamos, venha ajudar-me a fazer alguma coisa de mais útil do que isso. Ajude-me a levar para mais longe duas ou três destas caixas antes que chegue alguém e dividiremos como bons cristãos o que devemos agradecer a Deus por nos ter enviado.

Mordaunt conhecia aquela superstição desumana, transmitida desde a mais remota antiguidade ao povo das ilhas Setland e tanto mais geralmente adoptada quando mais servia para justificar a pilhagem aos náufragos. A opinião de que a pessoa que salvara um afogado se expunha mais tarde a receber alguma injúria, formava um contraste bastante estranho com o carácter destes ilhéus, tão hospitaleiros, tão generosos e tão desinteressados em outras ocasiões. No entanto, é justo dizer-se que as exortações e o exemplo dos proprietários fizeram desaparecer qualquer vestígio deste preconceito cruel de que a actual geração se pode recordar por ter visto ainda alguns indícios.

Bryce era particularmente apegado a esta velha superstição; convém dizer que, para recheiar a sua mala de bufarinheiro, ele contava menos com os armazéns de Lerwick e de Kirkwall do que com a violência dos temporais e dos ventos do

noroeste, à semelhança dos da véspera; e como fazia, a seu modo, alarde de uma grande devoção, raramente deixava de dirigir fervorosos agradecimentos ao céu.

Não prestou a menor atenção às instâncias de Mordaunt, apesar de estar então na mesma língua de areia, lugar que ele conhecia muito bem por ser aquele em que a corrente arremessava à terra os despojos que o Oceano vomitava. Tratava de pôr em segurança tudo o que lhe parecia mais portátil e de maior valor. Por fim, Mordaunt viu o honesto bufarinheiro fixar os olhos numa caixa bastante grande que o mar lançara à costa; era de madeira das Índias, solidamente fechada por placas de cobre, e parecia de construção estrangeira. Uma fechadura forte resistia a todos os esforços de Bryce, que, impaciente, sacara do bolso um escopro e um martelo e preparava-se para forçar os gonzos.

Mordaunt, perdendo a paciência e irritado com o sangue-frio e o à vontade daquele homem, agarrou num pau que estava a seus pés e, depois de ter colocado carinhosamente o náufrago na areia, aproximou-se de Bryce, num ar ameaçador.

— Miserável! — bradou ele — Levanta-te já e ajuda-me a salvar aquele desgraçado, senão juro que te faço uma múmia. E vou informar Magnus Troil da tua pilhagem, para que ele te condene a ser vergastado e expulso do país!

A tampa da caixa acabava de saltar, e o interior oferecia aos olhos de Bryce coisas bastante sedutoras para ele, entre outras, camisas, algumas guarnecidas de renda, uma bússola de prata, uma espada com punho do mesmo metal e outros objectos preciosos para os quais o bufarinheiro sabia muito bem que encontrava colocação. Estava, pois, mais disposto a responder a Mordaunt desembainhando a sua faca de caça do que renunciando àquela presa. De pequena estatura, mas robusto e quase na flor da idade, estava aliás melhor armado e poderia causar a Mordaunt mais embaraços do que os devidos a um cavalheiro tão caridoso. Já Mordaunt lhe repetira a ordem de acabar com a pilhagem e vir em socorro do moribundo, quando ele lhe respondeu num tom de desafio:

— Não pragueje, senhor, não pragueje. Não tolero pragas na minha presença. E, se me toca, dou-lhe uma lição que lhe fica de memória até ao Natal.

Mordaunt ia pôr à prova a coragem do bufarinheiro, quando uma voz se fez ouvir de súbito e disse: Detém-te! — Era Norna de Fitful-head que, durante o calor da discussão, se tinha aproximado sem ser pressentida — Detém-te! — repetiu ela — Tu, Bryce, dá a Mordaunt a ajuda que ele te pede, que te será mais útil, digo-te eu, do que tudo o que possas ganhar hoje de outra maneira.

— É pano da Holanda! — disse o bufarinheiro, lançando às camisas um olhar de entendedor — É pano da Holanda, tão forte como fino. Contudo, boa mãe, é preciso executar a sua ordem, e teria mesmo obedecido ao senhor Mordaunt — ajuntou ele, fazendo suceder às suas ameaças o ar de deferência com que costumava embelezar as suas conversas de negociante — se ele não tivesse pronunciado grosseiras pragas que me fizeram tremer até à medula dos ossos, e me puseram fora de mim — E tirando um frasco do bolso aproximou-se do corpo do desventurado náufrago — Aqui está aguardente como não existe outra — disse ele — e, se ela não o curar, nada o curará — Bryce engoliu primeiro um bom gole, como que para se certificar da boa qualidade, e ia vertê-la na boca do moribundo, quando, de repente, recuando a mão e olhando Norna, disse: — Garante-me, boa mãe, que não me exponho a que ele me faça algum mal, por lhe prestar socorro? Sabe o que se diz a tal respeito...

Por única resposta, Norna tirou-lhe o frasco da mão e começou a friccionar as têmporas e a garganta do desgraçado náufrago, ensinando a Mordaunt a maneira de lhe segurar a cabeça, a fim de lhe facilitar o meio de vomitar a água do mar que bebera.

O bufarinheiro ficou-se um momento como espectador, depois disse:

— Decerto não há o mesmo perigo de o socorrer, agora, que ele está fora de água e deitado em terra seca; mas faz pena ver como estes anéis apertam os dedos inchados desta pobre criatura, e como lhe fazem a mão tão azul como o dorso de um caranguejo antes de cozido.

E simultaneamente agarrou uma das mãos frias do desgraçado, que acabava de dar sinal de vida com um ligeiro estremecimento, e começou a obra misericordiosa de lhe tirar dos dedos aqueles anéis que pareciam de algum preço.

— Se amas a vida — disse-lhe Norna, em tom severo — não continues; senão faço de ti um tal relatório que te estragará as viagens nestas ilhas. Põe esse homem aos ombros; a sua vida é de grande valor, e tu serás recompensado.

— Isso seria bem justo — disse o bufarinheiro num ar pensativo, olhando a caixa aberta e outros objectos dispersos na

areia — porque, sem ele, eu teria aqui uma fortuna que faria de mim um homem rico para o resto dos meus dias. E agora tem que ficar tudo para aí até que a próxima maré o arraste para o *Roost*, para fazer companhia ao que já engoliu.

— Não tenhas receio — disse Norna — nada se perderá; olha, vejo vir além aves de rapina cujo instinto é tão seguro como o teu.

Ela dizia a verdade, porque realmente chegavam da aldeia de Jarlshof pessoas a passo apressado ao longo da costa, para recolher a sua parte nos despojos. O bufarinheiro suspirava e gemia ao vê-los aproximar-se.

— Sim, sim, lá vêm os de Jarlshof! — disse ele — Belo negócio para eles. Bem se sabe como eles são nestas coisas. Vão catar todos os recantos, e não deixam nem uma cavilha podre. O pior é que não haverá entre eles um que tenha o bom-senso de agradecer à Providência o bem que ela lhes mandou. Lá está entre eles o velho *Ranzelman Neil Ronaldson*; não se pode arrastar para percorrer uma milha quando se trata de ouvir o ministro na igreja, mas é capaz de percorrer dez se ouve falar de um barco que naufragou.

Contudo, Norna parecia ter sobre o bufarinheiro um tal ascendente que, sem uma hesitação, ele carregou aos ombros o homem cuja vida começava, enfim, a reanimar-se; e, com a ajuda de Mordaunt, caminhou ao longo da costa, sem fazer mais observações.

Avançando para o atalho de Erick, por onde se subia a montanha, encontraram os habitantes de Jarlshof, que vinham a passo rápido, em direcção oposta. Homens e mulheres, à medida que iam aparecendo, faziam uma reverência a Norna e cumprimentavam-na, mas não sem um certo receio bem expresso em seus rostos. Ela já os tinha ultrapassado alguns passos, quando, voltando-se, chamou em voz alta o *Ranzelman*, que acompanhava os seus concidadãos naquela expedição de pilhagem autorizada pelo hábito, se não pelas leis.

— Neil Ronaldson — disse ela — toma atenção ao que te vou dizer. Está lá em baixo uma arca, cuja tampa acaba de ser arrancada; transporta-a para tua casa em Jarlshof, tal como está. Toma cuidado em que não desviem nem um objecto. Maldito seja aquele que toque nem que seja num só! É preferível que morra. Falo a sério e não quero ser desobedecida.

— Será feita a sua vontade, boa mãe — respondeu Ronaldson — Garanto-lhe que nada será desviado da caixa, visto que assim o ordena.

Muito ao longe, à retaguarda dos aldeões, vinha uma velha a falar sozinha e a amaldiçoar a sua decrepitude que a deixava para traz dos outros; no entanto, apressava-se quanto podia para ter a sua parte na pilhagem. Mordaunt ficou espantado ao reconhecer nela a governanta de seu pai.

— Você, Swertha! — exclamou ele — Que faz aqui, tão longe de casa?

— Acabo de sair para procurar o meu respeitável patrão e Vossa Senhoria — respondeu Swertha, num ar comprometido de quem é apanhado em flagrante, porquanto o senhor Mertoun por mais de uma vez lhe disse quanto lhe desagradavam semelhantes excursões.

Mas Mordaunt estava demasiado preocupado para prestar atenção ao motivo que ali a trouxera.

— Viu o meu pai? — perguntou ele.

— Sim, vi — respondeu Swertha — Tinha dificuldade em descer o atalho de Erick, que não é bom caminho para um homem da sua idade; ajudei-o a subir, e levei-o a casa. Eu andava precisamente à sua procura para lhe dizer que vá ter com ele, porque, em minha opinião, ele não se encontra bem.

— Meu pai está doente! — exclamou Mordaunt, lembrando-se da fraqueza que ele revelara no princípio do passeio da manhã.

— Está bem longe de se encontrar bem, bem longe, decerto — murmurou Swertha, meneando a cabeça — Não era para o estado dele, querer descer este maldito carreiro.

— Volta para casa, Mordaunt — disse Norna, que escutara o diálogo — Eu velo por tudo o que seja preciso a este homem, e encontra-lo depois em casa do *Ranzelman* quando quiseres notícias suas. Agora, pode passar sem ti.

Mordaunt reconheceu a sensatez desta observação. Ordenou a Swertha que o seguisse imediatamente e tomou o caminho que conduzia a casa de seu pai.

Swertha seguiu o seu amo a passos lentos e de má vontade, até o perder de vista no atalho de Erick. Então, voltou para traz a murmurar entre dentes:

— Ora, ora, voltar para casa! Julgará ele que vou abandonar a minha parte nas ofertas que acabam de nos fazer? Ah, não! Tamanha fortuna não aparece todos os dias! Ainda não tivemos outra desde que a *Jenny* e o *James* vieram naufragar na nossa costa, no tempo do rei Carlos.

Falando assim, alargou o passo; e como a boa vontade substitui em parte o defeito das pernas, ela empregou uma diligência assombrosa para chegar a tempo de apanhar a sua parte no roubo. Não tardou, pois, a atingir a margem onde o *Ranzelman*, todo ocupado em encher os bolsos, exortava os seus honestos companheiros a fazer uma divisão conscienciosa e com a caridade que se deve ter para com o próximo; aconselhava-os a guardar uma parte para os enfermos e os velhos, o que, dizia ele piedosamente, faria recair a bênção de Deus naquela costa e lhes traria mais alguns naufrágios antes do Inverno.

VIII

A HISTÓRIA DO CAPITÃO CLEVELAND

Folguedos e risos seguiam no seu rastro:

A pantera nos desertos,

O golfinho brincando nos mares

Não podiam igualar a sua graça.

WORDSWORTH

Mordaunt, apressando o passo, depressa chegou a Jarlshof. Entrou imediatamente em casa, porque o que observara no caminho coincidia de certo modo com as ideias que a fantasia de Swertha lhe inspirara. No entanto, encontrou seu pai num compartimento ao fundo dos seus aposentos, a repousar da fadiga que sentira durante o passeio; e a primeira pergunta que se permitiu dirigir-lhe depressa o convenceu de que a boa mulher exagerara um pouco, para se desembaraçar de ambos.

— Onde está o homem moribundo que tão ousadamente quiseste socorrer com risco da tua vida? — perguntou Mertoun a seu filho.

— Norna encarregou-se dele, e pode-se confiar nela.

— A feiticeira também se mete na arte de curar? — disse Mertoun — Ainda bem. Estou perfeitamente de acordo; é uma maçada a menos. Por mim, tratei de voltar para casa a fim de procurar ligaduras e gaze, porque, a acreditar em Swertha, tu devias ter quebrado os ossos.

Mordaunt ficou calado, pois conhecia demasiado seu pai para saber que ele não continuaria por muito tempo a fazer perguntas sobre aquele tema e, não querendo prejudicar a velha governanta, não forneceu a seu pai ensejo de se entregar àqueles excessos de ira a que era tão propenso.

Era muito tarde quando Swertha voltou da sua expedição. Estava excessivamente fatigada e trazia um volume que decerto continha a sua parte na pilhagem. Mordaunt correu logo a censurar-lhe as mentiras que lhe pregara e a seu pai; mas a mulher teve resposta pronta.

— Juro-lhe pela minha fê — respondeu ela — que pensei que era urgente dizer ao senhor Mertoun que viesse para casa preparar as ligaduras, quando vi, com os meus próprios olhos, o senhor a descer o rochedo como um gato selvagem. E também lhe juro que tinha razões para lhe dizer, senhor Mordaunt, que seu pai não estava bem, porque lhe vi as faces muito pálidas!

— Mas, Swertha — disse Mordaunt — como se compreende que, em vez de ficar a fiar e a velar pela casa, você se encontrasse desde manhã no atalho de Erick, para ter com meu pai e comigo uns cuidados que ninguém lhe pediu? E que traz nesse embrulho, Swertha? Receio bem que tenha transgredido as ordens de meu pai e que a sua saída só tivesse por motivo a vontade de ir, como os outros, fazer pilhagem à beira-mar.

— Que Deus abençoe o seu bom aspecto e que São Ronald o proteja, menino! — replicou Swertha num tom de adulação ou de gracejo — Decerto não desejaria impedir uma pobre mulher de aproveitar uma ocasião de partilhar um pouco das coisas tão boas que o mar poderia tornar a levar! Oh!, senhor Mordaunt, é uma coisa tão bela ver um barco naufragar, que até o próprio ministro não resiste e abandona a sua cadeira no meio do sermão para ir como os outros. Por minha pena, pouca coisa apanhei: alguns trapos parecidos com musselina, um ou dois bocados de pano grosseiro e outras coisas semelhantes. São os mais fortes e os mais ligeiros que levam tudo que há de melhor.

— Sim, Swertha — replicou Mordaunt — e tanto pior para si, que terá a sua parte de punição neste mundo e no outro, por roubar os pobres marinheiros.

— Ai, meu jovem amigo, quem puniria uma mulher velha como eu, por causa de semelhantes bagatelas?

— Só lhe digo que o estrangeiro, que Norna mandou transportar para a aldeia, estará amanhã de perfeita saúde para

perguntar onde escondeu você os objectos que lhe roubou depois do naufrágio.

— Mas quem é que lhe vai dizer nem que seja uma palavra, meu caro senhor? — replicou Swertha, lançando a seu amo um olhar zombeteiro — Sobretudo, se eu lhe disser que entre os bocados que trouxe há um bom corte de seda para uma linda jaqueta para a primeira festa onde o senhor vá.

Mordaunt não pôde por mais tempo evitar de se rir da esperteza da velha, que pretendia comprar-lhe o silêncio oferecendo-lhe uma parte do seu roubo.

Logo após o seu repasto frugal, e eles nunca se demoravam muito tempo à mesa, Mordaunt revelou a seu pai a intenção de ir à aldeia ver se não faltaria alguma coisa ao marinheiro naufragado.

Mertoun deu-lhe consentimento com um sinal de cabeça.

— Deve estar muito mal instalado — ajuntou o filho.

Um movimento de cabeça do pai deu-lhe a entender que era da mesma opinião — Parece, a julgar pelas aparências — prosseguiu Mordaunt — que é um homem de uma certa categoria, e, admitindo que aquela pobre gente faça por ele o que puder, no entanto, no estado de fraqueza em que ele deve estar...

— Compreendo-te — disse o pai, interrompendo-o — Queres dizer que pensas que devemos fazer alguma coisa por ele. Vai procurá-lo; se precisar de dinheiro, que diga a quantia, e tê-lo-á. Mas, alojar um estrangeiro aqui, relacionar-me com ele, é o que não posso nem devo fazer. Retirei-me para o extremo mais remoto das ilhas da Grã-Bretanha para evitar novos conhecimentos e novas caras; ninguém virá aqui aturdir-me os ouvidos com a sua felicidade ou a sua miséria. Quando, daqui a meia dúzia de anos, tiveres aprendido a conhecer melhor o mundo, os teus amigos mais antigos ter-te-ão dado razões para te lembrares deles e para te ensinar que evites criar outros novos por todo o resto da tua vida.

Atirou a sua bolsa ao filho e fez-lhe sinal para partir depressa.

Mordaunt não tardou muito em alcançar a aldeia.

Encontrou o desconhecido na casa sombria e negra do *Ranzelman* Neil Ronaldson, sentado, a um canto do lume de turfa, em cima da mesma caixa que excitara a cupidez do devoto Bryce Snailsfoot, o bufarinheiro. O *Ranzelman* estava ausente, ocupado em dividir com a mais perfeita imparcialidade entre os larápios do lugarejo os despojos do barco naufragado, escutando toda a gente, atendendo os protestos dos que se lamentavam da desigualdade dos lotes; e, como se aquilo não fosse, do princípio ao fim, uma acção criminosa e sem desculpa, desempenhava em todos os pormenores o papel de um magistrado sensato e prudente.

Margery Bimbister, a digna esposa do *Ranzelman* ficara sozinha a guardar a casa, e introduziu Mordaunt junto do seu hóspede, dizendo a este, sem grande cerimónia:

— Aqui está o jovem *tacksman*. Talvez a ele queira dizer o seu nome, visto que não o quis dizer a nós. Se não fosse ele, talvez não o pudesse dizer a ninguém deste mundo de vivos.

O estrangeiro ergueu-se, tomou a mão de Mordaunt e apertou-lha, dizendo que tivera conhecimento de que era a ele que devia a conservação da sua vida e da sua arca.

— Quanto ao resto do que possuía — acrescentou — é melhor nem pensar nisso; porque a gente desta terra é tão ávida de lucros como o diabo num furacão.

— E para que lhe serviu a habilidade na manobra — disse Margery — se não pôde evitar ir procurar o cabo Sumburgh, que decerto não o procuraria a si, senão daqui a muito tempo?

— Deixe-nos um momento sós, boa Margery Bimbister — pediu Mordaunt — Desejo ter uma conversa em particular com este *gentleman*.

— *Gentleman!* — replicou Margery, com ênfase — Não é porque ele não tenha boa aparência — acrescentou ela, medindo-o de alto a baixo com a vista — mas duvido de que esse nome se lhe ajuste perfeitamente.

Mordaunt observou também o desconhecido e formou opinião diferente. Era um homem de estatura mais que mediana, e tão elegante como parecia vigoroso. Mordaunt ainda não tinha muita experiência do mundo, mas pensou que ele juntava às maneiras francas e abertas de um marinheiro um ar de afoiteza e umas belas feições crestadas pelo sol, o que parecia denunciar que ele percorrera diversos climas. Respondeu com desembaraço e mesmo com uma espécie de jovialidade, às perguntas sobre o seu estado de saúde, e asseverou que uma noite de repouso faria desaparecer todos os vestígios do acidente que acabava de sofrer; mas lamentou-se amargamente da avareza e da curiosidade do *Ranzelman* e da sua mulher.

— Esta velha tagarela — disse ele — massacrou-me todo o dia para saber o nome do barco que se perdeu. Parece-me que ela devia contentar-se com a parte que lhe coube na pilhagem. Eu era o principal proprietário, e não me deixaram senão os meus fatos. Há nesta região selvagem algum magistrado ou juiz de paz disposto a defender um desgraçado no meio dos burlões?

Mordaunt citou o nome de Magnus Troil, que era o principal proprietário e ao mesmo tempo o *Fowd* ou juiz provincial do distrito, e disse-lhe que provavelmente ele lhe faria justiça. Lamentou que a sua pouca idade e a situação de seu pai, que fazia uma vida extremamente isolada, lhe não fornecessem meios de oferecer-lhe a protecção de que necessitava.

— O senhor já fez bastante — disse o marinheiro — Mas se eu tivesse comigo apenas cinco dos quarenta bravos que são agora pasto dos peixes, diabos me levem se eu pediria a alguém que me fizesse uma justiça que eu poderia fazer a mim próprio.

— O senhor tinha quarenta homens! — exclamou Mordaunt — Era uma tripulação bastante numerosa para o porte do seu barco.

— Não era ainda bastante. Tínhamos dez canhões, sem contar os de vante; mas tínhamos perdido alguns homens no nosso cruzeiro, e estávamos atravancados de mercadorias. Seis dos nossos canhões serviam de lastro. Ah, se eu tivesse bastante gente, não teríamos naufragado de uma maneira tão infernal. Toda a minha gente estava exausta à força de dar à bomba. Acabaram por lançar-se nas chalupas, deixando-me só no navio para soçobrar com ele, ou salvar-me a nado. Mas os miseráveis tiveram bom pago, e agora perdoo-lhes. As chalupas foram ao fundo no meio da corrente; morreram todos, e eu estou aqui.

— O senhor vinha então das Índias Ocidentais pela rota do Norte? — perguntou Mordaunt.

— Sim. O navio chamava-se *Boa Esperança de Bristol*. Fizemos ótimos negócios nos mares da Nova Espanha, como navio mercante e como armador; e está tudo dito agora. Chamo-me Clement Cleveland, sou capitão e, como já lhe disse, capitão do barco. Nasci em Bristol. Meu pai era bem conhecido em Tollsell: era o velho Clement Cleveland do *College-green*.

Mordaunt não se sentia com o direito de lhe fazer mais perguntas. Notara nele uma brusquidão afectada e um ar de bravata que as circunstâncias não justificavam.

O capitão Cleveland sofrera a pilhagem dos ilhéus, mas não recebera de Mordaunt senão favores, e no entanto parecia acusar indistintamente todos os habitantes. Mordaunt baixou a vista e guardou silêncio, não sabendo se havia de despedir-se dele ou de oferecer-lhe novos serviços. Cleveland pareceu adivinhá-lo, pois ajuntou logo com mais cordialidade:

— Eu sou um marinheiro franco, senhor Mordaunt. Estou totalmente arruinado, e isto não dá nem bom-humor nem boas maneiras; de qualquer modo, o senhor tratou-me como amigo, e não sou tão insensível que não perceba que lhe devo mais agradecimentos. Antes de o senhor abandonar esta casa, quero dar-lhe a minha espingarda de caça. Ela pode meter cem grãos de chumbo miúdo no boné de um holandês, a oitenta passos. Também se pode carregar com bala, e derrubei com ela um búfalo a cento e cinquenta varas. Mas tenho outras que são igualmente boas, ou mesmo melhores; por isso guarde essa como recordação minha.

— Mas isso é tomar a minha parte na pilhagem — objectou Mordaunt, rindo.

— Nada disso — replicou Cleveland, abrindo uma caixa que continha espingardas e pistolas — Como vê, salvei as minhas armas e os meus fatos. Aquela velha alta velou por tudo isto com cuidado; e, aqui entre nós, esta caixa vale tanto como tudo o que perdi — ajuntou ele, baixando a voz e olhando à sua volta — Se grito aos ouvidos destes tubarões terrestres que estou arruinado, isso não quer dizer que o esteja completamente e sem nenhuns recursos; não, não: aqui está alguma coisa que vale mais que os grãos de chumbo para matar pássaros — E enquanto falava, tirara da caixa um grande saco de munições com

a etiqueta «chumbo de caça»; e apressou-se a mostrar a Mordaunt que estava cheio de moedas espanholas e portuguesas, «pistolas», como chamavam às grandes moedas de ouro de Portugal — Não, não — continuou ele, sorrindo — ainda me ficou bastante lastro para pôr outro navio a flutuar. Perante isto, aceita a minha espingarda?

— Visto que ma quer dar — respondeu Mordaunt, a sorrir — aceito-a do coração. Eu vinha precisamente perguntar-lhe em nome de meu pai — ajuntou ele, mostrando a bolsa — se teria necessidade deste mesmo lastro.

— Muito obrigado; como vê, estou prevenido. Mas tome a espingarda, meu bravo amigo, e que ela lhe possa servir como me serviu a mim. Mas com certeza que nunca fará com ela viagens como eu fiz. Sabe atirar, suponho eu?

— Razoavelmente — respondeu Mordaunt, admirando a arma, de fabrico espanhol, marchetada de ouro, de pequeno calibre, mais longa do que uma espingarda vulgar, e que parecia tanto servir para caçar pássaros como para bala.

— Com chumbo miúdo — continuou o marinheiro — nunca uma espingarda cercou de tão perto a sua presa; e com uma só bala o senhor pode matar uma foca a cem toezas, no mar, do alto mais escarpado da sua costa; mas, repito, nunca esta arma lhe prestará os serviços que me prestou a mim.

— Talvez não me sirva dela com tanta destreza como o senhor — disse Mordaunt.

— Ah! Ah! Isso é possível — replicou Cleveland — Mas não é disso que se trata. Quando se tem a certeza de matar o homem que segura o leme, no momento da abordagem de um navio espanhol, que me diz a isto? Foi, no entanto, o que já me sucedeu. Apoderámo-nos de um navio, de sabre em punho, e valeu a pena; era um sólido bregatim, o *São Francisco*, destinado a Porto Belo, com uma carga de ouro e de negros. Cada grão de chumbo, valeu-nos vinte mil pistolas.

— Nunca acertei em semelhante caça — disse Mordaunt.

— Acredito; cada coisa a seu tempo. Não se pode levantar ferro enquanto não há maré. Mas você é um esplêndido rapaz, activo, robusto, porque não há-de ir à caça de semelhantes pássaros? — disse ele, passando a mão pelo saco de ouro.

— Meu pai fala-me de uma viagem para breve — replicou Mordaunt, que, habituado a olhar com respeito a tripulação de um barco de guerra, se sentia adulado no seu amor-próprio pelo convite de um homem que lhe parecia um marinheiro consumado.

— Respeito a intenção de seu pai — disse o capitão — e far-lhe-ei uma visita antes de levantar ferro. Tenho um navio pela altura destas ilhas, e admito que ele siga o seu caminho; saberá encontrar-me em qualquer parte, apesar de não nos termos separado em boas relações, a não ser que ele também tenha ido para os peixinhos. Mas estava em melhores condições do que nós, a carga era mais leve que a nossa, deve ter resistido. Suspende-se um «hammock» para si a bordo, e faremos de você um marinheiro, um homem como nós.

— Isso agradava-me bastante — respondeu Mordaunt — Mas meu pai é que decide.

— O seu pai? Está bem — replicou o capitão Cleveland — Mas você tem razão — ajuntou, mudando de tom — Vivi tanto tempo no mar que não posso conceber que outra pessoa a não ser o capitão ou o mestre tenha o direito de dar ordens. Repito, tem razão. Vou ver o seu papá e falar-lhe-ei de si. Não é ele que mora naquela linda casa, construída à moderna, que vejo a um quarto de milha daqui?

— Oh, não! — respondeu Mordaunt — Pelo contrário, vive num velho castelo em ruínas, e não quer ver ninguém.

— Nesse caso, o senhor é que tem que decidir rapidamente o assunto, porque não posso ficar muito tempo nesta latitude. E visto que seu pai não é magistrado, preciso de ir avistar-me com esse Magnus; como se chama ele? Não é juiz de paz, mas qualquer coisa que vem a dar no mesmo. Estes velhacos pilharam-me dois ou três objectos que têm de me devolver. Que fiquem com o resto e vão para o diabo! Quer dar-me uma carta de apresentação para ele?

— Não vejo necessidade disso — respondeu Mordaunt — Basta o senhor ter naufragado e precisar dele. No entanto, de boa-vontade lhe escrevo duas palavras de apresentação.

— Pronto — disse o capitão, tirando um tinteiro da sua caixa — Eis tudo o que é preciso para o senhor escrever a sua carta. E enquanto escreve, como me forçaram as fechaduras, vou cerrar as escotilhas e pôr a carga em segurança.

Com efeito, enquanto Mordaunt escrevia a carta em que relatava as circunstâncias em que o capitão Cleveland fora arremessado à costa, este munira-se de um martelo e pregos e fechara a caixa tão bem como o faria o melhor operário; depois, para melhor segurança, passou-lhe uma corda à volta e amarrou-a com a destreza de um marinheiro.

— Fica tudo à sua guarda, com excepção disto — disse ele, mostrando o saco do ouro — e mais isto — ajuntou, pegando no sabre e nas pistolas — que me garante do risco de me separarem das minhas moedas portuguesas.

— O senhor não tem precisão de armas neste país, capitão Cleveland — disse Mordaunt — Uma criança viajaria sem perigo, com uma bolsa de ouro na mão, desde o cabo Sumburgh até o Scaw of Unst, sem que ninguém pensasse em roubar-lhe.

— Bonitas palavras, jovem. Mas parece-me um exagero, quando se pensa no que se está passando neste momento.

— Ah! — exclamou Mordaunt, um pouco confuso — O povo desta região olha como propriedade legítima tudo o que o mar atira para terra.

— Mas se o vosso bom povo se lembrar de que a terra lhes deve dar despojos como o mar, tomarei a liberdade de me opor de sabre e pistolas na mão. Quer pôr a minha caixa em segurança na sua casa, até eu lhe dar notícias minhas, e obter-me um guia para me ensinar o caminho e levar-me o saco?

— Quer ir por terra ou por mar? — perguntou Mordaunt.

— Por mar? — exclamou Cleveland — Quê! Numa dessas cascas de noz, e cascas de noz partidas! Não, não, por terra, por terra, a não ser que eu tivesse o meu navio e a minha tripulação.

Separaram-se. O capitão, acompanhado do seu guia, partiu para Burgh-Westra, e Mordaunt tomou o caminho de Jarlshof, fazendo transportar a caixa de Cleveland, que depositou em casa de seu pai.

NOVIDADES PARA A FESTA DE S. JOÃO

O bufarinheiro parece honesto e assisado;
 Não tem, realmente, a linguagem de Autolycus,
 Nem as bagatelas frívolas e mundanas
 Que deviam quedar-se nos armazéns de Satã.
 Escutei a sua doutrina: — a cada mercadoria
 Ele ajunta um conselho da Igreja cristã.

CANÇÃO ANTIGA

No dia seguinte de manhã, Mordaunt, interrogado por seu pai começou a dar-lhe alguns pormenores sobre o naufrago que salvara das ondas. Mal tinha reproduzido algumas particularidades mencionadas por Cleveland, já o olhar do senhor Mertoun se turbava. Levantou-se bruscamente e, depois de ter passeado por duas ou três vezes a todo o comprimento da sala, retirou-se para o gabinete onde costumava meter-se quando estava sob a influência do seu humor sombrio. À tarde, reapareceu sem qualquer vestígio da sua indisposição, mas facilmente se supõe que o seu filho não voltou ao assunto que o perturbava.

Mordaunt Mertoun ficou, pois, entregue a si próprio para formar à vontade a sua própria opinião sobre o novo conhecimento que o mar lhe enviara. Sem perceber porquê, sentiu-se surpreendido por não pensar nele de maneira muito favorável. Apesar de caçador bastante entusiasta para estar encantado com a sua espingarda espanhola e do interesse com que desmanchou e armou a arma, observando todos os pormenores, sentia-se, no entanto, tomado de um certo escrúpulo perante a maneira como a adquirira.

— Não lha devia aceitar — pensara ele — Talvez o capitão Cleveland ma desse em paga do pequeno serviço que lhe prestei. No entanto, teria sido ofensivo recusar, devido à forma como ma ofereceu. Aborrece-me que este capitão não tenha um ar de pessoa com quem voluntariamente se contraíam obrigações.

Mas um dia de boa caça reconciliou-o com a sua espingarda. Adquirira a certeza, como a maior parte dos jovens caçadores em semelhante circunstância, de que todas as outras espingardas não passavam de uma brincadeira comparada com a sua.

Ainda há pouco a sua ambição se cifrava em participar das fadigas e dos perigos de uma pesca na Groenlândia, porque era lá que os setlandeses iam procurar as suas mais arrojadas aventuras. Mas, desde que a guerra começara, as façanhas de *sir* Francis Drake, do Capitão Morgan e outros famosos aventureiros cuja história Bryce Snailsfoot lhe vendera, produziam mais impressão no seu espírito; e a oferta do capitão Cleveland de o levar para bordo vinha-lhe muitas vezes à lembrança, apesar de o encanto de tal projecto se desvanecer um pouco, quando no seu espírito se levantava a dúvida de se, numa longa viagem, não encontraria numerosas objecções a fazer ao seu futuro comandante.

No entanto, depois de recapitular mentalmente todas essas objecções, com que prazer, pensava ele, se pudesse obter o consentimento de seu pai, não embarcaria em busca de coisas novas para ele, e de aventuras extraordinárias nas quais se propunha cometer façanhas que forneceria matéria de muitas narrativas para as amáveis irmãs de Burgh-Westra; narrativas que fariam chorar Minna, sorrir Brenda, e que ambas admirariam! Esta devia ser a compensação dos seus trabalhos e dos seus riscos; porque o lar de Magnus Troil tinha uma influência magnética sobre os seus pensamentos e os seus sonhos, e era o ponto onde eles sempre se fixavam.

Por vezes, Mordaunt pensava em referir a seu pai a conversa que tivera com o capitão Cleveland e a proposta do marinheiro, mas a curta e vaga entrevista que tivera a esse respeito com o senhor Mertoun, naquela manhã, produzira um funesto efeito sobre o espírito do seu progenitor e desencorajara Mordaunt de voltar ao caso, mesmo indirectamente. Bastaria, pensou ele, informá-lo da proposta do capitão Cleveland quando o seu navio chegasse, e que ele lhe ratificasse a proposta de maneira mais formal, acontecimento que ele supunha para muito breve.

Mas os dias formaram semanas, as semanas meses, e não ouviu mais falar de Cleveland. Soube apenas, pelas visitas de Bryce Snailsfoot, que o capitão residia em Burgh-Westra, como se fosse um membro da família. Mordaunt ficou um pouco surpreendido, embora a hospitalidade sem limites das ilhas Setland, que Magnus Troil gostava de cultivar melhor que ninguém, o fizesse achar natural que o capitão morasse em casa do *udaller* até que estivesse disposto a ir-se embora. Mas, porque não mandara ele buscar a arca? Mordaunt pensava que teria sido delicado da parte do estrangeiro mandar-lhe qualquer mensagem como sinal de lembrança.

Estes assuntos de reflexão estavam ligados a outro ainda mais desagradável e mais difícil de explicar. Até à chegada deste personagem, não decorria uma semana que não recebesse qualquer testemunho de amizade e de recordação de Burgh-Westra; nunca faltava pretexto para manter comunicações constantes; Minna precisava de palavras de uma balada *norse*, ou pedia, para as suas várias colecções, penas, ovos, conchas ou plantas marinhas raras. Brenda mandava um enigma para adivinhar, ou uma canção para aprender. O velho *udaller*, também, numas garatujas que poderiam passar por uma inscrição rúnica, enviava afectuosos cumprimentos ao seu jovem amigo, com um presente de provisões e o pedido de ir em breve a Burgh-Westra para ali se demorar o mais possível. Nestes últimos tempos, porém, essas relações tinham-se tornado cada vez mais raras, e nenhuma mensagem de Burgh-Westra chegara a Jarlshof havia várias semanas. Mordaunt notava com desgosto esta mudança, e não deixou de fazer a Bryce todas as perguntas que o orgulho e a prudência lhe permitiam, para descobrir as causas da negligência dos amigos. No entanto, simulou um ar de indiferença ao perguntar ao bufarinheiro que novidades havia.

— Novidades! Muitas e grandes — respondeu o bufarinheiro — esse feitor de cabeça de vento vai mudar os *bismars* e os *lispunds* (Medidas de origem norueguesa que se usavam nas ilhas Setland); e o nosso digno *fowd* Magnus Troil jurou que, em vez de adoptar as novas medidas, atiraria o feitor Yellowley do alto do rochedo de Brassá.

— Há alguma coisa de novo em Burgh-Westra? Toda a família está de boa saúde?

— Boa, muito boa. Dança-se e ri-se todas as noites com o capitão estrangeiro que lá mora, o que naufragou em Sumburgh-head. Nessa altura não havia razão para rir...

— Rir, dançar todas as noites! — disse Mordaunt, um pouco descontente — Com quem dança o capitão Cleveland?

— Com quem lhe abetece, creio eu. Não há ninguém que ele não entusiasme com a sua rabeça; mas pouco me interessam essas coisas, e a minha consciência não me permite admirar essas ninharias. As pessoas deviam lembrar-se de que a vida não passa de um tecido de má lã.

Mordaunt, tão descontente do que lhe revelava esta resposta como dos escrúpulos hipócritas do bufarinheiro, disse-lhe:

— Creio que é com medo de que as pessoas não esqueçam essa verdade salutar que você lhes vende mercadorias tão mundanas.

— Está a dizer que eu devia recordar-me de que também gosta da dança e do violino, senhor Mordaunt, mas eu sou um velho, tenho que limpar a minha consciência. Além disso, garanto que o senhor há-de ir ao baile em Burgh-Westra, na véspera de João (ou São João, como os homens néscios lhe chamam); e com certeza que terá necessidade de alguns atavios mundanos: meias, coletes e outras coisas. Tenho fazendas da Flandres.

E ao pronunciar estas palavras colocou o seu fardo em cima da mesa e começou a abri-lo.

— O baile! — repetiu Mordaunt — O baile da véspera de São João? Incumbiram-no de me convidar, Bryce?

— Não, mas o senhor sabe que será bem recebido, quer seja convidado quer não. Esse capitão, como lhe chamam?, deve ser o chefe, o primeiro do grupo, como se diz, creio eu.

— Diabos o levem! — disse Mordaunt, com impaciência.

— Ele não o esquecerá — acrescentou o bufarinheiro

— O diabo terá a sua parte, garanto-lhe, não será preciso procurá-lo. É verdade o que lhe digo, escusa de olhar para mim com esses olhos de gato bravo. Esse mesmo capitão (mas como se chama ele?), comprou-me um destes coletes que lhe vou mostrar, vermelho, ricamente debruado e lindamente bordado. Tenho um corte para si absolutamente semelhante, com um debrum verde; e se quiser dançar ao pé dele, deve comprá-lo, porque é um tecido muito ao gosto das raparigas de hoje. Veja-

o, observe-o — ajuntou ele, desdobrando o corte — Veja-o à luz; veja-o do direito e do avesso. É uma fazenda dos Países Baixos: vale quatro dólares; e o capitão ficou tão satisfeito que me deu vinte xelins Jacobus, dizendo-me que guardasse o troco e fosse para o diabo! Pobre herege, como eu o lamento!

Sem se informar se o bufarinheiro exprimia a sua compaixão pela imprudência mundana do capitão Cleveland ou pela sua falta de religião, Mordaunt volveu as costas, cruzou os braços e deu vários passos no compartimento, repetindo para consigo:

— Não fui convidado! Um estrangeiro ser o rei da festa!...

Repetiu tantas vezes estas palavras que Bryce ouviu metade, pelo menos.

— Quanto a ser convidado, permito-me dizer-lhe senhor Mordaunt, que será convidado.

— Falaram de mim? — perguntou Mordaunt.

— Não o sei dizer com precisão — respondeu Bryce Snailsfoot — Mas o senhor não tem nada que estar a voltar a cabeça com esse ar feroz, como uma foca que abandona a praia; porque, veja lá, ouvi dizer distintamente que toda a gente do país seria convidada. Pode-se lá admitir que o esquecessem? ao senhor, um amigo antigo (Deus lhe reserve melhor louvor no seu templo de misericórdia!); o senhor, que tem o pé mais ágil de todos os que têm feito cabriolas ao som da rabeca, nestas ilhas! Eu considero-o convidado, e o senhor fará bem em prevenir-se com um colete, porque toda a gente irá janota a essa festa. O Senhor tenha compaixão deles!

E após uma pausa, Bryce abordou-o de novo, dizendo:

— Não se inquiete com isso, senhor Mordaunt, porque, embora eu tivesse feito o capitão pagar um preço mais justo, posso no entanto tratar o senhor como amigo e reduzir o preço do artigo, como digo, à medida da sua bolsa; também não me importo de esperar até ao São Martinho. Sou um homem honesto, senhor Mordaunt, Deus me livre de perseguir seja quem for, e muito menos um amigo que já me comprou várias vezes; ou contento-me em deixar-lhe a fazenda pelo seu valor em penas, em peles de lontra ou qualquer outra espécie de pelaria. Não vendo senão aos bons atiradores. Já lhe disse, pois, se tiver alguma coisa para dar em troca do colete, estou pronto a fazer a troca; porque seguramente o senhor será convidado para Burgh-Westra na véspera de São João, e com certeza que não quererá apresentar-se pior que o capitão. Isso não seria decente.

— Convidado ou não, lá estarei — disse Mordaunt, detendo-se de repente e tirando a fazenda das mãos do buafarinheiro — E, tal como você diz, não os envergonharei.

— Tome cuidado, senhor Mordaunt! — exclamou o vendedor ambulante — O senhor mexe nisso como numa serapilheira; o senhor fá-la em pedaços: olhe que a minha mercadoria é fina. Lembre-se de que o preço é quatro dólares. Quer que assente no meu livro?

— Não — disse Mordaunt bruscamente. E, pegando na sua bolsa, tirou o dinheiro.

— Deus lhe faça a mercê de usar o seu colete e a mim a de fazer valer estes dólares! — disse o bufarinheiro todo contente — Que ele nos livre das vaidades terrestres e de uma avidez mundana!

Neste momento, a velha Swertha, a governanta, entrou na sala. Mordaunt, como sentisse necessidade de distrair-se do que o preocupava, atirou para o lado a sua compra, com uma espécie de desdém, e, dizendo-lhe que a arrumasse, agarrou na espingarda que estava a um canto, com a sua bagagem de caça, e saiu sem prestar mais atenção a Bryce, que queria entabular mais conversa.

O bufarinheiro, com os seus olhitos verdes, continuou a olhar durante algum tempo o freguês que tratara a sua mercadoria com tanta irreverência. A própria Swertha o observou com alguma surpresa.

— O mancebo está doido — disse ela.

— Doido — repetiu o bufarinheiro — Vem a ser como o pai. Tratar assim uma fazenda que custa quatro dólares. Não há peixe tão doido como este, como dizem os pescadores do Eske.

— Quatro dólares por este trapo! Aí está um bom negócio! Não sei se ele é mais doido do que tu és ladrão, Bryce

Snailsfoot.

— Não digo que isto lhe tivesse custado precisamente quatro dólares; mas creio que o dinheiro do mancebo é realmente dele; já é bastante homem para fazer as suas compras; e aliás a fazenda vale bem o dinheiro, e mais ainda.

— Mais ainda! — disse Swertha friamente — Sempre quero ver o que o pai pensa disso.

— Não seja má, senhora Swertha. Seria agradecer-me mal o bonito lacinho que lhe trouxe de Lerwick.

— E que você vendeu bastante caro...

— A senhora fixará o preço, ou paga-mo quando comprar qualquer coisa para casa ou para o seu patrão; servirá para arredondar a conta.

— Verdade, verdadinha, Bryce Snailsfoot? Creio que precisamos de tecidos de algodão; pois, não é preciso que diga que sabemos fiar como se houvesse uma patroa em casa; por isso não fazemos nenhuma espécie de tecido aqui.

— Eis aquilo a que eu chamo viver consoante a santa Escritura. Pense tanto nos que compram como nos que vendem. Há muito a ganhar neste texto.

— Dá prazer fazer negócios com um homem de juízo que sabe aproveitar tudo — disse Swertha — Mas agora vejo melhor a compra desse jovem doido; vale bem os quatro dólares.

ENCONTRO ENTRE O CÉU E O INFERNO

Regulei o céu e a *distribuição das estações*. O sol
 escutou os meus decretos e passou de um *tropico para*
o outro, à minha ordem, ao meu comando as nuvens
 despejaram as suas águas.

RASSELAS

O mesmo motivo de reflexão desagradável e humilhante que, na idade avançada, ocasiona uma inactividade pensativa e enfadada, não faz senão excitar a mocidade a um exercício violento, como se, à semelhança de um veado ferido, procurasse aturdir a dor com a rapidez dos movimentos. Quando Mordaunt pegou na espingarda e saiu da casa de Jarlshof, percorreu a grandes passos os campos sem objectivo determinado, excepto o de escapar à amargura do seu próprio despeito. O seu orgulho achava-se ferido pelas revelações do bufarinheiro que se ajustavam precisamente às dúvidas que concebera após o longo silêncio dos seus amigos de Burgh-Westra.

Mordaunt Mertoun, arredado aos seus próprios olhos do lugar que ocupava como o primeiro dos jovens da ilha, sentia-se mais irritado do que humilhado. As duas irmãs, de quem todos desejavam conquistar um sorriso, com as quais ele mantivera por tanto tempo uma amizade tão íntima, em que, sem lhe alterar a inocência, se misturava um tom de ternura indefinida, mas mais viva que a afeição fraternal, também essas lindas irmãs dir-se-iam tê-lo esquecido. Não ignorava que, na opinião geral, poderia ter pretendido ser o amado preferido de uma delas, e agora, de repente, sem a menor culpa da sua parte, tornar-se-lhes indiferente, perdera mesmo o que costuma sobreviver a uma ligação vulgar. O velho *udaller*, cujo carácter cordial e sincero deveria ser mais constante no seu affecto, parecia leviano como as filhas; e o pobre Mordaunt perdera simultaneamente o sorriso da beleza e o favor do poder. Eram tristes estas reflexões, e ele apressou o passo para se distrair, se lhe fosse possível.

Sem fazer reparo no caminho que tomava, avançou através daquela região onde nem sebes, nem muros, nem vedações de qualquer espécie detinham o viajante, até que atingiu um local muito solitário rodeado de colinas, no meio das quais havia um desses pequenos lagos vulgares nas ilhas Setland, e cujas águas, trasbordando, formam as nascentes desses pequenos riachos que regam o país e que servem para mover os moinhos.

Fazia um belo dia de Verão. O local era sossegado e silencioso. As próprias aves aquáticas, que frequentavam o lago em grande número, não levantaram o voo habitual, não soltavam os seus gritos agudos e vogavam numa tranquilidade profunda na água silenciosa. Sem visar qualquer objecto determinado, sem quase pensar no que ia fazer, Mordaunt meteu a espingarda à cara e fez fogo sobre o lago. Os chumbos choveram na superfície como gotas de uma onda; as colinas apoderaram-se do ruído da explosão e repetiram-no de eco em eco. As aves levantaram voo, umas em grupo, outras em desordem, respondendo aos ecos com mil gritos diferentes, desde o acento mais grave do ganso à voz lamurienta da gaivota malhada.

— Mas, porque faria eu recair as minhas contrariedades sobre estas inocentes gaivotas? — disse Mordaunt, após um momento de reflexão — Que têm elas de comum com os amigos que me esqueceram?... Ah! Eu gostava tanto delas! Ser assim abandonado por causa do primeiro desconhecido que o acaso fez dar à costa!

Encostado à sua espingarda, abandonava a sua alma ao curso destes pensamentos dolorosos, quando o seu devaneio foi de repente interrompido por alguém que lhe tocou no ombro. Mordaunt não era por natureza nem tímido nem crédulo; mas seria um verdadeiro prodígio se, vivendo nas ilhas de Setland nos fins do século XVII, tivesse a filosofia que ainda não existia geralmente na Escócia duas gerações mais tarde. Era Norna de Fitful-head, envolta na sua capa negra, quem pousava a mão no seu ombro.

Mordaunt duvidava da extensão e mesmo da existência dos atributos sobrenaturais de Norna, o que já era um grande esforço de incredulidade num país onde esses atributos constituíam artigo de fé; mas a sua incredulidade não ia além da dúvida. Norna era verdadeiramente uma mulher extraordinária, dotada de uma energia superior, movendo-se por motivos só dela conhecidos e muito independentes de qualquer consideração humana. É à impressão dessas ideias, das quais vinha

imbuído desde a infância, que se deve atribuir a espécie de sensação de alarme com que viu essa mulher misteriosa aparecer de repente tão perto dele e olhando-o naquele ar severo e triste com o qual se supõe que as virgens *fatais*, chamadas pela mitologia do Norte *Valkyriur*, fitavam os jovens heróis destinados por elas a participar do banquete de Odin.

Considerava-se, realmente, como uma circunstância infeliz, para não dizer pior, encontrar Norna só e num lugar afastado de testemunhas. Nessas circunstâncias, passava por ser uma profetisa de desgraça, bem como um funesto augúrio para aqueles que tinham semelhante encontro.

— Não te trago nenhuma desgraça, Mordaunt Mertoun — disse ela, adivinhando talvez nos olhos do mancebo qualquer coisa desse sentimento supersticioso — Nunca te fiz mal nenhum; nunca terás que recear de mim.

— Nada temo — disse Mordaunt, esforçando-se por anular um receio que achava indigno de um homem — Porque havia de temê-la, minha boa mãe? Tem sido sempre minha amiga.

— No entanto, Mordaunt, tu não és da nossa região. Mas nenhum dos que têm nas veias sangue setlandês, nem mesmo os que se sentam em torno da lareira de Magnus Troil, os nobres descendentes dos antigos condes das Órcades, me inspiram sentimentos mais ternos do que os que tenho por ti, meu bom e valente rapaz. Quando passei a volta do teu pescoço essa cadeia encantada, que todos nesta ilha sabem ser trabalho de mão não mortal e obra dos *drows* (Os *drows* ou *trows*, sucessores legítimos dos duergas do íorte, e um pouco aliados das fadas, residiam nas cavernas das colinas, segundo a crença nas ilhas Setland. Exercem o seu poder durante a noite) no segredo obscuro das suas cavernas, tu não tinhas mais de quinze anos. Já, no entanto, tinhas levado teus passos ao topo de Northmaven, que até então não fora pisado senão pelas patas membranosas do *swartback* e o teu barco penetrara nas profundas cavernas do Brinnastir, onde a *haaf-fish* (Foca lendária que habitava em cavernas profundas) dormira até então num sombrio repouso. Eis porque te fiz esse nobre dom; e bem sabes que desde esse dia todos nesta ilha te olham como um filho ou um irmão, o melhor dotado dos jovens e o favorito dos que se tornam poderosos quando a noite sucede ao dia.

— Ai, boa mãe — disse Mordaunt — o seu presente pôde dar-me o favor, mas não pôde conservá-lo! Mas, não importa. Saberei fazer pouco caso daqueles que não fazem caso de mim. O meu pai diz que em breve deixarei estas ilhas; assim, mãe Norna, devolver-lhe-ei o seu dom encantado, para que ele leve a felicidade a outro que não seja eu.

— Não desprezes os presentes da raça sem nome — disse Norna, franzindo o sobrolho. E mudando de súbito o seu ar descontente num tom de solene tristeza, ajuntou: Não os desprezes, mas, ó Mordaunt, não os procures. Senta-te nessa pedra cinzenta. Tu és o meu filho adoptivo, e despojar-me-ei tanto quanto possível dos atributos que me isolam da massa comum dos homens, para te falar como uma mãe a seu filho.

A esta ênfase de linguagem mesclava-se aquele tom plangente e aquela dignidade de atitude que cativam a atenção e o interesse.

Mordaunt sentou-se na rocha e Norna numa pedra a cerca de três passos de distância e envolveu-se na capa de maneira que não se via senão a sua frente, os olhos e uma madeixa da sua cabeleira grisalha. E continuou depois num tom em que a gravidade e a importância, tantas vezes afectadas pela loucura, pareciam disputá-la aos sentimentos profundos de uma aflição extraordinária.

— Eu nem sempre fui assim como sou agora — disse ela — Nem sempre fui a sábia, a poderosa, a soberana perante quem a mocidade treme abatida e o velho descobre os seus cabelos brancos. Houve tempo em que o meu aspecto não impunha silêncio à alegria; simpatizava com as paixões humanas e tomava a minha parte nos prazeres e nos desgostos dos mortais. Era um tempo de abandono; era um tempo de loucura, um tempo de lágrimas sem motivo; o tempo de um riso frívolo e sem objectivo. E no entanto, a despeito dessas loucuras, desses desgostos e dessas fraquezas, que não daria Norna de Fitful-head para ser ainda a jovem feliz e ignorada dos seus primeiros anos! Escuta-me, Mordaunt, e lamenta-me; porque tu ouves proferir lamentos que jamais soaram a ouvidos mortais, e que não voltarão a soar. Serei o que posso ser — continuou ela, levantando-se como que num sobressalto e estendendo um braço — Serei a rainha e a protectora destas ilhas selvagens e desprezadas; serei aquela a quem as vagas não molham os pés sem sua licença; sim, mesmo quando o mar está atormentado pela sua raiva mais terrível; serei aquela a quem as vestes são respeitadas pela mesma tempestade que leva os telhados das casas. Tu foste testemunha, Mordaunt Mertoun. Tu ouviste as minhas palavras em Harfra; tu viste a tempestade acalmar-se. Fala, e faz ouvir o teu testemunho.

— Ouvi-a cantar e vi a tempestade diminuir — disse Mordaunt.

— Diminuir! — exclamou Norna, batendo no solo, com impaciência, o seu bordão de carvalho negro — Tu não dizes senão meia verdade. A tempestade acalmou de repente, e num prazo mais breve do que a criança a quem a ama ordena silêncio. Conheces bem o meu poder; mas ignoras, oh homem mortal, ignoras que preço paguei para o adquirir. Não, Mordaunt, nunca, quando se tratar deste vasto domínio, orgulho dos antigos homens do Norte quando as suas bandeiras drapejavam triunfantes desde Bergen até à Palestina, nunca, por tudo o que o Mundo contém ou por um poder igual ao de Norna, vendas a paz do teu coração.

Tornou a sentar-se na rocha, puxou de novo o manto para o rosto, repousou a cabeça entre as mãos e, por um movimento convulsivo que lhe agitou o seio, pareceu chorar amarguradamente.

— Boa Norna — disse Mordaunt, e calou-se, não sabendo que mais dizer para consolar a infeliz — Boa Norna — tornou ele — se alguma coisa perturba a sua alma, não seria melhor ir avistar-se com o digno sacerdote de Dunrossness? Diz-se que há muitos anos não aparece numa assembleia cristã. Talvez não seja bom. A senhora é bem conhecida por sarar as enfermidades corporais; mas quando a alma está doente, devemos ir procurar o médico das almas.

Norna deixara lentamente a atitude abatida que tomara; por fim, erguera-se de pé, despojara-se do seu manto, estendeu o braço, e, lábios escumosos, olhos lampejantes, exclamou num tom doloroso:

— Foi a mim, a mim, que disseste que fosse procurar um padre! Querias matar de horror o santo homem? Eu, numa reunião cristã! Desejarias fazer cair o tecto do edificio em cima da congregação, e regar o altar com sangue talvez culpado? Eu, procurar o médico das almas! Querias que o demónio viesse reclamar abertamente a sua presa perante Deus e os homens?

A extrema agitação da infeliz Norna fez com que Mordaunt partilhasse por momentos da crença generalizada naquelas ilhas supersticiosas.

— Desditosa mulher! — disse ele — Se estás realmente ligada a esse deus do mal, porque não tentas arrepender-te? Mas faz como quiseres. Eu não posso, não ousa, como cristão, ficar muito tempo junto de ti. Toma a tua oferta — disse ele, querendo restituir-lhe a cadeia — Dela nunca poderá provir o bem, se acaso o mal já não aconteceu.

— Silêncio! Escuta-me, jovem insensato! — replicou Norna, com calma, como se fosse chamada à razão pelo alarme e o horror que julgou ter inspirado a Mordaunt — Escuta-me, digo-te eu. Não sou dos que estão ligados ao inimigo do género humano, ou dos que receberam do seu ministério a ciência ou o poder. Embora os espíritos se me tivessem tornado propícios por um sacrificio que lábios mortais não podem revelar, no entanto, Deus sabe que a minha falta, nessa oferenda, foi semelhante à do cego que cai no precipício que não pode ver nem evitar. Ah! Não me deixes, não me evites nesta hora de fraqueza! Fica junto de mim até que a tentação tenha passado, de contrário arremessar-me-ei a este lago para me Livrar ao mesmo tempo do meu poder e da minha miséria! Mordaunt sempre tivera por esta mulher singular uma espécie de afeição que encontrava provavelmente a sua origem nas deferências que ela sempre lhe testemunhara; deixou-se facilmente convencer e tornou a sentar-se e a escutar o que Norna ainda tinha a dizer-lhe, na esperança de que ela em breve dominaria a sua agitação.

— Não era de mim, Mordaunt, que eu queria falar — disse ela, num tom firme e imperioso — quando, descobrindo-te do alto desta rocha, desci o carregio e vim ter contigo. Bom ou mau, o meu destino é invariável. No que me diz respeito, deixei de ser sensível, mas para aqueles que ela ama, Norna de Fitful-head conserva ainda os sentimentos que a ligam à espécie humana. Toma bem Atenção no que te digo: há uma águia, a mais nobre das que constroem o seu ninho nestas elevadas rochas; no asilo desta águia introduziu-se uma víbora; queres tu ajudar-me a esmagar o réptil e salvar a nobre raça do Príncipe dos céus do norte?

— Fale mais claramente, Norna — disse Mordaunt — se quer que a compreenda e que lhe responda. Não sei adivinhar enigmas.

— Em termos claros: conheces a família de Burgh-Westra; as gentis filhas do generoso *udaller* Magnus Troil, Minna e Brenda. Quero eu dizer... conhece-los e estima-los.

— Conheci-os, boa mãe — replicou Mordaunt — e estimei-os. Ninguém o sabe melhor do que a boa mãe.

— Conhecê-los uma vez é conhecê-los sempre — disse Norna, num tom enfático — Estimá-los uma vez, é estimá-los sempre...

— Tê-los amado uma vez, é desejar-lhes felicidade para sempre, e nada mais — replicou o Jovem — Para lhe falar com

franqueza, os moradores de Burgh-Westra desprezaram-me totalmente desde há algum tempo. Mas ensine-me os meios de os servir, e demonstrar-lhe-ei que não perdi a lembrança de uma amizade antiga e que sei esquecer uma indiferença recente.

— Falas com acerto; vou pôr-te à prova. Magnus Troil acalentou a serpente no seu peito. As suas amáveis filhas estão entregues aos projectos do cobarde.

— Fala do estrangeiro, de Cleveland? — indagou Mordaunt.

— Do estrangeiro que usa esse nome — replicou Norna — O mesmo que encontrámos na costa, como um molho de algas marinhas, junto do cabo Sumburgh. Alguma coisa me dizia que devia deixá-lo arrebatado pela onda que o trouxera à costa. Estou arrependida de não ter obedecido àquela ideia.

— Por mim — disse Mordaunt — não me posso arrepender de ter feito o meu dever de cristão; e que razões teria para o lamentar? Se Minna, Brenda, Magnus e os outros preferem o estrangeiro, não tenho o direito de me ofender, até se ririam à minha custa, se eu quisesse comparar-me com ele.

— Está bem, e espero que eles mereçam a tua amizade desinteressada.

— Mas não sou capaz de adivinhar — prosseguiu Mordaunt — em que me propõe ser-lhes útil. Acabo de saber por Bryce, o bufarinheiro, que o capitão Cleveland está nas melhores relações com as duas jovens de Burgh-Westra e com o próprio *udaller*. Não me quero introduzir onde não serei bem recebido, nem opor o meu pobre mérito ao do capitão Cleveland. Ele pode descrever-lhes batalhas, eu não posso falar senão de ninhos de pássaros; ele pode dizer-lhes quantos franceses matou, eu nunca matei senão focas; ele usa bonitos fatos, tem uma bonita apresentação, eu visto-me com simplicidade e com simplicidade fui criado. Estrangeiros amáveis como ele podem prender os corações daqueles com quem convivem, como o passarinho prende o mergulhão nas suas armadilhas.

— Fazes mal a ti próprio — disse Norna — Mal a ti próprio, e ainda mais a Minna e a Brenda; não dês crédito às palavras de Bryce Snailsfoot, esse avarento, que por uma vil moeda seria capaz de mergulhar nas águas. É certo que, se perdeste na opinião de Magnus Troil, esse ladrão contribuiu para isso. Mas que tome cuidado, não o perco de vista!

— E porque, minha mãe, não diz a Magnus o que acaba de me dizer a mim? — inquiriu Mordaunt.

— Porque os que crêem demasiado na sua sagacidade devem receber a amarga lição da experiência. Ainda ontem falei a Magnus; e que me respondeu ele? «Boa Norna, estás a fazer-te velha». E foi tudo o que me disse um homem ligado a mim por tantos laços, o descendente dos antigos condes norses, Magnus Troil!... A mim, sim. E em defesa de quem? De um homem que o mar atirou para aí como um despojo de naufrágio. Visto ele desprezar os conselhos da idade, ele aprenderá com os da juventude, feliz por sentir-se abandonado à sua própria loucura! Vai, pois, a Burgh-Westra, como de costume, pelo São João.

— Não recebi nenhum convite; não me chamam nem me desejam, nem mesmo pensam em mim — disse Mordaunt — Talvez nem me reconheçam, se lá for; e no entanto, minha mãe, para dizer a verdade, tinha pensado em lá ir.

— É um bom pensamento a executar — aconselhou Norna — Visitamos os nossos amigos quando eles estão doentes, porque não os visitar quando o seu espírito sofre e a prosperidade se lhes nega? Não deixes de ir... Talvez lá nos encontremos. Mas os nossos caminhos são diferentes. Adeus, não fales deste encontro.

Separaram-se. Mordaunt ficou de pé, à beira do lago, os olhos fixos em Norna até ao momento em que o seu grande vulto desapareceu nas curvas do carreiro que ela seguiu. Mordaunt voltou para casa do pai, resolvido a seguir o conselho, que se ajustava aos seus próprios desejos.

VIAGEM A CAMINHO DA AVENTURA

Mudarei todos os vossos usos antigos

Não podereis comer beber, falar,

Pensar, repousar, andar, trabalhar.

Como outrora o faziam os vossos pais

Trago cá outras usanças

Nada aqui será como dantes

Até na cama do casal haverá mudanças

Ele ficará para fora, ela para a parede

UM DESACORDO APARENTE

O dia da festa aproximava-se, e não chegava convite para aquele sem o qual, pouco tempo antes, não teria havido boa festa em toda a ilha, ao passo que por toda a parte corria o boato do favor de que gozava o capitão Cleveland na família do velho *udaller* de Burgh-Westra. Tais mudanças *faziam* menear a cabeça a Swertha e ao *Ranzelman*, que empregavam muitas vezes as vias indirectas, para fazer sentir a Mordaunt que caíra em desgraça pela imprudente actividade que desenvolvera em salvar um estrangeiro, que o refluxo da primeira vaga devia arrastar para o mar.

— Deve-se deixar a água fazer a sua vontade — dizia Swertha — Contrariá-la não traz felicidade.

— É verdade! — confirmou o *Ranzelman* — Um homem prudente deixa à vaga e à corda o que lhe pertence.

— E pensar que esse Cleveland está fazendo sombra ao nosso amo! — lamentava Swertha — E isto em casa de Magnus Troil, que, no Pentecostes passado, o olhava como a flor da ilha. Magnus, que passa, quando está em jejum por ser o mais avisado como o mais rico dos setlandeses.

— Magnus não ganhará nada com aquilo — replicou o *Ranzelman*, meneando a cabeça, num ar grave — Há momentos, Swertha, em que os mais prudentes de entre nós, e confesso humildemente que estou nesse número, não passam de verdadeiros néscios... Mas em breve veremos o mal que resultará de tudo isto, porque nada de bom pode resultar.

— Não, não — respondeu Swertha, no mesmo tom de profética sabedoria — nada de bom poderá resultar, isso é bem verdade.

Estas predições, repetidas de tempos a tempos, não deixavam de produzir algum efeito em Mordaunt. A sua curiosidade e a sua inquietação tinham subido ao mais alto grau, e persistia na decisão de aparecer na festa próxima, onde um pressentimento parecia anunciar-lhe que ocorreria algum caso imprevisto que havia de decidir do seu futuro.

Como seu pai se encontrava então num estado de saúde normal, era indispensável participar-lhe o seu projecto de ir a Burgh-Westra. Informou-o, pois, e Mertoun quis saber que motivo particular o fazia desejar lá ir mais naquela época do que noutra qualquer.

— É uma época de festa — respondeu o mancebo — Toda a gente se reúne ali.

— E tu tens vontade de juntar mais um doido aos que lá se vão encontrar. Vai, mas toma cuidado na maneira como vais avançar nessa senda em que te metes. Uma queda do alto do rochedo de Foulah não seria mais perigosa.

— Posso perguntar-lhe a razão desse aviso? — inquiriu Mordaunt.

— Magnus Troil tem duas filhas — respondeu Mertoun — Tu estás na idade em que se vêem semelhantes brinquedos com afeição, para aprender depois a amaldiçoar o dia em que se abriu os olhos à luz. Digo-te que te acauteles: porque assim como a mulher fez entrar no mundo o pecado e a morte, assim os seus olhares ternos e a sua linguagem cheia de doçura causam a ruína inevitável de quem quer que nela confie.

Mordaunt respondeu que as filhas de Magnus Troil não eram para ele mais do que as outras filhas da região; que elas até eram menos, porque lhe tinham retirado a sua amizade sem lhe explicarem os motivos.

— E vais lá tentar fazê-la renascer? — perguntou o pai — Insensata borboleta, que, salva da chama sem queimar as asas, quer voltar para as queimar, em vez de contentar-se com a obscuridade que é a sua salvação! Mas, para que perco o meu tempo a querer afastar de ti a sorte inevitável? Vai onde o Destino te chama.

— Provavelmente, não terei senão um frio acolhimento em Burgh-Westra — pensou Mordaunt — Mas demorar-me-ei menos tempo. Só quero descobrir se eles estarão a ser enganados por esse marinheiro estrangeiro, ou se não procederam senão por capricho ou pelo simples prazer de mudar de companhia. No primeiro caso, explicar-me-ei, e o capitão Cleveland que tome cuidado com ele! No segundo caso, bem, adeus Burgh-Westra e seus moradores!

Pensando na segunda alternativa, o seu orgulho ferido e uma revivescência de afeição por aqueles a quem supunha dizer adeus para sempre, fizeram correr uma lágrima dos seus olhos. Enxugou-a à pressa, censurando-se pela sua fraqueza e, redobrando o passo, continuou o seu caminho.

Preocupado com semelhantes pensamentos chegou a Harfra, onde morava, como o leitor deve estar lembrado, o engenhoso senhor Yellowley. O nosso viajante, nessa ocasião, tomara as suas precauções para não depender da parcimoniosa hospitalidade dos donos da casa, que, neste sentido, tinham adquirido na ilha uma reputação degradante. Levava num pequeno alforje provisões que chegariam para uma viagem mais longa. No entanto, ou por delicadeza, ou para se distrair das ideias que o obcecavam, entrou na moradia, onde encontrou tudo em revolução. Triptolemus em pessoa, pernas resguardadas num par de botas fortes, subia, descia e dirigia em alta grita perguntas sobre perguntas a sua irmã e à criada, que lhe respondiam em tom azedo e estridente. Enfim, a senhora Baby apareceu. A sua venerável pessoa estava mascarada num vestido de amazona muito grande, outrora verde, mas que, devido aos esforços do tempo e aos consertos sofridos, se tornara, como o manto do patriarca José, uma vestimenta de cores diversas. Um chapéu em forma de campânula, comprado há muito tempo, num momento em que a vaidade triunfara da avareza, guarnecido de uma pluma, exposta ao vento e à chuva tantas vezes como as de uma gaivota, completava a sua toilette. Acrescentaremos que ela trazia na mão um chicote de castão de prata e de forma antiga. Esta indumentária, o seu olhar decidido e o seu ar de importância demonstravam que a senhora Barbara Yellowley estava disposta a seguir viagem.

Fora da primeira casa que enxergara Mordaunt, e a sua vista causara-lhe uma comoção de natureza mista.

— Deus me perdoe! — exclamara ela, antes de ele ter entrado — Eis o belo mancebo que traz uma jóia em volta do pescoço, e que fez desaparecer o nosso ganso tão prontamente como se fosse uma andorinha!

A admiração pela cadeia de ouro, que lhe causara uma tão forte impressão da primeira vez que o vira, influíra na primeira parte da sua exclamação; e a lembrança do infeliz destino do pato fumado ditara a segunda.

— Tão verdade como eu existir — ajuntou ela — ei-lo a abrir a porta.

— Estou a caminho de Burgh-Westra, miss Yellowlley — disse Mordaunt.

— E nós ficaremos encantados de fazer a viagem consigo — respondeu ela — Ainda é muito cedo para se pensar em comer. Mas se, no entanto, quiser um bocado de pão de centeio, e um copo de *bland*... Mas não faz bem viajar com o estômago cheio; e, aliás, tem que reservar o seu apetite para a festa, porque decerto haverá lá de tudo em profusão.

Mordaunt, sacando as suas provisões do alforje, explicou aos seus hóspedes que não quisera sobrecarregá-los segunda vez, e convidando-os a partilhar da sua refeição. O pobre Triptolemus, que raramente via um jantar tão atraente como o que se estadiava a seus olhos, lançou-se à boa comida como Sancho à espuma da marmitta de Camacho, e mesmo sua irmã não pôde resistir à tentação, embora com mais apurmo e com uma espécie de vergonha.

Logo após este repasto improvisado, o feitor mostrou-se impaciente por partir, e Mordaunt percebeu que o alvoroço com que *miss Baby* o acolhera não era absolutamente desinteressado. Nem ela nem o sábio Triptolemus se atreviam a meter-se a

caminho sem guia numa região quase deserta que eles não conheciam. Ser-lhes-ia fácil fazerem-se acompanhar de um dos jornaleiros que trabalhavam na herdade; mas o circunspecto agricultor observara que isso seria perder pelo menos um dia de trabalho, e sua irmã aumentara esse receio, exclamando:

— Um dia de trabalho! Diz antes uma vintena. Se essa gente sente o cheiro da panela ao lume ou escuta o som de uma rabeça, sabe Deus quando a poderás fazer voltar para o trabalho!

Como o feitor e a irmã deviam percorrer o caminho a cavalo, foi preciso procurar um para o seu guia e companheiro de viagem, o que não era difícil num país onde o número imenso de *ponies* de grandes crinas, longas ancas e pernas curtas eram em liberdade nas vastas pastagens que partilham com os patos bravos, os carneiros, as cabras, os suínos e as pequenas vacas de uma raça oriunda das ilhas Setland. Existe, em verdade, um direito de propriedade sobre estes animais, cada um dos quais traz uma marca daquele a quem pertence; mas quando um viajante tem necessidade de um cavalo, monta sem escrúpulo o primeiro que se lhe depara e quando acaba o percurso restitui-lhe a liberdade, pois ele sabe reencontrar o seu caminho.

Já tinham agarrado dois desses *ponies* e ajaezados para a viagem. O que se destinava a levar a encantadora Baby fora ornamentado com uma sela de senhora, de uma antiguidade respeitável: era uma enorme massa cheia de crina, formando uma almofada de onde pendia por todos os lados, em forma de xairel, um velho tapete que, destinado nos seus tempos a um cavalo de estatura normal, cobria o cavalito sobre o qual o estenderam desde as orelhas à cauda e descia até às patas, de maneira que não se via senão a cabeça, que se erguia altivamente como a de um leão saindo de uma moita, num símbolo heráldico.

Mordaunt levantou gentilmente a bela senhora Yellowley e não precisou de empregar grande esforço para a ajudar a atingir o alto da sela. É provável que, vendo-se objecto das atenções de um tal escudeiro, um secreto sentimento de satisfação enternecesse a sua alma. O seu olhar deslizou complacente pelo seu famoso vestido de amazona e pelo longo xairel que formava o acompanhamento da sua sela.

— Seria um prazer — disse ela a Mordaunt, com um sorriso bastante agradável — viajar com tão bom tempo e em tão boa companhia, se disto não resultasse tanto desgaste para as roupas — ajuntou, detendo o seu olhar numa parte do vestido cujo bordado sofrera um pouco.

O irmão montou pesadamente o seu cavalo: e como, apesar da serenidade do tempo, lhe apeteceu lançar uma grande manta vermelha por cima do seu fato, o cavalito ficou ainda mais completamente tapado que o da irmã. Sucedeu ainda tratar-se de um animal muito vivo, caprichoso e teimoso; e, a despeito do peso de Triptolemus, fazia de quando em quando umas cabriolas que não permitiam ao cavaleiro conservar o devido aprumo na sela; e como o palafrém ficava inteiramente oculto na imensa manta de Triptolemus, estas cabriolas, mesmo vistas a pouca distância, davam a impressão de ser produzidas por movimentos voluntários do cavaleiro, sem auxílio de outras pernas senão as que a Natureza lhe dera. Seria preciso uma grande atenção para o espectador se convencer do contrário.

Mordaunt seguia ao lado do digno par, montado, segundo o uso da região, no primeiro cavalo que pôde apanhar e sem outros arreios senão a brida que servia para o conduzir. O senhor Yellowley, vendo com muito prazer o seu guia servido de montada, tomou a resolução secreta de não abolir aquele costume grosseiro de cada um se servir dos cavalos dos outros sem licença dos donos, senão quando ele próprio tivesse alguns sobre os quais os vizinhos pudessem exercer represálias.

Mas Triptolemus mostrava menos tolerância pelos outros usos e abusos do país e massacrou Mordaunt com longos discursos, ou, para melhor dizer, fastidiosas arengas, sobre todas as mudanças que a sua chegada àquelas ilhas ia trazer.

Não houve sítio da região selvagem e montanhosa que Mordaunt o fazia percorrer que não fornecesse à imaginação activa do feitor algum plano de transformação e de melhoramento. Abriria uma estrada através daquele lodaçal impraticável para outras criaturas que não fossem os animais de quatro patas que lhes serviam de montada, substituiria por boas casas os *skeoes*, ou barracas construídas de pedra solta, nas quais os insulares secavam o peixe. Ensinar-lhes-ia a fabricar boa cerveja para substituir o seu *bland*; levá-los-ia a plantar matas naqueles desertos onde não se via uma árvore; encontraria minas preciosas num local onde um *skilling* da Dinamarca era uma moeda que se via com uma espécie de veneração. Todas estas modificações e muitas outras estavam decididas no espírito do digno feitor, e ele falava com a maior confiança no apoio que havia de encontrar, para a execução dos seus planos, nos grandes proprietários e, principalmente, em Magnus Troil.

— Algumas horas depois de estarmos juntos — disse ele — comunicarei ao homenzinho algumas das minhas ideias, e verá a sua gratidão para quem lhe leva alguns conhecimentos úteis, bem preferíveis à riqueza.

— Não o aconselho a contar muito com isso — disse-lhe Mordaunt, em tom de advertência — A barca de Magnus Troil

não é fácil de governar; ele tem apego às suas opiniões e às do país. O senhor terá mais facilidade em ensinar esse cavalo a mergulhar no mar como uma foca, do que a persuadir Magnus a trocar um uso *norse* por um uso escocês. E, no entanto, se ele é inabalável nos seus antigos costumes, não será talvez mais constante que qualquer outro para com os seus antigos amigos.

— *Heus tu, inepte!* — disse o aluno da Universidade de Santo André — Que ele seja inabalável ou inconstante, que me importa? Não serei um homem digno de confiança, um homem possuidor de um grande crédito? Um *fowd*, título bárbaro que Magnus ainda se atribui, ousará comparar a sua opinião com a minha, opor as suas opiniões às do homem que representa o Lorde Chamberlain das ilhas Setland e das Órcades?

— Apesar disso, aconselho-o a não atacar muito de frente os seus preconceitos. Aliás, ele nunca escudou com paciência longas explicações; é, portanto, provável que se insurja contra as primeiras propostas de reforma, antes que o senhor tenha tido tempo de demonstrar-lhe a utilidade.

— Que quer dizer, jovem? — exclamou o feitor — Haverá nestas ilhas alguém tão cego que não sinta tudo o que aqui falta? Um homem, mesmo um animal — acrescentou com um entusiasmo sempre crescente — poderá lançar um olhar sobre o que a imprudência chama aqui um moinho de trigo, sem tremer ao pensar que tem que moer o seu grão por processo tão deplorável? Olha aquele moinho de água, Baby... Ai, que o maldito aborto! — Esta última interjeição dirigia-se ao cavalito, que se tornava impaciente quando o cavaleiro se detinha para mostrar os defeitos de um moinho setlandês — Observa-o. Não passa de um degrau acima de um moinho manual; não tem roda, nem dentes, nem tremonha, nem... Apre! Que demónio de animal!... Não é capaz de moer meio alqueire de grão num quarto de hora, e a farinha seria mais própria para uma ração de cavalos do que para pão dos homens... Mau, outra vez? Não queres estar quieto, maldito animal?... Parece que tens o demo no corpo.

Quando ele pronunciou estas últimas palavras, o seu cavalo, que se empinava, escoceava e espinoteava de impaciência, baixou a cabeça entre as duas pernas da frente, levantando ao mesmo tempo as de trás, e arremessou o cavaleiro para o riacho onde se encontrava o pequeno moinho criticado. Depois desta pirraça, o animal deu uma reviravolta e safou-se a todo o galope para os lados das pastagens onde o tinham apanhado, relinchando de alegria e dando coices quase a cada passo.

Rindo a bom rir deste acidente sem importância, Mordaunt ajudou o feitor a sair da água, enquanto a irmã o felicitava ironicamente por ter caído num riacho das ilhas de Setland; não seria facilmente tirado de um dos cursos de água que movem os moinhos na Escócia. Sem se dignar responder a este sarcasmo, Triptolemus, mal se encontrou de pé, sacudiu as orelhas, viu com prazer que a sua grande manta o salvara de ficar encharcado, e exclamou:

— Vou mandar vir garanhões do condado de Lanark, éguas de cria do de Ayr: não quero que fique nestas ilhas nem um só destes abortos para quebrar a espinha às pessoas de bem. Ouviste, Baby? Só te digo que limpo o país destes malditos.

— Seria melhor torceres a tua manta, Triptolemus — respondeu-lhe a irmã.

Nesse meio tempo, Mordaunt tratava de apanhar outro cavalo no prado próximo; e, improvisando uma brida de juncos entrelaçados, colocou o agricultor desconcertado numa montada mais pacífica e menos voluntariosa do que a que acabava de abandoná-lo.

Mas a queda do senhor Yellowley operara como um verdadeiro sedativo sobre o seu entusiasmo, e durante cinco grandes milhas mal pronunciou uma palavra, deixando o campo livre às exclamações melancólicas e às lamentações da senhora Baby sobre a perda da velha brida que o cavalito fugitivo levava com ele. Fazia dezoito anos pelo São Martinho que se tinha comprado, dizia ela, e agora podia considerar-se perdida.

Mordaunt não tentava sequer interrompê-la. À medida que se aproximava de Burgh-Westra, mais reflectia sobre o acolhimento que lhe fariam as duas lindas e jovens insulares.

Enfim, os tristes lodaçais que tinham atravessado até então deram lugar a sítios mais agradáveis, estavam à beira de um lago de água salgada, ou, para melhor dizer, de um braço de mar que penetrava no interior da ilha, cercado de um terreno sólido e fértil, produzindo as mais belas colheitas que a vista experimentada de Triptolemus Yellowley ainda vira naquela região. No meio desta terra de promessa erguia-se o castelo de Burgh-Westra. Uma cadeia de montanhas cobertas de verdura punha-o ao abrigo dos ventos do norte e de leste. Dominava o lago e o Oceano que lhe dava origem, as diferentes ilhas e as montanhas mais afastadas. Das chaminés do castelo e das de quase todas as choupanas agrupadas em redor, saía uma rica nuvem de fumo que demonstrava que não era somente no castelo que se faziam preparativos de festa, mas também em quase todas as casas do lugar.

— Palavra — disse Baby — parece que toda a aldeia está a arder. Chega aqui o cheiro do desperdício; um homem de bom apetite não precisaria de outro conduto para comer o seu pão de centeio senão o fumo que sai destas chaminés.

O MISTÉRIO DE MINNA E DE BRENDA

Falas-me de um amigo cansado de amizade.

Acredita, Lucilius, quando a afeição começa

A deixar-se conduzir à indiferença

Em vez de franqueza e cordialidade

Usa todo o cerimonial da etiqueta

SHAKESPEARE, «JÚLIO CÉSAR»

Se o fumo que se erguia das chaminés de Burgh-Westra até às montanhas circundantes poderia proporcionar alimento à fome, como sagazmente observara a senhora Barbara, o ruído que se fazia ouvir poderia restituir o ouvido aos surdos. Era uma mistura de sons de toda a espécie, mas que todos pareciam denunciar uma cordialidade franca. E a vista era seduzida por um espectáculo não menos animado.

Via-se chegar de todos os lados grupos de amigos que se apeavam dos cavalitos, que logo fugiam para as suas pastagens. Outros, vivendo nas ilhas afastadas ou ao longo da costa, desembarcavam na pequena angra que servia simultaneamente o castelo e a aldeia. Detinham-se a cada passo para se saudarem uns aos outros. Os novos viajantes viam a cada momento chegar famílias ao castelo, cujas portas se abriam para receber os hóspedes tão numerosos que dir-se-ia que o edifício não poderia contê-los todos, embora o local fosse digno da fortuna e do carácter hospitaleiro do proprietário.

Por entre os sons confusos que redobravam à chegada de cada grupo e que demonstravam o bom acolhimento que tinham, Mordaunt julgou reconhecer o tom e acento de bom-humor do dono da casa; e a incerteza de saber se a recepção amável que ouvia fazer aos outros lhe seria igualmente concedida, começou mais que nunca a atormentá-lo. Aproximando-se mais, ouviu os alegres instrumentos dos músicos que ensaiavam as árias com que deviam alegrar a noite.

Entretanto, os nossos três viajantes iam avançando, cada um embrenhado nas suas reflexões. Já falámos das de Mordaunt. Baby sentia-se quase sufocada por um misto de desgosto e de surpresa, ao calcular a quantidade de víveres que seria necessário preparar para alimentar tanta gente que ela via mover-se à sua volta. Numa palavra, à vista de uma profusão tão perdulária, sofria o que Bruce sofrera na Abissínia quando viu os desgraçados menestréis de Gondar talhados em pedra à ordem do rás Miguel.

Quanto ao irmão da parcimoniosa menina, ao chegar ao recinto onde as alfaias grosseiras e antigas destinadas à cultura das terras se encontravam desordenadamente espalhadas, como é uso também na Escócia, os seus pensamentos fixaram-se logo nos seus inúmeros defeitos. O coração de Triptolemus irritava-se como o de um bravo guerreiro que vê as armas e as insígnias do inimigo que ele está prestes a combater. Todo preocupado com os seus grandes projectos, pensou menos no apetite provocado pela viagem, embora não tardasse em satisfazê-lo com um jantar como raras vezes encontrara, do que no seu grande empreendimento de civilizar os costumes e aperfeiçoar a cultura das terras nas ilhas Setland.

— *Alea jacta est* — disse ele, para consigo — Este dia vai provar se os setlandeses são dignos dos trabalhos a que nos dedicamos para sua felicidade, ou se o seu espírito não será mais susceptível de cultura do que as suas turfeiras. Algumas garfadas deste *roastbeef*, cujo aroma acaricia tão agradavelmente o olfacto, constituirão uma introdução propícia ao meu plano de melhorar a raça dos animais.

Os nossos viajantes tinham chegado então em frente do castelo de Magnus Troil, que parecia ter sido construído em diferentes épocas e ao qual diversos edificios se tinha adaptado sem gosto à construção antiga, à medida que o aumento da fortuna ou da família iam fazendo sentir necessidade de uma habitação mais ampla. Sob um alpendre muito baixo e muito largo, sustido por dois enormes postes, outrora ornamentos esculpidos da popa de navios que naufragaram na costa, Magnus, em pessoa, dava-se à hospitaleira tarefa de receber os numerosos amigos que iam chegando sucessivamente. O seu vestuário, que ficava bem ao seu nobre vulto e ao seu aspecto vigoroso, era de um corte antigo, de fazenda azul, debreado de escarlate e agalado por todas as costuras, bem como em volta das botoeiras. Seu rosto másculo era crestado devido ao hábito de se

expor às intempéries. Veneráveis cabelos brancos, caindo com profusão de sob o chapéu agalado de ouro e negligentemente ligados por uma fita na nuca, denunciavam uma constituição robusta.

Quando viu os nossos três viajantes avançar para ele, uma nuvem de contrariedade obscureceu-lhe a fronte. Aproximando-se de Triptolemus, endireitou-se como se quisesse juntar o ar de imponência do rico *udaller* ao agasalho hospitaleiro que desejava fazer a seus hóspedes o dono da casa.

— Seja bem-vindo, senhor Yellowley — disse ele ao feitor — O senhor é bem-vindo a Burgh-Westra. O vento impeliu-o para uma costa um pouco dura: é a nós, que somos naturais do país, que compete torná-la mais suave para si. Eis a sua irmã, presumo eu? Senhora Barbara Yellowley, conceda-me a honra de a cumprimentar como vizinho — Dizendo estas palavras, com uma cortesia que denunciava uma generosa fidelidade às leis da hospitalidade, e da qual ninguém seria capaz neste século degenerado, tocou com os seus lábios as faces enrugadas da solteirona, cuja fisionomia, ao receber esta prova de delicadeza, perdendo a expressão de azedume que lhe era peculiar, deixou perceber alguma coisa que se poderia tomar por um sorriso. Lançando um olhar a Mordaunt e encarando-o, disse-lhe, sem lhe estender a mão e num tom que traía uma agitação que se esforçava por ocultar: — E tu também, Mordaunt, és bem-vindo.

— Se assim não o esperasse — respondeu o jovem, naturalmente sentido com um acolhimento tão frio — não estaria aqui, e ainda não é tarde para me ir embora.

— Mancebo — replicou Magnus — sabes melhor do que ninguém que não te poderias retirar sem fazer afronta ao dono da casa. Não semeies a perturbação entre os hóspedes com escrúpulos mal fundados. Quando Magnus Troil diz: «Sois bem-vindos», estas palavras aplicam-se a todos os *que* ouvem a sua voz, e sabes que ela se faz ouvir bem alto. Entrai, dignos hóspedes, entrai, e vejamos o que prepararam minhas filhas para a vossa recepção.

Assim falava de maneira a dirigir-se a todos os que podiam ouvi-lo, de forma que Mordaunt não pudesse crer que esta frase lhe era particularmente destinada, nem supor que devia deixar de aplicá-la a si próprio. O *udaller* introduziu então os recém-chegados no interior da casa, onde duas grandes salas, servindo para o mesmo uso de um salão moderno, já estavam cheias de hóspedes de toda a espécie.

A festa pareceu ganhar novos encantos para os jovens que ali se encontravam, quando viram chegar Mordaunt. Todos correram para ele e apressaram-se a perguntar-lhe porque há tanto tempo o não viam em Burgh-Westra, pergunta que demonstrava claramente que pensavam que a sua ausência não tinha outra causa senão a sua vontade. Este acolhimento aliviou em parte as amargas inquietações do mancebo. Era evidente que, se a família do *udaller* guardava algumas reservas contra ele, pelo menos essas reservas não se estendiam mais longe e, se houvesse ensejo de justificar-se, não haveria necessidade de exceder o âmbito de uma só família. Dando o mau estado de saúde de seu pai por desculpa da sua ausência, atravessou diversos grupos de amigos, cada um dos quais parecia querer retê-lo o mais possível, e, desembaraçando-se dos seus dois companheiros de viagem, que se lhe pegavam como pez, apresentando-os a algumas famílias das mais distintas da ilha, chegou enfim à porta de um aposento, que tinham deixado a Minna e a Brenda decorar a seu gosto, e que lhes era particularmente reservado.

Mordaunt não contribuíra pouco para o arranjo deste compartimento favorito e para a colocação dos ornamentos que o embelezavam. Durante a última permanência que fizera em Burgh-Westra, a entrada ali era-lhe tão franca como às duas gentis raparigas; mas, agora, os tempos estavam mudados. Quedou-se com os dedos apoiados no puxador sem saber se havia de tomar a liberdade de abri-lo. Só se decidiu quando ouviu Brenda pronunciar a palavra *entre*; mas ela fizera-o naquele tom que geralmente se usa quando se espera a visita de um importuno que se deseja ver longe o mais depressa possível.

Àquele sinal, Mordaunt entrou no aposento das duas irmãs, que se preparara para a festa juntando-lhes alguns enfeites de grande preço. Encontrou as duas filhas de Magnus sentadas, e, ao que lhe pareceu, em conferência com Cleveland e um velhote de figura franzina, cujos olhos conservavam ainda toda a vivacidade que mantivera no meio das vicissitudes de uma vida agitada e precária, e que, acompanhando-o até à velhice, lhe dava talvez, a despeito dos cabelos grisalhos, um aspecto menos respeitável.

O acolhimento que as duas irmãs dispensaram a Mordaunt assemelhava-se muito ao que lhe fizera o pai; não conseguiram, porém, dissimular tão bem as modificações que se tinham operado nelas. Ambas coraram e se levantaram sem lhe oferecer a face, como o uso então permitia e até parecia exigir, e sem lhe estender a mão. Limitaram-se a saudá-lo, como a um conhecimento vulgar. Mas o rubor da mais velha provinha apenas de uma dessas ligeiras comoções que se dissipam tão depressa como a ideia que lhes dá origem. Um momento depois, olhava Mordaunt com calma e frieza, e respondeu, com

delicadeza afectada, aos cumprimentos que o mancebo lhe dirigira a gaguejar. A comoção de Brenda, pelo menos na aparência, dir-se-ia mais viva e mais profunda. O seu rubor espalhara-se por tudo o que o seu vestido deixava ver de epiderme, de uma deslumbrante alvura, nos contornos do pescoço e na parte superior do seio de uma graça inigualável. Não tentou sequer responder aos cumprimentos embaraçados que Mordaunt lhe dirigiu com timidez; mas fitou-o com uns olhos que denunciavam mal-estar e desgosto, e pareciam dizer que a recordação do passado ainda não se apagara do seu coração. Mordaunt, nesse instante, sentiu de certo modo a certeza de que a amizade que Minna tivera por ele se extinguiu completamente, mas que ainda seria possível reacender a da sensível e doce Brenda; e tal é a contradição do coração humano, que, embora não tivesse feito até então nenhuma diferença entre as duas irmãs, tão belas e tão interessantes uma como a outra, a amizade daquela que parecia ter-lha retirado inteiramente, pareceu nesse momento ter mais valor a seus olhos.

Foi interrompido nestas rápidas reflexões por Cleveland, que, tendo-lhe deixado o tempo necessário para fazer os cumprimentos devidos às donas da casa, avançou com o ar franco de um marinheiro, para saudar aquele a quem devia a vida. E fê-lo com tanta desenvoltura, que, embora a época em que Mordaunt perdera a amizade da família de Burgh-Westra coincidissem com a da chegada do estrangeiro ao país e com a sua permanência em casa do *udaller*, foi-lhe impossível não corresponder às suas manifestações com a delicadeza que elas exigiam. Recebeu os seus agradecimentos com um ar de satisfação e disse-lhe que esperava que tivesse passado agradavelmente o seu tempo desde que o não via.

Cleveland ia a responder, mas foi interrompido pelo velho de quem já falámos, que, metendo-se entre ambos e tomando a mão de Mordaunt, se ergueu nos bicos dos pés para lhe beijar a fronte, e, repetindo a sua pergunta, encarregou-se de responder.

— Como se passou o tempo em Burgh-Westra? — exclamou ele — E é você que faz semelhante pergunta, príncipe dos rochedos e dos precipícios? Como se havia de passar, se não fosse com as asas que lhe emprestou o prazer e a beleza para acelerar o seu voo?

— Sem esquecer o espírito e a alegria, meu velho amigo — ajuntou Mordaunt num tom meio sério, meio chocarreiro, e apertando ao mesmo tempo a mão do velho — E não se pode temer a sua falta onde quer que se encontre Claud Halcro.

— Nada de motejos, mancebo! — respondeu o velho — Quando a idade tiver entorpecido as suas pernas como estão as minhas, terá gelado o seu espírito como gelou o meu: quando ela tiver tornado a sua voz...

— Não se calunie a si próprio, mestre! — exclamou Mordaunt, que não estava aborrecido de aproveitar-se do carácter original do seu velho amigo para entabolar uma espécie de conversação, a fim de diminuir o embaraço em que se encontrava e de ganhar tempo para fazer observações, antes de procurar explicar a mudança de atitude que toda a família parecia ter tomado a seu respeito — Não fale assim — continuou ele — O tempo não pouisa a sua mão nos bardos senão de uma maneira muito leve. Já lhe ouvi dizer que o poeta compartilha da imortalidade dos seus versos; certamente o célebre poeta inglês de quem costuma falar-me era mais velho que o senhor quando lançou a mão ao leme, no meio de todos aqueles bons espíritos de Londres.

Fazia alusão a uma história que era o *cheval de bataille* (Cavalo de batalha) de Claud Halcro, e mal se pronunciasse uma palavra que com tal se relacionasse, logo ele saltava para a sela e lançava o seu cavalo em plena corrida.

— Ai, meu caro Mordaunt! — exclamou ele — A prata é a prata, e pode uma pessoa servir-se dela sem que se gaste ou se embacie, mas o estanho não é senão estanho, e não podemos dizer dele a mesma coisa. Não pode o pobre Claud Halcro colocar-se no mesmo plano que o glorioso e imortal John Dryden. É verdade, como já lhe tenho dito, que vi esse grande homem; vi-o no Café dos Grandes Espíritos, como se lhe chamava então, e tomei até uma pitada da sua tabaqueira. Já lhe devo ter contado toda esta história, mas aqui está o capitão Cleveland que nunca a ouviu. É preciso que saiba primeiro que eu vivia em Londres, na Russel Street. Creio que deve conhecer a Russel Street, perto de Convent Garden, capitão Cleveland?

— Conheço essa latitude razoavelmente, senhor Halcro — respondeu o capitão, sorrindo — Mas julgo que me contou ontem essa história, e temos hoje assuntos a tratar. O senhor tem que nos tocar a ária dessa canção que devemos aprender.

— Essa ária já não convém — disse Halcro — É preciso escolher outra em que o nosso querido Mordaunt possa entrar. É a primeira voz do país, quer para solo, quer num coro. Não serei eu que mexa numa corda, a não ser que Mordaunt pertença ao número dos cantores! Que me diz isto, minha bela Noite? Que pensa, minha encantadora Aurora? — ajuntou ele, dirigindo-se sucessivamente às duas irmãs, às quais dera havia muito tempo estes nomes alegóricos.

— O senhor Mordaunt Mertoun veio demasiado tarde para ser dos nossos nesta ocasião — disse Minna — É lamentável

para nós, mas irremediável.

— Como assim? — disse Halcro com vivacidade — Cantaram em conjunto toda a vossa vida! Acreditem na minha palavra, meninas, as árias antigas são as melhores, os amigos antigos são os mais seguros. O senhor Cleveland tem uma bela voz de baixo, concordemos, mas para produzir o maior efeito, desejaria que escolhessem uma das vinte canções que têm cantado tanta vez e com as quais nos enfeitiçam quando o tenor senhor Mordaunt as acompanha. Tenho a certeza de que, do fundo do coração, a minha bela Aurora aprova esta modificação.

— Nunca se enganou tanto, senhor Claud Halcro — disse Brenda num tom de contrariedade e ruborizando de novo.

— Oh! Que quer isto dizer? — disse o velho, olhando-as, uma a uma — Que sucedeu? Uma Noite coberta de nuvens e uma Aurora toda vermelha. Não é prenúncio de bom tempo. Expliquem-me tudo isso, meninas. Quem as ofendeu? Receio que tenha sido eu... Quando a mocidade briga, atira sempre as culpas sobre os velhos.

— Nada lhe temos a censurar, senhor Halcro, supondo no entanto que haja alguém que mereça censura — disse Minna, levantando-se e tomando o braço de sua irmã.

— Quase me faz reçar, Minna — disse Mordaunt, esforçando-se por tomar um ar de gracejo — que tivesse sido o último que chegou quem as ofendeu.

— Pouco importa quem cometeu a ofensa — replicou Minna com a sua gravidade habitual — quando aqueles que podiam queixar-se resolveram não a tomar em conta.

— É impossível. Minna, que seja você quem me fale assim! — exclamou Mordaunt — E você, Brenda, julga-me como ela com tanta severidade, sem me conceder um instante, para uma explicação franca e honrosa?

— Aqueles que têm o direito de lha conceder — respondeu Brenda, numa voz fraca, mas decidida — deram-nos a conhecer a sua vontade e compete-nos satisfazê-la. Minha irmã, parece-me que nos demorámos demais aqui e que a nossa presença é necessária algures. Senhor Mordaunt, queira desculpar num dia em que temos de nos ocupar de tanta coisa.

As duas irmãs saíram de braço dado, depois do esforço inútil que Claud Halcro fizera para as deter, declamando em tom teatral:

-Como, dia e noite? Bem estranha coisa é!

E voltando-se então para Mordaunt, disse:

— Estas raparigas estão sob a influência do espírito de *variabilidade*; o que prova, como o disse muito bem o nosso mestre Spencer, que:

Nada há entre as criaturas deste Mundo

Que não esteja, mais ou menos, sujeito a mudar

— Capitão Cleveland — prosseguiu ele — sabe o que poderia ter perturbado a harmonia do dom destas duas graciosas meninas?

— Seria perder tempo procurar saber qual a causa que faz mudar o vento ou uma mulher — respondeu o capitão. -Se eu fosse o senhor Mordaunt, não faria segunda pergunta a esse respeito a estas beldades orgulhosas.

— E um conselho de amigo, capitão — replicou Mordaunt — E apesar de mo ter dado sem que eu lho tivesse pedido, não deixo de o considerar como tal. Mas aplica-o a si próprio? Gostava de saber se a opinião das suas jovens amigas lhe é também tão indiferente.

— A mim? — replicou o capitão, com um ar de franqueza e de despreocupação — Palavra, que não pensei duas vezes nesse assunto. Nunca vi uma mulher que valesse a pena pensar nela, depois de levantar ferro. Em terra, é outra coisa: rio-me, danço, desempenharei até o papel de amoroso com vinte raparigas, se elas o quiserem, mesmo que tenham metade da beleza destas que acabam de nos deixar, dando-lhes licença de não pensarem em mim logo que o apito do mestre da tripulação me chame a bordo. Pode-se apostar dois contra um em como a lembrança que me deixam não será de longa duração.

Mordaunt sentia-se disposto a zangar-se com o capitão, tanto por ele ter notado o embaraço da sua situação, como por lhe ter dado a sua opinião tão espontaneamente. Repliou-lhe, com um pouco de azedume, que semelhantes sentimentos não convinham senão a pessoas que tinham a arte de conquistar as boas graças daqueles que o acaso lhes apresenta, e que podiam perder num lado o que tinham a certeza de encontrar em outro.

Cleveland limitou-se a sorrir, num ar de bom-humor e disse:

— Você está zangado comigo, meu caro, mas não consegue que eu fique consigo. As belas mãos de todas as lindas raparigas que conheci no decurso da minha vida nunca me teriam pescado junto do promontório de Sumburgh. Por isso, não provoque luta, porque encravei todos os meus canhões, conforme o senhor Halcro é testemunha; e mesmo que você me dê uma bordada de artilharia, não poderia fazer fogo nem com uma peça.

— Sim, sim, Mordaunt, você tem que ser amigo do capitão Cleveland — disse Halcro — Nunca se zangue com um amigo, lá porque uma mulher se faz extravagante. Que diabo! Se elas estivessem sempre do mesmo humor, não poderíamos fazer tantos versos a seu respeito. O próprio Dryden, o glorioso John, muito pouco teria a dizer sobre uma jovem sempre da mesma opinião. Equivaleria a fazer versos sobre a água que faz mover a roda de um moinho... O espírito de uma mulher é como as vossas marés, as vossas correntes, os vossos *roots* e os vossos redemoinhos, que vão e vêm, que puxam e impelem (Deus me perdoe! Sinto-me quase a rimar, só de pensar nisto). Conheceu o meu adeus à jovem de Northmaven?

— Mas, e a canção, senhor Halcro? — interrompeu Cleveland.

— A canção? — replicou Halcro, segurando o marinheiro por um botão, pois estava demasiado acostumado a ver desaparecer os seus auditores quando recitava versos, para não empregar todos os meios de os reter — A canção? Dei uma cópia, assim como de mais outras quinze, ao imortal John... Vai ouvi-la, digo-lhe eu, se quiser ter um momento de paciência. E você também, meu caro Mordaunt. Mas, que quer dizer isso? Mal o vejo um instante, de há seis meses para cá, e já me quer deixar?

E assim falando, segurou com a outra mão um botão do casaco de Mordaunt.

— Agora, que ele leva ambos a reboque — disse o marinheiro — não podemos fazer outra coisa senão escutá-lo até ao fim, apesar de ele largar o cabo bastante lentamente para nos fazer perder a paciência.

— Um pouco de silêncio, agora, — não precisamos de falar os três ao mesmo tempo — disse o poeta num tom imperioso, enquanto Cleveland e Mordaunt se entreolhavam com uma expressão de jovial resignação, esperando submissamente a narrativa da história que já conheciam, mas que estavam irremediavelmente condenados a escutar de novo.

— Contarei tudo a traços largos — continuou o poeta — Fui atirado para o mundo, como tantos outros rapazes, fazendo isto, aquilo, e mais alguma coisa para ganhar a vida, porque felizmente eu deitava mão a tudo, mas amando as musas tanto como se os ingratos me tivessem dado, como a tantos néscios, uma carruagem atrelada a seis cavalos. Contudo, aguentei-me à tona de água até à morte do meu velho primo Lawrence Linkletter, que me legou uma pequena ilha afastada daqui, apesar de Cultmalindie ser seu parente no mesmo grau que eu, mas Lawrence amava o espírito, embora não tivesse espírito nenhum... Deixou-me pois a sua ilha, que é tão estéril como o Parnaso. Bem, no entanto, tenho um *penny* para gastar, um *penny* para meter na bolsa e um *penny* para dar aos pobres, e mesmo uma cama e uma garrafa de vinho para oferecer a um amigo, como poderão ver se me quiserem acompanhar depois da festa. Mas em que altura ia eu da minha história?

— Perto do porto, creio eu — respondeu Cleveland.

Mas Halcro era um narrador demasiado resoluto para dar atenção a este sarcasmo.

— Já sei — disse ele, com ar satisfeito da pessoa que reencontrou o fio perdido de uma narrativa — Morava na Russel Street, em casa de Timothy Timblethwaite, então o mestre alfaiate mais em voga em toda a Londres. Trabalhava para os grandes espíritos e para os meninos predilectos da fortuna, e sabia arranjar-se de maneira que uns pagavam pelos outros. Recebia cartas de Crowne, de Tate, de rior, de Tom Brown e de todos os *célebres* desse tempo; nelas se encontravam tais ditos de espírito, que não havia forma de as ler sem rir a perder, e no entanto o estribilho de todas estas epístolas era o de pedir tempo para pagar.

— Julgava — disse Mordaunt — que o alfaiate tomasse esses gracejos a sério.

— Nada disso, nada disso — prosseguiu o panegirista — Timothy era de Cumberland; tinha a alma de um príncipe, e foi o que legou aos seus herdeiros. Mas desgraçado do *alderman* empaturrado que lhe caísse nas garras quando ele recebia alguma dessas cartas! Pagava tudo. Sim, palavra de honra! Dir-se-ia que Thimblethwaite servira de modelo ao glorioso John Dryden para traçar o carácter de Tom Bibber na sua comédia *Néscio Galante*; sei que ele abriu crédito a John, que até lhe emprestou dinheiro, no tempo em que todos os seus grandes amigos da corte o olhavam com frieza. Também me abriu crédito a mim, pois cheguei a dever-lhe dois meses de aluguer de um quarto no terceiro andar. É certo que, por meu lado, o ajudava conforme podia, o que não significava que o ajudasse a cortar ou a coser os fatos, porque isso não seria próprio de um homem de boa família; mas eu... redigia as suas memórias, eu... fazia contas nos seus livros, eu...

— Levava certamente aos belos espíritos e aos *aldermans* os fatos que ele lhes fazia? — disse Cleveland.

— Não, que diabo! Nada disso. Mas você faz-me perder o fio da minha história. Onde ia eu?

— Que o demo o ajude a encontrar a latitude! — exclamou o capitão, dando um esticão brusco que lhe soltou o botão cativo — Cá por mim, não tenho tempo de observar os astros.

E no mesmo instante precipitou-se para fora do aposento.

— Alguma vez se viu homem tão grosseiro, tão mal educado, ter tantas pretensões? — disse Halcro, ao vê-lo afastar-se — Tem tanta falta de espírito naquela cabeça oca como de delicadeza nas suas maneiras. Não concebo o que Magnus e as suas filhas podem encontrar nele. Conta-lhe longas histórias de *fazer* perder o fôlego sobre as suas aventuras e os seus combates no mar, dos quais garanto que metade é mentira. Mordaunt, meu rapaz, veja o exemplo desse homem, quero dizer, que esse homem lhe sirva de lição. Nunca conte longas histórias das quais seja você o herói. Mas vejo que está impaciente por conhecer a continuação do que eu dizia. Um momento; onde estava eu?

— Parece-me que é preciso adia-la para depois de jantar, senhor Halcro — respondeu Mordaunt, que também tentava escapar-se-lhe, embora não desejasse fazê-lo com tão pouca cerimónia como o capitão.

— Quê! meu bom rapaz — disse Halcro, vendo-se na eminência de ficar só — também me vai abandonar? Não siga tão mau exemplo e nunca trate de maneira tão leviana um conhecimento antigo.

Assim falando, largou o botão do jovem e, passando-lhe a mão por debaixo do braço, apoderou-se dele de uma maneira mais segura. Mordaunt submeteu-se sem resistência, um pouco comovido pela observação do velho poeta sobre a pouca complacência dos antigos conhecimentos, defeito de que ele próprio era vítima nesse momento. Mas quando Halcro voltou à sua temível pergunta: «Onde tava eu?», Mordaunt, preferindo a sua poesia à sua prosa, lembrou-lhe a canção que ele dizia ter feito por ocasião da sua primeira partida das ilhas Setland, canção que aliás já conhecia.

Claud Halcro, segundo a opinião de muitos bons juízes, ocupava um lugar especial entre os poetas dessa época que faziam madrigais, e também tinha faculdades, tanto para immortalizar as beldades das suas montanhas e dos seus vales, como para fazer uma porção de canções da capital. Também era um pouco músico; e, deixando Mordaunt para pegar numa espécie de alaúde, começou a tirar acordes para se acompanhar, continuando sempre a falar, a fim de não perder o tempo.

— Aprendi o alaúde — disse ele — com o mesmo mestre do bom Shadwell, o gordo Tom, como habitualmente lhe chamavam. Foi um pouco maltratado pelo glorioso John... Vamos, o meu alaúde está razoavelmente afinado. Que ia eu cantar? Ah! Já me recordo: a jovem de Northmaven. Pobre Betty Stimbister! Chamo-lhe Maria na canção. Betty ficaria muito bem numa canção inglesa, mas Maria fica aqui mais natural.

Pronunciando estas palavras, e depois de um curto prelúdio, cantou numa voz razoável e com bastante gosto o seguinte:

Adeus, país que eu choro,

Adeus, angra que me protegias

Do vento em teu recanto.

Adeus, tufões e granizo.

Se os ventos nos ouvirem,

Parto amanhã, ao dealbar.

E tu, que inda me és tão querida,

Adeus, Maria, não tornarei a ver-te!

— Vejo perfeitamente que está comovido, meu jovem amigo — disse Halcro, interrompendo-se — É o que acontece à maioria das pessoas que escutam estes versos. Compus a música e as palavras; e sem falar no espírito que contém, nota-se uma espécie de... Ah! Ah!... de simplicidade, de verdade, que vai direita ao coração. Nem seu pai lhe poderia resistir, e no entanto, ele tem um coração tão impenetrável aos encantos da poesia, que nem o próprio Apolo o poderia traspassar com uma das suas flechas.

É tão simples e Tão ingénua que um ministro poderia entoá-la e o seu clérigo cantar o refrão. Mas oiço a sineta maldita. Vamos, temos que partir. Mas não se apoquente: depois do jantar, procuraremos qualquer canto tranquilo, e contar-ei-lhe o resto.

XIII

GRANDE NOITE DE FESTA

Ao centro vê-se brilhar a mesa bem polida.

Do vinho mais fino cada copo está repleto,

E dos manjares recebe cada um a sua parte.

Mas, para tomar o hóspede um instante de parte.

Um conviva prudente julga que é mais certo

Esperar se tenha saciado a fúria da sua fome.

ODISSEIA

A profusão que reinava na mesa hospitaleira de Magnus Troil, o número de convivas que à sua volta se sentava, a multidão ainda mais considerável de amigos humildes, de aldeões, de pescadores e de criados que se regalavam nas outras salas, os pobres acorridos de todas as aldeias e lugares de vinte milhas em redor, para aproveitar da generosidade do *udaller*, tudo enfim o que Triptolemus Yellowley viu, causou-lhe uma tal surpresa, que ele começou a duvidar de se seria prudente propor nesse momento ao anfitrião de um banquete tão esplêndido e que a sua hospitalidade tornara glorioso, uma modificação radical nos usos e costumes do seu país.

É bem verdade que o sagaz Triptolemus fazia a si próprio justiça suficiente para julgar que dispunha de uma prudência muito superior à de todos os convivas reunidos, sem mesmo exceptuar o anfitrião, contra a prudência do qual a profusão de que estava sendo testemunha dava à sua opinião bastante apoio. Mas, no entanto, o hospedeiro em casa de quem se janta exerce, pelo menos durante o jantar, uma influência no espírito dos seus convivas, mesmo os mais distintos; e se o jantar for bem ordenado, e se os vinhos forem bem escolhidos, é humilhante ver-se que nem a finura, nem a ciência, diríamos que nem mesmo a categoria, conseguem, até ao café, reclamar a sua superioridade, natural e costumada, sobre o distribuidor de tão boas coisas, Triptolemus sentia todo o peso desta superioridade momentânea, e no entanto desejava fazer qualquer coisa para provar à sua irmã e ao seu companheiro de viagem de que maneira ele faria aprovar os seus planos por Magnus Troil; de vez em quando, lançava-lhes um olhar furtivo para adivinhar se a sua demora em propor as grandes transformações anunciadas por ele como necessárias não lhe faria perder nada na estima deles.

Mas a senhora Barbara estava inteiramente ocupada em deplorar o esbanjamento e em calcular a despesa que devia resultar de um festim como ela talvez nunca tivesse visto na sua vida. Custava-lhe admitir o esquecimento das regras de civilidade em que fora educada e a indiferença com que o dono da casa encarava semelhante procedimento. Segundo a senhora Barbara e suas regras de bem viver, os alimentos substanciais deviam ser reservados pelos convivas, como fizera Ulisses na caverna de Polyphemus, para serem devorados no fim. Embrenhada nas reflexões, à< quais dava origem o desprezo evidente pelas regras de disciplina que devem reinar num festim, e calculando que o que se perdia de todas estas carnes cozidas, assadas e grelhadas seria o suficiente para manter a sua mesa pelo menos durante um ano, a senhora Barbara pouco se preocupava se seu irmão faria ou não o que prometera.

Mordaunt Mertoun, por seu turno, entregava-se a pensamentos que estavam bem longe de ter por tema o pretenso reformador das ilhas Setland. Sentaram-no entre duas jovens de Tule. Não mostrando o menor ressentimento péla preferência que ele concedera, em detrimento delas, em todas as ocasiões às filhas do *udaller*, nem uma nem outra estavam aborrecidas por o acaso lhes proporcionar as atenções de um mancebo tão geralmente procurado, e que, sendo o seu cavalheiro à mesa, se tornaria provavelmente seu par no baile. Mas, ao mesmo tempo que tinha com as suas belas vizinhas todas as atenções que a boa sociedade exige, Mordaunt não deixava de observar em segredo as suas jovens amigas, que pareciam ter deixado de o ser. O próprio pai, como Brenda e Minna, também ocupava uma parte da sua atenção. Mordaunt não notou nada de extraordinário na atitude do *udaller*, que mantinha o seu tom de alegria ruidosa e cordial que entusiasmava os seus convivas em semelhantes ocasiões. Mas a das duas irmãs era muito diferente e dava-lhe ensejo a fazer observações bem pungentes.

Cleveland estava sentado entre elas, e Mordaunt achava-se colocado de maneira a poder ver e até ouvir, pelo menos em grande parte, tudo o que ocorria entre eles. O capitão dividiu quase igualmente as suas atenções pelas duas irmãs, mas parecia

ocupar-se mais particularmente da mais velha. A mais nova decerto não o ignorava, pois, mais de uma vez, os seus olhares dirigiram-se para Mordaunt, e este julgou notar neles alguma coisa que se assemelhava à recordação da sua primeira ligação e ao desgosto de a ter interrompido. Minna, pelo contrário, não se preocupava senão com o vizinho, o que produzia em Mordaunt tanta surpresa como ressentimento.

Sim, a sisuda, a prudente, a reservada Minna, cujo aspecto e maneiras denunciavam tanta elevação de carácter, Minna, preferindo a tudo os estudos que exigiam solidão, Minna, cujos passeios tinham sempre por objectivo alguma fonte escondida num lugar afastado; ela, a inimiga da alegria inconsciente, a amiga de uma calma melancólica e reflectida, cujo carácter parecia completamente oposto ao de uma jovem que se deixasse cativar pela galantaria fútil, barulhenta e grosseira de um homem como o capitão Cleveland, Minna, no entanto, não tinha olhos e ouvidos senão para ele. Mordaunt observava tudo isto, e o seu coração revoltava-se contra o novo favorito que o suplantara e contra a maneira indiscreta como Minna atraía-o ao seu carácter.

— Que se poderá encontrar neste homem — dizia ele para consigo — a não ser aquele ar de atrevimento e de importância que lhe dão os êxitos alcançados talvez em algumas medíocres empresas, e o hábito do despotismo com que comanda a sua tripulação? Entremeia nos seus discursos mais termos da sua profissão do que nenhum outro oficial de marinha que tenho conhecido, e os seus ditos são de tal natureza que Minna não os suportaria outrora, embora hoje sorria. A própria Brenda parece achar menos graça à sua galantaria que Minna, a quem deveria desagradar soberanamente.

Mordaunt enganava-se duplamente nestas reflexões que o ressentimento lhe inspirava. Primeiro, ele via o capitão Cleveland, até certo ponto, com os olhos de um rival e, por consequência, criticava com demasiada severidade a sua atitude e as suas maneiras, que, sem serem muito requintadas nada tinham que pudesse escandalizar num país habitado por um povo tão simples e tão pouco avançado em civilização como o Setlandês. Além disso, Cleveland tinha o ar franco e aberto de um marinheiro, muita desenvoltura natural, uma alegria adequada à situação, uma confiança sem limites em si próprio e aquele carácter audacioso e intrépido que, sem mais nenhuma qualidade recomendável, chega muitas vezes para proporcionar êxitos junto do belo sexo. Mas Mordaunt enganava-se ainda ao supor que Cleveland devia desagradar a Minna Troil por seus caracteres se oporem em tantos pontos importantes. Se ele conhecesse um pouco melhor o mundo, teria reparado que, assim como se vê um grande número de uniões entre pessoas que não têm uma com a outra qualquer relação física, encontra-se um não menor número de esposos cujos gostos, sentimentos e disposições não têm qualquer analogia.

Se examinarmos um pouco mais de perto as causas destas ligações imprevistas, teremos ocasião de reconhecer que aqueles que as fazem não são culpados de tantas contradições e não procedem de uma maneira tão contrária ao seu carácter como poderíamos supor. As sábias vistas que a Providência parece ter tido ao permitir esta fusão de caracteres, de inclinações e de sentimentos, no matrimónio, não se realizam senão em virtude de um impulso misterioso pelo qual, contra as leis comuns da Natureza, os homens ou as mulheres são levadas a uma união que a sociedade pode olhar como não lhes convindo de maneira alguma.

Se Mordaunt tivesse mais experiência e se conhecesse melhor a evolução das coisas humanas, teria ficado menos surpreendido por um homem como Cleveland, jovem, perfeito, vivo, audacioso, homem que evidentemente correria grandes perigos e que falava deles como de uma brincadeira, fosse dotado, pelo espírito romanesco de Minna, de todas as qualidades que a sua imaginação inquieta considerava necessárias para constituir um herói. Quanto mais ele mostrava uma fraqueza e uma brusquidão pouco adequadas às leis vulgares da delicadeza, menos ela devia desconfiar de que ele fazia bravata; e, por muito estranho que ele se mostrasse às etiquetas da sociedade, Cleveland recebera da Natureza o bom-senso suficiente e a arte de viver bastante para manter a ilusão que criou, pelo menos em tudo o que se referia à aparência.

Tendo nós uma espécie de inclinação por Minna, permitimo-nos esta digressão a fim de justificar nela uma atitude que, numa história como esta, deve parecer absolutamente contrária à Natureza; isto é, à estima excessiva que ela parecia ter tido pelo gosto, pelos talentos e pelo carácter de um jovem que lhe consagrava todo o seu tempo e todas as suas atenções, e cujas homenagens eram invejadas por todas as raparigas reunidas nesta festa. Se as nossas belas leitoras quiserem profundar o seu próprio coração, talvez confessem que quando um indivíduo cujo bom gosto é reconhecido e cujas atenções seriam agradáveis a todo um círculo de rivais, as reservas exclusivamente para uma só mulher, ele deve, pelo menos a título de reciprocidade, obter dela uma parte razoável da sua estima e das suas boas graças.

A necessidade que nos ensinou todas as artes, também nos torna mestres na da dissimulação; e Mordaunt, embora novato, não deixou de aproveitar desta escola. É evidente que, para melhor observar a atitude daquelas que lhe atraíam a atenção, era preciso que ele submetesse a sua própria atitude a algum disfarce, e que, pelo menos, parecesse tão preocupado com as suas duas vizinhas que Minna e Brenda pudessem supô-lo indiferente a tudo o que se passava. Os esforços que fez para estar alegre

e divertido foram poderosamente secundados pela jovialidade de Maddie e de Clara Groatsettars, que passavam nas ilhas por herdeiras ricas, e extremamente felizes neste momento por estarem um pouco afastadas da esfera de influência da velha e boa *lady* Glowrowrum, sua tia. A conversação não tardou a entabolar-se entre eles; e, como de costume, o mancebo pagou o seu contingente em espírito, ou no que passa por espírito, e as meninas saldaram o seu em sorrisos e aplausos. Mas, no meio desta alegria aparente, Mordaunt não deixava de observar, de vez em quando, tão discretamente quanto podia, o procedimento das duas filhas de Magnus, e sempre lhe parecia que a mais velha, unicamente atenta à conversa de Cleveland, não concedia um só pensamento ao resto das pessoas, ao passo que Brenda, convencida de que Mordaunt não lhe prestava nenhuma atenção, se preocupava mais em lançar um olhar inquieto e melancólico ao grupo de que ele fazia parte. Ele experimentou uma viva comoção ao ver a perturbação e a desconfiança que os seus olhos pareciam exprimir, e tomou a secreta decisão de procurar ensejo de ter com ela, essa noite, uma explicação completa. Lembrou-se de que Norna lhe dissera que aquelas duas jovens estavam em perigo; não lhe explicara de que natureza, mas presumia que não poderia ser outra senão o erro em que elas se encontravam sobre o carácter daquele estrangeiro atrevido, que sabia açambarcar tão bem todas as simpatias, e resolveu intimamente procurar todos os meios de desmascarar Cleveland, a fim de salvar as duas jovens amigas.

— Todo embrenhado nestes pensamentos, as suas atenções para com as meninas Groatsettars afrouxaram insensivelmente, e talvez viesse a esquecer-se da necessidade que tinha de parecer espectador desinteressado do que se passava, se Minna não tivesse feito às damas o sinal para abandonarem a mesa. Ela cumprimentou todos os presentes com a graça que lhe era peculiar e com uma dignidade um pouco altiva; mas os seus olhos adquiriram uma expressão mais doce e mais amável quando, depois de passearem em redor, se detiveram um instante em Cleveland. Brenda, com o rubor que nunca deixava de colorir as suas faces quando tinha de cumprir algum dever que a expusesse à vista dos outros, procedeu ao mesmo cerimonial com um embaraço quase desastrado, mas que a sua mocidade e a sua timidez tornavam natural e interessante. Mordaunt julgou ainda notar que os seus olhos o tinham distinguido no meio dos numerosos convivas que a cercavam. Pela primeira vez, ele se aventurou a procurar o seu olhar; Brenda ainda corou mais, e à sua comoção pareceu misturar-se um não sei quê de desgosto.

Logo que as damas se retiraram, os homens, antes *de* pensar na dança, começaram, segundo o uso daquela época, a beber a grandes tragos, num ar muito convicto. O velho Magnus, juntando o exemplo ao preceito, exortou-os a aproveitar bem o seu tempo, visto que as senhoras em breve requisitariam a sua habilidade. Ao mesmo tempo, fazendo sinal a um criado de cabeça grisalha, que se encontrava de pé atrás dele trajado de marujo de Dantzig, e que a outras ocupações juntava a de copeiro do *udaller*, disse:

— Eric Scambester, o bom navio, o *Alegre Marinheiro* de Cantão, já tem a sua carga a bordo?

— Carga completa — respondeu o Granymedes de Burgh-Westra — Excelente aguardente de *cognac*, açúcar da Jamaica, limões de Portugal, sem falar na noz moscada e nas torradas; e fez a sua provisão de água na fonte de Shellicoot.

Os convivas soltaram longas e ruidosas gargalhadas ao ouvir estes gracejos em diálogo, que não eram aliás novidade para eles, porque serviam sempre de prelúdio à chegada de uma vasilha de *punch* de dimensões pouco vulgares, presente do capitão de um dos navios da venerável companhia das Índias Orientais, que, no seu regresso da China, sendo impellido para o norte pelos ventos, entrara na baía de Lerwick e achara meio de desembaraçar-se da sua carga, sem se dar ao trabalho de pagar muito escrupulosamente os direitos devidos ao rei.

Magnus Troil, tendo prestado alguns serviços ao capitão Coolie, este oficial, antes de se fazer de vela, testemunhara-lhe o seu reconhecimento oferecendo-lhe aquele vaso esplêndido, tão próprio para espalhar a alegria no final de um festim. E quando viram aparecer, transportado pelo velho Scambester que mal podia suportar o seu peso, um murmúrio de aplauso ergueu-se de todos os lados da sala do banquete.

Este mar de *punch* foi colocado defronte do *udaller*, que o serviu em grandes copos a todos os que se encontravam nas suas proximidades; quanto aos convivas dos lugares mais afastados, enviava-lhes uma grande vasilha de prata a que chamavam ironicamente a pinaça, que distribuía os seus tesouros líquidos até à extremidade mais redonda da mesa, e que se tinha o cuidado de voltar a encher na fonte quando o seu conteúdo se encontrava esgotado, o que dava ensejo a inúmeros motejos sobre as suas frequentes viagens.

Em todo o arquipélago de Tule não se topava um único indivíduo que soubesse combinar tão bem os diversos ingredientes que compunham o *punch* como o velho Eric Scambester, a quem esta ciência granjeara o cognome de *fazedor de punch*, pelo qual era conhecido em todas aquelas ilhas.

O licor não tardou em produzir o efeito que se esperava; a alegria tornou-se mais animada e mais ruidosa; vários

convivas cantaram a grandes vozes canções *norse* à bebida, a fim de demonstrar que, se as virtudes guerreiras dos seus antepassados tinham decaído, por falta de exercício, entre os setlandeses, eles não deixavam de estar aptos a gozar no Walhalla aquela espécie de felicidade que consistia em absorver oceanos de cerveja e de hidromel, prometidos por Odin aos eleitos do seu paraíso escandinavo. Por fim, à força de beber e de cantar, a timidez deu lugar à ousadia, a reserva à loquacidade. Cada um quis falar, e ninguém se preocupou em escutar. Cada um montou no seu cavalo de batalha, e gritou aos seus vizinhos que admirasse a sua destreza. O pequeno bardo, que, após a partida das senhoras, viera colocar-se ao pé do nosso amigo Mordaunt Mertoun, mostrava-se decidido a recomeçar e concluir, sem nada omitir, a história das suas relações com o glorioso John Dryden. Triptolemus Yellowley, a cabeça um pouco quente, e rebelando-se contra o respeito involuntário semelhante àquele que todos testemunhavam a Magnus, e contra a ideia de opulência que gerava tudo o que vira à sua volta, começou a fazer soar aos ouvidos surpresos e um pouco descontentes do *udaller* alguns dos projectos de melhoramentos de que ele falara, de manhã, aos seus companheiros de viagem.

Guardo para o capítulo seguinte as inovações que *ele* sugeriu e a maneira como Magnus Troil as acolheu.

AS RESOLUÇÕES DE MAGNUS TROIL

Sim, guardaremos nossos costumes antigos

Mas, que são as leis, afinal? Costumes também,

E a religião? Um uso estabelecido

Que nos faz adoptar o culto dos nossos pais

Enfim, tudo é costume.

Canção Antiga

Deixámos os convidados de Magnus Troil no meio de prazeres ruidosos e de copos em punho. Mordaunt, que, como seu pai, evitava as libações nos festins, não partilhava da jovialidade que o *Alegre Marinheiro* espalhava entre os convivas à medida que eles despejavam a sua carga, e ficava mesmo indiferente às excursões que a pinaça fazia à volta da mesa. Mas, precisamente porque parecia ter o espírito abatido, ele era o homem de que precisava o poeta Halcro para escutar as suas histórias. O poeta encarava-o como favoravelmente disposto a tornar-se um auditor passivo. Ele tinha neste capítulo o instinto da ave de rapina, que cai do alto dos ares sobre o cordeiro doente que se deixa massacrar passivamente. Assim, Halcro aproveitou-se das vantagens que a distração de Mordaunt lhe dava, e da apatia que o inibia de tomar precauções de defesa. Conseguiu, enfim, recomeçar a contar, com todas as minúcias circunstanciadas, a história do seu estimável senhorio, o mestre alfaiate de Russel Street, incluindo um esboço dos seus cinco parentes, algumas anedotas referentes aos seus três principais rivais e, por fim, algumas observações gerais sobre o vestuário e a moda da época. Aqui, se assim nos podemos exprimir, ele atingira as fortificações exteriores da sua história, e entrava no coração da praça forte, pois pode-se dar este nome ao Café dos Belos Espíritos. Deteve-se, contudo, no limiar, para explicar a natureza do direito que o seu proprietário se arrogava de se introduzir neste santuário bem conhecido das musas.

— Consistia — dizia Halcro — em dois artigos principais: suportar os gracejos e não se atrever a nenhum; porque o meu amigo Thimblethwaite era ele próprio um homem de espírito e nunca se zangava com as troças picantes que os gracejadores que frequentavam este «café» lhe atiravam como bombas e foguetes numa noite de festa; apesar de alguns, poderei mesmo dizer a maior parte destes belos espíritos, poderem ter com ele contas a liquidar, não era capaz de colocar um homem de génio em embaraços recordando-lhe essas bagatelas. Permita-me que lhe diga que uma brandura de cordeiro, como a do meu pobre e querido defunto Thimblethwaite, é verdadeiramente rara em Londres e arredores. Posso contar-lhe a este respeito bastantes coisas que sucederam comigo e com muitos outros desses malditos comerciantes londrinos, e que lhe poriam os cabelos em pé... Mas que diabo tem o velho Magnus? Está a gritar como um verdadeiro possesso.

Com efeito, dir-se-ia que o bom *udaller* rugia. Levado ao último extremo pelos planos de reforma e de melhoramento que o feitor de Harfra lhe queria impingir à força, já não lhe respondia, para nos servirmos de uma expressão oceânica, senão como uma vaga contra a rocha.

— Árvores, senhor feitor! Não me fale das suas árvores, pois mesmo que não haja em todas as nossas ilhas uma suficientemente grande para enforcar um parvo, isso não me inquieta muito. Não teremos outras senão as que erguem o seu tronco nos nossos portos. As boas árvores são as que têm vergas como ramos, e boas velas como folhas.

— Mas quanto à extinção do lago de Braebaster de que lhe falei, senhor Magnus Troil — disse o teimoso agricultor — considero-o de uma grande importância; há dois meios de o conseguir, ou pelo vale de Linklater ou pelo ribeiro de Scalmester. Ora, depois de nivelado o terreno dos dois lados...

— Há um terceiro meio, mestre Yellowley — disse o *udaller*, interrompendo-o.

— Confesso que não o vejo — replicou Triptolemus — atendendo a que há, pelo meio-dia, a montanha de Braebaster e, ao norte, aquela elevação de que não me lembra o nome.

— Não me fale de montanhas nem de elevações, mestre Yellowley. Há um terceiro meio de secar o lago, o único que se

tentará nos nossos dias. O senhor diz que o Lorde Chamberlain e eu somos co-proprietários, felizmente. Ora bem, que cada um de nós lance no lago igual quantidade de aguardente, de sumo de limão e de açúcar. A carga de um ou dois barcos resolverá o caso; que se reunissem todos os alegres *udallers* do país, e eu garanto que em vinte e quatro horas o lago de Braebaster não nos oferecerá mais do que uma superfície ressequida.

Um motejo tão bem ajustado à ocasião e ao lugar excitou o riso e os aplausos dos convivas a ponto de reduzir Triptolemus ao silêncio. Propôs-se um alegre brinde, entoou-se uma canção *norse* à bebida, o barco descarregou-se de uma parte da carga aromática e a pinaça deu de novo a sua volta. E o poeta Halcro aproveitou logo o ensejo para reconquistar sobre a atenção de Mordaunt o império que o incidente lhe tinha usurpado.

— Onde estava eu? — disse ele — Ah! Já me recordo, estávamos à porta do Café dos Belos Espíritos. Estabelecera-se por um...

— Por favor, meu caro senhor Halcro! — exclamou Mordaunt, um pouco impaciente — Desejo que só me fale do seu encontro com Dryden.

— Quê, com o glorioso Dryden? É verdade. Sim. Onde estava eu?... Estávamos à porta, os criados olhavam-me, a mim; pois quanto a Thimblethwaithe, o bom homem, o seu rosto já era bastante conhecido. A propósito, vou contar-lhe uma história...

— Por Deus! Volte a John Dryden — disse Mordaunt num ar que provava que não estava disposto a consentir mais digressões.

— Ah, sim, sim, o glorioso John. Onde estava eu? Ah! Já sei. Como estávamos perto do balcão, no qual dois criados se ocupavam, um, em moer café, outro em fazer pequenos pacotes de tabaco para fumar; pois é preciso que você saiba que o cachimbo e a sua carga de tabaco custa um *penny*. Foi então, foi nesse lugar que eu o entrevi pela primeira vez. Junto dele estava sentado um tal Dennis. Este Dennis...

— Alto lá! Não pensemos senão em John Dryden. Que espécie de homem era ele? — perguntou Mordaunt.

— Um velhinho um pouco cheio, com os cabelos grisalhos e todo vestido de preto; o fato assentava-lhe como uma luva. O honrado Thimblethwaite não suportava que outro a não ser ele trabalhasse para o glorioso John, e ninguém sabia fazer uma manga como ele, garanto-lhe. Mas não há maneira de se falar em sossego aqui. Diabos levem o escocês! Ei-lo de novo às turras com o velho Magnus.

Era verdade. E embora desta vez o feitor não tivesse sido, como da primeira, bruscamente interrompido pela voz de estentor do digno *udaller*, travava-se uma discussão cerrada, feita de perguntas, de respostas, de réplicas ruidosas que se precipitavam e confundiam umas com as outras, como um fogo de barragem, mantido por mosquetes ouvidos a certa distância.

— Escute a razão, senhor! — disse o *udaller* — Nós desejamos ouvir a razão, e também lhe falaremos com razão, e se a razão não lhe bastar, dar-lhe-emos a rima também. Não é verdade, amigo Halcro?

O poeta, apesar de interrompido a meio da sua melhor história, se acaso uma história que não tem começo nem fim pode ter um meio, endireitou-se com altivez ao apelo do *udaller*, como um corpo de infantaria ligeira que recebesse ordem de reforçar os granadeiros; tomou um ar de suficiência e de orgulho, deu uma palmada na mesa e mostrou-se pronto a apoiar o seu hospedeiro de uma maneira adequada a um conviva bem tratado. Triptolemus ficou um tanto perturbado com este reforço que chegava ao seu adversário; prudente, suspendeu o ataque aos usos e costumes das ilhas Setland, e não abriu a boca senão quando o *udaller* o apostrofou por meio desta pergunta afrontosa:

— Pois bem, mestre Yellowley, onde está agora a sua razão de que fazia tanto alarde há bocado?

— Um pouco de paciência, meu digno senhor — replicou o agricultor — Que pode o senhor dizer, o que pode qualquer homem neste mundo dizer em favor dessa máquina que se chama charrua neste país cego pelos preconceitos? Decerto, os montanhese selvagens de Caithness e de Sutherland podem realizar melhor tarefa com o seu *gascromb*, ou qualquer outra máquina, cujo nome não interessa. Aqui, a charrua é puxada por quatro bois miseráveis, é preciso duas mulheres seguirem esta mísera máquina para acabarem de fazer o sulco com duas pás.

— Beba a propósito, mestre Yellowley — disse o *udaller* — e, como se diz na Escócia, nunca se esqueça de levantar o

cotovelo. Os nossos animais de trabalho são bastante vigorosos; os nossos homens são demasiado delicados para ir trabalhar nos campos sem levar suas mulheres com eles. As nossas charruas lavram a terra, a nossa terra produz o centeio, fabricamos a nossa cerveja por nossas mãos, cozemos e comemos o nosso pão e dividimo-lo de boa vontade com os estrangeiros,. À sua saúde, Mestre Triptolemus Yeliowley.

Estas últimas palavras foram pronunciadas em tom de cortar a discussão, e Halcro disse baixinho ao ouvido de Mordaunt:

— O caso está arrumado; podemos agora continuar a história do glorioso John: estava inteiramente vestido de preto, e, diga-se de passagem, havia dois anos que a conta estava por pagar, conforme mo afirmou depois o honesto Thimblethwaithe. Que olhos ele tinha! Não era desses olhos cintilantes e relampejantes que os nossos poetas atribuem à águia, eram desses olhos doces, pensativos e contudo penetrantes, que suponho nunca ter visto semelhantes em toda a minha vida, a não ser os de Stephen Kleancogg's, o violinista de Papastow que...

— Basta, e John Dryden? — disse Mordaunt, detendo-o, pois, à falta de outro divertimento, começava a achar um certo prazer em manter o velho poeta nos limites da sua narrativa, como se cerca de perto um carneiro manhoso que se quer apanhar.

Halcro voltou ao assunto com a sua frase habitual:

— Ah, sim! É verdade, o glorioso John. Bem, fitou os seus olhos, tais como acabo de descrever, no meu hospedeiro, e disse: «Honrado Tim, que vindes procurar aqui?» E todos os belos espíritos, os lordes, e outros que tinham o costume de se reunir à sua volta, como raparigas à roda do bufarinheiro de feira, abriram-nos passagem, e pudemos avançar até ao canto do lume, onde havia uma cadeira que lhe era destinada. Ouvei dizer que lha levavam para junto da sacada no Verão; mas foi ao canto da lareira que o vi...

— Você esquece o glorioso John — disse Mordaunt, interrompendo-o — Tornemos a ele, por favor.

— Ah, sim! O glorioso John, como muito bem lhe pode chamar. Fala-se de Blackmore, de Shadwell e de tantos outros, mas não são dignos nem de lhe atar os cordões dos sapatos. «Pois bem, disse ele ao meu hóspede, que tem você aí?» E o meu hóspede saudou-o em voz mais baixa do que não o faria a um duque, garanto-lhe, respondeu-lhe que tomara a liberdade de vir mostrar-lhe a fazenda que *lady* Elizabeth escolhera para fazer o seu roupão de quarto «E qual dos seus patos é esse, Tim, que traz nesse embrulho debaixo do braço?» «É um pato das Órcades, com licença de Vossa Excelência, senhor Dryden», respondeu Thimblethwaite, que costumava ter bons ditos. Ele trouxe uma pequena amostra de versos para o senhor lhes passar uma vista». «Este pato é anfíbio?» perguntou o glorioso John tomando o papel. Pareceu-me que preferia defrontar uma bateria de canhões a encará-lo, quando ouvi o rumor que fez o papel ao abri-lo; no entanto, ele nada dizia que me pudesse assustar. Em seguida viu os versos, teve a bondade de dizer de uma maneira verdadeiramente animadora, e também com uma espécie de sorriso bem humorado a brilhar-lhe no rosto: «Pois bem, este pato tornar-se-á cisne nas suas mãos». Sorriu um pouco, ao dizer isto, e todos desataram a rir; mas ninguém ria com mais gosto do que os que estavam demasiado longe para poder ouvir o *belo* dito; porque toda a gente sabia que, quando ele sorria, era porque havia alguma coisa que valesse a pena; por isso, ria-se à confiança e sem se ter ouvido. O dito correu em seguida de boca em boca entre os jovens estudantes do Templo e os belos espíritos, e fazia-se perguntas sobre perguntas para saber quem nós éramos.

A narrativa foi cortada pela voz forte do *udaller*.

— Não quero ouvir mais nada sobre esse assunto, *senhor* feitor! — exclamou ele.

— Deixe-me ao menos dizer duas palavras sobre os seus cavalos — replicou Yellowley, num tom de voz que parecia pedir misericórdia — Os seus cavalos, meu caro senhor, lembram gatos, pelo tamanho, e tigres, pela maldade.

— Quanto ao tamanho — replicou Magnus Troil — eles são assim mais fáceis de montar, e é mais fácil de descer (como Triptolemus experimentara essa mesma manhã, pensou Mordaunt); quanto à sua pretensa maldade, os que não são capazes de os dominar que não os utilizem.

O agricultor calou-se. Que poderia ele responder? Lançou um olhar suplicante a Mordaunt, como que para lhe pedir que guardasse segredo da sua queda. E o *udaller*, sentindo a sua vantagem, embora ignorasse a aventura dessa manhã, continuou a cercá-lo de perto e a persegui-lo com o ar severo e altivo de um homem que nunca fora habituado a sofrer contraditas, e pouco disposto a suportá-las.

— Pelo sangue de São Magnus mártir, acho-o muito engraçado, senhor feitor Yellowley! O senhor chega do seu país, de

uma terra estrangeira, não conhece as nossas leis, nem os nossos usos, e quer governar na nossa religião, reduzir-nos à situação de seus escravos!

— De meus alunos, meu digno senhor — emendou Yellowley — De meus alunos e unicamente para sua própria vantagem!

— Somos demasiado velhos para ir à escola — replicou o honesto setlandês — Digo-lhe, de uma vez para sempre, semearmos e colheremos a nossa semente como o fizeram os nossos antepassados. E agora encha-se o bom navio, o *Alegre Marinheiro* de Cantão, para os que não querem separar-se dele, e os que pensarem de outro modo que vão juntar-se às rabecas que já oiço a dar o sinal para a dança. Tenho a certeza de que os pés das raparigas estão neste momento como sobre brasas. Vamos, senhor Yellowley. nada de ressentimentos. Quê! Ainda sente o balanço do *Alegre Marinheiro*? — Com efeito, o bom Triptolemus cambaleava um pouco ao levantar-se para seguir o anfitrião — Não se inquiete — continuou Magnus — havemos de fazê-lo encontrar as pernas para dançar com as raparigas. Avance, Triptolemus, vou levá-lo a reboque para evitar que vá a pique. Ah! Ah! Ah!

Assim falando, o *udaller* ia avançando majestosamente, Qual vaso de guerra de primeira linha, por vezes fustigado pelas borrascas e pelas tempestades, arrastava Triptolemus consigo, como se fosse uma presa a reboque.

A sala de baile encheu-se num instante. Era um vasto recinto digno da simplicidade que reinava então nas ilhas Setland. Os salões e compartimentos de recepção ainda eram desconhecidos mesmo na Escócia, excepto aqueles que se podiam encontrar nas casas da nobreza; com mais forte razão deviam ser ignorados neste país. A sala de baile do bom *udaller* não era pois outra coisa senão um vasto e longo armazém de provisões, irregular na sua estrutura, cujo tecto baixo, destinado a mais de um uso, servia principalmente de depósito de mercadorias ou de velhos trastes; mas era bem conhecida da mocidade de Dunrossness e arredores, como palco de alegres danças que sempre animavam as festas oferecidas por Magnus Troil.

Gente da moda, que se reunisse para contradanças e valsas, ficaria chocada à primeira vista desta sala de baile. Além de ser baixo o tecto, como acabamos de dizer, era mal iluminada por lâmpadas, velas, lanternas de bordo e candelabros de várias espécies que projectavam uma luz baça no solo e nas mercadorias de toda a qualidade acumuladas à volta. A fim de arranjar espaço para a dança, tinham-se posto de lado e empilhado todas essas mercadorias com suas caixas, caixotes e fardos, e os bailarinos, irrequietos e ligeiros, como se estivessem no mais esplendoroso salão de Saint James Square, ali executavam os seus bailados regionais com não menor graça e agilidade do que os jovens da moda.

O grupo de homens idosos que ali estavam como espectadores representava bem uma *troupe* de velhos tritões ocupados em observar as brincadeiras das ninfas do mar. O aspecto áspero e duro que dera à maioria deles o hábito de se exporem ao rigor dos elementos; seus cabelos grossos e eriçados como a barba, que muitos usavam à maneira dos antigos noruegueses, davam às suas cabeças o aspect” dos supostos filhos do Oceano. Por outro lado, a mocidade era de uma grande beleza, e via-se por toda a parte belas figuras e formas perfeitas. Os mancebos tinham os cabelos longos e louros, uma tez brilhante de frescura que, entre os mais novos, a severidade do clima ainda não alterara. Era com dolorosas recordações que Mordaunt contemplava esta cena de alegria universal. Decaído daquela proeminência que até então lhe proporcionara a categoria de primeiro dançarino e as funções de chefe destas festas ruidosas, ele via todas essas dignidades na posse do estrangeiro Cleveland. Desejoso, no entanto, de abafar estas lembranças dolorosas que bem sabia não ser prudente alimentar nem digno de um homem deixar perceber, aproximou-se das belas vizinhas do jantar, com intenção de convidá-las a dançar com ele.

Mas a tia velha e venerável, *lady* Glowrowrum, não suportara senão a muito custo durante o jantar o acesso de alegria das suas sobrinhas. Não lhe tinha sido possível impedi-lo, mas não estava disposta a permitir que Mordaunt renovasse, por meio da dança, uma intimidade que não lhe agradara. Assim, em nome das sobrinhas, sentadas a seu lado num silêncio amuado, resolveu informar Mordaunt, depois de lhe agradecer a delicadeza, que *miss* Clara e *miss* Maddie estavam comprometidas para toda a noite. Mas como ele ficasse nas proximidades para tentar descobrir quais seriam os seus compromissos, teve o desgosto de convencer-se de que não passara de um pretexto para se desembaraçar dele, pois vira pouco depois as duas irmãs juntarem-se alegremente à dança, conduzidas por dois rapazes que as vieram convidar naquele mesmo instante. Irritado com aquela prova de desprezo e não querendo expor-se a outras afrontas, tomou o partido de afastar-se do círculo dos dançarinos e de ir misturar-se com a turba de pessoas de qualidade inferior que estavam ao fundo da sala, unicamente como espectadores. Aí, julgando-se ao abrigo de novas mortificações, tratou de digerir a que acabara de receber, tão bem quanto pôde, isto é, muito mal, com toda a filosofia da sua idade, isto é, sem filosofia.

A RAINHA DA DANÇA DE ESPADAS

Dêem-me um archote — E vós, ó bela mocidade,

Dançai, saracoteai-vos, mostrai a vossa habilidade

Eu, seguindo um ditado que o tempo consagrou

Observarei, segurando a luz

SHAKESPEARE, «ROMEUE JULIETA

A juventude, diz o moralista Johnson, não pensa mais no cavalo de madeira da infância, nem o homem feito na amada da sua juventude. Também o desgosto de Mordaunt Mertoun, excluído da dança, parecerá leve a muitos dos nossos leitores que julgariam, no entanto, ter razão para se zangar se perdessem o seu lugar numa reunião de um outro género. Não faltavam, porém, divertimentos para aqueles a quem a dança não apetezia ou que não tinham a sorte de encontrar um par a seu gosto. Halcro, agora no seu elemento, tinha reunido à sua volta um numeroso auditório a quem impingia a sua poesia com todo entusiasmo de um John Dryden, e recebia em redor os aplausos concedidos aos menestréis que recitam os seus próprios versos, pelo menos durante o tempo em que a crítica não pode levantar a sua voz para se fazer ouvir. A sua poesia estava feita de molde a interessar tanto um antiquário como um admirador das musas, pois alguns dos poemas eram traduções ou imitações das sagas dos velhos bardos, que os pescadores daquelas ilhas ainda cantavam, em tempos mais próximos dos nossos.

Mordaunt Mertoun, meio atento à voz do poeta, meio absorto em seus próprios pensamentos, permanecia junto da porta da sala, fora do circo formado à volta de Halcro, quando este cantava numa melodia selvagem, lenta e *monótona*, que não variava senão pelo seu esforço de emprestar interesse e ênfase a certos passos, a imitação de um canto guerreiro do Norte do que damos estas estrofes:

O disco de ouro do rei dos ares

Está velado por sombria nuvem:

Não ouvis nos vastos desertos

Suspirar o vento da procela?

Do lobo feroz, os ecos

Repetiram os gritos de alegria;

Erguei o estandarte do herói,

A águia reclama a sua presa.

A filha de Odin, pela sua voz,

Convida-vos às lides da glória;

Oferece-vos, à vossa escolha,

Riquezas, honras e vitória,

Ou para aquele que perecer

As taças da imortal cerveja...

Guerreiros, o deus de Valhalla

Está a chamar-vos ao combate.

— Pobres pagãos! Desventurados cegos! — exclamou Triptolemus, com um suspiro que poderia passar por um gemido — Falam das suas eternas taças de cerveja, e duvido que alguma vez soubessem fazer um molho de cevada.

— Eles ainda serão mais habilidosos, Yellowley — disse o poeta — se fizerem a cerveja sem cevada.

Levantou-se uma discussão entre o poeta e o agricultor, em que este voltou a censurar o atraso do país em matéria agrícola, e, reeditando o que já dissera a Magnus, acabou por criticar o poeta por, em vez de se ocupar do progresso, se entreter a cantar velhas histórias de carnificina e loas a actos sanguinários.

O poeta erguera-se com a solenidade de quem defende todo o arquipélago das Órcades, chorando os bons tempos em que os Setlandeses não precisavam de saber fabricar a cerveja e a aguardente, porque sabiam encontrá-las já feitas.

— Mas agora — lamentava ele — os descendentes dos reis do mar, dos campeões do Norte e dos *berserkars*, tornaram-se tão ineptos para se servirem das suas espadas como se fossem mulheres. Pode-se gabar neles o talento de remar, de trepar os rochedos; mas, bons setlandeses, que mais Poderia dizer em vosso louvor o glorioso John?

— Bravo! Isso é falar como um anjo, nobre poeta! -, disse Cleveland, que, no intervalo de uma contradança, aproximara do grupo, no meio do qual esta discussão se travava — Os velhos campeões de que nos falou ontem à noite eram os homens indicados para fazer soar a harpa, valentes, dignos amigos do mar e inimigos de tudo o que nele encontravam. Os seus navios eram, creio eu, muito grosseiramente construídos, mas, se é verdade que eles foram até ao Levante, duvido de que houvesse marinheiros mais hábeis do que eles para desfraldar uma vela de 'joanete.

— O senhor rende-lhes a homenagem que lhes *é devida* — disse Halcro — Nesses tempos, ninguém podia dizer que a sua vida e os seus meios de existência lhe pertenciam, a não ser que estivesse a vinte milhas de distância do mar azul. Em todas as igrejas da Europa faziam-se preces para escapar à cólera dos homens do Norte. Em França, em Inglaterra, não havia baía, nem porto onde nossos antepassados não fossem mais livres que os pobres diabos dos habitantes — E lançando um olhar ao feitor — Ah, eu gostaria de rever os tempos em que nós medíamos os nossos remos com os deles!

— Ainda é falar como um herói! — disse Cleveland.

— É falar como um louco, penso eu — disse Magnus Troil, que também fora atraído pela veemência do pequeno bardo — Onde desejaria você fazer cruzeiro? E contra quem? Somos todos súbditos do mesmo reino, ao que me parece, e sempre lhe quero lembrar que a sua viagem poderia conduzi-lo ao local das execuções. Não gosto dos escoceses; desculpe, senhor Yellowley; quero dizer que gostaria bastante deles, se quisessem manter-se sossegados no seu país e nos deixassem viver em paz no meio dos nossos usos e costumes. Se quisessem permanecer no seu país até que me vissem aparecer para os expulsar, como um antigo *berserkar*, lá os deixaria em repouso até ao dia do juízo. Com o que o mar nos manda e a terra nos empresta, como diz o provérbio, e alguns bons vizinhos para nos ajudar a consumir tudo isso, eu penso (São Magnus seja louvado!) que somos ainda bastante felizes.

— Eu sei o que é a guerra — disse um velho — e gostaria tanto de atravessar o *roost* numa casca de noz ou num barco ainda mais perigoso, como de expor-me a ela novamente.

— Mas, diga-me, em que guerra se exerceu a sua coragem? — inquiriu Halcro.

— Fui compelido (Em inglês: *pressed*. Eram *pressed* os homens apanhados em levadas para constituírem à força as guarnições dos navios de guerra) — respondeu o velho tritão — e obrigado a servir às ordens de Montrose, quando ele aqui veio, no ano de 1651, e me levou com vários outros dos nossos, à força, para lhes fazer cortar as goelas nas ilhas desertas de Strathnavern... Nunca mais o esquecerei... Bem nos ralávamos para obter víveres. Que não daria eu por um traço de carne de vaca de Burgh-Westra, ou mesmo por um prato de *sillocks!* Quando os serranos apareceram com um rebanho de excelentes *kyloes* (Pequenos bois das montanhas da Escócia), não fizemos muita cerimónia: matámo-los a tiro de espingarda, esquartejámos-os, assámos-os e grelhámos-os, conforme cada um achava melhor. Mas, mal tínhamos levado um bocado à boca, ouvimos o ruído de muitos cavalos, depois dois ou três tiros de espingarda, por fim uma salva completa. Então, enquanto os oficiais nos gritavam que nos aguentássemos e a maior parte dos nossos via por que lado se podia safar, caíram de repente em cima de nós infantaria e cavalaria, seguidas do velho John Urry, ou Hurry, ou como diabo se chamava, que nos derrubou e ainda por cima nos cortou aos pedaços. Começámos a cair tão depressa como os bois que abatêramos cinco minutos antes.

— E Montrose — perguntou a voz doce da graciosa Minna — que lhe aconteceu? Como encarou ele esse percalço?

— Como um leão que tem os caçadores na sua frente — replicou o velho setlandês — Mas eu não olhei duas vezes para o caminho que havia de seguir; o melhor era a direito através da colina.

— O senhor abandonou-o? — disse Minna, num tom do mais profundo desprezo.

— A culpa não era minha, *miss* Minna — respondeu o velho, um pouco desconcertado — Eu não estava ali de minha vontade; e, aliás, que podia eu fazer? Todos os outros tinham fugido como carneiros; porque havia eu de ficar?

— Morreria com ele — disse Minna.

— E viveria com ele eternamente em versos imortais — ajuntou Claud Halcro.

— Muito obrigado, *miss* Minna — respondeu o setlandês simplório — Agradeço-lhe muito, meu velho amigo Claud; mas eu prefiro beber à vossa saúde esta boa cerveja, como vivo que sou, a proporcionar-lhes o prazer de fazerem canções em minha honra, por ter morrido há quarenta ou cinquenta anos. Mas, quer fugíssemos, quer nos batéssemos, era a mesma coisa. Montrose foi aprisionado, o pobre Montrose, a despeito de todas as suas façanhas! Aprisionaram-me também, a mim, que não tinha feito nenhuma proeza. Enforcaram o pobre homem, coitado! E quanto a mim...

— Espero que tivesse sido espancado, vergastado — disse Cleveland, impaciente com a longa narrativa da cobardia pacífica do setlandês, tão pouco sensível ao pundonor.

— Chicoteiam-se e espancam-se os cavalos — disse Magnus — O senhor não terá decerto a vaidade, com todos os seus ares de homem do mar, de fazer corar o pobre vizinho Haagen por não se ter deixado matar há umas boas vintenas de anos. O senhor encarou a morte, meu bravo e jovem amigo, mas foi com os olhos de um mancebo que desejava ser famoso. Quanto a nós, somos gente pacífica, isto é, tanto quanto o sejam connosco e se ninguém cometer a imprudência de nos ofender; porque então encontrariam o nosso sangue septentrional mais frio do que o dos antigos escandinavos a quem devemos os nossos nomes e a nossa linhagem... Vamos à dança da espada, para que os estrangeiros que estão connosco possam verificar que as nossas mãos e as nossas armas não são completamente estranhas umas às outras!

Tirou-se à pressa de uma velha arca uma dúzia de cimitarras cujas lâminas enferrujadas demonstravam que saíam poucas vezes da bainha; armaram-se seis jovens setlandeses, aos quais se reuniram seis raparigas conduzidas por Minna Troil. Os menestréis começaram logo uma ária apropriada à antiga dança norueguesa, cujas evoluções marciais talvez ainda hoje se usem naquelas ilhas remotas.

Os primeiros passos eram gráceis e majestosos. Os mancebos sustinham as suas espadas erguidas, sem fazerem muitos gestos; mas a ária e os movimentos dos dançarinos tornavam-se progressivamente mais rápidos, as espadas entrecruzavam-se, com uma vivacidade que dava a este exercício um ar de perigo aos olhos dos espectadores, apesar de a firmeza, a certeza e a regrada cadência com que mediam os golpes os tornarem muito pouco de reçar. O que havia de mais singular neste espectáculo era a coragem das mulheres, que, rodeadas de combatentes, lembravam as Sabinas entre as mãos dos amantes romanos. Mas o que, entre estas jovens, era mais notada, era Minna Troil, que Halcro já de há muito cognominara de *Rainha das Espadas*. Figurava no meio dos actores desta cena marcial, como se todos estes ferros cintilantes fossem atributos da sua pessoa e seus brinquedos favoritos. Quando os dançarinos traçavam dédalos menos complicados, quando o permanente choque das armas fazia tremer algumas das suas companheiras e arrancar-lhes gestos de terror, as suas faces, os seus lábios e os seus olhos pareciam significar que, no momento em que os sabres rebrilhavam e se chocavam à sua volta, estava ela mais calma e no seu elemento. Por fim, quando a música cessou, e ela ficou por um instante sozinha como mandava a regra da dança, os combatentes e as raparigas, que se afastavam, pareciam os guardas e o séquito daquela princesa, que, despedidos por um gesto, a deixavam um momento solitária. O seu olhar, a sua atitude, mergulhada como parecia em algum devaneio, correspondiam admiravelmente à dignidade ideal que o espectador lhe atribuía. Mas, breve voltando a si, corou ao sentir que fora por um instante objecto da atenção geral, e deu com graça a mão a Cleveland, que, apesar de não ter feito parte da dança, se incumbiu de a reconduzir ao seu lugar.

Quando eles passavam à sua frente, Mordaunt Mertoun notou que Cleveland disse qualquer coisa ao ouvido de Minna, cuja resposta foi acompanhada de um embaraço maior do que o que mostrara ao sustentar os olhares de todos os espectadores. As suspeitas de Mordaunt foram despertadas pelo que viu. Conhecia perfeitamente o carácter de Minna, e sabia com que firmeza de ânimo e com que indiferença tinha ela por costume receber os cumprimentos e os galanteios que a sua posição e a sua beleza suscitavam! a toda a hora, de todos os lados. «Será possível que ela ame realmente este estrangeiro?» — tal foi o

doloroso pensamento que acudiu ao espírito de Mordaunt.

À dança das espadas sucederam várias evoluções e cantigas, que os cantadores valorizaram com o seu entusiasmo, enquanto o auditório fazia coro, repetindo algum refrão favorito. É principalmente nestas ocasiões que a música, apesar de simples e mesmo de um carácter grosseiro, exerce sobre os corações o seu império natural e produz aquela comoção que inspira aos grandes mestres as mais sábias composições. Nada dizem estas a ouvidos menos exercitados, embora decerto proporcionem um verdadeiro encantamento àqueles a quem as faculdades naturais e a educação tornaram aptos a compreender e a saborear as combinações difíceis da harmonia.

Cerca da meia noite, uma pancada à porta do solar e o som do gue e do *langspiel* anunciaram com alarido a chegada de novos convidados, a quem, segundo o costume hospitaleiro da região, as salas foram abertas imediatamente.

A MISTERIOSA DAMA DO VÉU

Sim, tenho o espírito *turbado* por negros pressentimentos:

Este dia verá horríveis acontecimentos,

Que o céu por piedade, cobrirá de um véu.

SHAKESPEARE, «ROMEU E JULIETA»

Os recém-chegados, segundo o uso muito generalizado em todos os tempos e em todos os países em festas semelhantes, tinham-se mascarado de maneira a representar tritões e sereias, entes com uma tradição antiga e a crença popular povoavam os mares do Norte. Os primeiros, aos quais os Setlandeses chamavam então *shoupeltins*, eram representados por mancebos vestidos de uma maneira grotesca, com uma fazenda grosseira chamada *wadmaal*, de um azul esverdeado e que se fabricava naquelas ilhas. Cabelos e barbas postiços modificavam-lhes as fisionomias; traziam coroas de coral, de conchas e de outros produtos marinhos, que também ornavam os seus mantos. Claud Halcro, cujo gosto clássico presidira a esta mascarada, não se esquecera de meter uma grande concha nas mãos destes tritões, pela qual sopravam sons agudos e dissonantes, para desespero dos ouvidos dos vizinhos. Os outros vinham armados de tridentes e de outros atributos das divindades aquáticas.

As sereias que os acompanhavam mostravam um pouco mais de gosto no trajar que os deuses marinhos que lhes serviam de escolta. Vestidos de seda e de outros tecidos preciosos de cor verde tinham sido talhados ao gosto da sua fantasia, de maneira a corresponder à ideia que elas formavam das habitantes do mar, e sobretudo a valorizar a figura, as formas e as feições das belas mortais que os usavam. Os colares e os braceletes de conchinhas, que ornavam o pescoço, os braços e os tornozelos destas lindas sereias, eram por vezes entremeados de pérolas finas; e no seu conjunto elas não estariam deslocadas na corte de Anfitrite, tomando principalmente em consideração os longos cabelos loiros, os grandes olhos azuis, a tez alva como neve e as feições agradáveis destas filhas de Tule.

Em breve se descobriu que estes tritões e estas sereias não eram pessoas estranhas, mas uma parte dos convidados, que, tendo-se retirado pouco tempo antes, tinham tomado aquele disfarce para variar os prazeres da festa. A musa de Claud Halcro, sempre activa nestas ocasiões, fornecera-lhes canções adaptadas à circunstância, das quais podemos dar uma amostra. As coplas eram cantadas alternadamente por uma sereia e um tritão e cada grupo formava um coro que acompanhava a voz principal e repetia o refrão.

UMA SEREIA

Em nossas cavernas solitárias

De paredes ornadas de pérolas,

Cantamos os heróis, vossos pais,

Os velhos condes dos tempos passados.

O ruído dos ventos e do trovão

Não é para nós mais alarmante

Do que o é para uma pastora

O suspiro de um fiel amante.

Mas, embora no seio das ondas,

A paz esteja sempre connosco,

Deixamos as nossas grutas profundas,

Filhas de Tule, para dançar convosco.

CORO GERAL

Também das nossas grutas profundas

Como vedes, saímos todos,

E deixamos o seio das ondas Para dançar, e cantar convosco.

Os tritões que traziam as grandes conchas à guisa de trompas foram os únicos que não juntaram as suas vozes ao coro, mas fizeram uma espécie de acompanhamento que, apesar de um pouco grosseiro, não deixava de produzir bom efeito. A poesia, a música e a dança foram vivamente aplaudidas por todos os que se julgavam em estado de as apreciar, e mesmo por Triptolemus Yellowley, que, no entanto, não pôde deixar de dizer baixinho a Mordaunt que era realmente pena estragar tão bom linho para fazer as barbas e cabeleiras postiças aos tritões.

Mordaunt não tinha tempo de pensar em responder, toda a sua atenção se tinha concentrado nos movimentos de uma mulher mascarada, que, por um sinal, lhe fizera compreender que tinha qualquer comunicação importante a fazer-lhe. Esta sereia, que, sem se dar a conhecer, lhe apertara o braço, acompanhando o gesto de um olhar expressivo, estava disfarçada com muito mais cuidado do *que* as outras. O seu manto era solto e bastante largo, para lhe ocultar inteiramente o busto, e o seu rosto vinha tapado por uma mascarilha de seda. Notou nesse momento que ela se afastava pouco a pouco das outras máscaras. Colocou-se junto de uma porta aberta, como se tivesse necessidade de tomar ar, olhou-o ainda num movimento significativo e, aproveitando o momento em que a atenção de toda a gente se fixava nas outras sereias e nos seus companheiros, saiu do aposento.

Mordaunt não hesitou em seguir a sua guia misteriosa, pois podemos dar este nome à sereia. Ela deteve-se um instante, para que ele pudesse ver o caminho que tomava; marchando em seguida a grandes passos, alcançou a margem do *voe* ou lago de água salgada que estava em frente deles, e cujas águas ligeiramente agitadas reflectiam os raios da lua cheia; e, com o crepúsculo que reina nestas regiões durante o solstício de Verão, não havia que lamentar a ausência do sol, cujos vestígios ainda eram visíveis nas vagas do lado do poente, ao passo que o horizonte do lado leste já começava a adornar-se das cores da aurora.

Mordaunt não teve nenhuma dificuldade em seguir com a vista a sua guia disfarçada, que dirigia sempre a sua marcha rápida para as margens do lago, subindo pequenas colinas, atravessando alguns vales e fazendo vários desvios por entre os rochedos. A sereia deteve-se, por fim, num local onde, nos dias de intimidade de Mertoun com a família de Burgh-Westra, as filhas de Magnus iam muitas vezes sentar-se, quando o tempo o permitia, sob um caramanchão aconchegado e solitário. Era pois ali que ele devia receber a explicação daquele procedimento misterioso, porque, depois de ter hesitado um instante, a sua guia sentou-se no banco de pedra. Mas, de que lábios ia ele receber essa explicação? Foi em Norna que ele pensou primeiro, mas o seu grande vulto e o seu passo majestoso não permitiam confundi-la com a sereia de andar leve e vulto de fada que o precedera no seu passo de águia. Visto que não era Norna, presumia que não podia ser outra senão Brenda que o teria chamado a um conciliábulo secreto.

Mordaunt experimentava a mesma turbção que o tomaria se se encontrasse perante uma pessoa que tivesse ofendido injustamente. Brenda não estava menos embaraçada.

— Mordaunt — disse ela em voz trémula — perdão, era senhor Mordaunt que eu devia dizer, deve estar surpreendido por eu me permitir uma tão estranha liberdade.

— Se de alguma coisa eu tivesse de surpreender-me, não seria de me conceder uma entrevista neste momento, mas de a ter visto procurar fugir-me, há tantas horas. Por Deus, Brenda, em que é que eu a ofendi? Porque me trata de uma maneira tão estranha?

— Não bastou dizer-lhe que esse era o desejo de meu pai? — respondeu Brenda, baixando os olhos.

— Não, Brenda, não basta. Seu pai não podia mudar subitamente de opinião e de atitude a meu respeito, sem ter sido cruelmente enganado. Peço-lhe que me diga que censuras julga ele poder fazer-me. Aceito que me rebaixem na vossa estima abaixo de um camponês das ilhas, se não puder provar que esta mudança não tem outra causa senão a mais infame calúnia, ou qualquer erro muito extraordinário.

— Pode ser... assim o espero... e a prova de que o espero é o desejo que tive de me avistar consigo em particular. Mas é muito difícil... é impossível explicar-lhe a causa do ressentimento de meu pai. Norna falou-lhe asperamente, e receio que eles se tenham separado zangados um com o outro. E, como sabe, não é preciso muito para isso.

— Sempre notei que seu pai presta muita atenção aos conselhos de Norna, e que tem mais indulgência pelas suas singularidades do que pelas de outra pessoa qualquer, embora ele não pareça acreditar no poder sobrenatural que ela se atribui.

— Ainda são parentes afastados; eram amigos na sua mocidade. Ouvi até dizer que corraera o boato noutros tempos, de que eles deviam de unir-se mais estreitamente; mas *as* singularidades de Norna manifestaram-se logo após a morte de seu pai, o que fez renunciar o meu pai ao seu projecto de enlace, admitindo que realmente o chegou a conceber. A verdade é que ele conserva muita deferência por ela; e visto que se zangou, receio que isso seja sinal de que as suas reservas contra si estejam profundamente enraizadas.

— Que o céu a recompense, Brenda! — exclamou Mordaunt vivamente — que ele a encha de bênçãos pela palavra reservas que acaba de pronunciar! Você sempre teve bom coração e não pôde manter contra mim nemmesmo a aparência de um ressentimento.

— É bem verdade que não passa de uma aparência — confessou Brenda, retomando insensivelmente o tom familiar a que estava habituada desde a sua infância — Nunca pude acreditar. Mordaunt, quero dizer acreditar seriamente, que pudesse dizer alguma coisa de ofensivo para Minna ou para mim.

— E quem ousa acusar-me de uma coisa dessas? — exclamou Mordaunt, abandonando-se a toda a impetuosidade do seu carácter — Quem ousa acusar-me disso e gabar-se de que a língua não lhe será arrancada da boca? Por São Magnus, o mártir, que lha arranque para a lançar aos corvos!

— A sua cólera assusta-me e obriga-me a deixá-lo — disse Brenda.

— Quê! Deixar-me sem me dizer qual a calúnia de que me tornam vítima e qual é o nome do caluniador!

— Não foi uma pessoa — disse Brenda, hesitante que persuadiu meu pai... Não lhe posso dizer mais do que isto... Muitas pessoas lhe disseram a mesma coisa.

— Que fossem cem ou mais, nenhuma escapará à minha vingança, santo mártir! Acusarem-me de falar de uma maneira ofensiva daqueles que estimo e que mais respeito sob a cúpula dos céus! Mas eu vou regressar dentro de instantes e seu pai tem que me prestar justiça publicamente.-

Não faça nada, por amor de Deus! Não faça nada, se não quer tornar-me a mais miserável das criaturas.

— Diga-me, ao menos, se acerto nomeando esse Cleveland como um dos que me caluniaram.

— Não! — exclamou Brenda com vivacidade — Não! Iria cair de um erro em outro erro ainda mais perigoso. Diz que me tem amizade, quero demonstrar-lhe a minha. Mas acalme-se e escute o que lhe vou dizer. A nossa entrevista já durou muito tempo, e, quanto mais se prolongar, mais ela me expõe a novos perigos.

— Diga-me o que deseja de mim — disse Mordaunt, mais calmo — e creia que, se não o fizer, é porque me pede o impossível.

— Pois bem, esse capitão... esse Cleveland!...

— Eu sei, por Deus! — exclamou Mordaunt — Eu estava convencido de que, por qualquer forma, esse aventureiro se encontra na origem deste mal-entendido e de todo o mal!

— Se não quiser escutar-me com paciência e guardar silêncio por um instante, terei que retirar-me. O que eu queria dizer-lhe não se relaciona consigo, mas com outra pessoa, com minha irmã Minna. Não é do ressentimento que ela tem contra si que desejo falar-lhe, mas da inquietação que me causam as atenções que o capitão Cleveland tem por ela.

— São bem evidentes, demasiado notórias; e se meus olhos não me enganam, são recebidas com prazer.

— É precisamente o que eu temo. Eu própria fui impressionada pelo aspecto, pelas maneiras e pela conversa desse homem!

— O seu aspecto! Realmente, ele é elegante, as suas feições são correctas; mas, como disse o velho Sinclair de Quendale ao almirante espanhol: que leve o diabo o seu rosto! Já vi um mais belo num enforcado! As suas maneiras podiam confundi-lo com um capitão corsário; e quanto à sua conversa, lembra-me a do *compère* do teatro de fantoches, pois não fala senão das suas façanhas.

— Engana-se, Mordaunt; ele fala muito bem de tudo o que viu, de tudo o que observou. Aliás, viajou por muitos países distantes; assistiu a um grande número de combates, e fala deles com tanto espírito como modéstia. Dir-se-ia ver o clarão do raio e ouvir a explosão dos canhões. E ele tem outros assuntos de conversa. As árvores magníficas e os frutos deliciosos dos outros climas, depois, aqueles povos que, durante todo o ano, não vestem mais do que musselinas e linhos que nós usamos apenas nos grandes calores do estio.

— Palavra, Brenda, o que ele parece conhecer perfeitamente é a arte de divertir as senhoras jovens.

— É verdade — respondeu Brenda no tom mais ingénuo — Confesso-lhe que a princípio ele agradava-me tanto como a Minna; mas, apesar de ela ter muito mais espírito do que eu, tenho mais experiência do mundo do que ela, porque vi um maior número de cidades. Estive uma vez em Kirkwall e três vezes em erwick, quando os navios holandeses lá estavam, de maneira que já não é fácil impressionarem-me.

— E diga-me, Brenda, que motivos a fizeram pensar menos favoravelmente desse jovem marinheiro, que parece ser tão insinuante? Teria dançado menos vezes consigo do que com sua irmã?

— Não o creio. No entanto não criei qualquer suspeita contra ele, quando as suas atenções se dividiam igualmente entre nós duas; porque ele não era então mais para nós, do que o Mordaunt, ou o jovem Swaraster, ou qualquer outro rapaz das nossas ilhas.

— Mas porque se zangou por ele procurar agradar à sua irmã? É rico, ou pelo menos parece; você acha-o cheio de talentos, de espírito e de amabilidade; pode desejar mais alguma coisa num namorado para Minna?

— Esquece quem nós somos, Mordaunt — respondeu a jovem setlandesa, tomando um ar de dignidade que ficava tão bem ao seu rosto como o tom menos grave que ela empregara até ali — Estas ilhas são para nós um pequeno mundo, talvez inferior a todas as outras regiões da terra, se pelo menos acreditarmos nos estrangeiros, mas nem por isso deixa de ser o nosso pequeno mundo; e nós, as filhas de Magnus, ocupamos nele o primeiro lugar. Parece-me Pois que seria pouco conveniente que as filhas dos reis do mar e dos antigos condes descessem a meter-se à cara de um estrangeiro que chega à nossa costa, pela Primavera, como ave de arribação, sem que ninguém saiba de onde vem, e se vai talvez embora no Outono, sem que tão-pouco se saiba para onde vai.

— E que no entanto pode convencer uma bela ponba das ilhas Setland a acompanhá-lo nessa emigração.

— Não quero ouvir falar deste assunto num tom tão leviano — disse Brenda, num ar indignado — Minna é como eu, filha de Magnus Troil, não só o amigo dos estrangeiros, mas também o pai das ilhas Hialtland. Dispensa-lhes a hospitalidade de que necessitam; mas que não imagine o mais confiado de entre eles que pode, só porque lhe apraz, aliar-se à sua casa — Pronunciou estas palavras com muito calor, e ajuntou num tom mais calmo: — Não, Mordaunt, não suponha que Minna seja capaz de esquecer o que deve a seu pai e ao sangue de seu pai, a ponto de pensar em desposar esse Cleveland; mas é possível que ela preste atenção aos seus discursos, por forma a destruir em si toda a esperança de felicidade. Tem um carácter que a deixa arrastar com demasiada confiança para certos sentimentos. Admira-se, pois, de que eu experimente certas inquietações por Minna, cujo coração é de natureza a guardar com fidelidade qualquer afeição que consiga lá introduzir-se?

— Não! — exclamou ele — Não me admiro de que sinta os receios que a mais pura afeição pode inspirar; e se me puder indicar em que posso secundar a sua ternura por sua irmã, encontra-se disposto a arriscar a minha vida, como tanta vez o fiz para ir à procura de ovos de pássaros nos rochedos. Mas, creia-me, se me acusarem junto de si ou de seu pai de alguma vez ter tido a intenção sequer de lhes faltar ao respeito, é uma mentira que só o inferno foi capaz de inventar.

— Acredito-o — disse-lhe Brenda, estendendo-lhe a mão — e o meu coração encontra-se aliviado de um peso, agora, que reiterarei a minha confiança a um amigo tão antigo. Não sei em que me poderá ajudar, mas foi por conselho, posso mesmo dizer por ordem de Norna, que procurei ter esta entrevista, e estou quase admirada de ter tido a coragem suficiente para a

sustentar até ao fim. Agora, sabe tudo o que lhe posso dizer dos perigos que minha irmã corre. Vigie esse Cleveland; mas não caia em entrar em conflito com ele, porque decerto passaria um mau bocado com um soldado tão cheio de experiência.

— E porque não? Com a força e a coragem que o céu me deu, e com uma boa causa a defender, este Cleveland não me inspira mais receio do que outro qualquer.

— Está bem, mas se não for por si, ao menos por deferência por Minna, por meu pai, por mim, por nós todos, evite o menor conflito com ele. Limite-se a vigiá-lo, e trate de descobrir quem ele *é e* quais são as suas intenções a nosso respeito. Ele falou em ir às Órcades colher informações acerca de um navio que navegava ao mesmo tempo que o dele, mas os dias e as semanas passam, e ele não parte. Faz companhia a meu pai à mesa, conta a Minna histórias de países desconhecidos, de povos estranhos, de guerras longínquas. Assim se passa o tempo; e o estrangeiro torna-se dia a dia um conhecimento mais íntimo, e parece fazer parte integrante da nossa família, sem deixar de ser ao mesmo tempo um desconhecido, um estrangeiro para nós... E, agora, adeus. Norna ainda espera reconciliá-lo com meu pai; ela pede-lhe que não abandone amanhã Burgh-Westra, por maior frieza que meu pai e minha irmã lhe possam testemunhar. E eu também — acrescentou ela, estendendo-lhe segunda vez a mão — eu também devo mostrar-lhe aparência de frieza, mas, no fundo do coração, somos ainda Brenda e Mordaunt. Agora, separemo-nos depressa, porque é preciso evitar que nos vejam juntos.

Mordaunt tomou a mão que ela lhe apresentava, e ela retirou-a um pouco confusa, meio a rir, meio a corar, quando ele quis levá-la aos lábios. Ele ainda lha reteve por um instante, porque aquela entrevista teve para ele um encanto nunca experimentado em nenhum dos anteriores encontros com Brenda. Mas ela soltou-se e, fazendo-lhe um sinal de despedida, apontou-lhe um caminho diferente do que ela ia tomar e correu para casa. Depressa deixou de ser visível aos olhos do rapaz.

Mordaunt, que a seguira de longe enquanto lhe fora possível sentiu-se numa situação até então ignorada por ele. Não percebia a revelação que se operara nos seus sentimentos. Via-se de repente admitido com uma franqueza sem reserva na confiança de uma jovem encantadora que ele julgava, alguns momentos antes, não experimentar por ele senão indiferença e desprezo; e se alguma coisa ainda podia tornar enervante uma mudança tão surpreendente e tão agradável, era a ingénua simplicidade de Brenda, que emprestava um fascinador encanto a todas as suas palavras e aos seus mais insignificantes gestos. O momento em que esta cena se desenrolou talvez tivesse aumentado o seu efeito, embora sem necessidade, pois as belas feições pareciam ainda mais sedutoras à claridade da lua, e uma voz doce recebe ainda mais doçura da calma de uma linda noite de estio. Mordaunt, reentrando em casa, sentiu-se disposto a escutar com mais paciência e condescendência um louvor ao luar que lhe fez Claud Halcro. O entusiasmo do poeta despertara em seguida a um pequeno passeio ao ar livre, empreendido para dissipar os vapores que as libações frequentes tinham feito subir à sua cabeça.

— O Sol — disse ele a Mordaunt — é a lanterna que avisa o pobre operário de que é preciso levantar-se para retomar os seus trabalhos. A sua luz funesta, logo que aparece no Oriente, é um sinal que lembra a cada um os seus deveres, as suas obrigações e as suas misérias. Mas fale-me da Lua; a sua claridade não inspira senão a alegria e o amor.

— E a loucura, a não ser que a caluniem — ajuntou Mordaunt, unicamente para dizer alguma coisa.

— Espere um momento. Onde estava eu? Ah! Falava da Lua. Pois bem, a Lua é a alma e a essência da poesia e do amor. Aposto que não existe um verdadeiro amante que não tenha feito pelo menos um soneto em seu louvor.

— E a lua — disse o feitor, que principiava a ter a língua bastante espessa — que faz amadurecer os grãos, pelo menos assim o asseguravam os antigos. É ainda ela que enche as nozes, o que não é de menor importância. *Sparge nuces, pueri.*

— À multa! À multa! — exclamou o *udaller*, que tinha chegado então ao seu apogeu — O feitor fala grego! Pelas relíquias do santo de quem uso o nome, em como ele beva uma pinaça cheia de *punch*, a não ser que cante uma canção!

— É demasiada água para afogar o moleiro — respondeu Triptolemus — A minha cabeça não precisa de ser mais regada; é um lago em que é preciso trabalhar para se secar.

— Então cante! — exclamou o despótico *udaller* — Porque aqui ninguém fala outra língua senão o *norse*, o holandês, o idioma de Dantzig ou pelo menos o escocês. Vamos, Erick Scambester, traze a pinaça, e com a carga completa.

O agricultor, vendo a pinaça bem carregada avançar para ele, embora lentamente, visto que o próprio Scambester não se encontrava em estado de a manobrar com muita destreza, fez um esforço inspirado pelo desespero, antes da chegada do barco temível, e começou a cantar, ou melhor a coaxar uma balada das ceifeiras do condado de York; era a mesma que seu pai tinha por costume cantar quando estava com uma pinga, com a música do — «Vamos, *Dobbin*, parte com a tua carroça.» A

fisionomia lúgubre do cantor e o som dissonante da sua voz formavam um contraste tão burlesco com a alegria da melodia e da letra, que o honesto Triptolemus proporcionou aos convidados o mesmo divertimento que proporcionaria um conviva que chegasse num dia solene envergando o fato do avô. Esta brincadeira foi o remate da noite, porque o deus do sono submetera ao seu domínio a sólida cabeça do próprio Magnus Troil. Seus hóspedes recolheram-se, conforme puderam, aos alojamentos que lhes tinham sido designados, e em breve o mais profundo silêncio sucedeu à mais ruidosa das orgias.

ASSIM SE PAGA UMA DÍVIDA!

Os barcos vão *partir*.

Cada um empunha o ferro

Que o flanco dos monstros do mar há-de varar

Transforma-se em dardo mortal o instrumento pacífico

É o momento de provar que tendes coração.

Armai vossos braços nervosos para o amor, para a honra

Vede esses rochedos de cimos imponentes

Cobertos de velhos e de amáveis donzelas

BATALHA DAS ILHAS SUMMER

É raro que a manhã seguinte a uma festa semelhante à de Magnus Troil tenha aquela vivacidade que animou os prazeres da véspera. A exiguidade das instalações para tanta gente tornou o repouso muito breve. Assim, as jovens, de faces um pouco pálidas, as matronas graves, a bocejar e a pestanejar, e os homens, atormentados pelas náuseas, reuniram-se três horas depois de se terem separado.

Erick Scambester fizera tudo o que um homem pode fazer para impedir o aborrecimento de não se encontrar lugar à mesa, na qual se colocara o repasto da manhã, que gemia sob o peso de enormes traços de vaca salgada e fumada à maneira do país, de pastelões, de carnes Cozinhadas no forno, de peixe preparado de várias formas. Havia também chá, café e chocolate, porque a posição destas ilhas proporcionara-lhes bem cedo diversos produtos de um luxo exótico, que ainda eram então quase desconhecidos na Escócia.

Independentemente destes preparativos, a mesa oferecia ainda o que os *bons vivants* chamam *pêlo do animal*: o *usquebaugh* da Irlanda, o licor de Nancy, o verdadeiro *schiedamm*, a aguardente de Caithness, a água de ouro de Hamburgo, rum de uma velhice venerável e todos os cordiais das ilhas. É inútil mencionar a cerveja da casa, o *mum* da Alemanha e a cerveja forte de Schwartz.

Não é para admirar que à vista de coisas tão boas reanimasse os hóspedes fatigados e despertasse o seu apetite. Os jovens procuraram as meninas com quem dançaram na véspera e recomeçaram os ditos que lhes fizeram passar a noite alegremente. Magnus, rodeado de velhos *norses* seus amigos, juntando o exemplo ao preceito, emprestava coragem para se atacar decididamente tudo o que se encontrava na mesa. Entretanto, ainda havia um longo intervalo a preencher entre o almoço e o jantar. Havia razão para temer que Claud Halcro se encarregasse de ocupar essa hora recitando algum poema ou contando a história da sua apresentação ao glorioso John Dryden. O acaso salvou os hóspedes reunidos em Burgh-Westra do flagelo de que estavam ameaçados, proporcionando-lhes um divertimento de harmonia com os seus gostos e os seus hábitos.

A maior parte dos convivas recorrera a esgravatar os dentes, enquanto outros começavam a entreter-se com o que podiam, quando Erick Scambester, de olhar incendiado e arpeu em punho, entrou à pressa para informar os presentes de que uma baleia estava encalhada, ou pouco menos, à entrada do *voe*. Como descrever a alegria, a precipitação, a agitação e o tumulto que esta novidade fez explodir? Um grupo de fidalgos provincianos prestes a partir para a caça dos primeiros galos da época ofereceria uma comparação que não daria senão muito imperfeitamente o entusiasmo dos convivas e a importância que eles atribuíam ao acontecimento.

Os armazéns de Burgh-Westra foram logo postos à disposição, e deles se tiraram as armas que poderiam servir em semelhante circunstância. Uns apoderaram-se de arpões, de espadas, de picos e alabardas; outros contentaram-se com forcados, espetos e todos os instrumentos longos e ponteagudos que puderam encontrar. Armados, assim, à pressa, formaram duas divisões, uma das quais, sob o comando do capitão Cleveland, partiu nos barcos que estavam na pequena angra, enquanto a outra alcançava por terra o teatro da acção.

O pobre Triptolemus viu malograr-se assim o plano que acabava de traçar, e que tinha por fim pôr à prova a paciência dos setlandeses, brindando-os com uma dissertação sobre agricultura e sobre o partido que se podia tirar das terras do país. O súbito tumulto que esta novidade provocou foi um dique que deteve ao mesmo tempo os versos de Halcro e a prosa não menos formidável do feitor. Compreende-se que este tomasse muito pouco interesse pelo assunto que alvoroçava todos os espíritos, e nem mesmo se dignaria lançar um olhar à animada cena que o lago ia oferecer, se não fosse estimulado pelas exortações da senhora Baby.

— Mete-te a caminho, mano — disse-lhe a irmã prudente — Mete-te a caminho! Quem sabe onde pode cair a bênção do céu? Diz-se que terá cada um parte igual, e uma medida de óleo valerá bem o seu preço quando vierem as longas noites de Inverno. Vamos, vamos, marcha. Anda, segura-te ao meu braço. Nunca um coração tímido recusou o de uma bela dama. E quem sabe se a gordura desse animal não será boa para comer enquanto fresca? Isso poupar-nos-ia a manteiga.

Triptolemus, brandindo um forcado, partiu cheio de coragem para combater a baleia.

A situação em que o desgraçado destino do inimigo o colocara era particularmente favorável aos ilhéus. Uma onda de uma altura extraordinária tinha trazido a baleia por cima de uma barreira de areias à entrada do *voe* ou lago de água salgada. Quando sentiu a onda retirar-se, reconhecendo o perigo, fizera grandes esforços para tornar a passar por cima da barreira; mas, bem longe de melhorar a sua situação, não fez senão torná-la mais precária, porque, lançada numa água pouco profunda, não ficava senão mais exposta aos ataques dos setlandeses. Eles chegavam nesse momento. Na primeira fila encontravam-se os mais novos e mais atrevidos, armados como acabamos de descrever, enquanto os velhos e as mulheres subiam às rochas cujo cimo dominava o lago, para serem testemunhas da sua coragem e incitar os seus esforços.

Como os barcos tinham que dobrar um pequeno promontório para chegarem à entrada do *voe*, os que vieram por terra tiveram tempo de fazer um reconhecimento da força e da situação do inimigo que se preparavam para atacar por terra e por mar.

O general, tão valente como experimentado, não quis primeiro confiar senão nos seus próprios olhos, e a sua tripulação e a sua habilidade tornavam-no digno de comandar esta expedição. Trocara o seu chapéu de galão dourado por um gorro de pele de urso; o seu casaco de fazenda azul, debroado de escarlata e agalado por todas as costuras, dera lugar a uma jaleca de flanela vermelha guarneçada de botões de chifre preto, por cima da qual trazia uma espécie de camisa de pele de foca, bordada no peito de uma maneira curiosa e semelhante à que usam os esquimós e algumas vezes também os pescadores das costas da Groenlândia. Enormes botas à prova de água completavam o seu traje, e levava na mão um grande cutelo de baleia, que brandia como se estivesse impaciente por esquarterar o enorme animal, isto é, separar-lhe a gordura da carne e dos ossos.

A baleia, que tinha mais de sessenta pés de comprimento, permanecia numa imobilidade perfeita na parte do *voe* onde a água era mais profunda e parecia aguardar o regresso da maré, provavelmente confiada no seu instinto. Reuniu-se logo um conselho composto dos arpoadores mais experimentados, e foi resolvido tentar-se passar um nó corredio à cauda do leviatão adormecido, e amarrar-se-iam às extremidades do cabo âncoras colocadas na margem, a fim de impedir que ele se escapasse, se a maré voltasse antes de ter havido tempo de o aniquilar. Destinaram-se três barcos a esta primeira operação difícil e perigosa. O próprio *udaller* tomou o comando do primeiro, e o dos dois outros foi entregue a Cleveland e a Mordaunt. Tomada esta resolução, sentaram-se na margem à espera da chegada dos barcos. Durante este interregno, Triptolemus Yellowley, medindo com a vista o corpo monstruoso da baleia, aventurou-se a dizer que, em sua modesta opinião, pensava que seis bois, ou mesmo sessenta, se se tratasse de bois do país, não seriam suficientes para puxar para a margem um animal tão grande.

Por insignificante que este reparo pudesse parecer ao leitor, ele tocava um tema que nunca deixava de aquecer o sangue irritável de Magnus Troil.

E se seis bois não chegassem para puxar para terra, que se havia de fazer? — exclamou o velho *udaller*, olhando Triptolemus num ar severo.

O tom em que esta pergunta foi feita não agradou muito ao senhor Yellowley; no entanto, esqueceu o que exigiam dele a sua dignidade e o seu interesse.

— O senhor o sabe, Magnus Troil — disse ele — e qualquer pessoa pouco instruída o deve saber, que as baleias de um tamanho que não se possam retirar para a margem com seis bois, pertencem de direito ao grande almirante, que é ao mesmo tempo o nobre Lorde Chamberlain destas ilhas.

— E eu lhe digo, senhor Triptolemus Yellowley — replicou o *udaller* — e di-lo-ia a seu amo, se ele aqui estivesse, que quem arriscar a sua vida para se apoderar desta baleia, terá a sua parte conforme os nossos bons e antigos costumes norses. Se, entre as mulheres que estão aqui a ver, houver alguma que toque apenas no cabo, será admitida na partilha; e se nos der razão para isso, o filho que estiver para nascer partilhará como os outros.

O rígido princípio de equidade que presidia este último preceito fez os homens rir às gargalhadas e corar algumas mulheres. Entretanto, o feitor julgou que seria vergonhoso ceder tão prontamente à vitória.

— *Suum cuique tribuito* — disse ele — Tanto defendo os direitos de *milord* como os meus.

— Pois bem! — exclamou Magnus — Pelas relíquias do santo mártir, em como não reconhecemos outros direitos de partilha senão os de Deus e Santo Olavo, que eram conhecidos neste país muito tempo antes de se ouvir falar de almirante, de «chamberlain», de tesoureiro e de feitor. Todos os que cooperarem nesta empresa terão a sua parte, e mais ninguém lhe tocará. Portanto, senhor feitor, trabalhe como os outros, e dê-se por feliz em ter uma par” como eles. Suba para esse barco — (As embarcações acab, ram de chegar nesse momento) — E os amigos dêem lug;” ao feitor do Lorde Chamberlain; que tenha ele a honr de vibrar o primeiro golpe na baleia.

O tom de autoridade, a voz forte e o ar imperioso que o hábito de mandar dava ao velho *udaller*, assim como a íntima convicção que Triptolemus experimentava de que entre os espectadores, não havia um único com quem pudesse contar para o apoiar, tornava-lhe difícil resistir àquela ordem. No entanto, ainda hesitava e tentava desajeitadamente dissimular o seu receio e a sua cólera ao fingir tomar a ordem de Magnus por uma brincadeira, quando sua irmã Baby se aproximou e lhe disse ao ouvido:

— Anda, vai. Estás com vontade de perder a tua parte de gordura; quando vamos ter um longo Inverno durante o qual pleno dia fará mais escuro do que a noite mais escura das Mearns?

Esta advertência de uma previdente sensatez, junta ao receio que o *udaller* lhe inspirava e à vergonha que sentia de parecer menos valente que os outros, inflamou de tal maneira a coragem do agricultor, que, brandindo no ar o forçado que tinha na mão, entrou no barco como um Neptuno armado de tridente.

Os três barcos destinados ao serviço perigoso deslizaram para o enorme cetáceo, que estava como uma ilha na parte do lago onde a água tinha mais profundidade, e que os deixou aproximar sem sair da sua imobilidade. Os nossos audaciosos aventureiros avançavam em silêncio e com precaução. Após uma tentativa inútil, conseguiram finalmente passar em torno da cauda do monstro, sempre imóvel, um longo cabo cujas extremidades levaram para terra, onde uma centena de mãos tratou de os fixar nas âncoras. Mas, antes deste trabalho terminado, a maré começou a subir e o *udaller* gritou que era preciso apressarem-se a matar a baleia, ou, pelo menos, a feri-la gravemente antes de o mar a pôr a flutuar, de contrário era provável que ela se escapasse.

— Ataquem já! — exclamou ele — Mas deixem ao feitor a honra do primeiro golpe.

O valente feitor ouviu estas palavras. É bom que se diga que a paciência que o monstro revelara em deixar-se enlear por um cabo diminuía muito o terror de Triptolemus e depreciara singularmente a baleia em sua opinião. Afirmando que ela não tinha mais espírito nem mais actividade do que uma baleia, mergulhou o forçado com toda a sua força no corpo do infelizmente colosso. Os barcos ainda não se tinham afastado à distância suficiente para começar, de uma maneira prudente, o ataque sem perigo, quando a primeira escaramuça se deu.

Magnus Troil, que apenas quisera brincar com Triptolemus Yellowley e que tencionava servir-se de um braço mais experiente para lançar o primeiro arpão, só teve tempo de gritar:

— Cuidado, amigos, senão vamos para o fundo!

Já o cetáceo, retomando a sua actividade ao sentir as duas pontas da arma de Triptolemus, projectava nos ares uma enorme coluna de água precedida de um ruído semelhante à da explosão de uma máquina a vapor, e começava a agitar as vagas com a sua cauda formidável. O dilúvio lançado pela baleia caiu sobre o barco que Magnus tripulava, e o ousado feitor, que tivera uma boa parte na imersão, ficou tão espantado e aterrado com as consequências do seu acto de bravura, que caiu para trás no meio da tripulação, demasiado preocupada em remar com força a fim de se afastar do perigo, para poder dar-lhe atenção. Ele foi, por alguns instantes, pisado pelos companheiros; mas, por fim, o *udaller* ordenou que se aproximassem da margem para desembarcar o desastrado que dera começo ao ataque de uma maneira tão desajeitada.

Neste meio tempo, os outros barcos também se tinham retirado para distância conveniente, e, de lá como da margem, faziam chover sobre o desgraçado colosso uma saraivada de arpeus, de projectéis de toda a espécie e de tiros de espingarda. Empregavam-se, enfim, todos os meios de destruição a que era possível recorrer e que podiam incitá-lo a esgotar a sua força e a sua raiva em esforços inúteis. Quando o animal reconheceu que os baixios o cercavam por todos os lados e sentiu os outros liames com que o seguravam, os movimentos convulsivos que fez para se escapar, acompanhados de sons que lembravam profundos e rumorosos gemidos, eram de molde a provocar compaixão; e era preciso estar-se habituado à pesca da baleia para não a sentir. A água que ela continuava a projectar estava tinta de sangue e o mar, à sua volta, tomava pouco a pouco a mesma cor. Entretanto, os assaltantes não perdiam o seu tempo, mas Mordaunt e Cleveland faziam-se notar particularmente, e pareciam rivalizar em demonstrar a maior coragem contra um monstro tão temível na sua agonia e que lhes poderia vibrar um golpe mortal.

Enfim, a vitória parecia quase declarada em favor dos atacantes; porque, embora a baleia continuasse a fazer de quando em quando algumas tentativas para recuperar a liberdade, as suas forças pareciam de tal forma esgotadas que dir-se-ia impossível que pudesse safar-se, mesmo com a ajuda da maré.

Magnus fez sinal para que se aproximassem da baleia e gritou ao mesmo tempo:

— Coragem, amigos! Ela não perdeu senão metade da sua fúria. Vamos, senhor feitor, vá pensando em fazer provisão de óleo para alimentar duas lâmpadas durante todo o Inverno em Harfra. Aos remos, amigos, aos remos!

Antes que houvesse tempo de obedecer a esta ordem, tinham-se antecipado outros dois barcos, e Mordaunt, impaciente por se mostrar superior a Cleveland, mergulhara com toda a força um pico no corpo do cetáceo. Mas, tal como uma nação, que se julgaria de recursos esgotados por perdas e calamidades sem conta, o leviatão reuniu todas as forças que lhe restavam para fazer um último esforço, e esse esforço teve êxito. Solto um rugido terrível, lançou às alturas um jacto de água e de sangue, quebrou como um fio o cabo que a retinha, voltou com uma pancada da cauda o barco de Mordaunt, precipitou-se por cima da barreira e com a ajuda da maré alcançou o alto mar, com o dorso carregado de uma floresta de projecteis de toda a espécie e deixando por onde passava um longo rastro de sangue.

— Lá se vai o seu óleo pela borda fora, mestre Yellowley — disse Magnus — Terá que derreter gordura de carneiro, ou tomar o partido de ficar às escuras, este Inverno.

— *Operam et oleam perdidit* — respondeu Triptolemus — Mas, se me tornarem a apanhar na pesca da baleia, permito que ela me engula como a Jonas.

— Mas, onde está Mordaunt? — exclamou Claud Halcro. Viu-se então que o mancebo, aturdido por um golpe que recebera quando o barco se voltou, flutuava sem acordo e incapaz de atingir a margem a nado, como o tinham feito os seus companheiros.

Já falámos na superstição estranha e bárbara que fazia com que os Setlandeses, nessa época, não se atrevessem a socorrer um homem que estivesse a afogar-se no mar, embora estes insulares estivessem frequentemente expostos a perigos semelhantes. Três pessoas, no entanto, se ergueram acima desta crença pueril. O primeiro foi Claud Halcro, que, sem hesitar um momento, se precipitou do alto do pequeno rochedo para o mar, esquecendo, como o confessou depois, que não sabia nadar muito bem e que mesmo que tivesse a harpa de Arion, não tinha golfinhos às suas ordens. Mal entrara na água, lembrou-se do que lhe faltava para realizar a sua generosa empresa, e voltando a subir lentamente a rocha de onde descera tão depressa, deu-se por muito feliz em alcançar a margem depois de tomar um banho frio.

Magnus Troil, cujo bom coração esquecera a frieza com que ainda há pouco tratara Mordaunt, vendo-o em perigo, também fez um movimento para se lançar ao lago; mas Erick Scambester reteve-o por um braço.

— Alto! Alto! — gritou-lhe o fiel servidor — O capitão Cleveland já segurou o senhor Mordaunt. Nada melhor do que dois estrangeiros correrem o risco de se socorrerem um ao outro; mas, por eles, não vale a pena que se arrisque extinguir a luz do país... Detenha-se, pois, digo-lhe eu. Não se pesca um homem no lago de Bredness como uma torrada num «*bowl*» de «*punch*».

Cleveland lançara-se a nado para socorrer Mordaunt e susteve-o à tona de água até que um barco os foi buscar. O movimento de compaixão experimentado pelo honesto *udaller* não durou mais do que o perigo que requeria um socorro tão rápido; e recordando-se dos motivos de descontentamento que tinha ou supunha ter contra Mordaunt, afastando-se da beira de água e, desembaraçando-se de Scambester, disse-lhe:

— Se pensas que me inquietava por esse rapaz flutuar ou afundar-se, não passas de um velho louco.

Mas, ao mesmo tempo que fazia este alarde de indiferença, Magnus não podia deixar de espreitar por cima das cabeças dos insulares agrupados à volta de Mordaunt e que, logo que o trouxeram para terra, empregavam caridosamente todos os seus esforços para o chamar à vida. O *udaller* não pôde retomar o seu ar despreocupado senão quando viu o jovem no uso dos seus sentidos, ficando com a certeza de que o acidente não teria consequências sérias. Então, proferindo algumas pragas contra os espectadores que não tinham a iniciativa de dar um copo de aguardente, retirou-se num ar de bom humor, como se não tivesse sentido o menor interesse pelo que lhe acontecera.

As mulheres, geralmente excelentes observadoras das suas próprias comoções, não deixaram de notar que, quando as duas irmãs de Burgh-Westra viram Mordaunt caído no lago, Minna tornou-se pálida como a morte e Brenda soltou aflitivos gritos de terror. Umás menearam a cabeça, outras piscaram os olhos e algumas disseram ao ouvido de outras que não se esquecia facilmente um conhecimento antigo.

O grande interesse que a situação de Mordaunt despertou, enquanto foi perigosa, começou a arrefecer logo que recobrou completamente o uso dos sentidos. Não ficaram junto dele senão Claud Halcro e dois ou três homens. Cleveland permanecia de pé a cerca de uns dez passos. Os seus cabelos e o vestuário estavam ainda encharcados; e no seu rosto havia uma expressão tão singular que nem Mordaunt pôde deixar de a notar. Os seus lábios pareciam querer sorrir, em despeito de ele próprio, o seu olhar orgulhoso denunciava a satisfação que um homem experimenta quando se vê livre de um dever desagradável e alguma coisa de desdém. Halcro apressou-se a informar Mordaunt que devia a vida a Cleveland; e Mordaunt, sem dar ouvidos a outro sentimento que não fosse o da gratidão, levantou-se do solo e avançou para o capitão de mão estendida, para lhe apresentar os seus agradecimentos. Mas deteve-se, cheio de surpresa, ao ver Cleveland recuar um ou dois passos, de braços cruzados no peito, e recusar a mão que ele lhe oferecia. Recuou, por seu turno, de espanto ao notar o ar pouco agradável e o olhar quase insultuoso do capitão, que até então sempre se lhe mostrara cordial, ou Pelo menos franco, mudança que não podia perceber no momento em que acabava de receber dele um tal favor.

— Já chega — disse o capitão — É inútil falar mais nisto. Paguei a minha dívida. Agora estamos quites.

— Não estamos quites, senhor Cleveland, porque o senhor arriscou a vida para fazer por mim o que eu *fiz sem* correr o menor risco. Aliás — ajuntou, querendo dar às palavras um tom de gracejo — eu ganhei uma espingarda.

— Só os cobardes fazem entrar o perigo nos seus cálculos — respondeu Cleveland — O perigo tem sido o companheiro inseparável de toda a minha vida, fez-se à vela comigo em mil viagens importantes. Quanto à espingardas, não me faltam, e o senhor poderá verificar, quando lhe aprover, qual de nós sabe melhor maneja-las.

No tom em que estas palavras foram pronunciadas havia qualquer coisa que chocava Mordaunt; parecia encobrirem quaisquer desígnios hostis. Cleveland reparou na sua surpresa e, aproximando-se dele, disse-lhe ao ouvido:

— Escute, meu jovem camarada, vou dar-lhe a conhecer os nossos usos. Quando nós, aventureiros, damos caça ao mesmo navio e procuramos ganhar a vantagem do vento um sobre o outro, uma distância de cerca de sessenta passos na praia e duas boas espingardas são a maneira mais simples de resolver o caso.

— Não o compreendo, capitão — disse Mordaunt.

— Assim o julgo, e não esperava que me compreendesse — respondeu Cleveland.

E, rodando sobre os calcanhares com um sorriso de desdém, foi juntar-se aos companheiros que voltavam para Burgh-Westra.

— Se não fosse por causa de Brenda — pensou Mordaunt — quase desejaria que ele me tivesse deixado no lago, visto que ninguém parece inquietar-se que eu esteja vivo ou morto... Sessenta passos na praia e duas boas espingardas... Sim, era isto que ele queria dizer... Pois bem, poderemos fazer a experiência, mas não será no dia em que me salvou a vida!

Enquanto ele fazia estas reflexões, Erick Scambeser dizia a Halcro:

— Eu não me chame Erick, se estes dois mancebos não causaram desgraça um ao outro. Mordaunt salvou a vida a Cleveland; muito bem; para o compensar, Cleveland cortou-lhe as vazas em Burgh-Westra. Ora, não é pouca coisa perder as boas graças de uma casa onde a fêrvura do «punch» nunca arrefece... Hoje, Cleveland foi suficientemente louco para ir pescar

Mordaunt no *voe*. Que tome muita cautela! Mordaunt bem pode dar-lhe *sillocks* em troca da sua lampreia.

Deixando Erick, o poeta foi juntar-se aos hóspedes de Magnus, que, pelo caminho, iam discutindo os diversos incidentes do ataque inútil à baleia.

— Tenho esperança — disse o *udaller* — em que o capitão Donderdrecht, de Roterdão, nunca chegue a ouvir falar desta aventura, porque dirá, praguejando com todos os trovões do céu, que nem para pescar solhas prestamos.

XVIII

AS NOTÍCIAS QUE VÊM DE LONGE

E como se tivesse asas, voei para ti.

Trago-te esperanças e bons augúrios

De melhores tempos e alegres novas.

VELHA EPÍSTOLA

A sorte, que por vezes parece ter consciência, devia ao *udaller* uma indemnização pelo malogro da pesca. Pagou-lhe, na noite desse dia, trazendo a Burgh-Westra um novo personagem. Foi o bufarinheiro, ou, segundo o título que ele se dava, o mercador de feira Bryce Snailsfoot, que chegou em grande pompa, montando um cavalo vadio e seguido de outro conduzido por um rapaz de cabeça e pés nus, e carregado de um fardo de mercadorias duas vezes mais volumoso que de costume.

Como Bryce se fizera anunciar como portador de importantes notícias, mandaram-no entrar para a sala de jantar, segundo a simplicidade primitiva daquele tempo. A atenciosa hospitalidade do dono da casa não permitiu que se lhe fizesse qualquer pergunta enquanto ele não satisfizesse a sua sede e o seu apetite. Foi então que ele anunciou, com aquele ar de importância que toma o viajante chegado de uma região afastada, que vinha da cidade de Lerwick, depois de ter feito uma viagem a Kirkwall, capital das Órcades, e que o teriam visto em Burgh-Westra no dia anterior, se um furacão o não tivesse surpreendido por alturas do promontório de Fitful-head.

— Um furacão! — exclamou Magnus — Nós não sentimos aqui nem um sopro de vento.

— Nesse caso — replicou o bufarinheiro — houve alguém que não passou o seu tempo a dormir, e o seu nome começa por um N. Mas Deus está acima de tudo.

— Que novidades há pelas Órcades, Bryce? Conte-nos lá isso, que sempre vale mais que falar de pés-de-vento.

— Novidades, como ainda não houve de há trinta anos para cá... desde o tempo de Cromwell.

— Acaso, houve outra revolução? — perguntou Claud Halcro — O rei James regressou, como outrora o rei Charles?

— São novidades que valem vinte reis e outros tantos reinos — replicou o bufarinheiro — porque bastantes evoluções nos obrigam elas a fazer. E atrevo-me a dizer que vimos uma dúzia delas, grandes e pequenas.

— Chegou algum navio da Companhia das Índias? — indagou Magnus Troil.

— O senhor está muito perto de acertar, fowd — respondeu Snailsfoot — Mas não é um navio da Companhia das Índias; é um belo e bom vaso armado como um de guerra, atafalhado de mercadorias de toda a espécie, que ali se vendem a um preço tão razoável que um homem honrado como eu pode proporcionar a todo o país a ocasião de fazer excelentes compras. Hão-de concordar, quando eu lhes mostrar o conteúdo deste fardo, pois garanto que ele estará mais leve quando me retirar do que quando cheguei.

— Sim, sim... — disse o *udaller* — Mas que navio é esse?

— Não lho sei dizer com exactidão... Não falei senão com o capitão, que é um homem muito discreto. Mas com certeza que esteve na Nova Espanha, porque vem carregado de sedas, de cetins, de vinhos, de açúcar, de ouro em pó e não falta lá nem ouro nem prata em moeda.

— Mas, com que é que se parece esse navio? — perguntou Cleveland, que parecia escutar com muita atenção — É uma fragata, uma corveta?

— É um navio muito forte, muito bem construído, uma espécie de escuna ou corveta que, diz-se, fende as águas como um golfinho. Traz doze canhões e tem lugar para vinte.

— Sabes o nome do capitão? — perguntou Cleveland, num tom mais baixo que de costume.

— Não ouvi chamar-lhe senão capitão; e eu tomei por norma nunca perguntar o nome das pessoas com que faço negócios; porque, peço-lhe desculpa, capitão Cleveland, há mais de um honrado capitão que não se preocupa em juntar o seu nome a esse título, e desde que nós saibamos que negócios devemos fazer, que importa saber com quem negociamos?

— Bryce Snailsfoot é um homem prudente — disse o *udaller* a rir — Ele sabe que um néscio pode fazer perguntas às quais um sábio não se preocupa em responder.

— Tudo o que posso dizer é que o capitão é um homem galante e que não falta com atenções e favores aos seus homens, pois apresentam-se tão bem vestidos como ele próprio. Os simples marinheiros têm faixas de seda, e vi muitas senhoras que as usavam menos belas e se julgavam bem ataviadas. Quanto a botões e fivelas de prata e outros luxos semelhantes, é um nunca acabar.

— Idiotas! — disse Cleveland entre dentes. E ajuntou em voz alta: — Calculo que vão muitas vezes a terra fazer alarde da magnificência perante as meninas de Kirkwall?

— Nada disso. O capitão não permite que ninguém venha a terra sem a companhia do mestre da tripulação, que é um mocetão como nunca se viu no tombadilho de um barco. Seria mais fácil encontrar um gato sem garras do que vê-lo sem a sua espada e um duplo par de pistolas à cintura. A tripulação teme-o tanto como se ele fosse o capitão.

— Se não é Hawkins, é o diabo por ele! — exclamou Cleveland.

— Capitão — disse o *udaller* — é possível que seja o navio de que nos falou.

— Nesse caso, deve ter tido boa sorte, pois me parece em melhor situação do que quando fui obrigado a separar-me dele... Ouviste-os falar de um barco que vinha velejando com eles, Snailsfoot? — indagou Cleveland.

— Sim, realmente... isto é, disseram qualquer coisa sobre um navio que eles supunham ter naufragado nestas paragens.

— E disseste-lhes o que sabias a esse respeito? — perguntou o *udaller*.

— Que diabo, eu não sou parvo! Se eles soubessem o que sucedera ao navio, quereriam saber o que sucedeu à carga; o senhor não desejaria que eu atraísse a esta costa um navio armado para atormentar as pobres pessoas por causa de uns despojos que o mar lançou à praia.

— Fora o que se poderia encontrar no teu fardo, patife! — disse o *udaller*, observação que provocou grandes gargalhadas. Magnus ajuntou em tom grave: — Podem rir, amigos, que envergonham o nosso país e atraíem sobre ele as maldições do Céu.

Esta espécie de reprimenda fez baixar a cabeça a todos os presentes. Cleveland, tomando a palavra, disse com jovialidade:

— Se esses homens são os meus camaradas, posso garantir-lhes que jamais inquietarão qualquer habitante deste país, por semelhantes bagatelas que o naufrágio da *minha* pobre corveta arremessou a esta costa. Que importa que mar ou Snailsfoot delas se aproveitem?... Abre, pois, o teu fardo, Bryce; mostra a tua carga a estas damas, talvez encontremos alguma coisa que lhes agrade.

— Não pode ser o segundo navio de Cleveland — *murmurou* Brenda ao ouvido de sua irmã — senão teria mostrado mais alegria ao saber da sua chegada.

— Deve ser esse barco — respondeu Minna — porque vi brilhar os seus olhos, à ideia de juntar-se aos seus companheiros de perigo.

Enquanto, em aparte, decorria este diálogo entre as duas irmãs, Snailsfoot tratava de abrir o fardo que uma pele de foca envolvia. Este trabalho foi interrompido várias vezes pelo *udaller* e outros convidados que faziam perguntas relativas ao navio recentemente chegado a Kirkwall.

— Os oficiais iam a terra muitas vezes? — perguntou Magnus — E como eram recebidos pelos habitantes?

— Perfeitamente bem — respondeu o mercador de feira — O capitão e um ou dois dos seus homens estiveram no baile e em outros divertimentos da cidade. Mas constava qualquer coisa sobre a alfândega e os direitos a pagar ao rei. E alguns dos principais da cidade que quiseram falar mais alto, na sua qualidade de magistrados ou coisa parecida, entraram em conflito com o capitão. Este recusou-se a submeter-se ao que lhe pediam, de maneira que era natural que o recebessem depois com mais frieza, e ele falava em levar o seu barco a Stromness ou a Langhope, pois está fundeado ao alcance dos canhões da bateria de Kirkwall. Mas creio que, apesar de tudo, fique no porto até depois da grande feira de Verão.

— Os habitantes das Órcades — disse Magnus — parece que procuram apertar mais a coleira que a tirania da Escócia lhes pôs ao pescoço. Não é bastante pagarmos tantos tributos, para ainda nos virem falar de alfândegas e direitos do rei? É dever de todo o homem honrado resistir a essas extorsões. Assim procedi toda a minha vida, e procederei até ao fim dos meus dias.

Esta declaração de Magnus Troil excitou o entusiasmo e valeu-lhe os aplausos dos convivas.

Mas a inexperiência de Minna arrastou-a ainda mais longe que seu pai, e disse ao ouvido de Brenda, não sem que Cleveland a ouvisse, que era a falta de energia dos infantes das Órcades que os impedia de se libertarem do domínio escocês.

— Por que razão — acrescentou ela — não nos aproveitamos das numerosas revoluções que rebentaram durante certo tempo, para sacudir um jugo que nos foi injustamente imposto, e não nos colocámos sob a protecção da Dinamarca, o país dos nossos pais? Porque hesitamos em fazê-lo, senão porque os habitantes das Órcades construíram tantas alianças com os nossos opressores, tornando-se insensíveis ao impulso do sangue *norse* que herdaram dos heróis seus antepassados?

A última parte deste discurso patriótico chegou aos ouvidos surpresos do nosso amigo Triptolemus, que, tendo uma devoção sincera pelo culto protestante estabelecido pela revolução, não pôde reter uma exclamação:

— O galo novo aprende a cantar como velho!... Perdão, menina, peço-lhe desculpa se disse alguma coisa fora de propósito. Mas é um país ditoso este onde o pai se declara contra os direitos do rei, enquanto a filha fala contra a sua coroa! Em meu critério, isto não pode acabar senão por meio da árvore e do linho.

— As árvores são raras nas nossas ilhas — disse Magnus — E quanto ao linho, como precisamos dele para fazer velas, não nos sobra para fazer gravatas...

— Até que enfim, Bryce! — exclamou o capitão — Acabaste de desapertar a tua carga. Vamos, faz-nos ver que trazes alguma coisa que mereça o nosso olhar.

O manhoso bufarinheiro, num ar contente de si próprio e com um sorriso malicioso, expôs um sortido de artigos muito superiores aos que geralmente se encontravam no seu fardo. Todos se quedaram mergulhados num silêncio de admiração, enquanto a senhora Baby Yellowley, erguendo as mãos ao céu, exclamava que era um pecado só o olhar aquelas extravagâncias e que perguntar-lhes o preço seria um crime pior que um assassínio.

No entanto, os outros tiveram coragem. O negociante de feira devia ele próprio ter feito um excelente negócio a avaliar pela moderação dos preços que pediu, declarando que exigia precisamente um quase nada mais, para que *não* se dissesse que oferecia a mercadoria de graça. A modicidade originou uma venda rápida, porque, nas ilhas Setland como algures, compram-se muitas vezes objectos só pelo desejo de aproveitar uma oportunidade que parece vantajosa, mais do que por verdadeira necessidade. Foi obedecendo a este princípio que «lady» Glowrowrum, fazendo compra de sete saias e doze corpetes, foi imitada por várias outras matronas prudentes nessa atitude de previdente economia. O *udaller* também comprou várias coisas. Mas o melhor cliente de Snailsfoot foi o capitão Cleveland. Com efeito, ele adquiria tudo o que os olhos das damas parecia fixarem, para lhes dar de presente. Não temos necessidade acrescentar que não esqueceu nem Minna nem Brenda.

— Receio, capitão — disse Magnus — que estas damas considerem todos estes presentes como recordações que lhes queira deixar, e que a sua liberalidade seja sinal seguro de que estamos prestes a perder a sua companhia.

Esta frase pareceu embaraçar aquele a quem era dirigida.

Não sei bem — disse ele, depois de hesitar um instante — se o barco de que se acabou de falar é o que vinha velejando com o meu. Tenho que fazer uma excursão a Kirkwall para me certificar; mas, em todo o caso, espero voltar para dizer adeus a todos.

— Pois bem, julgo que posso levá-lo lá — replicou o udaller — Tenho de ir à feira de Kirkwall para me entender com os negociantes a quem consignei o meu peixe e, além disso, já prometi várias vezes a Minna e a Brenda mostrar-lha. Também é possível que esse navio, quer seja ou não o seu, tenha mercadorias que me convenham. Se gosto de ver o meu armazém abrilhantado por dançarinos, tenho quase o mesmo prazer em o ver cheio de provisões de toda a espécie. Iremos às Órcades no meu brigue, nele lhe posso oferecer um *hammock*, se desejar.

A oferta pareceu agradar a Cleveland, que, depois de se desfazer em agradecimentos, pareceu resolvido a dar provas do prazer que sentia, alargando os cordões à bolsa para fazer novos presentes. O ar de indiferença com que passava quantias bastante avultadas da sua algibeira para a do mercador de feira denunciava um dissipador dos mais pródigos ou um homem cuja riqueza fosse inesgotável, e a senhora Baby disse baixinho a seu irmão, que era preciso que Cleveland, apesar do naufrágio do seu barco, tivesse feito uma viagem mais feliz do que todos os capitães de Dundee, chegados sem acidente ao seu porto durante um ano.

O tom azedo em que ela fazia este reparo adoçou-se bem, no entanto, quando Cleveland, cujo objectivo essa noite parecia ser o de comprar a opinião favorável de toda a gente, se aproximou dela com um objecto que, pela forma, lembrava um manto escocês, mas cujo tecido era de lã tão fina e tão suave ao tacto que se poderia tomar por uma penugem.

— É uma parte do vestuário das damas de Espanha a que elas chamam *mantilla* — disse ele. E, como ficava perfeitamente à estatura da senhora Yellowley e como não podia convir melhor ao clima das ilhas Setland, ele pedia-lhe a fineza de a usar. A dama, com toda a doçura e condescendência que o seu rosto podia exprimir, não só consentiu em aceitar aquela prova de galantaria como lhe permitiu colocar e ajustar a mantilha sobre os ossos salientes dos seus largos ombros, onde, disse Claud Halcro, ela poderia ficar suspensa até ao dia de juízo.

Enquanto Cleveland tinha esta atitude galante, para grande divertimento dos convidados, Mordaunt comprava uma pequena cadeia de ouro, no intuito de oferecê-la a Brenda quando achasse ocasião. Fixou-se o preço e a cadeia foi posta de parte. Claud Halcro também mostrava algum desejo de se tornar comprador de uma caixa de prata, de estilo antigo, para meter o tabaco de fumar, que ele usava com profusão. Mas o bardo raramente tinha dinheiro de contado, e, graças ao seu género de vida errante, ainda era mais raro ter necessidade dele. Bryce, essa noite, que ainda não vendera senão a pronto, protestava que fazia um lucro tão módico que não lhe permitia conceder crédito a nenhum cliente. Mordaunt adivinhou o tema da conversa, pelos gestos: o poeta a avançar num ar ávido o polegar e o indicador para a caixa, sobre a qual o bufarinheiro apoiava todo o peso da sua mão, como que receoso de que ela pudesse criar asas de repente e voar para o bolso de Claud Halcro. Nesse momento, Mordaunt, querendo que os desejos do seu velho amigo fossem satisfeitos, atirou para cima da mesa o preço da caixa e disse que não admitia que o senhor Halcro a comprasse, visto que já concebera o projecto de lhe pedir que lha aceitasse de presente.

— Não quero deixar-me levar na sua brisa, meu jovem amigo — disse o bardo — Mas o facto é que esta caixa me recorda a do glorioso John Dryden, da qual tive a honra de tomar uma pitada de tabaco no Café Wits, o que faz com que eu tenha mais consideração pelo polegar e o indicador da minha mão direita do que por qualquer outra parte do meu corpo. Somente, é preciso que me permita que lhe dê o preço quando tiver vendido o meu peixe salgado de Urkaster.

— É um negócio a arrumar entre os senhores — disse o bufarinheiro, guardando o dinheiro de Mordaunt — A caixa está vendida.

— E como ousas vender segunda vez o que já me tinhas vendido a mim? — exclamou Cleveland, avançando de súbito para eles.

Toda a gente ficou surpreendida desta pergunta, feita com alguma precipitação por Cleveland, que, terminando a «toilette» da senhora Baby, vira, não sem comoção, o objecto que se estava transaccionando. A esta pergunta, que foi feita num tom breve e arrogante, o bufarinheiro, não querendo indispor-se com tão bom freguês, limitou-se a responder que Deus sabia que ele não quisera de maneira alguma ofendê-lo.

— Não tens desejo de ofender-me e vendes o que me pertence! — exclamou o marinheiro, avançando a mão para a caixa e a cadeia — Restitui a este senhor o seu dinheiro, e trata de manter o barco no meridiano da honestidade.

Snailsfoot, confuso, sacou a custo da sua bolsa de couro para devolver a Mordaunt o que recebera; mas este recusou o dinheiro.

— Tu próprio disseste na presença do senhor Halcro — disse ele — que a mercadoria estava vendida e paga e não tolero

que ninguém se apodere do que me pertence.

— O que lhe pertence, senhor! — exclamou Cleveland

— Estes objectos são meus. Eu tinha falado neles a Bryce um momento antes de me afastar da mesa.

— Eu... eu... eu não compreendi bem — disse o bufarinheiro, que, evidentemente, não desejava descontentar um nem outro.

— Vamos, vamos — interveio o *udaller* — não quero ouvir discussões por semelhantes ninharias; são horas de passarmos à sala de baile — Era o nome que davam ao armazém — É preciso que cada um lá chegue de bom humor. Bryce guardará esses objectos até amanhã de manhã e então eu decidirei a quem devem pertencer.

As leis do *udaller* em sua casa eram absolutas. Os dois contendores retiraram-se para lados opostos entreolhando-se com ressentimento.

É raro que o segundo dia de festa seja tão divertido como o primeiro. O espírito ressentia-se da fadiga do corpo, e nem um nem outro se encontram capazes de recomeçar o que fizeram na véspera. O baile de Burgh-Westra não ofereceu, pois, a alegria que reinara na noite anterior; ainda não era uma hora quando Magnus Troil, depois de ter lamentado a degeneração dos tempos, e de ter lastimado não poder transmitir aos Setlandeses modernos uma parte do vigor que ainda o animava, se viu forçado, a contra-gosto, a dar o sinal de retirada geral.

Precisamente nesse instante, Halcro, puxando Mordaunt de parte, disse-lhe que tinha uma mensagem para ele da parte do capitão Cleveland.

— Um desafio, com certeza — disse Mordaunt, cujo coração batia ao pronunciar estas palavras.

— Um desafio! — repetiu Halcro — Nunca se ouviu falar de um desafio nestas ilhas pacíficas! Aliás, encontra-me o ar de quem se incumbem de trazer desafios? E a si, principalmente? Eu não pertencço ao número daqueles loucos que se batem, como disse o glorioso John, e não é bem de uma mensagem que estou incumbido. Tudo o que desejo dizer-lhe é que noto que o capitão Cleveland tem muito empenho em possuir os objectos que o senhor também pretende.

— Juro-lhe que não os terá!

— Escute, Mordaunt. Parece que ele reconheceu, pelo brasão ou quaisquer outros sinais que se encontram nessas jóias, que elas lhe pertencem. Ora, se o senhor me fizer presente da caixa, como tinha intenção, declaro-lhe que só a aceitarei para lha dar.

— E Brenda fará talvez o mesmo — pensou Mordaunt

— Agora, que reflecti melhor — disse ele em voz alta — consinto em que o capitão Cleveland fique com os objectos a que liga tanta importância, mas só com uma condição.

— Você estraga tudo com as suas condições; porque, como muito bem dizia o glorioso John, as condições não passam de...

— Escute, com esta condição: ele receberá em troca a espingarda que lhe aceitei, e desta forma não teremos nenhuma obrigação um para com o outro.

— Já vejo onde quer chegar. Eis Sebastião e Dorax! (Alusão a duas personagens da tragédia Dom Sebastião, do poeta John Dryden) Pois bem, o senhor dirá ao bufarinheiro que pode entregar os objectos ao capitão e eu informarei Cleveland das condições em que os pode obter. Sem isto, Bryce é homem para receber o pagamento duas vezes, e creio que a sua consciência não sofrerá com isso.

Depois destas palavras, Halcro deixou-o para procurar Cleveland, e Mordaunt, vindo ao fundo da sala de baile Bryce, que era uma espécie de ente privilegiado, com entrada em toda a parte, foi ao seu encontro e disse-lhe que, na primeira oportunidade, entregasse os objectos em litígio ao capitão Cleveland.

— Tem razão, senhor Mordaunt — disse o bufarinheiro

— O senhor é um jovem com prudência e bom-senso: uma resposta dada com calma desarma a cólera; e eu ficarei encantado em prestar-lhe serviço em tudo o que se relaciona com o seu mister. Entre o udaller de Burgh-Westra e o capitão Cleveland, um homem encontra-se como entre o diabo e o mar. Ora, é possível que, no fim de contas, o udaller se pronunciasse a favor do senhor, porque ama a justiça. Portanto, o senhor não deve zangar-se comigo porque não quis tomar partido numa discussão que não era comigo.

— Zangado contigo! Estás doido. Nem pretendo conflitos contigo.

— Sinto-me à vontade, pois nunca procuro conflitos de minha livre vontade, sobretudo com um cliente antigo, e, se quiser acreditar-me, o senhor também não os terá com o capitão Cleveland. Ele parece-se com esses tipos que acabam de chegar a Kirkwall e que não teriam menos escrúpulos de cortar um homem aos bocados do que nós de esquartejar uma baleia. O officio deles é baterem-se, e não vivem senão disso. Teria pois todas as vantagens sobre um jovem, como o senhor, que não se bate senão por acaso e por divertimento, quando não tem mais nada que fazer.

Quase todos os convidados já se tinham dispersado; Mordaunt, dando a boa-noite ao negociante de feira e rindo-se do seu prudente aviso, retirou-se para o compartimento que lhe indicara Erick Scambester, que preenchia em Burgh-Westra tanto as funções de «chamberlain» como as de copeiro. Esse compartimento consistia num pequeno quarto situado num dos edificios exteriores, onde não havia outro leito senão um *hammock* de marinheiro.

A ESPANTOSA HISTÓRIA DE NORNA

Passo, como a *noite, de terra em terra.*

Disponho de um estranho dom de palavra

Tão depressa encontre quem desejo ver.

Está achado o homem que terá de me ouvir

É para ele que a minha história se destina

COLERIDGE, «BALADA DO VELHO MARINHEIRO

As filhas de Magnus Troil partilhavam o mesmo leito, num quarto que fora o de seus pais antes da morte de sua mãe. Magnus, profundamente consternado pelo cruel decreto da Providência, não pudera resolver-se a ocupar por mais tempo o quarto nupcial e abandonara-o aos testemunhos que lhe ficaram da ternura de sua esposa. Minna só tinha quatro a cinco anos quando sua mãe morreu. Este compartimento, que elas ocupavam desde a sua infância, e que o seu gosto decorara tão bem quanto possível neste país, continuava desde então a servir-lhes de quarto de dormir.

Este quarto sempre fora testemunha de todas as suas confidências, se se pode chamar confidência ao que tinham a dizer duas irmãs que, na verdade, não tinham o menor segredo a confiar uma à outra. Mas, depois da chegada de Cleveland a Burgh-Westra, cada uma destas amáveis irmãs passou a ter desses pensamentos que ninguém se decide facilmente a revelar, a não ser que aquela que os tinha se persuadissem de que a outra os não tomaria a mal. Minna reparara que Cleveland não ocupava na estima da irmã um lugar tão elevado como na sua. Brenda, por sua vez, pensava que Minna aceitara muito precipitadamente as reservas desfavoráveis que irritaram seu pai contra Mordaunt Mertoun. Cada irmã sentia que a outra já não depositava nela a mesma confiança, e esta desagradável convicção ainda agravava as outras apreensões que se alimentavam no seu íntimo. A julgar pelas aparências e por todos os pequenos cuidados que são outras tantas provas de ternura, elas sentiam-se de certo modo mais afectuosas do que nunca uma para com a outra, como se, ao sentirem que a sua reserva interior era uma brecha na sua união, se esforçassem por repará-la, redobrando esses sinais exteriores de atenção que poderiam omitir sem consequências numa altura em que nada tivessem que esconder reciprocamente.

Nessa noite, mais do que nunca, se aperceberam as duas irmãs de quanto diminuía a confiança que anteriormente existia entre elas. A viagem a Kirkwall de que se falara, e para mais em época de feira, isto é, no momento em que quase todos os habitantes daquelas ilhas lá iam, quer para tratar de negócios, quer para se entregarem ao prazer, devia ser um incidente importante numa vida tão simples e tão uniforme como a delas, e, alguns meses antes, Minna e Brenda teriam passado metade da noite a conversar acerca de tudo o que pudesse relacionar-se com um acontecimento tão interessante. Contudo, não disseram palavra, como se tivessem receio de que o tema provocasse alguma divergência de opinião entre elas, ou as obrigasse a explicar-se sobre os seus secretos pensamentos mais do que o desejariam.

Não tardaram, portanto, em desfrutar desse repouso leve, embora profundo, que o sono não concede senão à mocidade e à inocência. E ambas tiveram um sonho.

Minna sonhou que se encontrava em um dos lugares mais solitários da ilha, chamado Swartaster, onde o permanente labor das ondas, desgastando um rochedo de pedra calcárea, cavara um profundo *halier*, palavra que significa naquelas ilhas uma caverna subterrânea na qual a maré entra e se retira alternadamente. De todos estes *haliers*, o de Swartaster passava por ser o mais inacessível, e nem os caçadores nem os pescadores nele ousavam aventurar-se, tanto por causa das agudas arestas que o rochedo apresenta no seu interior, como porque as rochas ocultas debaixo de água tornavam a navegação muito perigosa. Minna, no seu sonho, viu sair da abertura sombria e tenebrosa desta caverna uma sereia, não coberta de vestidos clássicos de uma nereida, tal como Claud Halcro as fizera representar na mascarada que orientara, mas trazendo na mão um pente e um espelho e agitando as águas com aquela longa cauda revestida de escamas, que, segundo a tradição do país forma um contraste tão chocante com o lindo rosto, a longa cabeleira e o seio sedutor de uma beldade terrestre. E parecia chamar Minna, cantando, numa voz lúgubre, versos que lhe anunciavam desgraças e calamidades.

O sonho de Brenda era de um género diferente, embora igualmente melancólico. Parecia-lhe estar sentada no meio dos

seus melhores amigos, entre os quais se encontrava seu pai, e Mordaunt não era esquecido. Pediram-lhe que cantasse e ela escolheu uma balada que constituía um dos seus triunfos e que costumava cantar com uma alegria tão ingênua e tão natural que nunca deixava de provocar risos gerais e vivos aplausos. Os que a escutavam eram irresistivelmente arrastados a repetir o refrão, quer soubessem ou não cantar. Mas, no seu sonho, parecia-lhe que a voz se recusava a prestar-lhe o auxílio habitual e que, como se não fosse capaz de fazer soar a ária que cantara tantas vezes, ela produzia aqueles sons estranhos, selváticos e melancólicos que geralmente constituíam a melodia dos versos rúnicos que Norna recitava, semelhantes ao cântico dos antigos sacerdotes pagãos, quando amarravam ao altar de Thor ou de Odin a vítima, que era muitas vezes uma vítima humana.

As duas irmãs despertaram ao mesmo tempo em sobressalto e, soltando um grito de terror, lançaram-se no braços uma da outra. A sua imaginação não as iludira totalmente: os sons que elas julgaram escutar ou produzir durante o sonho soavam no aposento. Elas conheciam perfeitamente a voz, e no entanto, a sua surpresa e o seu temor não foram menores ao verem Norna de Fitful-head sentada junto da chaminé, na qual havia sempre uma lamparina, e no Inverno um lume de lenha ou de turfa.

Envolta na sua grande e longa manta de tecido fabricado na região, balouçava-se num movimento monótono à pálida claridade de uma lâmpada de ferro que acabava de acender, cantando os versos seguintes, num tom lento e melancólico e com uma toada que parecia não pertencer a este Mundo:

Por mar chego sem temor;

Não receio a sua violência,

As ondas baixam à minha frente,

O Oceano conhece o meu poder.

Venho confiar-lhes minhas queixas.

Salve, ó filhas de Magnus!

Minha lâmpada brilha, não dormis!

Mais uma hora, e estará extinta.

Norna era bem conhecida das filhas de Troil, mas foi com uma comoção diferente em cada uma delas, consoante a indiferença dos seus caracteres, que a viram aparecer tão inopinadamente e a tais horas. No fundo, suas opiniões relativamente ao poder sobrenatural que esta mulher se atribuía estavam longe de ser as mesmas.

Minna, com uma imaginação pouco vulgar, e embora dotada de mais talento que sua irmã, experimentava mais prazer em escutar histórias maravilhosas; deixava-se levar pelas impressões que punham em jogo todas as faculdades do seu espírito, sem examinar se a causa que lhes dava origem tinha alguma realidade. Brenda, ao contrário, tinha na sua jovialidade um ligeiro pendor para a sátira e sentia-se por vezes tentada a rir das histórias em que a imaginação de Minna estimava repousar. Mas, como a sua sensibilidade era mais irritável que a da irmã, ela pagava muitas vezes um involuntário tributo de medo às ideias que a sua razão rejeitava; por isso Claud Halcro tinha por costume dizer, ao falar das tradições supersticiosas acatadas em redor de Burgh-Westra, que Minna acreditava nelas sem tremer, e que Brenda temia sem acreditar.

As duas irmãs estavam igualmente perturbadas nesse momento, mas por sensações bem diferentes. Minna, após o primeiro instante de surpresa, dispôs-se a descer do leito para ir ao encontro de Norna, cuja chegada atribuía a uma ordem do Destino; ao passo que Brenda, não vendo nela senão uma mulher cuja razão se transviava algumas vezes, mas que no entanto a subjugava com as suas maneiras estranhas, sem que pudesse explicar o seu próprio terror, retinha sua irmã por um braço e suplicava-lhe em voz baixa que chamasse alguém para junto delas. Mas Minna encarava esse momento como uma crise do seu Destino e sua imaginação achava-se demasiado exaltada para dar ouvidos aos receios da irmã. Desprendendo-se dos braços de Brenda, envergou à pressa um roupão de noite e, mais agitada pelo entusiasmo que pelo temor, dirigiu em voz firme a palavra àquela que vinha fazer-lhes uma visita tão invulgar.

— Norna, se a sua missão nos diz respeito, como suas palavras parece anunciarem, fale. Uma de nós, pelo menos, saberá escutá-la com deferência, embora sem receio.

A trémula Brenda, não se sentindo em segurança no leito depois de Minna o abandonar, apressou-se a segui-la.

— Norna, minha querida Norna — disse ela — guarde para amanhã de manhã o que tiver a dizer-nos. Vou chamar Euphane Fea, a nossa governanta, para lhe arranjar um leito para esta noite.

— Um leito para mim! — exclamou Norna — Não. Aqui, o sono não saberá fechar os olhos de Norna, que estão abertos para tudo o que se passa entre Burgh-Westra e as Órcades. Senta-te, Minna, e não tremas sem motivo. Escutem-me. Tapem-se com os roupões, porque a história é longa e antes que esteja acabada hão-de estremecer, num tremor pior do que o produzido pelo frio.

— Por amor de Deus, minha querida Norna — disse Brenda — espere pela luz do dia; a aurora não *tardará* muito em aparecer. Se a sua narrativa é terrificante, não a faça à pálida claridade dessa lamparina.

— Tenha piedade da *fraqueza* de Brenda, minha boa Norna — pediu a irmã mais velha — Guarde essa narrativa para outro lugar e outra hora.

— Não, minha filha, não — replicou Norna em *voz firme* — Esta narrativa não pode ser feita senão à noite e enquanto durar a claridade desta lâmpada cujos materiais foram roubados ao cadafalso do cruel lorde Wodensvoe, o assassino de sua irmã, e o líquido que a alimenta não foi produzido por um peixe nem por um fruto... Vejam! A *chama já* enfraquece e a minha narrativa tem que acabar antes dela. Sentem-se na minha frente e eu coloco a luz entre nós, pois o demónio não se atreve a penetrar no círculo do seu clarão.

As duas irmãs obedeceram, e ela começou a sua narrativa.

— Como sabem, minhas filhas, o vosso sangue está aliado ao meu, mas ignoram em que espécie de grau; existiram desde o berço sentimentos de hostilidade entre o vosso avô e o homem que teve a desdita de chamar-me sua filha. Apenas citarei o seu nome de baptismo, o nome de Erland, pois não me atrevo a mencionar o que indica o seu grau de parentesco comigo. O vosso avô Olavo era irmão de Eriand. Mas, quando *os* imensos domínios de seu pai, Rolfe Troil, o mais rico dos descendentes dos antigos reis *norses*, foram divididos entre os dois irmãos, o *fowd* adjudicou a Erland os bens que seu pai possuía nas Órcades e reservou para Olavo os das ilhas Hialtland. A discórdia dividiu os dois irmãos, porque Erland protestava que estava lesado; e quando a legislatura e os anciãos do país confirmaram esta partilha, ele retirou-se para as Órcades, amaldiçoando, no seu ressentimento, as ilhas Hialtland e os seus habitantes, amaldiçoando o seu irmão e toda a sua descendência.

«Mas o amor dos rochedos e das montanhas ficou gravado no coração de Erland. Ele não fixou a sua residência nas colinas férteis de Ophir nem nas planícies verdejantes de Gramesey; estabeleceu-se na ilha selvagem e montanhosa de Hoy, cujo topo se eleva até ao firmamento como os rochedos de Foulah e de Feroe. Este desditoso Erland possuía toda a ciência contida nas lendas que os bardos *nos* deixaram, e a principal ocupação da sua velhice foi transmitir-me esses conhecimentos que tão caro nos haviam de custar, a ele e a mim. Aprendi a visitar todos esses sepulcros solitários, assinalados pelos montículos de terra e de pedras que os cobrem, e a apaziguar por meio de versos em seu louvor o espírito do altivo guerreiro que os habitava. Eu sabia onde se *faziam* outrora os sacrifícios a Thor e a Odin; sobre que pedras corria o sangue das suas vítimas, qual era o lugar do sacerdote pensativo, o dos chefes belicosos que vinham consultar o ídolo e, mais longe, o dos adoradores de categoria inferior que assistiam aos sacrifícios com respeito e pavor. Os lugares, dos quais o camponês tímido não ousava aproximar-se, nada tinham de terrível para mim; passeava no círculo construído pelas fadas e dormia tranquilamente à beira da fonte mágica.

«Mas, por desgraça minha, amava principalmente as cercanias de um resto notável de antiguidade chamado *Dwarfiestone* (A rocha do Anão), que os estrangeiros olhavam com curiosidade, e os naturais do país com religioso temor. É um enorme fragmento de rocha que se encontra num vale selvagem cheio de pedras e de precipícios, no sopé da montanha de Ward, na ilha de Hoy. No interior desta pedra existem duas furnas que mão mortal nunca talhou, separadas por uma estreita passagem. A entrada está aberta *agora*, mas vê-se ao lado da grossa pedra que servia outrora de porta a esta moradia extraordinária que Trolld, o famoso anão das sagas do norte, preparou, diz-se, para ali fazer a sua residência favorita. O aldeão evita este lugar, porque três vezes por dia, de manhã, ao meio-dia e ao pôr-do-sol, pode-se ver o vulto do hediondo anão, sentado sobre o rochedo. Eu não temia esta aparição, Minna, porque então meu coração era puro como o teu e a tua mão não é mais inocente do que a minha. Eu ansiava conquistar um poder idêntico ao dos *voluspas* e das pitonisas da nossa antiga raça; de manejar como eles os elementos; de evocar de seus sepulcros as sombras dos heróis de há muito apagadas do livro dos vivos, para os fazer contar as suas façanhas gloriosas e forçá-los a revelar-me os seus tesouros escondidos. Muitas vezes, quando estava perto da rocha do Anão, meu coração juvenil, repleto de vaidade, ardia em desejos de penetrar os cem mistérios celebrados nas sagas que lia ou que Erland me ensinava, e das quais em parte alguma encontrava a explicação. E o meu espírito audacioso

ousou evocar o dono da rocha do Anão para que ele me ajudasse a obter os conhecimentos inacessíveis aos simples mortais».

— E o espírito maligno escutou a sua invocação? — indagou Minna, cujo sangue se gelava nas suas veias.

— Schiu... — respondeu Norna, baixando a voz — Não lhe demos nomes que o ofendem; ele está entre nós, escuta-nos.

Brenda estremeceu na cadeira.

— Vou ter com Euphane Fea ao seu quarto; deixo-as, Minna e Norna, a acabar à vontade estas histórias de duendes e de anões, que nunca me interessaram muito; não gostaria de escutá-las à meia-noite e à pálida claridade desta lamparina.

Levantou-se e dispunha-se a abandonar o quarto, mas a irmã reteve-a.

— E essa a coragem de quem permanece incrédula perante tudo o que os nossos pais nos transmitiram sobre os acontecimentos sobrenaturais? — perguntou Minna — O que Norna nos vai contar interessa talvez ao destino do nosso pai e da sua casa. Se eu a posso escutar, confiada em que Deus e a minha inocência me protegerão contra toda a influência funesta, tu, Brenda, que não crês nesta influência, nem tens motivo para tremer, lembra-te de que nada há a recear para a inocência.

— Pode não haver nenhum perigo — respondeu Brenda, incapaz de resistir à sua tendência natural para o gracejo — mas, como diz o velho livro dos bons ditos, há muito medo. No entanto, Minna, fico contigo; de tanta melhor vontade — ajuntou a meia voz — quanto receio deixar-te só com esta mulher terrível e ainda porque tenho uma escura escada a subir e um longo corredor a percorrer para chegar ao quarto de Euphane Fea, de contrário, trá-la-ia aqui, dentro de cinco minutos.

— Jovem, não chames ninguém, sob o risco da tua vida — disse Norna — e não interrompas a minha história, pois não a poderei continuar depois de se extinguir esta luz encantada.

Brenda pensou: «Deus seja louvado, que o óleo está a acabar-se. Sinto-me tentada a soprá-la. Mas Norna ficaria conosco às escuras, o que ainda seria pior». Após estas reflexões, resignou-se à sua sorte, resolvida a escutar o resto da história de Norna, com toda a coragem de que era capaz.

Então Norna prosseguiu nos seguintes termos:

— Aconteceu que, um dia de Verão, cerca do meio-dia estava eu sentada junto da Rocha do Anão; lamentava no meu íntimo as barreiras que se erguiam ante o meu ardor pela ciência, e, por fim, exclamei usando os termos de uma antiga saga:

Habitantes destes montes, respondi à minha voz!

Anão Trolld, és tu mudo? Acaso não sabes

O que os filhos de Odin te atribuíam dantes?

Não será teu nome um nome vão sem poder?

— Mal acabara de pronunciar estas palavras — continuou Norna — o céu escureceu à minha volta, como se a *hora* da meia-noite substituísse de súbito a do meio-dia. Um relâmpago mostrou-me no seu conjunto as charnecas, os pântanos, a montanha e os precipícios; um trovão despertou todos os ecos de Ward Hill. Logo em seguida, caiu uma chuva tão copiosa que fui obrigada a refugiar-me no interior do rochedo misterioso.

«Sentei-me no mais largo dos dois leitos talhados na rocha, na extremidade mais afastada da gruta, fixando os meus olhares na outra e passando de uma conjectura a outra sobre a origem e o destino desta habitação singular. Era realmente obra desse poderoso Trolld, como o atribuíam as poesias dos bardos? Era a sepultura de algum chefe escandinavo enterrado com as suas armas e as suas riquezas, possivelmente com sua mulher imolada, para que aquela que ele mais amava na vida não se separasse dele após a sua morte? Digo os pensamentos que ocupavam o meu espírito, para que saibam que o que se seguiu não foi visão de uma imaginação preconcebida, mas uma aparição tão real como terrível.

«O sono apoderara-se de mim durante os meus devaneios, quando fui acordada por um segundo trovão; e, ao despertar, através da penumbra que a abertura superior da caverna deixava coar, entrevi o anão Trolld sentado na minha frente no leito mais pequeno da outra extremidade, que o seu vulto disforme parecia encher inteiramente.

Estremeci, mas sem medo, porque o sangue ardente da antiga raça de Lochlin circulava nas minhas veias. O anão falou, mas as suas palavras eram de dialecto *norse* mais antigo e poucas pessoas, a não ser meu pai ou eu, teriam podido compreendê-lo; era a língua falada nestas ilhas antes de Olavo ter plantado a cruz nas ruínas do paganismo. O sentido era obscuro como os oráculos que os sacerdotes pagãos pronunciavam em nome dos seus ídolos, ante as tribos reunidas junto do Helgafels. Eis o que suas palavras significavam:

Já mil vezes o Inverno lançou seus granizos,

Desde que uma sacerdotisa me procurou

Nesta misteriosa gruta

Para reconhecer o meu poder.

Sim, quero armar-te da suprema força

Sobre todos os elementos do meu império.

Que avance ou retroceda o mar em tua presença;

Que o ar se agite na medida do teu querer;

Que a tempestade te obedeça;

Que trema a terra ao som da tua voz;

Que um sinal da tua mão

Para as rochas, para os montes,

Para os nossos lagos, os nossos *voes*, os nossos *haliers*, os nossos campos,

Se torne uma ordem soberana.

Mas, antes de gozares toda a tua onnipotência,

Por lei irrevogável do destino, é preciso

Que o autor da tua existência

Do presente que te fez seja despojado por ti.

«E eu respondi rimando, porque o espírito dos antigos bardos da nossa raça estava em mim:

Sombra que moras nesta rocha dura,

Em tua predição severa

Reina tanta obscuridade,

Como em tua morada solitária.

Fica sabendo que o medo não está comigo.

Procurei-te sem sentir pavor;

Nada mo pode inspirar na Terra.

Saberei desafiar a sorte.

Que é a vida, afinal?

Uma febre efêmera

Cujo remédio está na morte.

«O demónio franziu o sobrolho, como que irritado e dominado ao mesmo tempo, pois, reduzindo-se a um espesso vapor sulfuroso, desapareceu do lugar onde se encontrava sentado. Nunca até então eu experimentara a influência do terror, mas, de repente, ele apoderou-se de mim. Precipitei-me para o ar livre; a tempestade tinha cessado. o céu estava puro e sereno. Após um instante de repouso para retomar alento, porque me sentia oprimida, regressei à pressa para junto de meu pai, meditando pelo caminho nas palavras do fantasma.

«Pode parecer estranho que uma tal aparição se tivesse apagado no meu espírito como uma visão nocturna, mas foi o que aconteceu. Cheguei a persuadir-me a mim própria de que fora um delírio da imaginação. Julguei ter vivido demais na solidão e ter escutado demasiado os sentimentos inspirados por meus estudos predilectos. Abandonei-os durante algum tempo, e convivi com as pessoas da minha idade. Numa visita que fiz a Kirkwall, travei conhecimento com o vosso pai, que os seus negócios ali tinham levado. Ele encontrou facilmente acesso junto da parenta em casa de quem me encontrava, e que fazia tudo para aniquilar o ódio que dividia as duas famílias. Minhas filhas, os anos embotaram mais a sensibilidade do vosso pai do que o modificaram. Tinha as mesmas formas másculas, a mesma franqueza norse, o mesmo coração e a mesma sensatez reunidas à ingenuidade da juventude, a um vivo desejo de agradar e de ser festejado, e a uma vivacidade que costuma sobreviver aos nossos verdes anos.

«Mas, embora ele fosse digno de ser amado e Erland me tivesse escrito a autorizar-me a receber a sua corte, havia um estrangeiro, Minna, hábil nas artes que nós não conhecemos, cheio dessas graças que se ignoravam entre os nossos avós simplórios e que vivia entre nós, como um ente descido de uma esfera superior.

«Vocês olham-me como se achassem espantoso que pudesse reinar no coração de um tal amante, porque não vêem em mim nada que possa recordar que Norna de Fitful-head foi outrora amada e admirada quando era Ulla Troil. Poderão vocês acreditar que estas feições rudes e estragadas pelas intempéries, estes olhos que quase se converteram em pedra à força de se fixarem em objectos de terror, estes cabelos grisalhos soltos sobre os meus ombros como velas rasgadas de um navio que vai afundar-se; poderão acreditar que todos estes encantos fanados e aquela a quem pertenceram tivesse outrora inspirado amor? Mas a lâmpada empalidece e vai apagar-se. Ah, que se extinga quando eu estiver a fazer a confissão da minha vergonha!

«Amávamo-nos em segredo, encontrámo-nos em segredo até que lhe dei a última prova de uma paixão fatal e condenável! E, agora, brilha, lâmpada mágica, brilha por alguns instantes, chama tão poderosa na tua claridade moribunda. Dize àquele que paira não longe de nós que não estenda as suas asas por sobre o círculo que tu iluminas! Concede-me ainda um momento até que eu tenha desvendado os recantos mais sombrios do meu coração».

Ao falar assim, Norna inclinou a lâmpada a fim de reunir o alimento líquido da sua chama, que reavivou por esse processo, e, em voz cava e em frases entrecortadas, continuou:

— Não posso perder tempo em palavras vãs. Os meus amores foram descobertos, mas o meu crime não. Erland chegou furioso a Pomona e levou-me para a nossa moradia solitária da ilha de Hoy. Proibiu-me de receber o meu amante e ordenou-me que considerasse como meu futuro esposo Magnus, em quem ele queria perdoar os erros de seu pai. ai, eu já não merecia a sua dedicação! O meu único desejo era fugir da casa paterna para esconder a minha vergonha nos braços do meu amante. Devo fazer-lhe justiça: foi fiel, muito, muito fiel; a sua perfídia ter-me-ia privado da razão, mas as fatais consequências da sua fidelidade custaram-me dez vezes mais.

Norna deteve-se, para prosseguir num tom de delírio:

— É a essa fidelidade que devo a terrível prerrogativa de ser a poderosa e desventurada soberana dos mares e dos tufões.

Guardou um novo silêncio após esta exclamação, mas depressa retomou a sua narrativa num tom mais calmo. — O meu amante veio em segredo a Hoy para combinar a minha fuga; concedi-lhe uma entrevista para fixar a época em que o seu navio entraria no estreito, e saí de casa à meia-noite.

Norna, fatigada pelas suas angústias, só pôde continuar em frases entrecortadas e sem ligação.

— Deixei a casa à meia-noite. Devia passar em frente da porta de meu pai, e percebi que estava aberta... e, com medo de que o ruído dos meus passos lhe perturbasse o sono, fechei a porta fatal... Acto bem insignificante, de bem pouca importância, na aparência... Mas, Deus do Céu! Que tremendas consequências!...

«Na manhã seguinte, o quarto estava cheio de um vapor sufocante. Meu pai estava morto! Morto pela minha desobediência! Morto devido à minha desonra! Tudo que se seguiu foi nuvens e trevas! Uma nuvem negra envolveu tudo o que fiz, tudo o que vi depois, até que tive a certeza de que minha sina se cumprira, e eu tornei-me por fim o ente calmo e terrível que vêem na vossa frente, a rainha dos elementos, participando do poder dos seres que fazem do homem e das suas paixões um jogo semelhante ao que faz o pescador àquele peixe ao qual arranca os olhos e o lança de novo no seu elemento natal, para o ver atravessar as ondas, cego e moribundo. Jovens, esta que está na vossa frente fica impassível perante as loucuras de que vossos espíritos sofrem as ilusões. Sou aquela que fez a sua oferenda; a que privou o autor dos seus dias do dom da vida que lhe devia. O oráculo obscuro foi interpretado por esse acto criminoso. Já não faço parte da Humanidade. Tornei-me um ser todo poderoso, soberanamente desgraçado.

Ainda falava, quando a luz, por muito tempo vacilante, se ergueu um instante acima da lâmpada e pareceu prestes a expirar.

— Já chega... Aí vem... Aí vem ele... Bastou para me conhecerem, e para saberem que direitos adquiri para vos dar ordens e vos fazer advertências... Aproxima-te agora, espírito soberbo, se quiseres.

Com estas palavras, ela própria apagou a lâmpada, saiu do aposento na sua marcha habitual, cheia de dignidade como Minna pôde certificar-se ao escutar o ruído cadenciado dos seus passos.

IRMÃS DE CORAÇÕES ENAMORADOS

Onde estão esses momentos plenos de encanto,

Em que, unidos no prazer e no pranto.

Nossos corações desafiavam o desencanto

Que separasse duas irmãs, cuja ternura

Era então todo o tesouro de doçura?

SHAKESPEARE

«SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO»

A atenção *de* Minna estava inteiramente ocupada por aquela horrível narrativa, que esclarecia muitas revelações incompletas sobre Norna, que ela ouvira a seu pai e a outras pessoas. Permaneceu durante algum tempo mergulhada numa tal surpresa mesclada de horror, que nem tentou dirigir a palavra a sua irmã Brenda. Quando a chamou pelo seu nome, não recebeu resposta, e, tocando-lhe na mão, notou que estava fria como gelo.

Alarmada, abriu as janelas, para deixar penetrar no quarto o ar e a pálida claridade de uma noite hiperboreal. Reconheceu então que Brenda estava desmaiada. Correu à pressa ao quarto da velha governanta a implorar-lhe socorro, sem reflectir um instante no que poderia encontrar nos escuros corredores.

A velha Euphane acorreu em socorro de Brenda, e recorreu logo aos remédios que lhe sugeriu a sua experiência: mas a pobre rapariga tinha os nervos de tal maneira abalados pelo que acabava de ouvir, que, despertando do seu desfalecimento, todos os esforços que fez para acalmar o espírito não evitaram um acesso histérico de certa duração. Conseguiu-se ainda acalmar este acidente, graças à experiência da velha Euphane Fea, versada na farmacopeia Simples em uso nas ilhas Setland.

Minna, vendo-a enfim ceder ao sono, beijou-a nas faces e tentou chamar o sono por seu turno. Mas, por mais que o invocasse, mais ele parecia fugir das suas pálpebras; e, se por momentos se sentia disposta a desfrutar do repouso, a voz da parricida involuntária parecia soar aos seus ouvidos e fazia-a estremecer.

A hora costumada do levantar, habitualmente matinal, encontrou as duas irmãs num estado diferente do que se poderia esperar. Um profundo sono tinha restituído a Brenda toda a vivacidade do olhar, as rosetas das faces e o sorriso dos lábios; a indisposição passageira da noite anterior deixara no seu rosto tão poucos sinais como os terrores fantásticos da narrativa de Norna na sua imaginação irrequieta. O olhar de Minna, pelo contrário, era melancólico, abatido, e o seu fulgor visivelmente apagado pela vigília e pela ansiedade.

A princípio falaram muito pouco e como que receosas de abordar um tema que lhes causara tanta comoção na noite precedente. Não foi senão depois das suas orações habituais que Brenda beijou sua irmã no rosto e lhe disse afectuosamente:

— Claud Halcro tinha razão, quando, no seu delírio poético, nos deu os nomes de Dia e Noite.

— E por que me recordas agora esses nomes? — indagou Minna.

— Porque cada uma de nós é mais corajosa durante as horas de que tiramos os nomes. Fiquei apavorada ao ouvir, ontem à noite, aquela história que tu escutaste com tão constante firmeza; agora, que é dia, posso pensar nisso a sangue-frio, ao passo que tu pareces tão pálida como um espírito surpreendido pela chegada do sol.

— Tu és feliz, Brenda, por poderes esquecer tão depressa uma narrativa tão terrível e tão maravilhosa — disse-lhe a irmã, gravemente.

— O que tem de horrível — respondeu Brenda — não o poderei esquecer, a não ser que a imaginação exaltada da pobre mulher, tão pronta em invocar aparições, lhe tivesse imputado um crime sem realidade.

— Não acreditas na sua entrevista com o anão da caverna de Dwarfiestone? — perguntou Minna.

— Acredito em que ela se encontrasse em Dwarfiestone durante a tempestade, que tivesse entrado na caverna para se abrigar e que, durante um desfalecimento, ou a dormir talvez, ela tivesse tido um sonho relacionado com as tradições populares de que se ocupava constantemente; e é tudo em que eu acredito.

— E no entanto — disse Minna — os acontecimentos corresponderam à obscura profecia da visão.

— Perdoa-me — replicou Brenda — penso antes que o sonho não teria assumido importância, talvez ela nunca mais o recordasse, se os acontecimentos não se tivessem produzido. Ela própria nos disse que quase olvidara a visão até a morte terrível de seu pai. E quem nos garante que tudo o que ela julgou recordar então não seria obra da sua imaginação naturalmente perturbada pelo horrível acontecimento? Se em realidade ele tivesse visto o anão mágico, ou se tivesse falado com ele, provavelmente recordaria por muito tempo essa entrevista. Eu, pelo menos, não a teria esquecido tão depressa.

— Brenda — disse Minna — tu ouviste dizer ao piedoso ministro da igreja de Santa Cruz que a sabedoria humana era pior que a loucura, quando tentava explicar mistérios que estavam acima da sua inteligência; se não acreditarmos senão no que compreendemos — acrescentou ela — revoltar-nos-emos contra a evidência dos nossos sentidos, que nos mostram a cada passo coisas tão certas como incompreensíveis.

— Tu própria és demasiado esclarecida para teres necessidade do ministro de Santa Cruz — respondeu Brenda — Mas eu creio que o seu preceito não se refere senão aos mistérios da nossa religião, que é de nosso dever acreditar sem exame e sem duvidar; mas, no que respeita às acções vulgares da vida, como Deus nos dotou de raciocínio, não andamos mal em nos servirmos dele. Tu, minha querida Minna, tens uma imaginação mais ardente do que a minha e estás pronta a aceitar como verdades essas histórias maravilhosas, porque gostas de sonhar com feiticeiros, anões, espíritos das águas... Mas, agora noto que estás respirando com dificuldade — acrescentou Brenda, que nesse momento lhe estava apertando os cordões do corpete.

— Estava a suspirar — disse Minna um pouco confusa — ao pensar que estás sempre pronta a falar levemente dos infortúnios daquela mulher extraordinária e a metê-los a ridículo.

— Deus sabe que eu não os meto a ridículo — replicou Brenda um tanto despeitada — Tu, Minna, é que atribuis más intenções a tudo o que digo com simplicidade e franqueza. Eu encaro Norna como uma mulher em quem o talento superior se mistura por vezes com uma espécie de delírio, e considero-a mais hábil em conhecer o tempo do que qualquer outra mulher das ilhas Setland. Mas que ela tenha o menor poder sobre os elementos, creio tanto nisso como nas histórias que nossas amas nos contavam sobre o rei Erick, que, diz-se, fazia soprar o vento de onde queria, voltando a ponta do seu chapéu.

Minna, um pouco enfadada com a teimosa incredulidade de sua irmã, replicou azedamente:

— E no entanto, Brenda, essa mulher, essa mulher semi-louca, que procura embair-nos, é a pessoa de quem escutas os conselhos sobre o que mais interessa o teu coração neste momento.

— Não percebo o que queres dizer — disse Brenda, corando e dando alguns passos para se afastar da irmã. Mas, como era o seu turno de lhe apertarem os laços do corpete, Minna reteve-a pelo condão de seda e deu-lhe uma pequena palmada no pescoço que lhe produziu uma mancha escarlate e lhe provocou uma certa confusão.

Então Minna prosseguiu com mais brandura:

— Não é esquisito, Brenda, que, tratadas como fomos pelo estrangeiro Mordaunt Mertoun, que teve o descaramento de vir a uma casa onde não foi convidado nem recebido com prazer; não é esquisito que ainda o vejas com bons olhos? Isto devia bastar para te demonstrar que há sortilégios e encantamentos nas nossas ilhas e que tu própria estás sob a influência de uma dessas forças secretas. Não é por acaso que Mordaunt usa uma cadeia de ouro encantada; toma cuidado, Brenda, e sê prudente enquanto é tempo.

— Nada tenho de comum com Mordaunt Mertoun. Pouco me importa o que esse rapaz ou outro qualq«er traga ao pescoço; ignoro-o até. Eu poderia ver as cadeias de ouro de todos os magistrados de Edimburgo, de que tanto fala «lady» Glowrowrum, sem que por isso ficasse apaixonada por aqueles que as usam.

Tendo obedecido assim à lei que lhe impunha o seu sexo de negar sempre semelhantes acusações, Brenda acrescentou, num tom de indiferença:

— Mas, para te dizer a verdade, Minna, penso que não foste a única pessoa a julgar com demasiada leviandade o jovem amigo que por tanto tempo foi o nosso mais íntimo companheiro. Nota bem que Mordaunt Mertoun não é mais para mim do que para ti; e sabes melhor que ninguém que ele não fazia a menor distinção entre nós, e que, com ou sem cadeia, vivia connosco como um irmão com duas irmãs. No entanto, renuncias à sua amizade, só porque um marinheiro vagabundo, que não conhecíamos de parte alguma, e um bufarinheiro, que conhecemos por ladrão, intrujão e mentiroso, tiveram conversas e inventaram histórias em seu desabono! Não acredito que ele alguma vez dissesse que não lhe restava senão escolher uma de nós, e que não aguardasse para o fazer senão saber qual de nós duas ficaria com Burgh-Westra e o voe de Bredness. Não acredito que ele dissesse semelhante coisa, nem que pensasse em escolher entre nós.

— Talvez tenhas motivos para saber que a sua escolha já está feita — disse Minna friamente.

— Não tolero isso! — exclamou Brenda, dando livre curso à sua vivacidade natural.

E escapando-se das mãos da irmã, voltou-se e encarou-a, enquanto ao rubor das suas faces vinha juntar-se o que coloria tudo o que o corpete meio atacado permitia ver do pescoço e do seio.

— Nem a ti tolero isso, Minna — insistiu ela — Sabes que toda a minha vida disse a verdade e que amo a verdade. Declaro-te, pois, que nunca Mordaunt Mertoun fez qualquer diferença entre nós duas, até que...

Uma espécie de rebate de consciência deteve-a, e sua irmã disse-lhe, com um sorriso:

— Até quando, Brenda? Dir-se-ia que o teu amor pela verdade foi abafado pela frase que ias proferir.

— Até que deixaste de lhe prestar justiça — replicou Brenda com mais firmeza — visto que é preciso que eu fale. Não estranho que ele em breve renuncie à amizade que tem por ti, se fizeres tão pouco caso dele.

— Assim, ficas livre da minha rivalidade no seu amor ou na sua amizade. Mas fica sabendo, Brenda, que não se trata de maledicência de Cleveland; Cleveland é incapaz de dizer mal de alguém. Também não é uma mentira de Bryce Snailsfoot; não há nenhum dos nossos amigos ou pessoas das nossas relações que não diga que é o boato que corre por toda a ilha, que as filhas de Magnus Troil aguardam pacientemente a escolha de Mordaunt Mertoun, esse estrangeiro sem nome e sem mérito. Pode admitir-se que se fale assim de nós, descendentes de um conde norueguês, filhas do primeiro *udaller* das ilhas Setland? Será decente para nós tolerá-lo sem ressentimento, como se fôssemos as últimas das vaqueiras?

— A tagarelice dos insensatos não pode ofender — replicou Brenda, vivamente — Nunca renunciei à boa opinião que faço de um amigo, para acreditar nas murmurações da ilha, que dão sempre a interpretação mais perversa às acções mais inocentes.

— Escuta só o que dizem as nossas amigas, Brenda. Escuta apenas «lady» Glowrowrum, escuta Maddie e Clara Groatsettar.

— Se eu escutasse «lady» Glowrowrum, escutaria a língua pior que há na ilha; e quanto a Maddie e Clara Groatsettar, sentiam-se ambas muito felizes anteontem, ao jantar, por terem Mordaunt sentado entre elas, como o poderias ter observado se teus ouvidos não estivessem tão ocupados mais agradavelmente noutra coisa.

— Os teus olhos, aliás, não estavam menos ocupados, Brenda, visto que se fixavam num mancebo que falou de nós com a mais impertinente presunção, como toda a gente o julga, menos tu; e, mesmo que a acusação fosse falsa, «lady» Glowrowrum disse que não te ficava bem olhar para o seu lado, pois isso pode confirmar os tais boatos.

— Hei-de olhar para onde me apetecer — declarou Brenda, cada vez mais agastada — «Lady» Glowrowrum não manda nos meus pensamentos, nem nas minhas palavras, nem nos meus olhos. Considero Mordaunt Mertoun inocente. Olho-o como tal, falarei dele como tal, e se o lhe disse nada, se não modifiquei a minha atitude para com ele, é para obedecer a meu pai e não por causa do que «lady» Glowrowrum e todas as suas sobrinhas, mesmo que fossem vinte em vez de duas, possam dizer ou cochichar, com os seus ares preciosos, sobre um assunto com o qual nada têm que ver.

— Ai, Brenda, essa vivacidade excede um muito a defesa de um simples amigo — disse Minna, com calma. Toma cuidado: o que destruiu para sempre a paz de Norna foi um estrangeiro amado por ela contra a vontade da família.

— Era um estrangeiro — replicou Brenda com ênfase — não só pelo nascimento, como pelas maneiras. Ele não

conhecera primeiro a brandura, a franqueza do seu carácter por meio de uma intimidade de muitos anos. Era com efeito um estrangeiro, um estranho, pelo carácter, gostos, país, costumes, maneira de pensar; talvez algum aventureiro que o acaso ou o temporal tivessem trazido a estas ilhas e que tinha artes para ocultar um coração pérfido sob a máscara da sinceridade. Minha boa irmã, escuta o meu aviso: há outros estrangeiros em Burgh-Westra, além desse pobre Mordaunt Mertoun.

Minna pareceu um momento aniquilada pela vivacidade com que a irmã repeliu a sua suspeita e a sua advertência. Mas a sua altivez natural permitiu-lhe ainda redarguir, com uma calma affectada:

— Brenda, se eu quisesse usar contigo a mesma dissimulação que usas comigo, dir-te-ia que Cleveland, a meus olhos, não é mais do que Mordaunt, o jovem Swartaster, Lawrence Erickson ou qualquer outro amigo de meu pai; mas repugna-me enganar-te ou disfarçar o meu pensamento: amo Clement Cleveland!

— Não digas uma coisa dessas, querida irmã! — exclamou Brenda, esquecendo de repente o tom de azedume d que o diálogo a levava e lançando os braços em volta do pescoço de sua irmã, no jeito da mais enternecida afeição — Não digas isso, suplico-te. Renuncio a Mordaunt Mertoun e juro nunca mais lhe falar; mas não me repitas que amas esse Cleveland!

— E porque não hei-de repeti-lo? — disse Minna, desembaraçando-se brandamente do abraço da irmã — Porque não hei-de confessar um sentimento de que me orgulho?

A intrepidez e a energia do seu carácter habituado a comandar e ignorando o medo, estas mesmas qualidades que te fazem tremer pela minha felicidade, são as que me dão essa felicidade. Lembra-te, Brenda, de que quando os teus passos preferiam a praia dura e resistente à beira-mar em tempo calmo, os meus procuravam com entusiasmo o alto dos rochedos nos momentos de temporal.

— E é o que me atemoriza — disse Brenda — é esse espírito de aventura que te impele agora para a beira de um precipício mais perigoso do que a vizinhança da costa inundada pela maré alta. Esse homem... Não franzas as sobrancelhas, não digo nada que se pareça com maledicência. Mas, não é ele, mesmo aos teus olhos condescendentes, severo e tirânico, habituado a mandar, como tu dizes, e por essa razão mandando onde não tem direito de mandar, e arrastando aqueles que lhe convém a precipitar-se contra o perigo, mais por amor do perigo em si do que por um objecto amado? Um homem amado, parece-me, devia amar a sua apaixonada mais do que à sua vida; mas o teu, Minna, ama menos a sua do que o prazer de matar os seus semelhantes.

— E é por isso que eu o amo — confessou Minna — Sou uma filha das antigas heroínas da Noruega, que enviavam, com um sorriso, os amantes ao combate e os imolavam por suas próprias mãos, se eles regressavam abatidos pela desonra. Não quero por amado nem caçador de baleias, nem descobridor de ninhos; o meu tem que ser um rei dos mares, ou usar o título moderno que mais se aproxime desse nobre título.

— Ai, querida irmã! — exclamou Brenda — Agora, é que eu poderia começar a acreditar seriamente na força dos sortilégios e dos encantamentos. Faz-me lembrar aquela história espanhola que me contaste, há tempos, por eu dizer que na tua admiração pela cavalaria dos antigos escandinavos rivalizavas com o extravagante herói. É mais desculpável, creio eu, confundir um moinho com um gigante do que o capitão de um pequeno navio corsário com um *kiempe* ou um *viking*.

Minna tornou-se rubra de cólera ao ouvir esta frase, cuja verdade, até certo ponto, ela sentia.

— Tens o direito de me insultar, porque te confiei o meu segredo — disse ela.

O coração terno de Brenda não pôde resistir a esta acusação. Implorou a sua irmã que lhe perdoasse e a bondade natural de Minna cedeu aos seus rogos.

— É uma infelicidade não vermos pelos mesmos olhos — disse ela, enxugando as lágrimas de Brenda — Não nos tornemos ainda mais infelizes com mútuas censuras. És depositária do meu segredo, que, provavelmente, em breve o deixará de ser, porque, logo que certas circunstâncias mo permitam, darei a meu pai as provas de confiança a que ele tem direito. Enquanto espero, repito-o, és a depositária do meu segredo, e desconfio que, em troca, tenho o teu, embora te recuses a confessá-lo.

— Quê, Minna! Querias que eu te confessasse que experimento por alguém os sentimentos a que te referes, antes de ter ouvido da sua boca a menor palavra que pudesse justificar semelhante confissão?

— Não, decerto, mas um fogo oculto descobre-se tanto pelo calor como pela chama.

Brenda baixou a cabeça e esforçou-se em vão por dominar a tentação de confessar o que o reparo da irmã provocava.

— O que posso responder-te — disse ela — é que, se algum dia amar, não será senão depois de solicitarem o meu amor uma ou duas vezes, pelo menos. Mas não recomeçemos a nossa discussão e procuremos o motivo que tinha Norna para nos contar a sua horrível história e o que pretendia atingir.

— Quis fazer-nos um aviso — replicou Minna — um aviso que a nossa situação, e, não o dissimulo, a minha principalmente, parece tornar necessário; mas eu estou segura da minha inocência e da honra de Cleveland.

Embora a referência a Cleveland lhe suscitasse objecções, Brenda disse apenas:

— É estranho que Norna não nos tivesse dito mais alguma coisa do seu amante; certamente, ele não a podia abandonar na situação a que a reduziu.

— Podem existir angústias que de tal forma dilacerem o coração, que este deixe de responder aos sentimentos que mais o encheram. O seu amor infeliz talvez se perdesse no horror e no desespero.

— Também pode ser que o seu amante fugisse das nossas ilhas, receando a vingança de nosso pai — disse Brenda.

— Se o receio ou a falta de coragem — respondeu Minna, levantando os olhos ao Céu — o decidiram a fugir ao espectáculo das desgraças de que foi causador, espero que ele já tenha sofrido, há muito tempo, o castigo que o Céu reserva aos traidores e aos cobardes... Vamos, querida irmã, estão à nossa espera para o almoço.

Desceram de braço dado e com uma confiança como há muito tempo não se tinham mutuamente testemunhado.

A caminho da sala das refeições, elas concordaram que não era necessário, e até poderia ser imprudente, falar ao pai da visita nocturna que receberam, ou dar-lhe a entender que souberam mais alguma coisa da triste história de Norna.

A TERRÍVEL PROFECIA DE AMOR

Perdidos, perdidos são os prazeres da infância

Que a razão rejeita e o tempo dissipa

Já da *lua* pálida claridade

Não ilumina as dúbias visões,

Não mais torno a ver os alvos lençóis

Dos irreais fantasmas do cemitério

CRABLE, «BIBLIOTECA»

O poeta moralista a quem fomos buscar a epígrafe deste capítulo, abordou um assunto que faz vibrar algumas cordas no coração de muitos dos nossos leitores, sem *que* eles se apercebam. A superstição, não se envolvendo no mecanismo de todos os seus horrores e limitando-se a passar brandamente a mão na cabeça de quem reconhece o seu poder, tinha encantos de que é difícil não ter saudades mesmo nos nossos dias, em que a sua influência quase se dissipou inteiramente devido às luzes da razão e da ciência, pelo menos, nos tempos em que o reino da ignorância ainda não terminara, o seu sistema de terrores imaginários tinha qualquer coisa de interessante para os espíritos que poucos meios de exaltação possuíam. E é por consequência de semelhantes impressões que, no nosso tempo, mesmo pessoas que receberam uma razoável educação vão a casa de uma mulher que diz a *buena dicha*, para se divertirem, segundo alegam, mas muitas vezes tentadas a não duvidar inteiramente das respostas que escutam.

Quando as irmãs de Burgh-Westra chegaram à sala, onde se servia um almoço tão copioso como o da véspera, *oudaller* fez-lhes, brincando, algumas censuras pela sua chegada tardia. Com efeito, a refeição estava quase terminada e os convivas já se dispunham para um antigo uso norueguês da qualidade daqueles a que já aludimos.

Parece ter sido inspirado nesses poemas nórdicos, em que por vezes se representa os campeões e as heroínas a procurarem conhecer o seu destino, consultando alguma feiticeira ou pitonisa que, como na lenda de Gray intitulada *A descida de Odin*, obrigava o destino, pelo poder da poesia rúnica, a revelar-lhe os seus segredos, e proferia oráculos muita vez ambíguos, mas que então se aceitavam como se levantassem, pelo menos, em parte, o véu que encobre o futuro.

Uma velha sibila, Euphane Fea, a governanta de quem já falámos, instalara-se no vão de uma grande janela que se obscurecera com peles de urso e panejamentos de toda a espécie, de maneira a parecer-se com a cabana de um lapão. Uma pequena abertura, como a de um confissionário, permitia à pessoa que estava sentada lá dentro ouvir sem ver. A *voluspa*, ou sibila, devia escutar as perguntas que lhe eram dirigidas em verso e responder-lhes na mesma linguagem, de improviso. Os panejamentos impediam-na de ver as pessoas que a consultavam, e a alusão accidental ou propositada que a sua resposta podia fazer aos assuntos do consulente dava por vezes motivo a risos e outras vezes a sérias reflexões. A sibila era geralmente escolhida entre as mulheres que possuíam o talento de improvisar em língua *norse*, talento pouco excepcional, atendendo a que todos os insulares tinham a memória repleta de uma infinidade de versos e a que as regras da versificação *norse* eram extremamente simples. As perguntas também se deviam fazer em verso; mas como este dom de improvisação poética, embora bastante comum, não era geral, permitia-se a quem quisesse dirigir-se-lhe, servir-se de um intérprete, e esse intérprete, de pé junto do santuário da sibila, segurando a mão de quem pretendia consultar o oráculo, encarregava-se de rimar a seu pedido.

Naquela ocasião os sufrágios confiaram a Claud Halcro as funções de intérprete, e o velho, jovial, acedeu a desempenhar o seu papel no divertimento que ia começar.

Mas, nesse momento, produziu-se uma singular modificação nas combinações que acabavam de fazer-se. Norna de Fitful-head, que todos, excepto as duas irmãs, supunham a várias milhas de distância, entrou de súbito no recinto sem cumprimentar ninguém, avançou majestosamente para o tabernáculo de pele de urso, e fez à sibila para que saísse do santuário. A velha Fea obedeceu, meneando a cabeça e parecendo tomada de receio. Para dizer a verdade poucas pessoas das presentes viram a sangue-frio a imprevista chegada de uma mulher tão conhecida e tão geralmente temida como Norna.

Ela deteve-se um momento à entrada dessa espécie de tenda e, levantando a pele que fechava a porta, ergueu o olhar para os lados do Norte, como se aí procurasse inspiração. Fazendo em seguida sinal aos espectadores surpresos de que podiam aproximar-se, um a um, do santuário onde ia instalar-se, entrou na tenda e, deixando cair a pele que constituía a entrada, desapareceu. O divertimento tomava um aspecto muito diferente do que os convidados esperavam, e a maior parte deles julgava haver mais motivo para sérias reflexões do que para gracejos; ninguém mostrava pressa em consultar o oráculo. O carácter e as pretensões de Norna pareciam a quase todos os espectadores de uma natureza demasiado grave para o papel que queria desempenhar; os homens falavam em voz baixa e as mulheres, segundo a expressão do glorioso John Dryden,

Cerravam fileiras, estremecendo de horror.

O silêncio foi quebrado pela voz máscula e sonora do *udaller*.

— Então, amigos, porque não principia o divertimento? Receiam alguma coisa pelo facto da minha parenta ser a nossa *voluspa*? Devemos estar-lhe gratos por ela querer representar para nós um papel que ninguém nas nossas ilhas poderia desempenhar melhor do que ela. Querem renunciar a esta distracção? Pelo contrário, devemos desfrutá-la com maior alegria — Como ninguém respondesse a estas palavras, Magnus Troil acrescentou: — Não me digam que a minha parenta vai ficar sentada na sua tenda sem que lhe façam uma única pergunta, por falta de coragem. Vou eu consultá-la em primeiro lugar, mas os versos já não me acodem tão facilmente à imaginação como no tempo em que tinha menos vinte anos. Claud Halcro, venha comigo.

De mão dada, aproximaram-se do santuário da sibila e, após um momento de consulta, o *udaller*, que, como tantas outras pessoas importantes das ilhas Setland, se dedicava ao comércio e à navegação e tinha interesses bastante consideráveis num navio em viagem para a pesca da baleia, encarregou Halcro de perguntar-lhe se essa empresa teria êxito, o que o poeta logo traduziu em versos *norses*.

A brincadeira parecia tomar um carácter sério e todos estenderam o pescoço para escutar Norna, cuja voz, passando através dos panos que a cercavam, se fez ouvir nos seguintes versos, pronunciados num tom lento e monótono:

Sim, vejo esse barco no mar da Islândia

E no mastro altivo entrevejo a grinalda (1);

O mar e o vento são-lhe propícios

Alegrai-vos, que traz carga completa.

Do ávido armador compensando os riscos,

Entrará no porto com sete baleias.

Nota 1: A grinalda é uma coroa de fitas feita pelas raparigas interessadas num barco que parte para a pesca da baleia, ou na sua tripulação. Conservam-na com grande cuidado durante toda a viagem.

— Que o Céu lance sobre nós um olhar de misericórdia e protecção! — exclamou Bryce Snailsfoot — Não é com certeza a língua de uma mulher que acaba de pronunciar estas palavras. Vi em North Ronaldshaw pessoas que encontraram no mar o navio de Olavo de Lerwick, no qual o nosso digno amo tem um interesse tão considerável que quase se poderia considerar seu proprietário, e, tão certo como haver estrelas no Céu, eles souberam pelo mestre desse navio que tinha apanhado sete baleias, exactamente como Norna acaba de nos dizer.

— Ah! Precisamente sete? — disse o capitão Cleveland — E tu soubeste-o em North Ronaldshaw? E com certeza espalhaste a boa nova pelo país quando te encaminhavas para aqui?

— A minha boca nem uma só vez se abriu para falar, capitão. Conheço bastantes negociantes e bufarinheiros que descuidam os seus negócios para se ocupar de tagarelices; mas eu gosto mais de vender as minhas fazendas que de dar novidades. A verdade é que, desde que cruzei as águas em Dunrossness, julgo não ter dito a três pessoas que Olavo fez um bom carregamento.

— Mas se cada uma dessas três pessoas se entreteve a falar por seu turno, e quase apostaria dois contra um em como isso

aconteceu, a velha dama pode profetizar sem temor.

Era a Magnus Troil que Cleveland falava deste modo, e o *udaller* não o escutava com agrado. O respeito que ele tinha pela sua pátria alargava-se até às suas superstições. Ele interessava-se sinceramente pela sua infeliz parente e se não prestava publicamente homenagem aos conhecimentos sobrenaturais que ela pretendia ter, não gostava de ouvir que outros os pusessem em dúvida.

— A minha prima Norna — disse ele, acentuando bem as palavras — não tem quaisquer relações com Snailsfoot os seus conhecimentos. Não pretendo saber de que maneira ela obtém as informações que possui, mas sempre notei que os Escoceses, e em geral todos os estrangeiros que vêm às ilhas Setland, se mostram por vezes prontos a explicar coisas que parecem bastante obscuras àqueles que têm antepassados que viveram aqui durante séculos.

O capitão Cleveland não insistiu e teve um gesto de aquiescência, sem tentar defender o seu cepticismo.

Enquanto os outros espectadores ficavam numa atitude de indecisão produzida pelo receio, Halcro, que via o velho *udaller* franzir o sobrolho e agitar o pé, no ar de quem tem vontade de o bater com força no chão, depreendeu que a paciência estava prestes a faltar-lhe, e declarou ousadamente que ia fazer uma pergunta à pitonisa em seu próprio nome. Reflectiu alguns minutos para reunir as suas ideias e recitou depois os versos seguintes:

Quando Halcro já não existir,

Seus versos hoje admirados

Ainda serão escutados?

Serão capazes de elevar

O seu nome à posteridade?

Poderá, com sua musa,

Viver na posteridade,

Como o glorioso poeta? (Alusão ao poeta John Dryden).

A voz da sibila não tardou em fazer-se ouvir no fundo do seu santuário:

Compraz-se o menino no som da sua roquinha;

O velho, como o menino, gosta do seu brinquedo.

Mas, não poderá a harpa atingir a melodia

Se a mão que a dedilha não achar a harmonia.

Em voo ousado sobe a águia ao firmamento,

Mas o pato, mais pesado, deve gozar contentamento

Se, quedando-se ao rés da terra, no lamaçal,

Obtiver das simples focas o voto universal.

Halcro retirou-se num passo ágil e num simulado ar prazenteiro, mas a sua coragem não estimulou mais ninguém a consultar a temível Norna.

— Poltrões! — exclamou o *udaller* — Capitão Cleveland, também receia interrogar uma mulher velha? Pergunte-lhe qualquer coisa. Pergunte-lhe se é o seu o barco de doze canhões chegado a Kirkwall.

Cleveland lançou um olhar a Minna e, julgando notar que ela tinha curiosidade de saber o que ele responderia a seu pai, disse, após um momento de hesitação:

— Nunca homem ou mulher me assustaram. Senhor Halcro, ouviu a pergunta do nosso anfitrião? Faça-lha em meu nome e da maneira que lhe aprouver. Não me gabo de ser mais hábil em poesia do que em bruxaria.

Não houve necessidade de convidar Halcro duas vezes. Tomou a mão do capitão Cleveland, segundo a fórmula usada neste passatempo, e, em versos *norses*, fez a pergunta sugerida pelo *udaller*.

A pitonisa demorou o seu oráculo um pouco mais que de costume, e, por fim, pronunciou em voz baixa, embora mais resoluta que anteriormente:

O ouro é um metal puro, sem mistura, generoso.

O sangue é púrpura, negro, de aspecto horroroso.

Lancei esta manhã um olhar pelo porto;

Lá estava um pérfido falcão, de emboscada...

Caiu sobre a presa, rasgando-lhe o flanco,

As garras e o bico tingiram-se de sangue.

Tu, que vens interrogar-me, toma cuidado.

Responde tu próprio. Estende a mão e olha;

Ainda está suja de sangue derramado?

Vai juntar-te ao outro, ansioso de encontrar-te.

Cleveland sorriu num ar de desdém e, estendendo a mão, disse:

— Poucas pessoas tiveram tantas abordagens como eu na Nova Espanha, sem contar as várias questões com os guarda-costas, mas nunca caí na minha mão mancha que um pouco de água e uma toalha não pudessem desaparecer.

O *udaller* acrescentou em voz forte:

— Nunca há paz com os Espanhóis para lá da linha. Ouvi-o dizer mais de cem vezes ao capitão Tragendeck e ao velho comodoro Rummelaer, e ambos estiveram na baía das Honduras e em todas as paragens da mesma latitude. Eu detesto todos os Espanhóis desde que eles vieram em 1558 e levaram todos os víveres de Fair Isle. Ouvi o meu avô falar nisso, e ainda deve haver em minha casa uma história escrita em holandês, que revela tudo o que eles fizeram nos Países Baixos. Não têm fé nem caridade. E a verdade, meu velho amigo, a pura verdade — disse Cleveland — São tão ciumentos das suas possessões do ultramar como um velho marido o é da sua jovem esposa; e se logram meio de apoderar-se de um inimigo, sepultam-no por toda a vida nas suas minas. Por isso, os combatemos de pavilhão içado no alto do mastro.

— É o que se deve fazer! — exclamou Magnus — O velho marinheiro inglês nunca o arreia. Quando penso nessas muralhas de madeira, quase me julgaria inglês, se não fosse o parecerem-se tanto com os meus vizinhos escoceses. Meus senhores, não pretendo ofender ninguém; somos todos amigos, e vós sois todos bem-vindos. Vamos, Brenda, é a tua vez; interroga a sibila; sabes bastantes versos *norses*; ninguém o ignora.

— Mas não me recordo de nenhuns que se adaptem às circunstâncias — respondeu Brenda, recuando alguns passos.

— Má desculpa! — replicou seu pai, impelindo-a para diante, enquanto Halcro lhe tomava a mão quase à força

— Uma modéstia descabida não deve prejudicar uma alegria honesta. Fale por Brenda, Halcro; é a um poeta que pertence interpretar os pensamentos de uma donzela.

O bardo saudou a linda Brenda com o entusiasmo de um poeta e a galantaria de um palaciano; e lembrando-lhe em voz baixa que ela nunca podia ser responsável pelas necedades que ia dizer, guardou silêncio por alguns instantes, de olhos erguidos ao céu, sorriu complacente, como se lhe agradasse a ideia que se lhe apresentava, e declamou por fim os versos seguintes:

Que o mais doce mel adoce
As palavras que vais dizer;
Empresta aroma de rosas
Ao Destino que vais traçar
Desejamos conhecer agora
Se o Amor se tornará senhor
Do coração de Brenda;
Se esse deus, por vezes traidor,
De sua ventura se ocupará.
A pitonisa respondeu imediatamente:
À beleza que um terno amante adora,
Embora ingénuo e hesitante ainda,
O coração, enfim, cederá um dia.
Assim é a neve que coroa
O cimo altaneiro do Rona,
Quando o Inverno ergue lá seu trono;
Mas um raio de sol a fundirá,
Um arroio súbito nascerá...
A frescura da relva no prado denuncia
Das águas o benfazejo curso:
Vai alegrar os rebanhos
E florir a choça de um infeliz pastor.

— Eis uma doutrina consoladora. É impossível falar mais sensatamente — disse o udaller, segurando o braço de Brenda, que ruborizava e tentava escapar-se — Não é preciso corar por causa disso, minha filha; tornar-se dona da casa de um homem honesto é o que desejo de todo o coração a todas que estão aqui. Vamos, quem vai falar agora? Chovem bons maridos... Maddie Groatsettars, minha gentil Clara, venham cá, colaborem na distração.

— Não seie se devo aprovar completamente... — disse «lady» Glowrowrum, meneando a cabeça num ar de embaraço.

— Basta, basta! — disse Magnus — Não obrigo ninguém. Vem cá, Minna, tu estás às minhas ordens. Aproxima-te. Não é preciso abespinhar-se por uma brincadeira inocente; há outras coisas de que a gente devia corar. Vamos, eu encarrego-me de usar da palavra por ti, embora me sinta um pouco enfraquecido em poesia.

Magnus, depois de ter passado por várias vezes a mão pela frente e de fazer alguns esforços para excitar o seu talento, deu à luz estes versos:

Respond, eNorna, sem muito palavriado,

Ou por um sim, ou por um não

Quererá esta beldade tentar o casamento?

Será a boda a sua vocação?

E virá com ela a felicidade?

Ouviu-se a pitonisa suspirar profundamente no seu tabernáculo, como se lamentasse ser obrigada a responder à pergunta que lhe faziam. Por fim, pronunciou este oráculo:

O coração da virgem inocente

Não seduziu qualquer mortal.

É como a neve rebrilhante

Que coroa este monte tão perto do céu;

Mas um amor fatal é como o temporal,

Cujo sopro escaldante mancha a sua alvura.

Mal há tempo de se voltar o olhar,

E o encanto sumiu-se.

Da torrente destruidora

As ondas precipitadas dos flancos da montanha

Vão exercer ao longe o seu terrível furor:

Tudo está arrasado nos campos.

O udaller ouviu esta resposta com profundo ressentimento.

— Pelas relíquias do santo mártir de quem uso o nome! — exclamou ele, vermelho de cólera — Isso é abusar da cortesia, e se outra pessoa, a não ser tu, tivesse ameaçado o nome de minha filha com a palavra destruição, essa audácia não ficaria impune. Mas, vamos, sai da cabana, velho dragão — ajuntou, sorridente — Eu já devia saber que não tomas parte por muito tempo em alguma coisa que cheire a alegria. Que Deus te proteja!

Não recebendo qualquer resposta, retomou a palavra, ao cabo de alguns instantes:

— Vamos, prima, não me queiras mal por isto, apesar de eu te ter falado bruscamente. Bem sabes que não quero mal a ninguém e a ti menos que a outro qualquer. Vá, dá-me a tua mão. Tu podias ter-me profetizado o naufrágio do meu navio e uma má pesca, sem que eu te dissesse palavra; mas quando se trata de Minna ou de Brenda, tu calculas que isso me toca muito de perto. Vamos, repito, dá-me a tua mão e não se fala mais nisso.

Norna continuava calada, e os espectadores principiavam a olhar uns para os outros com certa surpresa. Quando o udaller levantou a pele que fechava a entrada do santuário, viu-se que o interior estava vazio. O espanto foi então geral, e não deixava de se mesclar de receio, porque parecia impossível que Norna pudesse sair sem que ninguém a visse. No entanto, era bem verdade que não estava e Magnus, depois de um momento de reflexão, deixou cair a pele que levantara.

— Meus amigos — disse ele, num tom jovial há muito tempo que conhecemos a minha parenta e sabei que as suas maneiras em nada se parecem com as habitantes vulgares deste Mundo; mas ela é bem do país: tem por mim e pelos meus uma profunda amizade, e garanto que nenhum dos meus hóspedes deve ter alguma coisa a recear dela; surpreender-me-ia bastante se ela voltasse para jantar connosco.

— Preza a Deus que não! — disse Baby Yellowley «lady» Glowrowrum — Para lhe falar a verdade, não gosto das comadres que podem ir e vir como um raio de Sol ou um pé-de-vento.

— Fale mais baixo — aconselhou «lady» Glowrowrum — fale mais baixo e dê graças a Deus por ela não ter levado a casa consigo.

Todos os espectadores, cochichando, abordavam o mesmo tema; mas, por fim, o *udaller*, fazendo ouvir a sua voz de estentor, e tomando um tom de autoridade, convidou todos os presentes a segui-lo, ou antes, deu ordem para virem assistir à partida dos barcos que iam para a pesca no alto-mar.

— O vento esteve contrário desde o nascer do Sol — disse ele — o que reteve os barcos na baía; mas neste momento tornou-se propício, e vão agora fazer-se de vela.

Esta brusca mudança de tempo provocou algumas piscadelas de olho e mais de um murmúrio entre os convidados, bastante dispostos a ligar esta circunstância ao desaparecimento súbito de Norna. Mas ninguém se permitia fazer observações que poderiam desagradar ao dono da casa. Ele avançou a passo majestoso para a beira-mar, e os seus hóspedes seguiam-no com um ar de respeitosa submissão, como um rebanho de gamos segue o que lhe serve de guia.

O HOMEM DA MÁSCARA DE FERRO

O sorriso infernal que em seus olhos brilha

Também provoca o medo e a ferocidade.

E ai do temerário que o irrita!

Seu olhar faz fugir para o céu a caridade!

LORD BYRON, «O CORSÁRIO»

A pesca é a principal ocupação dos habitantes das ilhas Setland, e, outrora, era com ela que os ricos contavam para aumentar as suas rendas e os pobres para assegurar seus meios de subsistência. A época da pesca é ali o mesmo que a ceifa num país agrícola, ou seja a estação mais importante e mais animada do ano. Em cada distrito, reúnem-se os pescadores em locais designados, para onde conduzem os seus barcos e onde juntam as suas tripulações. Edificam na costa, para sua habitação temporária, pequenas cabanas de barro cobertas de colmo, e *skeos* ou barracões para a secagem do peixe, de maneira que a costa solitária toma de repente o aspecto de cidade indiana. Os pontos onde se dirigem para pescar no mar-alto ficam por vezes a muitas milhas do local onde se faz a secagem do peixe, de forma que permanecem ausentes durante vinte ou trinta horas, ou mesmo mais; e, se têm a desdita de encontrar contrários o vento ou a maré, ficam no mar dois ou três dias, com uma pequena provisão de víveres e em barcos de construção muito frágil. Às vezes, nunca mais se ouve falar deles.

Tudo era então vida e actividade, quando o *udaller* e os seus amigos chegaram. As tripulações de uma trintena de Barcos, compostas cada uma de três a seis homens, depois de se despedirem das mulheres e dos pais, saltavam para bordo dos seus longos barcos noruegueses, onde as suas linhas e as suas redes já estavam preparadas. Magnus não era um espectador ocioso desta cena; movendo-se sem cessar de *um* para outro lado, informava-se do estado das suas provisões e dos seus preparativos de pesca. Ele acabava sempre por juntar às provisões um galão de genebra, uma porção de carne salgada, ou qualquer outra coisa que lhes pudesse ser útil. Os bravos pescadores, ao receber estes presentes, faziam-lhe os seus agradecimentos com aquela brevidade brusca que agradava a Magnus; mas a gratidão das mulheres era mais ruidosa, e ele via-se obrigado a impor-lhes silêncio, mandando para o diabo todas as línguas femininas, desde a da nossa mãe Eva.

Enfim, todos se encontravam a bordo; desfraldaram-se as velas e deu-se o sinal de partida. Afastando-se de terra, os remadores pareciam disputarem a primazia de chegarem ao local da pesca para aí lançarem as suas linhas primeiro que os outros, façanha à qual atribuía bastante importância a tripulação do barco que a conseguia realizar.

Enquanto ainda estavam junto da costa, entoavam uma velha canção *norse* adequada àquela ocasião. Depressa a voz ruidosa dos pescadores foi abafada pelo rumor das ondas. Ainda se pôde distinguir por algum tempo as árias que cantavam, no meio do assobio do vento e do rugido das vagas. E os barcos já se assemelhavam a pontos negros, perdendo-se pouco a pouco no horizonte, e ainda o ouvido podia distinguir vozes humanas por entre o tumulto dos elementos.

As mulheres dos pescadores ficaram à beira-mar até os barcos de seus maridos desaparecerem totalmente; depois, retiraram-se a passo lento, de olhos baixos e a inquietação estampada em seus rostos, dirigindo-se para os barracos construídos perto da costa, a fim de fazerem os preparativos necessários para a secagem do peixe que os seus maridos e parentes haviam de trazer no regresso.

Os hóspedes de Magnus, depois de permanecerem algum tempo a ver a flotilha e a conversar com as pobres mulheres dos pescadores, começaram a dividir-se em vários grupos. Marcharam em diversas direcções, tendo por guia apenas a sua fantasia, a fim de gozarem o que se podia chamar o claro-escuro de um belo dia de Verão nas ilhas Setland. Se ali falta o brilhante clarão do sol dos climas mais amenos, o aspecto deste país tem um carácter melancólico que lhe pertence exclusivamente.

Num dos lugares mais solitários da costa, Minna Troil passeava com o capitão Cleveland. Escolheram decerto este local, porque aqui haveria menos probabilidades de serem interrompidos. Um pequeno tapete de areia branca como leite, que se estendia por sobre a rocha, oferecia-lhes um piso firme de cerca de cem passos de comprimento. O passeio era limitado numa das extremidades por um rochedo alteroso, domicílio quase inacessível de muitas centenas de aves marinhas de várias

espécies, e no flanco do qual se abria uma vasta caverna, ou *helyer*, abismo profundo em que o mar parecia precipitar-se, como que engolido. Cleveland já passara mais de uma vez com Minna Troil neste lugar selvagem e solitário. Mas a entrevista que então o absorvia tão vivamente era de natureza a desviar a sua atenção e a da sua companheira do espectáculo que tinham perante os olhos.

— Não pode negar — dizia ela — que alimenta contra aquele rapaz impressões que denunciam reserva e injustiça! Nada fez que o mova desfavoravelmente contra ele; o senhor usa contra ele de uma violência tão imprudente que nem a pode justificar.

— Julguei que o serviço que ontem lhe prestei me poria ao abrigo de uma tal acusação — respondeu Cleveland — Não falo do risco que corri; vivi sempre no meio de perigos e gosto deles. No entanto, poucas pessoas se teriam aventurado tão perto do animal enraivecido, para salvar um homem que lhe fosse completamente estranho.

— É realmente verdade que nem toda a gente teria feito o mesmo — replicou Minna, num ar grave — Mas quem tivesse coragem e generosidade, teria procedido de igual modo. Claud Halcro, esse cabeça no ar, não teria hesitado, se as suas forças fossem iguais à sua coragem, e o meu próprio pai, apesar de ter um sério motivo de ressentimento contra esse rapaz que teve a ousadia de abusar da hospitalidade, também faria o mesmo. Portanto, não se Gabe demasiado da sua façanha, meu amigo, se não quer que eu fique pensando que esse acto lhe custou um grande esforço. Eu sei que não gosta de Mordaunt Mertoun, embora tivesse exposto a sua vida para o salvar.

— E não me perdoa, pois, nada do mal que ele por tanto tempo me fez sofrer, quando o boato geral me informou de que esse caçador de ninhos era uma barreira que se erguia entre miin e o que mais desejo obter no Mundo: a ternura de Minna Troil!

Ele falava num tom tão apaixonado como insinuante. Mas as suas palavras parece não terem convencido Minna.

— O senhor soube, demasiado cedo e muito claramente, que pouco ou nada tinha a recear, se realmente o receou que esse Mertoun, ou outro qualquer, se atrevesse no caminho do coração de Minna... — disse ela — Basta de agradecimentos e de protestos: a melhor prova de reconhecimento que me pode dar é a de se reconciliar com esse rapaz, ou pelo menos evitar qualquer questão com ele.

— Que alguma vez sejamos amigos, Minna, é absolutamente impossível. Todo o amor que tenho por si, e é o sentimento mais poderoso que meu coração já experimentou, não seria capaz de operar esse milagre.

— E porquê? Bem longe de se terem prejudicado um ao outro, ambos se prestaram serviços recíprocos; porque não podem pois ser amigos? Tenho muitos motivos para o desejar.

— E pode a Minna esquecer o tom de leviandade em que ele falou de Brenda, de si, da casa de seu pai?

— Posso perdoar tudo. Não pode fazer o mesmo, o senhor que nunca foi ofendido?

Cleveland baixou os olhos, guardou um momento de silêncio e, levantando a cabeça em seguida, disse:

— Eu podia enganá-la, Minna, podia prometer-lhe o que me seria impossível cumprir, bem o sinto. Mas se sou obrigado a usar de todos os subterfúgios para com os outros, não os quero usar para consigo. Não posso ser amigo desse homem. Interrogue-o, e ele lhe dirá o mesmo a meu respeito. O serviço que me prestou servia de freio ao meu ressentimento, mas não conseguia iludir-me acerca dos meus próprios sentimentos.

— O senhor foi mais longe do que aquilo a que costuma chamar a sua máscara de ferro, da qual o seu rosto conserva a impressão de dureza, mesmo quando a tira.

— É injusta, Minna, e censura-me por eu lhe falar com franqueza e verdade. No entanto, digo-lhe ainda francamente que não posso ser amigo de Mertoun. Não tento prejudicá-lo, mas não me exija que o estime. Asseguro-lhe que mesmo esse esforço, se eu fosse capaz de o manter, seria inútil; porque tenho a certeza de que, quanto mais diligência fizesse por captar-lhe a amizade, mais despertaria o seu ódio e as suas suspeitas. Deixe-nos, pois, o livre exercício dos nossos sentimentos naturais; e como eles certamente nos apartarão cada vez mais um do outro, é provável que nunca tenhamos ensejo de conflito. Isto satisfã-la?

— Assim terá que ser, visto assegurar-me que é um mal sem remédio. Mas agora diga-me porque ficou tão pensativo quando soube da chegada do seu navio, porque não duvido de que é o que acaba de entrar no porto de Kirkwall.

— Receio as consequências da chegada desse navio e da sua tripulação; receio que resulte disso a ruína das minhas esperanças mais queridas. Tinha feito alguns progressos nas boas-graças de seu pai; com o tempo poderia fazer mais alguns. Mas eis que chegam Allured e Hawkins para destruírem para sempre essa esperança. Contei-lhe de que maneira nos separámos. Eu comandava então um navio mais forte e melhor armado que o deles; tinha uma tripulação que me obedecia cegamente; agora, estou só, isolado, desprovido de todos os meios para os reter e dominar, e eles não tardarão em dar tais provas do seu carácter desordenado e da licenciosidade que lhes é peculiar, que provocarão certamente a sua ruína e a minha.

— Nada receie; meu pai não pode ser tão injusto que o torne responsável pelos erros dos outros.

— Mas que dirá Magnus Troil dos meus, bela Minna? — perguntou Cleveland, sorrindo.

— O meu pai é norueguês — respondeu Minna — Descende de uma raça oprimida; pouco se importará que o senhor tenha combatido os Espanhóis, que são os tiranos do Novo Mundo, ou os Holandeses ou os Ingleses, que lhes sucederam nos seus domínios usurpados. Seus antepassados foram os reis do mar.

Mesmo assim receio que o descendente de um desses antigos reis do mar — disse Cleveland, sorrindo — pense que um corsário moderno não seja conhecimento dele. Talvez ele atasse de boa vontade uma corda à grande para enforcar um infeliz flibusteiro.

— Não creia nisso. Ele sofre demasiado com a opressão das leis tirânicas dos nossos orgulhosos vizinhos Escoceses. Tenho esperança de que em breve ele lhes possa opor resistência franca. Os nossos inimigos, porque é assim que eu lhes chamo, estão agora divididos entre eles. Que me poderá impedir de aproveitar esses conflitos, para reconquistar a independência de que eles nos privaram?

— De içar a bandeira do corvo no castelo de Scalloway — acrescentou Cleveland, imitando o tom enfático de Minna — e proclamar o seu pai o conde Magnus I.

— O conde Magnus VII, se me faz favor — replicou Minna, interrompendo-o — Porque seis dos seus antepassados usaram antes dele a coroa de conde. O senhor pode rir do meu entusiasmo, mas o que é que pode impedir isso?

— Nada o impedirá, porque nunca se tentará realizar esse sonho. Para o impedir bastaria o escaler de um barco de guerra inglês.

— O senhor trata-nos com desprezo. No entanto, deve saber por experiência quanto pode fazer um punhado de homens resolutos.

— Mas é preciso que tenham armas, Minna, e vontade de arriscar a sua vida nas árduas empresas que intentem. Não pense nessas visões. Mas, mesmo que todos os habitantes tivessem um espírito tão guerreiro como os seus antepassados, que poderiam fazer as tripulações sem armas de alguns barcos de pesca contra a marinha britânica? Não pense mais nesse sonho, querida Minna; e assim devo chamar-lhe, embora esse sonho aumente o brilho do seu olhar e empreste mais majestade à sua marcha.

— Sim. é um sonho, certamente — disse Minna, baixando os olhos — Não pode uma filha de Hialtland levantar a cabeça e marchar como mulher livre.

— Há países — replicou Cleveland — onde o olhar paira sobre bosques de palmeiras e coqueiros, onde os pés se podem mover com a velocidade de um navio a todo o pano, onde o olfato aspira os mais doces perfumes e onde não se conhece outra servidão que não seja a do valente pelo mais valente e a de todos os corações à mulher mais bela.

— Não, Cleveland — respondeu Minna, após um momento de silêncio — a minha terra natal, por mais selvagem que lhe pareça e por mais oprimida que realmente esteja, tem para mim encantos que não me pode oferecer mais nenhuma região do Mundo. Hialtland é a pátria em que morreram os meus antepassados, onde meu pai vive ainda: é onde quero viver e morrer.

— Perfeitamente! Também eu quero viver e morrer em Hialtland. Não vou a Kirkwall. Não darei a conhecer aos meus camaradas que existo, porque seria difícil escapar-lhes. Seu pai tem-me amizade, Minna. Quem sabe se os meus cuidados, as

minhas atenções, o tempo, não o resolverão a receber-me na sua família? Quem se pode inquietar com o tamanho de uma viagem que no fim tem a felicidade?

— É ainda um sonho — disse Minna — Não pense nisso, é uma coisa impossível. Enquanto o senhor morar em casa de meu pai, ele poderá ser-lhe útil, terá o senhor lugar à sua mesa, encontrará nele um amigo generoso, um anfitrião hospitaleiro; mas fale-lhe no que toque o seu nome ou a sua família, e o franco e cordial *udaller* não será mais do que o orgulhoso descendente de um conde norueguês. Pense bem: as suas suspeitas recaíram por um instante sobre Mordaunt Mertoun, e logo ele retirou a amizade a esse jovem que estimava como filho. Ninguém pode ter pretensões a aliar-se à sua família, se não descender de uma raça do Norte, sem mancha e sem nada de censurável.

— E quem me assegura que a minha não está nessas condições?

— Como! Tem alguma razão para supor que descende de alguma família *norse*?

— Já lhe disse — respondeu Cleveland — que a minha família me é inteiramente desconhecida. Passei a minha infância na solidão, numa plantação da ilha de Tartuga, educado por meu pai, que era então bem diferente de como o vi depois. Fomos saqueados pelos Espanhóis e reduzidos a tal extremidade, que meu pai, por desespero e por sede de vingança, tomou as armas e, tornando-se chefe de alguns homens nas mesmas circunstâncias que ele, fez-se o que se chama um pirata, lutou contra os Espanhóis com diversas vicissitudes de boa e má sorte. Por fim, querendo reprimir certo acto de violência dos seus companheiros, pereceu às suas mãos, destino bastante vulgar destes capitães de corsários. Mas de onde veio o meu pai e qual o lugar do seu nascimento, é o que eu ignoro, e nunca experimentei a menor curiosidade de o saber.

— Ao menos, seu desditoso pai era inglês?

— Não o duvido sequer. O seu nome, que eu tornei demasiado formidável para o pronunciar, é inglês, e o conhecimento que ele possuía da língua e mesmo da literatura inglesa, junto com os trabalhos que ele tinha, antes da nossa ruína, para me tornar tão conhecedor como ele nessa matéria, provavam claramente que nascera em Inglaterra. Se o carácter rude de que me revisto, quando a ocasião o exige, não é o meu natural, é a meu pai que o devo, Minna. Foi ele que me transmitiu ideias e princípios que até certo ponto, me podem tornar digno da sua estima e da sua aprovação. E, entretanto, parece-me que por vezes tenho dois caracteres, pois mal posso acreditar que o Cleveland que neste momento passeia nesta costa solitária com a amável Minna Troil, e a quem é permitido falar-lhe da paixão que sente por ela, seja o intrépido chefe desse bando audacioso cujo nome é tão terrível como uma tormenta.

— Não lhe seria permitido falar assim à filha de Magnus Troil, se não fosse o chefe valente e intrépido que, com tão fracos meios, tornou o seu nome tão temível. O meu coração, como o de uma donzela dos tempos antigos, deseja ser conquistado, não com doçuras, mas com acções heróicas.

— Ai, que poderei eu fazer para volver esse coração para os meus interesses como desejaria? — disse Cleveland, suspirando.

— Juntar-se aos seus amigos, seguir o seu rumo e deixar ao Destino o cuidado do resto. Se regressar aqui chefe de uma frota formidável, quem sabe o que poderá acontecer?

— E quem me garante que, no meu regresso, se alguma vez regressar, não encontrarei Minna Troil noiva ou casada? Não, Minna, não confio ao Destino o único objecto digno dos meus desejos que a viagem tempestuosa da minha vida me ofereceu.

— Escute-me, Cleveland: eu comprometo-me, se ousar aceitar este compromisso, por Odin, pelo mais sagrado dos ritos do Norte ainda em uso entre nós, a não desposar outro homem, a não ser que renuncie aos direitos que eu lhe dê. Satisfá-lo isto? Não posso nem quero prometer-lhe outra coisa.

— Não tenho outro remédio senão contentar-me — respondeu Cleveland, após um momento de silêncio — Mas lembre-se de que é Minna quem me obriga a retomar uma vida que as leis inglesas declaram criminosa e que as violentas paixões dos homens que se lhe consagram tornaram infame.

— Estou acima desses preconceitos. Quanto aos seus camaradas, desde que a maneira de eles viverem não corrompa a sua, porque há-de a reputação deles ligar-se à sua?

— Nunca acreditaria que tanta coragem pudesse encontrar-se mesclada com tanta ignorância do Mundo, tal como hoje

existe! — exclamou ele — Quanto a mim, os que me conheciam concordaram em que fiz todos os esforços, com risco da minha popularidade e da minha vida, para amansar a ferocidade dos meus companheiros. Mas, como dar lições de humanidade a pessoas devoradas pela sede de vingança contra aquilo que os proscreeu? Mas essa promessa, Minna, essa promessa é a única recompensa do meu mais fiel afecto que não devo perder tempo para a reclamar.

— Não é aqui; é em Kirkwall que ela deve ser feita. temos que invocar, que tomar por testemunha deste juramento o espírito que preside ao antigo círculo de Stennis' Mas, talvez receie chamar o antigo pai dos que pereceram nos combates, Severo, o Terrível?

Cleveland sorriu.

— Faça-me a justiça de acreditar, querida Minna, que estou disposto a temer tudo o que possa ser causa de um verdadeiro terror; mas, o que não existe senão em imaginação deixa-me impassível.

— Se não acredita, então, andaria melhor em tornar-se o amado de Brenda e não o meu.

— Acredito em tudo o que Minna acredita. Os habitantes de Valhalla, de que a tenho ouvido falar tanta vez com o louco poeta Halcro, eram para mim seres verdadeiros; poderei ser crédulo até esse ponto; mas não me peça que os tema.

— Que os tema? Não é bem isso. Nunca um herói da minha raça intrépida recuou um passo, quando Thor ou Odin lhe apareceram armados de todos os seus terrores. Mas fazendo aqui alarde da sua bravura, pense que desafia um inimigo como ainda não encontrou.

— Desafiei-os, pelo menos, nas latitudes setentrionais — disse Cleveland, a sorrir.

— Viu algumas dessas maravilhas que estão para além do mundo visível? — indagou Minna, não sem uma sensação de terror.

— Algum tempo antes da morte de meu pai, obtive, a despeito de muito jovem então, o comando de uma corveta tripulada por trinta homens dos mais resolutos. Por muito tempo fizemos cruzeiros sem êxito, não apresando senão míseros barcos de pesca da tartaruga, cuja carga não valia a pena transferir de bordo. Tive muita dificuldade em impedir os meus camaradas de se vingarem da nossa sorte na tripulação dessas pequenas embarcações. Por fim, acossados pelo desespero, desembarcámos e atacámos uma cidade onde nos tinham dito que encontraríamos mulas carregadas de ouro pertencente ao governador espanhol. Conseguimos apoderar-nos da praça; mas, enquanto me esforçava por salvar os habitantes da fúria da minha gente, os arreeiros, as mulas e a sua carga preciosa escaparam-se para os bosques. Isto excedeu a medida do *descontentamento*. Os meus companheiros, que nunca tinham sido muito submissos, revoltaram-se abertamente; reuniram-se em assembleia, decretaram a minha destruição e, por ter muito pouca alegria e demasiada humanidade para a profissão que abraçara, condenaram-me a ser abandonado numa daquelas pequenas ilhas de denso matagal e arenosas que são apenas frequentadas por tartarugas e aves marinhas, e que se supõem habitadas umas pelos demónios que os antigos habitantes adoravam, outras pelos espíritos dos caciques que os Espanhóis mataram por meio de tortura para os obrigar a entregar-lhes os tesouros, outras, enfim, por vários espectros em que os marinheiros de todas as *nações* acreditam. O lugar do meu desterro, chamado Koffin'Key, cerca de duas léguas e meia a sudoeste das Bermudas, tinha tal reputação de ser infestado por entes sobrenaturais, que eu suponho que nem todos os tesouros do México chegariam para convencer o mais valente dos patifes que me conduziram, ali passar uma hora, mesmo em pleno dia. Depois de me deporem em terra, afastaram-se a remar com toda a força, sem se atreverem a volver um olhar para trás, deixando-me o cuidado de prover à minha subsistência como pudesse, numa ilha arenosa e estéril, cercada pelo vasto Atlântico e habitada, como eles supu nham, por espíritos malignos.

— E qual foi o resultado? — perguntou Minna.

— Prolonguei os dias da minha vida a expensas das aves marinhas, bastante néscias para me deixarem aproximar delas para as matar à cacetada; depois, por meio de ovos de tartaruga, quando aqueles pobres habitantes dos ares conheceram melhor as disposições malévolas da espécie humana e levantavam voo mal me viam avançar.

— E os espíritos de que falavam?

— Eu tinha os meus segretos receios. Em pleno dia e profunda treva, nada receava; mas, de manhã e à tarde; através das neblinas, vi espectros de muitas espécies durante a primeira semana de residência na ilha. Uns, pareciam-se com um espanhol envolto na sua capa, tendo na cabeça *o seu grande sombrero*, tão grande como um guarda-chuva; outros, com um marinheiro

holandês com o seu grande boné e as suas calças; outros ainda, com um cacique indiano com sua coroa de penas e a sua longa lança de cana.

— Aproximou-se deles alguma vez? Nunca lhes falou?

— Aproximei-me sempre; mas tenho pena de enganar a sua expectativa, minha bela amiga; porque, avançando, para o fantasma, vi-o sempre transformar-se numa moita, num tronco de árvore, na ponta de um rochedo, ou em qualquer outro produto da Natureza, que de longe me iludia. Enfim, a experiência ensinou-me a não acreditar mais em semelhantes visões e continuei a viver solitário na ilha de Coffin'Key, sem ter mais alarmes do que se estivesse na ponte de um barco de alto bordo com uma vintena de companheiros à minha volta.

— Diverte-se à minha custa, Cleveland, contando-me uma história que não conduz a coisa nenhuma. Mas, quantt tempo permaneceu nessa ilha?

— Arrastei ali, durante um mês, uma existência miserável. Por fim, fui salvo pela tripulação de um navio que ali fundeara para procurar tartarugas. Entretanto, aquele retiro não me foi de todo inútil. Foi lá, naquele solo estéril e arenoso, que eu encontrei a *máscara de ferro* que tem sido desde então a minha garantia contra a traição e o motim das tripulações. Foi lá que resolvi parecer não possuir nem mais sensibilidade nem mais cultura, não ser nem mais humano nem mais escrupuloso do que aqueles a quem o Destino me associou. Prometi então a mim próprio, visto não poder despojar-me da superioridade que me davam a inteligência e a educação recebida, fazer possível por disfarçá-las e não mostrar senão um exterior grosseiro, sem mescla de sentimentos ou de princípios civilizados. Numa palavra, vi que, para chegar ao comando, era preciso parecer-me, pelo menos no aspecto, com aqueles que me estariam sujeitos. A notícia da morte de meu pai, quando a recebi, ateando-me o desejo de vingança, mais me confirmou nesta minha resolução. A natureza e a justiça incitavam-me ambas a vingá-lo, visto que soçobrara por motivos idênticos aos do meu desterro. Em breve estava à frente de novo bando de aventureiros. Não procurei os que me tinham condenado a perecer numa ilha deserta, não pensei senão em apanhar os assassinos de meu pai. Consegui-o, e a minha vingança foi terrível. A partir de então pareci tão mudado nas minhas maneiras, nas minhas palavras e no meu procedimento, que aqueles que me tinham conhecido outrora estavam dispostos a atribuir a causa ao trato que tivera com os demónios de CoffinKey. Alguns eram mesmo suficientemente supersticiosos para crer que eu fizera pacto com eles.

— Tremo de ouvir o resto! — exclamou Minna — *Tornou-se o monstro de coragem e de crueldade de que usa a máscara?*

— Se escapei a esse destino, a si o devo, querida Minna. Foi você que operou o milagre. É certo que sempre procurei distinguir-me mais pelos actos do mais intrépido valor que pelos projectos de vingança ou de pilhagem; algumas vezes, salvava, por divertimento grosseiro, uma vida que devia ser sacrificada; e, pela crueldade excessiva das medidas que propunha, eu levava alguns que serviam debaixo das minhas ordens a interceder em favor dos prisioneiros, de maneira que a severidade aparente do meu carácter servia melhor a humanidade do que se me devotasse abertamente à sua causa.

Quedaram ambos em silêncio por instantes. Foi Cleveland quem o rompeu de novo.

— Não diz nada, miss Troil? Decai no seu conceito pela franqueza com que desvendei o meu carácter. Não posso, contudo, dizer que as minhas inclinações naturais foram mais contrariadas do que modificadas pelas circunstâncias funestas que me conduziram à situação em que me encontro.

— Não sei — respondeu Minna, após um momento de reflexão — Mas, mostrar-se-ia o senhor sincero, se não soubesse que em breve eu poderia ver os seus camaradas, e que a sua conversação e as suas maneiras me diriam o que, sem esta razão, de boa vontade me ocultaria?

— É injusta, Minna, cruelmente injusta. Desde o momento em que soube que eu era um marinheiro de acaso, um aventureiro, um corsário, um PIRATA, se é preciso empregar a palavra, não devia esperar tudo o que eu lhe disse?

— É bem verdade. Eu devia prever isso, e nem sei como podia esperar outra coisa. Mas parecia-me que uma guerra contra os Espanhóis cruéis e supersticiosos tinha qualquer coisa que justificava, que enobrecia a profissão à qual acabava de dar o verdadeiro nome, o seu nome temível. Eu pensava que os guerreiros independentes do Oceano ocidental, erguendo-se de certo modo para vingar tantas tribos saqueadas e massacradas, deviam ter aquela grandeza de alma que mostraram os filhos do Norte, quando, chegando nas suas longas galeras, vingaram em tantas costas as opressões de Roma degenerada. Eis o que eu pensava; era um belo sonho, e lamento acordar para me enganar. No entanto, não o acuso do erro da minha imaginação. Adeus, temos que nos separar agora.

— Diga-me ao menos que não me olha com horror por eu lhe ter dito a verdade.

— Preciso de tempo para reflectir e para bem pensar tudo o que me disse, antes de poder explicar a mim própria quais são os meus sentimentos. Contudo, o que já lhe posso dizer é que aquele que se entrega a uma pilhagem infame à força de crueldade e derramando sangue, e que é obrigado a dissimular os remorsos que experimenta sob a affectação de um banditismo mais profundo, não é, não pode ser o amado que Minna Troil esperava encontrar em Cleveland; e se ela o ama ainda, não é senão por causa do seu arrependimento, e não por causa das suas façanhas.

Assim falando, retirou a mão que ele tentava reter na sua e escapou-se, fazendo-lhe um sinal que o proibia de a seguir.

— Ei-la que parte — disse Cleveland, vendo-a afastar-se — Por mais visionária e por mais bizarra que ela seja, não estava preparada para isto. O nome da arriscada profissão que exerço não a fez tremer e, contudo, ela não esperava o que é a sua natural consequência... Contra o que possam fazer todos os demónios, não abandonarei a pista deste anjo. Irei às Órcades; tenho que lá ir antes que Magnus empreenda a viagem. Apesar de muito limitado o seu espírito poderia alarmar-se ao ver o encontro com os meus companheiros. Aliás, graças ao Céu, neste país selvagem não se conhece a natureza do nosso comércio senão por ouvir dizer. Ah, se a sorte me quisesse favorecer junto desta bela entusiasta, não perseguiria mais a sua roda no seio dos mares, — instalar-me-ia no meio destes rochedos, e achar-me-ia aqui tão feliz como sob os ramos *das* palmeiras e das bananeiras.

Repleta a imaginação destes pensamentos que seus lábios não exprimiam senão por murmúrios indistintos, o pirata Cleveland regressou a Burgh-Westra.

AS FERIDAS MAIS CRUÉIS

Abraçavam-se, apertavam a mão,

E estavam tristes os corações

Porque, após uma boa festa,

Só restavam o adeus e a despedida

Chamei o anfitrião e perguntei

«Quanto devo?» «Nada» — respondeu ela.

LILIPUT, «POEMA»

Não nos deteremos em todos os divertimentos celebrados nesse dia, pois nada ofereciam que pudesse interessar particularmente os leitores. A mesa gemeu, como de costume, sob o peso das iguarias; os convivas fizeram as honras ao repasto com o seu apetite habitual; os homens beberam a largos haustos; as mulheres riram a mais não poder; Claud Halcro recitou versos, fez espírito e teceu, segundo o seu costume, inúmeros elogios a Dryden; o *udaller* ergueu brindes e entoou canções báquicas, exigindo que se repetissem em coro; enfim, a noite terminou, como de costume, no vasto armazém a que Magnus gostava de chamar sala de baile.

Foi aí que Cleveland, aproximando-se do *udaller*, *sentado* entre as duas filhas, lhe anunciou a sua intenção de partir para Kirkwall num pequeno brigue que Bryce Snailsfoot, que vendera a sua mercadoria com uma rapidez sem exemplo, fretara para ir buscar mais.

Magnus, escutando esta decisão súbita com surpresa, e mesmo com algum descontentamento, perguntou a Cleveland num tom um pouco áspero se preferia a companhia de Bryce Snailsfoot à sua. Cleveland respondeu, com a sua rude franqueza de marinheiro, que o vento e a maré não esperavam por ninguém e que tinha razões especiais para ir a Kirkwall mais cedo que o *udaller* desejava; mas esperava vê-lo, bem como às filhas, na grande feira, e possivelmente acompanhá-los-ia no regresso.

Enquanto ele falava, Brenda teve os olhos sempre fixos na irmã. Notou que as faces de Minna empalideciam mais e que parecia cerrar os lábios e franzir ligeiramente os sobrecílios, como se quisesse abafar uma forte comoção. No entanto, Minna conservou-se silenciosa, e quando Cleveland se aproximou dela para a cumprimentar, como era seu costume, recebeu as suas despedidas sem ter coragem de lhe responder.

Aproximava-se o momento em que Brenda também teria que sofrer a sua provação. Mordaunt Mertoun, outrora o favorito de seu pai, apresentava as suas despedidas a Magnus, que as recebeu com a maior frieza e sem lhe conceder sequer um olhar de amizade. Havia mesmo um tom sarcástico na maneira como lhe desejou boa viagem e lhe recomendou, se acaso encontrasse alguma rapariga bonita pelo caminho, que não a supusesse apaixonada *só* por ela se rir com ele alguns instantes. Mordaunt corou ao ouvir este arrazoado, que lhe pareceu um insulto, embora não o compreendesse inteiramente; mas, pensando em Brenda, guardou o seu ressentimento. Despediu-se das duas irmãs.

Minna, cujo coração se inclinara consideravelmente em seu favor, recebeu-o com certo interesse; mas o que Brenda lhe dispensou era tão evidente pela maneira como o acolheu e pelas lágrimas que lhe encheram os olhos, que o próprio *udaller* o notou, exclamando com um pouco de bom humor:

— É muito natural, minha filha! Trata-se de um conhecimento antigo. Mas lembra-te de que esse conhecimento acabou. É essa a minha vontade.

Mordaunt, que saía a passo lento, ouviu parte desta reprimenda e, sentindo-se ferido, voltou-se para pedir uma explicação. Mas fraquejou na sua resolução ao ver que Brenda se vira obrigada a recorrer ao seu lenço para ocultar a comoção; a ideia de que a sua partida era a causa da sua aflição apagou-lhe da memória as palavras desagradáveis que Magnus acabava de pronunciar. Retirou-se. Os outros convivas seguiram o exemplo, e a maior parte destes fez as suas despedidas à noite, como Mordaunt e Cleveland, a fim de se poderem meter a caminho no dia seguinte muito cedo.

Essa noite, cada uma das irmãs tinha os seus desgostos. Choraram nos braços uma da outra; e, sem palavras, sentiram que se amavam mais do que nunca, porque sabiam que a dor que fazia correr as suas lágrimas tinha a mesma origem em ambas.

É provável que, a despeito do pranto abundante de Brenda, o desgosto de Minna fosse mais profundo, porque, muito tempo depois da mais jovem ter adormecido, como uma criança, com a cabeça apoiada no seio de Minna, esta ainda velava, e as lágrimas corriam-lhe lentamente pelas faces. Quando se entregava aos seus dolorosos pensamentos, surpreenderam-na sons harmoniosos debaixo da sua janela.

Supôs primeiro que fosse um capricho de Halcro, cujo espírito extravagante se permitia algumas vezes semelhantes serenatas; mas o instrumento que ela ouvia não era o gue do velho trovador; era uma guitarra e ninguém a tocava na ilha senão Cleveland, que, tendo vivido por vezes com os espanhóis da América meridional, a sabia dedilhar com verdadeiro talento. Talvez fosse nesse mesmo clima que aprendera a canção que cantava sob a janela de uma filha de Tule.

A voz de Cleveland era bela, sonora e extensa. Ajustava-se admiravelmente à ária espanhola que cantava. Minna não teria resistido ao seu apelo, se pudesse levantar-se sem despertar a irmã. Mas isso era impossível, porque Brenda, que, como dissemos, vertera lágrimas amargas antes de ceder ao sono, passava o braço em volta dela, na atitude de uma criança que acaba de adormecer chorando no seio da ama.

Minna não podia, pois, desembaraçar-se sem acordar Sua irmã. Tinha que renunciar ao desejo de vestir um roupão à pressa e abrir a janela para falar a Cleveland, ali trazido talvez pela vontade de ter com ela uma última entrevista.

Minna foi obrigada a permanecer imóvel e silenciosa. Entretanto, o seu amado, como se tentasse enternecê-la por meio de uma música de outro género, começou a cantar estes versos:

Adeus! A voz que acabas *de* escutar,

Pela última vez suspira um canto de amor.

O grito de guerra, agora, vai soar.

Depende de uma palavra o sinal do combate.

Adeus esperança vã! Adeus, felicidade!

Nada há que temer, nem que desejar.

Adeus, doces laços que julguei atar;

Tudo perco, *menos* a constância e a saudade.

Calou-se, e aquela a quem dirigia os seus cantos tentou ainda levantar-se sem despertar a irmã, mas sempre em vão. Parecia-lhe impossível. Restava-lhe apenas pensar dolorosamente que Cleveland se retiraria desolado por não ter obtido dela uma só palavra. Se ela conseguisse ao menos um instante para dizer-lhe adeus; para recomendar-lhe que não provocasse novos conflitos com Mordaunt; para lhe suplicar que abandonasse camaradas como aqueles de que traçara o retrato!

Talvez tais súplicas, tais avisos, no momento da sua partida, pudessem produzir nele alguma impressão e mesmo exercer influência no resto da sua vida.

Atormentada por estes pensamentos, Minna ia arriscar um derradeiro esforço, quando ouviu debaixo da janela vozes em que julgou reconhecer Cleveland e Mordaunt. Falavam com vivacidade, mas como se tivessem medo de ser ouvidos. O seu alarme juntou-se ao desejo que ela já tinha de levantar-se, e, não cuidando de mais nada, fez o que já tanta vez tentara inutilmente, e afastou o braço da irmã, sem lhe perturbar o sono. Brenda pronunciou algumas palavras sem nexos, ou antes, fez ouvir uma espécie de murmúrio ininteligível, mas não acordou.

Entretanto, Minna envolveu-se à pressa num roupão com intenção de abrir logo a janela, quando percebeu que a conversa se transformara num conflito: das palavras passara-se à agressão, e tudo terminou num profundo gemido.

Aterrada por este último sintoma que anunciava uma desgraça, Minna correu para a janela e esforçou-se por abri-la,

porque as pessoas que ela desejava ver estavam tão perto da parede, que só abrindo a vidraça e debruçando a *cabeça* as poderia distinguir. Ora, o fecho estava enferrujado, e a pressa com que ela o queria abrir tornava, como geralmente sucede, a operação ainda mais difícil. Quando o conseguiu, por fim, e debruçou meio corpo fora da janela, aqueles que lhe tinham causado tantos alarmes já não estavam visíveis. Contudo, o luar permitiu-lhe ver uma sombra, e o corpo que a projectava devia nesse momento ter dado volta à esquina. Essa sombra, que avançava lentamente, parecia a de um homem que levasse a de um outro às costas, circunstância que aumentou a angústia de Minna. Não hesitou em descer pela janela, felizmente muito baixa, para se lançar em perseguição daqueles que lhe causavam tanto terror. Mas, quando chegou à esquina do edificio, de onde a *sombra* lhe pareceu projectar-se, nada descobriu que pudesse indicar o caminho daqueles que procurava. Independentemente das múltiplas esquinas desta casa antiga, além dos celeiros, das cavalariças, dos estábulos, das estufas e das construções de toda a espécie, distribuídos por aqui e por acolá, sem plano nem ordem, opunham obstáculos irremovíveis às suas pesquisas o jardim, ladeado até a baía por uma cadeia de pequenos rochedos, continuação das rochas mais elevadas da costa. Muitos destes rochedos estavam separados por minúsculos desfiladeiros, com grande número de cavernas e aberturas; e o corpo a quem pertencia aquela sombra pudera refugiar-se aí com o seu fardo funesto, pois tudo levava a filha de Magnus a crer que lhe poderia dar este epíteto. Um momento de reflexão persuadiu Minna de que cometeria uma loucura se continuasse a perseguição. O seu segundo pensamento foi o de dar alarme na casa; mas, que versão seria obrigada a fazer e quem iria ela acusar? No entanto, talvez ainda fosse possível socorrer o ferido, se ele estivesse apenas ferido e não mortalmente. Esta reflexão decidiu-a, e já ia elevar a voz quando ouviu a de Claud Halcro, que parecia regressar da baía e que cantava um trecho de uma canção *norse*.

Os versos que cantava pareceram-lhe ter uma estranha relação com o que acabara de presenciar.

— Não direi nada do que vi — disse ela, falando consigo a meia voz.

— Quem está a falar? — exclamou Claud Halcro, num tom que denunciava um certo alarme, pois, nas suas viagens pelos países estrangeiros não conseguira desembaraçar-se inteiramente das superstições da sua terra natal.

No estado a que o medo e o horror a tinham reduzido Minna não se sentiu logo capaz de responder, e os olhos de Halcro, descobrindo o vulto de uma mulher vestida de branco, que ele distinguia de uma maneira vaga na sombra da casa que a envolvia e a transformava numa névoa sombria, empregou, para esconjurar o perigo, antigos versos *norses* numa combinação de sons que pareciam pertencer aos habitantes do outro mundo e de que não pode dar senão uma pálida ideia a versão seguinte:

Por São Magnus, mártir por traição,

Por São Ronan, com rima e com razão,

Retira-te, a minha voz te esconjura.

Vai-te já para longe, para o teu caixão

Até que do céu desça o juízo final

E decrete a tua pena ou o teu perdão.

Parte em nome da Cruz! Vai-te embora.

— Sou eu, Halcro — respondeu Minna, num tom tão baixo, numa voz tão fraca, que o poeta podia acreditar que era o fantasma que ele acabava de esconjurar quem lhe respondia

— Minna! — exclamou Halcro, cujo alarme se transformou em surpresa — Minna, aqui, com este débil luar, que está quase a desaparecer?! Mas é bem ela! Quem o havia de esperar, minha encantadora Noite, encontrá-la assim errante no seu tenebroso reino? Mas suponho que os viu tão bem como eu? Pode dizer-se que não lhe falta coragem, visto que também os seguiu.

— Quem? Segui quem? — indagou Minna, esperando obter algum esclarecimento sobre o que lhe causava tanta inquietação e receio.

— Os círios fúnebres que dançavam na baía — respondeu Halcro — Garanto-lhe que não pressagiam nada de bom. Fui

até à baía para os ver, mas tinham desaparecido. Julgo, no entanto, ter visto um barco fazer-se ao largo, decerto algum pescador que ia para o mar-alto. Gostaria de receber boas notícias acerca dos que partiram. Mas, Norna deixou-nos tão bruscamente, e depois estes círios fúnebres... Ao menos, que Deus vele por nós! Eu sou um velho, e não posso fazer senão votos por que não suceda alguma desgraça. Mas, minha encantadora Minna, lágrimas nos seus olhos? E agora, que a lua a ilumina, vejo que está descalça! Valha-nos São Magnus! Acaso não haverá nas nossas ilhas meias de lã bastante fina e bastante macia para esses lindos pés que parecem tão brancos como o luar? Ah, bem! Cala-se, a minha tagarelice fê-la zangar, provavelmente?

— Não estou zangada — respondeu Minna, falando com esforço — Mas não ouviu nada? Não viu nada? Eles devem ter passado por si.

— *Eles!* — repetiu Halcro — Que entende por *eles*? Refere-se aos círios funerários? Não, não passaram por mim; mas acredito que tivessem passado junto de si; que exercem em si a sua influência funesta, porque está pálida como um espectro. Vamos, vamos, Minna — ajuntou ele, abrindo uma porta lateral da casa — estes passeios ao luar são mais próprios de um velho poeta que de uma jovem tão ligeiramente vestida como você está! Minha filha, tenha cuidado de não se expor ao relento da noite nestas ilhas, porque ele traz nas suas asas mais neve e mais chuva do que perfumes. Vamos, menina, entre; porque, como dizia o glorioso Dryden, ou como não dizia, pois não consigo recordar-me daqueles seus versos que...

Minna interrompeu-o para lhe fazer vivamente uma Pergunta, embora numa voz apenas articulada, apoiando ao mesmo tempo a mão no braço do poeta, num movimento convulsivo, como se tivesse medo de cair.

Viu alguém no barco que acaba de sair para o largo?

— Que pergunta! Como havia eu de poder ver, quando a luz e a distância só me permitiam distinguir que era um barco e não uma baleia?

— Mas devia haver alguém nesse barco! — ajuntou Minna, mal se apercebendo do que dizia.

— Parece-me que sim, porque é raro um barco avançar contra o vento por sua alta recreação. Vamos, tudo isso não passa de uma loucura; portanto, como diz a Rainha numa antiga peça que o engenhoso William Davenaut repôs em cena: «Para a cama! Para a cama! Para a cama!

Separaram-se, e Minna, coração despedaçado pela inquietação, arrastou-se com dificuldade, depois de ter percorrido vários corredores, até ao seu quarto, onde se deitou com precaução junto de sua irmã, que dormia ainda.

Que ouvira Cleveland, tinha ela a certeza; os versos que ele cantara não lhe deixavam a menor dúvida a esse respeito. Se não estava tão segura de ter reconhecido a voz do jovem Mertoun discutindo acaloradamente com o seu amado, a impressão que recebera aproximava-se muito de uma certeza. O gemido terrível com que a luta parecia ter terminado, a sombra que parecia indicar-lhe que o -vencedor se retirava carregado com o corpo da vítima, tudo tendia a demonstrar que um acontecimento fatal pusera termo ao combate. E qual dos infelizes teria sucumbido? Qual teria logrado uma fatal e sangrenta vitória? Contudo, no meio de todas as suas incertezas, atendendo ao carácter, aos costumes e aos modos de Cleveland, parecia-lhe, embora não ousasse confessá-lo, que fora ele quem saíra vitorioso daquele conflito. Esta reflexão foi para ela motivo de consolação involuntária, do que ela amargamente se censurou, ao pensar que o crime que Cleveland acabava de cometer destruíra para sempre em Brenda toda a esperança de felicidade.

— Irmã inocente! Desgraçada irmã! — pensou ela — Tu vales cem vezes mais do que eu, porque as tuas virtudes não te inspiram nem presunção nem orgulho. Como é possível que eu tenha por um instante deixado de sentir a dor de uma ferida que não pode fechar-se no meu coração sem se abrir no teu!

Quando estes pensamentos cruéis agitavam o seu rito, ela não pôde resistir a estreitar ternamente a irmã contra o seio, e Brenda despertou soltando um profundo suspiro.)

— És tu, querida irmã? — exclamou ela — Estava a sonhar que me encontrava num desses tristes monumentos de que Halcro nos falou, e nos quais está esculpida a efigie do ente que eles cobrem. Parecia-me que uma dessas estátuas de mármore estava deitada junto de mim, e que animando-se de repente me apertava contra o seio gelado. E é o teu seio, Minna! De onde vem este frio tão grande? Com certeza que estás doente, minha querida irmã; deixa-me levantar, para chamar Euphane Fea. Que tens tu? Norna voltou cá?

— Não chames ninguém — disse Minna, retendo-a — Os meus sofrimentos não são de natureza a alguém poder aliviá-los. Tenho medo de que tenha sucedido algum mal maior do que todos os que Norna poderia predizer. Mas Deus é todo-poderoso, minha querida Brenda; dirijamo-nos a Ele; supliquemos-lhe que mude em bens todos os nossos males, porque só ele tem poder para isso.

Fizeram juntas uma prece pedindo ao Céu a sua protecção e a força de que necessitavam, e, ao terminarem, tentaram adormecer.

— Que Deus seja connosco! — disseram elas, dedicando assim ao Céu as suas últimas palavras, visto que a fragilidade humana não lhes permitia ter mão nos seus últimos pensamentos. Brenda foi a primeira a adormecer, e Minna, abafando um pouco os seus negros pressentimentos, foi bastante feliz por poder fazer o mesmo.

O temporal que Halcro receava começou ao romper do dia: era uma borrasca acompanhada de chuva e vento, como as que muitas vezes se sofrem nesta latitude, mesmo durante a mais bela estação do ano. O silvo do vento e o ruído da chuva caindo com violência nos telhados dos pescadores, despertaram *as* pobres mulheres, que, chamando os filhos, os aconselharam a erguer ao Céu as mãos inocentes e todos dirigiram a Deus fervorosas preces a suplicar protecção para os maridos e os pais, então à mercê dos elementos em fúria. Em Burgh-Westra, o vento assobiava em todas as chaminés e abalava todas as janelas. No entanto, as duas filhas de Magnus continuavam a dormir tão tranquilamente como se a mão de Chantrey as tivesse feito de mármore de Carrara. O furacão amainou, por fim, e os raios do Sol, dissipando as nuvens que o vento impelia para mar-alto, brilhavam através da vidraça, quando Minna acordou primeiro do sono profundo que o esgotamentr das suas forças lhe proporcionara. Apoiando-se num braço começou a recordar os acontecimentos da véspera, que depois do repouso que acabava de fazer, lhe pareciam visões enganosas da noite.

— Tenho que me encontrar com Claud Halcro imediatamente — disse ela, saltando do leito.

Mas, mal dava uns passos no quarto, sua irmã, acordando, exclamou:

— Santo Deus, Minna, que te aconteceu? Olha para os teus pés!

Minna baixou o olhar e viu, com uma surpresa que logo se transformou em consternação, que os seus pés estavam cheios de manchas que pareciam de sangue recente.

Sem pensar em responder a Brenda, correu à janela e lançou um olhar de desespero à relva que crescia em baixo. Mas as torrentes de chuva que as nuvens e sobretudo as goteiras do telhado tinham lançado fizeram desaparecer todos os vestígios do crime, se crime existiu. A erva brilhava de frescura e cada haste, carregada de uma gota de orvalho, parecia um diamante exposto aos raios da manhã.

Enquanto Minna, num ar grave, fixava este espectáculo com olhos assustados, Brenda chegava junto dela, e insistia vivamente por que lhe dissesse onde, quando e como *se* tinha ferido.

— Foi um pedaço de vidro que me cortou o sapato — respondeu Minna, procurando uma desculpa que satisfizesse sua irmã — Nem me apercebi no momento.

— E no entanto, vê como sangraste — replicou Brenda — Minha querida Minna — acrescentou ela, aproximando-se com uma toalha molhada — deixa-me limpar o sangue; a ferida talvez tenha mais importância do que julgas.

Preparava-se para juntar a acção às palavras; Mas Minna, não encontrando outro meio de impedir que se descobrisse que o sangue nunca corra das suas veias, repeliu-a com ar de impaciência e descontentamento. A pobre Brenda, não sabendo em que poderia ter ofendido a irmã, recuou alguns passos ao ver a oferta dos seus serviços tão asperamente rejeitada.

— Minha irmã — disse ela — eu supunha que nos tínhamos reconciliado ontem à noite e que, sucedesse o que sucedesse, amar-nos-íamos sempre...

— Pode suceder muita coisa entre a noite e a manhã — respondeu Minna. E estas palavras eram mais fruto da situação do que a verdadeira expressão do seu pensamento.

— Sim, realmente — replicou Brenda — pode suceder muita coisa numa noite tão tempestuosa. Olha, o vento derrubou o muro que cercava a horta de Euphane. Mas nem o vento, nem a chuva, nem nada no Mundo pode arrefecer a nossa afeição,

Minna.

— Mas — disse Minna — podem sobrevir acontecimentos que a transformem em...

O resto da frase foi murmurado num tom tão baixo e tão pouco perceptível, que era impossível ouvi-lo; e, ao mesmo tempo, ela limpava as manchas de sangue que lhe cobriam os pés e o calcanhar esquerdo. Brenda, sempre de pé, a olhá-la a certa distância, tentou em vão tomar um tom que pudesse restabelecer a confiança e a amizade.

— Tinhas razão, Minna, em não querer que eu te ajudasse a pensar uma ligeira arranhadura — disse ela — Daqui, de onde estou, mal se vê.

— As feridas mais cruéis — respondeu Minna — são as que não aparecem no exterior. Tens a certeza de que a vês?

— Decerto — disse Brenda, julgando que esta resposta satisfaria sua irmã — Vejo um pequena arranhão. Ah! Agora, como puxaste a meia, já não posso ver mais nada.

— A verdade é que não vês nada — replicou Minna, num ar desvairado — Mas, paciência, com o tempo tudo *se* verá, tudo se saberá, sim, tudo.

Enquanto assim falava, acabava de vestir-se à pressa e em seguida desceu com sua irmã à sala, onde os hóspedes já estavam reunidos para almoçar. Ocupou o seu lugar habitual à mesa, mas tinha o rosto tão pálido e um aspecto tão desorientado, as suas falas eram tão incoerentes e tão estranhas as suas maneiras, que atraiu as atenções sobre ela e causou a seu pai vivas inquietações. Cada um fez as suas conjecturas sobre o estado em que a via, mais consequência moral do que sofrimento físico.

Depois, todos *os* hóspedes de Magnus foram partindo sucessivamente, sem que ele lhes prestasse grande atenção, porque estava de tal maneira preocupado com Minna, que, contra o seu costume, quase nem pensou em cumprimentá-los. Foi assim, no meio da inquietação e do desgosto, que terminou esse ano a celebrada festa de São João Baptista em Burgh-Westra; o que prova a verdade do que dizia o imperador da Etiópia: um homem pode, em boa razão contar os dias que destina à felicidade.

O ESTRATAGEMA DA VELHA SERVA

Do mal que a deve atormentar

Não busques causa natural,

É decerto em seu coração

Que está o mal desta donzela.

Feiticeiro ou espírito maligno

Em seu seio lançaram a turbação

SPENCER

«A RAINHA DAS FADAS», Livro III, Canto 3

Passara, havia muitos dias, o prazo em que Mordaunt prometera regressar a casa de seu pai. Esta demora, noutros tempos, não teria causado a menor surpresa nem provocado qualquer inquietação, porque a velha Swertha, que se encarregava de pensar e de fazer conjecturas pelos outros habitantes da casa, teria concluído que ele ficara em Burgh-Westra mais tempo que os outros hóspedes, para tomar parte em algum divertimento. Mas ela sabia que nos últimos tempos Mordaunt perdera as boas-graças de Magnus Troil e que, aliás, ele tencionava demorar-se muito pouco em casa do *udaller*, devido ao mau estado de saúde de seu pai, por quem tinha grande cuidado, a despeito do pouco incitamento que dele recebia o seu amor filial. Esta dupla circunstância fez nascer inquietações no espírito de Swertha, que espiava os olhares do seu amo.

Mas Mertoun, mergulhado numa sombria indiferença não oferecia à observação senão uma face impenetrável, e poderia comparar-se à superfície de um lago numa noite sem estrelas. Os seus estudos, as suas refeições solitárias, os seus passeios aos lugares desertos e afastados sucediam-se invariavelmente, e a ausência de Mordaunt não parecia ocupar um único dos seus pensamentos.

Por fim, tantos boatos, partindo de vários lados, chegaram aos ouvidos de Swertha, que se lhe tornou impossível ocultar a agitação que a atormentava, e, correndo o risco de provocar o furor do seu amo, e talvez mesmo o de perder o lugar que ocupava naquela casa, resolveu forçá-lo a prestar atenção às suas inquietações. Contudo, prometeu a si própria conduzir-se com a prudência e a circunspecção que o caso requeria.

A fim de realizar os seus desígnios, ao pôr a mesa para o jantar simples e solitário do senhor Mertoun, ela colocou dois talheres, e fez todos os preparativos necessários como se esperasse outro conviva.

Este stratagem deu resultado, porque Mertoun, vendo mais um talher na mesa, perguntou a Swertha se Murdaunt já regressara de Burgh-Westra. Era precisamente esta pergunta que Swertha desejava, respondeu num tom de inquietação e de tristeza meio afectado, meio real:

— Não, não! Nada que se pareça com isso! Seria uma óptima novidade essa do senhor Mordaunt ter regressado são e salvo, pobre mancebo!

— Se ainda não voltou, para que lhe puseste talher, velha louca? — exclamou seu amo, num tom que bem chegaria para lhe transtornar os planos.

Mas ela replicou ousadamente que era bem preciso que alguém pensasse no senhor Mordaunt; que tudo o que ela podia fazer era ter uma cadeira e uma toalha prontas para quando ele chegasse; mas que ela supunha que o pobre moço estaria bastante longe e que, se fosse a dizer tudo o que pensava, temia que ele nunca mais voltasse.

— Temias que não voltasse! — exclamou Mertoun, com os olhos incendiados, como nos momentos em que se deixava empolgar pelos acessos da sua cólera irresistível — Medo! É a mim que vens falar dos teus medos, dos teus estúpidos receios, a mim que sei que tudo o que não é loucura, estupidez, egoísmo e vaidade no teu sexo, e fumo, receios pueris e

inquietações frívolas! E que me importam os teus receios, velha doida?

O que não se aprecia devidamente nas mulheres é que, quando elas vêm violar as leis da afeição natural, todo o sexo corre às armas; que basta o simples boato difundido numa rua de que um pai maltratou um filho ou um filho insultou seu pai, para todas as mulheres que o ouviram tomarem partido pela parte sofredora. Swertha, apesar de avarenta e interesseira, não era alheia a esse generoso sentimento que tanto honra o seu sexo.

— Evidentemente — disse ela — que não devia ser eu a alimentar receios pelo meu amo senhor Mordaunt, embora seja bem verdade que é ele a jóia do meu coração mas outro pai que não fosse Vossa Senhoria já teria feito pesquisas para encontrar o pobre rapaz, visto que ele partiu há oito dias de Burgh-Westra e ninguém é capaz de dizer o que lhe sucedeu. Não há criança na aldeia que não chore por ele, porque era quem fazia os seus barquinhos a canivete; e se lhe aconteceu alguma desgraça, não ficarão dois olhos enxutos em toda a paróquia, a não ser que sejam os de Vossa Senhoria.

Mertoun foi surpreendido pela insolente volubilidade da sua governanta, que se insurgia contra ele, e o seu espanto até o reduziu ao silêncio. Mas, a este último sarcasmo, ordenou-lhe que se calasse, num tom irritado, e acompanhou esta ordem com um dos olhares mais terríveis das suas pupilas negras. Mas Swertha, que, como ela disse depois ao *ranzelman*, se sentiu escudada por uma força sobrenatural durante toda esta cena, e, não se deixando intimidar pela voz exaltada nem pelo olhar furioso do patrão, continuou a falar-lhe no mesmo tom:

— Vossa Senhoria fez tanto barulho só porque uns pobres de Cristo apanharam na costa alguns tonéis e caixas que não serviam a ninguém, e agora que o mais garboso rapaz da região desapareceu, que se dissipou, pode dizer-se, o senhor nem sequer pergunta o que lhe teria acontecido.

— E que queres tu que lhe tenha acontecido, velha louca? É bem verdade que nas loucuras em que ele passa o tempo nada de bom lhe pode suceder.

Falando assim, o tom de Mertoun denunciava mais insensatez do que cólera, e Swertha resolveu não o deixar recompor-se.

— É bem verdade que sou uma velha louca, concordo; mas se, por desgraça, o senhor Mordaunt estiver no fundo do *roost*, pois mais de um barco naufragou durante o temporal de há dias; ou se ele se afogou num lago, se lhe escorregou um pé em algum rochedo, quem será então o velho louco? Que Deus proteja o pobre pequeno que não tem mãe! — ajuntou ela, num tom patético — Se o senhor Mordaunt tivesse mãe, não teria esperado tanto tempo para o procurar por toda a parte!

Este último remoque produziu em Mertoun um efeito terrível. Os seus lábios tremeram, as suas faces empalideceram, e ordenou a Swertha que entrasse no seu gabinete, onde ela raramente tinha licença de pôr os pés, e que lhe fosse buscar uma garrafa cujo lugar lhe indicou.

— Oh! Oh! — pensou ela, apressando-se a executar a ordem — Parece que o meu amo sabe, em caso de necessidade, compensar-se de toda a água que engole.

Encontrou no gabinete uma pequena caixa que continha algumas garrafas, cobertas de poeira e teias de aranha. A muito custo, conseguiu desrolhar uma com o auxílio de um garfo, pois não existia um único saca-rolhas em Jarlshof; depois de se certificar, pelo cheiro e pelo gosto, de que não continha água das Barbadas, levou-a para a sala de jantar, onde seu amo lutava contra uma fraqueza que não podia vencer. Verteu uma dose moderada no primeiro copo que encontrou, julgando prudentemente que essa pequena porção bastaria para produzir grande efeito num homem tão pouco habituado ao uso de bebidas espirituosas. Mas Mertoun, num ar impaciente, fez-lhe sinal de que poderia enchê-lo, o que ela executou, ficando muito surpreendida de o ver esvaziar tudo de um trago.

«Que todos os santos do Paraíso nos acudam! — pensou Swertha — Vai ficar mais bêbado do que louco; não poderá escutar ninguém.

Entretanto, as faces de Mertoun retomaram as suas cores, pareceu respirar melhor e não mostrou nenhum sintoma de embriaguez. Pelo contrário, nunca Swertha o ouvira falar de uma maneira tão razoável desde que estava ao seu serviço.

— Swertha — disse ele — hoje tens razão, eu é que não a tenho. Corre imediatamente a casa do *ranzelman* e dize-lhe que venha falar-me sem perda de um instante e que informe do número de barcos e de homens que me pode obter. Quero empregá-los todos nas pesquisas, e serão amplamente recompensados.

A governanta correu ao lugarejo com todo o resto de velocidade que doze lustros lhe deixaram. Ela via, aliás com prazer, que o sentimento a que se abandonara ia encontrar a sua recompensa; mas não queria deixar de ter também o seu lucro. Durante o caminho, ainda antes de que a pudessem ouvir, foi chamando em alta grita Neil Ronaldson, Sweyn Erickson e outros amigos a quem devia interessar na sua missão.

Swertha não tardou muito a desincumbir-se da sua missão e a regular com os remadores do lugar a parte que lhe caberia nos lucros. Regressou logo a Jarlshof, acompanhada de Neil Ronaldson, e não se esqueceu de lhe dar todas as instruções que julgou necessárias, tendo em vista o carácter do seu amo.

— Sobretudo, nunca o faça esperar por uma resposta — recomendou ela — E fale alto e com clareza, como se se tratasse de chamar um barco, porque ele não gosta de dizer duas vezes a mesma coisa. Se ele o interrogar sobre as distâncias, pode dar-lhe as milhas por léguas, porque ele não conhece nada deste país; se ele lhe falar de dinheiro, não se perde nada em pedir-lhe dólares em vez de xelins, visto que ele faz tanto caso disso como de pedras.

Dando assim a sua lição a Neil Ronaldson, introduziu-o na presença do amo. Mas o *ranzelman* sentiu-se confuso ao perceber que não podia seguir o sistema que acabava de se combinar. Quando tentou, exagerando as distâncias e os perigos, fazer subir o aluguer dos barcos e o salário dos homens, pois deviam fazer-se pesquisas no mar e em terra, foi interrompido cerce por Mertoun, que lhe demonstrou conhecer, tão perfeitamente quanto possível, não só todo o interior do país e as distâncias de um lugar a outro, como também as marés, as correntes e tudo o que pudesse relacionar-se com a navegação naqueles mares, apesar de até então ter parecido completamente alheio a estes pormenores. Ronaldson tremeu, pois, quando se abordou a questão do salário a pagar àqueles que se ocupassem daquelas pesquisas, porque era bastante verosímil que Mertoun não estivesse menos informado deste assunto que dos outros, e que soubesse muito bem o que convinha pagar naquelas circunstâncias. Como, no entanto, ele hesitasse ainda entre o receio de pedir demais e o de não exigir o bastante, Mertoun fechou-lhe a boca e pôs fim ao seu embaraço, prometendo-lhe uma recompensa superior ao que ele ousaria pedir, e mesmo uma gratificação extra se lhe trouxessem a feliz notícia de que seu filho estava em segurança.

Quando este ponto importante ficou arrumado, Neil Ronaldson, como homem consciencioso, começou a recapitular com cuidado os diversos locais onde se podia fazer pesquisas sobre o jovem Mordaunt, tanto na ilha Main Land como nas que lhe eram vizinhas, e prometeu que não se esqueceria um único local.

— Mas, apesar de tudo — disse ele — se Vossa Senhoria me permite falar, há uma pessoa aqui perto que, se ousarem interrogá-la e ela quiser responder, poderia dizer sobre o senhor Mordaunt mais do que qualquer outra... Sabe a quem me refiro, Swertha, aquela que estava esta manhã na baía — concluiu ele, lançando um olhar misterioso à governanta, que respondeu meneando a cabeça num ar significativo.

— Que quer dizer com isso? — indagou Mertoun — Explique-me breve e claramente de quem fala?

— O *ranzelman* fala de Norna de Fitful-head — disse Swertha — pois ela foi esta manhã para a igreja de São Ringan tratar de algum assunto que só a ela interessa.

— E que pode ela saber de meu filho? Segundo ouvi dizer, é uma louca, uma mulher que vive de imposturas, que corre o país...

— Se ela corre o país — atalhou Swertha — não é para viver à custa dos outros, porque, além do que ela própria possui, o *fowd* não consentiria que lhe faltasse coisa alguma.

— Mas que relação tem tudo isso com o meu filho?

— Não sei — respondeu Swertha — Mas ela parecia estimar muito o senhor Mordaunt, desde que o viu pela primeira vez, e sempre lhe faz de quando em quando algum presente, isto sem falar na bela cadeia de ouro que ele traz ao pescoço. Há quem diga que foi fabricada por fadas. Eu não conheço o valor do ouro, mas Bryce Snailsfoot afiança que ela vale cem libras esterlinas de Inglaterra; não são nenhuma casca de nozes...

— Ronaldson! — exclamou Mertoun — Vá ou mande alguém chamar essa mulher, se acredita ser possível que ela saiba alguma coisa sobre o meu filho.

— Ela sabe tudo o que acontece nestas ilhas — respondeu o *ranzelman* — antes de que alguém seja informado, e é a verdade de Deus. Mas ir procurá-la à igreja ou ao cemitério ninguém o fará, nem por ouro nem por prata; o que lhe digo ainda

é a verdade de Deus.

— Poltrão supersticioso! — exclamou Mertoun — Swertha, dá-me a minha capa. Essa mulher esteve em Burgh-Westra; é parenta da família Troil; pode saber alguma coisa sobre o motivo da ausência de Mordaunt. Vou eu próprio procurá-la. Está na igreja da Cruz, não foi o que disseram?

— Não é na igreja da Cruz, é na velha igreja de Ringan — respondeu Swertha — Ainda é um bom bocado de caminho, e o local não é dos mais convidativos...

Mertoun nem lhe respondeu. Envolvendo-se na capa, porque caía um nevoeiro muito espesso, e marchando num passo mais rápido do que lhe era habitual, tomou o caminho que conduzia à igreja em ruínas, situada, como ele bem sabia, a três ou quatro milhas de sua casa.

O ranzelman e Swertha seguiram Mertoun com o olhar até o perderem de vista, e depois olharam um para o outro de uma maneira que não auguravam bem àquela diligência.

Swertha lembrou a Neil Ronaldson que precisava de ir à baía para mandar sair os barcos.

— Porque — disse ela — se por um lado estou inquieta por causa do rapaz, por outro, receio que ele chegue antes que tenham partido para o procurar; e se você não executar as suas ordens imediatamente, bem pode dizer adeus ao aluguer dos barcos, está a perceber?

— Bem! Bem! Partiremos o mais cedo possível — respondeu o *ranzelman* — Por felicidade, o barco de Clawson e o de Pedro Grot não saíram para o mar esta manhã, porque, ao dirigirem-se para bordo, passou um coelho pela frente deles; como homens prudentes, voltaram para casa, sabendo que não tinham hoje mais nada a fazer. Verifica-se com espanto, Swertha, que já há poucas pessoas ajuizadas no país. O nosso *udaller* é-o bastante, quando está em seu juízo, mas faz demasiadas viagens no seu barco e na sua pinaça para o conservar por muito tempo; agora, diz-se que a filha, *miss* Minna, não está com o senso todo. Norna sabe mais coisas que ninguém no Mundo, mas não se pode apontar como uma cabeça sã. E este senhor Mertoun! O seu espírito é uma corrente de água debaixo da quilha, não haja dúvidas; e quanto ao filho, é uma verdadeira cabeça de vento. Numa palavra, entre as pessoas de importância, nestas redondezas, há bem poucas, se exceptuarmos eu, evidentemente, e talvez você, Swertha, que não se possam considerar, ou por isto ou por aquilo, verdadeiros doidos.

— Deve ser isso, Neil Ronaldson — replicou Swertha — Mas se você não tratar de ir depressa à baía, perde a maré; e, se o meu amo regressar a tempo de dar o dito por não dito, quem será então o doido?

É INÚTIL FUGIR AO DESTINO

*Gosto destas velhas ruínas
 Renascendo aos olhos dos curiosos, o passado
 Aqui, mostra a cada passo um facto interessante.
 Talvez neste pátio.
 Exposto às clemências do tempo,
 Dos elementos e do povo selvagem,
 Repousem os restos de muito homem piedoso,
 Que, esquecendo sem custo seus parentes,
 Deserdando-os para enriquecer a Igreja,
 Esperasse que seu túmulo
 Por tão alto preço instalado,
 Sob as abóbadas do coro, se quedasse
 Até ao dia do Juízo Final.
 Mas tudo morre, tudo passa neste Mundo.
 As igrejas como as cidades, são como nós,
 Mortais e frágeis.*

WEBSTER «DUQUESA DE MAIfy»

A igreja em ruínas de São Ninian gozara nos seus tempos de uma grande celebridade, porque a superstição, que criara raízes em toda a Europa, não deixara de se estender até este arquipélago tão afastado. As ilhas Setland, no tempo do catolicismo, tinham os seus santos, as suas capelas, as suas relíquias, e, embora os conhecessem pouco no resto do Mundo, eram objectos que recebiam as homenagens e impunham respeito aos habitantes de Tule. Tinham uma devoção muito particular por esta igreja de São Ninian, ou, como lhe chamavam em todo o distrito, de São Ringan. A origem desta devoção supersticiosa provinha de que este edificio estava situado junto do mar e muitas vezes servia de ponto de referência aos pescadores, quando eles estavam no mar, nos seus barcos. A credulidade engendrava tantas cerimónias supersticiosas que o clero reformado achou de seu dever solicitar das instâncias eclesiásticas superiores ordem para proibir que ali se celebrasse o serviço religioso.

Quando, denunciada assim a igreja de São Ringan como um local de idolatria, se cumpriram as formalidades necessárias para lhe anular a consagração e para transferir o culto público para um outro edificio, o chumbo e os vigamentos do tecto foram arrancados, e esta pequena construção gótica, de uma estrutura tão antiga como grosseira, foi abandonada e deixada à mercê dos elementos. O solo neste local assemelhava-se muito ao de Jarlshof; e o furor dos ventos que rugiam, sem topar obstáculo, ao longo deste plaino de areias movediças, depressa encheu a nave e as alas; do lado noroeste, que estava mais exposto ao vento, as areias acumularam-se contra as paredes exteriores até meia altura, e a nudez terrível destas ruínas não variava senão com a vista das trevas a descoberto do telhado e do pequeno campanário que as coroava.

E no entanto, apesar de tão abandonada, a igreja de São Ringan conservava ainda alguns restos das homenagens que lhe prestavam outrora. Os pescadores ignorantes de Dunrossness observavam uma prática de que eles próprios quase tinham

esquecido a origem e da qual o clero protestante se esforçava em vão por desviá-los. Quando os seus barcos se encontravam em grande perigo, era uso comum entre eles fazer uma promessa a São Ringan, e, quando o perigo passava, não deixavam de cumprir a promessa, indo sozinhos e secretamente à antiga igreja. Aí, descalçando os sapatos e as meias à entrada do cemitério, davam três voltas às ruínas, tendo o cuidado de seguir sempre o curso do Sol. Terminada a terceira volta, a pessoa que fizera a promessa lançava a sua oferenda, geralmente dinheiro, por entre os varões de uma janela gradeada de uma das alas, depois do que se retirava, tendo a precaução de não olhar para trás antes de se encontrar fora da cerca do que outrora fora um terreno sagrado, porque se julgava que o esqueleto do santo recebia a oferenda na sua mão descarnada e mostrava à janela a sua pavorosa cabeça de morto.

Foi a este lugar, outrora consagrado ao culto e tornado deserto, que se dirigiu Mertoun, embora sem qualquer dos sentimentos religiosos ou supersticiosos com os quais geralmente outros se aproximavam da igreja de São Ringan. Chegando perto da pequena baía, a pouca distância, achavam-se as ruínas. Ele deteve-se um momento e não pôde deixar de reconhecer que aquele local, tão propício a produzir uma viva impressão no pensamento, fora criteriosamente escolhido para nele se consagrar um edificio à religião. Estava colocado em frente do mar, pelo qual dois promontórios, rochedos negros e lúgubres, avançavam as duas extremidades gigantescas pela baía. No dia em que este cenário se apresentava aos olhos de Mertoun, o céu entre esses dois promontórios, estava coberto de nuvens espessas, amontoadas em tão grande número que a vista não podia passar além. O terreno que, a partir da costa se elevava gradualmente até uma altura considerável, não permitia ver o interior da região e parecia destinado a uma eterna esterilidade. Via-se vegetar um ou outro tipo de erva enfezada e aquela espécie de junco que crescia nas terras arenosas. Numa colina situada em frente da baía e que não ficava tão longe do mar que não houvesse que recear as vagas, erguiam-se as ruínas meio enterradas na areia que já descrevemos, rodeadas por um muro a desfazer-se em poeira e no qual o tempo tinha aberto bastantes brechas, mas que marcava ainda o recinto do cemitério.

Mertoun, ao aproximar-se da igreja, tomou insensivelmente, e talvez sem o pensar, precauções para evitar ser visto antes de chegar aos muros do cemitério. Quis o acaso que ele chegasse pelo lado onde o vento, repelindo a areia, pusera a descoberto os túmulos dos mortos.

Olhando através de uma brecha da parede, viu a pessoa que procurava. Entregava-se a um trabalho que se ajustava perfeitamente à ideia que geralmente se fazia daquela mulher, já de si bastante extraordinária.

Estava acorada junto de um monumento antigo em que um dos lados representava um cavaleiro grosseiramente esculpido, e o outro, um escudo cujo brasão estava deteriorado até ao ponto de se tornar irreconhecível. Este escudo achava-se colocado horizontalmente, o que é contrário ao costume corrente de o colocar direito. Aos pés deste monumento repousavam, segundo Mertoun ouvira dizer outrora, os restos mortais de Ribolt Troil, um dos antepassados de Magnus, homem que se tornara famoso pelas suas façanhas e pelo seu carácter intrépido, no século XV. Norna de Fitful-head parecia ocupada em pôr este túmulo a descoberto, e esta tarefa nada tinha de difícil visto que estava coberto apenas por areia solta. Parecia pois evidente que ela realizaria facilmente esse trabalho começado pelos ventos e que em breve poria à luz do dia o que restava do guerreiro. Acompanhava esse trabalho com uma canção, porque nunca os habitantes do Norte se entregavam a uma prática supersticiosa que não lhe juntassem um canto rúnico.

Conforme ia cantando, pusera primeiro a descoberto o caixão de chumbo que continha os despojos do guerreiro; depois, cortou este metal com precaução e num ar que denunciava um recolhimento religioso. Por fim, tornou a lançar a areia sobre o caixão e não ficou nenhum vestígio que denunciasse que o segredo do túmulo fora violado. Mertoun, escondido atrás do muro do cemitério, permaneceu de olhos fixos naquela mulher durante toda a cerimónia. Teve todo o vagar para observar o seu vulto, mas o seu rosto estava quase inteiramente oculto pelos seus cabelos esparsos e pelo capuz de uma capa de cor sombria. Mertoun ouvira falar muitas vezes de Norna; é mesmo provável que já a tivesse visto várias vezes nas cercanias de Jarlshof desde que lá morava. Mas as histórias absurdas que circulavam a respeito dela impediam-no de prestar atenção a uma mulher que ele considerava como atacada de loucura ou culpável de impostura, ou talvez mesmo louca e impostora ao mesmo tempo. Mas, naquele momento, as circunstâncias obrigavam-no a prestar-lhe mais atenção. O seu ar digno, quando ela se levantou, a solenidade de todos os seus movimentos, o acento sonoro e expressivo da sua voz, quando se dirigiu ao guerreiro cujos despojos mortais ousara perturbar, não podiam deixar de causar impressão ao senhor Mertoun, por muito indiferente em regra se mostrasse a tudo o que se passava à sua volta. Mas, mal ela terminara a sua singular ocupação, entrando ele no cemitério, passando não sem dificuldade por uma fenda do muro, mostrou-se aos olhos de Norna. Bem longe de se intimidar ou de mostrar a menor surpresa ao ver surgir alguém num local tão solitário, disse-lhe num tom que parecia denunciar que o esperava: — Acabaste, enfim, por me procurar?

— E encontrei-te — respondeu Mertoun, julgando que a melhor maneira de chegar ao seu objectivo seria responder-lhe no mesmo tom em que ela o interpelara.

— Sim — disse ela — Encontraste-me, e no lugar o todos os homens se devem encontrar, no meio dos tabernáculos dos mortos.

— É bem verdade — replicou Mertoun, relanceando um olhar pelo quadro de desolação, em que os principais objectos que feriam as atenções eram pedras de sepulcros umas meio ocultas pela areia, outras arrancadas, pela violência dos temporais, do sítio que se destinavam a cobrir — É bem verdade, é aqui que geralmente os homens se reúnem. Felizes dos que entram o mais cedo possível num porto tão sossegado!

— Aquele que ousar entrar neste porto deve ter governado bem o seu barco na viagem da vida — disse Norna — Não me atrevo a esperar encontrá-lo aprazível. E tu, ousas esperá-lo? A rota que tens seguido dá-te esse direito?

— Não é disso que se trata neste momento. Venho perguntar-te se me podes dar algumas notícias do meu filho Mordaunt?

— Um pai pergunta a uma estranha se lhe pode dar notícias do seu filho! E como as hei-de eu saber? O corvo marinho pergunta à garça real: «Onde estão os meus filhos?»

— Põe de parte essa inútil affectação de mistério, que pode produzir efeito no vulgo, mas que é comigo trabalho perdido. Disseram-me em Jarlshof que podias saber o que aconteceu a Mordaunt Mertoun, que não regressou a minha casa depois das festas de São João Baptista em casa do teu parente Magnus Troil. Dize-me o que sabes, se acaso sabes alguma coisa, e recompensar-te-ei tão bem quanto as minhas posses o permitam.

— Nada existe no Universo que mereça a meus olhos o nome de recompensa por uma palavra que eu possa dizer ao ouvido de um mortal. Mas, quanto a teu filho, se queres vê-lo vivo, vai à feira de Kirkwall, nas Órcades.

— Mas para que hei-de lá ir? Sei que ele não tinha intenções de ir para esses lados.

— Nós seguimos a corrente do Destino sem rumo e sem leme

Tu não tinhas intenção esta manhã de vir à igreja de São Ringan, e no entanto estás aqui. Há um minuto, não tinhas a intenção de ir à feira de Kirkwall, e no entanto vais fazer essa viagem.

— Não a farei, a não ser que me expliques mais claramente o motivo. Não penses que pertenço ao número daqueles que te julgam dotada de poderes sobrenaturais.

— Hás-de ficar a acreditá-lo antes de nos separarmos. Não me conheces, neste momento, e não me conhecerás melhor depois. Mas eu conheço-te bem, e poder-te-ia convencer se pronunciasse apenas uma palavra.

— Pois pronuncia-a, porque, se não me convenceres, não vejo jeito de seguir os teus conselhos.

— Então, escuta bem o que vou dizer-te em relação a *teu* filho; sem isso, o que vou dizer-te relativamente a ti próprio expulsará da tua memória qualquer outro pensamento. Irás à feira que vai realizar-se em Kirkwall, e no quinto dia, à hora do meio-dia, entrarás na ala esquerda da catedral de São Magnus. Aí encontrarás uma pessoa que te dará notícias do teu filho.

— Tens que me falar mais claramente — disse Mertoun, em tom de desdém — se queres que siga os teus conselhos. Na minha mocidade, mais de uma vez me deixei enganar pelas mulheres, mas nunca tão grosseiramente como parece que tu o queres fazer.

— Escuta, então, a palavra que vou pronunciar sobre o segredo mais importante da tua vida! — exclamou a velha sibila — Ela abalar-te-á todos os nervos e penetrar-te-á até à medula dos ossos.

Inclinou-se para ele e disse-lhe ao ouvido uma palavra que pareceu produzir um efeito mágico. Mertoun ficou-se imóvel de surpresa, enquanto Norna, levantando o braço num ar de triunfo e de superioridade, se retirava, voltando a esquina de uma velha parede no meio das

ruínas. Mertoun nem sequer tentou seguir-lhe as pegadas.

— É em vão que tentamos fugir ao nosso destino! disse ele, retomando a sua presença de espírito. E saiu das ruínas do cemitério.

Quando chegou a uma elevação de onde podia ainda ver a igreja, voltou-se para lhe lançar um derradeiro olhar e descobriu Norna no cimo da velha torre, enrolada na sua capa e agitando no ar uma coisa que parecia uma bandeira branca. Uma sensação de horror, semelhante à que dera origem as suas últimas palavras, gelou-lhe pela segunda vez o sangue, e marchou com uma rapidez que não lhe era peculiar, até deixar bem longe, à retaguarda, a igreja de São Ringan e a sua baía de areia.

Tinha-se operado uma tal mudança no seu rosto, ao chegar a Jarlshof, que Swertha imaginou que ele ia cair num desses acessos de melancolia a que ela chamava a sua hora negra.

No entanto, sem mostrar mais sintomas de alucinação do que uma sombria e profunda melancolia, seu amo informou-a do seu projecto de ir à feira de Kirkwall, projecto tão contrário a todos os seus hábitos que a governanta a muito custo acreditou nos seus próprios ouvidos. Pouco tempo depois, recebeu ele, com um ar indiferente, notícia de que todos os que tinham partido, quer por terra quer por mar, em busca de vestígios de Mordaunt, nada conseguiram obter. A calma que mostrou ao conhecer o malogro das suas pesquisas acabou por convencer Swertha de que, na sua entrevista com Norna, esta lhe predissera que as pesquisas não teriam outro resultado.

Os habitantes da aldeia ficaram ainda mais surpreendidos quando viram o senhor Mertoun, como que arrebatado por uma decisão repentina, fazer os seus preparativos para ir a Kirkwall durante a feira, embora até então tivesse evitado cuidadosamente todos os locais de reunião pública. Em vão empenhou Swertha todos os seus esforços para penetrar este mistério. E nada conseguindo, ela experimentou novas inquietações sobre o destino do jovem. Contudo, o seu desgosto suavizou-se um pouco à vista de uma soma de dinheiro que seu amo lhe meteu nas mãos e que, apesar de módica, lhe pareceu um tesouro. Ele informou-a, ao mesmo tempo, de que tinha alugado, para se dirigir a Kirkwall, um pequeno barco pertencente ao proprietário da ilha de Mousa.

ONDE SE FALA DO FILHO DE NORNA

Ela não chorava mais, secara o *pranto em seus olhos*;

O desespero substituíra os seus *alarmes*

E seu coração cerrado queria ser feliz.

Feliz! Mas a languidez ensombrava suas faces

Pálidas como lírios açoitados pela tormenta.

CONTINUAÇÃO DO VELHO «ROBIN GRAY»

A situação de Minna assemelhava-se muito àquela em que se encontrava a heroína aldeã da encantadora balada e «lady» Ann Lindsay. A firmeza de ânimo que lhe era natural impedia-a de sucumbir ao peso do horrível segredo que a atormentava, quando acordada, e que, ao gozar alguns instantes de sono ininterrupto, a perseguia nos próprios sonhos. E os desgostos mais cruéis são aqueles que se é obrigado a concentrar em si próprio.

O carácter, as maneiras, os hábitos de Minna pareceram de tal forma mudados aos olhos de quem vivia com ela, que não é de estranhar que algumas pessoas os tivessem atribuído a efeitos de bruxaria, e outras, aos primeiros sintomas da demência. A solidão, que para ela tinha tantos encantos, tornou-se-lhe insuportável e, no entanto, quando se encontrava em sociedade, não tomava parte e não dava atenção ao que se passava. Em regra, parecia mergulhada em sombrias e lúgubres reflexões; mas se, por acaso, se pronunciava o nome de Cleveland ou o de Mordaunt, como que despertava de um profundo sono e estremecia, num movimento de horror que se experimenta ao ver aproximar uma mecha inflamada de um rastilho de pólvora destinada a fazer explodir uma mina.

A sua atitude para com a irmã era tão variável, e no entanto tão pungente para o bom coração de Brenda, que se afigurava a todos os que a observavam um dos sintomas mais assustadores da sua doença. Por vezes, ela procurava a companhia de sua irmã, como se fosse impelida pela íntima sensação de que ambas iam ser atingidas pelo mesmo golpe, embora só ela conhecesse toda a extensão da desgraça que as esperava; e, de repente, sentindo vivamente a ferida que receberia o coração sensível de Brenda quando soubesse do crime que supunha cometido por Cleveland, tornava-se-lhe impossível suportar a sua presença. Também sucedia algumas vezes que Brenda, suplicando a sua irmã que se resignasse, tocava, sem o saber, alguma corda cujas vibrações se faziam sentir até ao fundo da alma de Minna, de maneira que esta, não podendo disfarçar a angústia que experimentava, corria a esconder-se nos seus aposentos.

O efeito destas alternativas de melancolia concentrada e de sensibilidade mórbida depressa surgiram nas faces emagrecidas e pálidas da pobre Minna. Os seus olhos perderam aquele olhar tranquilo que dão a inocência e a felicidade e tornou-se pouco a pouco triste e desvairado, segundo a sensação que a fazia experimentar a sua dolorosa situação ou algum paroxismo mais agudo de dor. Em convívio, ela era sombria e silenciosa; e quando estava só, as pessoas que a vigiavam notavam que ela falava muitas vezes consigo própria.

O pai de Minna, devorado de inquietação, recorreu inutilmente a toda a farmácia das ilhas Setland. Foi em vão que ele chamou adeptos dos dois sexos, versados nas propriedades salutareas das plantas e das palavras mágicas que lhes aumentavam a virtude. Não sabendo que mais fazer, resolveu consultar a sua parenta Norna de Fitful-head, embora, segundo as circunstâncias mencionadas no decurso desta história, não estivessem então em ligação muito íntima. O primeiro pedido que ele lhe dirigiu foi inútil. Norna estava então na sua moradia habitual à beira-mar, perto do promontório de que tomara o nome; e, apesar de Erick Scambester se ter incumbido da mensagem, ela recusou-se obstinadamente a vê-lo e a dar-lhe qualquer resposta.

Magnus ficou mal disposto com o pouco caso que ela fez do seu mensageiro; mas a inquietação que lhe causava a situação de Minna, aquela espécie de respeito que inspiravam os infortúnios de Norna e o poder que ela se atribuía, impediram-no nessa ocasião de se abandonar, como era seu costume, à irascibilidade do seu carácter. Pelo contrário, resolveu ele próprio fazer uma visita à sua parenta. Contudo, não participou a ninguém o seu projecto, limitando-se a dizer a suas filhas que se preparassem para ir com ele *fazer* uma visita a uma parenta que ele já não via há algum tempo, e recomendou-lhes ao mesmo

tempo que levassem algumas provisões, visto ela morar longe e ser muito possível que o seu guarda-comidas não estivesse muito bem provido.

Pouco habituada a pedir a seu pai explicações das suas ordens, e presumindo que o exercício e a distração ocasionados pela viagem poderiam ser úteis a sua irmã, Brenda, que tomara então sozinha a direcção do lar, fez imediatamente os preparativos necessários, e no dia seguinte meteram-se a caminho, ora marginando a beira-mar, ora atravessando os pântanos.

O *udaller* montava um belo palafrém da Noruega, tão vigoroso, mas um pouco maior do que os cavalos comuns do país. Minna e Brenda, que entre todos os seus talentos contavam o de montar perfeitamente a cavalo, tinham dois desses pequenos animais que, sendo tratados com mais cuidado que de costume, demonstravam, pela graça das suas formas e pela vivacidade, que esta raça tão vergonhosamente abandonada é susceptível de melhorar, sem nada perder da sua foga e do seu vigor. Iam acompanhados de quatro criados, dois a cavalo e dois a pé. Estes últimos não podiam retardar a sua marcha, em virtude de haver tantas montanhas a subir, tantos pântanos a cruzar, que se era forçado a ir quase sempre a passo; e quando um espaço de terreno seco e duro permitia seguir a trote por algum tempo, os dois peões não tinham mais trabalho que apoderar-se de dois cavalos no primeiro prado em que os encontrassem.

A alegria não parecia ter seguido viagem com eles, e caminharam a maior parte do tempo em profundo silêncio. Contudo, o *udaller*, impellido pela sua impaciência, obrigava por vezes o seu palafrém a um andamento mais vivo; lembrando-se do mau estado de saúde de Minna, logo afrouxava o passo, perguntando a sua filha como se encontrava e se não se sentia fatigada. Ao meio-dia, pensou-se em parar para um repasto tirado das suas amplas provisões e fizeram alto junto de uma fonte cuja água pura e límpida não seduzia muito o *udaller*. Bebeu-a misturada com aguardente e começou a tornar-se mais comunicativo do que não o estivera desde que se meteram a caminho.

— Pois bem! — disse a suas filhas — Já não estamos a mais de uma ou duas léguas da moradia de Norna. Vamos a ver como a velha sibila nos recebe.

Minna interrompeu o pai com uma exclamação proferida em voz fraca, e Brenda, na sua surpresa, exclamou:

— É a Norna que nós vamos visitar? Que Deus não queira!

— E porque não há-de Deus querer? — disse o *udaller* franzindo o sobrolho — Gostava bem de saber porque não havia de agradar a Deus que eu fosse visitar uma parenta cujos conhecimentos podem ser úteis a tua irmã. Não há em todas as nossas ilhas homem ou mulher mais competente do que ela. És uma louca, Brenda; a tua irmã tem mais bom-senso do que tu. Coragem, Minna, coragem! Recordo-me de que, quando ainda eras criança, tinhas prazer em ouvir as canções e as histórias de Norna; dependuravas-te no seu pescoço, enquanto Brenda fugia, a gritar como um navio mercante espanhol à frente de um corsário holandês

— Creio que não me assustará tanto agora, meu pai — respondeu Brenda — Tenho ouvido dizer tantas coisas da sua moradia, que a ideia de me apresentar em sua casa sem ter sido convidada não deixa de me causar algum sobressalto

— És uma louca — disse Magnus — em pensar que visita de bons parentes possa desagradar a um coração franco e generoso, um coração de Hialtland, como o da prima Norna. E a propósito, tenho a certeza de que adivinho por que motivo ela não quis receber Erick Scambester. Há muitos anos que não vejo o lume da sua lareira e nunca vos trouxe à sua casa. Ela tem, portanto, direito de queixar-se de mim. Mas dir-lhe-ei a verdade, e essa verdade é que, embora seja um uso, não acho conveniente ir sobrecarregar uma mulher só, como nós o fazemos com os nossos confrades *udallers*, quando vamos de casa em casa durante o Inverno, de maneira a formarmos uma bola de neve que vai aumentando consoante vai rolando.

— Sobre esse ponto — disse Brenda — não há perigo de sobrecarregarmos Norna. Trazemos amplas provisões de tudo o que é preciso: peixe, toucinho, carneiro salgado, patos fumados, numa palavra, com que viver uma semana, e mais vinho e aguardente do que o pai poderá beber.

— Muito bem, minha filha, muito bem. Barco bem provido faz boa viagem. Assim, não pediremos a Norna senão o talher e um leito para vocês duas, porque para mim, a minha manta de viagem e duas boas pranchas da Noruega agradam-me mais do que os vossos colchões de lã e penas. Norna terá pois o prazer de nos ver sem que isso lhe custe um único ceitil.

Minna soltou nesse momento um profundo suspiro.

— Não há razão para suspirar, minha filha — disse Magnus.

Um segundo suspiro, que ela se esforçara inutilmente por reprimir, denunciou que a observação do udaller não se justificava.

— Parece-me que minha prima te mete tanto medo como a Brenda — disse o udaller, lançando um olhar ao rosto pálido e abatido de sua filha mais velha — Se é isso, basta uma palavra tua para voltarmos para trás tão depressa como se fôssemos de vento em popa.

— Fala, mana! — exclamou Brenda, num ar suplicante — Fala, pelo amor de Deus! Tu sabes... tu lembras-te... tu tens a certeza de que Norna nada pode fazer para te aliviar.

— É uma grande verdade — respondeu Minna em voz fraca — Mas, não sei... Ela pode responder a uma pergunta, uma pergunta que só o miserável pode fazer ao miserável.

— A nossa prima não está na miséria! — exclamou o udaller, dando à palavra miserável um sentido diferente daquele em que sua filha acabava de a empregar — Tem um bonito rendimento, tanto aqui como nas Órcades, e recebe todos os anos não sei quantos lispunds de manteiga... Mas vocês vão rir-se quando virem a sua casa e Nick Strumpfer, a quem ela chama Pacolet. Muitas pessoas pensam que Nick é o diabo, mas garanto-lhes que é de carne e osso como nós. O pai dele morava em Groema. Vou gostar de tornar a ver Nick.

Enquanto o *udaller* assim falava, Brenda, que, se por um lado tinha imaginação menos brilhante que sua irmã por outro era dotada de mais senso-comum, pensava no efeito que esta visita poderia produzir no espírito de Minna. Acabou por tomar a resolução de falar em particular a seu pai, na primeira ocasião que se proporcionasse durante a viagem. Decidiu-se a contar pormenorizadamente a entrevista nocturna com Norna, à qual atribuía o abatimento de Minna.

Quando ela acabava de formar este plano, seu pai, sacudindo com uma mão as migalhas que tinham caído na sua veste agaloada, e recebendo com a outra um copo de aguardente com água, bebeu com devoção pelo êxito da sua viagem e ordenou que se preparassem para prosseguir a jornada. Enquanto selavam os cavalos, Brenda, não sem dificuldade, deu a entender a seu pai que desejava falar-lhe em particular.

Grande foi o espanto do *udaller* quando, ao ficar um pouco para trás com sua filha Brenda, durante a caminhada, teve conhecimento da visita nocturna de Norna a Burgh-Westra e da narrativa que ela fizera perante suas filhas perplexas. Não interrompeu Brenda senão com algumas interjeições; e, quando ela acabou de falar, desabafou desejando mil maldições à louca da sua prima, que viera contar a suas filhas uma história tão horrível.

— Sempre ouvi dizer — ajuntou ele — que, com toda a sua ciência e todo o seu conhecimento das estações, ela é verdadeiramente doida. E, pelas relíquias do santo mártir meu patrono, começo a acreditar! Se eu soubesse tudo isso antes de partir, creio que teríamos ficado em Burgh-Westra; mas agora que estamos tão perto e que Norna nos espera...

— Nos espera, meu pai; como é isso possível?

— Eu... eu não sei nada. Mas se ela sabe de que lado deve soprar o vento, também deve saber que tínhamos a intenção de vir.

Vendo que seu pai estava decidido a fazer a visita projectada, Brenda procurou logo saber dele se tudo *o que* Norna lhes dissera se baseava na verdade. Magnus sacudiu a cabeça, soltou um profundo suspiro e disse-lhe em poucas palavras que tudo o que se referia ao seu caso com o estrangeiro e à morte do pai, de que ela fora a causa accidental e inocente, era uma verdade tão triste como inegável.

— Quanto ao seu filho — acrescentou — nunca pude saber o que lhe aconteceu.

— Seu filho! — exclamou Brenda — Ela não nos disse nem uma palavra acerca disso.

— Nesse caso, desejaria que minha língua tivesse paralisado quando falei nele. Vejo que é tão difícil a um homem, velho ou novo, esconder um segredo a vocês, mulheres, como uma enguia escapar-se a um nó corredio de crina.

— Mas, meu pai — disse Brenda, insistindo por saber pormenores daquela história extraordinária — não sabe então o que lhe sucedeu?

— Suponho que foi levado por esse velhaco do Vaughan — disse o *udaller* num ar que dava bem a entender que o assunto lhe desagradava.

— Por Vaughan! O amante da pobre Norna, decerto? Que espécie de homem era ele, meu pai?

— Um homem como muitos, creio eu. Nunca o vi na minha vida. Visitava muito as famílias escocesas de Kirkwall, enquanto eu me dava com todos os bons antigos *norses*... Ah! Se Norna não se relacionasse senão com os seus compatriotas, se não se desse com esses escoceses, nunca teria conhecido Vaughan, e a sua sorte teria sido diferente. Mas então, Brenda, nunca eu teria conhecido a tua mãe — ajuntou, com uma lágrima a brilhar nos seus olhos azuis — e isso ter-me-ia salvo de um longo desgosto precedido de uma felicidade tão curta.

— Quer como esposa, quer como amiga — disse Brenda, um POUCO hesitante — Norna não teria preenchido o lugar que minha mãe ocupou junto de si, pelo menos, é o que depreendo de tudo o que tenho ouvido dizer.

Mas Magnus, cuja impetuosidade natural se encontrava atenuada pela recordação de uma esposa querida, respondeu-lhe com mais indulgência do que ela esperava:

— Nessa época ter-me-ia decidido a casar com Norna.

Esse casamento devia produzir a pacificação de um velho conflito, um bálsamo lançado numa chaga antiga. Todos os nossos parentes o desejavam, e, na situação em que me encontrava, sobretudo, não tendo visto ainda a tua bonita mãe, eu não tinha razões para o recusar. Não deves avaliar Norna e eu pelo que somos presentemente. Ela era jovem e bela e eu era ágil como um gamo das montanhas e pouco me importava com o porto em que o meu barco devia entrar, porque, como então o pensava, trazia mais de um à feição do vento. Mas Norna concedeu a sua preferência a esse Vaughan, e isso foi talvez a maior prova de afeição que ela teve por mim.

— Pobre prima! — disse Brenda — Mas o meu pai acredita no poder sobrenatural que ela se atribui? Crê na visão misteriosa do anão que ela disse ter-lhe aparecido?...

Seu pai interrompeu-a. Era evidente que estas perguntas lhe desagradavam.

— Eu acredito, Brenda, em tudo o que os nossos antepassados acreditaram. Quanto a ti, Brenda, não queiras ser mais sábia do que os teus avós. Tua irmã Minna, quando estava boa de saúde, tinha tanta veneração pelo que estava escrito em língua *norse* como se fosse uma bula do Papa; e, contudo, uma bula só é escrita em latim.

— Pobre Norna! — repetiu Brenda — E o seu filho nunca foi encontrado?

— Que importa o seu filho? — replicou o *udaller* num tom mais brusco — Tudo o que sei é que Norna esteve muito mal antes e depois do seu nascimento. Quanto à criança, veio ao Mundo antes do prazo fixado pela Natureza e provavelmente morreu pouco tempo depois. Mas não entendes nada disto, Brenda; marcha lá para a frente e acaba com as perguntas sobre assuntos de que te não deves ocupar.

Com estas palavras, o *udaller* deu uma esporada no seu palafrém e avançou a largo trote sem cuidar se o caminho era bom ou mau, enquanto o instinto do cavalo de Brenda sabia escolher todos os sítios onde colocar os pés com firmeza.

Até então tinham marchado pouco mais ou menos em linha recta através de pântanos e de terrenos cobertos de musgo, salvo diversos desvios que foram obrigados a fazer para marginalizar aquelas compridas lagunas que comunicavam com o mar, que têm o nome de *voes*, naquelas ilhas, e que entram profundamente no território. Mas neste momento aproximavam-se da extremidade situada a noroeste e tinham que subir uma imensa cadeia de rochedos que, desde o fundo dos séculos, defrontavam os assaltos do vento e do Mar do Norte, cujas vagas impotentes vinham quebrar-se a seus pés.

— Eis a casa de Norna! — exclamou Magnus, por fim, dirigindo-se a suas filhas — Olha, querida Minna, se isto te faz rir, não temos nada feito. Que outro ente, a não ser a águia, poderia construir semelhante ninho? Pelas relíquias do meu santo patrono, nunca criatura viva, sem asas e no uso da razão, poderia viver numa tal moradia, a menos que não fosse no topo de Frawa-Stack, na ilha de Papa, onde a filha de um rei norueguês foi encerrada para ficar ao abrigo dos amantes, se é verdadeira a história que se conta a esse respeito. E se lhes falo nisto, minhas filhas, é porque não ignoro que vocês sabem quanto é perigoso colocar o lume ao pé da estopa.

O NINHO DA VELHA FEITICEIRA

Três vezes *do subterrâneo* sombrio

A sua voz veio ecoar em redor:

«Entra, minha filha, entra sem medo

E vem contar-me a tua dor».

MEIKLE

Não foi sem alguma razão que Magnus comparou a habitação de Norna a um ninho de águia. De pequenas dimensões, era um destes edifícios que, nas ilhas de Setland, se chamava *burgh* ou *casa dos Pictos*, e *duns* na Escócia e nas ilhas Hébridas.

Este burgo fora reparado e aumentado numa época mais recente, provavelmente por algum pequeno déspota ou algum pirata seduzido pela segurança que oferecia aquela situação que ocupava a totalidade de uma ponta avançada da rocha, separada da terra por um precipício de pouca largura, mas bastante profundo. Foram feitos alguns acrescentos no estilo mais grosseiro das fortificações góticas; tinham guardado o interior de cal e areia e perfurado algumas janelas para deixar entrar o ar e a luz. Enfim, juntando-lhe um telhado e dividindo-o em andares por meio de madeiras provenientes de embarcações naufragadas, o último proprietário fizera uma torre semelhante a um pombal em pirâmide, formada por uma parede dupla que ainda tinha no seu interior aquelas galerias circulares que caracterizam todos os fortes de construção primitiva e que parece terem sido o abrigo dos seus primeiros moradores.

Esta habitação original, construída com as pedras soltas que se encontravam espalhadas por todos os lados, e há séculos exposta aos maus tratos dos elementos, era da mesma cor da rocha em que se erguia e da qual não era fácil distinguir-se, tanto se assemelhava, pela irregularidade da forma, a um fragmento de rocha.

A indiferença com que Minna via tudo o que se passava à sua volta desapareceu por um instante à vista de uma moradia que, em época mais feliz da sua vida, teria excitado simultaneamente a sua curiosidade e a sua admiração.

— A nossa prima — disse ela *a meia voz* — não podia ter escolhido melhor a sua morada. Não há ali mais terreno do que o necessário para uma ave marinha repousar. Não se vê senão vagas escumantes e tempestades. O desespero e o poder mágico não podiam achar retiro mais adequado. Por seu turno, Brenda tremia de cada vez que levantava os olhos ao avançar pela senda difícil e perigosa que, por vezes, para seu maior terror se abeirava do precipício. Por muito setlandesa que ela fosse, e embora tivesse razão para depositar toda a confiança na sua montada, mal conseguia ter mão no seu receio, quando, marchando à frente dos outros e voltando a esquina de um rochedo, os seus pés, apoiados no flanco do cavalo, se encontraram por um instante fora do rebordo do precipício, de maneira que não existia senão o pavoroso vácuo entre os seus sapatos e o Oceano agitado, cujas vagas rugiam e escumavam a quinhentos pés de profundidade. O que teria provocado um acesso de terror a uma jovem de outro país, não lhe causou senão uma inquietação momentânea, e esta inquietação desapareceu num instante com a esperança de ver semelhante cena produzir uma impressão favorável no organismo de sua irmã. Não pôde deixar de olhar para trás, a fim de observar como Minna passaria aquele sítio perigoso, e não ouviu a voz forte do udaller, que, embora tão tranquilo como se estivesse em terreno seguro, exclamava num tom que denunciava um certo alarme: «Cuidado, minha querida», no momento em que Minna, de olhos desvairados, e largando a brida que tinha na mão, estendeu os braços e até avançou o corpo por cima do precipício, na atitude do cisne selvagem, quando, balouçando e estendendo as suas largas asas, se preparava para se lançar do alto de um rochedo no seio dos ares. Brenda sentiu nesse momento uma angústia e um terror inexplicáveis, que lhe deixaram uma forte impressão, mesmo quando viu um instante depois sua irmã retomar o aprumo na sela. O animal que a transportava tinha franqueado em passo ágil e seguro o local perigoso, pondo fim à tentação, se acaso tivera alguma, e fazendo desaparecer a oportunidade de lhe ceder. Chegaram então a um espaço de terreno mais sólido e desafogado. Era o planalto de um istmo que se estreita até à extremidade, onde rematava no profundo precipício que separava a porção de rocha, ocupada pela habitação de Norna, do corpo principal do rochedo. Este fosso natural, que parecia obra de alguma convulsão sísmica, era sombrio, profundo e irregular, mais estreito para o fundo e mais largo na parte superior. Dir-se-ia que a parte do rochedo sobre o qual o burgo fora construído teria sido arrancada ao istmo a que servia de remate.

O udaller avançou ousadamente para a torre, apeou-se, bem como suas filhas, e ordenou aos criados que descarregassem as Provisões e conduzissem os cavalos ao sítio mais próximo onde pudessem encontrar pastagem. E em seguida avançaram para a porta, que parecia ter comunicado outrora com a outra parte do rochedo por meio de uma grosseira ponte levadiça, da qual ainda se viam alguns restos, mas há muito tempo substituída por uma ponte fixa muito estreita e sem resguardos, por onde não se podia passar senão a pé. O *udaller* atravessou essa ponte temível no passo majestoso que lhe era habitual, e o peso ameaçou causar a destruição desse frágil suporte; filhas seguiram-no num passo mais ligeiro, e encontraram-se defronte da porta baixa e estreita da casa de Norna.

— E se, afinal, ela não estivesse? — disse Magnus, batendo repetidas vezes à porta de madeira de carvalho negro — Bem, nesse caso, esperaríamos o seu regresso durante vinte e quatro horas, e faríamos pagar a demora a Nick Strumpfer em *bland* e em aguardente.

A porta abriu-se quando ele falava, e Minna ficou tão surpreendida como Brenda alarmada ao ver surgir um anão de notável robustez, com cerca de quatro pés e cinco polegadas de altura, cabeça de tamanho prodigioso e feições que lhe correspondiam, isto é, uma boca enorme, um nariz monstruoso guarnecido de longas narinas negras e fendidas de alto a baixo e grandes olhos vesgos e esbugalhados, que pestanejavam ao observar o *udaller*, num ar de quem o conhecia, sem pronunciar uma palavra. As duas irmãs mal podiam persuadir-se de que não tinham na sua frente, em pessoa, o demónio Trolld que figurara de uma maneira tão saliente na narrativa que Norna lhes fizera. Seu pai, dirigindo a palavra a este extraordinário ente, tomou aquele tom de familiaridade condescendente que se usa com um inferior, quando se tem uma secreta razão para manobrar ou pôr de acordo com os seus interesses, tom que, no entanto, pela sua própria familiaridade, deveria ofender mais do que se se fizesse sentir a sua superioridade.

— Ah! Nick, honrado Nick! — disse o *udaller* — *Éis-te*, sempre tão vivo e tão amável como São Nicolas, teu patrono, tal como se vê talhado a golpes de acha para ornamentar a proa de algum barco holandês. Como passas Nick, ou Pacolet, se este nome te agrada mais? *Eis* as minhas duas filhas, Nicolas, quase tão bonitas como tu, como vês.

Nick fez uma careta, inclinando-se num ar desajeitado, à guisa de delicadeza; mas os seus membros mal formados, colocados no limiar da porta, continuavam a obstruir a entrada.

— Minhas filhas — disse o *udaller*, que parecia ter as suas razões para conquistar-lhe as boas-graças — aqui está Strumpfer, a quem sua ama chama Pacolet e que, para anão, certamente não é nada mal feito. É tão ligeiro como aquele que cruza os ares no seu cavalo de pau, como tu viste, Minna, na história de Valentim e Orson que lias na tua infância. Garanto-te que ele sabe guardar os segredos da sua patroa e nunca revelou um sequer. Ah! Ah! Ah! O anão disforme fez uma careta ainda mais hedionda, e, como se quisesse dar uma explicação sobre os gracejos de Magnus, abriu a imensa queixada, inclinando a cabeça para trás de maneira a fazer ver que não lhe restava na imensa cavidade da boca senão um pedaço enrugado de língua, que talvez pudesse ajudá-lo a engolir os alimentos, mas que não servia para formar sons articulados. Fora a doença ou a crueldade que o reduzira àquele estado? Não se sabia; mas, como possuía o sentido do ouvido, não era mudo, evidentemente. Depois de dar este horrível espectáculo, pagou ao *udaller* na mesma moeda, soltando uma medonha risada, e tanto mais hedionda que ela parecia provocada pela sua situação deplorável. As duas irmãs olharam-se atónitas e o próprio Magnus pareceu um pouco desconcertado.

-Mas, amigo Nick — disse ele, após um momento de silêncio — há quanto tempo não regas com um copo de boa aguardente essa goela tão larga como o *frith* de Pentland?

Ah! Ah! Ah! Eu trouxe da boa, meu rapaz.

O anão franziu as sobrancelhas tufadas, meneou a cabeça e levantou a mão direita acima do ombro, apontando com o polegar para o lado de casa.

— Quê! — exclamou o *udaller*, que compreendia muito bem o sinal — A minha prima zanga-se? Não te inquietes, deixo-te um frasco para te regales na sua ausência. Embora não possam falar, uns lábios e uma goela Podem engolir.

Uma nova careta do anão denunciou que ele reconhecia a verdade daquele dito.

— Agora, Pacolet — disse Magnus — afasta-te e deixa-me levar as minhas filhas à nossa parenta. Pelos ossos de São Magnus, não te hás-de arrepender! Não abanes a cabeça, meu rapaz, porque, se a tua patroa está em casa, temos que a ver.

O anão deu-lhe novamente a entender que era impossível entrarem, servindo-se em parte de sinais e em parte de sons

dissonantes e inarticulados.

— Ai, ai, ai! — exclamou o *udaller*, cujo sangue começava a aquecer — Não me maces mais com a tua algaraviada, e arreda-te.

E, ao mesmo tempo, agarrou com mão vigorosa a gola azul do anão e, sem ter o ar de usar de violência, obrigou-o a abandonar o posto, empurrando-o brandamente para o lado, e entrou seguido das filhas, que se mantinham o mais perto que podiam de seu pai. Tudo o que viam e ouviam lhes causava medo. Uma passagem tortuosa e escura, na qual Magnus as fez entrar, era apenas iluminada por uma barbacã, provavelmente destinada outrora a defender a entrada por meio de uma colubrina, ou pequeno canhão. À medida que avançavam, pois eram forçados a marchar a passo lento e quase às apalpadelas, as trevas adensavam-se, e a luz acabou por desaparecer de chofre quase inteiramente. Brenda levantou os olhos para procurar a causa e estremeceu ao enxergar o rosto pálido de Norna. Era muito natural que a dona da casa quisesse ver quem havia transgredido as ordens para ir à sua presença com tão pouca cerimónia; mas a palidez das suas feições, os seus olhos fixos e imóveis, o seu ar frio e severo que não prometia uma recepção amistosa, o seu silêncio taciturno, a aparência estranha de tudo o que se via naquela moradia, tudo aumentava o receoso espanto de Brenda. Magnus Troil e Minna marchavam à frente e não se aperceberam daquela hóspede singular.

O PODER MÁGICO DO SOBRENATURAL

Levantando a varinha mágica,

A feiticeira, cujo olhar relampeja,

Inicia o místico encantamento

MEIKLE

— A escada deve ser ali — disse o *udaller*, tropeçando na obscuridade contra alguns degraus de altura e forma desiguais — Sim, é ali, se a memória me não falha. E aqui — acrescentou, detendo-se a uma porta entreaberta — é onde ela se instala com todos os apetrechos à sua volta, e tão ocupada como o diabo num furacão.

Depois de fazer esta comparação pouco respeitosa, entrou no compartimento tenebroso onde Norna estava sentada no meio de inúmeros objectos que o vulgo considera os atributos das ciências amaldiçoadas por Deus, tais como uma amálgama confusa de livros escritos em diversas línguas, fragmentos de mármore e de pedras nos quais estavam gravados caracteres direitos e angulosos do alfabeto rúnico, etc., etc.. Vía-se a um canto do compartimento uma velha cota de malha e um elmo. Por cima de uma chaminé antiga, mal construída, estavam suspensas a acha e a lança que tinham feito parte da mesma equipagem; em cima de uma mesa, agrupavam-se em boa ordem lascas de granito verde que muitas vezes se encontram naquelas ilhas, onde o povo, que lhes chama rastro de trovão, as guarda como um talismã que serve de preventivo contra o raio. Via-se também um cutelo de pedra para os sacrificios, que talvez tivesse servido para imolar vítimas humanas, um ou dois desses instrumentos de bronze chamados celts, cuja serventia tem atormentado o repouso de muitos arqueólogos. Uma infinidade de outros objectos, aos quais não poderia dar-se nome e que seria mesmo impossível descrever, achavam-se confusamente dispersos pelo aposento; e, sobre um monte de ervas marinhas, secas lançadas a um canto, encontrava-se um animal que se poderia tomar, à primeira, por um grande cão disforme, mas que, em realidade, era uma pequena foca que Norna se divertia em domesticar.

Vendo entrar tantos desconhecidos, esta encantadora favorita eriçou os pelos com a mesma vivacidade que poderia mostrar um cão terrestre em ocasião semelhante. mas Norna permaneceu imóvel. Estava sentada a uma mesa de granito em bruto, sustentada por dois blocos da mesma pedra. Parecia absorta na leitura de um velho livro, tendo junto dela, em cima de uma mesa, uma bilha de água e um desses pães sem fermento que constituem o alimento dos habitantes pobres da Noruega.

Magnus Troil quedou-se um minuto em silêncio, olhos fixos na sua parenta. A singularidade desta habitação enchia Brenda de um novo receio; e Minna, apesar do seu estado habitual de melancolia e de sonhador alheamento, não pôde furtar-se a uma sensação de interesse mesclado de respeito. O *udaller* foi o primeiro a quebrar o silêncio.

— Bom dia, prima Norna — disse ele — Minhas filhas e eu vimos de muito longe para te ver.

Norna, por instantes, ergueu para ele o olhar e tornou a deixá-lo cair no livro que parecia reter toda a sua atenção.

— Não te incomodes, prima — disse Magnus-o que temos a dizer-te pode esperar um momento do teu repouso. Anda cá, Minna, olha que bela vista a do cabo e a do mar... E a foca? Sabes que é bonita! Anda cá, vem aqui, aqui? Hu!... Hu!...

A foca não correspondeu às adulações do *udaller* senão grunhindo.

— Não é bem educada... — comentou Magnus — pois bem, prima — ajuntou ele ao ver Norna fechar o livro — vais finalmente dizer-nos que somos benvindos, ou teremos que ir procurar outra guarida que não seja a casa da nossa parenta, quando a tarde já vai bastante adiantada?

— Geração de coração duro e frio, tão surda como a áspide o é à voz daquela que a encanta, que me queres — perguntou Norna, por fim — Desprezaste todos os avisos que te fiz sobre os males que te ameaçavam e, agora, que eles chegaram, vens pedir-me conselhos porventura inúteis.

— Só te digo, prima — replicou o *udaller* no tom de fraqueza e de ousadia que lhe era peculiar — que a tua delicadeza não é da qualidade mais requintada. Atendendo ao nosso antigo conhecimento e a umas outras razões, é que não saio já da tua

casa; mas, como me apresentei aqui com amizade e civilidade, peço para ser recebido de igual modo, senão partimos, deixando a vergonha no vosso tecto não hospitaleiro.

— Quê! — exclamou Norna — Atreves-te a usar essa linguagem audaciosa em casa de uma mulher a quem toda a gente pede conselho e protecção, que tu próprio vens solicitar? Os que falam a Reimkennar devem baixar a voz ao dirigir-se àquela perante quem se calam os ventos e as vagas.

— Os ventos e as vagas podem calar-se, se quiserem — respondeu o *udaller* num tom decidido — mas eu é que não me calo. Falo em casa de um amigo como se estivesse na minha, e não abaixo a bandeira perante ninguém.

— Esperas com esse tom grosseiro obrigar-me a responder às tuas perguntas?

— Prima — redarguiu Magnus com firmeza — não conheço tão bem como tu as antigas sagas *norses*; mas o que eu sei muito bem, é que os nossos antepassados, quando iam consultar os intérpretes do Destino, chegavam de acha ao ombro, espada desembainhada na mão, e obrigavam a potência que invocavam a escutá-los e a responder-lhes, nem que se tratasse do próprio Odin.

— Primo Magnus — disse Norna, levantando-se e avançando para ele — falaste a tempo, por ti e por tua filha, porque, se saíesses de minha casa sem me obrigares a responder-te, o Sol não se levantaria amanhã sobre vossas cabeças. Os espíritos que me servem são zelosos. Não querem ser usados em coisa alguma que possa ser útil à Humanidade, a não ser que a isso sejam constrangidos pela audaciosa impertinência do homem livre e valente. Fala agora; que queres de mim?

— A saúde de minha filha, que nada até hoje pôde restituir-lhe.

— A saúde da tua filha! E qual é a doença?

— É ao médico que compete dizê-lo. Tudo o que posso dizer é que...

— Não digas nada. Sei tudo o que me podes dizer, e ainda muito mais. Sentem-se todos, e tu, filha — disse a Minna, mostrando-lhe o lugar que acabava de abandonar — senta-te nessa cadeira; era outrora a de Giervada, à voz de quem as estrelas se despojavam dos seus raios e a própria Lua empalidecia.

Minna avançou num passo lento e trémulo para a cadeira indicada. Era um cadeirão de pedra grosseiramente talhada pela mão de algum antigo artista godo.

Brenda, que se mantinha sempre o mais perto possível de seu pai, sentou-se, assim como ele, num banco de pedra colocado a pouca distância de Minna, com os olhos sempre fixos nela, num misto de inquietação, de medo e de piedade.

Minna tinha um ar pensativo, resignada a tudo o que quisesse prescrever uma mulher cuja pretensa magia poderia produzir um efeito tão pernicioso numa jovem na sua disposição. O seu belo vulto e os contornos delicados dos seus membros formavam um flagrante contraste com os ângulos irregulares e a massa informe da cadeira em que se sentava. As suas faces e mesmo os seus lábios estavam brancos como giz, os seus olhos, erguidos para o Céu exprimiam um misto de resignação e de entusiasmo, resultado do estado em que se encontrava e do seu carácter. Norna, falando consigo própria em voz baixa e monótona, ia tomando de diferentes lugares diversos objectos que colocava, um após outro, em cima da mesa. Brenda, testemunha de todos estes preparativos, lançava olhares a seu pai para perceber, pela expressão da sua fisionomia, se ele partilhava dos seus receios. Mas Magnus observava, num ar calmo, todos os preparativos de Norna, e parecia esperar os acontecimentos com o sangue-frio de um homem que cheio de confiança na habilidade de um cirurgião prestes a fazer uma operação importante e dolorosa, o vê preparar-se com todo o interesse que podem inspirar os laços da Natureza ou os da amizade.

Entretanto, Norna continuava os seus preparos. Colocou em cima da mesa um braseiro cheio de carvão de pedra, um cadinho e um pedaço de chumbo laminado.

— Foi uma grande felicidade — disse ela em seguida, em voz alta — o eu saber que vinham cá. Sim, soube-o muito tempo antes de vocês próprios; se assim não fosse, como poderia eu ter podido preparar-me para o que era preciso fazer? Jovem — acrescentou ela, dirigindo-se a Minna — onde é o teu mal?

Minna respondeu, pousando a mão sobre o seu lado esquerdo.

— É isso — pronunciou Norna — é isso mesmo. Tu, seu pai, e tu, sua irmã, imaginais que isto são vãs palavras de uma mulher que fala ao acaso. Se eu posso dizer qual é o mal, talvez seja capaz de acalmar as dores que todos os tratamentos do Mundo não podem curar. O coração, sim, o coração, feriram-no, e o brilho dos olhos extingue-se, o pulso bate mais fracamente, o sangue detém-se nas veias e todos os membros se deterioram como a erva marinha sob os raios do Sol; a felicidade da existência é aniquilada; não fica senão a sombra do que se perdeu e o receio do mal irremediável. Mas a Reimkennar vai meter mãos à obra; foi uma felicidade eu ter obtido com antecedência os meios de conseguir alguma coisa.

Tirando a sua capa cor de castanha, conservou o vestido curto de um azul pálido, bizarramente guarnecido de veludo preto e preso à cintura por uma corrente de prata de um trabalho original, desatou a rede que sustinha os seus cabelos grisalhos e deixou-os soltos sobre os ombros e o rosto, de maneira que lhe ocultassem quase as feições. Colocou então um pequeno crisol sobre o braseiro; verteu no carvão algumas gotas de um líquido contido numa pequena garrafa, e, molhando o indicador da mão direita num outro líquido, tocou o carvão e pronunciou em voz forte: — «Fogo, faz o teu dever!» E mal proferira estas palavras, o carvão colocado no braseiro, decerto por efeito de um preparado químico desconhecido dos espectadores, pouco a pouco, enquanto Norna, como se este pormenor a impacientasse, sacudiu a cabeça e repelia os cabelos para trás. A claridade avermelhada do fogo que acendia reflectia-se no seu semblante, e os seus olhos brilhavam como os de um animal selvagem no seu covil, enquanto ela soprava para tornar a chama mais viva. Interrompendo um momento este trabalho, ela murmurou em voz baixa que o espírito deste elemento devia estar grato e cantou uns versos *norses* num tom monótono e esquisito.

Cortou depois um pedaço de chumbo laminado que estava em cima da mesa, colocou-o no cadinho, submeteu-o à acção do fogo e enquanto ele se derretia proimncht estes versos:

Os beneficios que te dignas hoje conceder-me

É meu dever — ó Terra! — agradecer-te,

A ti, cujo seio profundo nutre e vivifica

Tudo o que a Natureza quer fundar.

De uma mina do Norte sai o místico metal

Que, tornando outra vez aos teus flancos,

Revestiu um cavaleiro famoso por seus feitos

E está agora em minhas mãos em proveito da magia.

Pegando então na tenaz, ela retirou o cadinho de cima do braseiro e verteu o chumbo derretido na bacia cheia de água, e disse:

Elementos, neste encontro

Vos próibo lutas supérfluas.

Mostre cada um de vós O seu poder e as suas virtudes.

O chumbo derretido, caindo na água, a rechinar, tomou, como de costume, aquela variedade de formas irregulares que todos os que fizeram estas experiências na sua mocidade conhecem, e onde cada um encontra semelhanças com o que quer ver. Norna tinha um ar muito preocupado ao examinar a massa de chumbo caída no fundo da vasilha; separou alguns fragmentos, pareceu considerá-los com muita atenção; mas não encontrou logo o que procurava.

Por fim, Norna voltou a lançar o chumbo no cadinho; o metal molhado, tocando o vaso ao rubro pelo fogo, começou de novo a agitar-se e depressa se reduziu pela segunda vez ao estado de fusão. Entretanto, a sibila, dirigindo-se a um canto do compartimento, abriu o batente de uma janela volvida ao noroeste e viu-se entrar de iente a luz do Sol, então quase ao nível do horizonte meio encoberto por grossas nuvens avermelhadas que Pareciam prenúncio de tempestade. Voltando-se então para o lado de onde soprava uma brisa bastante forte, da qual se ouvia o surdo rugido, Norna dirigiu-se ao espírito dos ventos, numa voz solene:

Tu, que fazes vogar sem perigo, no Oceano,
O audaz pescador na sua canoa humilde,
Quando as vagas ululantes que teu sopro amansa
Devoram o navio que ao furacão desafia
Julgas-te preterido, se teus irmãos adoro?
Vê os cabelos grisalhos que minha mão arranca
E para ti, sem pena, de minha frente separa:
Os ventos e os céus serão seus depositários.
Toma o que te pertence, espírito exigente;
Escuta, pois, a minha voz e torna-te indulgente.

Norna acompanhou estas palavras da acção que elas descreviam. Arrancou com violência uma madeixa de cabelos da sua cabeça e abandonou-os ao sabor dos ventos, enquanto acabava de declamar os versos. Em seguida, fechou o batente, e o quarto mergulhou na meia luz que convinha ao seu carácter e à ocupação a que ela se entregava. O chumbo derretido foi pela segunda vez lançado na água, e as formas caprichosas que tomou de novo examinadas com escrupulosa atenção. Enfim, a voz e os gestos da sibila parecia anunciarem que a sua encantação resultara. Escolheu no metal posto em fusão e arrefecido um pedaço que tinha algumas semelhanças com um coração humano e, aproximando-se de Minna, disse:

Jovem que vai sentar-se junto ao poço encantado
Deve esperar, em suma, algum malefício;
Aquela que vai procurar uma costa deserta
Nem sempre encontra o augúrio propício;
Aquela que adormece na gruta do Anão
A males funestos expõe seu coração.
Mas não é poço, nem gruta, nem onda
Dos males de Minna a fonte fecunda.

Minna, cuja atenção se desviara um pouco para os seus desgostos íntimos, retomou-a de súbito, e seus olhos readquiriram um pouco do seu brilho quando os fixou em Norna, na expectativa de saber alguma coisa de interesse para ela. Entretanto, a sibila perfurou o pedaço de chumbo que tinha a forma de um coração, depois do que lhe ajustou um anel de ouro que podia servir para suspender uma cadeia ou um colar. Continuou em seguida a recitar os seus versos:

Um demónio exerceu em ti sua influência;
Heim é menos manhoso, Trolld tem menos poder.
A sereia já não tem um canto tão sedutor.
Ninguém, como ele, tortura um coração;
Seca o sangue que percorre as veias,
Estanca nos olhos o pranto vão.

Queres que meu encanto tenha virtude?

Responde primeiro: entendes-me, jovem?

Minna respondeu-lhe, empregando o mesmo ritmo, que não lhe era estranho:

Continuai vossos contos, entendo-os, minha mãe;

É a mim que cumpre decifrar o mist'ério.

— Que o Céu e todos os santos do Céu sejam louvados! — exclamou Magnus Troil — Eis as primeiras palavras que ela pronuncia com acerto desde há uns poucos de dias.

— E serão as últimas que ela pronunciará até daqui a muitos meses — replicou Norna, irritada — se detiveres os progressos da minha encantação. Voltem-se os dois para o lado da parede, sob pena de me arreliaem. Tu, Magnus Troil, pela tua presunçosa audácia, e tu, Brenda, pela tua incredulidade por tudo o que ultrapassa a tua inteligência, são ambos indignos de presenciar esta obra misteriosa, os vossos olhares enfraquecem as minhas esconjuras, pois as forças que invoco não perdoam a dúvida.

Pouco habituado a que lhe falassem num tom tão imperioso, Magnus sentiu grande vontade de responder-lhe azedamente, mas, reflectindo que se tratava da saúde de Minna e que quem lhe falava assim era uma mulher que tivera grandes desgostos, dominou um movimento de cólera, baixou a cabeça, não sem encolher os ombros, e obedecendo às ordens da sibila, voltou as costas à mesa e a cara para o lado da parede. Brenda, ao primeiro sinal de seu pai, fez outro tanto, e ambos guardaram um profundo silêncio.

Então, Norna dirigiu de novo a palavra a Minna.

Escuta-me: o que vou dizer-te

Vai de teus males pressagiar o fim.

Pode a esperança reluzir em teus olhos

E ao teu seio voltar a paz reconfortante.

Reanima esse coração, sê confiante;

As antigas cores renascerão em tua tez,

Quando em Kirkwal, na igreja de um santo,

O pé sangrento puder encontrar a mão sangrenta.

Minna corou quando Norna pronunciava as últimas palavras, pois não deixou de concluir, como elas lhe davam a entender, que a sibila conhecia a causa secreta do seu desgosto. A mesma convicção a levou a esperar que se dariam acontecimentos tão favoráveis como os que Norna acabava de predizer; e não ousando exprimir os seus sentimentos de maneira mais inteligível, ela apertou a mão de sua parenta, primeiro contra o seio e depois contra os lábios, regando-lha ao mesmo tempo de lágrimas.

Norna retirou a mão da da jovem, cujo pranto corria com abundância, e, com uma espécie de sensibilidade que não lhe era peculiar e mais ternura que talvez lhe quisesse aceder, atou uma cadeia de ouro ao coração de chumbo e suspendeu-o ao pescoço de Minna, ao mesmo tempo que lhe dizia:

Trata de armar-te de paciência,

Que a paciência é um talismã.

Contra todos os perigos é a nossa defesa,

Como uma capa em dia de tempestade.

A cadeia que tu vês é obra de uma fada

E prova que Norna te falou verdade.

Seja, pois, esta jóia por ti levada,

Mas que não a descubra nenhum olhar,

Enquanto o tempo, com sua autoridade,

O meu presságio não venha confirmar.

Norna, então, colocou a cadeia em volta do pescoço de Minna e ocultou-a no seu seio de maneira que ninguém a Pudesse ver, e advertiu-a de novo de que, *se* ela mostrasse aquele dom das fadas, ou que dele falasse a alguém, toda a virtude ficaria destruída — crença geral, que faz parte das superstições de todo o Mundo.

Por fim, desabotoando-lhe a gola que ela acabava de fechar, disse a Minna que observasse com atenção alguns elos da cadeia de ouro, e Minna reconheceu logo a que Norna dera em tempos a Mordaunt Mertoun, o que lhe pareceu anunciar que ele era vivo e que estava sob a protecção da sibila. A jovem ergueu para ela o seu olhar com a mais viva curiosidade; mas norna levou o dedo aos lábios a fim de lhe ordenar silêncio, e de novo ocultou a cadeia sob o tecido com que o pudor velava um dos maibelos seios e um dos corações mais ternos que a Natureza criou.

Norna, depois, apagou as brasas do carvão com a água que estava na bacia, e enquanto o fogo se extinguia num frémito, disse a Magnus e a Brenda que podiam voltar-se, e que a sua tarefa estava concluída.

UMA CABANA NA NOITE ESCURA

Vedes aquela mulher? *Temem-na em segredo,*

Mas o respeito também se une ao medo.

Querem consultá-la, corre a louca a sua casa

Minha senhora, diz um, ela ser-me-á fiel?

Quem me roubou, diz outro, minha bacia de prata?

Um vai-se contente, e *aflito o outro.*

É louca, arqui-louca.

— *Sim, mas, em sua loucura*

Tem a arte de juntar a argúcia à impostura.

Tirou de vós o segredo recatado.

E vós comprais-lho a dinheiro de contado.

CANÇÃO ANTIGA

Norna parecia ter incontestável direito à gratidão do *udaller*, pelo salutar efeito que ela acabava de produzir na saúde de sua filha. Ela reabriu os batentes da janela, e Minna, limpando os olhos e avançando para seu pai com um ar de confiança e de ternura, lançou-se ao seu pescoço e pediu-lhe perdão dos desgostos que lhe dera. É escusado dizer que esse perdão, embora expresso com a brusca franqueza do *udaller*, foi concedido a Minna com todo o ímpeto da ternura paternal: Magnus abraçou-a, tão contente como se a visse sair do túmulo. Dos braços de seu pai ela precipitou-se nos de sua irmã, e testemunhou-lhe, por lágrimas e por carícias mais do que por palavras, a pena que lhe causava a estranha atitude que tivera com ela durante um certo tempo. Magnus julgava-se obrigado a agradecer a Norna, cuja ciência fora tão eficaz. Mas, mal começara a dizer: «Muito respeitável prima, eu sou um velho norse...» — ela interrompeu-o levando um dedo aos lábios.

— Estão à nossa volta — disse ela — entes a quem a voz mortal é importuna, e que não gostam de ver sacrificar aos sentimentos humanos. Por vezes até se revoltam contra mim, que sou sua soberana, porque ainda estou revestida do invólucro da humanidade. Acredita, pois, e guarda *silêncio*. Eu, que meus actos elevaram acima do obscuro vale da vida; eu, que estou colocada a uma altura incomensurável, que não pertenco à terra senão pela pequena porção que meus pés pisam, eu sou a única pessoa capaz lutar contra estes entes terríveis. Nada receies no entanto, mas livra-te de seres temerário, e que esta noite seja para ti uma noite de prece e de jejum. O *udaller* ficou sentado e silencioso. Pegou num livro que estava perto dele, como que num desesperado esforço por escapar-se ao tédio, pois não se poderia citar outro motivo que alguma vez decidisse Magnus a abrir um livro. Quis o acaso que este fosse a seu gosto; era uma obra bem conhecida de Olaus Magnus sobre as antigas nações do norte. Por infelicidade, este livro estava escrito em latim, língua com a qual o *udaller* estava menos familiarizado do que com o *norse* e o holandês. Mas era a bela edição enriquecida de gravuras representando as guerras, as pescas, os exercícios e as ocupações domésticas dos escandinavos. Entretanto, Minna e Brenda, tal como duas flores nascidas da mesma haste, estavam sentadas, com o braço passado pelos ombros uma da outra, como se tivessem receio de que novo motivo de frieza viesse insinuar-se entre elas e destruir a harmonia que, com tanta felicidade, acabava de *se* restabelecer. Norna retomara o seu lugar, ora lendo no grosso volume forrado de pergaminho que tinha entre mãos à chegada de Magnus e suas filhas, ora observando as duas irmãs num ar que denunciava tomar por elas terno interesse, sentimento raro nela e que parecia turbar a dignidade severa da sua fisionomia. Tudo estava tranquilo e silencioso como a morte, e a comoção de Brenda que começava a acalmar-se, ainda não lhe permitia informar-se se o resto da tarde devia passar-se da mesma maneira, quando esta cena solene foi interrompida pela chegada do anão Pacolet, ou, como lhe chamava o *udaller* Nicholas Strumpfer.

Norna lançou um olhar irritado ao intruso, que pareceu querer deter a sua irritação levantando as duas mãos e fazendo ouvir um som inarticulado. Recorrendo em seguida ao seu modo habitual de conversar, fez a sua ama uma infinidade de sinais

com os dedos. Norna respondeu-lhe da mesma maneira, e as duas irmãs, que nunca tinham ouvido dizer que se podia exprimir ideias por semelhante meio, e que o viam posto em prática por dois entes tão singulares, quase acreditaram que eles não podiam entender-se senão por uma prática de encantação.

Quando o diálogo terminou, Norna volveu-se para Magnus e disse-lhe, com altivez:

— Como é possível, parente, que tenhas ousado trazer alimentos terrestres para a casa de Reimkennar e tenhas feito preparativos para transformar a moradia do poder e do desespero numa sala de festim e divertimento? Não fales, não respondas. A duração da cura que acabo de operar depende do teu silêncio e da tua obediência. Troca comigo uma só palavra, um só olhar, e esta jovem recar' num estado pior do que aquele de que a tirei.

Esta ameaça foi uma encantação que logo influiu no *udaller*, e que o fez conservar-se silencioso, apesar do desejo que tinha de justificar-se.

— Sigam-me todos — ordenou Norna, avançando para a porta do compartimento — e não olhem para trás; não deixamos esta sala vazia, embora nós, filhos do pó, a abandonemos.

Saiu, e Magnus fez sinal a suas filhas para a seguirem e obedecerem às suas ordens. A sibila desceu muito mais depressa do que os seus hóspedes os degraus irregulares, que nem mereciam o nome de escada, que conduziam à sala do rés-do-chão. Quando Magnus ali chegou com as filhas, encontrou os criados interditos e consternados a ver a nova operação de que já se ocupava Norna de Fitful-head.

Eles tinham tido o cuidado de dispor em cima de uma mesa de pedra as provisões que tinham trazido, de maneira que o *udaller* pudesse encontrar um repasto preparado quando sentisse os primeiros sintomas do apetite, necessidade nele tão regular como o fluxo e o refluxo do mar. Mas, qual não foi a sua surpresa, quando viram Norna agarrar sucessivamente em todos os comestíveis que a sua providência preparara e, secundada pelo zelo activo de Pacolet, atirá-los uns após outros, pela abertura que servia de janela, para o mar, cujas vagas se despedaçavam na base do rochedo sobre o qual o antigo burgo fora construído. O desaparecimento de todos aqueles comestíveis foi tão rápido que o *udaller* mal teve tempo de salvar do naufrágio a sua grande bacia de prata, enquanto uma garrafa de couro, contendo a sua bebida favorita, ia juntar-se ao resto das provisões lançadas ao seio das ondas pela mão de Pacolet. Este pequeno monstro olhava de vez em quando para o *udaller* consternado, fazendo-lhe uma careta maliciosa, como se, a despeito do gosto que ele próprio tinha por aquele líquido, parecesse gozar de ver a contrariedade de Magnus, mais do que se partilhasse da bebida com ele. A perda da sua garrafa de aguardente esgotou a paciência do *udaller*, que exclamou, arreliado:

— Mas, prima, que fúria de destruição a empolgou! Onde quer que ceemos agora, e o quê?

— Onde quiserem e o que lhes apeter — respondeu Norna — Mas não serão os alimentos com que quiseram profanar este lugar. Saiam todos, e não perturbem por mais tempo o meu espírito. Para mim, e talvez para vós todos, já se demoraram demasiado aqui.

-Quê! — replicou Magnus — Tens coragem de nos pôr fora de casa nas vizinhanças da noite?

— Silêncio e retirem-se! — ordenou Norna — Que vos baste o terdes obtido o que desejáveis. Simples mortais não podem ser meus hóspedes, e não tenho provisões para satisfazer as necessidades dos homens. Junto do rochedo há uma areia da maior beleza; encontra-se aí um regato cuja água é tão pura como a de Kildinguie, e a *dulse* (Erva a que se atribui qualidades medicinais) que cresce entre as fendas da rocha cura todas as doenças excepto a morte.

— Já sei — exclamou o *udaller* — que tenho que comer ervas marinhas como um estorninho, carne de baleia salgada, como os habitantes de Burraforth, e ratos, caracóis e lampreias, como os pobres miseráveis de Stroma, só para não partir um pedaço de bom pão branco e não beber um copo de excelente vinho numa casa onde isso me seria censurado... Errei, prima — ajuntou ele, num tom mais brando — cometi um grande erro: devia agradecer-lhe o que fez, em lugar de a repreender por ter procedido à sua maneira. Mas vejo que já está a impacientar-se; vamos alar a vela. E vocês, velhacos — disse ele aos criados — vocês que tanto se apressaram em fazer o serviço antes de lho recomendarem, saiam imediatamente e tratem de apanhar depressa os cavalos, porque vejo que é preciso procurar outro asilo esta noite, se não nos quisermos deitar, de estômago vazio, num leito de pedras.

Os criados, que a violência de Norna deixara bastante sobressaltados, nem esperaram o fim das ordens imperiosas de seu amo para abandonar aqueles lugares a toda a pressa; e o *udaller*, tomando as filhas pelo braço, dispunha-se a segui-los,

quando Norna exclamou num tom enfático:

— Esperem!

Detiveram-se e volveram-se para ela, que estendeu a mão a Magnus. E o bom *udaller*, alheio a rancores, apertou-lha logo com cordialidade.

— Magnus — disse ela — deixamo-nos por necessidade, e espero que sem ressentimento.

— Eu não guardo nenhum, prima — respondeu o *udaller* — absolutamente nenhum. Nunca tive ressentimento contra ninguém, e muito menos o posso ter contra o meu próprio sangue, contra uma mulher cujos conselhos me guiaram através de mais de uma borrasca da vida, com tanta segurança como o melhor piloto de Swona e Stroma poderia conduzir um barco na corrente e nos turbilhões do *frith* de Pentland.

— Basta — disse Norna — Agora, retirem-se com a única bênção que me atrevo a fazer-lhes. Nem mais uma palavra! Jovens, aproximem-se para eu as beijar na fronte.

As duas irmãs obedeceram à sibila, Minna com uma espécie de respeito religioso e Brenda com um receio involuntário. Norna despediu-se dos seus hóspedes e dois minutos depois pai e filhas encontravam-se na plataforma do rochedo em frente da moradia que esta mulher singular escolhera.

Estava caindo uma noite de uma beleza pouco vulgar. Um soberbo crepúsculo estendia-se ao longe pela superfície do mar e substituíra a curta ausência do sol de Verão. O mar parecia dormir, pois mal se ouvia o rumor das vagas que avançavam pacificamente, uma após outra, até à base do rochedo. Em frente, erguia-se a velha fortaleza, que parecia tão antiga, tão disforme, tão maciça como o granito sobre o qual a construíram. Nem a vista, nem o ouvido denunciavam nas cercanias uma habitação humana. Durante alguns minutos, Magnus e as filhas, que Norna acabava de despedir, subitamente e contra a sua expectativa, do asilo onde contavam passar a noite, quedaram-se em silêncio, cada um entregue às suas reflexões. Minna, fixando todos os seus pensamentos nas consolações misteriosas que recebera, procurava em vão encontrar nas expressões que Norna empregara um sentido inteligível. O *udaller* ainda não estava bem feito da sua surpresa e do despeito que fora obrigado a reprimir ao receber de Norna um acolhimento que o seu carácter hospitaleiro fazia considerar um tanto insultuoso.

Brenda foi a primeira a quebrar o silêncio, perguntando onde iriam e onde passariam a noite. Esta pergunta, feita num tom de simplicidade em que se mesclava alguma coisa de Melancólico, mudou logo o curso das ideias de seu pai. Como a sua situação inesperada e embaraçosa o chocasse então sob um ponto de vista cómico, soltou uma grande gargalhada que ecoou por todos os rochedos; as aves marinhas, sobressaltadas por este acesso de alegria voaram atemorizadas. As duas filhas do *udaller* fizeram sentir vivamente a seu pai que ele corria o risco de desagradar a Norna rindo daquela maneira e conjugaram os seus esforços para o arrastar para longe do antigo burgo. Embora as suas forças reunidas não fossem consideráveis, Magnus cedeu e deixou-se levar até uma grande distância. Por fim, aquela vontade de rir esgotou-se por si. Ele soltou um longo gemido, limpou os olhos e disse:

— Pelas relíquias de São Magnus, meu patrono e um dos meus antepassados, julgar-se-ia que ser expulso de uma casa a uma tal hora da noite não passasse de uma boa brincadeira, porque ri às bandeiras despregadas. Ora vejam: nós estávamos ali sentados tranquilamente, contando ter um abrigo para a noite, e eu tinha por tão certo comer uma boa ceia e beber o meu copo de aguardente, Como nunca sucedeu na minha vida; mas, no fim de contas, expulsam-nos, e eis que Brenda me pergunta em voz dolente e lamentosa o que faremos e onde iremos dormir... Eu desejaria ter salvo do naufrágio alguma comida para vocês e uma pinga para mim, para não termos tanto de que nos lamentar.

As duas irmãs afiançaram a seu pai que passariam sem cear, sem que isso lhes causasse inconveniente.

— Tanto melhor — disse o *udaller* — Nesse caso, não me lamento do meu apetite, apesar de ser melhor do que eu desejaria neste momento. E aquele miserável Nicholas Strumpfer, que caretas o velhaco me fazia ao atirar a garrafa de aguardente ao mar! Se não fosse por medo de desagradar a minha prima Norna, tinha-o atirado a fazer companhia à garrafa, tão verdade como as relíquias de São Magnus estarem em Kirkwall.

Nesse momento chegaram os criados com os cavalos, que se tinham deixado prender com facilidade. Foi então que Magnus recebeu uma boa nova. Um pequeno cesto de provisões escapara à fúria de Norna e Pacolet, graças à rapidez com que, naquele momento crítico, um dos criados se apoderara dele e o levava. O mesmo homem, criado atento e inteligente, disse que reparara na costa, a cerca de três milhas do velho burgo, num skio, isto é, uma choupana de pescadores que parecia

desabitada; e como essa cabana não ficava sequer a um quarto de milha da estrada directa que se deveria seguir, lembrou passarem ali o resto da noite, para que as jovens estivessem ao abrigo do ar frio e húmido e os cavalos pudessem descansar.

Nada provoca uma alegria mais franca e mais inocente do que ser-se tirado de repente de um desses ligeiros embaraços a que, por vezes, estamos expostos no decurso da vida. Assim era nesse momento a situação do *udaller* e de suas filhas. Magnus, já não receando por elas os inconvenientes da fadiga, nem para ele próprio os de um apetite exagerado em presença de muito pouca comida, começou a entoar canções *norses*, ao mesmo tempo que premia os flancos do seu corcel, com tanta jovialidade como se aquela viagem nocturna fosse mais um prazer que uma necessidade. Brenda acompanhou-o com a sua voz e os refrães eram repetidos em coro por todos os criados, que, na singeleza em que a sociedade ainda se encontrava naquele país, não julgavam faltar ao respeito ao patrão por juntarem as suas vozes à dele.

Minna ainda não se sentia em estado de fazer um tal esforço; no entanto, tratava de tomar parte na alegria geral. e, procedendo de uma maneira bem diferente da que vira na noite fatal em que terminaram as festas de São João, parecia interessar-se por tudo o que se passava à sua volta. e respondia, pressurosa e num ar de bom humor, às múltiplas perguntas que o *udaller*, interrompendo os seus cantos, lhe fazia a cada instante sobre a sua saúde.

Assim realizavam a sua viagem nocturna, e achavam-se todos numa situação muito mais feliz do que quando percorreram o mesmo trajecto, na manhã anterior. A choupana indicada não era longe; ela ia oferecer aos viajantes repouso e solidão. Mas era sina do *udaller*, nesse dia, enganar-se segunda vez nos seus cálculos.

— E para que lado fica essa cabana que tu enxergaste, Laurie? — perguntou ele ao criado.

— Deve ser lá em baixo à beira do *voe* — respondeu Lawrence Scholey — Mas, se não me engano, já alguém tomou posse dela antes de nós. Queira Deus que sejam habitantes deste Mundo!

Efectivamente, uma luz bastante viva passava através das tábuas mal unidas da barraca. As ideias supersticiosas dos setlandeses despertaram logo.

— São *trows* — disse um dos criados.

— Ou feiticeiras — ajuntou outro.

— São sereias — disse um terceiro — Não ouvem as suas vozes estranhas?

Realmente, alguns sons musicais fizeram-se ouvir e Brenda, em voz um tanto trémula, mas na qual se notava o desejo de levar para o ridículo o terror dos outros, disse que se tratava apenas do som de um violino.

— Não importa! — exclamou Magnus. que, se acreditava em aparições, como a gente da sua comitiva, pelo menos não tinha medo — Que sejam músicos deste Mundo ou almas do outro, diabos me levem se deixo roubar por outra feiticeira o que resta da minha ceia!

Dizendo isto, desceu do cavalo, agarrou com mão firme a sua bengala fiel e avançou para a choupana, seguido apenas de Lawrence, enquanto os outros criados ficavam junto da costa com os cavalos e com as duas irmãs.

INESPERADO E ALEGRE ENCONTRO

Vinde, amigos, cantemos com alegria,

Imitemos os duendes na jovialidade,

Tal como os vemos à noite, no verde prado

Ou o frade que volta tarde da orgia

Treme e tenta rezar o falso beato,

Mas só lhe acode um refrão gaiato.

CANÇÃO ANTIGA

O *udaller* não deixou de aproximar-se, a passo firme, da cabana onde continuava a ver-se luz e de onde vinha então mais distintamente o som do violino. Mas, se seus passos eram seguros, também se sucediam uns aos outros um pouco mais lentamente que de costume, porque, em geral tão prudente como destemido, Magnus desejava reconhecer o inimigo antes de o atacar. O fiel Laurence Scholey, que seguia seu amo passo a passo, disse-lhe ao ouvido:

Deus nos acuda, senhor! Se é um espírito que se diverte assim a tocar violino, tem que ser o de Claud Halcro— porque nunca outro arco imitou melhor a sua ária predilecta de *Bela e Rica*.

Magnus era quase da mesma opinião, pois sabia de cor todas as árias do velhote, e chamou-o numa voz de estentor. Halcro reconheceu logo a voz que o chamava e respondeu imediatamente, aproximando-se sem tardar do seu velho amigo.

O *udaller* fez sinal à sua comitiva para avançar, e, depois de sacudir cordialmente a mão do poeta, disse:

— Porque diabo se entretém você a tocar as suas velhas árias neste lugar de desolação, como um mocho que canta ao luar?

— Mas, diga-me antes, *fowd* — respondeu Halcro — como acontece que vem ouvir-me, e com as suas duas encantadoras filhas? Minna e Brenda, sejam bemvindas a estas areias amarelas, como diria o glorioso John Dryden, ou qualquer outro poeta, em semelhante ocasião. Como podem achar-se aqui, fazendo da noite dia e transformando em prata tudo o que vossos pés pisam?

— Já o vai saber — disse Magnus — Mas quem é que está consigo nesta cabana? Parece-me ouvir falar...

— É esse pobre-diabo, o feitor, e o meu criadito Giles. Eu... Mas, entrem. Estamos a entreter a fome com música, porque nem sequer alguns *sillocks* pudemos encontrar por caridade ou por dinheiro.

— Isso pode-se remediar em parte — disse o *udaller* porque, embora o melhor da nossa ceia fosse atirado ao mar, do alto de Fitful-head, para alimentar os tubarões e as focas, ainda nos ficaram alguns sobejos. Lawrence, vai buscar as provisões.

Magnus e as filhas entraram na cabana, cujo cheiro anunciava que ali se secava peixe e cujas paredes e tecto estavam completamente enegrecidos do fumo. Encontraram o desgraçado Triptolemus Yellowley sentado junto de um De um lume alimentado por ervas marinhas secas, turfa e pedaços de madeira, despojos de naufrágios. O seu único companheiro era um moço setlandês de cabelos ruivos e pé descalço, de quem Claud Halcro se servia como de uma espécie de pajem para lhe transportar o violino, selar o cavalo e prestar-lhe outros serviços do mesmo género. O agricultor, desolado, não mostrou a menor surpresa, e ainda menos satisfação, ao ver chegar o *udaller* e a sua companhia mas, quando todos estavam agrupados em torno do lume; quando as provisões apareceram; quando viu sair do cesto uma quantidade razoável de pão, de carne salgada e uma garrafa de aguardente, logo que teve esperança de cear razoavelmente, esfregou as mãos, esforçou-se por sorrir e perguntou como passavam os respeitáveis amigos de Burgh-Westra.

Depois de tomado o alimento de que tanto se carecia, o *udaller* perguntou de novo a Claud Halcro, e ainda mais particularmente ao feitor, por que acaso se encontravam reunidos, a semelhante hora, num local tão afastado das suas respectivas habitações.

— Senhor Magnos Troil — disse Triptolemus, quando um segundo copo lhe emprestou coragem — desejaria que acreditasse que não é assim qualquer insignificância que me desconcerta. Sou daqueles que só um grande tufão *me* pode abater. Tenho visto, desde que estou no Mundo, muitos São Martinhos e muitos Pentecostes, que são as épocas mais difíceis para a minha profissão, e semp soube encarar com ânimo a má sorte; mas creio absolutamente que vim sepultar-me no seu maldito país. Deus me perdoe de blasfemar, mas, má companhia não ensina boas maneiras.

— Mas, afinal, que lhe aconteceu? De que se queixa?

— Tenha um pouco de paciência, senhor *fowd*, senhor *udaller*, ou lá como é o título que lhe dão. Quanto mais forte é o senhor, mais complacente deve ser. preste atenção à infeliz sorte de um homem sem experiência que chega ao seu paraíso terrestre: ele pede de beber, apresentam-lhe leite azedo; isto não se refere à sua *aguardente*, senhor Magnus, que é esplêndida; ele pede de comer e trazem-lhe peixe, é claro, que nem o próprio diabo seria capaz de tragar. O senhor chama os seus jornaleiros e *diz*-lhes que trabalhem, mas é dia de São Magnus, ou de São Ronan, ou de qualquer outro santo infernal; ou então sucedeu que eles desceram da cama com o pé esquerdo primeiro, que viram um mocho, que um coelho se lhes atravessou no caminho, numa palavra, não se faz nada. Meta-lhes uma pá nas mãos, e eles trabalham como se ela lhes queimasse os dedos: mas fale-lhes de dançar, e verá se eles se cansam de saltar e fazer piruetas.

— E porque haviam eles de cansar-se, tendo bons violinistas que lhes marcam o compasso? — disse Claud Halcro.

— Sim, sim! — exclamou Triptolemus, sacudindo a cabeça — O senhor, precisamente, é que convém ao seu feitio. Mas continuemos: eu lavro um talhão de terra melhor; vem um mendigo, que quer uma porção para nela fazer uma horta, instala-a no meio do meu campo, sem mais se importar com o proprietário ou o rendeiro; tem que lá plantar as suas couves. Sento-me para comer o meu modesto jantar, esperando gozar, ao menos, durante esse tempo, um pouco de calma e de repouso; mas eis que chega um, dois, três, quatro, meia dúzia de pândegos que vêm divertir-se, que me dirigem injúrias porque a minha porta está fechada, e que devoram metade do que me preparou para o jantar a providência da minha irmã, providência de mão bem fechada; vem depois uma bruxa, de vara em punho, que manda os ventos soprar ou aquietar-se, conforme lhe passar pela cabeça; que quer governar na minha casa como se ela fosse a dona; depois de ela partir, tenho que agradecer ao Céu por não me ter levado com ela metade da casa.

— Mas nada disso responde à minha pergunta — disse o *udaller* — Como foi que o senhor veio lançar ferro neste ancoradouro?

— Já vai ver — disse Triptolemus — Tendo necessidade de uma pedra para moer a minha cevada, minha irmã observou-me que tínhamos uma numa chaminé. Levantei, Pois, uma grande pedra que constituía a lareira de um velho quarto de Stourburgh; e que encontrei eu? Um chifre repleto de moedas de toda a espécie. Ora, parece-me que era uma bonita dádiva do Céu, e Baby pensou o mesmo, de maneira que ficámos mais resignados a suportar os inconvenientes de um local onde se encontravam tais ovos para chocar. Tornámos a colocar com grande cuidado a pedra por sobre o chifre, que me pareceu ser a autêntica *córnucópia*, ou o corno da abundância, e, para mais segurança, Baby ia visitar esse quarto, pelo menos, vinte vezes por dia e eu próprio por lá ia de quando em quando.

— Palavra de honra — disse Claud Halcro — é uma bonita distracção ir visitar um chifre cheio de ouro e prata que nos pertence. Duvido que o glorioso John Dryden tivesse alguma vez um tal passatempo; quanto a mim, confesso que me é desconhecido.

— Muito bem, Halcro! — disse o *udaller* — Mas esquece-se de que o feitor não passava de um simples depositário desse dinheiro por conta de Lorde Chamberlain. Ele, que conhece tão bem todos os direitos de Sua Senhoria sobre as baleias e os despojos dos naufrágios, não pode esquecer os mesmos direitos sobre os tesouros achados.

Triptolemus teve nesse momento um cruel ataque de tosse.

— Hum! Hum... decerto, decerto, os direitos de «milord» seriam considerados, tanto mais que o dinheiro estava, posso garantir-lhes, nas mãos de um homem tão recto como não se encontra outro no condado de Angus. Mas escute o que me aconteceu ultimamente. Um dia, eu ia vor se o tesouro estava bem no seu lugar e em segurança, e queria contar a parte que devia pertencer a Sua Senhoria, pois todo o obreiro merece o seu salário, e certamente quem encontra um tesouro pode

comparar-se a um obreiro. Pois bem, meus senhores e minhas senhoras, quando entrei nesse quarto, que imaginam que encontrei? Um anão hediondo e disforme com o meu chifre precioso na mão e todo ocupado em contar o dinheiro. Eu não sou um homem medroso, senhor *fowd*, mas, persuadido de que era necessário proceder com precaução em tal caso, pois tinha razões para crer que ali havia bruxaria, apostrofei o anão em latim, que é a língua mais adequada para falar a um ente de uma natureza diferente da nossa. Esconjurei-o, pois, in *nomine Patris, etc.*, empregando todas as palavras que a minha pobre memória me pôde sugerir. Pois bem, ele estremeceu primeiro como um ser que ouve coisas que não espera; mas, recompondo-se logo, fitou-me com os seus olhos cinzentos, como os de um gato bravo, abriu uma boca enorme, semelhante à goela de um forno, pois diabos me levem se consegui ver alguma coisa que se parecesse com uma língua, e deu a toda a sua hedionda pessoa o ar de um «bull-dog» furioso. Tudo isto me desconcertou um pouco e retirei-me para chamar minha irmã Baby, que não teme nem cães nem diabos quando se trata de dinheiro. Mas uuma velha criada que não serve para nada, Tronda Drondaughter, atravessou-se no caminho de minha irmã a ladrar, a berrar e a uivar como se tivesse uma matilha no corpo. Fui então obrigado a esperar prudentemente que minha irmã se desembaraçasse dela, e, quando isso se consegui e chegámos ao compartimento onde contávamos encontrar o dito anão, o diabo ou qualquer coisa parecida, anão, chifre, dinheiro tinham desaparecido.

Aqui, Triptolemus fez uma pausa, e, enquanto os outros se olhavam num ar de surpresa ante esta estranha narrativa, o *udaller* disse a meia-voz a Claud Halcro:

— Se não era Nicholas Strumpfer era o diabo por ele — E dirigiu-se em seguida ao feitor — Sabe de que maneira esse anão saiu de sua casa?

— Em verdade, não o sei — respondeu Triptolemus, passeando à sua volta um olhar inquieto, como se a recordação daquela cena ainda o intimidasse — Nem eu, nem Barbara, que conservou melhor o sangue-frio. É bem certo que Tronda nos disse que o vira sair pela janela, montado num dragão; mas como se diz que um dragão é um animal de fábula, tenho que tomar a sua asserção como baseada unicamente numa *deceptio visus*, uma ilusão de óptica.

— Mas não lhe poderemos perguntar ainda — disse Brenda, curiosa de saber tudo o que se relacionasse com sua prima Norna — que relação existe entre essa aventura e a sua presença aqui a uma hora tão inconveniente?

— A hora é muito conveniente, *miss* Brenda — interveio Halcro, aborrecido de estar tanto tempo calado — É a mais conveniente possível, visto que nos proporciona a sua amável companhia. Para lhe dizer a verdade, *miss* Brenda, sou eu o culpado de o nosso amigo feitor se encontrar aqui. Quis o acaso que eu passasse por casa dele no instante em que estes acontecimentos acabavam de produzir-se; e diga-se de passagem, fui mesquinamente recebido, decerto devido à perturbação que reinava então na casa. Julgando por certos pormenores da história (o meu amigo Magnus compreende-me) que quem faz a confusão deve conhecer o remédio, propus-lhe fazer uma visita à nossa amiga de Fitful-head. E como o feitor não se dispôs a montar um dos nossos cavalitos... tomei a meu cargo levá-lo a Fitful-head num barco, que Giles e eu governámos tão bem como um almirante o seu navio cheio de tripulação. O senhor Triptolemus Yellowley que diga se algum piloto seria capaz de entrar com tanta destreza na pequena angra que fica a um quarto de milha da moradia de Norna.

— Bem mal andei em confiar-me à sua perícia — disse o feitor — Não sei o que o senhor fez dela quando voltou o barco ao entrar no *voe*, como chamam a um lago; que o testemunhe este pobre rapaz que esteve quase a afogar-se. Eu bem o avisei de que trazia muito pano. Mas, não, o senhor não queria pegar nos remos, para poder tocar violino.

— Isso não é de um bom marinheiro, Claud Halcro — comentou o *udaller*.

— E que sucedeu então? — prosseguiu o agricultor — Ao primeiro golpe de vento, rolámos como uma bola. O senhor Halcro não pensou senão em salvar o seu violino; este pobre rapaz nadava como um cão de água, e eu, se não fosse um remo a que me agarrei, teria ido para o fundo. Aqui ficámos sem socorro e sem conforto, até que um bom vento vos trouxe, pois não tínhamos todos três mais do que um pedaço de pão negro e duro da Noruega, no qual há, segundo creio, mais serradura do que farinha, e cheira a terebentina que tresanda.

— Quando nos aproximámos daqui parecia que estavam muito alegres — disse Brenda.

— *Miss* Brenda ouviu um violino — respondeu o feitor — e quando uma jovem ouve o som de um violino julga que já não nos falta nada. Mas é preciso ver que era o senhor Claud Halcro e creio que ele seria capaz de tocar junto do leito de morte do pai, ou do seu próprio leito, se seus dedos ainda pudessem segurar no arco. Era mais um pequeno acréscimo dos meus infortúnios ouvir tocar áreas norses e escocesas, inglesas e italianas, como se não me tivesse acontecido nada, quando na verdade nos encontrávamos nesta miséria.

Fiz todos os esforços para o distrair — replicou o imprevidente menestrel — E, se não o consegui, a culpa não foi minha nem do violino. Toquei-o perante o glorioso John Dryden...

— Não quero ouvir as suas histórias do glorioso John Dryden! — exclamou o *udaller*, que temia tanto as narrativas de Halcro como Triptolemus receava a sua música

— Já lhe disse que só oiço uma por cada três «bowls» de «punch». Bem sabe que é a nossa velha combinação. Mas, em vez disso, conte-me o que lhe disse Norna sobre o assunto de que foi consultá-la.

— Isso também foi uma bela aventura! — exclamou Yellowley — Ela não nos quis ver nem ouvir. Apenas o nosso amigo Halcro, que esperava ter uma longa conversa com ela, se viu assediado por não sei quantas perguntas sobre a sua família, senhor Magnus Troil; e depois de ter sacado tudo o que queria, estava à espera do momento em que ela o atirava ao mar como uma casca de ervilha vazia.

— E a si o que lhe disse? — perguntou Magnus.

— Não quis escutar nem uma palavra do que eu lhe quis dizer — respondeu Triptolemus — Foi uma lição para os que recorrem a feiticeiras e a espíritos familiares.

— O senhor Yellowley não tinha necessidade de recorrer à ciência de Norna — disse Minna, que estava talvez desejava de pôr termo às queixas que ele fazia de uma mulher que acabava de prestar-lhe um serviço pelo qual se sentia grata — Até uma simples criança das nossas ilhas saberia que um tesouro dado por fadas nunca tarda em desaparecer, se aquele que o recebeu não o usa de maneira útil para si e para os outros.

— Sou um seu humilde servo, *miss* Minna — respondeu o feitor — Agradeço-lhe o que acaba de me dizer e estou encantado por ver que recuperou o seu belo espírito, perdão, queria dizer a sua saúde. Quanto ao tesouro, não o usei, nem abusei, e quem vive debaixo do mesmo tecto de minha irmã Baby não poderá facilmente fazer uma coisa nem outra. E quanto ao que se diz de ofender esses seres a que nós chamamos na Escócia *bons vizinhos* e aqui *se* chamam *drows*, a efigie dos antigos reis *norses que se* encontra nas moedas de ouro e de prata poderia dizer-lhe tanto a esse respeito como eu.

— É a pura verdade — acudiu Claud Halcro, que queria aproveitar a ocasião para se vingar do pouco caso que Triptolemus parecia fazer dos seus talentos de músico e de marinheiro — O nosso amigo feitor foi tão escrupuloso neste ponto que nem quis dizer uma palavra do seu achado ao seu amo Lorde Chamberlain. Mas, agora, que o assunto foi ventilado, terá provavelmente de lhe prestar contas do que já não se encontra na sua posse, pois o lorde não estará muito inclinado a acreditar na história do anão. Quanto a mim, nunca acreditaria na existência de um ente semelhante ao que ele nos descreveu, sem o ver com os meus próprios olhos.

— Nesse caso, abra-os! — exclamou Triptolemus, levantando-se num movimento de pavor — Aí está ele.

Todos os olhos tomaram nesse instante a direcção indicada pelo gesto do agricultor, e enxergaram o vulto disforme de Pacolet, que os fitava através do fumo que enchia a cabana. Entrara sem ser pressentido, durante a conversa, e ficara imóvel e silencioso até ao momento em que o feitor lançara por acaso um olhar para o seu lado. A sua chegada imprevista e o seu aspecto hediondo fizeram tremer o próprio *udaller*, a quem a sua figura era familiar. Descontente da sua comoção involuntária e irritado com o anão que o tinha provocado, Magnus perguntou-lhe bastante bruscamente que motivo o trouxera ali. Pacolet respondeu entregando-lhe uma carta e proferindo um son inarticulado que parecia a palavra *shogh*.

— É uma palavra da língua dos montanheses — disse o *udaller* — Acaso, aprendeste essa língua depois de perderes a tua, Nicolas?

Pacolet fez um movimento afirmativo com a cabeça e pediu-lhe, por um sinal, que lesse a carta.

— Não é muito fácil ao clarão do lume — disse Magnus — No entanto, vou tentar; talvez se relacione com Minna.

Brenda ofereceu-se para ler.

Não — respondeu o pai — As cartas de Norna devem ser lidas por aqueles a quem ela as dirige.

O *udaller* limpou com muito cuidado os seus óculos, que tirara de um grande estojo de cobre, e, colocando-os no nariz,

começou a estudar a epístola de Norna.

— Nem por todas as terras de Gowries desejaria tocar nesse pequeno monstro, nem mesmo aproximar-me dele — disse o feitor, pois os seus receios ainda não se tinham dissipado totalmente, embora visse os restantes presentes olharem o anão como uma criatura de carne e osso — Mas tenho que lhe perguntar o que fez ele das minhas moedas de ouro e prata.

O anão, que ouvira a pergunta, inclinou a cabeça para trás e, abrindo a enorme boca, apontou-a com o dedo.

— Se as engoliu, não há nada a fazer — disse o feitor — Só espero que lhe façam tanto proveito como a luzerna molhada aproveita a uma vaca. Parece que ele está ao serviço de Norna. Tal criado, tal patroa! Que Deus nos acuda!...

Nesse momento, o *udaller* não o podia ouvir, porque tinha chamado Claud Halcro a um canto do compartimento.

— Agora, amigo Halcro — disse Magnus — diga-me que motivo o levou a Fitful-head, pois quase não acredito que fosse unicamente pelo prazer de acompanhar semelhante pássaro.

— A verdade é que fui para consultar Norna sobre os seus assuntos, meu amigo — respondeu o poeta.

— Sobre os meus assuntos! E quais assuntos?

— Sobre a saúde de sua filha. Soube que Norna recusara receber a sua mensagem e nem quisera ver Erick Scambester. Ora, eu nunca mais achara prazer em coisa alguma desde que a gentil Minna adoecera. Pensei então que Norna poderia ter por mim mais consideração do que por outro qualquer, visto que sempre se encararam os bardos e as mulheres de virtude como sendo da mesma família; de maneira que empreendi essa viagem com a rança de que ela não seria de todo inútil para o meu velho amigo e para sua filha.

— É uma prova de amizade de que eu o sabia capaz, meu caro Claud. Sempre disse que, no meio de todas as suas loucuras, se descobria em si o coração de um antigo norse. Não se zangue com o que lhe digo; a gente deve sentir-se bem por ter o coração melhor do que a cabeça. Bem, o senhor não obteve resposta alguma de Norna, ia apostá-lo.

— Nenhuma que me satisfizesse, pelo menos, porque, em vez de responder às minhas perguntas, ela começou a fazer-mas sobre a saúde de Minna, e eu contei-lhe como a encontrara fora de casa durante a noite, com mau tempo, como Brenda me dissera que ela se ferira num pé; enfim, disse-lhe tudo o que sabia.

— E mesmo mais alguma coisa, ao que parece, porque, pelo menos, nunca ouvi dizer que Minna se tivesse ferido.

— Oh, não foi nada, apenas uma arranhadura; mas assustou-me, receava que ela tivesse sido mordida por um cão ou picada por algum bicho venenoso. Enfim, contei tudo a Norna.

— E que respondeu ela?

— Disse que fosse tratar da minha vida, e que tudo se esclareceria na feira de Kirkwall. Deu a mesma resposta ao idiota do feitor, e foi tudo o que obtivemos por prémio dos nossos trabalhos.

— É estranho. Minha prima escreve-me nesta carta que não deixe de lá ir com minhas filhas. Decerto esta feira a preocupa seriamente. E, no entanto, que eu saiba, ela nada tem para lá vender ou comprar. Portanto, você vai sabendo tanto como à vinda, e fez voltar-se o barco no voe?

— Como o podia eu evitar? O vento de terra levantou-se de repente; o rapaz estava ao leme e eu não podia arrear as velas e tocar violino ao mesmo tempo. Mas, que importa? A água salgada nunca pode afogar um setlandês, quando ele se pode salvar. Felizmente, estávamos perto da margem e a água não era funda. Descobrimo este skio abandonado, demo-nos por muito felizes por termos um abrigo e podermos acender um bom lume. E graças à sua companhia e às suas provisões, não nos falta mais nada. Ao lado deste quarto, há outro onde os pescadores dormiam. Cheira um pouco a peixe, mas é um cheiro sadio. As duas manas podem lá recolher-se com as mantas e, Quanto a nós, beberemos um copo de aguardente, eu recito algumas estrofes do glorioso John ou alguns versos da minha lavra e dormiremos depois como abades.

— Dois copos de aguardente, se quiser — emendou o *udaller* — mas nem uma estrofe do glorioso John, nem nada que se pareça, por esta noite!

Esta convenção concluiu-se e executou-se, consoante as condições do udaller. Não se pensou depois senão em dormir, e no dia seguinte meteram-se a caminho, cada um para seu lado. Ficou combinado, antes da partida, que Halcro acompanharia Magnus e as filhas à feira de Kirkwall.

DOIS PIRATAS CONVERSAM EM SURDINA

Por essa mão, julgas-me tão bem registado no livro do diabo como Falstaff e tu, devido a obstinação e a impertinência. Deixa o fim ajuizar do homem... embora eu possa dizer-te, a ti (como aquele a quem quero chamar amigo, à falta de melhor), que ficaria triste, mesmo muito triste.

SHAKESPEARE «HENRY IV», Parte II

Temos que passar agora das ilhas Setland às Órcades, e pedimos aos nossos leitores que nos acompanhem até às ruínas de um edifício antigo, mas elegante, chamado o palácio do Conde, nas vizinhanças da igreja venerável que a devoção norueguesa consagrou a São Magnus, o Mártir. Como este palácio se liga ao do bispo, que também está em ruínas, estes lugares produzem viva impressão na imaginação, ao recordar as transformações operadas, quer no culto, quer na situação política das ilhas Órcades, menos expostas às revoluções e aos perigos do que outros países do Mundo. Poder-se-ia, com algumas modificações adequadas, escolher muitas partes destes edifícios arruinados como modelos de habitação gótica, se os architectos quisessem contentar-se com imitar o que é verdadeiramente belo neste género de construção.

O Palácio do Conde ocupa três lados de um comprido quarteirão e parece, mesmo nas suas ruínas, um edifício elegante, que reúne os caracteres mais notáveis das habitações dos príncipes nos séculos do feudalismo, isto é, a magnificência de um palácio e a robustez de um castelo. Uma grande sala de jantar atesta a hospitalidade dos antigos condes das Órcades. Dali passa-se, quase à maneira moderna, a um salão, ou antes, a uma galeria do mesmo tamanho, de onde igualmente se passa aos quartos instalados nos torreões exteriores. Esta sala é iluminada por uma grande janela gótica que ocupa toda uma extremidade, onde se chega por uma grande e bela escada de três lances.

De braços cruzados e cabeça baixa, o pirata Cleveland passeia a passo lento na sala que acabamos de descrever, onde ele se dirigiu provavelmente por esperar encontrar ali uma solidão completa. O seu vestuário não é o mesmo que usava nas ilhas Setland. Traz uma espécie de uniforme ricamente agalado e carregado de bordados. Um chapéu de pluma e uma espada de copos lindamente cinzelados, companheiros fiéis, por essa época, de quem quer que se atribuisse o título de *gentleman*, denunciavam as suas pretensões a esta dignidade. Mas, se o seu vestuário melhorara, o mesmo não se pode dizer da sua saúde. Estava pálido, perdera o brilho dos olhos e a vivacidade da marcha; a sua fisionomia revelava sofrimentos físicos ou desgostos, e talvez mesmo um misto das duas coisas.

Enquanto ele passeava neste palácio em ruínas, subia rapidamente a escada um mancebo esbelto e ligeiro, que parecia ter cuidado muito a sua «toilette», mas com mais ostentação do que gosto; as suas maneiras mostravam uma affectação de à-vontade peculiar nos estróinas dessa época e a sua fisionomia tinha uma expressão de vivacidade misturada com algum descaramento. Entrou na sala e deteve-se perante Cleveland, que, limitando-se a fazer um ligeiro movimento de cabeça, continuou, num ar sombrio, o seu passeio solitário.

Parecendo impacientar-se de ser objecto de exame por parte do outro, que ficara silencioso a observá-lo, Cleveland deteve-se por seu turno e exclamou num tom brusco:

— Não poderei gozar uma meia hora de tranquilidade? Que diabo me queres tu?

— Estou encantado por teres falado primeiro — disse o desconhecido — Resolvera saber se eras Clement Cleveland ou apenas o seu espírito, pois dizem que os espíritos nunca são os primeiros a dirigir a palavra às pessoas que lhes aparecem. Agora, estou convencido de que és tu em carne e osso. Descobriste um sítio que conviria perfeitamente a um mocho para se esconder em pleno meio-dia, ou a um espírito para passear no pálido luar, como diz o divino Shakespeare.

— Olha — replicou Cleveland de mau humor — a tua descarga de motejos falhou. Tens agora alguma coisa a dizer-me?

— Digo-te muito sinceramente que suponho que deves saber que sou teu amigo.

— Concordo que tens sido sempre bom camarada. E depois?

— Ah, e depois! Eis uma maneira singular de apresentar agradecimentos... Sabes, capitão, que eu, Benson, Barlowe, Dick

Fletcher e mais alguns outros te somos dedicados, que convencemos o teu antigo camarada Goffe a cruzar estas paragens para te encontrar, enquanto Hawkins, a maior parte da tripulação e o próprio capitão queriam fazer-se de vela para a Nova Espanha, a fim de continuar o nosso antigo ofício?

— Quisesse o Céu que vocês se ocupassem dos vossos negócios e me tivessem abandonado ao meu destino!

— Que seria o de ser denunciado e enforcado na primeira altura em que um desses velhacos holandeses ou ingleses a quem desembaraçaste das suas cargas lançasse o olhar sobre ti; e não existe em todo o Universo um lugar onde se encontrem mais do que nestas ilhas. Foi para te salvar desse risco que perdemos um tempo precioso nestas paragens, cujos habitantes se tornaram demasiado exigentes. Quando não tivermos mais mercadorias para vender, nem dinheiro para gastar entre eles, hão-de querer deitar a fâteixa ao navio.

— E porque não partem sem mim? Fizemos uma partilha equitativa; teve cada um a sua parte, proceda cada como entender. Aliás, perdi o meu barco, não irei para o mar sob o comando de Goffe ou de outro qualquer.

Para mais, deves saber que Hawkins e ele nunca mais me perdoaram o tê-los impedido de meter no fundo aquele brigue espanhol, com os pobres negros que estavam a bordo.

— Que diabo estás para aí a dizer? És o Clement Cleveland, o nosso bravo e intrépido capitão? Tens medo de Hawkins, de Goffe e de uma vintena de velhacos semelhantes, quando tens seguro o apoio por mim, por Barlowe, por Dick Fletcher? Alguma vez te abandonámos, quer no conselho, quer no combate? Como podes imaginar que te possamos abandonar agora? Falas de servir sob as ordens de Goffe, mas será coisa nova ver rapazes valentes, que querem fazer fortuna, mudarem de capitão? Fica descansado que tu é que hás-de comandar. Raios me comam se servirei de hoje em diante às ordens de Goffe! É preciso que o meu capitão tenha qualquer coisa que cheire a fidalgo. Aliás, sabes que foste tu que me temperaste as mãos em água salgada e que de actor ambulante me fizeste corsário.

— Ai, meu pobre Bunce, eis um serviço pelo qual não me deves grandes agradecimentos.

— É conforme o encarares. Quanto a mim, não vejo mal em lançar contribuições sobre o público de uma maneira ou de outra. Mas já te pedi que esquecesses esse nome de Bunce, e me chamasses Altamont. Parece-me que um homem da nossa profissão tem o direito de escolher um nome, tal como um actor ambulante; e nunca subi ao tablado que não usasse pelo menos o de Altamont.

— Pois bem, seja, Jack Altamont, visto que altamont é...

— Sim, capitão, Altamont está bem! Mas Jack não é nome apresentável... Jack Altamont! É um casaco de veludo com um galão de papel dourado. Escolhamos antes Frederick, capitão. Frederick e Altamont fazem um belo conjunto.

— Perfeitamente. Mas, dize-me, qual desses nomes soará melhor quando gritarem pelas ruas: «Confissão e últimas palavras de Jack Bunce, ou de Frederick Altamont, que foi enforcado esta manhã pelo crime de pirataria no alto-mar?»

— Para falar verdade, capitão, não posso responder a esta pergunta sem um copo de grogue. Acompanha-me a casa de Bet Haldane, e eu reflectirei sobre esse assunto com a ajuda da melhor aguardente que tenho provado. Mando encher um «bowl» que leva um galão, e conheço umas raparigas bonitas que nos ajudarão a esvaziá-lo...

Mas, abanas a cabeça; não estás com disposição? Bem, fico contigo; porque, Cleveland, não me escaparás. Mas quero tirar-te deste montão de velhas pedras, onde te meteste como um texugo, e levar-te para o ar livre e para a luz do Sol. Onde queres ir?

— Onde quiseres, contanto que não encontremos nenhum dos nossos companheiros, nem nada que se pareça.

— Bem, vamos à montanha de Whitford, que domina a cidade; passearemos aí tão gravemente e tão honestamente como um par de procuradores muito ocupados.

Quando saíam das ruínas do castelo, Bunce voltou-se para o examinar.

— Sabes qual foi a última ave que cantou nesta velha capoeira? — perguntou ele ao companheiro.

— Um conde das órcades, segundo me disseram.

— E sabes qual foi o seu género de morte? Ouvi dizer que morreu de um nó de gravata muito apertado... de uma febre de cânhamo... ou qualquer doença dessa espécie.

— Diz-se que Sua Senhoria, há umas centenas de anos, teve a desgraça de travar conhecimento com um nó corredio e de aprender a dar um salto no ar.

— Saqueou, feriu, matou os leais e fiéis súbditos de Sua Majestade.

— Da família dos «gentlemen» piratas! — exclamou Bunce. E fazendo ao edificio arruinado uma respeitosa vénia num ar teatral: — Mui poderoso, mui grave e mui venerável senhor conde — acrescentou ele — permiti-me que vos apresente o meu querido primo e vos diga um adeus cordial; deixo-vos na boa companhia dos morcegos e dos ratos, e levo comigo um homem honesto que, há um certo tempo, não sentindo mais coragem do que um Morcego, queria deixar a sua profissão e fugir aos seus amigos como um rato e, portanto, seria um digno habitante do vosso antigo palácio.

— Meu caro amigo Frederick Altamont ou Jack Bunce, aconselho-te a não usares do verbo tão alto. Quando andavas pelos tablados podias gritar tão forte como te aprouvesse; mas, na tua profissão actual, que para ti tem tantos encantos, nunca se deve falar senão com o receio de ver diante dos olhos a grande verga ou o nó corredio.

Os dois amigos saíram silenciosos da pequena cidade de Kirkwall e subiram a montanha de Whitford, cujo cimo árido e estéril se erguia ao norte do antigo burgo de São Magnus. A planície situada no sopé desta montanha estava cheia de gente que fazia os preparativos para o dia seguinte, dia da feira de Santo Olavo, reunião dos habitantes de todas as Órcades e mesmo de um grande número de pessoas que vêm do arquipélago afastado das ilhas Setland.

Cleveland não tinha a menor vontade de se imiscuir na cena ruidosa que tinha sob os olhos; e os dois companheiros, fazendo um desvio pela esquerda para subir a montanha, depressa se encontraram na solidão absoluta. Tendo atingido quase o cume desta montanha de forma cónica, ambos se voltaram, como que num tácito acordo, para desfrutar a perspectiva que tinham sob os olhos.

As várias ocupações a que se entregavam na planície, situada entre a cidade e o sopé da montanha, animavam esta parte do cenário, semeando nele a variedade. Mais longe, via-se a cidade, do seio da qual se erguia, como uma massa que parecia mais considerável que todo o resto de Kirkwall, a antiga cathedral de São Magnus. O cais emprestava uma nova vida a este quadro; não só toda a baía situada entre os promontórios de Inganess e de Quanterness, ao fundo da qual ficava Kirkwall, mas também o mar até onde a vista abarcava, e sobretudo o estreito que separa a ilha de Shapinsha da de Pomona, a maior das Órcades, estavam cobertos de uma multidão de navios e de pequenas embarcações de toda a espécie, que vinham de diversas ilhas para trazer passageiros ou mercadorias à feira de Santo Olavo.

Chegados ao sítio mais favorável para desfrutar todo este quadro, os dois estrangeiros, segundo o uso dos marítimos, recorreram ao óculo para observar os navios e a baía de Kirkwall. Mas a atenção de cada um deles pareceu fixar-se num objecto diferente. A de Bunce ou de Altamont, como ele preferia que lhe chamassem, tinha por objecto a corveta, que, notória pelo seu porte superior e pelo pavilhão inglês que tivera o cuidado de arvorar, estava ancorada entre os navios mercantes.

— Lá está ela — disse Bunce — Quisesse Deus que ela estivesse na baía das Honduras, que tu fosses o capitão, que eu fosse o imediato, que Fletcher fosse o teu contramestre e que tivéssemos connosco cinquenta rapazes valentes! Passar-se-ia bem o tempo antes que tivéssemos vontade de tornar a ver estas urzes enfesadas e estas malditas rochas. E tu serias o nosso capitão... Esse velho bruto do Goffe embriaga-se todos os dias como se fosse um lorde; desembainha a espada; ataca os homens da sua própria tripulação, de pistola em punho; enfim, tem tido conflitos tão abomináveis com os habitantes que quase nem querem levar água e víveres a bordo, e estamos à espera de um rompimento, não tardará muitos dias.

Bunce, não recebendo qualquer resposta do seu companheiro, voltou-se de repente para ele e, vendo a sua atenção dirigida para outro lado, exclamou:

— Que diabo tens tu? Que encanto achas tu nesse pequeno barco carregado de bacalhau, peixe salgado, patos fumados e barris de manteiga pior que sebo? Toda a carga não vale a bucha de uma pistola. Não, não, manda-me dar caça a uma embarcação espanhola! Que eu descubra do mastro grande, por alturas da ilha da Trindade, o *Don* a vomitar água como uma baleia, muito carregada de rum, de açúcar, de tabaco, de lingotes de prata, de ouro em pó! Então, velas ao vento; desembarquem o convés, cada um às suas armas, arvorem o *Jolly Roger* (Nome que davam então os piratas ao pavilhão negro

que arvoravam para intimidar os que queriam atacar). Aproximamo-nos, vemos que a tripulação é numerosa, que está bem armada...

— Vinte canhões no convés — disse Cleveland.

— Quarenta, se quiseres — replicou Bunce — E nós não temos senão dez; mas, que importa? O *Don* falha a sua descarga. Alegrem-se, camaradas. Acostem; agora, à abordagem! É isso. Agora, mãos à obra; ponham em acção as granadas, as pistolas, as achas, os sabres... Do *Don* gritam: *Misericórdia!* E nós aliviemo-lo da sua carga, sem dizer: *Con licencia, señor.*

— Palavra de honra — disse Cleveland — tu tomas a profissão tão a peito que supor-se-ia que, quando te fizeste pirata, a sociedade não registou uma grande perda. Mas não me convences a marchar mais tempo contigo por um caminho traçado pelo diabo. Bem sabes o que isso dá de lucro. Ao fim de uma semana ou de um mês, não há mais açúcar nem rum, o tabaco reduziu-se a fumo, os lingotes de prata e o ouro em pó passaram das nossas mãos para as de pessoas honestas e conscienciosas que moram em Port Royal e outros sítios. Fecham os olhos ao nosso comércio enquanto temos dinheiro e tornam-se uns cães quando *já* não o temos. Já não nos fazem senão um frio acolhimento, e acontece mesmo, algumas vezes, que nos denunciam ao juiz prebostal. Quando as nossas algibeiras estão vazias, esses nossos amigos tentam arranjar dinheiro à nossa custa. Vem então a forca, o cadafalso; e assim acaba o «gentleman» pirata. Quero abandonar este ofício, já o disse. Não quero levar mais semelhante vida; estou resolvido a ser homem honesto.

— E onde vai Vossa Honestidade fixar domicílio? — perguntou Bunce — Infringiste as leis de todas as nações, e a mão da Justiça apanhar-te-á e aniquilar-te-á em qualquer parte onde julgues encontrar refúgio... Cleveland, falo-te mais seriamente do que tenho por hábito fazê-lo. Também fiz as minhas reflexões e, embora elas não tivessem durado senão alguns minutos, são suficientemente amargas para envenenar semanas inteiras de prazer. Eis o embaraçoso dilema: a menos que tenhamos vontade de servir de ornamento a algum mastro patibular, que partido podemos tomar senão o de continuar a viver como temos vivido até aqui?

— Podemos — respondeu Cleveland — reclamar o benefício da proclamação feita em favor dos homens da nossa profissão que renunciaram a ela e se apresentam voluntariamente.

— Sim, é verdade, pouparam Harry Glasby e mais uns outros; mas Glasby tornou-se o que se chama útil; traiu os seus camaradas; ajudou a apresar a *Fortuna*, e não é isso o que tu queres fazer. Não, nem mesmo para te vingares do bruto do Goffe.

— Preferia mil vezes morrer! — exclamou Cleveland.

— Juro que te acredito. Quanto aos outros, não passam de homens da tripulação, uns patifes que quase nem valem a corda que os enforcaria. Mas o teu nome fez demasiado barulho para que possas tirar-te facilmente de embaraços. És o chefe da *troupe*, estás, por conseguinte, marcado.

— Mas, porquê? Tu bem sabes como sempre me conduzi, Jack.

— Frederick, se me faz favor.

— Vai para o diabo mais a tua estouvance! Dá tréguas ao espírito e falemos a sério.

— Seja, por um momento, porque sinto que o espírito de Altamont se apodera de mim. Há dez minutos que estou falando como homem grave.

— Pois bem, trata de falar nesse tom por mais uns minutos ainda. Eu sei, Jack, que me és verdadeiramente dedicado; e, visto que abordei este assunto, confio-me a ti inteiramente. Dize-me pois, porque haviam de recusar-me o benefício dessa bem-aventurada proclamação. Tomei, como sabes, um aspecto exterior duro, mas, em caso de necessidade, poderei provar a quantas pessoas salvei a vida; quantas vezes mandei devolver aos proprietários mercadorias que, sem a minha intervenção, teriam sido destruídas só pelo prazer de fazer mal. Numa palavra, bunce, posso provar...

— Que és um bandido tão honesto como o próprio Robin Hood; e é por isso que Fletcher, eu e aqueles de entre nós que não são absolutamente uns vadios, te somos sinceramente devotados, porque tu evitas que ao nome de pirata se atribua um carácter totalmente reprovável. Mas, bem, suponhamos que te concediam o perdão: que farias depois, que classe de sociedade consentiria em receber-te, onde poderias encontrar amigos? Drake, no tempo de Isabel, pilhou o México e o Peru; e bendita

seja a memória dessa rainha, que o fez cavaleiro no seu regresso? No tempo do jovial rei Carlos, o galês Hal Morgan trouxe para terra tudo o que ganhara no mar, comprou um domínio, um castelo, e nunca foi inquietado. Mas hoje já não é a mesma coisa. Se fores pirata um dia, ficas proscrito para sempre. E ao anistiado ninguém quer falar, todos o evitam. Nem um homem honesto se aproximará dele, nem uma mulher de boa reputação lhe concederá a mão.

— As cores do teu quadro são demasiado *sombrias*, Jack! — exclamou Cleveland — Há mulheres... Há uma pelo menos, que seria fiel ao seu amado, mesmo que ele reunisse todos os defeitos que tu descreves.

Bunce guardou silêncio por um momento, de olhos fixos no amigo.

— Pela salvação da minha alma — disse ele, por fim — começo a acreditar que sou bruxo. Por pouco verosímil que isso fosse, não pude deixar de supor, desde o princípio, que havia uma rapariga no caso. Palavra que és pior do que o príncipe Volcius amoroso. Ah! Ah! Ah!

— Ri quando te apeteça, mas é a verdade. Há uma jovem que se digna amar-me, apesar de eu ser um pirata. Sem a esperança de merecer aquela que amo, duvido que tivesse coragem de executar a decisão que tomei.

— Se as coisas são assim, é inútil falar de razão a um homem que perdeu o espírito... O amor, no nosso mester, capitão, não vale mais do que a mania de um lunático. É preciso que essa menina seja de uma espécie rara, para que um homem sensato se arrisque a deixar-se enforcar pelos seus bonitos olhos. É certamente uma jovem de vida exemplar, de reputação sem mancha?

— É a criatura mais virtuosa, como a mais bela, que *olhos* mortais jamais contemplaram.

— E ela ama-te, nobre capitão, sabendo que estás à frente de um bando de «gentlemen» a que o vulgo chama piratas?

— Sim, tenho a certeza.

— Nesse caso, é decididamente louca, ou então não sabe o que é um pirata.

— Tens razão nesse último ponto. Ela foi educada com tanto recato e tanta simplicidade, numa tão completa ignorância do mal, que compara a nossa ocupação com a dos *antigos norses* que dominavam o mar com as suas galeras vitoriosas, fundavam colónias, conquistavam reinos e usavam o título de reis do mar.

— É um título que soa realmente melhor que o de pirata; mas atrevo-me a dizer que é, pouco mais ou menos, a mesma coisa. Porque não a levas a bordo? Porque não lhe fazes passar essa fantasia?

— Julgas que pretendo representar o papel de espírito das trevas até ao ponto de me aproveitar do seu equívoco e do seu entusiasmo para conduzir um anjo de beleza e de inocência a um inferno semelhante ao que existe, como sabes, a bordo do nosso infame navio? Só te digo, meu caro, que os meus outros crimes seriam duplos e duas vezes mais odiosos do que são, e nada seriam ainda ao lado de uma tal cobardia!

— Pois bem, capitão, parece-me que cometeste uma loucura, vindo às Órcades. Qualquer dia espalha-se a novidade de que a corveta *Vingança*, comandada pelo famoso pirata Cleveland, se despedaçou contra os rochedos de Mainland, e aí pereceu. Poderias aí ter ficado ignorado dos teus amigos e inimigos, desposar uma bonita setlandesa, transformarias a tua cinta em fio de pesca, a espada em arpão e tentarias pescar no mar, não glórias, mas peixes.

— E esse era o meu desejo; mas um mísero bufarinheiro, um velhaco de um negociante de feira, metendo-se no que não era chamado, levou às ilhas Setland a nova da vossa chegada aqui, e vi-me na necessidade de partir, a fim de me certificar se era realmente o navio de que eu já tinha falado antes de ter tomado a resolução de renunciar a este modo de vida.

— No fundo, creio que fizeste bem; assim como soubeste em Mainland da nossa chegada a Kirkwall, da mesma forma nós em breve saberíamos da tua estada nas ilhas Setland; e alguns de nós, uns por amizade, outros por ódio, muitos talvez pelo receio de que te desse a fantasia Para desempenhar o papel de Harry Glasby, não deixariam de ir até lá para trazer-te para junto de nós.

— Eu contava com isso, e foi o que me decidiu a recusar a amável oferta que me fez um amigo de me trazer aqui nesta época. Mas, além dessa razão, lembrei-me de que o selo do meu perdão custará algum dinheiro e os meus fundos estão baixos,

porque, como sabes, nunca me mostrei avaro. Quis...

— Quiseste vir buscar a tua parte do bolo... Fizeste bem, e encontrá-la-ás, porque, é preciso confessá-lo, Goffé procedeu honradamente neste caso e respeitou as nossas combinações. Mas que ele nada suspeite das tuas intenções de nos deixares, pois receio que te faça alguma partida. Ele contava como segura a parte que te pertencia; julgava-te morto, e quase não te perdoará o ressuscitares para o vires desapontar.

— Não o temo, e ele bem o sabe — disse Cleveland — Mas há uma outra circunstância que me causa alarmes. Numa maldita questão que tive durante a noite que precedeu a minha partida de Setland, feri um jovem que foi o meu tormento desde que cheguei àquele país.

— E morreu? — perguntou Bunce — Esse caso é *mai < sério* aqui do que nas ilhas Bahama, onde se pode abater três ou quatro impertinentes sem que ninguém faça caso. Mas aqui tudo é diferente. Espero que não tenhas tornado o teu amigo mortal.

— Também o espero. Mas eu explico-te como foi. Primeiro, é preciso que saibas que, quando eu tentava fazer-me ouvir pela minha namorada para obter dela uma curta entrevista antes da minha partida e confiar-lhe os meus projectos, esse jovem apareceu junto de mim. Ora, sentir-me interrompido em semelhante momento...

— Essa interrupção merecia a morte, por todas as leis do amor e da honra.

— Tréguas às tuas frases de tragédia, Jack, e escuta-me. Esse rapaz, que é de um carácter muito vivo, julgou-se no direito de responder-me quando lhe ordenei que se retirasse. Sabes que não sou dotado de muita paciência. Apoiei a minha ordem com um soco, que ele me devolveu com prontidão; lutámos por uns instantes, e pensei logo que era preciso pôr termo ao combate, o que não consegui senão por meio do punhal que, segundo os meus velhos hábitos, trago sempre comigo, como sabes. Mal o acabei de ferir, já me arrependia; mas, nessa altura, já não podia pensar senão em escapar-me e esconder-me, porque, se se apercebessem em casa do que se passava, eu estava perdido. O chefe da família, velho severo e inflexível, entregar-me-ia à Justiça, nem que eu fosse seu irmão. Carreguei às costas o meu adversário e dirigi-me para a beira-mar, na intenção de o lançar em algum precipício onde poderia ficar muito tempo sem ser descoberto. Depois disto, tencionava meter-me na canoa que alugara para me trazer a Kirkwall e que me esperava na praia, e *fazer-me* ao largo imediatamente; mas, ao chegar à beira-mar, ouvi o rapaz soltar um gemido que me advertiu de que não o matara. Estava nesse momento longe de qualquer olhar, entre os rochedos; mas, em vez de pensar em consumir o meu crime, pousei no chão o meu antagonista e tentei estancar o sangue que lhe corria do ferimento. Neste momento uma velha surgiu na minha frente. Já a vira por várias vezes na ilha; é uma mulher a quem os habitantes dão a honra de tomar por feiticeira, como aquelas a quem os negros chamam *oby*. Ordenou-me que lhe deixasse o ferido, e faltava-me o tempo para hesitar em obedecer a esta ordem. Ela ia dizer-me mais alguma coisa, quando ouvimos a voz de um velho, uma espécie de amigo excêntrico da família, que cantava a certa distância. Ela levou um dedo aos lábios, como que para me recomendar segredo, assobiou baixinho e logo vi aparecer um anão disforme e hediondo, com a ajuda do qual ela levou o ferido para uma das inúmeras cavernas que se encontram naquele sítio. Quanto a mim, alcancei a praia num ápice, atirei-me para dentro da canoa e larguei a vela. Se a velhaca da velha goza realmente de crédito junto do rei dos ventos, como se diz, não há dúvida que ela me fez uma boa partida, pois nunca nenhum dos tornados que experimentámos juntos nas Índias Ocidentais, me afastou tanto da rota como o pavoroso furacão que surgiu imediatamente após a minha partida. Se por acaso não trouxesse comigo uma bússola de algibeira, nunca encontraria a Fair Isle, onde encontrei um brigue que me conduziu aqui. Quer a velha me quisesse mal, quer me quisesse bem, aqui estou em segurança contra os perigos do mar, mas preso de inquietações e atormentado por dificuldades de vária espécie.

— Diabos levem o promontório de Sumburgh, onde despedaste o nosso incomparável *Vingança!*

— Não digas que o despedacei! Se os poltrões que me acompanhavam tivessem seguido o meu conselho, o *Vingança* estaria a flutuar neste momento.

— Bem, conheço agora o teu caso e ser-me-á mais fácil dar-te ajuda e conselho. Ser-te-ei fiel, Cleveland, como a lâmina o é ao cabo. Mas não posso consentir que nos deixes. Seja como for, vais hoje para bordo?

— Não tenho outro lugar de refúgio — respondeu Cleveland, suspirando.

Volveu ainda uma vez os olhos para a baía, assestou o óculo sobre os vários barcos que a cruzavam, decerto na esperança de descobrir Magnus Troil, e por fim seguiu em silêncio o seu companheiro.

UMA DESORDEM EM PLENA FEIRA

Sou como *um navio que o mar arrasta,*
E contra as ondas sua resistência é vã,
Se em seu socorro um vento feliz não vem,
Quero de meus vícios triunfar dia a dia,
Mas a tentação, circunstâncias várias,
O hábito, enfim, mantêm sua influência.
Ai, sem uma brisa do céu, como posso esperar
Que meu fraco barco bom porto alcance?

O QUE RARAMENTE SE ENCONTRA

Cleveland e o seu confidente marcharam em silêncio durante algum tempo. Foi Bunce quem primeiro reatou a conversa.

— Tomas demasiado a peito o ferimento desse rapaz. Já te vi fazer muito mais e pensar muito menos.

— Mas nunca com tão pouca provocação, Jack. *Aliás, ele* tinha-me salvo a vida. É verdade que lhe prestei depois idêntico serviço; mas não importa, não era assim que nos devíamos encontrar. Tenho esperança em que os talentos dessa velha lhe sejam úteis. Ela conhece, decerto, estranhos medicamentos.

— Medicamentos de várias espécies, capitão... Que uma rapariga te faça andar a cabeça à roda, é o caso de muito homem que se preza; mas, transtornar a cabeça com as **momices** de uma velha, é demasiada loucura para que um amigo te permita. Fala-me da tua Minna, tanto quanto quizeres; mas não tens o direito de maçar os ouvidos do teu fiel escudeiro a propósito de uma velha bruxa... Agora, que estamos no meio das barracas e lojas que esta boa gente prepara, vamos ver se encontramos alguma coisa com que rir e nos divertirmos por alguns momentos. Na alegre Inglaterra, veríamos em semelhante ocasião dois ou três grupos de actores ambulantes, outros tantos devoradores de fogo e adivinhos e não sei quantas exposições de animais exóticos...

Enquanto Bunce falava, Cleveland detinha o olhar numa barraca arranjada com mais cuidado do que as outras, à frente da qual se encontrava em exposição um fato completo, notável pela sua elegância, com algumas boas fazendas. Um grande cartaz pintado em pano continha, a um lado, a relação das mercadorias que Bryce Snailsfoot punha à venda, bem como o preço de cada artigo; do outro, via-se um desenho figurando os nossos primeiros pais, com o primeiro vestuário que eles arrancavam ao reino vegetal para cobrir a sua nudez e, por baixo, liam-se uns versos encarecendo as vantagens de se vestir com as fazendas de Bryce. Enquanto Cleveland lia esses versos, que lhe trouxeram à memória Claud Halcro, o laureado poeta daquelas ilhas, cuja musa tanto estava ao serviço dos pequenos como dos grandes, e de que provavelmente era o autor, o digno proprietário da loja, vendo-o, apressou-se a despendurar com mão trémula o mencionado fato.

— Pela minha alma, capitão — disse Bunce a Cleveland, em voz baixa — com certeza que já tiveste este pássaro nas tuas *garras* e decerto ele receia ser depenado segunda vez. Mal te lançou um olhar, ei-lo que se apressou pôr a sua mercadoria em segurança.

— A sua mercadoria! — exclamou Cleveland, observando com mais atenção o que fazia o negociante de feira — Mas, aquele fato é meu; deixei-o num baú em Jarlshof, após a pilhagem do *Vingança*. Eh! Bryce Snailsfoot, ladrão descarado, que quer dizer isso? Não te basta vender caro o que compraste barato, ainda precisas de te apoderar da minha mala e dos meus fatos?

Bryce Snailsfoot desejaria provavelmente não se sentir na obrigação de reconhecer o seu amigo capitão; mas foi forçado a reconhecê-lo pela vivacidade com que Cleveland lhe falou. Chamou o rapaz que lhe servia de marçano e disse-lhe ao

ouvido:

— Corre à casa do conselho da cidade e diz ao preboste e aos juizes que mandem imediatamente alguns dos seus oficiais de polícia, porque vai haver desordem na feira.

Dizendo isto, imprimiu mais força às suas ordens empurrando vigorosamente o pequeno mensageiro pelos ombros, o que o fez partir em redobrada velocidade, voltou-se para o seu antigo conhecimento e, com aquela profusão de palavras empoladas e de gestos exagerados que se emprega na Escócia para o que se chama fazer uma frase, exclamou:

— O Céu seja mil vezes bendito! É realmente o digno capitão Cleveland que torno a ver, aquele que nos causou tantas inquietações, aquele por quem meus olhos tanta vez se humedeceram! — E levou um lenço aos olhos — Como sinto o coração aliviado! — ajuntou — Como me sinto feliz por vê-lo restituído aos seus amigos aflitos!

— Aos meus amigos aflitos, miserável! — disse Cleveland — Dar-te-ei um melhor motivo de aflição, se não me disseres já onde roubaste os meus fatos.

— Roubei! — replicou Bryce, erguendo os olhos ao Céu — Que a misericórdia de Deus vele por si! O pobre capitão perdeu o juízo no temporal que sofreu ao sair das ilhas Setland.

— Velhaco impertinente! — exclamou Cleveland, batendo no solo a bengala que tinha na mão — julgas que me enganas com a tua impudência? Se queres conservar a cabeça em bom estado entre os ombros e não ficar com os ossos quebrados, diz-me já onde roubaste os meus fatos.

— Roubei! — repetiu Snailsfoot — Que o Céu me defenda!

E lançou um olhar em redor, em busca do socorro que tanto demorava.

— Quero já uma resposta! — gritou o capitão, levantando a bengala — De contrário, esmago-te como uma múmia, e derrubo toda esta trapagem.

Jack Bunce divertia-se muito com esta cena, e a cólera de Cleveland parecia-lhe um excelente divertimento. Segurou-o por um braço, sem a menor vontade de evitar que ele executasse as suas ameaças, mas unicamente para prolongar uma discussão que o divertia.

— Deixa falar este bom homem — disse ele — Tem a cara mais hipócrita que jamais se viu num patife e possui aquela eloquência que permite ao negociante dar menos uma polegada de pano do que devia. Repara, no entanto, que vocês dois exercem pouco mais ou menos a mesma profissão: ele mede as fazendas com a vara, e tu com a espada. Não admito, pois, que lhe descarregues uma bordoadada, enquanto ele não estiver apto a devolver-ta.

— Estás doido! Deixa-me, por Deus! Quero quebrar-lhe os ossos.

— Segure-o, meu caro senhor! Segure-o bem — pedia o bufarinheiro.

— Está bem! Mas responde-lhe qualquer coisa, de contrário, largo-o.

— Ele acusa-me de lhe ter roubado estas mercadorias, mas o facto é que eu comprei-as legitimamente.

— Compraste-as, mísero vagabundo! — exclamou Cleveland — E a quem tiveste tu a audácia de comprar os meus fatos? Quem teve o descaramento de tos vender?

— A senhora Swertha, digna governanta em Jarlshof, procedendo como sua executante testamentária; ela estava tão triste quando mos vendeu...

— Mas como pôde ela vender objectos que lhe foram confiados?

— Procedeu de boa-fé, a digna mulher — respondeu Snailsfoot, que desejava prolongar a discussão até à chegada de socorros — E se o senhor quiser ser razoável, eu posso dar-lhe contas da mala e de tudo o que ela continha.

— Pois bem, fala então — disse o capitão — E nada de evasivas. Se mostrares vontade de ser honesto, ao menos uma vez

na vida, prometo não te maltratar.

— Muito bem, nobre capitão — disse o negociante — O senhor compreende: todo o país estava numa grande inquietação, uma das maiores, das mais autênticas inquietações. Supunham que Vossa Senhoria, que todos estimam e respeitam, estava no fundo do mar, pois não havia nem uma notícia. Toda a gente o lamentava, o considerava como perdido... morto... defunto... falecido...

— Far-te-ei sentir que ainda estou vivo! — exclamou o irascível capitão.

— Tenha paciência por um momento. O senhor não me deixa falar... Havia também o jovem Mordaunt Mertoun.

— Ah, sim! Que lhe sucedeu?

— É o que ninguém sabe dizer. Desapareceu, perdeu-se, dissipou-se. Presume-se que caiu do alto de algum rochedo ao mar, porque era um rapaz muito audacioso... Eu fiz com ele alguns negócios de peles e de penas, que me dava em troca de pólvora e de chumbo...

— Mas que relação tem isso com os fatos do capitão? — perguntou Bunce — Eu é que me encarrego de te afagar as costas, se não te cingires aos factos.

— Um momento, um momento... Temos tempo de chegar aos factos... Mas, como eu ia dizendo, duas pessoas tinham desaparecido, sem falar da tristeza que ia em Burgh-Westra, por ocasião em que *miss Minna*...

— Toma cuidado, patife! — exclamou o capitão, num tom de cólera concentrada — Se não falares com todo o respeito que lhe é devido, corto-te as orelhas e obrigo-te depois a comê-las.

— Eh! Eh! Eh!... — tentou rir o bufarinheiro — O senhor quer divertir-se comigo. É uma brincadeira. Mas, não falemos em Burgh-Westra. Estava no velho castelo de Jarlshof o senhor Mertoun, o pai de Mordaunt, e toda a gente supunha que ele criara raízes no rochedo de Sumburgh. Pois bem, ei-lo perdido, como os outros. Por fim, temos Magnus Troil (falo dele com todo o respeito) que monta a cavalo; temos o senhor Claud Halcro que se mete no seu barco, e não há nestas ilhas ninguém menos apto do que ele a governar um barco, porque o seu espírito está sempre preocupado em procurar rimas, e o feitor embarca com ele... Ei-los a percorrer todos os campos, de maneira *que se* pode dizer que anda metade dos habitantes à procura da outra... Terríveis tempos estes!

O capitão tivera domínio bastante sobre si próprio para ouvir a tirada sem pestanejar, mas o seu companheiro é que perdera a paciência.

— Os fatos! Os fatos! Venham os fatos! — bradou ele, voltando a bengala em torno dos ombros do bufarinheiro, com suficiente habilidade para lhe causar mais medo do que mal, pois nem uma única vez lhe tocou.

Snailsfoot, a quem o receio obrigava a fazer inúmeras contorsões, ia gritando, entretanto:

— Mas, senhor... Meu bom senhor... meu digno senhor... Sim, os fatos. Escute-me, senhor. Eu encontrei a digna mulher muito desgostosa por causa do seu patrão mais velho, do seu patrão mais novo e do digno capitão, por causa da aflição que reinava na família do digno *fowd*, por causa do próprio digno *fowd*, do senhor Claud Halcro, do feitor, e por causa de muitas causas. Juntámos os nossos desgostos e as nossas lágrimas; recorremos a uma garrafa para nos aconselhar, como diz a Escritura...

A bengala recomeçou o seu exercício. O nosso amigo Bryce recuou um passo e exclamou:

— E que diabo quer que eu diga mais? Ela vendeu o baú do vestuário; paguei o seu preço, portanto, pertence-me, e é isto que eu hei-de manter até à morte.

— Quer isso dizer — pronunciou Cleveland — que essa velha bruxa teve o descaramento de vender o que não lhe pertencia e que tu, honrado Bryce Snailsfoot, tiveste a Audácia de o comprar.

— Mas, digno capitão — disse o consciencioso bufarinheiro — que queria o senhor que fizessem duas pobres criaturas como nós? O senhor, que era o proprietário, tinha desaparecido; o senhor Mordaunt, que era o depositário, tinha desaparecido

também; os fatos tomavam humidade, corriam o risco de se estragar; de maneira que...

— De maneira que a velha vendeu-os — acrescentou Cleveland — e tu compraste-os só para que não se estragassem.

— Eis o que se chama explicar razoavelmente as coisas

— disse o negociante de feira.

— Pois bem, descarado patife, escuta. Não quero sujar os dedos tocando-te, nem perturbar a tranquilidade pública; eu...

— Tem boas razões para isso, capitão — disse Snailsfoot, num ar significativo.

— Quebro-te os ossos se pronuncias mais uma palavra. Toma atenção. Restitui-me a carteira de couro preto fechada à chave, a bolsa de dobrões, alguns fatos de que preciso, e deixo-te o resto.

— Dobrões! — repetiu o bufarinheiro, gritando muito para fazer acreditar que experimentava uma grande surpresa — Não sei o que o senhor quer dizer; comprei fatos e não dobrões.

— Dá-me a minha carteira e tudo o que me pertence, velhaco! — exclamou Cleveland — Ou não te digo mais nada e faço-te saltar os miolos fora do crânio.

O manhoso comerciante relanceou um olhar e viu que se aproximava o socorro que esperava. Eram seis oficiais de polícia, porque os vários conflitos que tinha havido entre a tripulação e os habitantes advertiram os magistrados de que era necessário reforçar as patrulhas sempre que se tratasse desses estrangeiros.

— Venerável capitão! — replicou Snailsfoot, animado com a vista do reforço que chegava — O senhor faria melhor em aplicar a si próprio o termo de ladrão. Quem sabe onde obteve tão belos adornos?

Pronunciou estas palavras num tom chocarreiro, acompanhando-as de um olhar malicioso. E Cleveland não esperou por mais. Agarrando-o pela gola, fê-lo saltar por cima da mesa que lhe servia de balcão, derrubando-o com as fazendas que aí se encontravam, e, segurando o comerciante com uma mão, aplicou-lhe com a outra um severo castigo de bengaladas. O seu movimento foi tão rápido e a cólera emprestou-lhe uma tal energia, que Bryce Snailsfoot, apesar de bastante vigoroso, surpreendido pela vivacidade deste ataque, não teve tempo de se colocar em defesa, e contentou-se com gritar por socorro, mugindo como um touro.

O reforço, que avançava a passo lento, chegou enfim, e os oficiais de polícia, unindo os seus esforços, obrigaram Cleveland a largar o negociante. Cleveland teve que defender-se. E fê-lo com tanto vigor e destreza como coragem, poderosamente apoiado pelo seu amigo Jack Bunce, que vira com grande prazer a tarefa aplicada ao bufarinheiro e que combatia agora com resolução para salvar o companheiro das consequências que este incidente podia ter. Mas, como desde há algum tempo a animosidade entre os habitantes da cidade e a tripulação pirata vinha aumentando sempre, os primeiros, irritados com a atitude impertinente dos marinheiros, prometeram a partir de então ajudar-se mutuamente e apoiar a autoridade sempre que se desse algum conflito. Grande número de espectadores tomou partido pelos oficiais de polícia, e Cleveland, depois de se ter batido valentemente, foi por fim derrubado e feito prisioneiro. O seu camarada, mais feliz do que ele, procurou a salvação nas suas pernas, logo que viu que era impossível saírem vitoriosos.

O coração altivo de Cleveland, que, mesmo no meio da depravação dos seus princípios, sempre conservara alguma coisa da sua nobreza primitiva, esteve prestes a despedaçar-se quando se viu derrubado neste ignóbil combate, arrastado pela cidade como um prisioneiro e obrigado a percorrer as ruas para comparecer ante os magistrados, então reunidos na sua sala de deliberações. As probabilidades de uma detenção e as consequências que daí podiam advir apresentavam-se ao seu espírito. Amaldiçoou cem vezes a loucura que cometera, arriscando-se a cair numa situação perigosa, só por querer castigar um ladrão.

Mas, quando chegavam à porta do Município, um novo incidente veio mudar o aspecto das coisas de uma maneira tão rápida como imprevista.

Ao fazer uma retirada precipitada, Bunce levava a intenção de a tornar tão útil ao seu amigo como a si próprio. Correu para o porto onde estava a chalupa do navio pirata e, tomando a chefia dos homens da tripulação que ali se encontravam, levou-os em socorro de Cleveland.

Viu-se surgir em cena uma dúzia de mocetões resolutos, como o costumam ser os da sua profissão. Lançaram-se através da turba, que apartavam a grandes bastonadas, e, abrindo caminho até Cleveland, depressa o arrancaram das mãos dos oficiais, que não esperavam um ataque tão furioso como rápido. Levaram-no em triunfo para o cais;

alguns deles, de quando em quando, voltavam-se para intimidar a população que os seguia, mas que não fazia a menor tentativa para recuperar o prisioneiro; a vista das pistolas e dos sabres de que os piratas vinham armados bastava para os conter em respeito.

Alcançaram o seu barco, sem sofrerem qualquer oposição, e ali fizeram entrar Cleveland, a quem as circunstâncias não deixavam outro refúgio. Empunhando os remos, afastaram-se para o navio que estava na baía, cantando em coro uma velha canção, da qual os habitantes de Kirkwall, reunidos na margem, não puderam ouvir senão a primeira copla:

Arvorai o negro pavilhão,

Diz à sua gente o capitão:

Que o inimigo o possa ver,

Mas que ninguém no-lo arrebate.

Fogo de bombordo e de estibordo,

É o mar nosso domínio;

Fogo de bombordo e de estibordo,

Para nós a vitória, ou a morte?

O coro selvático das suas vozes ainda se fez ouvir por muito tempo depois das palavras já não serem inteligíveis — e foi assim que Cleveland se encontrou, quase involuntariamente, de novo *entre os companheiros de que tinha* resolvido separar-se.

A GRANDE E EXTRAORDINÁRIA REVELAÇÃO

Que existe, amigo, mais forte que o amor de mãe?

É um encanto semelhante ao chamariz do caçador

Que pode, dos altos ares, chamar à terra

O génio altivo de um espírito mágico.

Não perdeu Próspero o seu poder secreto,

Senão quando Miranda lhe encantou a vara.

CANÇÃO ANTIGA

A nossa história tem que recuar ainda, para levarmos os nossos leitores junto de Mordaunt Mertoun?

Deixámo-lo na melindrosa situação de um homem gravemente ferido. Encontramo-lo agora convalescente, na verdade, ainda pálido e fraco em consequência de uma grande perda de sangue e de uma febre que lhe sobreveio, mas muito feliz porque a lâmina do punhal, escorregando-lhe pelo dorso, apenas produziu um ferimento pouco perigoso. Estava então quase curado, graças aos bálsamos e às drogas da sábia Norna de Fitful-head.

A matrona e o seu doente estavam numa ilha mais afastada. Durante a enfermidade, e antes de ele ter recuperado totalmente o uso dos sentidos, Mordaunt fora transportado para a estranha moradia de Norna, em Fitful-bead, e dali para outra ilha num barco de pescadores de Burgh-Westra. Esta mulher alcançara um tal ascendente sobre o carácter supersticioso dos seus conterrâneos que nunca lhe faltavam agentes fiéis para executar, sob rigoroso segredo, as suas ordens.

Mordaunt achava-se agora sentado a um canto do lume, num compartimento razoavelmente mobilado, com um livro na mão, ao qual, de quando em quando, lançava um olhar num ar de enfado e de impaciência. Atirou o livro para cima da mesa, na atitude de pessoa ocupada em reflexões pouco agradáveis.

Norna, que, sentada na sua frente, parecia trabalhar na composição de algum medicamento, ergueu-se num ar de inquietação e, aproximando-se de Mordaunt, tateou-lhe o pulso, interrogou-o no mais afectuoso tom sobre a sua saúde, perguntando-lhe se sentia alguma dor súbita e em que sítio. À resposta de Mordaunt, embora feita em termos destinados a exprimir o seu reconhecimento, dizendo que não sentia nenhuma indisposição, a pitonisa não pareceu satisfeita.

— Jovem ingrato — disse ela — tu, por quem eu tanto fiz, tu, que a minha ciência e o meu poder arrancaram às portas da morte, já estás tão aborrecido da minha presença que não possas evitar mostrar que desejarias passar longe de mim os primeiros dias de uma vida que eu salvei?

— A senhora não me faz justiça — respondeu Mordaunt — Eu sei que me salvou a vida, e estou por isso cheio de gratidão, mas tenho deveres a cumprir.

— Deveres! E que deveres se podem sobrepor à gratidão que me deves? Deveres! Pensas na tua espingarda, em trepar às rochas para perseguires as aves marinhas... As tuas forças ainda não te permitem esse exercício, apesar de estares tão apressado em cumprir esses deveres.

— Não é isso que me preocupa, minha boa benfeitora; mas, para lhe citar um único dos meus deveres que me obrigam a deixá-la, basta que lhe fale do que um filho deve a seu pai.

— A seu pai! — exclamou Norna, com um sorriso sardónico — Mas que fez teu pai para merecer que cumpras para com ele os deveres de que falas? Não foi ele que, como me disseste em tempos, te abandonou na tua infância ao cuidado de estranhos, apenas provendo às tuas necessidades, não se informando sequer se eras vivo ou morto, e limitando-se a enviar-te, de tempos a tempos, algum pequeno socorro, como quem atira uma esmola a um leproso cujo contacto se receia? E durante estes poucos anos em que fez de ti o companheiro da sua misantropia, ele ora te instruíra, ora te atormentava; mas nunca,

Mordaunt, procedeu como pai.

— Há qualquer coisa de verdade no que diz; mas se a ternura de meu pai não é expansiva, nem por isso experimentei menos os felizes efeitos. É dever de um filho ser grato pelos benefícios que lhe concede um pai, mesmo indiferente. Devo ao meu toda a instrução que recebi, e estou persuadido de que ele me ama. Aliás, os homens não podem mandar nas suas afeições. Ele é infeliz, e mesmo que ele não me estimasse...

— Mas ele não te ama! — exclamou Norna com vivacidade — Ele nunca amou coisa alguma, nunca amou outra pessoa senão ele próprio. É infeliz, mas bem mereceu a sua desdita... Mas, ó Mordaunt, se não tens pai, resta-te uma mãe, uma mãe que te quer mais do que ao ar que respira.

— Uma mãe? — exclamou Mordaunt, num tom de incredulidade — Ai, há muito tempo que já não tenho mãe.

— Enganas-te, enganas-te — disse Norna, muito sensibilizada — A tua desditosa mãe não morreu. Quisesse o Céu que ela lá estivesse! Mas não está. Essa mãe que te ama com uma ternura sem igual, sou eu, Mordaunt — ajuntou ela, lançando-se-lhe ao pescoço — Sou eu essa infeliz... não, essa ditosa mãe...

Apertou-o nos seus braços, num movimento convulsivo, vertendo lágrimas, as primeiras talvez que ela chorou desde há muitos anos. Assombrado do que acabava de ouvir, do que via, do que sentia; comovido ele próprio pela agitação de Norna e, no entanto, inclinado a atribuir o seu arrebatamento a um desequilíbrio do seu espírito, Mordaunt tentou em vão acalmar aquela mulher extraordinária.

— Filho ingrato! — exclamou ela — Quem, senão uma mãe, teria velado por ti como eu o fiz? Logo que vi teu pai, há uns anos, sem que ele suspeitasse que mulher o observava, reconheci-o imediatamente. Vi-te então bem novo, mas a voz da Natureza, falando-me ao coração, asseverou-me que tu eras o sangue do meu sangue, os ossos dos meus ossos. Recordá-te de quantas vezes te surpreendeste de me encontrar, quando menos o esperavas; recordá-te de quantas vezes velei por ti, quando escalavas os rochedos, pronunciando encantações com que se expulsam os demónios que aparecem aos ousados caçadores nos sítios mais perigosos e os tornam vítimas de um movimento de terror! Não fui eu quem suspendeu ao teu pescoço, para garantia da tua segurança, essa cadeia de ouro que um rei mágico deu aos fundadores da nossa raça? Daria eu presente tão precioso a outro que não fosse um filho querido? Mordaunt, o meu poder fez por ti coisas em que outra mãe não poderia pensar sem tremer. À meia-noite, esconjurei a Sereia para que o teu barco estivesse em segurança nos mares. Obriguei a calar os ventos e immobilizei as ondas no Oceano, para que tu pudesses caçar sem perigo nas montanhas.

Mordaunt, vendo que a imaginação de Norna parecia transviar-se cada vez mais, procurou dar-lhe uma resposta que a pudesse satisfazer e acalmar.

— Minha querida Norna — disse ele — tenho sobejas razões para lhe dar o nome de mãe, a si, que tantos serviços me prestou, e encontrará sempre em mim a afeição e o respeito de um filho; mas a cadeia de que me fala já não está ao meu pescoço; nunca mais a vi depois de ter sido ferido.

— Ai! — disse Norna, em doloroso tom — Era nisso que devias pensar em semelhante momento? Mas, seja. Fui eu quem ta tirou para a suspender ao pescoço daquela que te é querida, para que a vossa união, união que tem sido o meu único desejo terrestre, se possa realizar, como há-de realizar-se, mesmo que o inferno lhe quisesse levantar obstáculos.

— Ah! — suspirou Mordaunt — A senhora não toma em conta a distância que me separa dela. O seu pai é rico e de uma família antiga.

— Não é mais rico do que o será o herdeiro de Norna de Fitful-head — respondeu a pitonisa — O seu sangue não é mais puro nem mais nobre do que aquele que tua mãe te fez correr nas veias, pois ela descende dos mesmos reis do mar a quem Magnus deve a sua origem. Julgas, como os estrangeiros fanáticos que vieram até nós, que teu sangue ficou manchado por a minha união com o teu pai não ter recebido a sanção de um padre? Fica sabendo que nos casámos segundo os antigos ritos dos norses. Demos as mãos no círculo de Odin, pronunciando solenes juramentos de fidelidade, que mesmo as leis dos usurpadores escoceses achariam tão válidos como a bênção recebida aos pés do altar. Magnus não tem nenhuma censura a fazer ao filho de uma tal união. Sou fraca, criminoso, mas o nascimento do meu filho não foi acompanhado de infâmia.

O tom calmo e coerente em que Norna se exprimia começou a insinuar no espírito de Mordaunt um princípio de crença no que ela dizia. Ela ajuntou tantos pormenores e tantas circunstâncias ligadas entre si que era difícil manter a opinião de que esta história fosse apenas um produto do desvairamento do espírito que se notava por vezes nos seus discursos e nos seus actos.

— Julga realmente, minha mãe, visto que me ordenou que lhe desse esse nome — disse Mordaunt — que haja alguma maneira de fazer Magnus Troil arrepender-se dos ressentimentos que concebeu contra mim e o leve a consentir na minha união com Brenda?

— Com Brenda! — repetiu Norna — Quem fala de Brenda? É de Minna que queres falar.

— Mas era em Brenda que eu pensava, é nela que eu penso, é só nela que eu hei-de pensar sempre.

— Impossível, meu filho! Não podes ter o espírito tão cego, o coração tão fraco, que prefiras a alegria pueril de uma rapariga, que não serve para mais nada senão para ocupar-se da lida do lar, aos sentimentos elevados e à imaginação exaltada da nobre Minna! Quem desejaria baixar-se a colher uma humilde violeta, quando não tem mais do que estender a mão para se apoderar da rosa deslumbrante?

— Há quem pense que as flores mais humildes são as que espalham o aroma mais doce, e eu quero viver e morrer nessa convicção.

— E ousas tu falar-me assim! — exclamou Norna com violência. Mas, mudando bruscamente e tomando-lhe a mão da maneira mais afectuosa — Não, não, meu filho — disse ela — tu não podes querer despedaçar o coração de tua mãe no próprio instante em que, pela primeira vez, ela te chama filho. Não me respondas, mas escuta-me. Tens que desposar Minna: atei-lhe ao pescoço o talismã do qual quis o Destino que dependesse a vossa felicidade comum. Todo o meu trabalho, desde há muitos anos, se orienta nesse sentido. Nada pode mudar este decreto da sorte. Minna deve ser a esposa de meu filho.

— Mas Brenda não lhe toca de tão perto? Também não lhe é querida?

— Toca-me de muito perto pelo sangue; mas não me é tão querida; meu coração não lhe tem nem metade do amor. A alma dócil, mas exaltada e reflectida de Minna, torna-a a companhia adequada para um ser cujos caminhos estão, como os meus, muito longe das veredas vulgares deste Mundo. Brenda é uma jovem apenas interessada nas coisas vulgares.

— É certo que ela não é supersticiosa nem entusiasta, e por isso ainda a amo mais. Mas note, minha mãe, que corresponde também à afeição que tenho por ela, e que se Minna a sente por alguém, é por esse estrangeiro, esse Cleveland.

— Não. Ela não o ama, não se atreveria a amá-lo! Ele próprio não ousaria pedir a sua mão. Eu disse-lhe, à sua chegada a Burgh-Westra, que a reservava para ti.

— Então, é a essa declaração imprudente que devo o ódio que esse homem me votou, o ferimento que recebi e quase a perda da minha vida. Veja, minha mãe, até onde as suas intrigas já nos conduziram. Em nome do Céu, não as leve mais longe!

Esta censura pareceu chocar Norna com a vivacidade de um relâmpago e a força de um raio. Levou a mão à frente e esteve quase a deixar-se cair na cadeira. Mordaunt, assustado, apressou-se a sustê-la nos seus braços, e, quase sem saber o que dizia, tentou pronunciar algumas palavras incoerentes.

— Poupa-me, justo Céu, poupa-me! — exclamou ela, após alguns instantes de silêncio — Se queres punir o meu crime, não o incumbas da vingança. Sim, mancebo, ousaste dizer-me o que eu não me atrevo a dizer a mim própria. Falaste-me uma linguagem que eu não posso ouvir sem cessar de viver, se ela for a linguagem da verdade.

Foi em vão que Mordaunt se esforçou por interrompê-la, assegurando-lhe que não sabia como pudera ofendê-la ou causar-lhe algum desgosto, e testemunhou-lhe o seu pesar. Ela prosseguiu, em voz trémula de comoção:

— Sim, despertaste essa negra suspeita que abala a Convicção íntima do meu poder, o único dom que me foi concedido em troca da minha inocência e da paz do meu coração. A tua voz junta-se à desse demónio que, no próprio instante em que os elementos me reconhecem como sua dominadora, me diz baixinho: «Norna, tudo isso não passa de ilusão; o teu poder apenas se apoia na estúpida credulidade dos ignorantes, auxiliada por mil pequenos artificios a que recorres». Eis o que tu querias dizer; e, por muito falso que seja, existem neste cérebro exaltado — ajuntou ela, colocando um dedo na sua própria frente — pensamentos rebeldes que, como a revolta em país invadido, se levantam para tomar partido contra o soberano atacado. Poupa-me, filho — continuou ela — poupa-me. O império de que as tuas palavras me privariam não é de grandeza de molde a provocar invejas. Bem poucas pessoas desejariam reinar sobre espíritos insubmissos, sobre furacões ululantes, sobre correntes furiosas. O meu trono é uma nuvem, o meu cetro um meteoro e o meu reino só é povoado de fantasmas. Mas é preciso que eu, ou deixe de existir ou continue a ser a mais poderosa e a mais mísera das criaturas.

— Não faça raciocínios tão sombrios, minha querida e infeliz benfeitira — disse Mordaunt muito comovido — Eu acreditarei em tudo o que queira que eu creia do seu poder. Mas, no seu próprio interesse, veja as coisas por outro prisma. Desvie os seus pensamentos desses estudos misteriosos, que lhe causam tanta turbacão, renuncie a esses problemas excêntricos; dê melhor direcção às suas ideias; a vida oferecer-lhe-á ainda encantos, e a religião consolações.

Ela escutou-o num ar calmo, como se estivesse pesando os seus conselhos e quisesse fazer deles a regra do seu procedimento; mas logo que ele se calou, ela meneou a cabeça e exclamou:

— Não pode ser! Tenho que continuar a ser a temível, a misteriosa Reimkennar, a soberana dos elementos, ou deixar de existir. Não há para mim nem alternativa, nem meio termo. O meu posto tem que ser no rochedo inacessível que pés mortais jamais pisaram, a não ser os meus ou terei que dormir no fundo do temível Oceano, cujas vagas escumantes rugirão, rolando o meu cadáver insensível. A parricida nunca será acusada de impostura.

— A parricida! — repetiu Mordaunt, recuando horrorizado.

— Sim, meu filho — respondeu Norna, com uma calma mais assustadora do que a impetuosidade a que ela se entregara momentos antes — Foi dentro destas paredes funestas que meu pai encontrou a morte, e fui eu a sua causa. Foi neste mesmo quarto que o encontraram frio, lívido e sem vida. Filho, foge da desobediência aos pais; são os seus amargos frutos!

Ao proferir estas palavras, ela levantou-se e saiu do compartimento, onde Mordaunt ficou só, a reflectir à vontade sobre os estranhos pormenores que acabava de ouvir. Seu pai ensinara-o a não acreditar nas superstições dos setlandeses, e via agora que Norna, conseguindo enganar os outros tão bem, não conseguia enganar-se totalmente a si própria. Era uma circunstância de ponderar que parecia provar que não tinha o espírito transviado. Mas, por outro lado, a acusação de parricida que ela fazia a si própria era tão estranha, tão improvável, que bastava para fazer Mordaunt duvidar das suas outras asserções.

Tinha bastantes ócios para se entregar às suas reflexões sobre o que devia acreditar e rejeitar, porque ninguém se aproximava da moradia solitária de que Norna, o anão e ele eram os únicos habitantes. A ilha onde ela se encontrava era inculta e muito elevada acima do nível do mar. O clima desta ilha era frio; o solo, húmido e estéril, só oferecia ao olhar um aspecto de desolação.

Mas as proximidades do mar, que se tornaram o passeio predilecto de Mordaunt quando a sua convalescença lhe permitiu fazer exercício, compensavam-no do aspecto árido do interior. Um belo estreito separa esta ilha solitária da de Pomona; ao centro deste estreito está situada, lembrando uma mesa de esmeralda, a pequena ilha verdejante de Gramsay.

Mordaunt resolveu abandonar estas paragens logo que o restabelecimento da sua saúde lho permitisse; contudo, a sua gratidão por Norna, de quem ele era filho, se não pelo sangue, pelo menos por adopção, não o deixava partir sem sua autorização, mesmo que ele pudesse obter meios de partir, o que não parecia nada verosímil. Não foi senão a muito custo que lhe arrancou a promessa de que se consentisse em regular o seu procedimento pelos conselhos que ela lhe desse, Norna tomaria a seu cargo levá-lo à capital das Órcades, por ocasião da feira de Santo Olavo, cuja época estava próxima.

CLEVELAND RECONQUISTA O SEU POSTO

O insulto à frente altiva, a amarga zombaria,

A raiva disfarçada em pilhéria,

A ameaça unindo à blasfémia os seus furores:

A vingança manejando punhais traiçoeiros

Dos bandidos, por estes indícios, se reconhece o asilo,

Batendo-se entre eles, sossega o homem honrado.

«O CATIVEIRO», POEMA

Quando Cleveland, arrancado às mãos dos oficiais de justiça que o tinham detido em Kirkwall, foi levado em triunfo para o navio dos piratas, uma grande parte dos homens da tripulação celebraram a sua boa-vinda com gritos de alegria e aproximaram-se dele para lhe apertar a mão e felicitá-lo pelo seu regresso, pois o posto de capitão entre os corsários não o eleva muito acima dos outros, e todos, em tudo o que não se relacione com o serviço, se julgam no direito de o tratar de igual para igual.

Depois de a sua facção, assim se pode chamar aos seus amigos, exprimir de maneira tão ruidosa a satisfação que experimentava por tornar a vê-lo, conduziram-no para a popa, onde Goffe, actual comandante do navio, estava sentado em cima de um canhão, a escutar num ar sombrio e descontente as alegres aclamações que anunciavam a chegada de Cleveland. Era um homem entre quarenta e cinquenta anos, de estatura acima da mediana, mas de tal maneira robusto que a sua tripulação tinha por costume compará-lo a um grande vaso de guerra. Tinha cabelos negros, pescoço de touro, sobranceiras espessas; o seu ar feroz e as suas formas desgraciosas, mas que denunciavam vigor, contrastavam com o ar másculo e a fisionomia aberta de Cleveland, que mesmo na sua profissão infame não perdera inteiramente o à vontade e a nobreza que se faziam notar naturalmente nos seus gestos como na sua linguagem.

Os dois capitães piratas encararam-se por alguns *momentos* em silêncio, enquanto os respectivos partidários se agrupavam à sua volta. Goffe foi o primeiro a falar.

— Foste bem recebido a bordo, capitão Cleveland. Com mil bombas, supunha que ainda eras o comodoro; mas, com os demónios, quando perdeste o navio, o teu posto de comodoro foi-se com todos os diabos!

Adverte-se aqui, de uma vez para sempre, que o hábito deste digno comandante era introduzir nas suas falas, numa proporção quase igual, pragas e outras expressões análogas, ao que ele chamava *dar a sua bordada*. Como não gostamos de descargas de artilharia deste género, indicaremos apenas por meio de traços como este — os lugares das suas frases que ele enriqueceria com esses ornamentos.

À insinuação de que desejaria retomar o comando em chefe, respondeu Cleveland que não o queria nem o aceitava; que tudo que pedia ao capitão Goffe era que lhe emprestasse a sua chalupa para o conduzir a uma ilha, visto ele não querer comandar, nem servir sob as suas ordens.

— E porque não servir debaixo das minhas ordens? — perguntou Goffe de mau humor — És algum grande senhor — para não me servires? — comando aqui homens — que são os teus antigos marinheiros. E melhores do que tu nunca o serás.

— Desejaria saber — respondeu Cleveland, com o maior sangue-frio — qual foi desses bons marinheiros o que colocou o navio ao alcance do fogo daquela bateria de seis peças; não viu ele que o poderiam meter no fundo, se quisessem, antes que tivesses tempo de cortar o cabo e fazeres-te ao largo? Marinheiros mais antigos e melhores do que eu podem achar bem servir debaixo das ordens de semelhante biltre; mas, quanto a mim, capitão, não gosto disso, e é tudo o que tenho a dizer-te.

— Irra! Parece-me que estão os dois malucos — disse Hawkins, o mestre da tripulação — Um encontro ao sabre Ou à pistola pode ter o seu valor quando não se tem nada de melhor que fazer; mas onde estaria o nosso senso comum se os homens

da nossa profissão se divertissem a pelear entre si para dar a esses patos das ilhas ensejo de nos atacar?

— Assim é que é falar, meu velho Hawkins — disse Derrick, o contramestre, oficial de grande importância entre os piratas — Se os dois capitães não chegam a acordo e não se entendem para a defesa do barco, que diabo!, não há senão que destituí-los a ambos e escolher outro.

— A ti, por exemplo, digno contramestre — disse Jack Bunce — Mas isso não chega. É preciso que aquele que comande «gentlemen» o seja também, e eu levanto a minha voz pelo capitão Cleveland, porque é o mais valente e o mais digno «gentleman» que jamais pisou um convés.

— Tu queres passar por «gentleman»? — replicou Derrick — Na verdade, um alfaiate faria um melhor com os reles farrapos que sobraram do teu guarda-roupa teatral. É uma vergonha, para gente de brio como nós, servir com um rebotalho de bastidores, um vagabundo!

Jack Bunce sentiu-se tão irritado, ao ver-se tratado assim, que levou sem hesitar a mão ao punho do seu sabre; mas o mestre da tripulação e o carpinteiro precipitaram-se entre os dois antagonistas; este jurando que abriria o crânio com a sua acha ao primeiro que vibrasse algum golpe, aquele lembrando que, segundo as suas leis, era expressamente proibido questionar e sobretudo bater-se a bordo; os que tivessem algum diferendo a derimir deviam ir para terra, e pugnar pela sua razão, de sabre ou de pistola em punho, na presença de dois camaradas.

— Eu não tenho questão com ninguém — disse Goffe de mau humor — O capitão Cleveland divertiu-se a passear por essas ilhas — e nós perdemos o nosso tempo — a procurá-lo e a esperá-lo, quando poderíamos ter juntado vinte ou trinta mil dólares à bolsa comum. Quanto ao resto — eu quero tudo o que quer a tripulação.

— Eu proponho — disse Hawkins — que se reúna o conselho-geral, conforme os nossos regulamentos, a fim de deliberar que partido se há-de tomar nesta questão.

A proposta do mestre da tripulação foi aprovada por unanimidade, pois cada um confiava nos conselhos-gerais, onde até o último homem da tripulação tinha tanto direito de votar como o capitão. A maioria não apreciava esta prerrogativa senão porque, nessas ocasiões solenes, a aguardente era distribuída à discrição.

A aguardente correu então em tais quantidades que a embriaguez se mostrou em todas as suas formas degradantes, uns proferindo horríveis blasfêmias, outros, numa alegria brutal, medonhas imprecações e outros, ainda, entoando canções obscenas e ímpias. No meio deste inferno terrestre, os dois capitães, com um ou dois dos seus partidários, o carpinteiro e o mestre, formaram entre eles uma espécie de conselho privado, ou um pandemonium, para ponderar o que se devia fazer.

Quando começaram a deliberar, os amigos de Goffe notaram, com enfado, que ele não tivera a precaução de evitar o excesso de bebida; mas, pelo contrário, querendo afogar o desgosto que lhe causara o regresso de Cleveland, o velho capitão deixara naufragar a sua lucidez. A sombria taciturnidade que lhe era peculiar impedira que o notassem antes do início da deliberação; depois foi-lhe impossível dissimular.

Cleveland foi o primeiro a falar, para dizer que, bem longe de desejar o comando do barco, o único favor que pedia era que o abandonassem em qualquer ilha, em qualquer rochedo a uma certa distância de Kirkwall e que lhe deixassem depois o cuidado de se tirar de apuros.

O mestre da tripulação opôs-se vivamente a esta resolução.

— Todos nós conhecemos o capitão Cleveland — disse ele — e sabemos que se pode depositar tanta confiança na sua experiência como na sua coragem. O grogue nunca molhou a sua pólvora; o seu génio está sempre pronto a disparar sobre o que for preciso; e, quando ele está no navio, nós temos a certeza de que, em qualquer caso, aqui se encontra alguém em estado de governar e comandar a manobra. Quanto ao capitão Goffe, é mais valente do que todos que alguma vez comeram bolacha a bordo; mas, digo-o na sua presença, quando tem um grão na asa, torna-se tão conflituoso que não há meio de se poder viver com ele. Lembram-se de uma vez que, por teimosia, esteve prestes a despedaçar o *Cavalo de Copinsha* contra um rochedo; e de outra, em pleno conselho, disparou a pistola e partiu a perna ao diabo do Jack Jenkins.

Jenkins nada perdeu! — exclamou o carpinteiro — Eu cortei-lhe a perna com a minha serra, tão bem como faria um cirurgião; cauterizei-lhe o ferimento com a minha acha em brasa, e depois fiz-lhe uma perna tão bonita e tão boa como a que ele perdeu, e que, não há dúvida, bem lhe serve.

— Ah! Tu és um homem habilidoso, diabòlicamente habilidoso — disse o contramestre — No entanto, eu não gostaria que empregasses nos meus membros a tua serra e a tua acha; tens muito onde empregar a tua ferramenta a bordo. Mas não é disso que se trata agora. A questão é saber se nos devemos separar do capitão Cleveland que aqui está, homem tão bom para o conselho como para a acção. Em minha opinião seria atirar o piloto ao mar quando o vento empurra o navio para a costa. Acrescento ainda que não seria próprio de um coração de marinheiro abandonar assim os seus camaradas que perderam tanto tempo a procurá-lo e a esperá-lo, de maneira que as nossas provisões estão quase esgotadas e vamos ficar sem água. Não nos podemos fazer de vela sem estarmos abastecidos, e não nos podemos abastecer sem a ajuda dos habitantes de Kirkwall. Se nos divertimos por aqui mais tempo, corremos o risco de ver cair em cima de nós a fragata *Alcyon*, que foi vista há dois dias por alturas de Peterborough, e nesse caso faremos de bom ornamento da forca. Ora, se alguém nos pode tirar do pescoço o nó corredio, esse alguém é o capitão Cleveland. Ele levará esses tipos de Kirkwall pela brandura, dir-lhe-á bonitas palavras e, se for preciso, saberá mostrar-lhes os dentes. E que querem vocês fazer do bravo capitão Goffe? — Perguntou um velho pirata a quem restava um só olho — Eu sei que ele tem os seus caprichos, e já lhos sofri como qualquer outro; mas, no fim de contas, nunca homem mais valente subiu a um navio corsário.

— Se não quiserem ouvir-me até ao fim, isso valerá tanto como falar a negros — replicou Hawkins — O que eu proponho é que Cleveland seja capitão desde a uma hora da tarde até às cinco da manhã, visto que durante esse tempo Goffe está sempre bêbado.

Nesse momento, Goffe deu uma prova da veracidade desta acusação, ao tentar proferir algumas palavras inarticuladas e ameaçando com a pistola a Hawkins, que desempenhava o papel de mediano.

— Vêem? — disse Derrick — Que bom-senso se pode esperar de um homem que, mesmo durante uma reunião do conselho, se embriaga como o último dos marujos? No entanto — prosseguiu — dois capitães no mesmo dia, isso não dá nada. Sou de opinião que comande uma semana cada um, e que comece Cleveland.

— Eu penso que ele nos poderá ajudar mais do que qualquer outro — disse Hawkins.

— Sim, sim! — exclamou Bunce — Há-de fazer melhor figura que o bêbado do seu antecessor, para chamar à razão esses velhacos de Kirkwall. Portanto, viva o capitão Cleveland!

— Um momento, senhores! — pediu Cleveland, que permanecera silencioso até então — Espero que não me nomeiem capitão sem meu consentimento.

— E porque não? — replicou Bunce — *É pro bono publico!*

— Mas, ao menos, oiçam-me. Acedo a tomar o comando do navio, porque vocês o desejam e porque vejo que, sem mim, vocês dificilmente se tirarão de embarcações... Mas, com a condição de, logo que consiga reabastecer o barco e o ponhamos em estado de se fazer ao largo, devolver o comando ao capitão Goffe e me deporem em terra em qualquer ilha das cercanias. Não podem reear que eu os atraioe, visto que ficarei a bordo até ao último momento.

— E ainda mais algum tempo, espero eu — murmurou Bunce entre dentes.

A nomeação foi feita por votos, e toda a tripulação tinha tanta confiança nas faculdades de Cleveland, superiores às de Goffe em todos os sentidos, que a destituição deste não sofreu oposição, mesmo por parte dos seus partidários, que disseram muito acertadamente:

Porque se embriagou? Era a ele que competia defender os seus próprios interesses.

Mas, no dia seguinte, a parte da tripulação que a embriaguez impedira de participar nas resoluções, sabendo o que ficara decidido no conselho-geral, apoiou com tanto entusiasmo o que se fizera, que Goffe, por muito descontente que estivesse, julgou conveniente refrear o seu ressentimento até que as circunstâncias se lhe tornassem mais favoráveis. Submeteu-se, pois, à degradação, o que não era nada extraordinário entre piratas.

Por seu lado, Cleveland resolveu desempenhar-se, com zelo e sem perda de tempo, da missão, que acabava de tomar a peito, de tirar a tripulação da situação perigosa em que se encontrava. Nesta intenção, ordenou que descessem a chalupa ao mar, a fim de ele próprio ir a Kirkwall com doze homens, que escolheu entre os mais valentes e os mais vigorosos do bando, quase tão bem vestidos como os seus oficiais, graças às boas pilhagens, todos bem armados de sabres e pistolas, e alguns até de achas e punhais.

Cleveland, porém, distinguia-se pela elegância do seu vestuário. Um apito de ouro, sinal da sua dignidade, pendia de uma cadeia do mesmo metal, que lhe dava várias voltas ao pescoço. Ostentava ainda um ornamento peculiar a estes audaciosos piratas, que, não se contentando com o trazer à cinta um par de pistolas, levavam mais dois pares, de um trabalho rico e precioso, suspensos de uma larga faixa carmesim passada a tiracolo. Os copos da espada do capitão eram tão ricos como o resto do seu equipamento, e a sua boa cara dava-lhe uma tal vantagem sobre os companheiros, que, quando subiu à coberta, foi recebido com aclamações gerais, segundo o costume do povo, que julga pelas aparências.

Cleveland incluiu o seu antecessor no número daqueles que o deviam acompanhar. O ex-capitão também estava ricamente vestido; mas, não possuindo o bom aspecto do seu sucessor, apresentava um ar de camponês vestido à janota, ou antes de salteador de estrada vestido com os despojos do viajante que acabou de assassinar. Cleveland, provavelmente, quis levar Goffe com ele a fim de o impedir de aproveitar a sua ausência para desmoralizar a tripulação. Deixaram o navio, acompanhando o movimento dos remos com uma canção em coro, à qual o ruído das ondas fazia de música de fundo. E foi assim que chegaram ao cais de Kirkwall.

Entretanto, o comando do navio fora confiado a Jack Bunce, com o zelo e a fidelidade do qual Cleveland sabia que podia contar; e numa bastante longa conversa que tiveram os dois, este último deu ao jovem amigo instruções acerca do que devia fazer em diversas circunstâncias que podiam sobrevir. Terminadas estas combimações e ficando Bunce advertido de tomar cuidado com os partidários de Goffe no navio e com algum ataque que pudesse partir de terra, a chalupa partiu por fim. Ao aproximar-se do cais, Cleveland mandou arvorar o pavilhão branco e notou que a sua chegada provocava muito movimento e alarme. Mandou-se alguém à pressa à bateria de seis canhões e arvorou-se o pavilhão inglês. Estes sintomas não deixavam de ser inquietantes, tanto mais que Cleveland sabia que, embora não houvesse artilheiros em Kirkwall, encontravam-se por lá muitos marinheiros que conheciam perfeitamente o manejo de uma peça.

Atento a estas demonstrações hostis, mas não deixando transparecer no semblante nem medo nem inquietação, Cleveland ordenou que se dirigissem em linha recta para o cais. A margem estava debruada de uma multidão de habitantes, que, armados de mosquetes, de espingardas de caça, de picos e de grandes facas de esquartejar baleias, pareciam reunidos com o intuito de se opor ao seu desembarque. Dir-se-ia, no entanto, que não tinham tomado a esse respeito uma resolução positiva, pois, logo que o barco tocou a margem, recuaram e admitiram que Cleveland e os homens da sua escolta saltassem em terra, sem tentar opor qualquer obstáculo. Os piratas alinharam em boa ordem no cais, à excepção de dois que ficaram na chalupa, e que se afastaram para certa distância de terra. Esta manobra de pôr o barco fora do perigo de ser apresado denunciava da parte de Cleveland e da sua gente uma espécie de confiança e de negligência para intimidar os seus adversários. Os habitantes de Kirkwall provaram, no entanto, que ainda lhes corria nas veias alguma coisa do sangue dos antigos guerreiros do Norte. Permaneceram firmes perante os piratas, de arma ao ombro, barrando-lhes a emboscadura da rua que conduzia à cidade.

Os dois partidos encararam-se em silêncio por alguns instantes. Cleveland usou, por fim, da palavra:

— Que quer dizer isto, senhores? — perguntou ele — Acaso os habitantes das órcades se transformaram em montanheses da Escócia? Porque estão todos em armas, de manhã tão cedo? Reuniram-se no cais para me fazer a honra de celebrar com uma saudação o meu regresso ao comando do meu navio?

Os habitantes entreolharam-se e um deles encarregou-se de lhe responder:

— Não sabemos quem você é. Aquele homem — disse ele, apontando Goffe — é que se dizia capitão quando vinha a terra.

— É o meu imediato, e comanda na minha ausência. Mas não é disso que se trata; desejo falar ao vosso *Lord Mayor*, ao chefe dos vossos magistrados, ou como lhe chamais.

— O preboste e os magistrados estão reunidos.

— Tanto melhor. Onde estão eles reunidos?

— No Município.

— Dêem-nos passagem, senhores, porque os meus homens e eu temos necessidade de nos apresentar ali.

Os habitantes consultaram-se um momento em voz baixa, em seguida deixaram-lhes o caminho livre, e Cleveland avançou, mantendo a sua gente formada em pelotão, não deixando aproximar ninguém dos flancos do seu pequeno

destacamento e ordenando aos quatro homens que compunham a retaguarda que se voltassem, de quando em quando, para enfrentar os que os seguiam; com estas precauções, conseguiu tornar muito difícil a tarefa dos que pensassem em atacá-los.

Percorreram assim a estreita rua que conduzia à sede do município, onde os magistrados estavam reunidos como tinham informado Cleveland. Aí, os habitantes começaram a cercá-los mais estreitamente. Mas Cleveland, prevendo o perigo, antes de entrar no edifício, ordenou que desimpedissem a porta, mandou marchar quatro homens à frente para dispersar os que o tinham precedido, e ordenou a outros quatro que enfrentassem a multidão que os seguia; e os bons burgueses bateram em retirada ao ver o ar feroz e resoluto dos piratas, a sua tez crestada do sol, os seus braços nervosos e as suas armas temíveis. Cleveland entrou então no Município com a sua gente e atingiu uma sala onde os magistrados deliberavam sem terem junto deles qualquer força armada.

Os magistrados parece terem sentido o perigo, pois olharam uns para os outros num ar inquieto, enquanto Cleveland lhes dirigia a palavra nos termos seguintes:

— Bom dia, meus senhores. Espero que não exista qualquer desinteligência entre nós. Venho combinar com os senhores a maneira de obter provisões para o nosso barco que está fundeado no vosso porto. Sem isso não nos podemos fazer ao largo.

— O seu barco, senhor? — disse o preboste, a quem não faltava nem bom-senso nem coragem — Como podemos nós saber se o senhor é o capitão?

— Olhe para mim — respondeu Cleveland — e creio que não me fará essa pergunta segunda vez.

O magistrado fixou-o e, efectivamente, não julgou conveniente insistir no mesmo interrogatório, como se admitisse o facto.

— Visto ser o senhor o capitão — disse ele — diga-me de que porto veio e qual é o seu destino. O senhor parece mais o capitão de um vaso de guerra do que de um navio mercante, e nós sabemos que não pertence à marinha inglesa.

— O pavilhão da marinha inglesa não é o único que flutua por esses mares. Mas, admitindo que eu comando um navio contrabandista com carregamento de tabaco, aguardente, genebra e outras mercadorias dessa espécie, que estamos dispostos a trocar por abastecimentos de que precisamos, não vejo por que motivo os comerciantes de Kirkwall no-los recusam.

— Capitão, é preciso que saiba que nós não ligamos muita importância a essas coisas — disse o clérigo da cidade — Quando navios da espécie do seu nos visitam, vale mais, como lhe dizia o preboste, fazer o que fez o carvoeiro quando encontrou o diabo, isto é, proceder com eles como eles procedem connosco. E aqui está um — ajuntou, indicando Goffe — que era o capitão antes do senhor... e que talvez depois o volte a ser, que não ignora como o recebemos bem e aos seus homens, até que começaram a proceder como autênticos diabos. E ali está outro, aquele, que agarrou a minha criada, que seguia à frente com uma lanterna, e que a ofendeu na minha presença.

— Sem querer melindrar Vossa Senhoria — disse Derrick, a *quem* o clérigo apontava — não fui eu que bombardeei essa pequena barca de rapariga que levava uma lanterna à popa; foi um homem que não se parecia nada comigo.

— Quem foi então? — perguntou o preboste.

— Saiba Vossa Senhoria — respondeu Derrick, com uma reverência grotesca, e fazendo a descrição do próprio magistrado — que era um homem de certa idade, uma espécie de embarcação holandesa de popa redonda, com uma cabeleira empoada e um nariz vermelho, muito parecido com Vossa Majestade. Diz lá, Jack — perguntou ele, dirigindo-se a um dos seus camaradas — não achas que o pândego que o outro dia quis abraçar uma pequena que levava uma lanterna se parecia muito com Sua Senhoria?

— Por Deus, Derrick, iria jurar que é ele próprio!

— É uma insolência da qual os podemos fazer arrepender, senhores! — disse o magistrado, justamente irritado com aquele descaramento — Os senhores portaram-se nesta cidade como se estivessem numa povoação de selvagens, em Madagáscar. Mesmo o senhor capitão, se acaso o é realmente, provocou ontem à tarde uma desordem. Não forneceremos quaisquer provisões, sem sabermos melhor quem sois. Basta-me agitar um lenço a esta janela, para que o vosso navio seja metido no fundo. Lembrem-se de que ele está ao alcance de uma bateria de seis peças.

— E quantas dessas peças estão em estado de servir? — perguntou Cleveland.

Ele fizera esta pergunta ao acaso; mas viu perfeitamente, pela confusão que o preboste tentou em vão dissimular, que a artilharia de Kirkwall não estava na melhor ordem.

— Vamos, senhor preboste, não nos assustamos assim com tanta facilidade — ajuntou ele — Sabemos que os vossos canhões serão mais perigosos para quem se servir deles do que para o nosso navio. Mas se nós entrássemos no porto para atirar uma bordada contra a vossa cidade, a baixela das vossas esposas correria bastante risco... Censurar aos marinheiros alguns excessos de alegria quando estão em terra! Os pescadores da Groenlândia que por vezes vos visitam não são verdadeiros diabos? Asseguraram-me que o senhor era um homem de bom-senso, e tenho a certeza de que o senhor e eu arrumaremos o assunto em cinco minutos.

— Pois bem, senhor — disse o preboste — estou disposto a escutar o que me quer dizer, se quiser acompanhar-me.

Cleveland seguiu-o a um compartimento contíguo à sala.

— Senhor — disse ele ao entrar — vou deixar as minhas pistolas, por muito pouco que elas o assustem.

— Deixe-se ficar com as pistolas! — exclamou o preboste — Servi o rei, e tenho tanto medo do cheiro da pólvora como o senhor.

— Tanto melhor — disse Cleveland — assim escutar-me-á com mais sangue-frio. Agora, senhor, suponhamos que nós somos aquilo de que suspeita, se assim lhe apraz. Mas, em nome do Céu, que podem ganhar em reter-nos aqui? Luta e sangue derramado; e, creia-me, nós estamos melhor preparados do que os senhores o pretendem estar... A questão é bem simples; os senhores querem desembaraçar-se de nós, e nós desejamos ir-nos embora. Forneçam-nos pois os meios de partir e deixamo-los imediatamente.

— Escute, capitão — respondeu o preboste — eu não quero beber o sangue a ninguém. Você é um belo rapaz, como havia vários nos meus tempos entre os corsários, e creio não o ofender ao desejar-lhe melhor profissão. Dar-lhe-ia de bom grado pelo seu dinheiro as provisões de que precisa, para livrarmos os nossos mares da sua presença; mas eis a dificuldade: espere-se aqui de um momento para o outro a *Alcyon*; se ela ouvir falar de vocês, dar-vos-á caça, porque o navio corsário é por vezes uma boa presa, pois raramente deixa de trazer uma boa carga de dólares. Bem, a *Alcyon* chega e vocês põem-se ao largo,..

— Faz-nos saltar nos ares com uma explosão do paiol da pólvora — emendou Cleveland.

— Não será assim — replicou o preboste — Mas depois que sucederá à boa cidade de Kirkwall, que favoreceu os inimigos do rei fornecendo-lhes provisões? Condenam-na a uma multa, e o proboste não se livrará facilmente de embaraços.

— Eu estou a ver onde o sapato lhe aperta — disse Cleveland — Suponhamos então que eu dou a volta à sua ilha e vou à baía de Stromness. Podem levar-nos lá tudo o que precisamos, sem que o preboste e a cidade de Kirkwall pareçam metidos nisso. Aliás, se houvesse alguma suspeita, a nossa força superior e a vossa falta de meios de resistência seriam a vossa justificação.

— Talvez — disse o preboste — Mas, deixando-os sair do nosso porto, preciso de uma garantia de que não devastam o país.

— E nós também precisamos de outra — disse Cleveland — para ficarmos seguros de que não procurarão demorar o abastecimento até que chegue a *Alcyon*. Consinto em ficar eu próprio como refém, se me der a palavra de honra em como não me atraiçoa e envia para bordo do meu navio alguém de importância cuja pessoa responda pela minha.

O preboste meneou a cabeça e deu-lhe a entender que seria difícil encontrar alguém que quisesse servir de refém com tanto risco; mas acabou por dizer-lhe que proporia um acordo com alguns membros do conselho a quem se pudesse confiar um assunto de tanta importância.

INICIATIVA QUE NÃO DÁ RESULTADO

Para lavrar o mar abandonei a minha charrua

DIBDIN

Regressando com Cleveland à sala do conselho, o preboste reuniu alguns magistrados a quem julgava conveniente dar parte das propostas do pirata, e retirou-se de novo com eles para a sala contígua. Enquanto eles discutiam, ofereceu-se a Cleveland e aos seus homens aperitivos a mandado do preboste. Cleveland deu licença à sua gente para os aceitar, mas não sem tomar precauções contra qualquer surpresa; metade do destacamento ficava em armas enquanto a outra metade permanecia à mesa.

Entretanto, ele passeava ao longo da sala, conversando sobre diversos assuntos com várias pessoas presentes, como um homem que estivesse perfeitamente à vontade.

Ficou um pouco surpreendido de encontrar ali Triptolemus Yellowley, que, achando-se por acaso em Kirkwall, fora convidado pelos magistrados a tomar parte na assembleia, como representante, até certo ponto, do Lorde Chamberlain. Cleveland renovou imediatamente o conhecimento que travara com ele em Burgh-Westra e perguntou-lhe que negócios o traziam às Órcades.

— Vim para ver como vão os meus pequenos planos — respondeu o agricultor — Estou cansado de me bater *com* as feras do Éfeso. Combato-as inutilmente, e queria saber se o meu pomar, que plantei a quatro ou cinco milhas de Kirkwall, há cerca de um ano, prometia prosperar, e o que era feito das minhas abelhas, de que trouxe nove enxames para aclimar nesta região e para transformarem em mel e cera as flores do mato.

— Calculo que tenha obtido êxito — disse Cleveland, que, por muito pouco que lhe interessasse esta conversa, a queria manter para quebrar o silêncio sombrio e glacial que guardavam os circunstantes.

— Obtido êxito! — exclamou Triptolemus — Vão como vai tudo neste país, isto é, às arrecuas.

— Falta de cuidado, suponho — disse Cleveland.

— Foi o contrário, senhor, precisamente o contrário — respondeu o feitor — Os meus cortiços pereceram porque tomaram demasiado cuidado com eles. Pedi que me mostrassem os cortiços e o pândego que devia tomar conta neles pareceu radiante e muito contente da sua pessoa.

«O senhor havia de ver muitos cortiços, disse ele. Se não fosse eu estar alerta, o senhor não encontrava nem uma dessas moscas. Eu vigiava-as de perto, e uma bela manhã de sol notei que elas se escapavam todas pelos buraquinhos da base dos cortiços; tratei logo de tapá-las com greda. Se não fosse assim, diabos me levem se ficaria alguma mosca, ou abelha, ou como demónio lhe chamam». Numa palavra, senhor, emparedou os cortiços como se os pobres bichos tivessem peste, e as minhas abelhas estavam todas mortas. Assim acabaram as minhas esperanças *generandi gloria mellis, como diz Virgílio*.

— Adeus hidromel — disse Cleveland — Mas o senhor contava fazer cidra. Como vai o pomar?

— Ai, capitão, esse mesmo Salomão de Ofir das Órcades, porque não é aqui que se pode mandar buscar talentos de ouro nem talentos de espírito, esse homem prudente tinha tanta ternura pelas minhas macieiras que as regou com água quente, e tudo morreu, ramos e raízes. Mas para que me lamentar? Gostaria mais de saber, capitão, porque motivo oiço para aí falar tanto em piratas. Porque acabo de chegar do outro lado da ilha e não percebo nada disto. E agora, que estou vendo melhor, capitão, parece-me que o senhor traz consigo mais pistolas do que necessita um homem em tempo de paz e tranquilidade.

A chegada do preboste interrompeu a tempo esta conversa.

— Resolvemos — disse ele — que o seu navio se dirija ao porto de Stromness ou de Scalpa Flow para aí se abastecer, a fim de evitar que haja mais conflitos entre os homens da tripulação e os nossos habitantes. E, como o senhor deseja ficar em Kirkwall para ver a feira, tencionamos mandar para bordo do seu navio um homem respeitável que auxiliará os *seus* homens com os seus conselhos para dobrar o promontório e atingir a baía de Stromness, visto que a navegação nestas paragens não é

isenta de perigos.

— Chama-se a isso falar com um magistrado pacífico e de bom-senso, senhor preboste — disse Cleveland — Não esperava menos de si. Mas, que homem respeitável *deve* honrar o meu navio com a sua presença enquanto eu estiver ausente?

— É o que nós decidimos também, capitão. O senhor deve calcular que nós desejamos todos, à compita, fazer uma viagem tão agradável e em tão boa companhia; mas, devido à feira, a maior parte tem os seus negócios que lho impede. Quanto a mim, o meu lugar retém-me necessariamente em Kirkwall; a esposa do mais antigo dos nossos magistrados acaba de dar à luz; o tesoureiro não pode aguentar o mar; dois outros magistrados sofrem de gota; os outros estão ausentes da cidade, e quinze membros do conselho estão retidos por negócios particulares.

— Tudo o que lhe posso dizer, senhor preboste — proferiu Cleveland, levantando a voz — *é* que espero...

— Um momento de paciência, por favor, capitão — interrompeu o preboste — O que nós resolvemos foi que, devido ao seu posto respeitável, o digno senhor Triptolemus Yellowley, que é feitor do Lorde Chamberlain destas ilhas, tenha a honra e o prazer de os acompanhar.

— Eu! — exclamou Triptolemus, muito admirado — E porque diabo hei-de ir eu? Os meus negócios são em terra firme.

— Estes senhores têm necessidade de um piloto — disse o preboste a meia voz — Não podemos deixar de lhe fornecer um.

— Terão eles necessidade de se despedaçar contra a costa? — perguntou Triptolemus — Como diabo poderei eu servir de piloto? Nunca em minha vida toquei num leme.

— Calma! Calma! Silêncio! — exclamou o preboste — Se os nossos habitantes o ouvissem, o senhor perderia logo toda a consideração que todos têm por si. Nós, os ilhéus, não ligamos importância a um homem senão quando ele *sabe* governar e manobrar perfeitamente um navio. Aliás, não *se* trata senão de um pró-forma; nós mandamos-lhe Pate Sinclair para o ajudar. O senhor nada mais terá que fazer senão beber, comer e divertir-se.

— Beber e comer! — disse o feitor, que não compreendia porque lhe distribuíam subitamente aquele papel — Beber e comer está muito bem; mas, para lhe dizer a verdade, o mar faz-me tanto mal como ao tesoureiro, e sempre tive melhor apetite em terra.

— Silêncio! Tome cuidado — disse-lhe o preboste em voz baixa, com o tom do mais vivo interesse — Quer o senhor perder a sua reputação? Um feitor do grande Lorde Chamberlain das Órcades e das ilhas Setland, a quem o mar fizesse mal! Equivaleria a dizer que o senhor era um montanhês da Escócia e que não gostava senão de *whisky*.

— isso tem que se resolver de qualquer maneira, meus senhores — disse Cleveland — Já devíamos ter levantado ferro. Consente o senhor Triptolemus Yellowley em honrar o meu navio com a sua presença?

— Bem, certamente, capitão Cleveland — tartamudeou o feitor — Não teria a menor repugnância em ir consigo para toda a parte; somente...

— Não faz nenhuma objecção — interrompeu o preboste, sem o deixar prosseguir.

— Não faz nenhuma objecção! — exclamou o tesoureiro.

— Não faz nenhuma objecção — repetiram em coro os quatro magistrados e os quinze conselheiros, variando cada um esta exclamação com o acréscimo de algumas palavras em honra de Triptolemus, como: Digno homem! Homem respeitável! Bravo patriota! A cidade ficar-lhe-á eternamente reconhecida! Onde encontrar um feitor igual?

Atordoado e confundido com os elogios que choviam de todos os lados, e não percebendo nada do assunto de que se tratava, o agricultor, interdito, sentiu-se impotente para fugir de representar o papel de Curtius de Kirkwall, de que maliciosamente o incumbiam. O capitão Cleveland entregou-o então às mãos dos piratas que lhe tinham servido de escolta, recomendando-lhes *que o* tratassem com o maior respeito. Goffe e os seus companheiros dispunham-se a meter-se a caminho e a levá-lo com eles, no meio dos aplausos de toda a assembleia, tal como outrora se ornava de grinaldas, soltando gritos de alegria, a vítima sacrificada pelos sacerdotes para salvação do Estado. Foi quando o conduziam assim, meio de vontade, meio

à força, para fora da sala, que o pobre Triptolemus, muito alarmado e vendo que Cleveland, em quem depositava uma certa confiança, não o acompanhava, tentou, no instante em que ia cruzar a porta, apresentar algumas objecções.

— Mas, preboste, capitão, magistrados, tesoureiros, conselheiros, escutem-me! Se o capitão Cleveland não for para bordo para me proteger, não temos nada feito. Não vou, a não ser que me arrastem como uma charrua.

O protesto não foi ouvido. Afogou-se numa torrente de elogios com que os magistrados e os conselheiros continuaram a cumulá-lo, gabando o seu espírito público, agradecendo-lhe a dedicação, desejando-lhe boa viagem, fazendo promessas ao céu pelo seu pronto e feliz regresso. Aturdido, desconcertado, e pensando, se acaso ainda podia pensar nesse momento, que todas as objecções seriam vãs, visto que, amigos e estranhos, pareciam estar todos de acordo naquela resolução, deixou-se conduzir para a rua, sem opor resistência. Então, o destacamento dos piratas colocou-o ao centro e iniciou a marcha para o cais. Grande número de habitantes seguia-os por curiosidade.

Enquanto avançava para o cais, Triptolemus, que teve tempo de examinar a fisionomia, o aspecto e o vestuário dos homens a cujas mãos acabavam de o entregar, começou a julgar ler nos seus olhos não apenas uma expressão vulgar de banditismo, mas também intenções sinistras contra a sua pessoa. Estava particularmente sobressaltado com os olhares ferozes de Goffe: este segurava-lhe o braço com uma mão que, pela delicadeza, se podia comparar à turquês de um ferreiro, e lançava-lhe olhares de viés, semelhantes aos que a águia lança à presa que tem entre as garras antes de a despedaçar. Por fim, o medo de Yellowley venceu a sua prudência, e, numa voz lamentosa e sufocada de lágrimas, perguntou ao seu terrível companheiro:

— Acaso me levam para me matar, capitão, contra todas as leis de Deus e dos homens?

— Se tem juízo, cale-se — respondeu Goffe, que tinha as suas razões para aumentar o terror pânico do seu prisioneiro — Há três meses que não matamos ninguém. Para que é que nos faz pensar nisso?

— Suponho, bom e digno capitão, que está brincando — replicou Triptolemus — Por Deus! Que benefício lhe podia vir da minha morte?

— Sempre é um passatempo — respondeu Goffe — Olhe bem para esses tipos — e procure entre eles um que não goste mais de matar um homem do que estar sem fazer nada. Mas, falaremos nisso mais de espaço quando você estiver a ferros, a não ser que nos apresente um bom punhado de dólares do Chile pelo seu resgate.

— Capitão — disse o feitor — tão verdade como eu viver de pão, aquele bandido do anão levou todo o ouro e prata que eu tinha num chifre.

— Nove correias de bom couro amarradas a um cabo de madeira fá-lo-ão encontrá-lo — replicou Goffe com um sorriso feroz — É infalível. Uma boa corda, atada em volta do crânio até os olhos quase lhe saírem da cabeça é também um bom meio.

— Capitão! — exclamou Yellowley com energia — Eu não tenho dinheiro. É raro que aqueles que se ocupam de melhoramentos o tenham. Transformamos os prados em terras de lavoura, a cevada em aveia, as charnecas em pastagens; transformamos em campos produtivos os míseros yarphas, como se chama nesta terra de cegos às turfeiras e aos pântanos, mas raras vezes todas estas transformações fazem entrar alguma coisa no nosso bolso. As alfaías e os trabalhadores levam tudo, comem tudo e o diabo não esquece a sua parte.

— Pois bem — disse Goffe — se você realmente é um pobre diabo como diz... serei seu amigo — E levantando a cabeça para aproximar os lábios do ouvido do feitor que o escutava meio morto de inquietação, ajuntou — Se tem amor à vida, não ponha os pés no nosso navio.

— Mas, como posso eu escapar-me? — perguntou Triptolemus — O senhor tem o meu braço tão agarrado que não me poderia desembaraçar, nem que se tratasse da colheita de um ano de toda a Escócia.

— Escute, seu parvo — respondeu Goffe — Quando chegarmos à beira-mar e vir *os* meus camaradas saltar para o *barco* e pegar nos remos, eu largo-lhe o braço; você, então, vire de bordo e ponha a sua salvação nas pernas.

Triptolemus não deixou de seguir o conselho. Goffe manteve a sua promessa, e o feitor, tão depressa se viu livre da mão formidável que o segurava, partiu como uma bala. Atravessou toda a cidade de Kirkwall com uma rapidez que assombrou

todos os que o viram e da qual ele próprio se surpreendeu. Bateu em retirada com uma tal impetuosidade que, como se visse as tenazes do pirata prestes a agarrá-lo de novo, não se deteve senão depois de sair da cidade, ao encontrar-se em pleno campo.

Ninguém perseguiu o fugitivo; um ou dois mosquetes ainda se prepararam para lhe despachar uma mensagem que, embora de um metal pesado, tê-lo-ia ganho em velocidade; mas Goffe, desempenhando pela primeira vez na sua vida o papel de pacificador, exagerou de tal maneira os perigos que resultariam de uma infracção à trégua feita com os habitantes de Kirkwall, que convenceu os seus camaradas a absterem-se de qualquer hostilidade. Não pensaram senão em regressar ao navio a toda a pressa.

Os burgueses, que encararam a fuga de Triptolwnus como um triunfo sobre os piratas, disseram-lhes adeuses insultuosos e soltaram aclamações de alegria quando os viram afastar-se da margem. Entretanto, os magistrados não deixavam de sentir-se inquietos com esta espécie de violação de um dos artigos do tratado celebrado; e é provável que, se pudessem detê-lo sem dar nas vistas, em vez de festejar com um banquete cívico a agilidade que ele desenvolveu, teriam repostos o refém nas mãos dos seus inimigos. Mas era-lhes impossível sancionar publicamente um tal *acto* de violência, e contentaram-se em vigiar de perto Cleveland, a quem resolveram tornar responsável de qualquer acto de agressão que os piratas pudessem cometer. Cleveland, por seu turno, conjecturou facilmente que fora para o deixar exposto a todas as consequências que Goffe facilitara a fuga do refém à sua guarda. Apesar de ter confiança na inteligência e na dedicação do seu amigo e partidário Jack Bunce, ou Frederick Altamont, ele aguardava no entanto os acontecimentos com muita apreensão, visto que os magistrados, continuando a tratá-lo com urbanidade, lhe declararam muito claramente que a sua sorte dependia da maneira como a sua tripulação se conduzisse, embora não a comandasse agora.

Ele não se enganava ao contar com a dedicação e fidelidade de Bunce, porque este, mal soube, pela tripulação da chalupa, da fuga de Triptolemus, logo concluiu que Goffe a favorecera na esperança de que, sendo Cleveland morto ou metido na prisão, poderia retomar o comando do navio.

Bunce pôs então em jogo todos os recursos de uma eloquência naval perfeitamente adaptada às faculdades dos seus ouvintes. Fez ver aos seus camaradas, da maneira mais enérgica, a vergonha que seria para eles admitir que o capitão ficasse detido em terra sem que tivessem um refém para responder pela sua segurança, e conseguiu, além do descontentamento que excitou contra Goffe, que a tripulação resolvesse apoderar-se da primeira embarcação de certa importância que encontrassem, para que navio, carga, tripulantes e passageiros respondessem pelo tratamento que dessem a Cleveland. Resolveram também pôr à prova a boa-fé dos habitantes de Kirkwall, deixando aquele porto para *se* dirigirem ao de Stromness, onde, segundo o acordo firmado entre o preboste Torf e o capitão Cleveland, a sua corveta devia ser abastecida. Foi decidido também que, durante o interregno e até que Cleveland reassumisse as suas funções de capitão, o comando do navio seria confiado a *uma* comissão composta por Goffe, Hawkins e Bunce.

Propostas e aprovadas todas estas resoluções, levantaram ferro e desfraldaram as velas sem que a bateria de seis peças tentasse opor-lhes qualquer obstáculo, o que os aliviou de mais este receio, resultante do perigo da sua situação.

QUANDO OS PIRATAS TÊM CORAÇÃO..

Façam uma descarga;

Mais outra! — bem! Esse barco render-seá,

Ou, crivado de balas, o mar o engolirá.

SHAKESPEARE

Um lindo brigue que pertencia, assim como muitas outras embarcações, a Magnus Troil, o principal *udaller* das ilhas de Setland, recebera a bordo este magnate e as suas filhas. O espirituoso Claud Halcro, por amizade pelo velho chefe e pelo amor que à profissão de poeta sempre inspira a beleza, acompanhou-os na sua viagem à capital das Órcades, local onde Norna lhes anunciara que seus oráculos misteriosos teriam, enfim, uma explicação satisfatória. Passaram a certa distância dos rochedos enormes dessa ilha solitária chamada Fair Isle, situada a igual distância dos dois arquipélagos, no meio do mar que separa as ilhas Setland das Órcades. Depois de terem sofrido alguns ventos contrários, enxergaram o Star de Sanda. Perto *do* promontório deste nome encontraram uma fortíssima corrente que os afastou consideravelmente do seu rumo e, juntando-se-lhe um vento contrário, foram obrigados a dirigir-se à ilha de Stronsa e a passar a noite ancorados na baía de Papa.

No dia seguinte, de manhã, retomaram o rumo sob auspícios mais favoráveis; e tendo costeado a ilha de Stronsa, cujas costas são verdejantes e férteis, comparadas com as ilhas das mesmas paragens, dobraram o cabo de Lamb Head e singraram para Kirkwall.

Mal chegaram à vista da baía que fica entre Pomona e Shapinsha, e já as duas irmãs admiravam a igreja maciça de São Magnus, que se via erguer-se acima das outras construções de Kirkwall, quando os olhos de Magnus e de Claud Halcro foram atraídos por um objecto que lhes pareceu muito interessante. Era uma corveta armada, com todas *as* velas enfunadas, que acabava de levantar ferro da baía e para a qual o vento soprava de feição, ao passo que era contrário ao *udaller*.

— Pelas relíquias do meu santo patrono! — exclamou Magnus — Eis um bonito navio, mas não sei de que país, porque não tem pavilhão. Dir-se-ia de construção espanhola.

— Sim, sim, tem todo o ar disso — concordou Claud Halcro — Não precisa senão de seguir o curso do vento contra o qual nós lutamos. Mas é assim o mundo. Como diz o glorioso John:

Com ampla ponte e canhões terríveis,

Cidadela flutuante, parece a meus olhos

Uma vespa do mar sobre as ondas escumosas.

Brenda não pôde deixar de comentar:

— Embora a descrição de Dryden se referisse mais a um navio de linha do que a uma corveta semelhante a esta que estamos vendo, a comparação com uma vespa não me parece adequada nem a um nem a outra.

— Uma vespa! — disse Magnus, vendo com surpresa a corveta mudar de direcção e dirigir-se para o brigue — Santo Deus, faço votos por que não lhe experimentemos o aguilhão.

O *udaller* apenas queria fazer um gracejo, mas adivinhara, pois quase no mesmo instante a corveta, sem arvorar o pavilhão e sem sinal para o brigue, disparou contra ele dois tiros de canhão e uma das balas, roçando a superfície do mar, passou a uma toesa à proa da embarcação e a outra atravessou a vela grande. Magnus agarrou um porta-voz, e perguntou quem era e qual o motivo daquele acto de hostilidade que ninguém provocara.

— Baixe bandeira! — responderam-lhe — Colha a vela grande e já vai saber quem somos.

Não havia nenhum meio de desobedecer a esta ordem. O brigue foi obrigado a cumpri-la. A corveta desceu ao mar a sua

chalupa; e seis homens armados, comandados por Jack Bunce, ocupando-a, avançaram para a sua presa. Quando eles se aproximavam, Claud Halcro disse ao ouvido do udaller:

— Se o que se conta dos piratas é verdade, estes homens, com as suas faixas e as suas vestes de seda, têm bem o seu aspecto.

— E minhas filhas! Minhas filhas! — exclamou Magnus com uma angústia que só um pai podia experimentar — Desçam para debaixo da ponte, minhas queridas filhas, e escondam-se enquanto eu...

Deitou fora o porta-voz e agarrou um pico, enquanto as filhas, mais atemorizadas das consequências que poderia provocar o seu génio irascível do que qualquer outra coisa, o apertavam nos seus braços e lhe suplicavam que não opusesse resistência. Claud Halcro juntou as suas súplicas às delas e acrescentou:

— O melhor é tentar levá-los pela doçura. Talvez seja algum corsário de Dunquerque; ou talvez também algum vaso de guerra cuja tripulação insolente queira divertir-se.

— Não, não! — respondeu Magnus — É o navio de que Bryce Snailsfoot nos falou. Mas sigo o vosso conselho; armo-me de paciência por causa das minhas duas filhas; e entretanto...

Não teve tempo de prosseguir, porque nesse momento Bunce saltara para bordo com os seus homens, puxou do sabre, bateu no mastro grande e declarou que tomava posse da embarcação.

— Com que direito e em virtude de que ordens nos detém em pleno mar? — perguntou-lhe Magnus.

— Que ordens? — replicou Bunce, mostrando-lhe as pistolas à sua cinta e suspensas da sua faixa, segundo o hábito dos piratas — Eis uma meia dúzia, meu velhote; escolha a que lhe apraz e eu lha darei a ler.

— Isso quer dizer que tem a intenção de nos saquear — disse Magnus — Seja. Não temos qualquer meio de resistência. Respeitem as senhoras e levem o que lhes convenha; mas se nos tratarem convenientemente, prometo que nada perderão com isso.

— Respeitem as senhoras! — exclamou Fletcher — Mas quando é que lhes faltamos ao respeito? Sim, sim, seremos respeitosos e mesmo cheios de galantaria, e mais alguma coisa... Olha, Jack, que bonita carinha! Com mil trovões, ela vai fazer um cruzeiro connosco...

Dizendo isto, lançou uma mão a Brenda, que estava no *auge do terror*, e com a outra puxou-lhe para trás o capuz da capa com que ela ocultara o rosto.

— Socorro, meu pai!... Socorro, Minna! — bradou a pobre rapariga, apavorada.

Magnus levantou o pico contra Fletcher, mas Bunce segurou-lhe o braço.

— Cuidado, papá! — disse-lhe ele — De contrário, mete-se em maus lençóis. E tu, Fletcher, deixa a pequena.

— E por que diabo hei-de deixá-la?

— Porque eu to ordeno, Fletcher, e, se não me obedeceres, temo-las boas... E agora, meus encantos, digam-me qual das duas usa o nome de Minna, pelo qual tenho uma espécie de veneração.

— É uma prova incontestável, senhor, de que há poesia no seu coração — disse Claud Halcro.

— Pelo menos, houve muita na minha boca; mas esses tempos já lá vão, meu velho... No entanto, preciso de saber qual das duas se chama Minna. Mostrem-me o rosto, meninas. Pela minha alma, eis duas lindas criaturas! Palavra que me contentava com a menos gentil; se minto, não me importo que me exponham a uma tempestade numa casca de ovo!... Bem, meus anjos, qual das duas acharia agradável embalar-me no *hammock* de um pirata? Pela minha honra em como recolham ovos de ouro.

As duas irmãs apertavam-se uma contra a outra e empalideceram ao ouvir o arrazoado familiar e licencioso do jovem libertino.

— Nada receiem — prosseguiu ele — Ninguém serve o nobre Altamont senão de livre vontade. Não usamos de violência. Uma de vós, pelo menos, não conhece o capitão Cleveland, o pirata?

Brenda empalideceu ainda mais; mas o sangue subiu ao rosto de Minna ao ouvir pronunciar inopinadamente o nome do seu amado; pois, na confusão daquela cena, o *udaller* foi o único espírito a quem se apresentou a ideia de que a corveta poderia ser aquela a que Cleveland se referira em Burgh-Westra.

— Nada receie, papá — disse Bunce, dirigindo-se a Magnus — Tenho feito pagar o tributo a mais de uma bonita rapariga; mas as suas voltarão para terra sem pagar imposto de nenhuma espécie.

— Se me garante isso — exclamou o *udaller* — ofereço-lhe este barco e a sua carga com tanto prazer como nunc ofereci a ninguém um *bowl* de *punch*.

— Com mil diabos, não seria má ideia um copo de *punch* — disse Bunce — se tivéssemos aqui alguém que o soubesse preparar.

— Disso me encarrego eu — disse Halcro — e não temo a rivalidade de ninguém, com excepção de Erick Scambester, o especialista de *punch* de Burgh-Westra.

— Não está mais longe que dois passos — ajuntou Magnus — Minhas filhas, desçam debaixo da ponte e mandem o *bowl* e os apetrechos.

— Espero que estas gentis meninas voltarão cá acima para me encher o copo — disse Jack Bunce — Parece-me que sou suficientemente generoso para que elas façam alguma coisa por mim.

— E enchem o meu também — ajuntou Fletcher — Hão-de enchê-lo até acima e terão um beijo por cada gota que deitarem.

— Isso não pode ser! — exclamou Bunce — Raios *me* comam se te deixo fazer isso. Há *só* um homem que dará um beijo a Minna, e não serei eu, nem tu. E agora, que pensei melhor, o que elas devem é ficar lá em baixo, *enquanto* nós tomamos o *punch* no convés, *ao fresco*, como o papá propõe.

— Na verdade, Jack — disse Fletcher — tu não sabes o que queres, e isso entristece-me. Há dois anos que sou teu camarada e que te sou dedicado, mas eu seja esfolado como um boi selvagem se tu não és extravagante como um macaco. Quem fica para nos divertir, agora, que mandas embora as duas raparigas?

— Quê! — respondeu Bunce — Teremos o senhor especialista de *punch* que aqui está. Far-nos-á brindes e cantar-nos-á canções. E enquanto se espera, vais comandar a manobra para fazer andar o navio... E quanto a ti, piloto, se queres conservar os miolos no crânio, *tem* o cuidado de manter o brigue à popa da corveta, pois se tentares fazer-nos partida, meto-te no fundo como uma velha carcaça.

O brigue, largada a vela, avançou lentamente nas águas da corveta. Os piratas dirigiam-se, não para a baía de Kirkwall, mas para um excelente ancoradouro chamado baía de Inganess, formada por um promontório que se estendia a leste, a duas ou três milhas da metrópole das Órcades.

Entretanto, Claud Halcro empregara todo o seu talento para preparar aos piratas um enorme balde de *punch*. Bebiam por grandes copos, que nele mergulhavam sem cerimónia. Magnus ficou admirado da quantidade que eles absorveram sem que o seu juízo parecesse ficar alterado, e não pôde deixar de testemunhar a sua surpresa a Bunce. Talvez Magnus pensasse em captá-lo por meio de um cumprimento grato a todos os bebedores.

— Pelas relíquias de São Magnus! — exclamou ele — Eu julgava-me capaz de me aguentar com quem quer que fosse, mas ao ver os seus homens tragar copo sobre copo, capitão, é-se tentado a supor que o seu estômago não tem mais fundo do que a caverna de Laifell em Foulah, que eu próprio já sondei inutilmente a mais de cem braças de profundidade.

— No nosso género de vida, senhor, não há senão a voz do dever ou o fim da bebida que possa pôr limites à nossa sede — respondeu Bunce.

— Na verdade — disse Claud Halcro — creio que não há nenhum dos seus homens que não seja capaz de despejar o

grande jarro de Scarpa que era de uso apresentar ao bispo das órcades, cheio até acima, da melhor cerveja que se podia encontrar.

— Se para ser bispo não é preciso senão beber bem — replicou Bunce — tenho uma tripulação de prelados; mas como eles não têm outras qualidades clericais, não quero que hoje se embebedem, e é por isso que vamos fazer suceder ao copo uma canção.

— E, com mil diabos, eu é que vou cantar! — exclamou Dick Fletcher.

— Preferia que me pusessem a ferros do que ouvir-te uma canção! — protestou Bunce.

— Hei-de cantar a minha canção, quer ela te agrade quer não — insistiu Fletcher.

— Repito que não quero ouvir a tua música de mocho! — exclamou Bunce — Diabos me levem se consentir que fiques aqui sentado ao pé de nós a fazer um barulho infernal.

— Está bem — disse Fletcher — Cantarei passeando e espero que não me poderás censurar, Jack Bunce.

E levantando-se, realmente, começou a passear ao longo do convés, berrando uma longa e lamentosa balada.

— E agora, cavalheiro — disse Jack, voltando-se para Halcro — vamos ao seu brinde e à sua canção. Ah, não, não!... Somente uma canção; o brinde faço eu, e ei-lo: Vitória para as armas dos piratas, e desaires para a gente honesta!

— Eis um brinde que eu não acompanho; abstenho-me — disse Magnus Troil.

— Decerto, porque o senhor se conta no número das pessoas honestas. Mas vejamos qual é a sua profissão, e eu lhe digo o que penso a esse respeito. Quanto ao nosso especialista do *punch* que está aqui, bastou um relance para descobrir que ele é alfaiate, e por conseguinte não deve ter mais pretensões a ser honesto do que a não ter comichão nos dedos; e o senhor, garanto que é um armador holandês, que espezinha a Cruz quando negoceia com o Japão e que, por cupidez, renega a sua religião.

— O senhor engana-se; sou um habitante das ilhas Setland.

— Oh! O senhor é deste venturoso país onde a genebra se vende a tostão a garrafa e onde é sempre dia?... Bem, senhor mestre das modas, cante-me uma canção, e veja *se é* tão boa como o seu *punch*.

Halcro começou uma canção cujo efeito supôs que seria capaz de enternecer o coração do pirata.

Jovens, cuja frescura

Iguala a da mais fresca rosa

Escutai...

— E eu não escuto nada! — exclamou Bunce — Não quero nem meninas, nem rosas, que me fazem lembrar o *gênero de* carga que temos neste barco; e, por Deus, quero permanecer fiel camarada do meu capitão, tanto tempo quanto puder... E agora, pensando melhor, não bebo mais *punch*. E não bebendo eu mais, ninguém mais o beberá.

Dizendo isto, derrubou com um pontapé o balde do *punch*, ainda cheio até metade, sacudiu as pernas, para retomar o aprumo, dizia ele, puxou o chapéu para a orelha, marchou no convés com um ar digno, e deu, de viva voz e por gestos, ordem de lançar ferro, ordem que foi executada pelos dois barcos, pois Goffe, segundo todas as probabilidades, já não devia estar em estado de as dar.

Entretanto, o *udaller* lamentava-se a Halcro da situação.

— É bastante aborrecida — dizia ele — Estes tipos são uns verdadeiros tratantes; e, no entanto, se não fossem as minhas filhas, não me metiam medo. Este rapaz que se dá ares e que parece comandá-los, não é decerto tão ferrabraz como parece.

Logo que os dois barcos ficaram bem seguros às suas âncoras, o decidido lugar-tenente Bunce chamou Fletcher e veio sentar-se de novo junto daqueles a quem podemos chamar seus cativos.

— Já lhes mostro — disse ele — a mensagem que vou mandar a esses idiotas de Kirkwall, visto que isto lhes diz respeito. Redijo-a tanto em nome de Dick Fletcher como no meu, porque gosto de dar de vez em quando alguma importância ao pobre rapaz. Não é verdade, Dick?... Então, não respondes, asno sovado?

— Sim. Jack Bunce, sim — replicou Dick — Não posso discordar. Tratas-me sempre com aspereza, ou por isto ou por aquilo. No entanto, vê...

— Basta! Basta, Dick.

Começou a escrever, o que leu em seguida:

Para o Preboste e Vereadores de Kirkwall

Senhores,

Considerando que, desprezando a palavra dada, não nos enviaram a bordo um refém para garantia do nosso capitão, que ficou em terra a vosso pedido, tem esta carta por fim informá-los de que não somos pessoas com quem se possa brincar. Apoderámo-nos de um brigue a bordo do qual se encontra uma família distinta, que será tratada como tratarem o nosso capitão. É o nosso primeiro acto de hostilidade, e fiquem bem certos de que não será o último dano que faremos suportar à vossa cidade e ao vosso comércio, se não nos restituírem o nosso capitão e se não mandarem abastecer o nosso navio, conforme o combinado.

Feito a bordo do brigue Mergoose de Burgh-Westra, ancorado na baía de Inganess.

Assinado, o comandante da Favorita da Fortuna.

Depois de feita a leitura, ele assinou *Frederick Altamont* e passou a carta a Fletcher para que assinasse por seu turno. Fletcher leu esta assinatura com bastante dificuldade; mas o nome pareceu-lhe vistoso, admirou-o muito e jurou que também queria adoptar um novo, porque o de *Fletcher* era mais difícil de escrever. Por isso assinou: *Timóteo Tugmutton*.

— Não quer ajuntar algumas linhas para aqueles idiotas de Kirkwall? — perguntou Bunce a Magnus.

— Nem uma palavra — respondeu o *udaller*, inabalável nas suas ideias do justo e do injusto, apesar do perigo — Os magistrados de Kirkwall sabem qual é o seu dever, eu no seu lugar...

Deteve-se e empalideceu, ao pensar nas filhas.

— Diabos me levem! — exclamou Bunce, que calculou facilmente o que se passava no espírito do prisioneiro — Essas reticências produzem um efeito admirável no teatro. Com os demónio!í Vinham abaixo a plateia, as galerias e os camarotes, como diria Bayes (Poeta e dramaturgo satírico, autor da peça *Ensaio*).

— Não me fale em Bayes! — exclamou Claud Halcro, a quem o *punch* aquecera um pouco a cabeça — Fez uma sátira vergonhosa contra o glorioso John!

— Silêncio! — gritou Bunce, abafando a voz do admirador de Dryden com a sua, vibrada num tom muito mais alto — Silêncio! O *Ensaio* é a melhor farsa que existe no teatro; e se alguém ousa negá-lo, obrigo-o a beijar a filha do nosso artilheiro. Com a breca! Eu era o melhor príncipe Prettyman que se viu no tablado.

Umaz vezes filho de pescador, outras vezes príncipe.

Mas — continuou Bunce, dirigindo-se a Magnus — falemos de coisas sérias. Escute, velho papá: há em si uma espécie de humor sombrio e rabujento, devido ao qual muita gente da minha profissão lhe cortaria as orelhas e as mandaria grelhar para lhas dar ao jantar com pimenta vermelha. Foi o que eu vi Goffe fazer a um pobre diabo que mostrava mau-humor ao ver meter no fundo o seu barco, a bordo do qual estava o seu filho único. Mas o meu espírito não é da mesma têmpera. Se as suas filhas e o senhor não forem bem tratados, a culpa será dos tipos de Kirkwall e não minha... Por isso, o senhor faria bem em dar a conhecer a situação e as circunstâncias em que se encontra.

Após esta exortação, Magnus pegou na pena e tentou escrever; mas o seu orgulho lutava de tal modo com as inquietações de pai que a mão recusou-se a obedecer.

— Não o consigo — disse ele, depois de tentar por duas ou três vezes traçar algumas letras, que ficavam sempre ilegíveis — Mesmo que as nossas vidas dependessem disto, não poderia escrever nem uma letra.

Felizmente, Claud Halcro achava-se nessa ocasião em estado de executar a tarefa que as sensações mais vivas do seu amigo impediam de realizar. Tomou a pena e explicou, o mais resumidamente possível, a situação em que se encontravam e os riscos a que estavam expostos, dando ao mesmo tempo a entender, com muita delicadeza, que os magistrados deviam ligar mais importância à vida e à honra dos seus conterrâneos do que à prisão e punição dos culpados. Teve no entanto o cuidado de revestir esta última ideia de um circunlóquio, com receio de servir de capa aos piratas. Bunce leu a carta, e o poeta teve a felicidade de obter a sua aprovação. Mas quando o pirata viu em baixo o nome de Claud Halcro, soltou uma exclamação de surpresa, acompanhada de algumas interjeições cuja energia nos impede de as reproduzir aqui.

— Quê! — disse ele — Seria você o homenzinho que tocava violino na «troupe» do velho director Gadabout em Hogs Norton, quando eu me estreei? Eu já devia tê-lo reconhecido pelo seu estribilho do glorioso John.

Em outras circunstâncias, este reconhecimento seria pouco agradável para o orgulho do poeta; mas, nas circunstâncias em que se encontrava, a descoberta de uma mina de ouro não o faria mais feliz. Lembrou-se logo do jovem actor que, estreando-se no *Dom Sebastião* (Tragédia de John Dryden), dera tão grandes esperanças, e ajuntou muito conscienciosamente que a musa do glorioso John nunca tivera tão *bom* intérprete durante todo o tempo que ele fora primeiro violino — ele podia ter dito único violino — na companhia do senhor Gadabout.

— O senhor tem razão — disse Bunce — Creio que poderia fazer tão boa figura em cena como Booth e Betterton (Dois actores famosos da época); mas o meu destino era mostrar-me em outros tablados — ajuntou ele, batendo o pé no convés — e creio que terei que ficar neste tablado até não ter onde me apoiar (Alusão à maneira de enforcar em Inglaterra. Retira-se um taboado de sob os pés do condenado, que, por falta de apoio fica suspenso); mas agora, meu velho conhecido, quero fazer alguma coisa por si. Venha aqui para este lado, tenho que lhe dizer um *à parte* — Encostaram-se ambos ao castelo da popa, e Bunce começou a falar a meia voz, num tom grave, que não lhe era peculiar — Estou desgostoso por causa desse velho e honesto pinheiro da Noruega — disse ele — Eu seja cego se não digo a verdade... E por causa das filhas também, tanto mais que há uma que eu tenho razões particulares para proteger. Eu posso arrastar a asa a uma *beleza*, condescendente; mas, com criaturas tão honestas, tão inocentes, eu sou Cipião em Numância, Alexandre na tenda de Dario. Você lembra-se de como eu declamava aqueles versos em *Alexandre* (Tragédia de John Dryden):

Da noite do sepulcro o mais fiel amante

Sai para salvar o objecto de um eterno amor...

Claud Halcro não faltou com os elogios da praxe à sua declamação e afiançou, sob a sua palavra de homem honesto, que o senhor Altamont emprestara àquela tirada muito maior calor e energia do que Betterton. Bunce ou Altamont apertou-lhe ternamente a mão.

— Ah, meu caro amigo! — exclamou ele — Você desvanece-me. Mas porque não foi o público da sua opinião? Eu não seria o que está vendo. Deus sabe, meu caro Halcro, ai, Deus sabe com que prazer eu o conservaria a bordo comigo, para ter um amigo que gostasse de ouvir os mais belos passos dos nossos melhores autores dramáticos, que eu adoro declamar. A maioria dos nossos companheiros são uns brutos... E quanto ao refém da cidade de Kirkwall, trata-me, com a breca!, como eu trato Fletcher; quanto mais faço por ele, mais arisco se torna. Como seria delicioso para mim, por uma bela noite dos trópicos, com uma brisa propícia a enfunar as velas, declamar o papel de Alexandre a um amigo, que seria para mim galerias, plateia e camarotes ao mesmo tempo!... Recordo-me de que você era um amante das musas; quem sabe se nós ambos não nos reuniríamos para inspirar aos nossos companheiros, como Orfeu e Eurídice, um gosto mais puro, uns costumes mais doces, uns sentimentos mais elevados?

Falava com tanta unção que Halcro começou a lamentar ter feito o seu *punch* tão forte e de ter misturado ingredientes demasiado excitantes na dose de elogios que acabava de ministrar-lhe, temendo que o pirata sentimental, excitado pela influência conjunta desta razão dupla, planeasse realizar as cenas que a sua imaginação lhe oferecia, retendo o seu admirador junto dele. A conjuntura era, no entanto, muito delicada. Limitou-se, pois, a apertar por sua vez a mão daquele amigo e a exclamar no tom mais patético que pôde:

— Ai!...

Bunce retomou logo a palavra.

— Tem razão, meu amigo, isto não passa de um sonho vão de felicidade, e não resta ao desgraçado Altamont senão servir o amigo a quem tem que fazer as suas despedidas. Resolvi mandá-lo conduzir a terra com as duas pequenas. Fletcher servir-vos-á de escolta. Chame-as, portanto, e que partam antes de o diabo tomar posse de mim ou de outro qualquer. Você leva a minha carta aos magistrados; secunde-a com a sua eloquência, e garanta-lhes que, se arrancarem nem que seja um cabelo da cabeça de Cleveland, têm que dar contas ao diabo.

Muito consternado pela conclusão imprevista da arenga de Bunce, Halcro desceu pela escotilha dois degraus de uma vez, bateu à porta da câmara, e, na comoção que o tomava, mal pôde explicar às duas irmãs o que se tratava. A alegria delas, ao saberem que iam ser conduzidas a terra, foi tão grande como inesperada. Apressaram-se a subir ao convés, onde souberam, com grande consternação, que seu pai devia ficar a bordo do navio pirata.

— Por maior que seja o risco que possamos correr, ficamos com ele! — exclamou Minna — Podemos prestar-lhe algum auxílio, nem que seja por um só instante. Queremos viver e morrer com ele.

— Ser-lhe-emos mais úteis — disse Brenda, que compreendia melhor que a irmã a verdadeira situação — trabalhando por levar os magistrados de Kirkwall a fazer o que estes senhores lhes pedem.

— Isso é falar como um anjo de espírito e de bondade! — exclamou Bunce — E agora apressem-se a partir.

— Partam, em nome do Céu, minhas queridas filhas! — disse Magnus — Eu estou nas mãos de Deus. Depois de partirem, não terei mais inquietações por minha causa, e toda a minha vida pensarei e direi que este bom mancebo merecia ter outra profissão. Partam — repetiu ele — Partam imediatamente!

— Nada de beijos de despedida! — exclamou Bunce — Com a breca, isso tenta-me a pedir a minha parte! Depressa, depressa, para o barco. Um momento ainda — Ele chamou de parte os três cativos que ia pôr em liberdade — Fletcher — disse ele — responde-me pelos homens da tripulação e levá-los-á em segurança à costa; mas, quem me responderá por Fletcher? Só vejo um meio: oferecer ao senhor Halcro esta pequena garantia.

Apresentou-lhe uma pequena pistola, assegurando-lhe que estava carregada com duas balas. Minna viu a mão do poeta tremer quando a estendeu para aceitar o presente.

— Dê-me essa arma, senhor — disse ela a Bunce, agarrando a pistola — Confie em mim para me defender, bem como a minha irmã.

— Bravo! Bravo! — exclamou Bunce — Isso é falar como mulher digna de Cleveland, o rei dos piratas!

— Cleveland? — repetiu Minna — É a segunda vez que o oiço falar nele. Conhece-o?

— Se o conheço! — exclamou Bunce — Haverá alguém que conheça melhor o homem mais valente e mais decidido que até hoje se encontrou entre uma proa e uma popa? Quando ele se tiver tirado de apuros, e espero que não os tenha por muito tempo, conto vê-la no nosso navio e reinar como soberana em todos os mares que navegarmos. Aí tem a sua pequena protectora, e suponho que sabe manejá-la. Se Fletcher se portar mal convosco, não tem mais que puxar com o polegar este bocado de ferro, assim, e se ele insistir, basta colocar assim o indicador da sua linda mãozinha, imprimir-lhe este movimento, e eu perderei o melhor camarada que tenho tido. Contudo, se o patife desobedecer às minhas ordens, merece a morte... Agora, para a chalupa!... Só mais um instante! Um beijo de cada uma, por amor de Cleveland.

Brenda, tomada de um terror mortal, não ousou recusar esse tributo à delicadeza; mas Minna, recuando com um ar desdenhoso, apresentou-lhe a mão. Bunce, a rir, beijou, numa atitude teatral, a bela mão que ela lhe oferecia como uma esmola para os seus lábios. Por fim, as duas irmãs e Halcro desceram à chalupa que Fletcher comandava e afastaram-se logo do navio.

Bunce ficou no tombadilho e fez um monólogo, à maneira da sua antiga profissão:

— Se hoje se contasse semelhante coisa em Port-Royal, ou na ilha de Providence, ou em Petit-Guave, que diriam de mim? Que sou um néscio, um tolo, um asno. Mas, deixá-lo!... Tenho feito tanto mal na minha vida que bem posso uma vez praticar uma boa acção, quanto mais não seja pela raridade do facto. Isto reconcilia-nos connosco — E voltando-se para Magnus — Céus! — exclamou ele — Que anjos o senhor tem por filhas! A mais velha faria fortuna num teatro de Londres. Que atitude admirável ela teve ao tomar a pistola! Diabos me levem, se os aplausos não abalariam as paredes. Eu dava a minha parte na

primeira pilhagem que fizermos para a ouvir declamar:

Vai-te! Hetira-te! Dá lugar ao furacão, Senão meu sopro vingador reduz-te a pó.

Vai-te! Que é a loucura comparada com a ira?

«Depois, essa pequena ninfa tremente, tão doce, tão tímida, que eu desejaria ouvir dizer, como Statira:

Faz tantas promessas, jura com tanta graça,

Une tão bem o amor, o respeito e a audácia,

Que, mesmo a mentir, abre-nos o céu.

«Que peça nós poderíamos representar! Fui um parvo em não ter pensado nisso antes de as deixar partir. Eu, *Alexandre*; Claud Halcro, *Lysimacus*; e o meu velho refém daria um digno representante de *Clytus*. Fui um idiota em não pensar nisto!

Havia nesta tirada muita coisa que teria desagradado ao *udaller*; mas a verdade é que ele não lhe prestou a menor atenção. Recorrera ao binóculo, e os seus olhos seguiam as filhas na sua viagem. Viu-as desembarcar com Halcro e um outro homem, decerto Fletcher. Distinguia Minna, que, como se tomasse a peito velar pela segurança geral, marchava sozinha a alguns passos de distância, parecendo precavida contra todas as surpresas e pronta a agir segundo as circunstâncias. Por fim, no instante em que ia perdê-los de vista, teve a satisfação de ver que se detinham e que, depois de uma pausa provavelmente destinada às despedidas, o pirata retrocedeu pelo caminho da praia. Dando graças ao soberano Ente que assim o livrara das inquietações mais cruéis que um pai pode sofrer, o digno *udaller*, a partir deste momento, aguardou com resignação a sorte que lhe podia estar reservada.

O ÚLTIMO ENCONTRO

Nos rochedos inacessíveis,

Na profundidade dos mares,

No alto seio dos ares

Ou nos túmulos de trevas temíveis,

Abre o amor sempre o seu caminho.

CANÇÃO ANTIGA

O que decidiu Fletcher a separar-se de Claud Halcro e das duas irmãs que ele acompanhava, foi, pelo menos em parte, um destacamento de homens armados que avistou a certa distância e que vinha dos lados de Kirkwall. O *udaller* não os pôde ver, porque eles estavam ocultos por uma elevação de terreno; mas estavam à vista do pirata, que se resolveu a cuidar da sua segurança regressando prontamente à chalupa. Ele ia já partir, quando Minna provocou a curta demora que seu pai tinha notado.

— Ordeno-lhe que espere — disse ela — Diga de minha parte ao seu chefe que, qualquer que seja a resposta que receba de Kirkwall, não deixe de dirigir o seu navio para a enseada de Stromness; que lance ferro aí e mande um barco a terra para embarcar o capitão Cleveland, quando vir fumo elevar-se da ponte de Broisgar.

Fletcher tinha grande vontade de imitar o seu camarada Bunce e pedir um beijo a cada uma das duas lindas irmãs em recompensa do trabalho que tivera de as escoltar; nem o receio da tropa que ele via avançar, nem o da pistola de que Minna estava armada, o teriam impedido de ser insolente. Mas o nome do seu capitão e sobretudo o tom autoritário e o ar de dignidade que Minna tomou, contiveram-no. Cumprimentou-a, voltou para o barco e levou a bordo do brigue a mensagem de que o incumbiram.

Enquanto Halcro e as duas irmãs avançavam para o destacamento que tinham visto na estrada de Kirkwall, e que por seu lado fizera alto como que para os observar, Brenda, que até então guardara um triste silêncio, aliviada enfim dos receios que a presença de Fletcher lhe inspirava, exclamou:

— Deus misericordioso! Ai, Minna, em que mãos deixámos o nosso pai!

— Nas mãos de homens valentes — respondeu Minna — Nada receio por ele.

— Valente, se assim o entende — disse Claud Halcro — Mas nem por isso são menos perigosos tratantes. Conheço aquele pândego do Altamont, como ele pretende chamar-se, embora não seja o seu verdadeiro nome. Nunca um cão mais enraivecido ladrou numa herdade!... Estreou-se em Barnwell (Tragédia de Lillo) e toda a gente acreditava que ele acabaria no cadafalso, como na Veneza salva... (Tragédia de Otway).

— Pouco importa — respondeu Minna — Quanto mais furiosas são as ondas, mais poderosas é a voz que as comanda. Basta o nome de Cleveland para inspirar respeito ao mais feroz de todos eles.

— Se os companheiros de Cleveland são assim, tenho pena dele — disse Brenda — Mas inquieta-me muito menos a sua sorte que a de meu pai.

— Guarda a tua compaixão para os que precisam dela — disse Minna — e nada temas pelo nosso pai. Sei que não corre risco algum naquele navio, e que em breve estará em segurança na costa.

— Bem desejaria já vê-lo aqui — disse Claud Halcro — Mas receio que os magistrados de Kirkwall não se atrevam a ordenar a troca de Cleveland pelo *udaller*. As leis escocesas são muito severas contra a pirataria, como se chama ao ofício desta gente.

— Mas — perguntou Minna — quem são aqueles homens parados lá em baixo na estrada, que parece observarem-nos com tanta atenção?

— É uma patrulha de milicianos — respondeu Halcro — O glorioso John trata-os um pouco severamente nos seus versos... Presumo que fizeram alto quando nos viram no topo da colina, receando que fôssemos um destacamento da tripulação da corveta; mas agora já podem distinguir as vossas saias; ei-los que avançam intrepidamente.

Não tardaram em chegar, e, como Halcro adivinhara, era uma patrulha de milícia incumbida de vigiar os movimentos dos piratas e de os impedir de fazer qualquer desembarque para devastar a região.

Felicitaram cordialmente Claud Halcro, conhecido de muitos deles, pela sua libertação do cativeiro, e o comandante, depois de ter oferecido às duas irmãs todo o socorro de que pudessem necessitar, testemunhou-lhes o seu desgosto pela melindrosa situação em que se encontrava seu pai, não podendo evitar dar-lhes a entender, embora de uma maneira delicada e num ar de dúvida, que bastantes dificuldades se poderiam opor à sua liberdade.

Logo que chegaram a Kirkwall e que elas obtiveram uma audiência do preboste e de alguns magistrados, essas dificuldades foram-lhes indicadas de uma maneira mais positiva.

— A fragata Alcyon anda na costa — disse o preboste — Viram-na por alturas do promontório de Duncansbay; e, embora eu tenha um grande respeito pelo senhor Troil de Burgh-Westra, arriscava-me a uma grande responsabilidade se salvasse da prisão o capitão de um navio desses, em atenção à segurança de quem quer que fosse. Toda a gente sabe agora que este Cleveland é o braço e a alma desses corsários. Devo eu mandá-lo para o seu navio, para que ele vá pilhar o país e dar talvez combate a um navio do rei? Porque tem bastante atrevimento para tudo ousar.

— Talvez queira dizer bastante coragem, senhor preboste — disse Minna, incapaz de dissimular o seu descontentamento.

— Pode dar-lhe o nome que lhe aprouver, miss Troil — respondeu o magistrado — Mas, em minha opinião, a coragem que leva um a bater-se contra dois não é verdadeiramente outra coisa senão atrevimento.

— E o nosso pai? — exclamou Brenda, em tom suplicante — O nosso pai, que é o amigo, posso mesmo dizer o Pai de todo o seu país, pelo qual espalha tantos benefícios; o nosso pai, de quem tanta gente depende para viver e cuja perda seria como a extinção de um farol numa tempestade, poderiam os senhores hesitar em livrá-lo dos perigos que corre, quando para isso bastava uma bagatela, deixar sair da prisão um infeliz e abandoná-lo depois ao seu destino?

— *Miss* Brenda tem razão — disse Claud Halcro — Mas não haverá meio de arranjar as coisas? É preciso um mandado de libertação? Quer seguir o conselho de um cérebro um pouco desequilibrado, preboste? O carcereiro pode esquecer-se de fechar o ferrolho, ou deixar a janela entreaberta: ver-nos-emos livres de um pirata, e teremos daqui a cinco horas um dos mais dignos habitantes das ilhas Setland e das Órcades abancado connosco à volta de um *bowl* de *punch*.

O preboste respondeu-lhe nos mesmos termos, pouco mais ou menos, que tinha o maior respeito pelo senhor Magnus Troil, de Burgh-Westra, mas que a sua consideração por uma pessoa, fosse ela qual fosse, não o impedia de cumprir os seus deveres.

Minna dirigiu-se então a sua irmã num tom pleno de sarcasmo e que denunciava o seu descontentamento:

— Tu esqueces-te, Brenda, de a quem estás falando da segurança de um pobre e obscuro *udaller* das ilhas Setland, e que o personagem a quem te diriges é, nada mais, nada menos, que o primeiro magistrado da metrópole das Órcades. Esperavas que um homem tão importante se dignasse descer até um caso tão pouco digno da sua atenção? O preboste ouvirá as propostas que se lhe fazem, tem que as ouvir; mas levará tempo a pensar nelas, até que a catedral de São Magnus lhe caia na cabeça.

— Está zangada comigo, minha jovem e linda menina — respondeu-lhe o preboste em tom de bom humor — mas eu não me zangarei consigo. A igreja de São Magnus está solidamente assente nos seus alicerces, as suas paredes existem desde há muitos anos, e creio que existirão por muito tempo depois de si e de mim, e sobretudo depois de um bando de tratantes a enforcar. Bem, se as meninas quiserem aceitar alojamento em minha casa, minha mulher e eu havemos de vos provar que são tão bemvindas a Kirkwall como se chegassem a Lerwick ou a Sealloway.

Minna não se dignou responder a este penhorante convite. Brenda recusou por delicadeza, fazendo ver que deviam alójarse em casa de parentes, uma abastada viúva de Kirkwall, que as esperava.

Halcro ainda tentou demover o preboste, mas encontrou-o inabalável. O recebedor das alfândegas, explicou o magistrado, já ameaçara de o denunciar por ter feito com esses estrangeiros um tratado a que chamava uma coligação, embora ele tivesse tomado essa decisão como único meio de evitar efusão de sangue na cidade. Se agora não aproveitasse a vantagem que lhe dava o aprisionamento de Cleveland e a evasão do feitor, podia expor-se a alguma coisa pior que uma censura. Pôs termo à entrevista dizendo que ia ocupar-se de outro assunto também referente a um habitante das ilhas Setland. Um tal senhor Mertoun, morador em Jarlshof, apresentara uma queixa contra Snailsfoot, negociante de feira, que ele acusava de se ter apoderado fraudulentamente, de combinação com suas criadas, de diversos objectos que lhe tinham sido confiados. Ia mandar fazer uma investigação a esse respeito, a fim de serem restituídos esses valores ao senhor Mertoun, que era deles responsável perante o legítimo proprietário.

Em todos estes pormenores o que havia de interessante para as duas irmãs era o nome de Mertoun, nome que foi uma punhalada no coração de Minna, ao recordar-lhe as circunstâncias do desaparecimento de Mordaunt, e que, fazendo nascer no coração de Brenda uma sensação de tristeza, tornou as suas faces um pouco mais coradas e os seus olhos um pouco húmidos. Mas era evidente que se tratava de Mertoun pai e não de Mordaunt, e, como esta questão não oferecia nenhum interesse às filhas de Magnus, despediram-se do preboste e dirigiram-se a casa da sua Parenta.

Depois de ali chegar, Minna procurou conhecer, por meio de perguntas que fez sem levantar suspeitas, qual era a situação do desditoso Cleveland; e depressa soube que era bastante perigosa. Na verdade, o preboste não o metera na prisão, como Claud Halcro supusera, decerto por se recordar das circunstâncias favoráveis em que ele se entregara às suas mãos e experimentando uma espécie de repugnância em faltar à sua palavra sem extrema necessidade. Mas, embora estivesse em aparente liberdade, ele andava estreitamente vigiado por homens bem armados, com ordem de empregar a força para o deter, se ele tentasse ultrapassar os acanhados limites que lhe estavam fixados. Tinham-no alojado num edifício a que chamavam o Castelo do Rei. Durante a noite, a porta do seu quarto ficava aferrolhada e tomavam a precaução de lhe montar guarda. Contudo, era tal o terror que inspiravam as suas faculdades, a coragem e a ferocidade que supunham no capitão pirata, que o recebedor das alfândegas e muitos outros prudentes cidadãos de Kirkwall censuravam o preboste de *não o ter mais seguro*.

É fácil de acreditar que, em tais circunstâncias, Cleveland não tinha a menor vontade de mostrar-se em público, convencido como estava de que seria objecto de curiosidade e de terror. O seu passeio predilecto era, pois, nas alas da catedral de São Magnus, que só tinha a extremidade do lado do Oriente reservada ao exercício do culto *público*.

Era na parte da igreja que não se destinava ao culto que Cleveland podia passear com mais liberdade, pois os seus guardas, vigiando a única porta aberta por onde *se* podia entrar, tinham maneira fácil de impedir a sua evasão. Este local era perfeitamente adequado à melancólica situação de Cleveland. A abóbada erguia-se sobre fileiras de colunas maciças de arquitectura saxónica, das quais quatro, ainda mais maciças que as outras, sustentavam outrora o campanário. A luz, do lado do Oriente, *entra* por uma grande janela gótica, e o solo está coberto *de* inscrições em diferentes línguas que assinalam os túmulos dos nobres habitantes das ilhas Órcades, sepultados, em diferentes épocas, neste recinto.

Era ali que Cleveland passeava, reflectindo nos acontecimentos de uma vida tresvairada, que ia provavelmente terminar de uma maneira vergonhosa e violenta, quando ainda se encontrava na flor da juventude.

— Em breve serei contado no número destes mortos — dizia ele, olhando o mármore sobre o qual marchava — Mas nem um santo homem pronunciará uma bênção sobre os meus despojos mortais, nem a mão de um amigo gravará uma inscrição no meu túmulo, nem o orgulho de uma família mandará esculpir um brasão no monumento do pirata Cleveland. Os meus ossos descarnar-se-ão, suspensos das cadeias de algum patíbulo numa costa deserta ou no topo de algum rochedo de cabo solitário, transformando-o em local de mau agoiro que atrairá a maldição sobre a minha memória. Ai, Minna, Minna! Nunca o Céu permitisse que nos encontrássemos, se nunca mais nos deveríamos ver!

Ao pronunciar estas palavras, ergueu os olhos, e Minna Troil estava na sua frente. A despeito da palidez do seu rosto, apesar do seu cabelo em desalinho, o seu olhar era firme e tranquilo e a fisionomia tinha a sua expressão habitual de melancolia e de altivez. Ainda se envolvia na grande capa que vestira ao abandonar o navio. A primeira sensação de Cleveland foi de alegria; a segunda, de surpresa mesclada de uma espécie de receio. Ele ia gritar, ia lançar-se aos seus pés; mas ela acalmou-lhe o ímpeto e impôs-lhe silêncio, levantando um dedo e dizendo em voz baixa, mas num tom autoritário:

— *Seja prudente. Observam-nos. Está gente à porta; a custo me deixaram entrar. Não posso ficar aqui muito tempo, poderiam julgar... julgariam... Ó Cleveland, tudo arrisquei para o salvar!*

— *Para me salvar! Ai, pobre Minna, é impossível salvar-me. Já é bastante tornar a vê-la, nem que seja para lhe fazer*

as minhas despedidas por toda a eternidade.

— *É bem verdade, Cleveland; Temos que nos despedir. O seu destino e os seus crimes separam-nos para sempre. Vi os seus companheiros. Será preciso dizer-lhe mais alguma coisa? Terei necessidade de dizer-lhe que sei agora o que é um pirata?*

— *Esteve em poder deles!* — exclamou Cleveland, tremendo de uma dolorosa emoção — *Esses celerados ter-se-iam atrevido a...*

— *Não, Cleveland, não se atreveram a coisa alguma. O seu nome foi um talismã cujo poder impôs respeito a esses bandidos ferozes; e foi por isso que me recordei das qualidades que outrora julguei pertencerem a Cleveland.*

— *Sim* — disse Cleveland com orgulho — *o meu nome impõe-lhes respeito, impõe-lho no meio de todos os seus desmandos. Se eles a tivessem insultado com uma única palavra, veriam... Mas> que digo eu?... Sou um prisioneiro.*

— *Vai deixar de o ser. A sua segurança, a do meu pai, tudo exige a sua imediata libertação. Tracei um plano para o pôr em liberdade, e, executando-o com habilidade, não pode falhar. Caiu a noite... Envolve-se nesta capa e passará sem custo por entre os guardas. Eu forneci-lhes meios de se divertirem, e não pensam em outra coisa... Apresse-se a seguir para as margens do lago Stennis e oculte-se até ao romper do dia. Acenda então uma fogueira que produza muito fumo, no local onde a terra, avançando por ambos os lados do lago, quase se divide em duas partes na ponte de Broisgar. O seu navio, que não estará longe, enviar-lhe-á uma chalupa. Não hesite um instante.*

— *Mas, Minna, se esse estranho projecto der resultado, que será de si?*

— *Quanto à parte que tomarei na sua evasão, a pureza das minhas intenções, sim, a pureza justificar-me-á perante Deus, e a segurança de meu pai, cujo destino depende do seu, será a minha desculpa perante os homens.*

Contou-lhe em poucas palavras a história do seu cativo e as consequências que trouxe. Cleveland levantou os olhos e as mãos ao Céu para lhe dar graças por não ter permitido que as duas irmãs fossem insultadas pelos seus companheiros, e ajuntou, pressuroso:

— *Sim, Minna, tem razão; tenho que arriscar tudo para fugir; exige-o a segurança de seu pai. Vamo-nos separar, mas espero que não seja para sempre.*

— *Para sempre!* — repetiu uma voz que parecia sair do fundo dos sepulcros.

Eles estremeceram, relanceando o olhar, e encararam-se depois. Suporiam que os ecos das abóbadas tivessem repetido as últimas palavras de Cleveland; mas o tom de ênfase em que aquelas duas palavras foram pronunciadas não lhes permitia tal suposição.

— *Sim, para sempre* — disse Norna, que saía detrás de um dos pilares maciços da catedral — *O pé sangrento e a mão sangrenta encontram-se aqui. Foi uma felicidade para ambos que a ferida de onde o sangue correu se tivesse fechado. Sim, encontraram-se aqui, mas pela última vez.*

— *Não* — disse Cleveland, que parecia disposto a segurar a mão de Minna — *enquanto eu viver, a nossa separação só por ela pode ser decidida.*

Renuncia a essa loucura vã — disse Norna, colocando-se entre os dois — *Não alimentes a esperança inútil de se tornarem a ver algum dia. O falcão não toma a pomba por companheira. O crime não pode aliar-se à inocência. Minna Troil, tu encontras-te pela última vez com este homem audaz e criminoso. Cleveland, tu encontras-te pela última vez com Minna Troil.*

— *Imagina que tenho algum respeito pelos seus oráculos?* — exclamou Cleveland com indignação.

— *Silêncio, Cleveland, silêncio!* — ordenou Minna, cujo medo, mesclado de um respeito religioso, aumentara nesse momento com aquela súbita aparição — *Tome cuidado! Ela é poderosa, é muito poderosa! E a senhora pense que da segurança de Cleveland depende a de meu pai.*

— *Foi uma felicidade para Cleveland eu ter-me lembrado disso* — replicou a pitonisa — *e que, por amor de Magnus, eu*

esteja aqui para salvar ambos. Que plano ridículo, esse, de querer fazer passar por uma rapariga um homem desta estatura! Qual seria o resultado? Grilhões e ferrolhos. Eu é que o vou salvar. Sou eu quem vai pô-lo em segurança a bordo do seu navio. Mas ele que renuncie a estas paragens! Que leve para outras terras o terror do seu pavilhão negro e do seu nome ainda mais negro! Sim, olha-a ainda uma vez; é o último olhar que autorizo à afeição de duas criaturas fracas; e dize-lhe, se tens força para o dizer: adeus, para sempre!

— Obedeça-lhe! — exclamou Minna — Nada de hesitações; obedeça-lhe.

Cleveland, emocionado, agarrou-lhe a mão, beijou-lha com ardor e disse-lhe, numa voz tão baixa que ela mal o pôde ouvir:

— Adeus, Minna, mas não para sempre.

— Agora, menina — disse Norna — retira-te e deixa Reimkennar cuidar do resto.

— Só uma palavra, e já lhe obedeço — respondeu Minna — Diga-me se compreendi bem. Mordaunt Mertoun está vivo? Não está em perigo?

— Vive e está em segurança — respondeu Norna — Se assim não fosse, ai da mão que derramou o seu sangue!

Minna retrocedeu a passo lento para a porta da catedral, voltando-se por várias vezes para ver Norna e Cleveland. Viu-os afastar-se. Cleveland seguia a pitonisa, que avançava num passo solene para o fundo de uma das alas da igreja. Quando se voltou pela terceira vez, já não lhe foi possível enxergá-los. Tentou recobrar o sangue-frio e aproximou-se da porta do Oriente, por onde tinha entrado.

Regressou à casa onde se alojava, muito comovida, mas, apesar de *tudo*, satisfeita do resultado da sua digressão, que parecia colocar seu pai fora de perigo, garantir a evasão de Cleveland e assegurar que Mordaunt vivia ainda. Apressou-se a dar estas notícias a Brenda, que quase se convenceu do poder sobrenatural de Norna, tanto a encantava o uso que dele acabava de fazer.

Passaram algum tempo a felicitar-se mutuamente. A uma hora tardia foram interrompidas por Claud Halcro, que, num ar de importância mesclada de medo, vinha informá-las de que o prisioneiro Cleveland desaparecera da catedral, onde lhe davam licença de passear, e que o preboste, prevenido de que Minna favorecera a evasão, vinha a caminho para a interrogar sobre o assunto.

Quando o magistrado chegou, Minna não lhe ocultou o desejo que tivera de que Cleveland se evadisse, por ver nisso o único meio de salvar o pai dos perigos que o ameaçavam; mas negou absolutamente que tivesse facilitado a Fuga, e declarou que deixara Cleveland na catedral, havia duas horas, com uma pessoa cujo nome não se sentia na obrigação de revelar.

— Não é necessário, *miss* Minna Troil — acrescentou o preboste Torfê — porque, apesar de não terem visto entrar esta tarde senão a menina e Cleveland na igreja de São Magnus, não ignoramos que a sua prima Ulla Troil, a quem os setlandeses chamam Norna de Fitful-head, cruzou as nossas paragens por terra, por mar e talvez através dos ares, a cavalo, num barco ou num cabo de vassoura. Também viram o seu *drow* mudo ir, vir e espionar por um lado, por outro, tudo o que se passava. Sabemos, além disso, que ela pode entrar na igreja quando todas as *portas* estão fechadas, porque já lá a têm visto mais de uma vez, Deus nos salve dos espíritos malignos! Assim, sem precisarmos de lhe perguntar mais nada, concluímos que foi a velha Ulla que deixou na igreja com esse cavalheiro, e, *neste* caso, que os agarre quem puder. No entanto, *miss* Minna, não posso deixar de lhe dizer: os senhores setlandeses parece esquecerem tanto o Evangelho como as leis da humanidade, quando recorrem à bruxaria para arrancarem de uma prisão os culpados legalmente detidos; e o menos que os senhores podem fazer, a sua prima, o seu pai e a menina, é empregar toda a sua influência sobre esse tratante para que ele se afaste o mais depressa possível, sem prejudicar a nossa cidade nem o nosso comércio.

— Estou a ver o que o preocupa, senhor preboste — disse Claud Halcro — Posso assegurar-lhe, pelo meu amigo Magnus Troil e por mim próprio, que diremos e faremos por que toda a gente convença Cleveland a afastar-se imediatamente das nossas costas.

— E estou convencida — ajuntou Minna — de que o que o senhor deseja é o que convém a todas as partes. Eu e minha irmã partiremos amanhã cedo para o castelo de Stennis, se o senhor Halcro nos quiser acompanhar, para ali recebermos meu pai no seu desembarque, a fim de o informarmos do que o senhor deseja e persuadi-lo a empenhar toda a sua influência sobre

esse *infeliz* para que ele deixe estas ilhas.

O preboste olhou-o com um ar de surpresa.

— Não haveria muitas meninas — disse ele — que quisessem percorrer oito milhas para se aproximar de um bando de piratas.

— Não corremos risco algum — disse Claud Halcro — O castelo de Stennis está bem fortificado, e meu primo, a quem ele pertence, não lhe falta nem com homens, nem com armas para o defender. Estas jovens estarão ali tão seguras como na cidade de Kirkwall, e pode vir grande benefício de uma pronta entrevista entre Magnus Troil e suas filhas. E quanto ao senhor, meu bom e velho amigo, eStou encantado por ver, como diz o glorioso John:

Nesta ocasião, após algum debate,

Que o homem venceu, enfim, o magistrado...

O preboste sorriu, meneou a cabeça e deu a entender, tanto quanto o podia fazer decentemente, como se sentiria feliz se a *Favorita da Fortuna*, levando a sua tripulação de bandidos, deixasse as ilhas Órcades, sem que se chegasse a actos de violência de parte a parte.

O pacífico magistrado despediu-se então de Halcro e das duas irmãs. Estas propunham-se seguir na manhã seguinte para o castelo de Stennis, situado nas margens do lago salgado do mesmo nome, e que se encontra a cerca de quatro milhas da enseada de Stromness, onde a *Favorita* estava ancorada.

CLEVELAND AINDA FAZ PROJECTOS

Foge, Fleance, *foge, ainda é tempo*

SHAKESPEARE, «MACBETH»

Um dos muitos meios de que Norna se servia para sustentar as suas pretensões a um poder sobrenatural era o conhecimento que adquirira, ou por acaso, ou com a ajuda da tradição, de passagens ignoradas e caminhos secretos que lhe proporcionavam a facilidade de fazer coisas na aparência inexplicáveis. Foi assim que ela desapareceu daquela espécie de tenda dentro da qual desempenhava o papel de sibila em Burgh-Westra, aproveitando-se de uma passagem praticada nesse sítio da parede e na qual se entrava por um «panneau» de madeira que deslizava sobre o do lado. Este segredo era conhecido dela e de Magnus e ela tinha absoluta certeza de que este não a trairia. A sua fortuna, que era considerável, servia-lhe para lhe transmitir os primeiros avisos de tudo o que desejava saber e todos os auxílios que lhe podiam ser necessários para a execução dos seus planos. Cleveland teve, naquela ocasião, ensejo de admirar-lhe a sagacidade e a extensão dos seus recursos.

Premindo com força uma mola oculta, abriu uma porta secreta praticada na parede que divide a ala oriental do resto da igreja. Esta porta, que Cleveland fechou a um sinal que ela lhe fez, dava acesso a uma longa passagem cujos obscuros recantos ela percorreu, seguida de Cleveland, ora subindo, ora descendo em silêncio os degraus cujo número ela anunciava sempre. Saíram, por fim, por um «panneau» que, deslizando sobre outro, lhes permitiu a entrada num compartimento de aspecto miserável, de tecto de abóbada e iluminado por uma janela gradeada.

Uma enxada e uma pá a um canto deste quarto e a vista de um velho, com chapéu de abas largas e vestido com um hábito negro a que o tempo já dera uma cor de ferrugem, denunciavam que se encontravam na moradia do sacristão ou coveiro e em presença desse respeitável funcionário.

— Sê fiel — disse Norna ao velho — e livra-te de mostrar a algum mortal o caminho secreto que conduz ao santuário.

O homem inclinou a cabeça em sinal de submissão e de reconhecimento, porque, ao mesmo tempo que assim falava, Norna metera-lhe na mão algum dinheiro. Ele disse-lhe em seguida, numa voz trémula, que esperava que ela não esquecesse o seu filho, ausente na Groenlândia, e que fizesse com que a sua pesca fosse feliz como no ano anterior, quando trouxera aquela grinalda, ajuntou ele, mostrando uma coroa de fitas suspensa da parede.

— Porei a minha caldeira a ferver e pronunciarei encantamentos em seu favor — respondeu Norna — E Pacolet, está à espera com os cavalos?

O velho respondeu afirmativamente, e a pitonisa, ordenando a Cleveland que a seguisse, saiu por uma porta traseira para um jardim abandonado. As brechas que o tempo abrira no muro da cerca permitiram-lhes passar facilmente para um outro jardim muito maior e, por uma porta apenas fechada no trinco, atingiram uma rua comprida e estreita que percorreram a passo largo. Norna disse baixinho ao seu companheiro que era o único sítio onde corriam algum perigo. Esta rua só era habitada por gente do Povo, já recolhida em suas moradias. Viram uma mulher no limiar de uma porta, que se meteu precipitadamente em casa ao ver Norna avançar a grandes passos. A rua ia terminar no campo, onde o anão mudo de Norna os esperava com três cavalos escondidos atrás do muro de uma construção abandonada. Norna saltou logo para um, Cleveland montou o segundo e Pacolet o terceiro. Estes cavalos eram fogosos e um pouco maiores do que os setlandeses. Partiram a grande velocidade, apesar da escuridão. Norna servia de guia e, após uma hora de corrida, detiveram-se em frente de uma choupana de tão miserável aparência que mais se poderia tomar por um estábulo de animais do que por uma habitação destinada à espécie humana.

— Convém que fiques aqui até ao nascer do dia, para que o teu sinal se possa ver do navio — disse Norna a Cleveland. E encarregando Pacolet de cuidar dos animais, fez entrar o capitão naquele tugúrio, acendendo uma pequena lamparina de ferro que *trazia* habitualmente consigo — É um pobre retiro — disse ela — mas é seguro, tão seguro que, se fôssemos perseguidos até aqui, a terra abrir-se-ia para nos receber no seu seio. Fica sabendo que este lugar é consagrado ao deus do Walhalla. E agora, dize-me, homem de crime e de sangue, és amigo ou inimigo de Norna, a única sacerdotisa que resta a essas divindades destronadas?

— Como seria possível que eu fosse seu inimigo? A gratidão...

— A gratidão não passa de uma palavra, e as palavras são a moeda que os doidos recebem daqueles que os enganam. São factos, sacrificios que Norna exige.

— Fale; que deseja de mim?

— A tua promessa de nunca mais veres Minna Troil e de te afastares destas costas dentro de vinte e quatro horas.

— É-me impossível obter em tão pouco tempo as provisões absolutamente indispensáveis ao meu navio.

— Elas não te faltarão, eu tratarei de que nada te falte. Aliás, tê-las-ias bem perto daqui, em Caithness ou nas Hébridas, e podias partir *se* quisesses.

— E porque havia de partir, se não é essa a minha vontade?

— Porque a tua demora aqui põe outras pessoas em perigo e causará a tua própria perda. Desde o primeiro instante que te vi estendido sem sentidos na areia, no sopé dos rochedos de Sumburgh, descobri no teu rosto os traços que ligavam o teu destino ao meu e a destinos não menos caros ao meu coração; mas não me foi possível descortinar se daí resultaria bem ou mal. Ajudei a salvar a tua vida, a conservar o que te pertencia. Secundei aquele mesmo jovem em cujas afeições mais gratas te atravessaste, espalhando calúnias contra ele...

— Eu! Caluniar Mordaunt Mertoun! Por Deus, apenas pronunciei o seu nome em Burgh-Westra, se é isso a que *se* quer referir. Aquele tratante do bufarinheiro, esse Bryce Snailsfoot, querendo decerto prestar-me um bom serviço, porque esperava ganhar mais comigo, é que contou, ao que me disseram depois, boatos verdadeiros ou falsos ao ancião, que encontrou a sua confirmação na opinião geral. Quanto a mim, olhava-o apenas como a um rival, do qual teria meios mais honrosos de me desembaraçar.

— A ponta do teu punhal, dirigida contra o coração de um homem desarmado, seria um desses meios honrosos?

A voz da consciência falou a Cleveland, que permaneceu silencioso por alguns instantes.

— Concorde — disse ele por fim — que errei; mas, graças ao Céu, está curado; se ele deseja alguma satisfação, estou pronto a dar-lha.

— Não, Cleveland! — exclamou a pitonisa — O espírito maligno de que és o instrumento é poderoso, mas não me vence. Possuis aquele carácter que as inteligências malfazejas desejam encontrar naqueles que escolhem para seus agentes. Foste sempre voluntarioso e impetuoso, sanguinário, não obedecendo a nenhum freio. Mas pôr-te-ei eu um freio — ajuntou ela, estendendo a sua vara e tomando uma atitude de autoridade — Sim, mesmo que o demónio que preside ao teu destino se mostrasse a meus olhos em todo o seu horror.

— Boa mãe — disse Cleveland, sorrindo desdenhosamente — guarde semelhante linguagem para o marinheiro ignorante que lhe pede um vento propício ou para o pobre pescador que lhe roga felicidade para as suas linhas e os seus anzóis. Sou tão inacessível à superstição como ao medo. Chame o seu demónio, se tem algum às suas ordens, e faça-o aparecer à minha frente; o homem que passou tantos anos na companhia de diabos incarnados não receia a presença de um espírito.

Foi em voz trémula que ela perguntou:

— Por quem me tomas tu, se me negas o poder que eu comprei tão caro?

— A senhora tem vastos conhecimentos, boa mãe — respondeu Cleveland — Tem habilidade, e a habilidade conduz ao poder. Encaro-a como uma mulher que sabe navegar perfeitamente na corrente dos acontecimentos, mas nego que tenha o poder de lhes mudar o curso. Não gaste, pois, palavras inutilmente, tentando inspirar-me um terror que eu não poderei sentir, e diga-me antes porque deseja que eu parta.

— Porque não quero que tornes a ver Minna; porque Minna se destina a ser esposa daquele a quem os homens chamam Mordaunt Mertoun; porque, se não partires dentro de vinte e quatro horas, a tua perda será inevitável. Falei-te em termos claros; agora responde-me no mesmo tom.

— Dir-lhe-ei com *a* mesma clareza que não deixarei estas paragens sem ver Minna e que o seu Mordaunt Mertoun não a desposará enquanto eu for vivo.

— Escutai-o, grande Deus! — exclamou Norna — Escutai um mortal que recusa os meios que se lhe oferecem de salvar *a* vida! Vêde-o cheio de audácia e de confiança na sua juventude, na sua força e na sua coragem! Os meus olhos, tão pouco habituados a chorar, os meus olhos *que* tão poucos motivos têm para chorar por ele, molham-se de lágrimas, quando penso no que ele será amanhã.

— Boa mãe — disse Cleveland num tom firme, mas que traía alguma comoção — compreendo em parte as suas ameaças. Sabe melhor do que nós onde se encontra a *Alcyon*; talvez tenha meios de a dirigir no seu cruzeiro de maneira a encontrar-nos, pois admito que a senhora é capaz, por vezes, de combinações maravilhosas. Mas o receio desse perigo não modificará a minha resolução. Se a fragata me perseguir aqui, estou decidido a combater até à última extremidade; e quando toda a resistência se tornar impossível, basta disparar um tiro de pistola no paiol da pólvora, e morreremos como vivemos.

Cleveland calou-se por um instante. Norna ficou silenciosa, e ele retomou a palavra num tom mais brando:

— Ouviu a minha resposta, boa mãe; terminemos, pois, esta discussão; mas separemo-nos em boa harmonia. Gostaria de deixar-lhe uma recordação que a impedisse de esquecer um pobre diabo a quem prestou um serviço, e que a deixa sem lhe querer mal, embora seja contrário aos seus mais caros interesses. Não recuse aceitar esta ninharia — ajuntou ele, metendo-lhe na mão, quase à força, a pequena caixa de prata que ocasionara o conflito entre ele e Mordaunt — Não lha ofereço pelo valor material, sei que não faz caso de preciosos metais, mas somente como um objecto que lhe recordará que viu aquele de quem se contará histórias bem estranhas por todos os mares que cruzou.

— Aceito o teu presente — disse Norna — como uma prova de que, se contribuí para acelerar o teu destino, não fui senão o agente de outros poderes. Tens razão em dizer que não podemos mudar o curso dos acontecimentos. Eles arrastam-nos, tornam inúteis todos os nossos esforços, como o turbilhão de Tufiloe que engole o navio mais sólido, arrastando-o, sem que possa socorrer-se das suas velas nem do seu leme... Pacolet! Eh, Pacolet! — chamou ela em voz mais alta.

Uma grande pedra encostada a uma das paredes da choupana caiu, e Cleveland ficou muito surpreendido, se não experimentou mesmo uma sensação de medo, ao ver o anão disforme sair de rastos, como um réptil, de uma passagem subterrânea cuja entrada aquela pedra ocultava.

Norna apressou-se a explicar-lhe o fenómeno que Cleveland acabava de presenciar.

— Encontram-se muitas vezes nestas ilhas — disse ela — passagens subterrâneas cuja entrada está cuidadosamente oculta. Eram lugares de retirada para os habitantes, que neles achavam refúgio contra a raiva dos Normandos, os piratas desses recuados tempos. Foi para que te pudesses aproveitar deste, em caso de necessidade, que te conduzi aqui. Se alguma coisa te fizesse reçar seres perseguido, poderias ficar oculto nas entranhas da terra até à retirada dos teus inimigos, ou evadires-te pela abertura próxima do lago, por onde Pacolet entrou. Agora, despeço-me. Pensa no que te disse, pois, tão certo como estares agora com vida, a tua sorte está irrevogavelmente traçada, se antes de vinte e quatro horas não te fizeres ao mar.

— Adeus, boa mãe — respondeu Cleveland.

Ela saiu, lançando-lhe um olhar em que ele notou, à claridade da lamparina, tanta dor como descontentamento.

Esta entrevista produziu uma profunda impressão no espírito de Cleveland. As palavras de Norna fizeram-lhe muito mais efeito, para o fim da conversa, por se terem despojado daquele tom místico que ele desdenhava. Lamentando mais do que nunca ter adiado de dia para dia a resolução que tantas vezes tomara de renunciar a uma profissão tão arriscada como criminosa, formou de novo a de a deixar para sempre, depois de ver mais uma vez Minna Troil, nem que fosse para lhe dizer os últimos adeuses, e logo que tirasse os camaradas da sua perigosa situação.

— E então — dizia ele — tratarei de obter o meu perdão e de me distinguir na carreira das armas de uma maneira mais honrosa.

Esta resolução, à qual se apegava cada vez mais, contribuiu enfim para tranquilizar o seu espírito. Envolveu-se na sua manta e desfrutou algum tempo daquele repouso que a natureza exausta exigia como um tributo.

Quando Cleveland acordou, a aurora começava *já a* mesclar as suas tintas no crepúsculo de uma noite das Órcades.

Achou-se à beira de um belo lençol de água que, perto do sítio onde estava, se dividia em duas partes quase iguais, porque duas línguas de terra, avançando uma para a outra de margens opostas, reuniam-se pelo que se chama a ponte de Broisgar. Atrás dele e em frente da ponte, estava aquele notável semi-círculo de enormes pedras ao qual nada se pode comparar senão o inexplicável monumento de Stonehenge.

Este singular monumento da Antiguidade despertou menos interesse a Cleveland do que a vista de Stromness, que ele agora mal podia distinguir ao longe. Não tardou em acender uma fogueira com o auxílio da sua pistola e troncos de plantas húmidas que lhe proporcionaram meio de produzir um fumo considerável.

Esperavam com impaciência aquele sinal a bordo da corveta, porque a incapacidade de Goffe tornava-se dia a dia mais evidente e os seus mais zelosos partidários já concordavam que o melhor partido a tomar era o de se submeterem ao comando de Cleveland até chegarem às Índias Ocidentais.

Bunce, que veio com a chalupa buscar o seu capitão e amigo, gritou, praguejou, saltou e dançou de alegria, quando o viu em liberdade.

— Já se começou a abastecer a *Favorita* — disse ele — e estaríamos mais adiantados se não fosse esse velho Goffe, que não pensa senão em emborrachar-se.

O mesmo entusiasmo experimentava a tripulação da chalupa. Imprimiu-se força aos remos, e Cleveland encontrou-se bem depressa a bordo do navio que tinha a desdita de comandar.

O primeiro uso que o capitão fez da sua autoridade foi o de mandar informar Magnus Troil que lhe dava liberdade de partir; que estava disposto a indemnizá-lo, tanto quanto possível, do atraso causado à sua viagem para Kirkwall, e que o capitão Cleveland desejaria, se o senhor Magnus Troil lho permitisse, ir prestar-lhe as suas homenagens a bordo do seu brigue, para lhe agradecer os favores que dele recebera e apresentar-lhe desculpas da sua detenção. Foi Bunce, que ele considerava o mais civilizado dos seus companheiros, que Cleveland incumbiu desta mensagem; e o *udaller*, sempre tão franco como pouco cerimonioso, respondeu-lhe:

— Diga ao seu capitão que eu ficaria encantado se pudesse acreditar que nenhum dos que ele deteve nos mares fosse mais maltratado do que eu. Diga-lhe também que, a termos que ficar amigos, que o seja de longe, porque não gosto mais do ruído das suas balas de canhão no mar do que ele gostaria do assobio das minhas balas de espingarda em terra. Diga-lhe, enfim, que estou aborrecido por me ter enganado na ideia que fiz dele e que andaria melhor em reservar para os Espanhóis o tratamento que faz sofrer aos seus compatriotas.

— É essa a mensagem para o meu capitão, velho pai Cólera? — exclamou Bunce — Que um raio me fulmine, se a minha vontade não é ensinar-lhe a mostrar mais respeito pelos *gentleman* da aventura! Mas não faço nada, em atenção às suas lindas filhas e um pouco também por consideração pelo meu velho amigo Claud Halcro. Portanto, boa tarde, cabeça de foca! E está tudo dito entre nós.

Mal o barco dos piratas abandonou o brigue para regressar à corveta, Magnus, para não dar àqueles aventureiros mais confiança do que a necessária, largou todas as velas ao vento. Uma brisa propícia começou a soprar, e ele dirigiu-se para Scalpa Flow, na intenção de aí desembarcar a fim de seguir por terra para Kirkwall, onde contava encontrar suas filhas e o seu amigo Claud Halcro.

O SINGULAR PLANO DE BUNCE

Ema, pensa bem, pela vez derradeira,
 No que deves *evitar*, no que deves seguir,
 O céu, que à nossa própria ira nos entrega,
 Entre os dois partidos nos deixa escolher.
 PRIOR, «HENRIQUE E EMA»

O sol já ia alto no horizonte. Grande número de barcos de pescadores partiam da beira-mar, levando provisões de toda a espécie, e a tripulação apressava-se a recebê-las e arrumá-las a bordo. Todos trabalhavam da melhor vontade, porque todos, com excepção de Cleveland, desejavam afastar-se daquela costa onde o perigo aumentava a cada instante, e onde, o que era mais desagradável, não havia despojos a conquistar. Bunce e Derrick tinham a seu cargo os cuidados do abastecimento, enquanto Cleveland, que passeava no convés, se limitava a dar de vez em quando algumas ordens que as circunstâncias exigiam, recaindo em seguida nas suas reflexões.

Fora seu pai quem o levara àquela carreira criminoso. E quando por ela enveredara no desejo de vingar a sua morte, este sentimento podia até certo ponto servir-lhe de desculpa. Por mais de uma vez este género de vida lhe inspirara horror; por mais de uma vez tomara a resolução de renunciar a ela, mas todos os esforços para a executar tinham sido inúteis.

Nesse momento, estava o seu espírito, mais do que nunca, atormentado pelos remorsos, e pode-se perdoar-lhe que a recordação de Minna se lhes juntasse. De quando em quando, lançava um olhar aos seus companheiros, e, embora conhecesse a sua malvadez e a sua brutalidade, não podia suportar a ideia de que eles viessem a receber a punição dos seus crimes.

— Estamos prestes a partir com a maré; para que hei-de arriscar a sua segurança, retardando a sua partida até ao momento de perigo que aquela estranha mulher predisse? Seja qual for o meio que ela emprega para obter notícias, a verdade é que todas as que ela anuncia se confirmam de uma maneira bastante estranha; ela fez-me o aviso num tom tão solene como o seria o de uma mãe dirigindo censuras a um filho culpado, anunciando-lhe o próximo castigo dos seus crimes. Aliás, que probabilidades tenho eu de tornar a ver Minna? Ela está decerto em Kirkwall, e dirigir-me lá equivaleria a arrojá-lo o meu navio contra os rochedos. Não, não exporei estes pobres diabos ao perigo. Partirei com a maré. Ordenarei que me ponham em terra numa das Hébridias, ou na costa noroeste da Irlanda e voltarei aqui disfarçado. E, no entanto, para que voltar? Para ver Minna esposa de Mordaunt? Não. Antes o navio parta com a maré, mas que parta sem mim. Enfrentarei o meu destino.

As suas meditações foram interrompidas por Jack Bunce, que, dando-lhe o título de capitão, lhe disse que estavam prontos a levantar ferro quando lhe aprouvesse.

— Isso será quando te apetecer, Bunce — disse Cleveland — porque eu vou abandonar o comando e dirigir-me a Stromness.

— Céus! Não farás nada disso! — exclamou Bunce — Deixar-me o comando, muito bem; mas como faria obedecer-me pela tripulação? O próprio Fletcher ainda discute comigo algumas vezes. Deves saber que, sem ti, cortamos as goelas uns aos outros em meia hora. Vamos, nobre capitão, não faltam raparigas de olhos negros por esse mundo, mas onde encontrarás um barco como a nossa *Favorita* e um grupo de homens intrépidos capazes de perturbar a paz do Universo.

E de ditar a lei mesmo no fundo dos infernos?

— Estás doido, Jack — disse Cleveland quase zangado, e sorridente, no entanto, devido ao tom falso e aos gestos enfáticos do comediante pirata.

— É possível, nobre capitão, e também pode ser que eu tenha um camarada na loucura. No entanto, também posso falar-te em prosa, pois tenho novidades a dar-te, estranhas novidades, novidades que te surpreenderão.

— Pois bem, Jack, empregando o teu calão, dir-te-ei: Trata de mas dar e fala-me como habitante deste Mundo (Expressão

de Shakespeare).

— Os pescadores de Stromness nada querem receber pelo seu trabalho, nem pelas provisões que trouxeram. Não é alguma coisa de novo, de maravilhoso?

— E porquê? É a primeira vez que vejo recusar dinheiro num porto de mar.

— É verdade, pois em regra não pensam senão em fazer-nos pagar tudo pelo dobro do seu valor. Mas *eis* a chave do enigma: o proprietário de um certo brigue, o pai da tua bela amada, nomeou-se contramestre pagador, como reconhecimento da delicadeza com que tratámos as filhas e para nos habilitar a partir.

— É bem um gesto do velho *udaller!* — exclamou Cleveland — Mas, está ele em Stromness? Julguei que tinha partido para Kirkwall.

— Era essa a sua intenção, mas não é só o rei Duncan (Alusão ao rei Duncan, em *Macbeth* de Shakespeare) que chega onde não contava ir. Mal desembarcou, encontrou uma velha bruxa dos arredores, que se mete em tudo, que mete o nariz nos negócios de cada um, e, seguindo o seu conselho, renunciou ir a Kirkwall. Lançou ferro naquela casa branca situada à beira do lago e que tu podes ver com o óculo. Asseguraram-me que essa velha se associou a ele para pagar as nossas provisões.

— E quem te deu essas novidades? — perguntou Cleveland, sem parecer interessado.

— Fiz uma excursão a terra esta manhã e encontrei um velho conhecimento, um amigo que Magnus Troil encarregara de vigiar a remessa das provisões: dando-lhe a beber do meu frasco, fui-lhe tirando os nabos da púcara e soube tudo o que te disse e mais o que não tenho vontade de te dizer.

— E quem é esse amigo? Não tem nome?

— É uma espécie de cabeça de vento, um velho poeta, um músico chamado Halcro, visto queres sabê-lo.

— Halcro! — exclamou Cleveland, com um brilho de surpresa no olhar — Claud Halcro! Mas desembarcaram-no no Inganess com Minna e a irmã. Onde estão elas?

— Era precisamente o que não queria dizer-te, mas diabos levem o segredo! E estremeces de maneira a produzir grande efeito... Eis-te já de óculo assestado sobre o castelo de Stennis! Sim, elas estão lá, e convenhamos em que não se encontram muito bem guardadas. Vieram da montanha alguns sicários da velha bruxa e o velho castelão tem alguns homens em armas. Mas, que importa, nobre capitão? Dize-me uma só palavra, e esta noite agarramos as duas sirigaitas, metemo-las na câmara e, ao romper do dia, desfraldamos as velas, levantamos ferro e partimos com a maré da manhã.

— Desgostas-me com tanta infâmia — disse Cleveland, voltando-lhe as costas.

— Infâmia!... Desgosto-te!... Que propus eu que não se tenha executado mais de cem vezes por aventureiros expeditos como nós?

— Não me fales mais nisso! — respondeu Cleveland. Deu uma volta pelo convés e, tornando perto de Bunce, tomou-lhe a mão e disse — Tenho de vê-la mais uma vez.

— Com todo o gosto — disse Bunce de bom humor.

— Sim, quero vê-la mais uma vez, e será para renunciar a seus pés a esta maldita profissão, expiar os meus crimes...

— Na forca — disse Bunce, rematando a frase — com todo o gosto! Da confissão ao cadafalso; é um provérbio muito respeitável...

— Mas, meu caro Jack... — disse Cleveland.

— Meu caro Jack!... — repetiu Bunce no mesmo tom de bom humor — Também és bem caro ao caro Jack. Mas faz o que quiseses, que não me inquietam os teus assuntos; não quero desgostar-te com tanta infâmia... Que importa que se perca uma maré! Podemos partir com a de amanhã de manhã tão bem como agora.

Cleveland suspirou, porque a predição de Norna se apresentou ao seu espírito. Mas a possibilidade de ter uma última entrevista com Minna era tentação demasiado forte para que alguma predição ou pressentimento pudesse impedi-lo de ceder.

— Vou a terra dentro de momentos — disse Bunce — O pagamento das provisões servir-me-á de pretexto. Podes incumbir-me de uma mensagem ou de uma carta para Minna; transmitirei uma ou entregarei a outra com a destreza de um criado de comédia.

— Mas eles têm homens armados — disse Cleveland — Podes correr algum risco.

— Nenhum. Protegi as filhas, quando elas estavam nas nossas mãos, e garanto que o pai, longe de me prejudicar, me protegerá com todo o seu poder.

— Prestas-lhe justiça. Seria contra o seu temperamento proceder de outra maneira. Vou já escrever a Minna.

Desceu à câmara, e aí estragou muito papel antes do seu coração vivamente comovido e da sua mão trémula lhe permitirem traçar uma carta que ele julgasse capaz de resolver Minna a conceder-lhe uma entrevista na manhã seguinte, para ele lhe dizer os últimos adeuses.

Bunce, entretanto, fora procurar Fletcher, com quem contava sempre para o apoiar em todas as propostas que tinha a fazer, e, seguido do seu satélite fiel, apresentou-se a Hawkins, mestre de bordo, e Derrick, contramestre, que se regalavam com um copo de *punch* para se compensarem do serviço fatigante que acabavam de fazer.

— Aqui está quem no-lo pode dizer! — exclamou Derrick — Quando é que levantamos ferro?

— Quando Deus quiser, amigo contramestre; eu, por mim, sei tanto do assunto como aquele castelo da popa.

— Que diabo! — exclamou Derrick — Ainda não largaremos com a maré de hoje?

— Ou o mais tardar amanhã de manhã? — disse Hawkins — Que nos pode impedir, depois de termos feito trabalhar toda a tripulação como negros por causa dos abastecimentos?

— Meus senhores — disse Bunce — é preciso que saibam que Cupido se apoderou do nosso capitão, fechou as escotilhas ao seu espírito e colocou-se ao leme.

— Que significa essa cantiga? — perguntou Hawkins, bem humorado.

— Meus senhores — replicou Bunce — digo-lhes em quatro palavras que o capitão está apaixonado.

— Olá? — comentou Hawkins — Quem o diria? Não é porque eu não tenha estado apaixonado tantas vezes como outro qualquer, quando o navio está fundeado e não há mais nada que fazer.

— Muito bem — disse Bunce — Enfim, o capitão Cleveland está apaixonado. Tenciona ver a sua amada amanhã de manhã, para lhe dizer adeus; mas todos nós sabemos que uma entrevista conduz a outra, e isso pode durar até que a *Alcyon* chegue, e então teremos mais balas do que pence.

— Com os diabos! — exclamou Hawkins — Temos que nos amotinar para o impedir de ir a terra. Que dizes tu, Derrick?

— Não há outra coisa a fazer — respondeu o contramestre.

— Eu cá por mim — disse Bunce — não quero motins. Diabos me levem, se eu consentiria que alguém se amotinasse a bordo.

— Nesse caso, não me amotino — declarou Fletcher — Mas, no entanto, que vamos fazer, visto que ele está...

— Mete a viola no saco, Dick, por favor — ordenou Jack Bunce — Agora, Hawkins, digo-te que sou quase da tua opinião, e penso que é preciso empregar um pouco de violência salutar para trazer o comandante à razão. Todos sabem que ele tem o orgulho de um leão e nada fará se não o deixarem guiar-se pela sua cabeça. Pois bem, eu vou a terra e combino a entrevista; a menina comparecerá amanhã de manhã e o capitão não deixará de ir ao seu encontro. Levá-lo-ei a terra na chalupa com gente capaz de remar contra o vento e a maré. A um sinal combinado, caímos sobre o capitão e a sua amada e,

quer queiram quer não, trazemo-los para bordo. O menino mimado não ficará a querer-nos mal, porque lhe deixamos o seu brinquedo. Além disso, se ele estiver de mau humor, levantaremos ferro sem as suas ordens e damos-lhe tempo para recuperar a razão e fazer justiça aos seus amigos.

— Esse projecto não me desagrada; que dizes tu, Derrick? — perguntou Hawkins.

— Jack Bunce tem sempre razão — disse Fletcher — Mas, de qualquer modo, o capitão queimará os miolos a alguns de nós.

— Cairemos sobre ele de surpresa — prosseguiu o inexorável Bunce — sem lhe darmos tempo de puxar do sabre nem das pistolas; e pela amizade que lhe tenho, prometo que serei o primeiro a estendê-lo de costas. Também lhes digo que há uma linda pinacina que marcha na esteira da fragata a que o capitão dá caça e, se eu tiver ocasião, proponho-me confiscá-la em meu proveito. E assim — continuou Bunce — conservaremos o nosso capitão todo inteiro e teremos uma cena digna de figurar no desfecho de uma comédia. Vou, pois, dirigir-me a terra para combinar a entrevista; e vocês tratem de procurar alguns dos nossos homens que não estejam bêbados e a quem possamos confiar sem perigo as nossas intenções.

Bunce retirou-se com o seu amigo Fletcher, e os dois piratas veteranos ficaram a comentar o caso.

Posta a chalupa a navegar, entrou no lago sem acidente e Bunce desembarcou a algumas centenas de passos do velho castelo de Stennis.

Viu que tinham tomado à pressa algumas precauções para o defender. As janelas dos andares inferiores foram trancadas, excepto as aberturas destinadas ao serviço de mosquetes. Um canhão de marinha defendia a porta, guardada por duas sentinelas. Bunce pediu para entrar, o que lhe foi redondamente recusado, e aconselharam-no a ir tratar da sua vida, para que não lhe sucedesse alguma desgraça. Como ele insistisse para ver alguém da casa, assegurando que o assunto de que vinha tratar era de grave urgência, Claud Halcro apareceu enfim, e, com um azedume que não lhe era peculiar, o admirador do glorioso John censurou-lhe a loucura e teimosia.

— Você lembra-me — disse ele — aquelas borboletas idiotas que esvoaçam em volta da chama e que acabam por se queimar.

— E vocês — respondeu Bunce — lembram uma porção de zângãos sem ferrão, que o fumo de cinco ou seis granadas faria fugir deste cortiço, se nós quiséssemos.

— Siga o meu conselho — disse Halcro — e trate da sua vida, de contrário encontrará quem o defume por sua vez. Vá-se embora ou diga em duas palavras o que quer; pois não pode esperar ser recebido aqui senão a tiros de arcabuz. Já cá temos bastantes braços, e acaba de nos chegar da ilha de Hoy o jovem Mordaunt Mertoun, que o seu capitão quase assassinou.

— Ora, ora, tirou-lhe apenas um pouco de sangue mau. Mas eu trago o dinheiro para pagar as provisões.

— Guarde-o até que lho peçam. Há duas espécies de maus pagadores: os que pagam cedo demais e os que nunca pagam nada.

— Ao menos, permita-me que apresente os meus agradecimentos a quem os merece.

— Guarde-os também até que lhos peçam.

— E é este o bom acolhimento que eu recebo de um antigo conhecimento?

— Mas que quer que lhe faça, senhor Altamont? — replicou Halcro um pouco comovido — Mertoun tê-lo-ia recebido de outra maneira, afianço-lhe! Retire-se, pelo amor de Deus, senão terei que escrever na tragédia: *Chegam os guardas e apoderam-se de Altamont.*

— Não lhe darei esse trabalho — respondeu Bunce — Vou fazer a minha saída. Ah, um momento!... Já me esquecia de que trazia um bocado de papel para a mais velha das meninas, Minna, creio eu... Sim, Minna é o seu nome. São as despedidas do capitão Cleveland. Não vai recusar-se a entregar-lho...

— Ah, o pobre diabo!... Compreendo, compreendo: adeus, bela Armida,

No meio das balas, dos temporais, dos incêndios,

É menor o perigo perto dos teus belos olhos.

Mas, diga-me, este bilhete contém versos?

— Está cheio deles... Canção... soneto... elegia... Mas é preciso entregar-lho com precaução e em segredo.

— Sim? Ensinar-me a mim como se deve entregar um bilhete doce! A mim que fui membro do clube de Wit? A mim?... Entregá-lo-ei a Minna, em atenção ao nosso antigo conhecimento, senhor Altamont, e um pouco por deferência pelo seu capitão, que não me parece de todo tão demónio como a sua profissão exige. Não pode haver mal algum numa carta de despedida.

— Adeus, pois, meu velho camarada, adeus para sempre e para mais um dia — disse Bunce; e tomando a mão do poeta, apertou-lha com tanta gana que o deixou a sacudir o braço e a uivar como um cão sobre a pata do qual tivesse caído uma brasa.

Deixando o pirata regressar à embarcação, vamos nós ficar com a família de Magnus Troil, que se encontrava reunida no castelo de Stennis, onde se faziam guardas constantemente com o maior cuidado, para evitar qualquer surpresa.

Magnus Troil recebera Mordaunt Mertoun com muita bondade, quando o viu chegar em seu auxílio à frente de um pequeno grupo organizado por Norna, e do qual ela lhe dera o comando. Não fora difícil convencer o *udaller* de que as referências que lhe fizera o bufarinheiro não tinham fundamento algum, e que Snailsfoot, ao caluniar Mordaunt, não tinha outro objectivo senão de o desacreditar na opinião de Magnus e elevar Cleveland, de quem esperava tirar melhor partido. É verdade que essas referências tinham sido confirmadas pela boa *lady* Glowrowrum e pela fama, à qual apetecera apresentar Mordaunt Mertoun como tendo arrogantes pretensões às boas graças das duas amáveis irmãs de Burgh-Westra, e como hesitando, como um sultão, à qual lançar o seu lenço. Mas Magnus sabia que a fama não passava de uma mentirosa. Acolheu Mordaunt com simpatia, escutou com muita surpresa a narrativa que Norna lhe fez dos direitos que pretendia ter sobre o mancebo, e com não menor interesse a confiança que ela lhe fez da intenção em que estava de fazê-lo herdeiro dos bens consideráveis que o pai lhe deixara ao morrer. É mesmo provável que, embora nada respondendo a algumas palavras que ela proferira sobre uma união entre o seu herdeiro e a filha mais velha do magnate, pensasse que um tal processo de aliança merecia alguma atenção, tanto por causa do mérito pessoal do jovem, como porque essa união faria entrar na sua família a totalidade dos bens consideráveis partilhados entre seu pai e o de Norna. Em todo o caso, o *udaller* recebeu perfeitamente o seu jovem amigo, e, como Mordaunt era o mais jovem e o mais activo de todos os homens que se encontravam no castelo, Magnus e o dono da casa reuniram-se para o incumbir de comandar a guarda durante a noite seguinte, e de render as sentinelas às horas habituais.

E ASSIM ACABOU A «FAVORITA DA FORTUNA»

Logo que os *prendam*,

Atem-lhes, sem demora,

A corda ao pescoço.

É a lei para os bandidos.

«BALADA DA BELA MORENA

Muito antes de romper o dia, Mordaunt fizera render a guarda. Dormitava num cadeirão, com as armas junto dele, quando sentiu que lhe puxavam a manta em que se enrolara.

— Já nasceu o sol? — disse ele, despertando.

Viu os primeiros raios da aurora que começavam a iluminar o horizonte.

— Mordaunt... — disse uma voz, cujo tom lhe fez estremecer o coração.

Lançou um olhar à pessoa que acabava de pronunciar o seu nome e reconheceu Brenda, com tanto prazer como surpresa. Ia dirigir-lhe a palavra, mas um súbito terror paralisou-lhe a fala, ao ver as suas faces descoradas, os seus olhos molhados de lágrimas; numa palavra, ao notar nela todos os sinais de desgosto e de inquietação.

— Mordaunt — disse ela — é preciso que prestes um serviço a Minna, bem como a mim. Tens que nos proporcionar maneira de sair do castelo sem ruído, sem que ninguém o note, para irmos até aquelas pedras a que chamam o círculo de Stennis.

— Que significa essa fantasia, minha querida Brenda?

— perguntou Mordaunt, com o maior assombro — Não te esqueças, minha querida Brenda, de que eu sou um soldado em campanha e de que a obediência é o meu primeiro dever.

— Mordaunt, não é uma brincadeira. A razão de Minna, mesmo a sua vida, dependem do que te peço.

— Mas dize-me ao menos porque deseja ela sair do castelo.

— Por um motivo bem estranho, bem insensato talvez; para ter uma entrevista com Cleveland.

— Com Cleveland! — exclamou Mordaunt — Se esse celerado ousar vir a terra, será recebido com uma saraivada de balas. Se o vir a cem passos — acrescentou, agarrando a sua espingarda — eis como lhe pagarei os agradecimentos que lhe devo.

— A sua morte lançaria Minna no desespero e nunca Brenda concederia um olhar a quem quer que causasse o desespero de Minna.

— Mas é uma loucura, Brenda, uma loucura sem igual! pensa na nossa honra, no nosso dever.

— Não penso senão no perigo de Minna — respondeu Brenda, desfazendo-se em lágrimas — A sua última doença não foi nada em comparação com o estado em que ela se encontra neste momento. Tem na mão a sua carta, cujo ardor mais do que a tinta parece ter traçado os caracteres, e na qual lhe implora que lhe conceda uma entrevista para receber os seus últimos adeuses, se quer salvar um corpo precívél e uma alma imortal; afirma que ela nada tem a recear, mas que nenhum poder o conseguirá obrigar a afastar-se da nossa costa sem a ter visto. É preciso que nos deixes sair.

— Isso é impossível — replicou Mordaunt, num ar da maior perplexidade — Esse tratante pode fazer todas as juras que

quiser, mas que outra garantia nos pode oferecer? Não posso permitir que Minna saia.

— Eu sei — disse Brenda em tom de censura e enxugando as lágrimas, a soluçar — que Norna disse qualquer coisa referente a ti e a Minna; e é com certeza o ciúme que te impede de permitir que *esse* desgraçado lhe fale, nem que seja por um momento, antes de partir.

— És injusta, Brenda — respondeu Mordaunt, melindrado e ao mesmo tempo lisonjeado com essa suspeita — és tão injusta como insensata. Tu sabes, é impossível que não o saibas, que é como tua irmã que Minna me é particularmente querida. Dize-me, Brenda, mas dize-me com toda a verdade, se eu te ajudar na realização dessa loucura, julgas poder contar absolutamente com a boa-fé do pirata?

— Julgo. Se não o julgasse, pensas que te faria semelhante pedido? É culpado, é infeliz, mas julgo que podemos fiar-nos na sua palavra.

— E a entrevista deve realizar-se no círculo de Stennis, ao nascer do sol?

— Sim, é chegado o momento. Pelo amor de Deus, deixa-nos partir.

— Vou eu próprio tomar, por alguns instantes, o lugar da sentinela que está de guarda à porta, e deixá-las-ei passar. Mas não prolonguem essa entrevista tão cheia de perigos.

— Não. Mas, por tua vez, não te aproveites da imprudência que comete esse infeliz em se aventurar até aqui, para o prejudicar, ou para o prender.

— Conta com a minha honra, Brenda. Ele não correrá nenhum risco, se vocês não correrem nenhum.

— Vou então buscar minha irmã — disse Brenda. E saiu logo.

Mordaunt, após um instante de reflexão, foi ter com a sentinela que guardava a porta do castelo e ordenou-lhe que fosse acordar todos os seus camaradas e que se armassem depressa, e que viesse depois avisá-lo quando eles estivessem prontos.

Durante a ausência da sentinela, a porta abriu-se com precaução e Mordaunt viu aparecer Minna e Brenda, envoltas nas suas capas. A primeira apoiava-se ao braço de sua irmã e tinha a cabeça baixa, como se tivesse vergonha do passo que estava dando. Brenda passou em silêncio junto do seu amado, mas lançou-lhe um olhar de afeição e de agradecimento que duplicou nele, se era possível, o desejo que tinha de as manter ao abrigo de todo o perigo.

Logo que as duas irmãs perderam de vista o castelo, Minna ergueu a cabeça e marchou num passo tão seguro e tão precipitado que Brenda, que mal a podia acompanhar, não pôde deixar de a advertir de que fazia mal em esgotar assim as suas forças numa pressa que não era necessária.

— Nada receies, minha querida irmã — respondeu Minna — A força interior de que estou animada sustentar-me-á, assim o espero, durante esta temível entrevista. Eu não podia marchar de cabeça baixa, e a lentidão da minha marcha denunciavam a depressão do meu espírito, enquanto estava exposta aos olhares de um homem que deve necessariamente julgar-me digna da sua piedade e do seu desprezo. Mas tu sabes, minha querida Brenda, e Cleveland sabê-lo-á também, que a ternura que tinha por esse infeliz era tão pura como os raios de sol que vês reflectidos na superfície deste lago. E ousou tomar por testemunhas este astro glorioso e este firmamento onde brilha, que, se não experimentasse o ardente desejo de o decidir a mudar de vida, todas as tentações que o Mundo me pudesse oferecer não me convenceriam a tornar a vê-lo.

Enquanto ia falando assim, num tom que inspirava confiança a Brenda, as duas irmãs atingiam o cimo da pequena eminência, de onde se avistava o Stonehenje das Òrcades, isto é, o círculo de pedras às quais o sol nascente dava um colorido branco cinzento, e que projectava até bem longe, a oeste, a sua sombra gigantesca. Elas viam, na parte do lago que fica para além do que se chama a ponte de Broisgar, um barco cheio de homens armados que se aproximava da margem. Um homem só, envolto numa grande capa, saltou para terra e começou a encaminhar-se para aquele monumento circular, do qual as duas irmãs se aproximavam vindo do lado oposto.

— São tantos e armados — observou Brenda, numa voz quase sufocada pelo medo.

— É uma precaução. Ai, a sua situação torna-lha bem necessária. Não receies traição da sua parte; esse defeito, pelo

menos, não pertence ao seu carácter.

Assim falando, chegaram, ao cabo de alguns instantes, ao centro do círculo, onde, no meio das enormes pedras informes agrupadas em redor, se encontra uma pedra plana, outrora apoiada em dois pilares, de que se viam alguns restos e que servira talvez de altar.

— Era aqui — disse Minna — que nos tempos antigos os nossos antepassados ofereciam sacrificios às divindades do paganismo; e é aqui que eu abjurei das vãs ideias que as seduções da mocidade e uma imaginação demasiado romanesca me fizeram conceber, que renunciei para oferecê-las em sacrificio a um deus mais poderoso e mais misericordioso que os antigos não conheciam.

De pé junto desta pedra, viu Cleveland avançar para ela. Não mostrava o aprumo e o aspecto habituais. O passo tímido e os olhos baixos tornavam-no tão diferente dele próprio como a cabeça erguida, o ar calmo e a atitude cheia de dignidade de Minna diferiam do andar incerto e da aparência abatida e humilhada que se lhe notara quando ela, ao sair do castelo de Stennis, tivera necessidade de amparar-se ao braço de sua irmã. Brenda, cheia de medo e de inquietação, observava com cuidado os *movimentos* de Cleveland, e nada mais podia distrair a sua atenção, unicamente fixa nele e em sua irmã.

Cleveland deteve-se a cerca de três passos de Minna e saudou-a, inclinando profundamente a cabeça. Houve alguns instantes de silêncio.

— Homem desditoso — disse Minna, por fim — por que desejaste este acréscimo das nossas penas? Deixa este país em paz, e possa o céu conduzir-te a melhor caminho do que este que tens percorrido até agora!

— O céu só me ajudará pela sua voz — respondeu Cleveland — Eu estava mergulhado nas trevas quando cheguei a estas terras. Supunha que a minha profissão, a minha odiosa profissão era apenas um pouco mais criminosa aos olhos de Deus e dos homens que a dos armadores que as vossas leis autorizam. Fora assim educado, e, sem a vontade que Minna me encorajou, eu morreria talvez na impenitência. Não me repila para longe de si, deixe-me realizar alguma coisa que possa fazer esquecer o meu passado, e não deixe a sua obra incompleta.

— Não o censuro, Cleveland, de ter abusado da minha inexperiência, de me ter cercado dessas ilusões às quais me expunha a credulidade da minha juventude, e que me levaram a confundir a sua fatídica carreira com a vida gloriosa dos nossos heróis antigos. Ai, mas desde que vi *os* seus companheiros, essas ilusões desvaneceram-se! Mas não o acuso do crime das suas existências. Retire-se, Cleveland; separe-se desses miseráveis a quem se associou, *e, creia-me*, se o Céu lhe concede a graça de o distinguir por uma acção virtuosa ou gloriosa, haverá nestas ilhas *solitárias* dois olhos que chorarão de alegria, como choram de *tristeza* neste momento.

— E é tudo? — perguntou Cleveland — Não posso esperar que, se me apartar dos meus actuais companheiros, se merecer o meu perdão mostrando tanto ardor pela justa causa, como até agora mostrei pela má, não posso esperar que Minna me perdoe o que Deus e o meu país me tenham perdoado?

— Não, Cleveland — respondeu Minna com a maior *firmeza* — Aqui nos separamos, e para sempre, sem guardar nenhuma esperança. Pense em mim como se eu estivesse morta, se continuar a ser o que *é*; *mas*, se mudar o seu procedimento, pense como num ente cujas orações se erguem, de manhã à noite, para o céu, a pedir a sua felicidade, embora a minha esteja perdida para sempre. Adeus, Cleveland.

Ele ajoelhou, acabrunhado pelas mais dolorosas comoções, e avançou o braço para tomar a mão que ela lhe oferecia.

Nesse momento, o seu amigo Bunce lançou-se detrás das pedras que formavam o círculo de Stennis e, antes que Cleveland pudesse opor resistência, ou dirigir-lhe quaisquer reprimendas, e sem lhe dar tempo a levantar-se, precipitou-se sobre ele e derrubou-o de costas, e alguns homens da tripulação, surgindo nesse momento, agarraram-no pelos braços e pelas pernas e levaram-no para os lados do lago. Minna e Brenda soltaram grandes gritos e tentaram fugir; mas Derrick levantou a primeira com tanta facilidade como o falcão agarra a pomba, enquanto Bunce se apoderava de Brenda, dirigindo-lhe qualquer praga em forma de consolação, e todo o grupo correu precipitadamente para o barco, que deixaram à guarda de dois companheiros. Mas a fuga foi interrompida de uma maneira tão inesperada como fatal para os seus projectos criminosos.

Quando Mordaunt mandou armar a guarda do castelo, supõe-se que era sua intenção prover à segurança das duas irmãs. Saindo à frente da sua tropa, ele vigiara com atenção todos os movimentos dos piratas; e quando os viu quase todos deixar o barco e encaminhar-se para o lugar da entrevista, suspeitou naturalmente de uma traição; e, aproveitando uma vala, ou, para

melhor dizer, uma antiga trincheira, que talvez outrora tivesse tido ligação com o círculo de Stennis, colocou-se com os seus homens entre o barco e os piratas, sem que estes o pudessem perceber. Ao primeiro grito das duas irmãs, saíram e correram para os facinoras, apanhando-os de frente, mas sem se atrever a fazer fogo, receando ferir as cativas entre os braços dos seus captores.

Mordaunt correu com a ligeireza de uma gazela para Bunce, que, não querendo largar a sua presa e não podendo defender-se de outra forma, opunha Brenda como escudo a todos os golpes com que o adversário o ameaçava. Este género de defesa não podia surtir efeito por muito tempo contra um mancebo que tinha o pé ligeiro e o braço mais enérgico que jamais se viu nas ilhas Setland; após uma ou duas fintas, Mordaunt derrubou o pirata com uma coronhada. Aqueles que não tinham tanto a recear, dispararam alguns tiros, e os piratas que levavam Cleveland largaram-no para tentar a sua própria defesa ou para fugir; mas apenas o juntaram ao número dos seus inimigos. Cleveland, vendo Minna levada por Derrick, com uma mão arrancou-lha dos braços e com a outra disparou-lhe um tiro de pistola que lhe fez saltar os miolos. Alguns piratas foram mortos ou feitos prisioneiros; os outros fugiram para o barco e, tomando os remos, afastaram-se para o largo, de onde ainda atiraram contra os companheiros de Mordaunt alguns tiros de espingarda que não lhes fizeram mal algum.

Entretanto, este, vendo as duas irmãs livres e a fugir para o castelo, avançou para Cleveland, de sabre em punho. O pirata mostrou-lhe uma pistola e disse:

— Mordaunt, nunca falhei um tiro.

Disparou-a para o ar e em seguida arremessou-a ao lago. Puxando depois do sabre e fazendo-o voltejar uma ou duas vezes por cima da cabeça, fê-lo seguir o mesmo caminho da pistola. No entanto, era tal a fama da força e dos recursos do capitão Cleveland que Mordaunt julgou dever tomar ainda algumas precauções ao aproximar-se dele, e perguntou-lhe se ele se rendia.

— Não me rendo a ninguém — respondeu o capitão pirata — Mas, como viu, deitei fora as minhas armas.

Alguns guardas apoderaram-se dele, sem que oferecesse resistência, e Mordaunt proibiu que o maltratassem ou o manietassem. Os vencedores conduziram-no ao castelo e encerraram-no num quarto no andar mais alto, com uma sentinela à porta. Bunce, e Fletcher, que se tinham levantado do campo da luta após a escaramuça, foram alojados no mesmo quarto; e dois piratas também prisioneiros, que pareciam de uma categoria subalterna, foram metidos num subterrâneo abobadado.

Sem querer descrever os transportes de alegria a que se entregou Magnus Troil, quando, ao despertar ao barulho da fuzilaria, viu suas filhas em segurança e soube que o inimigo estava prisioneiro, diremos apenas que foram de tal ordem que ele se esqueceu por algum tempo de perguntar porque circunstâncias elas se encontravam em perigo. Apertou Mordaunt mil vezes nos seus braços, chamou-lhe seu salvador e jurou pelas relíquias do seu santo patrono que, nem que tivesse mil filhas, um rapaz tão valente, um amigo tão fiel, teria o direito de escolher entre elas, a despeito do que *lady* Glowrowrum pudesse dizer.

Uma cena completamente diferente se passava no quarto que servia de prisão ao capitão e aos seus dois companheiros. O desgraçado Cleveland estava sentado junto da janela, olhos fixos no mar, que parecia absorver a sua atenção até ao ponto de se esquecer de que não era o único cativo no compartimento. Jack Bunce tentava recordar-se de alguns versos que pudessem servir de prelúdio à sua reconciliação com o amigo, pois começava a sentir que o papel que representara, embora inspirado na sua dedicação ao camarada, não terminara com felicidade e não obteria provavelmente a sua aprovação. O seu admirador, o seu fiel partidário Fletcher, deitara-se numa cama e parecia dormir, pois não tentou uma única vez intervir na conversa que não tardou em entabolar-se.

— Vamos, Cleveland, fala-me, peço-te — disse o lugar-tenente, contrito — Quanto mais não seja para praguejar contra a minha estupidez.

— Peço-te que te cales e que me deixes. Resta-me ainda um amigo verdadeiro e tu dás-me a tentação de me servir dele contra ti ou contra mim próprio.

— Encontrei! Encontrei! — exclamou Bunce.

E continuou como Jaffier (*Veneza salva*, de Otway):

Pelo inferno que me espera, não te deixarei, Apesar do teu azedume e do teu humor feroz, senão quando o perdão sair dos

teus lábios.

— Peço-te mais uma vez que te cales! — exclamou Cleveland — Não basta teres-me perdido com a tua traição, ainda tenho que aborrecer-me com as tuas palavras? Entre todos os homens e todos os diabos que compunham a tripulação deste navio, nunca esperei que fosses tu, Jack, o primeiro a levantar um dedo sequer contra mim!

— Eu levantar um dedo contra ti! — respondeu Bunce — Tudo o que fiz não foi senão por amizade por ti, para te tornar o mortal mais feliz que jamais pisou um convés, com a amada a teu lado e cinquenta bravos às tuas ordens. Aí está Dick Fletcher que pode testemunhar em como fiz tudo pelo melhor; se ele quisesse falar em vez de estar para ali estendido como um cepo... Levanta-te lá, Dick, e faz-me justiça.

— Decerto, Jack Bunce, decerto — respondeu Fletcher em voz débil, soerguendo-se a custo — Faço-a, se for capaz. Eu sei que sempre tens falado e procedido pelo melhor; mas, em todo o caso, vês? a coisa correu mal para mim desta vez, porque perco todo o meu sangue e creio que vou para o fundo.

— Não és suficientemente asno para isso! — exclamou Bunce, correndo para ele, assim como Cleveland, para ver se seria possível aliviá-lo. Mas todos os socorros humanos eram inúteis; Fletcher deixou-se recair no leito e expirou no mesmo instante sem soltar um gemido.

— Encarei-o sempre como um perfeito imbecil — disse Bunce, enxugando uma lágrima que se lhe desprendia dos olhos — mas não o supunha tão parvo que voasse assim do seu poleiro. Perdi o homem mais dedicado.

Tornou a levar a mão aos olhos.

— Um verdadeiro *bull-dog* inglês! — disse Cleveland, de olhos fixos no defunto, cuja morte não lhe alterara as feições — Com um melhor conselheiro, podia ter tido um melhor fim.

— Poderias dizer-lhe outras tantas coisas, capitão, se te apetecesse fazer-lhe justiça.

— Tens razão, Jack; podia dizê-las também de ti.

— Pois bem, dize-me então: *Jack, perdoo-te*. A frase não é muito comprida e depressa se pronuncia.

— Perdoo-te de todo o meu coração, Jack — disse Cleveland, que se aproximara da janela — Perdoo-te com tanta melhor vontade quanto é certo que na manhã em que nos devíamos perder já tudo se consumou.

— Quê! Pensas na predição da velha de que me falaste?

— Não tardará a cumprir-se. Anda cá. Que te parece aquele grande navio que vês dobrar o promontório do lado leste e que se prepara para entrar na baía de Stromness?

— Não te sei dizer... Mas olha o velho Goffê... Toma-o decerto por uma embarcação da Companhia das Índias carregada de rum e de açúcar, porque, raios me fulminem, lá vai ele levantar ferro para correr ao seu encontro.

— Em lugar de se atirar para as águas baixas, que era a última salvação! — exclamou Cleveland — Imbecil! Idiota! Bêbado!... Que esteja descansado, já lhe vão dar de beber bastante quente... É a *Alcyon*. Olha, arvora o pavilhão e larga uma bordada... Adeus, *Favorita da Fortuna*! Só espero que a defendam até a última prancha. O mestre da tripulação costumava mostrar bravura, e Goffê também, apesar de ser o diabo em pessoa... Ah! A *Favorita* faz fogo e afasta-se a todo o pano! Isto mostra bom-senso.

— Ah! — exclamou Bunce — Ei-lo que arvora o *Jolly-Roger*, o velho pavilhão negro com a caveira e o relógio de areia! Aquilo mostra decisão!

— A nossa areia escoá-se a toda a pressa, Jack — replicou Cleveland — Isto acaba mal... Fogo, meus bravos, fogo! Ou o mar ou os ares. Vale mais isso do que a ponta da corda... A corveta, embora perseguida de perto, continuava a atirar bordadas, fugindo, e a fragata dava-lhe sempre caça, quase sem responder ao seu fogo. Por fim, os dois navios estavam tão perto um do outro que não era difícil deprender, das manobras da *Alcyon*, que tinha a intenção de abordar a *Favorita* e não de a meter no fundo.

— Vamos, Goffe! Anda, Hawkins! — gritou o capitão, como se eles pudessem ouvir as suas ordens — Atenção à manobra! Uma bordada de barragem enquanto lhe estão pela proa. Depois, vira de bordo e parte como um pato bravo... Ah! As velas pendem e o leme está de lado... Que o mar engula estes marinheiros de água doce! Não trataram de virar, e já a fragata os aborda!

As diferentes manobras que o ataque e a defesa tornaram necessárias tinham aproximado os navios de tal forma que Cleveland, com o seu óculo, pôde ver a tripulação da *Alcyon*, terrível pela força do número, lançar-se à abordagem de espada em punho. Nesse momento crítico, uma espessa nuvem de fumo levantou-se, de súbito, de bordo no navio corsário e envolveu as duas embarcações.

— *Exeunt omnes!* (Saída geral, palavras latinas que se usavam para indicar as mudanças de cenário em teatro) — exclamou Bunce, juntando as mãos.

— Assim acaba a *Favorita* e a sua tripulação — disse Cleveland ao mesmo tempo.

Mas quando o fumo se dissipou, viu-se que os dois navios apenas tinham sofrido estragos parciais. Devido à quantidade insuficiente de pólvora, os piratas falharam no seu desesperado plano de fazer explodir ao mesmo tempo o seu navio e a fragata.

Pouco depois de terminada a batalha, o capitão Weatherport, que comandava a *Alcyon*, enviou ao castelo de Stennis um oficial com um destacamento de fuzileiros navais, pedir que lhe entregassem os piratas que ali estavam detidos, nomeadamente Cleveland e Bunce, que eram o capitão e o lugar-tenente.

Era um pedido a que não se podia deixar de aceder, embora Magnus Troil desejasse que o tecto sob o qual ele se encontrava pudesse servir de asilo a Cleveland, pelo menos. Mas as ordens do oficial eram precisas, a intenção do capitão Weatherport era enviar os seus prisioneiros por terra a Kirkwall, debaixo de escolta, para aí se sujeitarem a um interrogatório prévio perante as autoridades civis, antes da sua partida para Londres, onde seriam julgados pelo supremo tribunal do Almirantado. Magnus, então, limitou-se a falar ao oficial em favor de Cleveland, para que este fosse tratado com deferência, e que não fosse nem maltratado nem despojado, o que o oficial, impressionado pelo aspecto nobre do capitão pirata e condoído da situação em que o via, concedeu sem dificuldade. O honesto *udaller* bem desejaria ainda dirigir a Cleveland algumas palavras de consolo, mas não foi capaz de encontrar expressões adequadas, e limitou-se a menear tristemente a cabeça.

— Meu velho amigo — disse-lhe Cleveland — o senhor teria todo o direito de se queixar de mim, e, bem longe de se regozijar da minha desgraça, tem compaixão de mim! Por gratidão para consigo e para com os seus, nunca mais a minha mão se armará contra ninguém. Aceite isto, era a minha última esperança, a minha última tentação — Dizendo isto, tirou do seio uma pistola de bolso e entregou-a a Magnus — Lembre-se de mim — ajuntou ele — Recorde-se... Mas não, não, que toda a gente me esqueça! Senhor — disse ele ao oficial — sou seu prisioneiro.

— E eu também — acudiu Bunce.

E, tomando uma atitude teatral, começou a recitar em voz bastante segura a tirada de Pedro (Veneza salva, de Otway):

Deveis ser, capitão, um homem de honra,

Afastai, pois, de mim a canalha furiosa;

Abri-me passagem e, por toda a indulgência,

Que eu possa, ao menos, morrer com decência.

A TERRÍVEL VERDADE DE MERTOUN

A Londres, a Londres da alegria!

Southey

A notícia do apresamento do navio pirata chegou a Kirkwall pelas onze horas da manhã e encheu toda a gente de surpresa e de alegria. Nesse dia, pouco negócio se fez na feira, pois todos a abandonaram para correr ao encontro dos prisioneiros que iam entrar na cidade. Lembravam-se dos abusos que eles antes cometeram nas ruas de Kirkwall, onde quase procederam como numa cidade tomada de assalto. Viam marchar à frente um destacamento de soldados de marinha, cujas baionetas resplandeciam ao sol. A seguir vinham os desgraçados prisioneiros, acorrentados aos pares. Os seus belos fatos, rasgados em parte pelos seus captores, não apresentavam senão farrapos. Uns estavam feridos e cobertos de sangue; outros enegrecidos e queimados pela explosão que se dera quando os mais resolutos quiseram destruir o navio. Alguns pareciam entregues a reflexões sobre a sua situação, mas a maior parte mostrava-se de uma sombria impassibilidade; um pequeno número de entre eles defrontava a sua desgraça, entoando canções ímpias e ordinárias que já tinham feito ecoar nas ruas de Kirkwall, quando as percorriam nos seus deboches.

Hawkins e Goffe, acorrentados um ao outro, não cessavam de trocar ameaças e imprecações, acusando-se mutuamente do malogro das manobras.

Cleveland e Bunce fechavam a marcha; tinham-lhes poupado a humilhação dos ferros. O ar calmo, embora triste, do capitão contrastava com a marcha teatral e estudada do pobre Jack, que assim se esforçava por ocultar as suas involuntárias comoções de uma espécie pouco nobre. Olhava-se para Cleveland com compaixão, para Bunce com um misto de desprezo e piedade, ao passo que a maioria dos outros inspirava horror e mesmo ainda o receio dos seus olhares e das suas palavras.

Existia em Kirkwall um homem que, bem longe de acorrer precipitadamente a desfrutar o espectáculo que atraía todos os olhares, nem sequer ouvira falar do acontecimento que agitava toda a cidade. Era o velho Mertoun, que se encontrava em Kirkwall havia dois ou três dias, ocupados por ele em grande parte em tratar de uma queixa judicial apresentada contra Bryce Snailsfoot. Após um inquérito, o digno bufarinheiro fora condenado a devolver a Mertoun a caixa de Cleveland com os papéis e outros valores que continha, para ficarem à sua guarda até que os pudesse entregar ao legítimo proprietário. Mertoun quisera, primeiro, deixar à justiça o cuidado do depósito que ela estava disposta a confiar-lhe; mas, depois de ter passado uma vista pelos papéis que dele faziam parte, mudou bruscamente de opinião, acedeu em guardar a caixa, voltou para casa a toda a pressa e encerrou-se num quarto para reflectir à vontade sobre os estranhos pormenores que acabava de conhecer, e que aumentaram a sua impaciência por ter uma entrevista com a misteriosa Norna.

Como se sabe, no encontro que ambos tinham tido no cemitério de São Ringan, ela recomendara-lhe que fosse à ala esquerda da catedral de São Magnus em Kirkwall, à hora do meio-dia, no quinto dia da feira de Santo Olavo, assegurando-lhe que aí encontraria alguém que lhe daria notícias de Mordaunt.

Entretanto, muito tempo antes do meio-dia, muito tempo antes da cidade de Kirkwall ser agitada pela notícia dos acontecimentos do outro lado da ilha, já Mertoun passeava na ala solitária da catedral, esperando com a maior impaciência a realização das promessas de Norna. O sino deu meio-dia; mas a porta da igreja não se abriu, ninguém entrou no misterioso recinto. Contudo, ainda ecoavam sob as abóbadas os últimos sons do sino, quando Norna, vindo do fundo do vasto edificio, surgiu ante os seus olhos. Mertoun, sem procurar penetrar o mistério que já não o é Para os nossos leitores, correu imediatamente para ela, exclamando:

— Ulla, Ulla Troil, ajuda-me a salvar o nosso desgraçado filho!

— Eu não uso esse nome — respondeu Norna — Abandonei-o aos ventos da noite que me custou um pai.

— Não falemos dessa noite de horror; precisamos de todo o nosso senso: não despertemos recordações que no-lo podiam *fazer* perder. Ajuda-me, se podes, a salvar o nosso desditoso filho.

— Já está salvo, Vaughan, há muito que está salvo. Julgas que a mão de uma mãe, uma mãe como eu, esperou pelo teu socorro tardio e fraco? Não, Vaughan, não me dei a conhecer, senão para te mostrar o meu triunfo sobre ti. Foi a única

vingança que a poderosa Norna se permitiu tirar das injúrias feitas a Ulla Troil.

— Salvaste-o, realmente? Já não está com aquela quadrilha de assassinos? Fala, diz-me a verdade. Podes ao menos provar-me que lhes fugiu, que está em segurança?

— Escapou-lhes, está em segurança, graças a mim. Sim, está em segurança, e tem como certo um feliz e respeitável casamento. Sim, homem de pouca fé, sim, infiel, que *só* depositas confiança em ti próprio, estas foram as obras de Norna. Há muitos anos que te reconheci, mas não quis que me conhecesses senão já triunfante da certeza de que dominava o destino que ameaçava o meu filho. Tudo *se* conjugava contra ele; uns planetas anunciavam-lhe a morte no seio das águas, outros cobriam-se de sangue... Mas a minha ciência venceu. Combati e destruí a sua influência. Encontrei, criei meio de contrariar todos os astros.

O ar de entusiasmo e de triunfo com que ela se exprimia parecia-se tanto com o desvairamento de espírito que Mertoun respondeu-lhe:

— Se as tuas pretensões fossem mais modestas, se as tuas palavras fossem um pouco mais claras, ficaria mais convencido de que meu filho estava em segurança.

— Então, continua a duvidar, céptico! — replicou Norna — E, entretanto, fica sabendo que não só o meu filho está salvo, mas que também vou ser vingada sem o ter desejado, sim, vingada do poderoso agente das obscuras influências que tantas vezes contrariaram os meus planos: daquele que muitas vezes pôs em perigo os dias de meu filho. Sim, e para confirmação da verdade das minhas palavras, fica sabendo que Cleveland, o pirata Cleveland, entra neste momento em Kirkwall, prisioneiro, e que há-de expiar com a vida o crime de ter derramado algumas gotas de um sangue que nasceu no seio de Norna.

— Quem dizes tu que está prisioneiro? — exclamou Mertoun numa voz de trovão — Quem é esse que deve expiar os seus crimes com a sua vida?

— Cleveland, o pirata Cleveland — respondeu Norna — Fui eu, eu, de quem ele desprezou os conselhos, quem permitiu que o seu destino se consumasse.

— Pois és a mais miserável das mulheres! — exclamou Mertoun, rangendo os dentes — Causaste a morte de teu filho, como causaste a de teu pai!

— De meu filho?... Qual filho?... Que queres dizer? — interrogou Norna — Mordaunt é teu filho, teu filho único. Não o será?... Responde-me, depressa. Não o será?

— Sim — respondeu Mertoun — Mordaunt é meu filho; pelo menos a lei dá-lhe esse direito... Mas, desgraçada Ulla, Cleveland é teu filho e meu... O sangue do nosso sangue, a carne da nossa carne; e se o entregaste à morte, acabarei com ele a minha existência miserável.

— Escuta-me, Vaughan, escuta-me. Ainda não estou vencida. Prova-me a verdade do que me dizes, e eu descobrirei socorros, nem que tenha de evocar os infernos!

— Tu, socorrê-lo!... Mísera mulher! Para que serviram as tuas maquinações, os teus estratagemas, a tua charlatanice e a tua demência? Escuta-me, pois, Ulla; vais ter as provas que me pedes; procura depois o socorro, se o puderes — Após um instante de silêncio, Mertoun continuou — Quando fugi das ilhas Órcades, há vinte e cinco anos, levei comigo o desditoso filho que tu deste à luz. Uma das tuas parentas tinha-mo enviado, informando-me de que estavas muito mal, e em breve o boato da tua morte se espalhou por toda a parte. Refugiei-me em São Domingos. Uma jovem e linda espanhola tomou a peito confortar-me; desposei-a e ela tornou-se mãe do mancebo que usa o nome de Mordaunt Mertoun.

— Desposaste-a? — disse Norna, num tom de censura.

— Desposei-a, Ulla; mas ela teve o cuidado de te vingar. Foi-me infiel, e a sua infidelidade deixou-me dúvidas sobre a legitimidade de Mordaunt. Também fui vingado.

— Fizeste-a perecer? — disse Norna, num grito de horror.

— Fiz o que me obrigou a deixar São Domingos à pressa — disse Mertoun, sem responder directamente à pergunta —

Levei comigo o nosso filho para a ilha Tartaruga, onde eu tinha uma pequena casa; coloquei, em Port Royal, Mordaunt, que tinha três ou quatro anos menos que Clement, resolvido a prover a todas as suas necessidades, mas a não o tornar a ver. Tinha Clement quinze anos quando a nossa casa foi saqueada pelos espanhóis. A necessidade veio em auxílio do desespero e de uma consciência carregada de remorsos. Tornei-me pirata e eduquei Clement nessa detestável profissão. Apesar da sua pouca idade, a sua bravura e os conhecimentos, que não tardou em adquirir, deram-lhe em breve o comando de um navio. Dois ou três anos passaram; e enquanto o meu filho e eu cruzávamos mares diferentes, a minha tripulação revoltou-se contra mim e deixou-me como morto na costa de uma das ilhas Bermudas. Contudo, voltei à vida, e, após uma longa doença, o meu primeiro cuidado foi procurar notícias de Clement. Soube que a sua tripulação se tinha igualmente revoltado contra ele; que o tinham abandonado numa pequena ilha deserta e estéril, e concluí que ele teria perecido de fome e de miséria.

«Foi então que o remorso se apoderou de mim e que, tomando horror a tudo, principalmente ao sexo a que Luísa pertencia, resolvi fazer penitência pelo resto dos meus dias num deserto das ilhas Setland. Podia ter-me submetido ao jejum e às mortificações corporais, tal era o conselho dos santos padres católicos que consultei, mas encontrei uma penitência mais severa e mais nobre: trouxe comigo o jovem e desditoso Mordaunt, para ter sempre perante os olhos uma recordação viva da minha desgraça e do meu crime. Executei esse plano, e executei-o tão bem que por mais de uma vez a minha razão tem estado prestes a faltar-me. Agora, para me levar ao excesso da demência, eis que Clement, esse Clement a quem posso chamar meu filho, regressa à vida para sofrer morte infamante, devido às manobras da sua própria mãe!

— Ah! Ah! Ah! — riu Norna sinistramente, quando ele se calou — A história é excelente! Foi admiravelmente imaginada pelo velho pirata que quer convencer-me a socorrer com o meu poder o companheiro dos seus crimes. Como posso admitir Mordaunt como teu filho, se existir uma diferença de idade tal como pretendes?

— A sua tez morena, a sua desenvolta estatura podem ter contribuído para te criar a ilusão. A imaginação terá feito o resto.

— Mas apresenta-me provas seguras de que Clement é meu filho, e o Sol desaparecerá no Oriente antes de que possam arrancar-lhe um cabelo da cabeça.

— Estes papéis, estes jornais... — disse Mertoun, entregando-lhe uma carteira.

— Não consigo ler — disse ela, depois de algumas tentativas infrutíferas — A minha vista está perturbada.

— Clement poderia ainda apresentar-te outras provas; mas os que o aprisionaram decerto se apoderaram delas. Entre outras coisas, ele tinha uma caixa de prata com inscrições em caracteres rúnicos, com que tu me presentearas em tempos mais felizes.

— Uma caixa de prata! — exclamou Norna — Cleveland deu-ma, ainda não há vinte e quatro horas. Ainda nem a observei.

Tirou-a do bolso, examinou-a, leu a inscrição gravada na tampa e exclamou:

— Agora é que me podem chamar a Reimkennar (Pessoa iniciada na ciência dos versos rúnicos por meio dos quais, segundo os norses, se operavam encantações), porque sei por estes versos que sou a assassina de meu filho como o fui de meu pai.

A certeza de que criara as suas próprias ilusões afligiu-a de tal maneira que caiu sem sentidos junto dos pilares. Mertoun chamou por socorro, sem esperança de obtê-lo. No entanto, o velho sacristão acudiu aos seus gritos. E o desgraçado pai, como nada pudesse fazer em alívio de Norna, saiu à pressa da igreja para se ir informar de seu filho.

O FUTURO PERTENCE A DEUS

Depressa, ide alguns suplicar o indulto.

GAY, ÓPERA «MENDIGOS»

O capitão Weatherport foi pessoalmente a Kirkwall, onde os magistrados reunidos o receberam com alegria e gratidão. O preboste disse-lhe, em conversa, que dava graças à Providência por ter trazido a *Alcyon* no momento em que o navio pirata se podia escapar. O capitão olhou-o num ar de surpresa.

— O senhor deve dar graças ao aviso que me mandou — disse ele.

— Que lhe mandei?! — estranhou o preboste.

— Sim, senhor. Não é a eorg Torfe, primeiro magistrado de Kirkwall, que estou falando? Não foi o senhor que me mandou esta carta?

O preboste, cada vez mais surpreendido, pegou na carta dirigida ao capitão Weatherport, comandante da *Alcyon*, a qual lhe denunciava o aparecimento de piratas na costa, a sua força, etc.. Mas informava-se ainda, nessa carta, que eles sabiam que a *Alcyon* cruzava aquelas paragens e que tinham a intenção de evitar a sua perseguição retirando para as águas baixas dos estreitos que separavam as ilhas; que, em último extremo, estavam resolvidos a fazer soçobrar a corveta incendiando a pólvora, o que faria perder ricos despojos. Dizia-se depois que a *Alcyon* faria bem em cruzar durante dois ou três dias entre o promontório de Duncansbay e o cabo Wrath para dissipar os alarmes que a sua vizinhança produzia nos piratas e inspirar-lhes segurança, tanto mais que o autor da carta tinha a certeza de que a intenção deles, caso a fragata deixasse a costa, era entrar na baía Stromness e desembarcar os canhões, a fim de fazerem algumas reparações no navio. A carta acabava por assegurar ao capitão Weatherport que, se a *Alcyon* surgisse na baía de Stromness na manhã de 24 de Agosto, teria boa colheita de piratas; mas que, se lhes aparecesse mais cedo, era provável que eles se escapassem.

— A letra desta carta não é minha, capitão — disse o preboste — e esta assinatura também não é a minha. Nem eu mesmo me aventuraria a aconselhar que demorasse tanto tempo a vir a estas paragens.

O capitão Weatherport ficou surpreendido, por seu turno.

— Tudo o que sei — disse ele — é que a recebi na baía de Thurso e que dei cinco xelins à tripulação do barco que me levou, porque atravessou o braço de mar de Pentland com um forte temporal. O patrão desse barco era um anão mudo, a mais hedionda criatura que tenho visto. Admirei-me da exactidão das informações que me proporcionou, senhor preboste.

— Foi uma felicidade que tudo se passasse assim — disse o preboste.

Passou a carta a Magnus Troil, que lha devolveu sorrindo, mas sem fazer qualquer observação, supondo decerto, como os nossos leitores, que Norna tinha boas razões para conhecer de uma maneira tão precisa o instante em que a fragata devia chegar.

Sem se preocupar muito em procurar explicação para o que parecia inexplicável, o capitão Weatherport quis que se procedesse ao interrogatório dos piratas. Trouxeram primeiro Cleveland e Altamont, nome que Bunce adoptara, como acusados de terem exercido as funções de capitão e lugar-tenente. Mal se começara a interrogá-los, quando, após alguma discussão com os guardas da porta, Basil Mertoun se precipitou na sala.

— Trago-lhes uma vítima! — exclamou ele — Disponham da minha vida e poupem a do meu filho. Sou Basil Vaughan; este nome era bem conhecido nos mares das Antilhas.

A surpresa foi geral, mas ninguém a teve maior do que Magnus Troil. Ele apressou-se a explicar aos magistrados e ao capitão Weatherport que o homem que acaba va de se acusar vivia há bastantes anos na ilha principal das Setland e sempre se portara de uma maneira pacífica e impecável.

— Nesse caso, não há nada a temer — disse Weatherport — porque já houve entretanto duas proclamações de amnistia

para todos os que renunciaram a essa profissão. E, pela minha salvação, ao vê-los abraçar-se assim, tão ternamente, desejaria dizer outro tanto do filho.

— Mas, como pode ser isso? — perguntou o preboste — Sempre conhecemos este velho sob o nome de Mertoun e esse jovem pelo de Cleveland; e, agora, ei-los que se chamam ambos Vaughan!

— Vaughan — disse Magnus — é um nome que tenho algumas razões para recordar; e, pelo que recentemente me contou minha prima Norna, esse velho tem o direito de o usar.

— E creio que esse jovem também — disse Weatherport, que entretanto estivera folheando um pequeno livro de apontamentos em forma de carteira — Escute um instante — disse ele, dirigindo-se ao jovem Vaughan — Era o senhor quem, muito novo ainda, há oito ou nove anos, comandava um bando de piratas que pilhou nessa época uma povoação chamada Quempoa, situada nas costas da Nova Espanha?

— De nada me serve negá-lo — respondeu o prisioneiro.

— Não — acudiu Weatherport — Mas pode servir-lhe de alguma coisa confessá-lo. Vejamos, pois... Os arreeiros fugiram com o tesouro que esperavam encontrar, enquanto o senhor se preocupava em proteger, com risco da própria vida, a honra de duas senhoras espanholas contra a brutalidade dos seus homens. Lembra-se disto?

— Decerto que me recordo! — exclamou Jack Bunce — Foi por isso que aqueles tratantes abandonaram o nosso capitão numa ilha deserta e eu estive para ser enforcado numa verga por ter tomado o seu partido.

— Está perfeitamente averiguado, a vida do jovem Vaughan está salva — declarou Weatherport — As damas que ele salvou eram senhoras da primeira sociedade, filhas do governador da província, e o pai, reconhecido, dirigiu-se há muito tempo ao nosso governo pedindo que perdoassem ao libertador. Eu tinha ordens especiais sobre Clement Vaughan, quando me incumbiram do cruzeiro contra os piratas nas Índias Ocidentais, há seis ou sete anos; mas o nome de Vaughan já não era aí conhecido, e não se ouvia falar senão de Cleveland. Portanto, mancebo, se é Clement Vaughan, posso garantir-lhe um absoluto perdão, quando chegarmos a Londres.

Cleveland saudou, subindo-lhe o sangue ao rosto. Mertoun caiu de joelhos, dando graças à Providência. Todos os espectadores se enterneceram com esta cena comovedora. Por fim, disseram-lhes que se retirassem, e o interrogatório continuou.

— E agora, senhor lugar-tenente, que tem a alegar em sua defesa? — perguntou o capitão Weatherport.

— Pouca coisa, ou nada — respondeu Bunce — a não ser que desejaria bem que o senhor encontrasse o meu nome nesse livrinho que tem na mão, porque eu estava ao lado do capitão Cleveland, durante todo esse caso Quempoa.

— Chama-se Frederick Altamont — disse o capitão — esse nome não se encontra aqui. Não vejo senão o de um Jack Boune, ou Bunce, que essas senhoras também recomendaram como merecedor de perdão.

— Mas sou eu, capitão! Sou eu; posso prová-lo. Embora o som desse nome seja um tanto plebeu, prefiro viver como Jack Bunce do que ser enforcado como Frederick Altamont.

— Nesse caso — disse o capitão — se você é Jack Bunce, posso dar-lhe esperanças.

— Grande mercê! — exclamou Bunce. E mudando bruscamente de tom — Se a mudança de nome tem tanta virtude, talvez o pobre Fletcher se tivesse tirado de apuros com o de Timóteo Tugmutton; mas, seja como for, para me servir de uma das suas frases...

— Levem o lugar-tenente e tragam Goffe e os outros pândegos — ordenou Weatherport — Parece-me que não há um único que valha a despesa da corda.

Esta predição prometia verificar-se, tão fortes e numerosas eram as provas dos seus crimes. Dois dias depois, todos os prisioneiros foram conduzidos a bordo da *Alcyon*, que se fez de vela para os transportar a Londres

. Durante o tempo que o infeliz Cleveland passou em Kirkwall foi tratado com urbanidade pelo capitão da *Alcyon*; e

Magnus Troil, que sabia, em segredo, que existia entre eles um estreito parentesco, cuidou de que nada lhe faltasse e dispôs-lhe toda a espécie de atenções.

Norna, que tomara ainda um interesse mais vivo pelo desditoso prisioneiro, não estava em estado de poder exprimi-lo. O sacristão encontrara-a desmaiada no *solo*; *quando* ela voltou a si, tinha perdido a razão, e foram obrigados a colocar junto dela várias pessoas para a vigiar.

Tudo o que Cleveland soube das duas irmãs de Burgh-Westra foi que ficaram indispostas com o susto que apanharam; mas, na véspera da partida, entregaram-lhe em segredo o seguinte bilhete:

«Adeus, Cleveland, separemo-nos para sempre, e é juito que nos separemos. Sê virtuoso, sê feliz! As ilusões de que rodearam a minha educação solitária e a minha inexperiência dissiparam-se para sempre. Mas, no que te diz respeito, tenho a certeza de que não me enganei ao considerar-te um homem para quem o bem possui naturalmente mais atractivo do que o mal, e foram a necessidade, o exemplo e o hábito que te lançaram na funesta carreira que seguiste até aqui. Pensa em mim como em alguém que já não existe, se não te tornares tão digno de louvores como agora mereces censuras. Então pensa em mim como num ente que se interessará sempre por ti, embora nunca mais deva ver-te.»

Este bilhete era assinado pelas iniciais M. T., e Cleveland, com lágrimas de comoção, leu-o e releu-o cem vezes, e depois guardou-o cuidadosamente no peito.

Mordaunt recebeu também uma carta de seu pai, mas num estilo diferente. Basil Mertoun, despedindo-se dele para sempre, ajuntava que, para futuro, o dispensava de cumprir para com ele os deveres de filho, visto que, a despeito de permanentes esforços durante um ano, nunca lhe ter podido criar afeição de pai. Revelava-lhe um esconderijo que arranajara no velho castelo de Jarlshof, onde depositara uma soma considerável em dinheiro e em valores preciosos. «Podes utilizá-los sem escrúpulo, dizia-lhe ele, que não são produto de pirataria, nem me ficas devendo qualquer obrigação, porque era a fortuna de tua mãe, Luísa Gonzaga, e por conseguinte pertence-te de direito. Perdoemo-nos mutuamente as nossas faltas, como homens que nunca mais voltarão a ver-se».

Efectivamente, Basil Vaughan, contra quem nunca se levantou qualquer acusação, desapareceu logo que o destino de Cleveland se definiu. Supôs-se que se retirara para o estrangeiro e aí dera entrada num convento.

Teve-se conhecimento da sorte de Cleveland por uma carta que Minna recebeu dois meses depois da *Alcyon* ter deixado Kirkwall. Toda a família estava então reunida em Burgh-Westra, e Mordaunt também ali se encontrava, julgando o bom *udaller* que nunca era bastante a boa recepção que lhe fazia depois dos serviços que ele prestara a suas filhas. Norna, que principiava a recompor-se da sua alienação de espírito, estava então em casa de Magnus; e Minna, infatigável nos cuidados que prodigalizara a essa desgraça vítima das próprias ilusões, achava-se sentada junto dela, vendo com prazer os sintomas que anunciavam o regresso da razão, quando se recebeu a carta de que acabamos de falar.

«Minna — dizia Cleveland — querida Minna, adeus para sempre! Creia que nunca alimentei o menor pensamento criminoso contra si. A partir do momento em que a vi, tomei a resolução de separar-me dos meus companheiros e tracei mil planos que foram tão vãos como eu o merecia; porque havia de o destino de uma criatura tão amável, tão pura, tão inocente unir-se ao de um ente culfado? Não falarei mais desses sonhos; a minha sorte é severa, mas muito menos rigorosa do que esperava e do que merecia. O pouco bem que fiz contrabalançou, no espírito de juizes respeitáveis e misericordiosos, o muito mal que tinha a censurar-me. Não só fui subtraído à morte ignominiosa a que foram condenados muitos dos meus companheiros, mas também, como parece que vamos entrar em guerra com a Espanha, o capitão Weatherport, que vai cruzar os mares das Índias Ocidentais, pediu generosamente licença para me utilizar debaixo das suas ordens, com dois ou três dos meus companheiros menos culpados. Esta atitude foi-lhe ditada por uma generosa compaixão, pois pensa-se que nos podemos tornar úteis pelo conhecimento que temos destas costas e destes mares. Minna, se alguma vez ouvir pronunciar o meu nome, será com honra. Se a virtude pode gerar a felicidade, não tenho necessidade de fazer votos pela sua, porque já deve desfrutá-la. Adeus, Minna, adeus para sempre.»

Minna verteu lágrimas tão amargas ao ler esta carta que despertou a atenção de Norna, ainda convalescente. A velha *reimkennar* arrancou-a das mãos de sua prima e leu-a, primeiro, num ar de pessoa a quem esta leitura nada dissesse. Releu-a, e algumas recordações parece terem impressionado o seu espírito. Por fim, à terceira leitura, a alegria e a tristeza parece que a agitaram, e a carta caiu-lhe das mãos. Minna apanhou-a à pressa e recolheu-se, com este tesouro, no seu quarto.

A partir daquele momento, Norna pareceu tomar um carácter totalmente diferente. Abandonou os trajos que adoptara, usando outros de um género mais simples e menos imponentes. Despediu o seu anão, depois de liberalmente o prover de forma

a que pudesse viver ao abrigo de necessidades. Nunca mais mostrou desejos de retomar a sua vida errante, e mandou desmantelar o seu observatório de Fitful-head, como se podia chamar àquela habitação. Abandonou o nome de Norna e não quis que lhe dessem outro senão o que realmente lhe pertencia, o nome de Ulla Troil. Mas resta falar da modificação mais importante que nela se operou. No desespero em que as circunstâncias da morte do pai a lançaram, ela parecia considerar-se como que fora da graça divina; toda preocupada com vãs ciências ocultas que ela tinha a pretensão de praticar, os seus estudos, como os do médico Chaucer, não se alargavam até à Bíblia; agora, este livro sagrado não a deixava nunca. E quando os pobres ignorantes vinham, como outrora, invocar o seu poder sobre os elementos, ela respondia-lhes:

— Os ventos estão na mão do Senhor.

Parecia profundamente arrependida da sua presunção de dominar os elementos, e exprimia um desgosto sincero quando alguma coisa lhe trazia à lembrança as suas antigas pretensões. Continuou a mostrar grande dedicação por Mordaunt, talvez por hábito, pois não era fácil entrever até que ponto ela se recordava dos complicados sucessos em que tomara parte. Por sua morte, que sobreveio cerca de quatro anos depois dos últimos acontecimentos, legou a Brenda todas as suas propriedades, que eram consideráveis: tal fora o pedido de Minna. Uma cláusula especial do seu testamento ordenava que se lançasse às chamas todos os seus livros, todos os seus instrumentos de laboratório, numa palavra, tudo o que pudesse recordar os seus antigos estudos.

Cerca de dois anos antes da morte de Norna, Brenda casara com Mordaunt Mertoun, ou, para melhor dizer, Vaughan. Ainda foi preciso vencer alguma relutância do velho Magnus. O jovial *udaller* viveu até uma idade muito avançada, feliz por ver uma família numerosa crescer sob as vistas da sua filha mais nova, e com a sua mesa alternadamente animada pelos cantos de Claud Halcro e iluminada pelas doudas lucubrações de Triptolemus Yellowley. Este, renunciando às suas altas pretensões, melhor conhecedor dos hábitos insulares entre os quais vivia e lembrando-se dos vários acidentes a que o tinham exposto as suas prematuras tentativas de aperfeiçoamento, tornara-se um honesto e digno representante de Lorde Chamberlain, e nunca se sentia tão feliz senão quando podia escapar ao regime rigoroso a que sua irmã o submetia para ir ocupar um lugar à mesa bem servida do digno *udaller*. O carácter de *miss* Bárbara tornou-se, entretanto, menos azedo, quando ela se tornou a ver na posse do famoso chifre repleto de antigas moedas de ouro e prata. Era a Norna que pertencia este pequeno tesouro e fora ela quem o escondera no lugar onde fora encontrado, em obediência a certas ideias supersticiosas. Mas, tornando a enviá-lo a quem, por acaso, o descobrira, teve o cuidado de mandar dizer à senhora Baby que ele desapareceria de novo, se não empregasse uma porção razoável nas necessidades do lar. Devido a esta precaução, Tronda Dronsdaughter, que provavelmente servira de intermediário a Norna para este assunto, teve a sorte de não morrer lentamente de inanição. Mordaunt e Brenda foram tão felizes quanto o permite a nossa condição de mortais. Amavam-se, viviam na abundância, não faltavam a nenhum dos seus deveres, e, tendo uma consciência tão pura como a luz do dia, riam, cantavam, dançavam, felizes um do outro, sem se inquietar com o resto do Mundo.

Mas Minna, Minna cuja alma era mais elevada, cuja imaginação era mais viva, dotada de tanta sensibilidade e de entusiasmo, e condenada a ver uma e outro fenecer na flor da mocidade, porque, devido à ignorância e à inexperiência de um carácter romanesco, construíra sobre areia e não sobre uma base sólida o edifício da sua felicidade, era ela feliz, podia sê-lo? Sim, leitor, porque, a despeito do que podem dizer os cépticos, a cada dever que se cumpre está ligada uma satisfação secreta; e quanto mais difícil é a tarefa que temos a cumprir, mais esse sentimento íntimo nos recompensa dos esforços que ela nos custa. O repouso do corpo, que sucede aos trabalhos árduos, nem se pode comparar ao repouso que o espírito desfruta em semelhantes circunstâncias.

A sua resignação, as suas atenções constantes para com o pai, para com a irmã, para com a infeliz Norna, não foram, entretanto, nem a única, nem a mais preciosa fonte das suas consolações. Tal como Norna, mas com uma razão mais esclarecida, ela aprendeu a trocar as visões de um entusiasmo cego por uma ligação mais íntima e mais pura com este mundo. E foi nesta disposição de espírito que, depois de ter sido informada em diversas épocas de factos louváveis e gloriosos para Cleveland, ela teve forças para saber com resignação, e mesmo com um sentimento em que o desgosto não era sem doçura, que ele perdera enfim a vida ao dirigir com bravura uma manobra importante de que o tinham incumbido, a qual triunfara pela intrepidez daqueles a quem a sua coragem abria o caminho. Bunce, que então o seguia na carreira das virtudes, como outrora o seguira na dos crimes, informou Minna deste triste acontecimento, em termos que demonstravam que, embora a sua cabeça fosse leviana, o seu coração nunca estivera inteiramente corrompido pela vida desordenada que levava durante algum tempo, ou que, pelo *menos*, se emendara. Distinguindo-se nessa mesma acção, obtivera uma promoção, o que parecia compensá-lo muito pouco da perda do seu antigo capitão (Nada mais soubemos ao certo do destino de Bunce; mas o meu amigo Dr. Dryasdust julga tê-lo identificado num velho que, no começo do reinado de George I, ia regularmente todas as noites ao Café *da Rosa*, e de lá para o teatro. Contava longas histórias sobre a Nova Espanha, praguejava contra os criados, nunca pagava sem examinar bem a conta e era conhecido sob o nome de *capitão Bounce* — N, do A.). Minna leu essa notícia e, erguendo ao

Céu os olhos banhados de lágrimas, rendeu-lhe graças por Cleveland ter morrido no campo da honra. Teve mesmo coragem de lhe oferecer um tributo de gratidão por ter subtraído o seu amado às tentações que poderiam ser bem fortes para um coração ainda tão novo na prática da virtude. Esta reflexão produziu nela um tal efeito que, logo que os primeiros momentos de dor passaram, mostrou não apenas devoção, mas mais jovialidade do que nunca. Tornou-se então numa espécie de anjo da guarda dos parentes a quem tanto queria, e bem assim da pobreza, que ela minorava.

Foi assim que passou toda a sua vida, desfrutando da afeição e do respeito de todos que se acercavam dela; e quando os seus parentes tiveram que chorar a sua morte, que não sobreveio senão numa idade muito avançada, consolaram-se ao pensar que o envólucro mortal que ela acabava de abandonar era a única coisa que, segundo as palavras da Escritura, a colocava um pouco abaixo dos anjos.

FIM